ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

CÓDICE VALENTIM FERNANDES

OFERECIDO

PELO ACADÉMICO TITULAR FUNDADOR

JOAQUIM BENSAÚDE

(1859-1952)

LEITURA PALEOGRÁFICA, NOTAS E ÍNDICE

PELO ACADÉMICO DE NÚMERO

JOSÉ PEREIRA DA COSTA

LISBOA MCMXCVII

OBRA COMEMORATIVA
DO V CENTENÁRIO DA VIAGEM
DE VASCO DA GAMA
(1497-1498),
QUE ESTABELECEU
A PRIMEIRA LIGAÇÃO DIRECTA
ENTRE
LISBOA E A ÍNDIA

A
ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA
AGRADECE O ALTO PATROCÍNIO
CONCEDIDO À EDIÇÃO DESTA OBRA
PELAS SEGUINTES INSTITUIÇÕES:

COMISSÃO NACIONAL
PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TROPICAL

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

FUNDAÇÃO
ORIENTE

BANCO TOTTA & AÇORES

BANCO INTERNACIONAL DE CRÉDITO
GRUPO BANCO ESPÍRITO SANTO

PREFÁCIO

1. *Cumpria-se, em 1940, o programa do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal, quando saiu do prelo o* Manuscrito Valentim Fernandes, *com base na fotocópia oferecida pelo Engenheiro Joaquim Bensaúde à Academia Portuguesa da História. Por razões que adiante se explanam, o ilustre historiador dos Descobrimentos havia solicitado o patrocínio da Academia para a obra vir a lume no ano festivo. Ele próprio assumiu os encargos da edição e para esta assegurou o fornecimento do papel necessário. Face à sua benemerência, então justa e oficialmente louvada, o Conselho Académico incumbiu o Dr. António Baião, 2.º Vice-Presidente, de proceder à leitura e revisão do texto, juntando-lhe um conjunto de mapas quinhentistas que faziam também parte do códice fotografado. E foi assim, sem qualquer explicação prévia sobre o local e o conteúdo do manuscrito, que a obra surgiu, em Agosto de 1940, no mundo cultural português.*

Não obstante a novidade do Manuscrito Valentim Fernandes, *por muitos considerado uma fonte inestimável para a história dos Descobrimentos, não deixaram alguns especialistas de lançar dúvidas sobre a fidelidade do texto. Este não seguia a ordem temporal das viagens marítimas, além de a sua leitura patentear, aqui e além, faltas de coerência no relato. Sem querer atingir-se a pessoa do Dr. António Baião, a verdade é que este historiador não dispusera de tempo para examinar toda a problemática decorrente do* Manuscrito. *Nem sequer a edição vinha acompanhada de uma notícia sobre a localização do texto e a biografia do autor, o que não permitia a devida integração deste na historiografia dos Descobrimentos. Porventura de tais carências veio a decorrer que o* Manuscrito Valentim Fernandes, *embora citado amiúde pelos investigadores, ainda não ocupa o lugar que merece na bibliografia das viagens marítimas dos séculos XV e XVI.*

Entretanto, a tiragem de 1.000 exemplares foi-se reduzindo no mercado livreiro, ao ponto de a obra constituir hoje uma verdadeira raridade. Tal circunstância levou alguns dos Conselhos Académicos, sobretudo a partir de 1985, a admitir a viabilidade de uma nova edição mais fiel à letra do original do documento. Seria a forma de corresponder melhor ao pensamento do Engenheiro Joaquim Bensaúde,

quando doou a fotografia do códice que se guarda na Bayerische Staatsbibliothek München, onde tem a cota «Codex Hispanus», n.º 27. Não seria, todavia, possível efectuar o projecto sem uma cuidadosa verificação do original, por ser este a única base plausível de qualquer nova edição. Mais alguns anos passaram até que a Academia Portuguesa da História pudesse conceder o aval a uma iniciativa do género. E a ocasião surgiu em 1995, quando da publicação das Obras Completas *do Engenheiro Joaquim Bensaúde, na homenagem que a Academia houve por bem prestar ao ilustre historiador dos Descobrimentos Portugueses* (1).

Numa viagem de estudo que efectuou, nos meados da década de 1980, à República Federal Alemã, o Professor Doutor Luís de Albuquerque foi por nós solicitado a examinar o manuscrito de Munique. No regresso, o saudoso historiador e amigo deu a informação de que a ordem dos cadernos que formam o códice fora alterada pela negligente encadernação a que o mesmo fora sujeito. Tal anomalia explicava a descoordenação temporal patente na fotografia do Manuscrito Valentim Fernandes *que serviu de base à edição de 1940. Também o Professor Doutor Artur Anselmo, da Universidade Nova de Lisboa, pôde igualmente verificar a anomalia, quando de uma visita à Biblioteca do Estado da Baviera, em Munique, com idêntico objectivo. O microfilme que então obteve e que a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses em boa hora adquiriu, comprova que não se respeitou a ordem dos cadernos quando da encadernação primitiva do códice. Impunha-se, pois, restituir-lhe o que podemos chamar de «lógica da narração», mediante uma nova e cuidada leitura paleográfica.*

O Conselho Académico, que exerceu funções no triénio 1993-1995, encontrou no Dr. José Pereira da Costa o colaborador devotado e competente para tão árdua missão. Académico titular da cadeira n.º 27, entre outros títulos meritórios apresenta no seu curriculum o de haver diri-

(1) Vejam-se os *Opera Omnia* do Académico Titular Fundador, Joaquim Bensaúde, volumes I a V, com introdução de Joaquim Veríssimo Serrão, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1995, pp. XIII-LIV.

gido o Arquivo Distrital da Madeira e depois, durante quase vinte e dois anos, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Com uma carreira altamente dignificante de arquivista e documentalista, é autor de uma bibliografia que se impõe pelo rigor e pela seriedade. Haja em vista os estudos que consagrou aos Descobrimentos e, sobretudo, à história das ilhas da Madeira e dos Açores nos séculos XV e XVI. Sendo um historiador doublé *de paleógrafo, o Dr. José Pereira da Costa reunia assim todas as condições para levar a bom porto a tarefa de que a Academia Portuguesa da História o incumbiu. Esclareça-se que o fez numa total entrega do tempo e numa hora de amargura da vida familiar, de forma inteiramente dadivosa e que o torna credor da nossa gratidão.*

Durante três a quatro anos trabalhou com base em dois testemunhos do códice de Munique: a fotografia do Engenheiro Joaquim Bensaúde, que serviu de fonte à edição de 1940; e o microfilme obtido pelo Professor Doutor Artur Anselmo, que a Academia pôde utilizar por amável aquiescência da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Desta maneira se tornou possível ao Dr. José Pereira da Costa proceder a uma nova leitura do Manuscrito, *onde deparou com as faltas de sequência lógica e erros de leitura acima apontados no texto impresso. Tendo depois o Conselho Académico reconhecido a urgência de uma consulta do texto de Munique, ali se deslocou em Setembro de 1996 o responsável pela presente edição, que preferiu chamar-lhe* Códice Valentim Fernandes. *A leitura da «Nota Prévia» esclarece os leitores acerca da substituição do título e mostra a competência e o desvelo que o Dr. José Pereira da Costa pôs na edição que agora vem a lume.*

2. *Todavia, o lançamento da edição comemorativa do 5.º centenário da viagem de Vasco da Gama não deixa de oferecer um pretexto para alguns comentários sobre o tema. Cumpre fazê-lo para com a memória do Engenheiro Joaquim Bensaúde (1859-1952), que ganhou notoriedade pelos seus trabalhos sobre a história científica da Expansão Portuguesa. Desde a proclamação da República que residiu na Suíça, dividindo o tempo com estadas mais ou menos longas na França e*

na Alemanha. Tendo deixado as ocupações profissionais, vivia exclusivamente para a redacção dos estudos com que pretendia renovar a historiografia das nossas viagens marítimas nos séculos XV e XVI. Ao benemérito historiador ficou a dever-se a notoriedade que a Expansão Portuguesa então voltou a adquirir na Europa, como se fora o herdeiro espiritual do Visconde de Santarém. O manuscrito de Munique mereceu a sua especial atenção, pelo que o nome de Bensaúde jamais poderá desvincular-se da edição que passa agora a correr mundo (2).

Em ano ao redor de 1930, obteve o Engenheiro Joaquim Bensaúde a primeira fotocópia conhecida do que chamou Manuscrito Valentim Fernandes *e que enviou ao Professor Doutor Joaquim de Carvalho, administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra* (3). *Tudo se encaminhava para que fosse esta instituição a publicar o texto, mas a sua extinçao, no ano de 1934, não deixou concretizar o projecto, ficando a fotocópia entre o material inaproveitado da tipografia. Bensaúde comprova o sucedido: «Haverá, creio eu, 5 ou 6 anos que ofereci á Universidade de Coimbra a fotografia do celebre Manuscrito Valentim Fernandes (original em Munich) assim como uma copia do texto feita na Torre do Tombo e 16 estampas geograficas em facsimile e em edição de 1000 exemplares de cada. O meu oferecimento ficou por muito tempo esquecido. A aventura exigiu de mim em seguida, longos e persistentes esforços para* rehaver *o que ficára abandonado na Imprensa da Universidade»* (4).

Reavendo o precioso original que, no Outono de 1938, já se encontrava em poder de seu filho Vasco Bensaúde, o historiador sentia a ânsia de ver o códice de Munique publicado. Já a rondar os 80 anos

---

(2) Veja-se «Joaquim Bensaúde: Introdução ao estudo da sua vida e obra», *Opera Omnia*, vol. I, Lisboa, 1995, pp. XVII-LI.

(3) Veja-se *Correspondência de Joaquim Bensaúde para Cândido Nazaré, chefe das oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra*, por Jorge Peixoto. Introdução de José V. de Pina Martins, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1980.

(4) Carta de Joaquim Bensaúde à Academia Portuguesa da História, Paris, 4 de Dezembro de 1938. Veja-se A.P.H., *Processo Joaquim Bensaúde*, n.º 151. A-B.

e sem forças para se abalançar a um projecto extenuante, o Engenheiro Joaquim Bensaúde tomou uma iniciativa digna de louvor: fazer oferta do Manuscrito *da sua afeição à Academia Portuguesa da História, instituição restaurada em 19 de Maio de 1936, por força do decreto-lei n.º 26.611, da mesma data. Surgia ela como a sucessora da Academia Real da História Portuguesa, que o rei D. João V criara em 8 de Dezembro de 1720. Por vontade do Professor Doutor António Faria Carneiro Pacheco, ministro da Educação Nacional, ressurgia como «agremiação especializada dos eruditos que se entregam à investigação e reconstituição crítica do passado»* (5).

Entre as finalidades que a Academia se propunha, o artigo 2.º referia expressamente: «fazer a publicação sistemática dos documentos guardados nos arquivos portugueses e estrangeiros, públicos ou particulares, que digam respeito à história portuguesa e possam esclarecê-la». A instituição restaurada possuía assim as qualificações que se identificavam com os propósitos do doador. Ainda com a nota valorativa de o nome do Engenheiro Joaquim Bensaúde figurar entre o dos 40 titulares fundadores da Academia Portuguesa da História. Já então a viver em Paris, no n.º 56 do Boulevard Flandrin, fora notificado da portaria ministerial de 22 de Dezembro de 1937, que o incluía, graças ao prestígio da sua obra científica, no grupo dos primeiros académicos. Longe da Pátria, mas a ela pelo sentimento apegado, não viu na distinção uma venera, porque a recebeu com a consciência viva de que o Governo lhe rendia culto, não apenas como historiador, mas como a um português que servira dignamente a sua Pátria.

3. *Na carta de 4 de Dezembro de 1938, enviada ao secretário-geral, tenente-coronel Afonso de Dornellas, o Engenheiro Joaquim Bensaúde punha algumas condições na oferta: que a obra, com a referência ao seu nome, pudesse sair no ano de 1940, uma vez que não tinha a certeza de já então haver publicado o estudo que trazia entre mãos sobre a*

---

(5) Os Estatutos da Academia Portuguesa da História foram aprovados em 31 de Julho de 1937, pelo Decreto n.º 27.913. *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 177, de 31 de Julho de 1937.

figura de D. João II (6). *Acrescentava: «Pode porventura já chegar o meu oferecimento um pouco tarde, venho por isso pedir a V. Ex.ª de me participar o parecer da direcção da Academia sobre este assunto. Devo acrescentar que tenho todo o empenho que a execução da impressão fique ao cuidado d'um paleografo da maxima competencia, escolhido pelo Exmo. Dr. Antonio Baião, o mesmo que terá de realisar a verificação minuciosa das provas. Desejo tambem que a retribuição deste trabalho complementar seja pago por mim e não pela Academia. Tenho em Lisboa uma porção de bom papel de impressão que ofereço para esta edição se, como creio, será de qualidade suficiente para a edição de 1000 exemplares correspondentes à edição das estampas».*

Há um ponto, na carta do Engenheiro Joaquim Bensaúde, que absolve o responsável do Manuscrito Valentim Fernandes *de não haver publicado uma «Notícia» ou «Nota Prévia» à edição de 1940. Era uma condição imposta pelo doador da fotocópia, que também publicava os textos antigos, impressos ou manuscritos, sem qualquer comentário. No pensamento de Bensaúde, cumpria apenas divulgar as fontes, para que fossem os especialistas a proceder ao seu exame histórico. Assim se compreende que haja escrito a Afonso de Dornellas: «A orientação já por mim adoptada na minha colecção do documento sem introdução nem comentários, é a que desejo manter n'essa publicação, visto que o original ainda não foi tão amplamente estudado como bem o merece. Estando a Academia inteiramente d'acordo com estas minhas indicações, então darei ordem a meu filho para se pôr em ligação com V. Ex.ª».*

A resposta da Academia Portuguesa da História, em 17 de Dezembro de 1938, não se fez esperar. O secretário-geral, tenente-coronel Afonso de Dornellas, referia em nome da sua corporação: «A alta importância desta publicação vem, com certeza, concorrer para o prestígio da Academia e para que mais uma vez o muito ilustre nome de V. Ex.ª se repita com o respeito e a consideração que tanto merece e que todos

---

(6) Joaquim Bensaúde, «Estudos sobre D. João II», *Anais*, 2.ª série, vol. I, Lisboa, 1956. São três trabalhos distintos: «O Roteiro de Flandres», pp. 177-203; «O Tratado de Tordesilhas», pp. 205-254; «O Retrato de D. João II», pp. 256-283.

os estudiosos lhe devem» (7). *Entretanto, o empresário Vasco Bensaúde procedeu ao envio das 16 estampas, o que Dornellas agradeceu em 5 de Janeiro de 1939* (8). *Na correspondência do historiador surge o nome do capitão do Estado-Maior, Luiz Maria da Câmara Pina, da arma de Engenharia, que referia como pessoa da sua inteira confiança para acompanhar, em Lisboa, a publicação do* Manuscrito. *O Engenheiro Joaquim Bensaúde chamava-lhe «patriota e meu amigo, o verdadeiro salvador do Mss. que hoje temos em uma preciosa edição»* (9).

No mês de Agosto de 1940, o Manuscrito Valentim Fernandes *saía, finalmente, do prelo da Editorial Ática e com a chancela da Academia Portuguesa da História. Fugindo aos horrores da II Guerra, que então atingira a França, o historiador vivia já em Lisboa, na Rua Nova do Almada n.º 11, 1.º andar* (10). *No dia 15 de Novembro, o secretário-geral informava: «Estando pronta a edição do Manuscrito Valentim Fernandes, existente em Munich, que se deve á benemérita acção de V. Ex.ª, tenho a honra de lhe enviar um exemplar e de pedir o favor de me dizer quantos deseja para ofertas»* (11). *Afonso de Dornellas acrescentava que a obra fora já oferecida às mais altas figuras do Estado e às instituições científicas, assim como aos membros do Corpo Diplomático. Estavam a seguir exemplares para Espanha e os países da América, aguardando-se o fim da Guerra para se proceder ao envio do* Manuscrito *para a Europa: «Convém que V. Ex.ª me dê uma relação das pessoas a quem tenciona oferecer o livro, a fim de esta Academia não duplicar a oferta».*

A resposta do Engenheiro Joaquim Bensaúde tem a data de 30 de Novembro e, entre outros pontos de interesse, indicava as bibliotecas

---

(7) A.P.H., *Processo Joaquim Bensaúde*, n.º 151, ofício n.º 470/1938.

(8) A.P.H., *Processo Joaquim Bensaúde*, n.º 151, ofício n.º 5/1939.

(9) Carta para Afonso de Dornellas, Lisboa, 30 de Novembro de 1940, *ibidem*, n.º 151, p. 394.

(10) Pouco depois, o Engenheiro Joaquim Bensaúde transferiu a residência para a Rua Rodrigo da Fonseca n.º 127. 5.º Dto., em Lisboa.

(11) A.P.H., *Processo Joaquim Bensaúde*, n.º 151, ofício n.º 436/1940.

oficiais ou privadas que deviam receber a obra. Recordando os seus trabalhos sobre os Descobrimentos e as principais instituições que os possuíam, registava a opinião de que o êxito de um livro depende da sua boa distribuição no estrangeiro: «Considero que a rapidez do sucesso de consagração da sciencia nautica portugueza no estrangeiro, foi devido ao cuidado que tive com as distribuições: Institut de France; Royal Geographical Society, Londres; Biblioteca de Munich (Staats bibliothek); Biblioteca de Berne (Stadtbibliothek); Academia de História de Madrid; Bibliothèque Nationale de Paris (Section de Géographie); Instituto Historico do Rio de Janeiro; Bibliothèque de Sainte-Geneviève, Paris; Bibliothèque de la Société de Géographie, Paris, e não esquecer a Biblioteca Portugueza da Sorbonne a cargo do Professor Le Gentil» (12).

Deixando de lado outros aspectos da valiosa missiva, destaquem-se mais dois pontos. O primeiro respeita ao agradecimento feito ao responsável pela edição do Manuscrito*: «Felicito a Academia de História pelo successo d'esta empreza tão brilhantemente realisado, graças ao mil cuidados e esmeros de V. Ex.ª e ao esforço intenso e fatigante que teve o Dr. Antonio Baião com a minucia da verificação das provas». O segundo ponto engloba o nome das pessoas ou instituições a quem o Engenheiro Joaquim Bensaúde pretendia oferecer a obra. Eram elas o Dr. Manuel Monteiro Velho Arruda, que nomeia como «investigador de credito que a meu pedido organisou uma excelente publicação de documentos açoreanos sobre os descobrimentos»* (13)*; o Professor Doutor João Pereira Dias, director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra; e o já nomeado capitão Luiz da Câmara Pina que viria a ser chefe do Estado-Maior do Exército e Académico ilustre. O historiador não esquecia, tão pouco, a Biblioteca Pública de Ponta Delgada, «cidade onde nasci e que já possue os meus trabalhos e a minha Colecção de facsimiles».*

---

(12) A.P.H., *Processo Joaquim Bensaúde*, n.º 151, fol. 394.

(13) A obra em questão saíra em Ponta Delgada, no ano de 1932, com o título de *Colecção de Documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores*, integrada no programa do V centenário do arquipélago.

Por fim, cumpre registar alguns nomes estrangeiros, muito apreciados ao tempo pelo valor das suas obras, com quem Bensaúde mantinha laços de amizade: «Sir Charles Beazley, eminente geografo, professor da Birmingham University; A. Walfer, professor e director do Observatorio de Zurich; Edgar Prestage, professor da Universidade de Londres; Mme E. G. Taylor, professora, ao cuidado da Royal Geographical Society, Londres. Todos pessoas a quem a historia nacional deve serviços de grande alcance e todos dedicados amigos dos Portugueses». Os leitores saberão extrair da correspondência do historiador um leque de interesses acerca dos estudiosos estrangeiros que então se debruçavam na nossa História. Será mais uma contribuição para ajuizar da importância do mundo científico com quem o Engenheiro Joaquim Bensaúde se relacionou durante a longa permanência além-fronteiras.

4. *Valentim Fernandes, impressor da Morávia, que desempenhou um papel de relevo na cultura portuguesa do renascimento, há muito aguarda uma biografia que clareie a sua estância em Portugal, desde os meados de 1495 a 1518, ano quase certo da sua morte. Nada obrigaria o prefaciador do seu* Códice *a intentar uma aventura do género, no curto espaço do livro que a Academia Portuguesa da História lhe reservou. Não se trata propriamente de recordar a sua obra de impressor, já largamente conhecida através dos estudos de Venâncio Deslandes Sousa Viterbo, José V. de Pina Martins, Artur Anselmo e de outros especialistas da história do livro* (14). *O que a presente nótula deseja realçar é, acima de tudo, a actividade de Valentim Fernandes como divulgador da Expansão Portuguesa, na correspondência que trocava com alguns mercadores germânicos do início do século XVI e a quem dava notícia da acção lusa em África e no Oriente.*

Umas vezes chamado de «Valẽtino de Mouravia» e outras de «Valentino de Moravia», passou depois a assinar com o apelido de Fernandes, devido porventura a laços de família que houvesse esta-

(14) Veja-se a boa síntese de José V. de Pina Martins, «Fernandes, Valentim», *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 8, pp. 592-593.

belecido em Portugal. A cuidada investigação do Dr. Mário da Costa Roque apurou a sua chegada a Lisboa (chamado de Sevilha, onde tinha o seu prelo) nos meados de 1495 [15]. *Compôs então, de parceria com Nicolau de Saxónia, o* Livro de Vita Christi em Lingoagem Português, *por mando dos Reis D. João II e D. Leonor* [16]. *Mas, ao lado das tarefas impressoras, Valentim Fernandes surge também como uma espécie de delegado da «nação» germânica na capital portuguesa, para o que foi nomeado por D. Manuel I como «público notário» dos seus compatriotas em Lisboa. Contratos, pleitos, doações e testamentos entravam forçosamente nas suas competências, o que lhe daria uma notória importância nos meios políticos e sociais* [17]. *Era privado das grandes figuras do Reino, sem esquecer a confiança que a Rainha* Velha, *D. Leonor de Lencastre, depositava* no talento *do seu homem da «imprimissão».*

Valentim Fernandes enviava para a Alemanha frequentes notícias sobre a actividade marítima dos portugueses, salientando-se no número dos seus correspondentes o Dr. Conrado Peutinger, banqueiro e agente político de Carlos V, ligado pelo casamento à família dos Welser. Em 4 de Agosto de 1504 assinou uma relação com o título de Navigatio Portugallensium ultra aequinoctalem Circulum, *preciosa fonte acerca dos primórdios do Brasil, que o Doutor António Banha de Andrade divulgou e traduziu em português. Também o Padre António Brásio deu a conhecer uma carta de Valentim Fernandes, com a data de 26 de Junho de 1510, ao seu compadre, o negociante Estêvão Gabley, de Nuremberga* [18]. *As mais recentes investigações abrem mais ainda*

---

[15] *As pestes medievais Europeias e o «Regimento proueytoso contra ha Pestenença». Lisboa, Valentim Fernandes (1495-1496)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1979, pp. 357 e segs.

[16] Veja-se Ludolfo Cartusiano, *O Livro de Vita Christi*, edição fac-similada por Augusto Magne, vol. I, Rio de Janeiro, 1957.

[17] António Alberto de Andrade, «O Auto Notarial de Valentim Fernandes (1503) e o seu significado como fonte histórica», *Arquivos do Centro Cultural Portugues*, vol. V, Paris, 1972, pp. 521-545.

[18] «Uma carta inédita de Valentim Fernandes», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXIV, Coimbra, 1960, pp. 338-358.

o leque dos banqueiros e mercadores compatriotas com quem se carteava e que comprovam a extensão e as formas de interesse que o Império mostrava pelos marcos da Expansão Portuguesa no início do século XVI ([19]). *Mais precisamente nos anos de 1506 e 1507, data das mais modernas «relações» que constam do presente* Códice *a que ligou para sempre o nome.*

É neste contexto histórico que importa situar o Códice Valentim Fernandes *que agora vem a público, em leitura paleográfica e com uma nota prévia do Dr. José Pereira da Costa. Buscando remediar os defeitos e lacunas da edição de 1940, do* Manuscrito Valentim Fernandes, *a cargo do Dr. António Baião, a nova edição pretende oferecer aos estudiosos uma fonte de primeira ordem acerca das navegações lusas no século XV e no primeiro decénio de Quinhentos. O Conselho Académico exprime grato reconhecimento às instituições que ofereceram o seu patrocínio a esta iniciativa. Destaca-se entre todas, a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, na pessoa do seu Comissário-Geral, Professor Doutor António Manuel Hespanha. Tão pouco se esquece a competência técnica da Firma Barbosa & Xavier, de Braga, pelo esmero gráfico que soube imprimir ao* Códice Valentim Fernandes. *Somente com o propósito de servir a Cultura Nacional, não esconde a Academia Portuguesa da História um sincero júbilo por lançar esta obra no ano em que se celebram os 500 anos da imortal viagem que abriu ao Mundo a era gâmica.*

Santarém, 15 de Janeiro de 1997

O Presidente da Academia,
JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

([19]) Vejam-se Marilia dos Santos Lopes, «Vimos oje cousas marauillosas. Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses», Portugal-Alemanha-África, *Actas do IV Encontro Luso-Alemão*, Lisboa, 1995, pp. 13-23. Rolf Nagel, «Die Portugiesischen Stadte in Braun-Hogenbergs. Civitates Orbis Terrarum», *ibidem*, pp. 57-61.

NOTA PRÉVIA

A Academia Portuguesa da História houve por bem publicar novamente o manuscrito que se guarda na Bayerische Staatsbibliothek München com a cota «*Codex Hispanus,* n.º 27» e que veio a lume, em 1940, com leitura de António Baião e título *Manuscrito «Valentim Fernandes»*. Encarregado que fui deste trabalho, a partir das reproduções de que se servira Antómio Baião, ampliadas em fotocópias A4, procedemos à sua leitura dificultada pela ilegibilidade de algumas palavras, sobretudo devido a manchas de humidade e ao corte de apostilas da primitiva microfilmagem.

A Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, a pedido da Academia, adquiriu ao Senhor Prof. Doutor Artur Anselmo uma reprodução fotográfica, mais recente, que nos permitiu resolver algumas dúvidas e completar apostilas. Acrescia, no entanto, a numeração dos fólios, geralmente dupla, dos que poderiam faltar ou estar en branco, o que só a consulta do original nos esclareceria.

Feita a nossa leitura comparámo-la com a de António Baião e ficámos perplexos com os inúmeros erros, faltas e transposição de linhas e de apostilas, estas inteiramente esquecidas nos fls. 5/144 a 10/149, «Ylhas de Canaria» e total na «Crónica da Guiné». Todas estas deficiências levam-nos a crer que António Baião não procedeu a uma revisão cuidada ou tenha encarregado alguém deste trabalho que não possuía a necessária preparação e conhecimentos. Todos os erros e deficiências que detectámos foram por nós apontados a lápis no exemplar da Academia o que acontece em quase todas as páginas.

Nunca tivéramos o original debaixo dos olhos e não fazíamos ideia da sua estrutura e nem podíamos sequer colher dele.elementos mais seguros e tecnicamente correctos. O Conselho Académico por proposta do seu Presidente, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão,

achou conveniente que nos deslocássemos a Munique para examinarmos o original (1).

O manuscrito é uma «miscelânea» da mão de Valentim Fernandes que reune diversos textos que foram encadernados e encontra-se classificado como *Codex Hispanus (Lusitanus) n.º 27.* Valentim Fernandes terá recolhido informações quer copiando de manuscritos já existentes quer registando testemunhos de pessoas como é o caso do marinheiro Gonçalo Pires. Da «miscelânea» fazem parte mapas das ilhas do Atlântico, alguns deles toscos desenhos em folhas de diversos tamanhos.

No primeiro contacto com o original impressionaram-nos as suas dimensões: 23,5 cms. × 16,5 cms., dos planos de madeira e a grossura, na goteira, de 8 cm ou seja, um in-4º. Foi reencadernado e alombado com o n.º 1703 e data de 23 de Fevereiro de 1981. Conservam-se alguns restos da primitiva encadernação como da pele de porco da cobertura dos planos, até meio destes, deixando a descoberto a metade do lado exterior. Ainda se podem ver ferros a seco da antiga encadernação e, entre os nervos, três rótulos da anterior encadernação com a titulação sumida. A pele de porco pelas suas características e natureza mais gordurosa era menos utilizada. Dois pequenos fechos metálicos com tiras da mesma pele mantêm o livro fechado. No plano superior, na parte da madeira descoberta, a tinta preta, esmaecida, lê-se: «DE INSULIS ET PEREGRINAT[IONE] LUSITANORUM». Na guarda colada ao plano superior, a tinta preta: «Liber Chuonradi Peutinger Augustani V 1 Doctoris etc.». Tem ainda colada uma etiqueta: «Cod. hisp. (Lusitan.) 27», e por baixo o n.º 583. Na segunda guarda, à cabeça: «Collegii S. Augusthe».

---

(1) Os nossos agradecimentos ao Ex.mo Senhor Dr. Dieter Kudorfer pela simpatia e espírito de colaboração com que nos recebeu e atendeu.

Na guarda do fim estão colados três pequenos fragmentos da primitiva encadernação, com dizeres ilegíveis, em Latim, e a duas colunas, respectivamente com 4,5 cms., 7,5 cms., e 4,5 cms. por 3 cms.

Os fólios de papel, em número de 350, têm dimensões médias de 22,5 × 16 cms., alguns deles irregulares devido a cortes de pé e outros há de tamanhos diferentes, avulsos e metidos na costura.

Como se trata de um in-4°, as filigranas ficam geralmente nos festos da medianiz o que dificulta a sua visibilidade. Das que se vislumbram, a «mão enluvada sob roseta de cinco pétalas», algumas destas com «M» nas costas (fol. 23); licórnio com faixa (fol. 34); outro sem faixa e mais barrigudo (fol. 338); um punho de renda que será de outra mão e mais como se mostra a parte visível no nosso desenho (2).

Alguns textos têm caldeirões a vermelhão e os títulos e apostilas sublinhados também a vermelhão (fol. 34/47 e 5/149).

Todos os mapas são de ilhas e nenhum há da costa africana nem das Maldivas. O caso de S. Tomé interessa notar porque desta ilha temos cinco mapas, um deles como os das outras ilhas, dentro de um círculo com quatro diâmetros, um destes apontando o Norte; três outros desenhados de forma tosca e o quinto com as ilhas de Fernando Pó, Diogo Cão e do Príncipe. Os mapas das outras ilhas, Açores, Madeira, Canárias, e de S. Nicolau, desenhados dentro dos círculos, têm ao lado cada um sua escala. Os mapas das outras ilhas de Cabo Verde, S. Tomé e do Príncipe não têm escalas. Os con-

Fol. 14

Fol. 5

(2) Estas marcas de água não vêm em «*Materiais para Identificação dos Documentos Manuscritos e Impressos em Papel até Final do Século XIX em Portugal*», de Ataíde e Melo, in «*Anais das Bibliotecas e Arquivos*», Série II, vol. V, 1924.

tornos das ilhas estão carregados de um risco mais grosso a verde. Nos fólios 332 a 336 apenas estão desenhados os círculos e diâmetros destinando-se certamente a outros mapas. Junto de alguns mapas há manchas a vermelhão que representam ilhas mais pequenas como Alegrança, Desertas e ilhéus.

O fol. 342 de maiores dimensões, 29 cms. × 21,5 cms., tem no verso o questionário elaborado por Valentim Fernandes sobre a ilha de S. Tomé. O marinheiro Gonçalo Pires «que foy a esta e outras ylhas muytas vezes» será, digamos assim, o entrevistado. No recto deste fólio está desenhado de forma tosca um mapa de S. Tomé que, talvez para melhor esclarecimento do seu interlocutor, seja da mão do próprio Gonçalo Pires.

No último mapa de S. Tomé, fol. 350, diferente nos contornos do referido antes e em papel de formato irregular, lê-se a inscrição seguinte: «Esta figura abaixo pintada tyrey da carta de marear com seus ylheos».

A seguir às informações de Gonçalo Pires temos um fólio apenas com: «Esta ylha do Principe» e nada mais, certamente pelo interesse secundário que teria para Valentim Fernandes. O mesmo não acontece com a ilha de Ano Bom, cuja descrição ocupa os fóls. 212/80 a 215, com mapa próprio, fol. 343, o que nos leva a crer que as informações sobre esta ilha sejam igualmente dadas pelo marinheiro.

O relato da viagem de D. Francisco de Almeida, fols. 2 a 14, «quaderno trelladado da nao Sam Raffael em que hia Hans Mayr por scriuam da feytoria» tem a seguir vinte mapas das ilhas dos Açores, Madeira, Canárias e de S. Nicolau, fóls. 16 a 35. Estes mapas antecedem a descrição das Maldivas, Índia/Ilhas da Dyue, fols. 36/67 a 44/75 v.º, e são mais um testemunho da perdilecção de Valentim Fernandes pelas ilhas.

O manuscrito, como dissemos, é uma «miscelânea», in-4º, com textos copiados e escritos por Valentim Fernandes e que terão sido enviados a Conrado Peutinger, certamente à medida que os ia

coligindo. A maneira desordenada em que se emcontram as partes que a constituem e a encadernação de pele de porco levam-nos a crer que a montagem do livro foi feita na Alemanha (3).

No fol. 1, que serve de rosto, a que se seguem sete fólios em branco, e aquele seria o n.º 8, está escrito: «quaderno primeiro» o que é repetido duas vezes no fol. 15, uma sob o título «Das Ylhas do Mar Oceano» e a outra no pé. A indicação de «quaderno segundo» só vem a aparecer no fol. 316 e também sob o título «Das Ylhas do Mar Oceano» e no pé. Acrescem várias «assinaturas» em alguns fólios, como:

«a» fol. 1
«D» » 36/67
«d» » 89/45
«e» » 115
«F» » 136
«c» » 184/51

(3) Na Biblioteca Nacional de Lisboa guarda-se uma cópia feita em 1848 pelo paleógrafo alemão Beneficiado José Klausner, sob a direcção do Marquês de Resende e com o título *De Insulis et Peregrinatione Lusitanorum*. Trata-se de uma imitação perfeita, de maiores dimensões que o original, com 31,5 cms. por 23 cms., nos planos e nos fols. com 29,5 cms. por 22 cms., com dois fechos metálicos, encadernada tal qual o original com pele de porco que cobre a lombada e metade dos planos. Na parte do plano superior, descoberta, o referido título *De Insulis* ... Os mapas são cópia fiel com a carga a verde dos contornos das ilhas. O texto em boa caligrafia é transcrito página a página do original. No final uma folha dobrada com 22 cms. por 14 cms. metida na costura, com a declaração seguinte:

«O abaixo assignado, paleografo, e empregado na Bibliotheca Real e Publica de Munich, declaro que a presente copia do manuscrito de Valentim Fernandes Alemão foi por mim fielmente tresladada do original com ajuda do Ex.mo Senhor Marquês de Resende.

Munich em 10 de Dezembro de 1848.

(Ass.) O Beneficiado José Klausner»

«b» » 25/164
«a» » 216/1
«c» » 254/39
«d» » 270 (De Prima Inuentione Guinee)
«e» » 284 (De Insulis Primo Inuentis)
«F» » 292 (Este Liuro he de Rotear)
«g» » 308 (Ho Liuro das Rotas do Castello de Sam Jorge)

A dupla numeração dos fólios e as «assinaturas» referidas são indícios da existência de manuscritos anteriores de que se desmembraram algumas das partes ou cadernos que se juntaram de forma desordenada nesta «miscelânea» que chegou até nós. Aliás, Valentim Fernandes ao coligir toda esta informação manifesta particular interesse pelas navegações dos portugueses e de modo especial pelas ilhas, confessando esta sua inclinação ao referir-se às Canárias: «E porque tenho esprito muytas cousas destas ilhas e sua gente e de seus custumes e ydolatrias antes que fossem conquistadas pellos christãos por ysso quero ho aqui poer por nom perder meu trabalho e nom menos os leentes folgaram de ouujr» (fol. 10/149 v.º), aliás como atesta de forma clara o título referido «*De Insulis...*».

Dentro do que nos parece lógico, designaremos o nosso trabalho por «Códice Valentim Fernandes» como se encontra catalogado. Nesta edição indicar-se-ão os fólios em branco e espaços que ficaram reservados para completar informações à medida que Valentim Fernandes as fosse obtendo como os acrescentos no pé e pestanas de alguns fólios que foram cortados.

Demos às partes da «miscelânea» uma ordenação mais sequencial com as numerações dos fólios do original na margem de dentro. Teremos assim:

1. Fol. 1. «Cepta e sua costa — quaderno primeiro», seguindo-se o respectivo texto, fols. 45 a 140.
2. «Das Ylhas do Mar Oceano», fol. 15, seguindo-se os fols. 141 a 214/82 v.º com a inserção do fol. 342 entre os fols. 196/63 e 197/65; nesta sequência vêm os fols. 316 a 350. «Das Ylhas do Mar Oceano — quaderno segundo» até final do manuscrito.
3. «Crónica da Guiné», fols. 216 a 269/54.
4. «De Prima Inuentione Guinee», fols. 270 a 291.
5. «Este Liuro he de Rotear ...», fols. 292 a 307 v.º.
6. «Ho Liuro das Rotas do Castello de Sam Jorge», fols. 308 a 315.
7. «Do Viagem de Dom Francisco de Almeyda ...», fols. 2 a 14.
8. «Jndia — Das Ylhas de Dyue», fols. 36/67 a 44/75 v.º.

Na Europa havia certo conhecimento dos feitos lusitanos quer pelas bulas e tratados firmados entre Portugal e Espanha como pela publicação em Roma, 1506, e em Nuremberga, 1507, dos «Gesta Proxime ...» que exaltavam as vitórias e conquistas de D. Francisco de Almeida, a construção de fortalezas e alianças com reis gentios, mas não constituía uma informação como a reunida por Valentim Fernandes, de rotas, terras, povos, produções, faunas e floras e que respondiam de forma cabal aos interesses económicos da Europa. Não esqueçamos que Peutinger também era banqueiro casado com

uma filha do banqueiro Anton Welser e conselheiro do imperador Maximiliano (4).

A minuciosa atenção que Valentim Fernandes dedica à ilha de S. Tomé creio que é motivada pelo desafogo económico que a Madeira, graças à sua produção açucareira, então vivia. Este poder económico era de tal ordem que a faustosa presença madeirense no casamento do malogrado Príncipe D. Afonso causou grande espanto na corte. S. Tomé pela sua natureza e clima, abundância de arvoredos e de cursos de água era uma certeza a ter em conta para a cultura da cana e sua industrialização. É sabido o interesse de D. João II no povoamento de S. Tomé para onde mandou, por volta de 1493, todas as crianças judias dos dois aos dez anos que foram com o capitão Álvaro de Caminha. Valentim Fernandes, fol. 197/65, fala em «dois mil meninos de oito anos para baixo dos quaes morrerom muitos porem pello presente seram viuos antre machos e femeas bem 600». Garcia de Resende refere que «por esta causa dahy em diante foi (S. Tomé) em crescimento» e, Lúcio de Azevedo, que «alguns chegaram a ser na ilha opulentos proprietários». Lembro também que Valentim Fernandes, segundo informações do marinheiro Gonçalo Pires, regista que em 1506, já havia em S. Tomé «grandes canaveaes de açucar e as canas maiores que da ylha da Madeira. E daqui auante quer o capitam mandar fazer açucar e cada dia creçe mais». Era, na verdade, outra Madeira...» (5)

---

(4) «*Gesta Proxime per Portugalenses in India, Ethiopia et Aliis Orientalibus Terris...*» Tradução nossa publicada nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal*, III^{a} Série, 1958; AMADEU TORRES, *O Manuscrito Valentim Fernandes, Conrado Peutinger e Damião de Góis*, in «Biblos, Vol. LXX (1994), pp. 314 a 320; JOSÉ MANUEL GARCIA, *As Viagens dos Descobrimentos*, Ed. Presença, p. 17.

(5) «*Códice Valentim Fernandes*», fls. 195/(/ e 209/74v.º; J. LÚCIO DE AZEVEDO, *História dos Cristãos Novos Portugueses*, 2.ª ed., 1975, pp. 24-25; GARCIA DE RESENDE, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, 1973, cap. CLXXVIII.

Na leitura procurámos a maior fidelidade ao original e apenas desenvolvemos as abreviaturas e as nasalações que se conservaram em «hũ», «hũa», «algũ», «algũa», «nenhũ» e «nenhũa». Separámos as enclíticas e usámos as maiúsculas nos nomes próprios.

Resta-nos agradecer ao nosso Amigo e Confrade, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Presidente da Academia Portuguesa da História, e ao Conselho Académico a confiança que em nós depositaram como as facilidades concedidas para a execução deste trabalho que, esperamos, venha a ser fonte segura para os estudiosos que a ele recorrerem.

Funchal, Setembro de 1996

JOSÉ PEREIRA DA COSTA

papel branco lineado (1)

Fol. 1

Cepta e sua costa

quader[no] primeiro

A descripçam de Cepta por sua costa de Mauritania
e Ethiopia pellos nomes modernos prosseguindo as vezes
algũas cousas do sartão da terra firme /

sprito no anno de 1507

Letra mais recente: vide fol. 45

Carimbo oval: BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS

a //

(1) Palavras riscadas; marca de água: não enluvada.

Fol. 1 v.º *em branco*

Fol. 45/primeira Çepta cidade em ho Estreyto Herculeo em fronte de Gybraltar

Esta foy hũa das principaes cidades no tempo dos mouros assy em edificios como em riquezas e noblezas e mercadorias E aqui auia a principal descarregaçam dellas pera toda a terra do sertãao E estaua em tanta prosperidade que quantos nauios passassem pello dito estreito quer de leuante ou poente auiam de amaynar as velas E qual nao que este nom fezesse logo as galees dos moros ha seguiam e a tomauam / Anno de 1415 aos 14 de Agosto elrey dom Joham o primeyro deste nome rey de Portugal ganou per força de armas esta cidade dos mouros que tinha ganado dous annos auia neste mesmo dia a batalha real contra os castellanos em Aljubarrotta / ganarom os christãos

Em tempo dos mouros estaua nesta cidade hũa muy fremosa e grande cisterna / a qual oje neste dia esta ajnda que ja cahe e se quebra E tambem os christãos a quebram por respeito dos mouros que alli se metiam e escondiam / Esta cisterna he feyta de abobada e tem dentro iij^{c} (2) e tantos pilares de // pedra / Esta cisterna he tam grande como hũu lugar de v^{c} (3) vezinhos / e he toda ladrilhada com azulejos ou tijollos vidrados / Em esta cisterna colhiam os mouros tanta agoa alem das fontes que nacem em a dita cidade que quantos cysterna

Fol. 45/primeira v.º

(2) 300.
(3) 500.

nauios chegassem alli e quisessem tomar agoa auiam de pagar certa contia pera os edificios daquella çisterna

serra alta e castello

Esta çidade tem hũa serra alta redonda que entra no mar E de hũa banda e outra desta ponta combate o mar saluo que ha hy hũu pedaço soo de terra como de tyro de besta / Em çima desta serra esta hũu castelo pouorado e cercado de fortes muros e vaa pera baixo a dita çerca per ambas as partes da serra

cerca dez legoas

E sera esta cerca tres legoas em derrador assy de hũa parte e outra /

cerca noua

Nesta cidade fizerom os christãos hũa cerca noua pequena assy que da cerca grande ata esta pequena he despouorado e quebram cada dia as ditas casas e fazem vinhas e pomares e semeam trigo e ceuada etc. porque os mouros vinham se esconder nellas e faziam mal aos christãos //

Fol. 46/2

Anno de 14 [*em branco*](4) os castellanos çercarom a Çepta da banda do mar e os moros da banda da terra E porque a gente era pouca nella e os muros altos contra a terra poserom alli todas molheres pera defensam dos moros / e os homens batalharom e vençerom os castellanos que se forom e despois vencerom os mouros assy que ficou a cidade liure /

castellanos çercarom Cepta

Dous tyros de besta de Çepta esta hũu lugar grande de 700 vezinhos chamado Algezyra / Esta villa fizerom os de Cepta pera seu rey de Fez quando vinha pera alli pousar com seus cortesãos / com muytos paaços fremosos e ortas / porque nom leixauam entrar a elrey em Cepta com mais de 50 de cauallo //

Algezira villa

(4) 1418.

Fol. 46/2 v.º: *em branco*

Fol. 47/3
Alcaçar ci[dade]

Alcaçar Çeguer cidade jaz çinco legoas de Cepta na costa do mar em hũa valle E sera de viij^{c} (5) vezinhos amtre dous montes e tem hũu ryo que vem ao longo do muro

1458

Esta villa ganou elrey dom Affonso rey de Portugal deste nome o quinto anno de 1458 em dia de Sam Lucas euangelista /

Esta villa se chama Alcaçar Çeguer que quer dizer castello pequeno porque alcaçar quer dizer castello e çeguer quer dizer pequeno por arabigo E esto a differença de outro Alcaçar Quyuir cidade que jaz no sartão de que adiante diremos //

Fol. 47/3 v.º: *em branco*

Fol. 48/4

Tanger ci[dade] jaz çinco legoas de Alcaçar Çeguer e he cidade grande e forte / Tem porto e baya que tem hũa legoa de ponta a ponta / Tanger ci[dade]
E da outra banda estam hũus edificios velhos onde em outro tempo foy hũa cidade muy grande e se chama Tangere Velho / Porem os mouros dizem que em tempo antijgo estauam aqui tres lugares e os chamauam por seu arabigo Tange —a saber— o Nouo / e Angee —a saber— o Velho e Fange era hũa cidade abaixo em a praya a qual ho mar alagou e he cuberto de area porem acham la ajnda muytas cousas da pouoraçam

Esta cidade alcançou elrey dom Affonso o quinto quando elle ganou per força de armas a Arzilla emtam fugirom os mouros todos desta çidade e leixarom na vazia e entrarom os christãos sem resistencia algũa.

(5) 800.

Em esta cidade desfezerom çertas torres como em qualquer das outras que os christãos desfezerom amtre as quaes acharom hũa que debaixo do chãao de liceçe e liceçe tinha hũa abobada çarrada e começarom na quebrar e em rompendo hũu buraco ouujrom hũa voz ou hũu brado grado queyxoso forom
Fol. 48/4 v.º espantados / porem os officiaes // seguirom seu começado trabalho cuydando a descubrir algũu grande thesoro E quando chegarom abaixo acharom em a parede hũu buraco a maneyra de janella bem corregida em a qual estaua hũa ymagem de metal de dous palmos em longo nuu teendo em hũa mão hũa porra do mesmo metal / E outro tanto acharom em Arzilla e os leuarom a elrey dom Affonso a Portugal ho qual os deu a hũu judeu Mestre Josepe e em seu poder os vij E dizem que em Cepta e Alcaçer estam outros porem ajnda nom som achados //

Fol. 49/5 Xymeyra he hũa montanha alta amtre Tangere e Arzilla / a qual montanha he chea de bogios / E caçam nos em seendo pequenos com redes / Xymeyra

Arzilla ci[dade] jaz sete legoas de Tanger villa bõa / E tem hũu arreciffe onde se podem meter naujos E he costa braua do mar. Arzilla ci[dade]

Anno de 1471 dia de Sam Bertolomeo / elrey dom Affonso o quinto ganou esta cidade per força de armas E aqui armou a seu filho principe dom Joham caualleyro. 1471

Fl 49/5 v.º Alhoumar ci[dade] Hũa legoa de Arzilla estaua hũa pouoraçam pellos mouros chamada Alhoumar E esta era amtes que Arzilla fosse fecta / E elrey de Fez mudou estes moradores ao lugar onde agora esta a villa de Arzilla /

acham arcas com homens mortos Em toda esta terra acham as vezes caixas de chumbo com homens dentro e com thesouro e moeda do tempo velho E dizem os mouros que estes som do tempo

dos christãos que em outro tempo foram senhores desta terra //.

Fol. 50/6 Larache ci[dade]

Larache que os mouros chamam Alharaesch tem hũu ryo que se chama ryo de Larache E na entrada deste ryo tem os mouros hũu castello forte em que tem muytas e bõas bombardas pera defensam do dito ryo E asy tem muytas fustas / E por este ryo podem entrar carauellas e naujos e subir per elle ata 6 legoas.

Este ryo vem de hũa cidade que jaz 12 legoas daqui chamada Alcaçar Queuir de que adiante diremos amtre os lugares do sartão

Esta villa de Larache tera algũus 50 de cauallo que jazem aqui em guarniçam por elrey de Fez //.

Fol. 50/6 v.º Mamora fl'.

Mamora he hũu ryo de agoa doçe e vem da grande çidade de Fez nom nauegauel / Aqui andam os alarbes no campo com seu gaado de hũu lugar a outro /

Toda esta costa he praya donde os castellanos e portugueses vam a pescar com boom resguardo dos mouros /.

Çallee ci[dade]

Çallee som duas pouorações ou hũa que parte hũu ryo pello meo e chamam a hũu Çalle Nouo que he a pouoraçam de agora E chamam na os mouros por arabigo Çelle Arrhabata que quer dizer arrabalde de Çalle sera de $\overline{\text{ij}}$ (6) vezinhos»
Da outra banda do ryo esta Çalle o Velho que he mais forte que o outro em que esta o alcayde delrey de Fez / E cada verão vem aqui muyta gente de guarniçam porque se temem dos christãos /

(6) 2.000.

Çalle he lugar principal de fustas e naujos desta costa /
De Çalle se faz grande tracto pera cidade de Fez //

Fol. 51/7 Çalle foy em outro tempo grandissima cidade e tem hũa torre proprio como a de Seuilla E dizem que hũu mestre as fez —a saber— que podem subir nella a cauallo sem degraos /
Os naujos entram junto com Çalle o Velho /

Fol. 51/7 v.º [*Resto do Fol. em branco*].

Fadalla ci[dade] Fadalla hũa villa de mouros e assy tres ylhetas estam na praya se chamam Fadalla /

Anaffe ci[dade] Anaffe cidade despouorada de fremosos edificios e muy fremosa e de boom pareçer E foy em outro tempo muy poderosa e agora he fecta habitaçam de bestas feras e lyões Jaz em costa braua e tem hũu porto hũa legoa e mea do cabo do Camelo /

Anno de 14[*em branco*](7) ho Jffante dom Fernando pay delrey dom Manuel ganou esta cidade dos mouros pello qual des emtam pera ca ficou assy despouorada //

Fol. 52/8 Azamor cidade de mil vezinhos E jaz em hũu ryo grande no qual ryo tomam muytos peixes e sauees mais que outros Azamor ci[dade]
Muytos annos pagarom os desta ci[dade] tributo aos rey[s] de Portugal —a saber— $\overline{xxx}$(8) sauees / E sempre elrey de Portugal tiue seu feitor aqui saluo de dous annos pera ca que se alçarom nem pagam tributo /
Neste ryo entram carauellas

(7) 14[68].
(8) 30.000.

Dizem os mouros que no tempo de sua prosperidade foy muyto grande e poderosa e foy de doze mil vezinhos

Aqui resgatam boons cauallos e alquiçees e aljaruias e alambees que leuam pera negros //

Fol. 52/8 v.º Mazagam ryo hũa areciffe em que vam carauellas

Mazagam fl'. E jaz fora da baya contra Azamor E foy villa em outro tempo e agora toda cayda e despouorada

Daqui leuam os naujos por seu resgate trigo que alli naçe.

Tyti ci[dade] Tyti he cidade de iij^{c} vezinhos e esta doutra banda de Mazagam

Em tempo da prosperidade da cidade de Marrocos foy esta muy grande e de grande renda E he mais antijga que Azamor

trigo carregam tambem aqui muyto //

Fol. 53/9 Casa do Caualleyro hũa villa de mouros donde vem muyto trigo

Cabo Caruoeyro praya onde pescam

Cabo de Canty

Do cabo de Canty pella costa ate o cabo Branco nom ha pouoraçam / terra arenosa branca e terra baixa toda sem pareçer hũa parte mais alta que outra / sem aruores nem heruas e seca E hy çarram as montanhas a barberia de Tunez e destes barbaros / E chamam estes montes Sahara

Toda esta costa de muyto e boom peixe //

Fol. 53/9 v.º Amtes que cheguemos a Çaffym cidade escreuerey algũa cousa do sartão da terra firme desta parte de Affrica que Mauritania he chamada E primeyramente de Fez.

Fez ci[dade] Fez cidade populosissima e muy nobre E nom outro tal cidade em toda esta parte de Affrica E dizem os mouros que alem do Cayro nom ha outra tal cidade amtre os mouros

Dizem os mouros que no tempo que quiserom fundar esta cidade em cauando acharom hũa enxada de baixo do chão E porque por arabigo chamam a enxada alfez ouuerom por bem de dar nome aa cidade Fez /

çoltan E em toda esta parte occidental nom ha outro rey nem que se chame soltan que elrey de Fez porque de Çalle contra Ethiopia som alarbes E os lugares som comunidades que os mouros chamam cabil e nom som sojeitos a nenguem E assi os alarbes aseguram seus trigos nestas pouorações pellas guerras que antre si tem //

Fol. 54/10 Esta prouincia de Fez do sartão e assy a costa do mar de Çepta pera Ethiopia chamam os mouros Algarb que nos dizemos Algarbe E por ysso elrey de Portugal se escreue em seu titulo rey de Portugal e Algarbe daquem e alem mar em Affrica / Algarbe prouincia

Elrey de Fez tem em todos seus lugares que jazem contra a costa e vezinhança de christãos gente de guarniçam ou gente de armas / com seu alcayde ou capitam / os quaes mouros chamam machazanic / porque machazen he hũa casa onde se recolhe e paga toda a renda delrey / da qual renda pagam os homens de armas de cada lugar E assy estam elles em numero segundo a renda que cada lugar tem —a saber— hũu lugar 50 outro çento outro ij^{c} (9) etc. E por esso cada lugar tem sua casa machazen / E elrey nom tem outra cousa dos ditos lugares E assy mesmo os homens de

(9) 200.

armas nom leuam ora tanto porque cada dia lhes dam de comer e os cauallos som delrey E destes trazeria elrey em suas guarnições ata $\overline{iiij}$ (10) de cauallo / E outros $\overline{iiij}$ que continuadamente traz consigo que som $\overline{viij}$ (11) de cauallo mantem elrey de Fez cada dia E todos cauallos som delrey / E querendo ajuntar corpo em tempo de necessidade com alarbes
Fol. 54/10 v.º e barbaros // ajuntara mais de 40 mil de cauallo / porque des Arzilla ata Fez que som 35 legoas auera moradores amtre machaniz e alarbes e barbaros em que se podem ajuntar 20 mil de cauallo.

Elrey de Fez todo o anno nom esta mais que tres meses ou quatro em a cidade de Fez e todo ho al anda pellos campos com toda sua gente e molheres e filhos todos em tendas / a hũa por causa das bestas e cauallos buscarem pasto / A outra pera contentar os alarbes e pera os senhorear que he sua vida de andar em campos

Machazem emtendem os de Affrica por cortesãao

Berber ou barbaros som os mouros lauradores que viuem em aldeas

Alarues criam e lauram porem andam em tendas pellos campos com seus gaados //

Fols. 11 e 11 v.º *em branco.*

Fol. 55/12 Amargo he hũu castello despouorado em hũa serra alta / e hũa jornada de Fez ho qual foy o derradeyro lugar que ficou dos christãos em Affrica porque os mouros os matarom de fame todos E algũus que sayrom logo forom feitos a pedaços a ganzua E por Amargo castel[o]

(10) 4.000.
(11) 8.000.

ysso chamam os mouros este lugar Emergu que quer dizer amargo ou amargosa foy sua morte /

Aezejem he hũu lugar fremoso e pouorado / E esta ix legoas de Amargo contra Arzilla / aqui esta hũu alcayde delrey de Fez com 150 lanças //

Fol. 55/12 v.º Alcaçar Quibir

Alcaçer Quyuir ci[dade] de que arriba fiz mençam no Alcaçar Ceguer / Alcaçar Quyuir quer dizer castello grande porque em outro tempo foy hũa cidade grande assy que tinha xij (12) vezinhos E agora tera mil vezinhos E esta qui hũu alcayde delrey de Fez com sua gente de guarniçam.
Este lugar esta 8 legoas de Arzilla e xij da Larache no mesmo ryo que vem a Larache //

Fol. 56/13

Hũa jornada contam os mouros x (13) legoas de cauallo porque sempre andam escondidos e sem comer elle e o cauallo todo dia e fora do camjnho e esto pellos ladrões alarbes que som muytos em Affrica / E assy saem çedo e çedo se apousentam no campo sem buscar villa nem pouorado /

Hũa lança contam os mouros hũu homem de cauallo soo /

Horalgios nom tem os mouros saluo que pello sol sabem as horas pera sua çalla que som horas pera rezar suas orações segundo seu Alcoram E em o sol som certos / A causa principal he de nom terem horalogio he por ouujrem campãa ou syno ao quall querem mal pella christandade / E por ysso em cada mezquita tem hũa torre em que esta hũu alffaquy que brada por seu lingoagem dizendo louuado seja Deus e esto a cada hora de sua çalla //

Fol. 56/13 v.º: *em branco*

(12) 12.000.
(13) 10.

Fol. 57/14 Tornando aa costa do mar onde o leixei que era Çaffyn

Çaffyn çidade jaz dentro do cabo de Canty e sera de iij (14) vezinhos çidade murada com dous castellos Esta çidade que a melhor e a principal que os mouros tem em toda a costa deste mar des ho estreyto pera Ethiopia / Caffyn ci[dade]

Esta çidade he de grande tracto e terra seca / colhem sua agoa em cisternas pera beber tem muyto trigo em couas e ho mantem muyto tempo sem gargulho / Fora de Caffy esta hũa jrmida pequena em a qual esta enterrado o mouro que primeyro fundou Çaffy segundo elles dizem e assy ho tem por sancto /

Esta çidade estaua por elrey de Portugal e elrey dom Joham primeiro mandou fazer alli hũa casa como castello em a qual casa o dito rey tinha sempre hũu fector por respeito da mercadoria que compraua pera Guynee /

Ho alcaide ou senhor desta cidade he mouro e sempre esteue por mão delrey de Portugal E em finando se
Fol. 57/14 v.º hũu nom podiam fazer outro sem // conheçimento do dito Rey de Portugal. E no anno de 1507 ho alcayde que estaua nesta cidade fez hũa conspiraçam com o duque de Sam Lucar mediante hũu judeu / E dom Manuel rey de Portugal deu tal astucia que o dito alcayde foy matado dentro da mezquita e o judeu Emtam os mouros leuantarom outro alcayde sem licença delrey pello qual o dito rey mandou logo la hũa armada de naujos e gente e fez fugir o dito alcayde e fizerom outro leuando diante elle a bandeyra delrey de Portugal E assi logo entregarom aos christãos hũa porta forte do mar onde logo poserom artellaria e assi na casa da feytoria /

(14) 3.000.

Trazem desta çidade muytos e boons cauallos e muyto trigo / e anyll que fazem no sartão goma arabiga alqueçes bedeens etc. /

Fol. 58/15 Ryo dos Saueens

Mogador he hũu ylheo junto com a costa de muytas aues — Mogador C[abo?]

Anno de 1506 no mes de Agosto mandou elrey de Portugal dom Manuel fazer hũu castello nesta ilha por Diogo de Azambuja seu capitam e comendador da ordem de Aviz.

Cabo de Sem

Cabo de Guer faz hũa angra que tem villa e castello de mouros. — Guer Cabo

Anno de 1506 [*em branco*] Joham Lopez de Syqueyra fidalgo delrey de Portugal com ajuda delrey fez neste cabo hũu castello forte pera sojugar estes alarbes mouros

Deste cabo auante comummente som baixos e delles muyto negros //

Fol. 58/15 v.º Turucuco ci[dade] Turucuco he hũa villa e castello muyto alto em hũa serra / hũa legoa do mar / de moros

Tassalamu Tassalamu villa e castello de mouros

Agonarba Agonarba villa de moros

Meça ci[dade] fl'. Meça villa muy grande de mouros E jaz em hũu ryo grande porem nom entram naujos por ser baixo

Aqui ha grande tracto de mercadoria de barbaros e alarbes / aqui estam genoueses mercado[res] por este

ryo abaixo vem muyto ouro / cera corame de vacas e bodes / laccar e anyll //

Fol. 59/16

Cabo de Guyllon / em cima deste cabo esta hũa villa de mouros onde se tracta muyta mercadoria

Guyllon C[abo]

Cabo de Nom he hũu cabo que sae no mar tem hũu lugar de mouros onde esta hũa casa de moeda que os barbaros fazem /
Dizem que Hercules quando chegou a este cabo achou as correntes muy fortes que nom podia passar E pos neste cabo hũa colunna em que estaua esprito em letras gregas que quem pasasse este cabo tornaria ou nom / pello qual foy dado nome a este cabo Cabo de Nom /

Nom C[abo]

Mar Pequeno tem hũu ryo grande de muyta pescaria / onde os castellanos tinham feito hũu castello ho qual mandou elrey dom Joham derribar //

Mar Pequeno fl'.

Fol. 59/16 v.º
Bojador Cabo

Cabo de Bojador he hũu cabo que sae no mar E tambem se chama Cabo da Area /

E porque ata este cabo foy a nauegaçam dos castellanos e portugueses E deste cabo auante nunca se achou alguem que nauegasse pellas grandes correntes E porque este cabo foy initio de tam sancta empresa de Jndia como despois desta nauegação foy descoberta poerey aqui mais largamente deste cabo e por quem primeyramente foy dobrado /

Gomez e Anes de Zurara comendador de Christos que fez a cronica deste Jffante

Ho Jffante dom Anrrique filho delrey dom Joham ho primeiro despois de Cepta ganada determinou a descubrir esta costa em longo porque tinha noticia dos mouros que hiam por ouro contra esta parte occidental E por ysso mandou per muytas vezes homens que per esperiência de grandes fectos amtre outros forom auantajados Nunca foy algũu que ousasse de passar este cabo do Bojador E esto soo pella nouj-

dade do caso mesturado com antijga fama a qual ficaua ja antre os mareantes de Espanha a qual ameaçaua com o postumeyro dano Era grande duujda qual seria o primeiro que quisesse poer sua vida em semelhante ventura como passarmos (diziam elles) os termos que poserom nossos padres ou que proueito pode trazer ao Jffante a perdiçam de nossas almas com os corpos per ventura nom forom em // Espanha

Fol. 60/17 outros principes nem senhores tam cobijçosos desta sabedoria como o Jffante porem seendo certos do perijgo e fora da esperança da honrra nem proueito ho nom quiserom fazer porque diziam os mareantes que despois deste cabo nom ha hy gente nem pouoraçam algũa nem aruore nem herua verde E o mar ser tam baixo que a hũa legoa de terra nom ha de fundo mais que hũa braça / as correntes som tamanhas que nauio que la passe jamais nom podera tornar E portanto os nossos antecessores nunca se atreuerom de o passar E este enganho causou ao Jffante de fazer grandes despesas assy que xij annos continuados durou de mandar la cada anno seus naujos e nunca foy algũu que se atreuesse de fazer aquella passagem E bem he que elles se nom tornauam sem honrra E por emmendar o que faleçiam de comprir o mandado do Jffante / hũus hiam sobre a costa de Graada que emtam foy de mouros / outros em a costa de Affrica filhauam grossas presas dos jnfiees com que se tornauam honradamente pera o regno / Anno de 1433 depois de xij annos mandou o Jffante hũa barcha da qual fez capitam a Gyl e Anes seu escudeyro ho qual tocado daquelle mesmo temor nom chegou mais que aas ylhas de Canarea e trouxe certos catiuos e se tornou pera o regno // Bojador cabo

Fol. 60/17 v.º Anno seguinte de 1434 armou o dito Jffante a dita barcha e encarregou muyto ao dito Gyl e Anes que todavia passasse o dito cabo / ho qual desta viagem posposto todo perijgo dobrou o cabo alem / onde achou as cousas muyto pello contrayro do que ata ally 1434

ouujrom pello qual foy do Jffante bem reçebido e acreçentado em honrra e fazenda E trouue consigo rosas de Sancta Maria

E logo o Jffante aparelhou hũu barynell e a dita barcha que forom seu viagem e passarom alem do cabo 50 legoas e acharom rasto de homens e camellos / hũu capitam foy Gyll e Anes / e o outro Afonso Gonçaluez Baldaya 1435

Angra dos Ruyuos

Punta de Medoom

Angra dos Cauallos //

Fol. 61/18

Ryo do Oro

Anno de 1436 mandou o Jffante a Afonso Gonçaluez Baldaya com hũu naujo o qual passou 70 legoas alem donde foy outra vez e 120 do cabo de Bojador / onde achou hũa foz como se fosse de ryo cabedal / E lançou dous cauallos fora e dous moços fidalgos que nenhũu passou 17 annos que fossem buscar algũa pouoraçam e sete legoas dy acharom 19 homens juntos com azagayas e ferirom hũu moço em hũu pee e os outros se acolherom a hũus penedos / Os quaes moços a tarde se tornarom ao naujo hũu destes moços se chamou Eytor Homem o outro Diogo Lopez de Almeyda / E carregarom o nauio de lobos marinhos que a hy acharom em hũa ylha dentro no ryo E forom auante 50 legoas ata porto de Galee / onde acharom redes que trouxerom que forom fectos de casco de hũu pao sem outra mestura de linho e dy tornou a Portugal / Pedra Porto de Galee

Este ryo do Ouro se chama assy porque este era o primeiro que os portugueses começarom a resgatar ouro e negros E ha aqui grande pescaria

Neste ryo entram carauellas E no ylheo que tem o ryo fez despois o Jffante hũa torre que esta oje neste dia /
Os mouros desta terra som alarbes e andam pellos campos //

Fol. 61/18 v.º Porto do Caualleyro dentro no ryo do Ouro se chama porque Nuno Tristam fez aqui caualleyro Antam Gonçaluez moço de camara do Jffante no anno do 1442 porque ata agora nom forom a descobrir porque 1442
o Jffante esteue sobre Tanger /

Esta prouincia chamam Zahara pella lingoagem de Azeneguya //

Fol. 62/19 Angra de Gonçalo de Sintra

Angra de Sam Çybram

Cabo das Barbas

Pedra de Galee

Esta foy achado no anno de 1436 como se disse quando descobrirom o ryo do Ouro /

Cabo Branco descubrio Nuno Tristam capitam no
1442 anno de 1442.
Cabo Branco tem hũa grande enseada de xiij legoas em largo e tem 30 legoas de baixos os quaes baixos chamam Baixos de Arguyn / E tem muytos ylheos //

Fol. 62/19 v.º Anno de 1443 Nuno Tritam com hũu nauio chegou ao cabo Branco ja descoberto anno passado E dy foy 25 legoas e achou hũa ylha que chamam la os
Adegeth ins[ula] azenegues Adegeth onde virom 25 almadias com muyta gente e tomarom 29 almas.

das Garças ins[ula] Ylha de Garças neste viagem per esse mesmo foy descoberto e neste anno e esta 7 legoas de Erguym tera mea legoa em largo e longo E se chama assi porque quando a descobrirom os portugueses acharom tantas garças que dos ouos dellas carregarom dous batees

Anno de 1444 Lançarote capitam mor de seys carauellas chegarom aa ylha das Garças ja descuberta
Naar ins[ula] E forom e descobrirom a ylha chamada Naar onde tomarom 165 almas

Tyder ins[ula] Tyder ilha descobrio Lançarote neste viagem onde tomarom 48 mouros e tornarom a Portugal.

Taraffal ins[ula] Taraffal ilha chea de lenha que arde melhor em verde que seca / e as marees cobrem as ilhas
Destas ilhas acharas adiante fol'. 24 //

Fol. 63/20

Zahara provincia

Arguyn ylha per Gonçalo de Sintra foy descoberta Arguym ins[ula]
no anno de 1445 ao qual os mouros nesta viagem matarom em Naar ilha com outros sete homens

Tyra villa de mouros 8 legoas em terra firme da ilha de Arguym

Esta provincia da terra firme chamam os mouros per seu lingoagem Zahara /

Acharom que todallas aues que fugem as frialdades das nossas terras sobre o enverno como handarinhos çegonhas rolas cordonizes etc. passam a esta terra E outras se partem de la no enverno assi como falcones garças pombas torcazes e tordos etc. / e vem guareçer a esta terra / E esto pellas viandas que aqui acham conformes aa sua natureza /

As baixas de Arguym nom se naueguam se nom de dia e com sonda na mão e com preamar //

Fol. 63/20 v.º

Em os baixos de Arguym ha hũu pescado que he pequeno assi como mugeens / as quaes tem em as cabeças hũas coroas per que desfollegam que som assi como gelrras E se os pom virados com as coroas pera baixo em algũu baçio pegam tam rijo que querendo as tirar leuantam o baçio consigo como fazem as lampreas com as bocas quando som bem viuas // [*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 64/21 ([15])

Arguym Jns[ula]

ho Jffante dom Anrique fez aqui o primeyro castello

De Arguym ylha e seu castello e trauto E da terra firme della e deserto della e da çidade de Oaden e do Sal e outros lugares e das gentes destas terras e desertos / e animalias aues e heruas e aruores E assy das custumes da gente della Escripta per mym Valentym Fernandez em Tomar estando elrey alli

dom Manuel

anno de 1506 aos 18 de Junho de palaura de Joham Rodryguez reposteyro do dito senhor que per aquellas terras foy enuiado delrey dom Joham ho segundo no anno de 1493 e naquelle tempo esteue la dous annos E despois foy la per muytas vezes

1506 escripto Joham Rodriguez

que foy la 1493

Arguym e segundo os mouros Arguem / he hũa ylha de terra firme hũa legoa / Nesta ylha ha hy hũa fonte de agoa doçe muy marauilhosa / E junto com esta fonte muy chegado estam outras tres fontes de agoa muyto maa e salobra / meio por meyo mais salgada que doçe /

Arguym ylha

agoa doce

salobra

Fol. 64/21 v.º ([16])

herua maa

Em esta ylha nom ha aruore algũa / E her-//ua se ahy naçe quando choue / he herua que ata as cabras

nom tem aruore /

([15]) *No pé do fólio*: dantes era este tracto em Hoaden com os mercadores de Tuniz que leuauam la cauallos / prata e pannos e tornarom oro e esprauos /

([16]) *No pé do fólio*: trigo se algũu alcançam comem no cruu / ou moydo amtre duas pedras sobre hũu coyro de camello e comem aquella farinha com leyte se a tem e assy os alarbes ho fazem /.

se della comerem morrem logo em comendo a / Nem ha galinhas nem patos nem nenhũa criaçam

70 casas de mouros

Em esta ylha ha algũas 70 ou mais casas de mouros em torno do castello chamados azenegues / E nom soomente estes som assy chamados / mas todos moradores daqui na costa do mar ata Guynee E som dos mouros chamados azenegues schirmeyros a causa do peixe que tomam e de que viuem / E sam chamados schirmeyros a differença dos outros azenegues que moram no sartão que sam tractantes e caçadores que tractam pera Guynee / Estes azenegues schirmeyros he hũa geraçam sobre sy muy vil e desprezada de todos os mouros e os tem assy como nos os judeos / schirme quer dizer peixe /

azenegues

schirmeyros

viuem prouemente

Estes azenegues schirmeyros / ou pescadores som tam proues e tam mezquinhos que nom tem pam nem azeite nem lenha nem sal nem çebolla nem nenhũa outra cousa que pertençe ao humano vsu / E quando fazem seu comer ajuntam da sebe do mar e poem lhe fogo E algũu peixe que ahy tomam poem no debaixo do dito fogo / e assy ho assam e comem sem outra cousa algũa / E per essa mesma maneyra comem as tartarugas / Carne nom comem saluo se forem a terra firme que os outros mouros ouuessem morto algũu camelo / de que podem alcançar algũu pedaço //

Fol. 65/22([17])

que comem assy assada com sebo do mar como fazem ao pescado /

A estes mouros leixam os christãos aqui porque de todo que pescam dam de çinco hũu aos christãos / E assy das tartarugas que tomam muytas / E porque dam o quinto busca fl. 42([18]) /

pagam de 5.º hũu

E porque fazemos mençam das tartarugas escreueremos mais largamente dellas /

das tartarugas

tem grandes como escudos

As tartarugas em aquellas partes e costa de Guynee som comummente de grandura de hũa albarda / e outras tam grandes que seu escudo pode ser em altura

([17]) *No pé do fólio*: Ajnda que nestas ilhas ha muyto peixe porem a tartaruga tem por melhor.

([18]) Nota (3) de A. Baião: E Fol. 86.

de hũu homem / hũas do mar e outras de terra E as da terra som mais sabrosas /

a carne da tartaruga saborosa

Estas tartarugas tem por peixe e ho he e tem muyta carne em sy tanto como hũu grande porco E tem carne magra e gorda e de desuayradas feições / Ca tem carne della como de vaca e assy he no seu sabor / E tambem tem feiçam de perdiz e assy o seu sabor / Tem em outra parte feiçam de coelho e tam branca e assy o sabor

tem sabor de carne de vaca

de perdiz

de coelho

de carneyro

As paas tem proprias de carneyro que podem ser adubadas e assadas / e assy he seu sabor /

figado como de pescada fresca

Ho figado tem tam grande como de vaca e de tanto sabor que homem se nom pode fartar della / e ho sabor della he proprio como de pescada fresca e jamais nom fastia / ho mal que tem que detem o homem que pouco saya / Os // bofes som proprios como os ouos de rãas coalhados na agoa / Os pees e mãos som como de pata sem vnhas / A boca tem muy dura / que se per ventura toma a mão de hũu homem lha cortara / Os olhos muy feos e muy temerosos /

Fol. 65/22 v.º
Arguym ylha
das tartarugas
boffes
pees
boca
olhos

Como criam as tartarugas

A tartaruga em tempo que quer poer seus ouos sae se do mar pera area / onde a maree nom pode chegar / e ahy faz hũa coua tammanha como ella com suas patas E no meo da dita coua faz hũa coua pequena / E naquella pequena põe muytos ouos juntos E digo juntos porque se nom leuanta ata que tem postos 500 ou 600 ouos tam grandes como de galinha / e de melhor sabor e muyto sãaos Porque tem a crara pouca e a jema grande e nom som de todo aluos se nom pardos / E nom sam tam duros de casca como os de galinha /

põe 500 ouos

ouos boons e pardos

Despois que tem postos os ouos que pode ser em hũu dia / ou em dia e noyte / e sae se dhy e busca de area enxuta / ca aquella que lançou da coua he humida / E com a dita area enxuta cobre os ouos todos e

os ouos se choquam do sol em 30 djas

faz per em cima todo chão com suas patas que nom pareça nenhũa cousa e todo ygoal e se torna pera agoa / e nunca mais torna ahy / E a cabo de 30 dias elles ahy se choquam com a quentura do sol e de area / E elles viuos tammanhos como adinhos furam aquella area //

Fol. 66/23
Arguym ylha

E em sayndo fora logo vam correr camjnho do mar e ahy se metem e se criam de sy mesmos / se criam no mar

Estas tartarugas como quer que tenham sabor de carne / he peixe e a comem per toda quoresma e dja de jejuum / E tem vnto como porco e a gordura e vnto he verde E fazem dello azeite tam bello que nom pode ser mais / ho qual azeite he preueitoso e grande mezinha pera gaffos E assy ho queymam em candieyros E os mouros ho comem / dos escudos nom se aproueitam / azeite de tartarugas

As casas destes azenegues som que trazem hũus paaos da terra firme e fazem hũa chopana coberta de rede velha e de sebe do mar e lançam lhe o uẽnde (?) em cima pera o vento nom leuar E deste sebe tem sua cama em a coua de area / E nom tem outra alfaya algũa / e esto nom fazem pella grande quentura se nom pello frio porque andam nuus suas casas

Seus vestidos som que aquelles que viuem junto com os christãos trazem algũus alquiçees vestidos E os dalem e terra firme hũas pelles de cabras com que cobrem a vergonha / vestidos

E som homens aluos de naturaleza E porque andam continuadamente nuus no sol se fazem muy pretos E do mal comer som muy feos e espantosos e fedem como bodes / E assi se vntam os corpos e cabellos com gordura dos peixes / som aluos

pescado

Em esta ylha de Arguym e em torno della ha muyto pescado —a saber— salmonetes / azeuies lingoados e de todo peixe / e muyto marisco como cranguejos / almexies e lagostijs tam grandes como hũu palmo em longura /

como pescam e suas redes quere (?) fl'. 42 (19)

Criam se nesta ilha tambem muytas aues como falcões pellicanos framengas etc. //

Fol. 66/23 v.º

Arguym ylha

1 em longo legoa 1/2 em largo

A ylha de Arguym tem hũa legoa em largo e duas em longo e quatro em redondo

grandura de Arguym castello

Em esta ylha contra a terra firme em hũu penedo muy alto tem elrey de Portugal hũa fortaleza muy forte e fremosa / Este castello he de grande trauto E por ysso tem o dito rey continuadamente seu capitam e feytor com outros officiaes que mantem ho castello / Este castello fizerom os rendeyros do Jffante dom Anrrique porem foy corregido per elrey, dom Joham o 2.º

mercadorias de christãos

As mercadorias que os portugueses la tem som pannos de coor baixos azul e vermelho e linho de todas sortes albarnozes / alquiçees / aycas / abanes / duquales que som finos / e todos som alquiçees / lambees / bordates que valem muyto / bedeens sellas estr[ibos] baçios mel prata que val mais que ouro / açaffram crauo pimenta gingiure / coral vermelho em contas redondas / alaquecas valem muyto / Trigo do que val alqueires 2 1/3 hũu mitical / E de todas estas mercadorias nom pode leuar la nenguem se nom elrey /

mitical quanto val

Ho mitical val 445 rrs. de Portugal

mercadorias de mouros

As mercadorias que trazem os mouros da terra firme / som escrauos pretos de Guynee / ouro pelles de antas / goma arauiga / gatas de algalia ouos de emas / camelos / vacas / cabras / dam a troco de mercadoria

tres sortes de mouros

Os mouros da terra firme som tres geerações —a saber— alarues azenegues e ziguis

(19) Nota de A. Baião: É Fol. 86.

Escrauo val 6 . 8 . 12 ata 15 miticaes
pelle de anta 3 ata 4 miticaes
gata de algalia 2 miticaes trazem de Guynee /
camelo 3 ata 4 miticaes
cabras / duas 1 mitical
vaca 2 ata 3 miticaes //

Fol. 67/24

Toda a mercadoria que for trazida a este castello assy de mouros como de christãos toda sta taixada pella ordenança delrey que nenhũu feitor nom pode nella acreçentar no preço nem abaixar / afora os escrauos / e esto pella differença delles / porem ho melhor nom pode mais valer que 15 miticaes E estes lhe dam em roupa qualquer que ho mouro quiser / E per ventura tal roupa nom valera mais de tres miticaes da moeda da ca / toda mercadoria taixada

Aos offiçiaes do castello de Arguym —a saber— capitam feytor e escriuam muda elrey de tres em tres annos —a saber— cada tres annos tira hũus e manda la outros / muda os offiçiaes do castello

Ho capitam tinha de quatro hũu de todo resgate e nenhũa outra cousa / ca emtam ho capitam tinha a capitania e feytoria ho que agora tem dous / capitam

ho feytor agora leua a oytaua de todo resgate / feytor

Ho escriuam tem 20 mil rrs e mais hũu escrauo pera resgatar de sua roupa scriuam

Condado 6 palmos 1 mitical azul ou vermelho
panno de varas 8 palmos hũu mitical
lenço deste preço e assi o lenço frances gordo de galueo 20 palmos hũu mitical
prata tres pesos per hũu de oro //

Fol. 67/24 v.º

Esta ylha de Arguym com outras muytas sam a[s] mais derradeyras ylhas que vam contra Guynee as quaes

Baixas de Arguym

juntamente se chamam as Baixas de Arguym / E Arguym soo com outra he que teem pedra / ho que nom tem algũa das outras /

ylha das Garças

A duas legoas de Arguym ylha / onde criam aues sem conto / aues de diuersas maneyras —a saber— gay-

E junto co esta ylha ha out ylha aq̃l
tambe cria pellicanos e muytas outras
aves E esta he q tem pedra / assy q ho pelli pellicano
cano q as vezes no pode voar co ho
papo cheo se lança p hua penha pa
baixo y home cuyda de se fazer em 300
pedaços / e no recebe pena por ysso

Estes pellicanos sam tã grandes e moores pellicano
q cysnes de todo alvos ho pescoço alto e
dereito os pees como de cysne se no q sõ
brancos e nadã tambe / a cabeça tem
muy grande e assy os olhos grandes E ho
bico longo acerca de covado e gordo
e muy feo E de baixo do bico tem hum
papo muy grande q delles faze hum bar
rete de orelhas /

Estes pellicanos no sõ aqlles de q os li pellicano nõ
vros traz q criã seus filhos de sua sangue sõ os verdadeyros
be, no os portugueses poseerõ nome a estas
aves pelicano por respeito da pelle q lhe
tira e esfolla co suas penas / Do ma
ntimento destas aves he peixe do qual ma
tã tanto q no he pa dizer / assy q na
terra ou praya das ylhas e terra q ho mar
laça fora ha tanto peixe q parece q co
redes ho tirarõ e fede muyto /

uotas / gaujnas / garjaos colheyros / garças framengos / rabjjuncos e outras muytas aues do mar / Em a qual per todo ho anno criam / assy que os batees trazem carregadas de ouos dellas E ho gritar das aues he tal que homem nom pode ouujr sua palaura / E destas aues dam de comer aos escrauos em Arguym e assy a qualquer outra gente que quiserem escolher as aues mais saborosas dellas que as comem tres nem 4 homens nom ousam de entrar porque as aues pelejam rijamente tem seus nidos como a pedres perto hũu do outro e antre elles hũu camjnho que os velhos passam e a cada njnho hũu monte de peixe /

Taraffal ylha

De Arguym a oyto legoas esta outra ylha chamada Taraffal / E esta he chea de lenha E esta lenha he proprio como aderno a qual lenha chamam os mouros taraff de que a ylha tem ho nome / e arde mais verde que seca /

Ha hy outra ylha contra Guynee Em a qual ha hũas aues chamadas pellicanos e em tanto numero dellas que he sem conto

Nestas ylhas nom ha agoa doçe //

Fol. 68/25

E junto com esta ylha ha outra ylha a qual tambem criam pellicanos e muytas outras aues E esta he que tem pedra / assy que ho pellicano que as vezes nom pode voar com ho papo cheo se lança per hũa penha pera baixo que homem cuyda de se fazer em 300 pedaços / e nom recebe pena por ysso

pellicano

Estes pellicanos som tam grandes e moores que cyrnes de todo aluos / ho pescoço alto e direito / os pees como de cyrne se nom que sam brancos e nadam tambem / A cabeça tem muy grande e assy os olhos grandes / E ho bico longo açerca de couodo e gordo e muy feo / E debaixo do bico tem hũu papo muy grande que delles fazem hũu barrete de orelhas /

pellicano

pellicanos nom som os verdadeyros

Estes pellicanos nom som aquelles de que os liuros rezam que criam seus filhos de sua sangue se nom os portugueses poserom nome a estas aues pelicano por respecto da pelle que lhe tiram e esffolam com suas penas / Ho mantijmento destas aues he peixe / do qual matam tanto que nom he pera dizer / assy que na terra ou praya das ylhas e terra que ho mar lança fora ha tanto peixe que pareçe que com redes ho tirarom / e fede muyto //

Fol. 68/25 v.º Outras duas ylhas estam la contra Guynee pouoadas de azenegues schirmeyros que trazem suas almadias com que vam a Guynee e Arguym / E assy som vestidos e assy vsam de seus mantijmentos e todollas outras cousas saluo que nom pagam tributo a alguem

Framenga aue ha nestes baixos de Arguym E he aue muy fremosa de veer e anda tambem em alagoas / Tem as penas das aas longas e vermelhas / e ho rabo e rosto todo aluo E he tam grande como garça / tem os pees vermelhos longos e o pescoço longo saluo tem o pico (*sic*) comprido e ancho E a parte debaixo mais ancha que a de cima / ho seu bico he tam pesado que as mais vezes o traz nos pees

Crooes som aues brancas de mor grandeza que cirnes / e tem os bicos de hũu couodo e ma[i]s em longo / e de anchura de tres dedos e pareçem como baynhas de vasas assi lauradas E com taes lauores que se as fizessem artificialmente com mestria de fogo a fim de lhes poer fremosura E a boca e ho papo he tam grande que hũa perna de homem por grande que seja ate o gyolho lhe cabe per elle

Ha nestes baixos hũus peixes de bicos de quatro palmos delles maiores e menores nos quaes bicos tem dentes de hũa banda e outra de osse que hũu dedo soo cabe antre dente e dente / os peixes som tam grandes como cações e maiores / E as queyxadas do

fundo nom som maiores que de caçam de outro peixe quere fol. 20 ([20]). //

Fol. 69/26 A terra firme de Arguym he hũa prouincia chamada Lodea que va pellos desertos contra ho poente ata Guynee Esta prouincia de Lodea parte da prouincia de Guinee ho ryo de Çanaga / chamado pellos mouros e negros ryo Ennyll E desta banda do ryo em Lodea som homens aluos E da outra parte negros E per este ryo arriba [*em branco*] legoas ata hũa rocha ou pedra grande que jaz no meyo do ryo A qual pedra elrey dom Joham o segundo de Portugal trabalhou de quebrar esta pedra pera que os naujos podessem chegar a Tambucutu e Gyna cidades E mandou a Gonçalo Dantas com outro capitam que la morreo / porque forom per hũa parte da ylha ou pedra grande e acharom na de pouca agoa / Chama se esta pedra Felu Este ryo affirmam muytos de ser hũu braço do ryo Nylo / No leuante parte Lodea com hũa prouincia chamada El Brebisth E trazem continuada guerra hũus com os outros destas duas prouincias /

Lodea prouincia
Guynee
Çanaga fl'.
Ennyl fl'.
Felu pedra
Tambucutu ci[dade]
Gonçalo Dantas capitam
Gyna ci[dade]

A prouincia de Brebisth parte com outra prouincia chamada Arrhama / que he tam grande prouincia e maior que nenhũa destas /

Arrhama prouincia

Esta Arrhama parte com outra prouincia muy grande Fol. 69/26 v.º ([21]) chamada Oulhedamar / Estas duas pro-//uincias fazem continuada guerra hũas a outras porque ambas duas prouincias tem cauallos e gente muy abastada de trigos carnes e mel /

mantem se sem pãao A gente da prouincia de Lodea e El Brebisth se mantem sem pam sem fruita e sem azeite / soomente em leyte de camelos /

([20]) A. Baião. É Fol. 63 v.º

([21]) Estes azenegues vam por terra a Çaffym que seram 200 legoas e mea e compram caualos e os leuam a Gyloffa dos negros / e resgatam nos por scravos / E estes negros trazem a Arguym a vender aos christãos por trigo ou vestir etc. E delles leuam a lugares de mouros e os dam por cauallos.

40 legoas andam sem agoa

Nestas terras ha muy pouca agoa assy que homem anda 30 e 40 legoas / e as vezes dez jornadas que se nom acha agoa / E todas estas terras he deserto de area /

alarues

Todas estas quatro prouincias ou gentes dellas som alarues / porem hũus se tem por mais honrrados que os outros /

guerra antre Lodea e Brebisth

E porque os de Brebisth fazem guerra aos de Lodea he sobre os azenegues do sertão que sam grandes criadores de camelos cabras e ouelhas E som mercadores e grandes tractantes em Guynee / porque os alarues nom entram em Guynee porque sam aujdos por maa gente e de guerra dos guyneos E por ysto os nom consintem os negros / E os azenegues som homens de paz e de grande gasalhado E nom fazem guerra a nenhũu saluo se lhe fazem guerra a elles Emtam se defendem /

E tambem / porque os ditos azenegues pagam aos alarues de Lodea de dez hũu e mais / das mercado-

Fol. 70/27

rias que trazem de Guynee E os de Brebisth // querem parte do dito dizimo o que os de Lodea lhes nom querem dar por ysso fazem guerra hũus a outros / E os de Brebisth som muyto mais poucos que os de Lodea e se tem por melhores e mais esforçados e desprezam os muytos por ysso leuam as vezes na cabeça /

ziguis populi

A gente chamada ziguis anda mesturada com a gente de Lodea e som amtre elles / como antre nos os ratinhos gente de menos prezo //

azenegues de duas sortes

Os azenegues como disse som de duas maneyras —a saber— do mar que se chamam schirmeyros E os tractantes do sartão da terra / E todos som aujdos dos alarues por ruyns e vijs e çiues e pyor que antre nos os judeus / E por esso os alarues quando cheguam aas casas desses azenegues dormem lhes com as molheres e filhas e tomom lhes mantijmento

e gaados assy como se lhes fossem obrigados a ysso / E quando hũu alarue chegua aa casa ou tenda de hũu azenegue logo lhe ha de matar carnes e lhe fazer de comer etc. /

Todas estas geerações sobreditas nom tem casas nem villas nem cidades / nem calçam nem vestem se nom pannos de Guynee / E algũus alquiçees / — vestidos

Os azenegues trazem vestido hũa pelle derrador da vergonha / e trazendo outra cousa os alarbes lhes tomam topando se com elles // — vestido de azenegue

Fol. 70/27 v.º mudam se de 3 dias

Em Lodea e em Bebristh a gente nom esta queda em hũu lugar / e mudam se cada dous e tres dias por bem dos camelos porque destruyem muyto os aruoredos / E andam em tendas e tem muy pouca agoa porque he todo desertos de area / E estes desertos chamam os mouros Altzahara que quer dizer terra deserta /

pedras grandes que mantem agoa

Agoa em esta terra nom na tem em cisternas nem pouços nem fontes nem ryos nem ribeyros mas desta maneyra Em estes desertos ha hũas lageas ou pedras enteyras muy grandes E esta hũa de outra dez e vinte legoas e mais E as vezes som tam grandes como hũa çidade / E estas pedras jazem em campo chão porque os ventos mudam a area continuadamente cobrindo hũas e descobrindo outras / E todas estas pedras tem hũa foyas ou buracos tammanhos como hũa casa e mais E no tempo da chuyua / quando choue sume se a dita agoa na terra e na area / E aquella que va ter sobre qualquer das dita pedras nom se pode sumir Emtam os mouros andam buscando despois da chuyua as ditas pedras e as sabem achar ajnda que sejam cobertas todo de area / E arredam a dita area

e acham a agua no foyo da dita pedra que he conseruada da area e he muy boa E desta agoa se mantem aquelles que andam pellos ditos desertos //

Fol. 71/28

E porque as vezes aconteçe de hyrem per estes desertos quinze e vinte jornadas sem acharem agoa E leuam agoa em odres e della mesturam na com leyte de camelas por mantijmento E com ysso passam os desertos E porque muytas vezes aconteçe de vijrem ventos suãao que cuydam as gentes que tem agoa ou leyte nos odres e os acham vazios E pellas grandes jornadas que ham de andar / tomam camelos aquelles que ham de passar estes desertos os maiores que elles podem ter E tem os muyto que lhes nom dam de beber —a saber— dous e tres meses E quando ham de partir fartam nos de agoa E hũu camelo bebe per hũa vez cinco ou seis almudes de agoa E como acabam de beber cortem lhe a lingoa pella regada Emtam vam seu camjnho E nom comem mais nem remoem E anda hũu camelo desta maneyra trinta dias sem comer e beber e anda sempre E quando lhes falleçe agoa emtam matam hũu camelo destes e abrem no E acham nelle toda a agoa que elle bebeo sem auer guastada quasi nenhũa della E aquella agoa bebem assy como sae a qual acham boa / E esta agoa guastada matam outro camelo / E doutra maneyra nom poderiam passar os desertos / porque se perderia muyta gente de sede / ho camelo morto comem no ou cruu aas vezes ou mal assado //

agoa em odres se seca

como fartam camelos de agoa

matam os camelos e lhe tiram a agoa

Fol. 71/28 v.º

terra de seixos

Em Lodea prouincia ha hũa terra donde nom ha area nem pedra nem terra / somente seixinhos taes / E estes seixinhos duram 5 ou 6 jornadas / E no cabo destas jornadas esta hũa grande pedra chamada Schelud /

Schelud pedra

Schelud he hũa pedra tal sem outra cousa algũa tam alta que se nom pode medir E a roda della he tam grande como hũa cidade grande / E esta pedra jaz na meetade de hũu campo ou chão sem serra algũa

e sem outras pedras / soomente ella soo como se por mãos de homem fosse posta ahy se fora possiuel / E esta pedra he de coor toda preta /

pouços

Junto com esta pedra estam hũus pouços de muyta agoa que estam da banda de noroeste E da banda do sull som os desertos de Aquyxar que som os mais temerosos desertos de andar de toda a terra / os quaes desertos cheguam ata a esta pedra / Mas a area ataa hũu quarto de legoa nom chegua aa dita pedra / e a terra derrador della esta sempre limpa por respeito do vento que a pedra lança de sy / assy que da banda de sull desta pedra todo he deserto de area / e da banda do norte e nordeste estam os seixinhos sobreditos / porque ho vento leua a area e ficam os seixinhos como se fossem peynerados / E da banda de hoeste della estam os pouços //

Fol. 72/29

A esta pedra vem tam grande multidam de todallas aues cada noyte a dormjr que pello grallido grande dellas a duas e tres legoas se nom ouuem as gentes / nem as leixam dormir /

aues muytas

Atraues desta pedra Schelud fica hũa serra muy grande que se chama Ygild / pouoada de muyta gente E tem dous reys E nom tem outro mantijmento se nom cabras e asnos / e tem muytas agoas / e nom tem tamaras / Os reys desta serra sam azenegues com toda sua gente e som muyto contrayros aos alarbes / assy que nom ousam de sayr da serra nem os alarues nom ousam de entrar /

Ygild serra

Duas legoas desta serra de Ygild esta a serra donde cauam ho sal que leuam a Oaden e Tambucutu e outros lugares /

sal cauam

Ho sal tiram desta maneyra —a saber— Nesta serra esta hũa pedreyra de sal / E tiram no em tauoas E quatro tauoas fazem hũa carrega de camelo / E cada tauoa ha de ser de oyto palmos em longo / E em larco em hũa cabeça quatro palmos / E tres em outra pera

sal em tauoas

fazer feiçam da carrega / E cada tauoa tem em grosso
Fol. 72/29 v.º hũa mãao trauessa que he // meyo palmo boom / E cada duas tauoas daquellas atam muy bem com cordas e assy as leuam em seus camelos /

Os moradores da terra sam os que tiram ho sal e o
sal que val leuam aa çidade de Auden / E os mercadores da dita cidade ho compram a mitical e meo ha carregua de camelo / E vendem no a dous miticaes e meo e as vezes a tres a carrega do camelo /

de Baaffor serra

Baffor serra Seys legoas da pedra Schelud esta hũa serra muy alta chamada Baffor / a qual serra tem 18 legoas em comprido E he fecta como muro propriamente da banda do norte que he contra os desertos E he tam alta esta serra que parece chegar aos çeos / Esta serra nom tem se nom tres portaes de subir per ella E assi parece cousa empossiuel / porem passam camellos

quere fol.' 43(22) dos barbaros / Em este comprimento desta serra estam quatro cidades e hũa villa / E 14 ribeiras sem agoa e toda a serra chea de tamaraaes / Das cidades a principal se chama Oadem / outra Oulili / a terceyra Schinguete a quarta Tynnjgui E a villa chamam Fara /

Oaden ci[dade]
Oulile ci[dade]
Schinguete ci-[dade]
Tynigui ci[dade]
Fol. 73/30 De Oadem a Oulili cidade ha dous tyros de besta / de Oulili a Schinguete 4 legoas de Schinguete a Tynnigui 6 legoss / de Tynnigui // aa villa Fara som duas legoas / Outra cidade se despouorou hũu tyro de besta de Oaden da outra banda da ribeyra / a qual cidade se chamaua Bym / onde ajnda pareçem grandes edificios e paaços / E foy destroida per esta ribeyra de monte ou cheas /

Fara ci[dade]

Bym ci[dade]

Com esta ribeyra ha nesta serra de Baffor quatorze ribeyras secas E nunca corre agoa nellas se nom em tempo de trouoadas / as quaes som de feuereyro ata ho mes de mayo / Estas ribeyras nom tem verdura

14 ribeyras secas

(22) Nota de A. Baião: é Fol. 87.

nenhũa quanto a heruas soomente tem aruores de goma e de tamaras Estas ribeyras som grandes e largas em quantidade quando choue E vam todas dar em hũu deserto grande de area E ahy se somem propriamente como aqui no mar E esto no tempo soo que choue / E nesta terra nom choue se nom com trouoadas / E acabadas as trouoadas e chuyua logo as ribeyras som secas que nom pareçe gota de agoa / E cada hũu dos moradores desta terra / tem sua terra e herdades sobre as ditas rybeyras / E cauam nestas ribeyras secas hũu couodo pera baixo logo acham a melhor agoa do mundo /

cauando j couodo acham agoa

Nesta serra de Baffor naçe trigo çeuada e milho de Guynee / Semeam em a metade de area onde Deus nunca da herua / e fazem hũa çerca de rama de tamaraes em derrador quanto cada hũu tem semeado / E na meetade do semeado fazem hũu chaffariz / E armam lhe hũa picota pera tirar // agoa com cubo / com a qual agoa regam ho semeado E ahy se cria muyto alto e muy fremoso E assy toda outra cousa que querem semear como alhenam e outras heruas a nos ignotas / E a çeyffa do dito semeado fazem no março /

trigo

como semeam

Fol. 73/30 v.º

Baffor serra

regam a sementeyra

ceiffa no março

Em esta terra nom ha ataffonas nem açenhas nem moendas de braço / soomente tomam duas pedras / e a debaixo que he hũu pouco cauada / e lançam nella ho trigo e com outra de ençima fregam e se faz o trigo todo em farinha / E nom tem farello como ho nosso nem ha mester ser peynerado ho dito pam e cuzcuz nom no semeam nem apanham pera sy se nom pera hospedes / porque elles se mantem de tamaras / E quando algũu hospede vem / moem assy ho trigo e amassam hũu pouco em pãaes e metem no em hũa fornalha em que tambem metem algũa pequena de carne de camelo ou outra carne algũa / e ho çarram e ho leixam coser etc. /

moem entre duas pedras

farinha sem farello

fornalha

Em esta serra de Baffor ha tammanhos ratos acerca como coelhos e tam gordos com rabo de coelho tem

ratos grandes

a cabeça grande e as orelhas cortas E comem nos / e som muy gostosos / E chamam no alffart /

comem hũus homens a outros

Em esta serra as vezes comem hũus a outros / ou a qualquer de fora se ho podem apanhar / porque elles nom tem outro mantijmento se nom tamaras as quaes som as melhores do mundo / porem muytas vezes vem os alarbes e destruem as tamaras amte do tempo pello qual lhes falleçe este seu mantijmento E matando se hũus com outros comem suas carnes /

mercadores comem carnes cruas por temor

Os mercadores que passam per esta terra em 15 e 20 legoas desta serra nom fazem fogo de noite nem de dia pera nom serem sentidos dos da serra pera nom serem comestos //

Fol. 74/31
Bafor serra

maffometanos todos

E por ysso lhes cumpre de comerem carnes cruas por nom terem maneyra de as assar / as carnes som de camelos e de antas e outras animalias / A carne de ema pisam com ho mesmo seuo della e assy a comem sem mais ser assada nem cosida //

nom he cercado senom com stacada viuem de ceuada e datyles / que tem muyto e leyte de camelos

Oadem he hũa cidade de 400 vezinhos e he a principal desta serra de Baffor pello grande trauto / porque he scapola de todo ho sal que vem de Ygild E dhy leuam ho sal os mercadores a hũa cidade chamada Tischid.

Oadem ci[dade]

scapola do sal

Tischid çidade esta sete jornadas de Oadem e vendem no em dobro do que pode valer em Oadem —a saber— sete miticaes a carrega do camelo E a esta çidade vem os mercadores pello sal de hũa cidade chamada Oualete /

Tischid ci[dade]

Oualete he hũa cidade muy grande e esta afastada de Tischid 8 jornadas E ha nesta çidade dous reys —a saber— hũu branco e outro negro porque parte com a terra dos negros E todos som mouros de Maffoma.

Ouallete ci[dade]

Em esta cidade ha judeus muyto sogeitos e ricos E som mercadores tractantes / e os outros som

ha judeus

ouriuizes e joyeyros /
Desta çidade leuam ho sal a Tambucutu /

Tambucutu ci-[dade]

Ennyl fl'

Tambucutu he grandissima cidade e jaz sobre ho ryo Ennyll e he de grandissimo tracto / porque he scapula de todo ho ouro que se guasta em leuante e poente // por respecto do sal / Esta cidade esta afastada 15 jornadas de Ouallete E nesta çidade vendem ho camelo com ho sal todo junto / por çem miticaes e as vezes por 120. Os camelos comem na terra E ho sal embarcam em Tambucutu em almadias e leuam as ditas almadias a schirga pera ryo açima quatorze jornadas a hũa cidade chamada Gynj / Jyni

Fol. 74/31 v.º De Tambucutu fol.' 41 (23) //

leuam as barcas pera rio acima

No regno de Melly

Jyni ci[dade]

Gyni he grande çidade de pedra e cal çercada / E ata aqui cheguam os mercadores que vam e vem aas couas de ouro / E estes tractantes he hũa gente sobre sy chamados vngaros / e som ruyuos ou como pardos / porque aas ditas couas nom consentem chegar a ellas outra gente algũa se nom esta / porque os tem em muyta verdade / E outra nenhũa nem branca nem preta nom chea (*sic*) (24) a ellas /

vngari populi

vngaros trazem ho ouro a Jyni

Estes vngaros quando cheguam a Gyni traz cada mercador consigo çento ou duzentos negros escrauos e mais / os quaes leuam ho dito sal nas cabeças de Gyni ata as couas de ouro E de hy trazem ho ouro / E todo nas cabeças pello qual as trazem peladas e sem cabello /

grandes tractantes

Estes mercadores que tractam pera as ditas couas de ouro tractam grandissima riqueza / ca delles ha que tractam 60 mil miticaes E esso mesmo os mercadores

(23) Nota de A. Baião: é Fol. 85.
(24) chega.

que leuam ho sal a Gyni tractam dez mil miticaes / E se fiam hũus dos outros / sem conheçimentos nem scripturas / e sem testimunhas e fiam ata çerto tempo
Fol. 75/32 do anno / porque os vngaros cada // anno nom vem a Gyni se nom hũa vez E trazem muyta verdade / assy que se per ventura algũu delles morrer neste tempo / logo seu filho ou herdeyro ha de vijr e pagar a diujda por elle sem falta algũa

7 couas de oro e 7 reys

As couas de ouro som sete e as tem sete reys cada rey sua coua / E as couas som muy altas de baixo do chão / E estes reys tem seus escrauos aos quaes metem em aquellas couas e lhes dam molheres que leuam consigo / e parem e criam nas ditas couas / e ally lhes dam de comer e beber Estes escrauos todos som negros / E quando por marauilha algũus sayrem / saaem brancos porque nas couas mudam a coor e estes tiram o ouro / Estes reys nom dam seu ouro por nenhũa mercadoria tanto como pello sal / porque o comem e assy as suas animalias / dizendo que sem sal nom se poderiam manteer nem viuer elles nem seus gaados /

negro sae aluo da coua

sal he precioso

beiços grandes

Estes reys com toda sua gente som negros e ydolatras / e tem os beyços muy grandes aos quaes continuadamente poem sal / E dizem que se lhes nom posessem ho sal que lhes cayriam os beiços / E tambem trazem çertas doenças dentro nos seus corpos e assy suas animalias / as quaes curam pello comer do sal / assy que ho sal tem em grande estima /

E do que dizem que os mercadores que la leuam o sal que se nom veem hũus com os outros se nom que poem seus montes / e os negros que poem hy ouro / nom he assy se nom que estes negros vngaros cheguam soos a sua terra e outra geraçam nenhũa / E por ysto dizem que nom sabem que gente he //

Fol. 75/32 v.º

Tagazha Ackhalla ci[dade] de sal toda

De Oadem 15 jornadas esta hũa çidade chamada Tagazha Ackhalla E esta cidade toda he edificada de sal —a saber— muros paredes portas casas e telhados / porque esta (*sic*) sal he pedra / E em esta çidade nom ha mais que hũu soo pouço de agoa / E nom ha muyto tempo que toda foy despouorada e esto a mjngoa de agoa porque se secou ho poço

scapola de oro

Esta cidade he scapula dos que vam pera leuante e pera poemte / porque desta çidade a 15 jornadas nom ha pouoraçam algũa pera nenhũa parte / porque sam 15 jornadas ata Oadem / E 15 a Tambucutu / e 15 a Ouallete E 15 a Offaram que he em leuante /

distancia[s]

este sal nom he de cargaçam

E porem este sal nom leuam a Tambucutu como ho outro / porque este sal nom se leixa laurar em tauoas como ho outro de Ygild E por ysso os camellos ho nom podem leuar E soomente fica em lageas meudas / ou se esmeuça de todo / Nem em aquella terra ha canastras nem outra cousa em que ho sal meudo podessem leuar longe camjnho /

sal e a agoa se faz duro

Este sal nem ho de Ygild nom se derrete em agoa se nom quanto mais em agoa jaz tanto mais duro se faz /

A esta çidade vem todos tractantes que tractam em ouro / E esto pella agoa / ca em toda aquella terra nom ha outro pouço que aquelle

mal vestidos

Esta gente anda mal vestida toda e comem carne de camelos e tamaras etc. /

vestem hũu alquicem sobre o corpo nuu homens e molheres ho braço direyto fora com hũa touca maa ou bõa em a cabeça / de qualquer coor que pode descalços //

Fol. 76([25])

A causa que os negros beiçudos nom querem consentir que outra geraçam va a sua terra / he pera nom

([25]) António Baião, p. 53, nota (3): Êste Fol. 76 constitui um aditamento ao Fol. 75 v.º a cujo texto faz seguimento. No original está escrito perpendicularmente ao texto dos outros Fols. Verifiquei no original que tem as dimensões de 18,8 cms. × 9 cms.

saberem suas mjnguas E dizem que elrey de Mely desejaua de ver hũu delles / e que outras nações soyam de tractar e leuar sal la antre as quaes forom certos criados delrey E prenderom hũu delles beiçudos e ho quiserom leuar a seu rey ho qual nom quis comer nem beber nem fallar assi morreo / E por ysso engeytarom todos mercadores afora aos vngaros / assi que elrey nom ouue outra enformaçam se nom daquelles que os veem / E nom das suas costumes /
Dizem que he gente bem disposta de temeroso aspecto com beyços sobejo grandes e suas gengiuas emchadas que curam com sal doutra maneyra lhes podreçiam //

Fol. 76 v.º: *em branco*

Fol. 77/33 Tornando a Arguym e prouincia de Lodea

deserto 200 legoas

De Arguym ata Oadem som 200 legoas por desertos de area / pellos quaes desertos andam os alarues com seus camelos e tendas feitas de lãa de camelos e cabras e asnos / porque as ouelhas daquella terra nom tem lãa e som mais çaffunas que aqui as cabras E assy vam pellos desertos com seus cabildos / aqui · 300 · ala · 500 · que trazem seu maioral que he o mais velho de todos E vam sempre olhando pello çeco / onde lhes pareçe que choue / pera la mandam dous homens com hũu camello —a saber— hũu que fica tomando a posse do chãao onde choue / E o outro se torna porque os do seu cabyldo logo vam per la em busca da erua que logo naçe onde choueo E as vezes os de Lodea vem de hũu cabo e os de Brebisth de outro pera aquella mesma chuyua / pello qual pelejam hũus com os outros

como andam os alarues pellos desertos

cabildos

seguem a chuyua

pelejam

alarbes boons

A gente desta terra he gente parda de muyta verdade e fora de toda çugidade / do que nom ha amtre os outros mouros de sodomia / Nem sabem que cousa he beber vinho / nem som çeosos das suas molheres

moças nuas andam

e filhas E as suas moças andam nuuas em quanto lhes nom vem sua camisa ou custumada enfermjdade / E despois cobrem a vergonha com hũu panno de algodom / E assy ho trazem todas estas alaruias molheres / porque as molheres azeneguas cobrem sua vergonha com pelles assy como seus maridos // vestido das molheres

Fol. 77/33 v.º (26)

beyjam as moças

Costume he amtre elles de meter aa moça a mãao per onde homem quer e beyjar la / e aquello ham ellas por folgar / porem nenhũu ha de dormir com a moça solteyra E se aconteçe alguem de dormir com ella / os parentes della ho matam ou casa com ella / E casam e descasam como outros mouros / porem despois que sam casadas nom aguardam castidade a seus maridos / E os filhos ajnda que som alheos e doutro pay / ham de ser do marido casado /

quem corrompe matam

molheres seus cabellos

As molheres dos alarues trazem os cabellos entrançados / E as molheres dos azenegues com sparto atado que parece coroa muy feamente /

justiça dos alarues

Os alarues se mantem em justiça desta maneyra Som gentes que nom tem Rey nem liuros de direitos nem ordenações Soomente se regem por natural razam e posturas que amtre sy poem Som cabildos como geerações

os senhores antre alarues

Amtre estes alarues ha homens principaes / co[mo] senhores antre nos / quem tem 200 tendas quem 300 quem 500 do seu juro e direito E se algũu homem do seu cabildo mata ou faz algũu mal / nom no matam / porque matar a homem ham por pecado dizendo que nom ham de tirar a alma onde ha Deus pos / Se matou ha de pagar cem camelos / aos parentes mais chegados do morto / E se cortou mão pee ou

ao homecida nom matam

(26) *No pé do Fol.*: o mais velho do cabildo e herdeyro descendente do primeiro que fez aquelle ajutamento he senhor delle porem nom lhe dam nada saluo que viue por seu gado como os outros //

olho / paga 50 camelos / porque dizem que he meo morto E se os nom tem lançam mão pellos parentes mais chegados como pay jrmãos e tyos E os ditos seus
Fol. 78/34 parentes mesmos ho desterram da terra / por // nom dar ocasiom a outros / dizendo que os parentes pagariam por elles quando quer que lhes acontecesse de matar ou outra qualquer cousa / porem elles som vindicatiuos / e matam os contrayros se podem

E se algũu por mais honrrado que fosse tomasse sobre sy algũu mercador como se custuma na terra serem alformas ou guyas / e lhe tomasse sua fazenda ou outra cousa contra sua vontade ou ho matasse / Este tal fica deshonrrado e seus filhos desonrrados e de menos valor que os parentes ho desprezam que nunca entra em conselho nem seus filhos / e este tal he aujdo por escumulgado / alformas ou guyas

E se per ventura algũu dos mercadores ou outra pessoa que sobre si tiuesse lhe matasse ou roubasse algũu homem doutro cabildo / aquelle cabildo de donde he ho ham destruir / E nom no destruindo logo fazem lhes os outros cruel guerra assy que as vezes destruyem hũu cabildo todo E assy vam os homens com ho saluo conducto ou alforma seguramente per toda aquella terra /

Todo mouro traz lança e azagaya e hũa agumia como terçado torto ho qual corta por de dentro E ho mouro nom fere de golpe se nom tyra pera sy cortando como com a foz (*sic*)(27) / armas dos alarues

Ho ferro pera estes mouros trazem no de Guynee / E toda sua guerra fazem em camelos / adarga de coyro de animal de antha

Caualgam a mourisca porem tem muy poucos por ser a terra steril //

(27) Certamente: «fouce».

Fol. 78/34 v.º (28) nom ha doenças

Em esta terra nom adoeçem de febre nem doutra nenhũa doença se nom daquella que homem ja morre / ou de fame / Nem pestenenças nom nas ha E por ysso viuem muyto porque nom comem mais se nom quanto a natureza requere /

moeda nom ham

prata val

Moeda nom ham os alarues / saluo que tem prata que vem da terra dos christãos e val mais antre elles que ouro / Ca hũa onça de prata val hũa onça e mea de ouro / doutra maneyra elles nom compram nem vendem / e trocam hũa cousa por outra e tem seu peso de oro com que compram

camas em pãao e aruores

As camas delles som que onde os alarues vam trazem seus paos consigo e de noyte os chentam no chão e outros ençima enforcadilhas onde fazem suas camas pera dormir E assy mesmo dormem os passajeyros em as aruores por amor das biberas e serpentes e outros bichos peçonhentos que ha naquelles desertos por ysso nom ousam de dormir no chão /

alarues todos fidalgos

Os alarues se tem todos por fidalgos / E logo os que moram em villas e çidades nom som mais alarues / E elles mesmos os chamam barbaros / que quer dizer sojeitos porque os alarbes nom tem sojeiçam nenhũa / E ham aos das cidades e villas por vijs / E esto por respeito da sogeyçam

Judeus nom sam

Judeus antre os alarues nom nos ha nem os consenteriam e matariam / E ham os por muyto escomulgados / Nem antre os azenegues nom nos ha //

Fol. 79/35

Christãos poucos ha amtre os alarues saluo por embaixadores ou mercadores e andam sempre com alformas

christãos

(28) *No pé do Fol.*: Todos estes mouros rezam muyto E quando falam com algũu christão logo se lauam com area porque nom tem agoa dizendo que he grande pecado ao moro de falar com christão E por esto se reconciliam com seu Halla //

ou saluo conducto E chamam ao christão rom pella cidade de Roma

guardam domjngo

Dise me Joham Rodriguez que ouujra dos alarues que dhy a 300 legoas auia hũa gente que guardaua muyto ho domjngo porem todos creyam em Maffomede.

filhos obedientes

Os alarues desta terra de Lodea som muyto vergohosos mais que outros algũus / E assy os filhos som muyto obedientes aos pays mais que em nenhũa parte do mundo / e os filhos nom comem com os pays posto que os filhos sejam feitos caualleyros e honrrados e os pais de baixa sorte Nem ham de ouujr caçurrias presente seus pays em tanto acatamento os tem / Nem os paes casam os filhos dizendo que case com fuãa / se nom suas mais (29) fazem seus casamentos dos filhos E nom vsam de zodomia como dito he E vendem se hũus a outros porem aos moros e nom a christãos.

nom comem pam

leite de camelas

Em a prouincia de Lodea e de Brebisth que som todos desertos / a gente dellas nom comem pam nem sabem que cousa he / nem fruitas soomente beber leite de camelas / a qual he como mantijmento de tudo que os camjnhantes fazem / Ca se ham sede mata lhes bebendo / se ham fame outrosy como que

Fol. 79/35 v.º

bebessem e comessem E he a mais sãa // cousa do mundo E por ysso os mouros tem a camela por sancta / Com tudo comem as vezes carne de camelos e coobras e lagartos e gaffanhotos / E comem as

como os alarues assam a carne

carnes assadas desta maneyra / —a saber— fazem grande coua no chãao e enchem na de lenha E fazem grande fogo E despois de ardida a lenha arredam as brasas pera hũa banda e pera outra / e no meyo destas brasas metem hũu camelo ou eyma ou qualquer outra animalia enteyra / e cobrem na com a mesma

(29) mães.

area / E fazem hũa grande fogueyra em çima e asy se assa do baixo do chãao //

tripas comem de animalias

As tripas destas animalias nom as lauam mas limpam nas com os dedos e assy as assam e comem /

as animalias nos desertos

Em estes desertos ha muytas animalias como camelos cabras asnos ouelhas como dito he e das saluagens como antas eymas corças como da ca se nom que som maiores / gazellas enfijndas / porcos spynhos muytos e ouriços cacheyros porem mais pequenos que da ca e outras animalias a nos nom conhecidas /

Camelo

Começando no camelo e camela de que se seruem em todos seus trabalhos e comem a leite della em mantijmento de comer e beber e enfim matam no e comem no tambem //

Fol. 80/36([30])

camelo como dorme com a camela

Ho camelo quando ha de teer parte com a femea derriba a femea no chão e põe se açima della como faz ho gatto se nom que a cabeça sempre tem muy alta pera arriba / E porque traz membro muyto trazeyro / a femea com a mão lhe sabe gentilmente ajudar com que acabo seu negocio / E acabado lança se e cahe no chão e jaz assi grande pedaço descansando

Buffaros carregam como camelos

da ante animal

A carne de anta([31]) ham na por melhor carne de todas outras animalias / ca toda he çumorenta e de sabor de lombo de vaca / As antas som tammanhas como hũu bezerro de dous annos / E andam em manadas como vacas E ho seu correr he maior que

([30]) *No pé do Fol.*: Vacas e boys fazem buracos dentro nos narizes e lançam lhes hũu freo e caualgam nelles e os carregam como a camellos / Em fim as matam e comem e todas outras animalias //

([31]) *No original*: «danta» que é um animal da Sibéria, pelo que deve ser «de anta»: «anta» ou «tapir» animal das regiões tropicais.

de hũu veado / berre como boy e tem pees e cabeça como boy / saluo que tem cornos dalgados e muy compridos de mea braça e dentro cheo de noos em alto hũu pouco pera torto e muy agudos

A coor de antas som como de asnos aluaçã / da pelle de anta fazem as melhores adargas do mundo que nenhũa lança nom passa / e valem com suas enxaraffas 10 e 20 cruzados //

cãaes brauos

Nestes desertos nom ha lyões nem onças nem alifantes / porem ha hy cãaes brauos a que os mouros chamam keleb alfaz que quer dizer cãaes ferozes E assy ho sam ca os nom podem fazer mansos por pequenos que os tomem e sam pardos de coor de lobos // Estes cães comem as eymas pequenas e qualquer outra cousa com que podem //

Fol. 80/36 v.º

Adibes

Adibes som hũas animalias em altura de rapousa / rosto muy delgado porem mais altos de pees e mais delgada / ho rabo de cam / e ladra como cãao / a sua coor he parda / e ho cabello grosso / orelhas agudas de rapousa e muy falsos / E ha tantos que nom he pera creer E andam pellos desertos sem fazer mal a nenhũu comem qualquer cousa morta quer seja carne quer peixe

Eyma avestruz

Eymas ou auestruzes pello seu corpo amtre os alarues mais som contadas por animalias que por aues ajnda que ajam penas e poem ouos A carne da eyma he muy bõa pera comer de todo como de galinha e assy tem aquelle sabor e tem enxundas como galinha / E tem as pernas cheas de tutanos e de muy boom sabor / E assy as tomam em cordas como as outras animalias / E nom voam ajnda que temham aas E correm mais que nenhũa animalia e esto por respecto das pernas ajudando se com as aas / Tem ho pescoço longo rosto redondo pernas longas e fendidas como de boy / ho lixo della he de aue e animalia Em lançando ho lixo delle da hũu sburrifar e outro lhe cae logo pera baixo como de animalia / e por ysso dizem que mija / Em tempo de seus amores / a femea se põe

no chão e ho macho açima della como aue E ho macho tem seu membro de hũu grande palmo em longo e de gordo de hũu braço de homem //

Fol. 81/37 A femea põe de hũa postura cada dia hũu ouo como galinha ata 25 e ata 30 E os põe em hũu foyo de area E pera os chocar se põe de gyolhos muy sotilmente com que se sostem cubrjndo os ouos com o corpo que se nom quebram E choca ata 30 dias que se tiram como pjntãos e ho macho lhe ajuda como qualquer outra aue E nom he verdade / que dizem que o sol em / area as choca / como do cagado / ou tartarugas E se nom fosse pellos adibes que som como cães que ha tantos seriam tantas eymas que cobreriam a terra / Os ouos de eyma som tam saborosos e tam boons de comer como de galinha / eyma como choca

Os azenegues som os caçadores de alimarias e as tomam em cordas / E trazem cãaes como lebrees que as ditas animalias filham E os alarues quando os acham com a caça lhes tomam de graça e per força / E assy ho trazem por custume E por ysso nom no ham por muyto mal / azenegues caçadores

Lagartos em estes desertos ha muytos e nom som maiores que hũu couodo e som muy boons de comer e som tam sabrosos como hũa galinha / e sam de coor pardos E som da feyçam dos outros / porem som mais largos e gordos / e nom correm como os da ca mas
Fol. 81/37 v.º andam passo / E seus dentes // som como de coelho —a saber— dous açima e dous abaixo / E quando os querem tomar Emtam buscam lhes as couas nos desertos e tapam lhas E emtam correm em pos elles os quaes se nom podem meter em suas couas / e assy os tomam e matam E os assam enteyros e o comem com muy grande delectaçam como cousa muy prezada / lagartos comem

Aues nestes desertos som sem conto / e de todas
coruos aluos feyções como da ca / tirando os coruos que os mais delles som brancos e delles som malhados /
calandras aluas Cothouias e calandras brancas e malhadas ha nestes desertos muytos /
Ha hy outra feyçam de aues propriamente como papa-
papagayos pretos gayos porem som pretas E andam em manadas como estornjnhos /
codornizes Em estes desertos ha as vezes codornizes tantas que vem juntas que pareçe cobrir ho sol
rollas E assy mesma (*sic*) rollas das quaes tomam tantas quantas querem / e as outras vam camjnho do mar onde se vam a perder ou passam pera o nosso emisperio //
Fol. 82/38 Gaffanhotos no deserto nom se sabe onde vem nem gaffanhotos
onde se mantem / E vem a tempos tantos delles que muytos dias nom vedes ho sol com elles E voam tam de rijo que se dam hũa toupada no rosto ou mão fazem dano E onde pousam nos aruoredos comem lhe toda a casca e folhas ata as rayzes de baixo do chão E som em comprido hũ dedo em longo E som de coor vermelhos e amarelhos //

No tempo que os gaffanhotos vem andam as gentes Fol. 43 (32)
a elles ao frio com ramas e derrubam delles muytos e põem os a secar ao sol e pisam nos despois secos e enchem zerõoes (33) daquelle poo e com aquello se mantem da qual comem hũa mão chea e bebe sobre ello agoa ou leyte / Os gaffanhotos que esapam vam teer ao mar e ahy se affogam ou passam pera nossas terras //

Fol. 82/38 v.º Em estes desertos ha muytos (*sic*) aruores de goma e termentina e destas mais que de nenhũas outras aruores /

(32) A. Baião: é Fol. 87 v.º.
(33) Certamente: seirões.

figueyras do jnferno

E assy ha terra nestes desertos donde nom ha outra aruore se nom figueyras do enferno muyto grandes e muyto fedorentas e tem feiçam como estas outras / porem tem fruyta pequena que fede muyto E os mouros a chamam fernaym que quer dizer do enferno / E os camelos comem a aruore com a folha e fruito /

çerejas

Outras aruores ha hy que tem as folhas como ho lymoeyro ou cydroeyro e assy aquellas pontas / E estas dam cerejas muy fremosas bicaes e nom tem coroço e sam muyto sem sabor e nom tem sabor de fruyta /

almeixas

Outras aruores ha hy proprias como aquellas porem a fruita dellas he como almeixeas brancas muy fremosas quando som maduras E som a mais amarga cousa do mundo E quando som secas e passadas no sol som doçes /

algalie fruito

Outras aruores ha hy de folha meuda como murta e da muyto fruito e he proprio como a grãa / porem he muyto doçe como se teuesse mel E nunca homem se pode fartar della por ser tam meuda E chamam lhe os mouros algalie que quer dizer pouco //

Fol. 83/39

de goma

ferrobas

As aruores de goma som grandes e tem grandes spinhos e tem as folhas estreitas e longas E a sua fruita som ferrobas muyto longas e muyto delgadas como hũa penna de pato de escreuer / E estas ferrobas naçem per toda a aruore E em hũu pee onde naçem som mais de çento dellas / E os camelos comem muyto as aruores e fruito della onde podem chegar a ella / E a goma naçe per toda a parte destas aruores como rezina E a gente da terra comem a goma noua e nom na tem em estima /

de termentina

As aruores de termentjna som grandes e maiores que as de goma e nom teem spinhas e assy estam baixas e arrastadas pello chãao como figueyras / porem som

mais grossas E som tam tenrras que hũu homem pode quebrar hũu paao tam grande e tam gordo como hũu homem / A folha desta aruore he propria como de [*em branco*] que nom da fruito / E estas aruores nom comem os camelos nem nenhũa animalia E nunca perdem as folhas / ho que nom fazem todas as outras aruores daquella terra / E nom tem fruita nenhũa / E a termentina naçe propriamente como a goma se nom que he muyto mais que a goma / E algũu // tanto corredia e dourada E nom ha tem em conta soomente a elles e suas animalias se som feridos queymam lhes as feridas com ella /

Fol. 83/39 v.º

feridas queymam com termentina

xabam de corticas de aruores

Ha nestes desertos outras aruores como de goma / E destes fazem ho xabam / desta maneyra —a saber— tyram lhe a codea e aquella pisada / nom ha tal xabam no mundo pera todas as cousas lauarem com ella /

Todas estas aruores som debaixo do chão maiores que em cima da terra / E esto pellos camelos e outras animalias que sempre as roem e comem /E tambem a area que se muda e quebra os ramos / E tambem o sol quente que nom leixa creçer a aruore pera cima

herua em chovendo logo naçe

Herua neste deserto nom ha algũa saluo quando choue / E nom choue se nom com trouoadas / E logo em aquelle dia que choue começa a naçer herua e outro dia se faz alta / assy que em çinco dias homem nom pode romper com herua / e nom dura hũu mes e logo da grãa e se seca / e naçe da feiçam de esparte e nom no he

heruas todas spinhosas

Todas as heruas que naçem em aquelles desertos tem espinhas (*sic*) / e assy que se nom acha herua que nom tem espinhos / E a folha de toda aquella herua he como de trigo e muy aspera //

Fol. 84/40

Naçe hũa herua ancha estirada pello chão a qual tem fruita de tres pontas / e tambem a ha em Por-

tugal pellas terras de area e esta comem la muyto os camelos /

sparto

Todos estes desertos som cheos de sparto —a saber— hũa mouta aca outra ala e moutas grandes / Este sparto he muy grande e muyto maior que ho sparto de aca /

melões amaros

Outrosy em muytas partes do deserto ha terra onde nom ha aruores se nom muy poucas / Em esta terra nom ha se nom melõoes montesinhos e tam cheos que homem anda jornadas per elles como se fossem semeados E assy amarelhos e muy fremosos porem non tem cheyro E som mais amara cousa do mundo / contudo as animalias brauas nom leixem de comer dellos //

melões doces que em Egypto batech / frios

Da mesma feyçam destes ha hy outros melões e som pera comer / E taes ha no Egypto a que chamam batech / E nom tem sabor de melam nem pepino / nem de abobara / E tem sabor muyto frio E quanto maior calma / e elles estarem aa calma / som muyto mais
Fol. 84/40 v.º frios E comem nos os mouros pera // matarem a sede / Ca se meterdes della hũu bocado na boca creçe vos tanta agoa que he pera nom creer / E som muyto cheos de dentro E as peujdas negras / E destas heruas as animalias dos ditos desertos se mantem E ho vento continuadamente cobre hũas dellas com area e descobre outras //

tormenta na area como no mar

Em os tempos das tormentas do vento pellos desertos que he no feuereyro março abril e mayo / todas as animalias se saem destes desertos e se acolhem pera a parte de Guynee e a outras partes onde seguramente podem andar estes meses / e esto pello instinto de Deus E esso mesmo fazem os alarues /
E as vezes aconteçe que nestes meses venta muy pouco / e nom leixa em outros meses de ventar / Emtam cobre muyta gente e animalias que assy mata o dito vento e tormenta /

nom tem momja Em estes desertos nom sabem se aproueitar da gente seca morta na area em momja como no Egypto //

Fol. 85/41

Tambucutu ci[dade]

Esta çidade he cercada de taypa por temor dos negros beçudos que as vezes lhe fazem guerra / E tractam com estes negros em sal e ouro desta maneyra —a saber— Os mouros desta cidade põem fora dos muros montes de sal no campo segundo sua ordenança os dias de feyras as portas da cidade fechadas / E vem os negros e leuam quantos montes daquelles querem E em lugar de cada monte leixam certo peso de ouro segundo ja por ello he taxado e se vam seu camjnho /

Os mouros desta çidade vem em seus camelos com seguro dos alarbes as 300 legoas ata Arguym com aquelle oro e compram dos christãos aquello que lhes he necessario / E assi mesmo compram do[s] alarbes camellos muytos ou pouco segundo o oro que trazem / E vam se aos azenegues pescadores e peitam nos que lhes descubram o sal que jaz escondido debaixo da area

Este sal se faz nesta costa desta maneyra / Nos envernos quando ho mar anda brauo passa seus termos e va por algũas (*sic*) baixos ou valles onde faz algũas alagoas e fica alli aquella agoa salgada morta E despois como tem o sol sobre seu zenith duas vezes no anno faz grandissima quentura com a qual aquella agoa se torna em sal / E porque toda a terra nom he se nom area ho vento ha lança de hũu cabo pera outro onde aconteçe de cobrir aquelle sal E estes pescadores azenegues sabem no tudo e ho descobrem a estes de Tambu-

Fol. 85/41 v.º cutu // por muy bõa peita / ou lhes vendem por aquelle ouro que consigo trazem / per onde os outros carregam suas bestas e camelos que dos alarbes comprarom / e o ouro fica em poder destes alarbes e pescadores que despois leuam a Arguym e compram dos christãos ho que ham mester / E este sal cortam

em lagees e fazem que duas lageens fazem hũa carrega de camello que assi leuam pera Tambucutu /

E se lhes falleçe agoa pello deserto matam algũus
fol'. 28(34) camelos e acham sua agoa no bucho como se dixe e a bebem e a carne comem / E assy quando chegam a sua terra comem os ditos camelos e nom guardam delles se nom aquelles que podem tornar pera comprar outros /

E assy tambem vendem estes pescadores este sal a carrega per hũu mitical

Fol. 86/42 Azenegues schirmeyros ou pescadores porque pagam aos christãos o quinto he pella agoa que lhes dam em a ylha de Arguym E por serem amparados dos christãos porque som muyto sogeitos aos alarbes porque lhes comem o que lhes acham e lhe dormem com as molheres e filhas em suas proprias casas enquanto querem pousar ally / E lhes leixam qualquer criado ou escrauo ou besta que lhe curem ata sua tornada a sua custa do pescador / E se o nom fazem matam no a pancadas nem ousam de andar pello sartão E por ysso amtes folgam de dar o quinto aos christãos de quanto pescam e assi todo o peixe de coyro que elles podem trazer / e o que nom podem trazar leixam no em terra que os christãos vayam por elle / E mais todos estes dam dous pescadores que cada dia pescam pera a mesa do capitam do castello e esto reuezam elles antre sy por sortes E a estes da o capitam duas ou tres costas de biscoyto ou com hũa pouca de agoa e mel / ou hũa pouca de farinha pera comer aquelle jantar ou cea / E tem sua fonte apropriado pera elles e leuam sua agoa em odres cheos de cabellos e pera cortir / porque nom tem louça

(34) A. Baião: é Fol. 71.

As redes com que pescam estes azenegues schirmeyros som de fiado de rayzes de aruores —a saber— da casca que tiram e batem e curam no bem e fazem fiado delle / Estas redes seram de largura de braça e de comprido de cinco ou seys braças E apanham nas todas em hũu pao agudo dambollos cabos tammanho como hũu bordom.

este pao chamam em Guynee manguj

Fol. 86/42 v.º As boyas della de pedaços de pao de figueyra // do jnferno furadas /

As chumbadas de bolas de barro amassado cuzidos em a boralha e furados /
Pescam / andando dous e dous e cada hũu traz sua rede apanhada em seu pao como dixe E querendo pescar cosem as redes ambas E como veem o peixe / vaa se cada hũu per seu cabo leixando cayr passo e passo do pao em meo delles ata callar em terra ou se tornar ajuntar / E isto na agoa baixa onde a agoa chegua ata gyolho E esto em tempo da mor calma do dia / porque segundo a quentura do sol ho peixe anda bebodo com quentura da agoa / E em as mãos direitas trazem seus dardos que como peixe salta por cima da rede no aar o tomam com dardos E assi fazem a sua pescaria / Nom curam do peixe de coyro porque o nom comem porque sua ley lhes deffende / ou os leuam aos christãos /
Secam algũu pouco de peixe que vendem ao alarbes

Os seus batees he çinco paos de figueyra de inferno secos —a saber— hũu de braça e mea em longo E assi os dous em cada ylarga de dous palmos menos E estes tres sam atados com linhas das ditas redes / e ficam de tras todos tres ygoaes e adiante sae o da metade mais que he mais comprido / Emtam atam outros dous paos de 6 palmos das ilargas todas apartados / No meo destes paos põem suas redes ou molher e filhos ou qualquer cousa que querem leuar E elle de tras assentado em aquelles tres que mais saem com as pernas de dentro pera o mais largo

Fol. 87/43 E em cada // mão traz hũa tauolleta de palmo e meo de comprido / e meo palmo em largo com que remam E os que andam na barca andam em agoa ata cima de gyolhos e assy andam e nom se affogam E desta maneyra atrauessam qualquer golffo daquelles parçees xij legoas E tambem correm assi toda costa / E como som em terra logo sua barca poem ao sol pera enxugar pera ser mais leue E quando algũu delles tem hũa destas barcas e hũa rede se conta por rico /

Breo e stopa nunca o virom /

Do pao daquelles rayzes de que fazem as redes fazem astas de lanças e de azagaias com que pelejam todos daquella terra / saluo as armas que ham de Guynee que som azagaias grandes e agomias de ferro morto / ca os ferros daquelles (*sic*) lanças e azagaias nom som mais grandes que hũa polegada

Casam em quanto lhe vem bem / E quando ambos —a saber— marido e molher nom querem fazer vida juntos a molher toma outro marido / e o marido outra molher / E os filhos ficam com o marido /

Som grandes feyticeyros E fazem seus feitiços com riscos em area //

Fol. 87/43 v.º (35) maffometanos Em esta terra ha outra geeraçam que chamam barbaros e som mais baços e viuem em serras e viuem como lauradores porem todo he pouca cousa / porque aqui os alarbes e azenegues nom lauram /

Tem hũa ordenaçam amtre todos que certo tempo do anno vam a hũas serras onde hay palmeyras brauas e alli apanham cada hũu a mais tamaras que pode

(35) *No pé do Fol.*: Viuem os que contratam com alarues de datiles ceuada e leyte de camelas e tem milho dos negros e comem pouco e nom fazem prouisam algũa //

e as passam e secam e as gardam por suas prouisões per todo o anno Esta tamara nom he bõa /

fol.ª 38([36]) Esta terra he chea de gaffanhota ou locusta E quando ha hy grandes fames e esto quando nom faz trouoadas e chuyuas pera pasçerem gados apanham desta gaffanhota muyta e as secam saccos cheos e os comem E tambem fazem farinha della e som de meo palmo em longo /

Por festa matam qualquer res pera comer E quando cheguam a costa do mar compram do peixe seco e tassalhos de tartaruga e do seu azeite que leuam
azenegues pera suas tendas E com ysto alcançam os azenegues algũu ouro e pelles pera terem agoa e pera cobrirem suas vergonhas

Os azenegues som tam miseros que nom querem trabalhar a pescar que podessem farto vender pera auer boom repayro de vestidos e outras cousas Exempro Conheçi hũu azenegue que foy tomado em pequeno e criado e christão em Portugal 24 annos e fugio e foy ter a sua terra e viue assi desnudo e desauenturado pobre e muyto mais que os outros porque nom sabe trabalhar e viue de esmolla dos outros onde bem podera viuer melhor e ter boons vestidos porem a natureza ho nom leixou //

Fol. 88/44 Trouoadas secas ha neste deserto que vem de pedras e vento e area a mais fea cousa do mundo que pareçe que arde o mar e a terra em lingoas de fogo / E causa segundo os terretorios e os baueyros do çeo que pareçem verdes amarelhos vermelhos azuis etc. E esto tudo dura hũa hora ou duas / E algũas vezes lançam poucas gotas de agoa tam grandes como de noz e ralas

([36]) A. Baião: É Fol. 87.

E outras vezes vem estas trouoadas secas com muytas gaffanhotas que cobrem a terra e o mar e o mar lança delles fora montes grandes que as vezes causam grandissimos fedores E assy os azenegues as colhem e secam e comem como se dixe E pello aar cubrem os çeos e tolhem a vista do sol E as vezes vem estas gaffanhotas verdes com outras trouoadas vem roxas com outras pardas segundo a terra donde ellas vem / E estes vem tam famjntos que comem paos e quanto acham

E asi vem outras trouoadas secas que vem com jnfijndos paixarinhos E outras de rollas e outras de codornizes e outras de popas E as vezes trazem hũas aues pintadas fremosas com pees verdes e som de paues / E todas estas aues vem em tanta multidom como as gaffanhotas E as vezes passam o mar e as vezes em chegando ao mar caem delles em terra e delles no mar e matam nas a paaos E esto tambem em Arguym como em qualquer outra parte desta costa //

Fol. 88/44 v.º E se homem quer hyr a longo da costa pera Guynee per cima destes baixos como se disse vam esteyros de 7 e 8 braças em alto e nom andam se nom com maree / naujos atee 70 tonees e vam 25 ou 26 legoas onde esta outro resgate que se chama Anterote / porque aqui chegam mais daquella gente / E aqui se acabam os mouros brancos E tem o resgate alli como em Arguym em seus nauios / porque nom ha hy lugar nem castello nem nada /

Amtre Arguym e Anterote jazem

Ryo de Sam Joham

Ponta de Sam Joham

Ponta de Toffia

Angra de Sancta Anna //

Fol. 89/45 Anno de 1446 Nuno Tristam criado do Jffante dom Anrrique foy o primeyro que descobrio a terra dos negros e os vio porem nom pode chegar a terra com tormenta E se tornou pera as ylhas de Arguym e dhy a Portugal.

Neste anno Deniz Diaz criado do dito Jffante hindo por capitam de hũa carauella foy teer a terra dos negros nom diz a cronica onde e filhou quatro negros em hũa almadia que forom os primeyros negros que vierom a Portugal per a costa de Ethiopia /

Daqui seguyo auante ata que chegou a hũu grande cabo ao qual pos nome Cabo Verde do qual despois escreueremos. Cabo Verde

A gente desta terra chamam guyneus que quer dizer como negros E por esso os portugueses poserom nome a toda esta terra Guynee //

Fol. 89/45 v.º: *em branco*

Fol. 90/46(37) Anno de 1447 10 djas de agosto Lançarote sayo de Lagos com 14 carauellas por capitam moor per mandado do senhor Jffante / E assi sayrom de Lixboa e ilha de Madeyra 12 e hũa fusta e forom aas ilhas de Arguym onde fezerom suas presas com que as carauellas pequenas tornarom a Portugal E Lançarote com as outras foy em busca do ryo Nylo / Ca o Jffante

(37) *No pé do Fol.*: ho primeiro ryo dos negros que parte os azenegues com seu deserto e terra steril arida e seca / da terra fertil que he dos negros e cousa milagrosa que de hũa banda do ryo serem homens bassos sobre brancos pequenos e secos e doutra banda de todo negros e homens grandes e terra verde e chea de aruoredos //.

lhes dissera que alem das aruores descobertas de Deniz Dias 20 legoas achariam hũu ryo grande porque assi o soubera dos azenegues catiuos o qual ryo chama Çanaga

Çanaga rio fl'.

Hyndo assi auante acharom o mar barrento e sondarom e acharom agoa doçe de que todos beberom E seendo junto com a foz lançarom ancoras E hindo em hũu batel virom hũa choça onde tomarom hũu negrinho / E acharom hũa moça de dentro / e hũa darga redonda de orelha de alifante /

a costa de Arguym atee Çanaga se chama Antarote /

A este moço fez o Jffante dom Anrique aprender letras pera crerigo pera o mandar la pera preegar a ffe de Christo /

Çanaga ryo departe os azenegues moros da prouincia de Geloffa que se começa doutra banda /

E porque o Cabo Verde que he mais longe e foy ante achado que este ryo foy porque Denis Diaz nom seguio a costa e foy dar no cabo / do mar //

Fol. 90/46 v.º (38) Este ryo de Çanaga he grande —a saber— largura de mea legoa e mais

Emtram per este ryo acima çem legoas e emtam acham hũa serra ou pedra muy alta de donde cae aquelle ryo / E alem desta serra vem o ryo de tam longe que os negros nom sabem razom delle dizem algũus que va teer a Tambucutu e alem delle pello qual se presume que seja braço do Nylo /

Neste ryo resgatam oro porem pouco e muytos escrauos negros

(38) *No pé do Fol.*: Som tam grandes nadadores que passam o ryo a nado Nem tem nem teuerom nauios se nom almadias batees longos cauados de hũu paao //

Ho reyno de Gyloffa se estende desde este ryo e chegua ata o ryo de Gambia que se chama tambem Cantor / ajnda que ha outras geerações aqui como barbacijs e tucurooes etc. porem todos som gyloffos

Esta terra he muyto viçosa de heruas e aruores

Na entrada deste ryo esta elrey que se chama elrey de Gyloffa E he sonhor de viij(39) de cauallo dos quaes cauallos nom naçem nesta prouincia se nom muy poucos / os outros trazem os christãos e mouros do sartão
tem homens em dignidades como maneyra de duques e condes etc. E tem muyta gente a seu mandar

Este rey e seu pouoo tem muytas almadias que som barcas fectas de hũu madeyro
Este Rey he muy poderoso como elrey de Marmelle /

Fol. 91/47 Elrey e todos seus fidalgos e senhores desta prouincia de Giloffa som maffometanos E tem seus bischerijns brancos que som clerigos e pregadores de Maffoma os quaes sabem espreuer e leer

azenegues ou alarues

Estes bisserijns vem de longe do sartão como do regno de Fez ou de Marrocos e vem a conuerter estes regnos aa sua ffe com suas pregações /

Estes bisserijns fazem nomeas em mourisco e os lançam aos negros ao poscoço / e assy aos seus cauallos

Quando os christãos pera la leuam cauallos que elrey ou grande senhor comprou ou ha de comprar traz consigo hũu daquelles bisserijns ho qual ante da

(39) 8.000.

entregua do cauallo esta alli e espreue em hũa tauoa suas bençõeS E despois trazem hũa gamella de agoa e elle laua ahy aquella tauoa daquellas letras e da aquella agoa a beber ao cauallo E emtam ho leua seu senhor

14 cabeças de escrauos e 15 dauam por hũu cauallo / anno 1455

A gente ou pouoo meudo delles creem em Maffoma porem os mais delles som ydolatras com todo todos desta prouincia som circunçidados como mouros //

Fol. 91/47 v.º Os ydolatras em Gyloffa / tomam hũa panella de barro velha E lançam nella sangue de galinha e pennas e agoa çuja e heruas çertas como de feitiços e a cubrem e põem a dita panella amtre portas em hũa casinha feita de palha e coberta E em derrador muyta farinha de arroz e outras cousas E alli fazem cada manhãa sua oraçam e cerimonias /

Em esta terra e em Mandinga ha judeus e chamam os Gaul e som negros como a gente da terra porem nom tem synagogas nem vsam de cerimonias dos outros judeus / E nom viuem com os outros negros se nom apartados sobre sy em suas aldeas /
Estes gaul comummente som chocareyros e tangedores de aviola (*sic*) e de tabacos e cantadores /
E porque nom ousam entrar no lugar põem se tras das casas do senhor da aldea e lhe cantam seus louuores nas madrugadas ata que lhes manda dar hũa raçam de milho emtam se partem dhy /
E quando o senhor sae de sua casa emtam os judeus saem diante delle cantando e bradando suas chocarerias //

Fol. 92/48 E se os judeus nom soubessem esta chocararia e nom fizessem aquellas festas ao senhor nom caberiam amtre os negros tam grande mal os querem e assi som muyto emperrados dos negros Nem ousam entrar em algũa casa delles saluo do senhor nem tam soomente se os acham em aldea lhes dam pancadas

Nenhũu gaul —a saber— judeo nem judia nom pode tomar agoa em nenhũa fonte e ha de estar alli ata todos os outros acabam de tomar agoa / Emtam ho derradeyro lhe da agoa / Ou se viuem em terra de muytas agoas teem algũa fonte sobre sy apartada /

Os senhores de Gyloffa tem tantas molheres quantas pode manteer —a saber— desta maneyra / porque ha delles que tem quatro ou çinco ou mais quintãas E elle anda sempre em a corte / E em cada destas quintãas tem hũa molher com seus filhos e escrauos que lhes seruem / E assi tal senhor va estar com hũa das molheres hũu mes / e com outra outra outro mes ou mais E emtam torna pera a corte /

Os escrauos desta terra seruem e ganham pera seus senhores seys dias E ho seteno ganam pera sy do que se ha de manteer os seys dias //

Fol. 92/48 v.º E quando algũu destes senhores ha de hyr a guerra manda matar vacas —a saber— tres ou quatro ou mais segundo a calidade delle E aquellas vacas fazem em postas as quaes postas lançam pello camjnho per onde o senhor ha dhy[r] a guerra / E ho dito senhor com toda sua gente passa per cyma destas postas de carne / E aquella carne nom come nenguem e a leixam aas aues e animalias /

E quando vam a guerra leuam cada hũu x e xv ou xx azagayas na mão porque som pequenas e delgadas com seu ferro pequeno /

Tem arcos porem poucos delles de pao delles de cana e a corda de cana
Suas frechas de cana maçiça e no cabo hũu pao agudo tostado no fogo e cheo de erua
E outras frechas tem ferro e tambem em eruadas (*sic*) porem as de paos som mais peçonhentas

Trazem adargas redondas e grandes de coyro em cabello e nom laurado de hũas animalias que elles chamam sygas

Tambem trazem adargas tessidas com vergas como coberto de çesto e esta cobrem com pelle ou coyro de buffaro //

Fol. 93/49(40) Em esta terra tem muy pouco ferro e o mais dello vem da prouincia de Mandinga E val muyto antre elles.

Casas delles som chopanas mezquinhas e pequenas fectas de madeyra e cubertas de feno seco

Os senhores grandes de Gyloffa andam bem vestido de boons pannos de marlotas / Estes pannos leuam la os christãos por mar E tambem os mouros por terra firme / — vestidos

A gente meuda anda vestida em camisas de algodom que lhes chegam ata gyolhos e as mangas ata os cotouellos / — os proues nuus com braga de pelle de cabra

E trazem todos bragas ou calças braguas de algodom muyto largas —a saber— de quatro couodos em largo e curtos ata gyolhos e quanto mais largos esto tem por mais fremoso e galante

As molheres dos senhores em suas casas andam com hũu panno de algodom em derrador do cuu e çinta que lhes cobre ata gyolho / porem em sayndo da casa tomam outro panno com que cobrem o corpo dos ombros pera baixo /

---

(40) *No pé do Fol.*: todos andam descalços machos e femeas e suas cabeças descubertas saluo algũus homens que trazem carapuças de algodom com orelhas
Dos seus cabellos fazem mil maneyras pera os fazerem longos //.

E assy andam as outras molheres saluo que as molheres dos senhores trazem seus pannos e vestidos mais finas //

Fol. 93/49 v.º Comem carnes de todas animalias —a saber— vacas cabras ouelhas alifantes sigas etc.

Vacas tem muytas e som assi como nossas porem som pequenas e pretas ou brancas ou malhadas e poucas vezes rossa

Cabras muytas

Ovelhas poucas e nom tem lãa como as nossas se nom lisas como cabras /
gamas
lebres
galinhas muytas da nossa feyçam E tambem galinhas que chamamos de Guynee

Siga animal he tammanho como ceruo e assi a sua feyçam / porem tem os cornos como boy muy entrecauados de que comem a carne e da pelle ou coyro fazem os negros adargas /

Aliffantes ha porem poucos e som saluagens

Buffaros muytos

Gatas de algalia porem poucas //

Fol. 94/50 Comem do arroz que tem pouco

Milho zaburro tem muyto

Cuscus he ho seu principal comer que fazem do milho zaburro —a saber— pisam no em hũu morteyro de pao que tem pera ysso e despois ho secam

Em esta terra tem muy pouco ferro e o mais delle vem
da parte de Madinga e val muyto antre elles.

Casas delles som esquadras mezquinhas e pe
quenas feitas de madeyra e cubertas de fe
no

Os senhores grandes de Gyloffa andam bem vestidos
vestidos de boos panos de marlotas e estes
panos levam la os genoeses por mar e tambem
os mouros por terra firme.

A gente meuda anda vestida em camisas
dalgodom que lhes chegam ata os giolhos e as man
gas ata os cotovellos

Os pees nuus sem bragas de pelle de cabra

E trazem todos bragas ou calças bragas
dalgodom muyto largas s. de quatro covados e
largas e curtas ata os giolhos e quanto mais
largas esto teem por mais fremoso e galante

As molheres dos senhores em suas casas andam
com hum pano dalgodom cercado do cor
po e outro que lhes cobre ata os giolhos porem
em saindo da casa tomam outro pano com que
cobrem o corpo dos ombros pera baixo.

E assy andam as outras molheres salvo que
as molheres dos senhores trazem seus panos
e vestidos mais finos

todos andam descalços e todos pretos e suas cabeças descubertas
salvo alguns homens que trazem carapuças dalgodom e as molheres
os seus cabellos fazem mil maneiras pera os fazerem longos

Feysões como da ca e muy grandes

Tem animalias siluestres —a saber— lyões onças leopardos em grande quantidade

papagayos verdes e lhes querem os negros mal porque lhes fazem dano na lauoyra //

Fol. 94/50 v.º Os que viuem junto com o mar som grandes pescadores E andam em almadias duas ou tres legoas no mar pera pescar /

Pescam desta maneyra —a saber— fazem hũa rede de tamissa —a saber— hũa corda de folhas de palmas e daquella fazem hũa rede fecta a maneyra de hũa bolsa grande de molheres que se abre e çarra / E despois no meo desta rede poem hũu pao em cruz / e em aquelle pao sua ysca e no meo hũa pedra grande por peso
A rede tem em largo duas braças mais ou menos / E despois lançam a rede assi aberta em 80 mais ou menos braços em hũa corda de tamissa / E quando sentem peixe em baixo comer na ysca tyram pella tamissa e se çarra a rede com os peixes dentro / e tyram arriba / e desta maneyra matam muyto pescado /
Outros trazem arpões em almadias E tambem esses outros que matam peixe como taynhas dourados etc. que andam açima de agoa //

Fol. 95/51 Os gyloffos som grandes bebados e folgam muyto com nosso vinho quando ho podem auer E bebem vinho de palma / e vinho de mel de abelhas / e vinho de milho

Vinho de mel fazem assi / Tomam o mel com sua cera / e entam tomam agoa —a saber— tres terços / vinho de mel

e delinham (*sic*)([41]) aquella mel em aquella agoa / e deytam na em panellas ou cabaças grandes / e çarram nos muy bem as suas bocas / E deixam os estar por dias / porem cada dia as leuam ao sol / E assi ferue com quentura do sol / E despois que passa xij ou xv dias abrem aquella panella e tyram lhe a çera que se veo toda açyma / E aquelle vinho bebem e sabe muy bem porque / ha algũus que ho sabem fazer muy bem porque / nesta terra naçe muyto mel / e tem muytas abelhas

abelhas

Vinho de milho fazem desta maneyra / Tomam o milho e pisam no muy bem pisado e fazem farinha dello / E a esta farinha deytam agoa quente que ferue / Emtam coam no per hũu pano de palma fecto pera aquello / E aquella agoa deitam em panellas e a deixam cozer por certos dias / E este vinho quanto mais velho tanto melhor / E deste vinho ha mais que de nenhũu outro //

vinho de milho

Fol. 95/51 v.º vinho de palmeyra

Vinho de palma fazem assi / Nos ramos da palmeyra buscam onde ella lança filhos de nouo / emtam cortam os ramos e buscam os filhos e furam desta maneyra / Quando acham o dito filho que he fecto da arte como as dos palmitas (*sic*) de Castella que por tempo se fazem em ramos E fazem hũu furo em çyma de maneyra que deixem duas terças em baixo por o pee E alli põoem hũu cabaço com buraco pequeno que soomente tapa ho buraco e atam na com cordas pequenas porque estee sempre muy bem atado de maneyra que ho çumo nom pode sayr por de fora se nom por dentro do cabaz / E o çumo sae daquelle filho pera o cabaz e se destilla assi por dia mea canada ou tres quartilhos a mais / E he visitada pella manhãa e a noyte E de cada vez que ho visitem cortam o buraco mais pera baixo e poem ally o cabaz tanto

([41]) diluem.

atee que chegua ao pee / porque emtam nom tem mais que destillar E assi aquelle stilar daquelle filho dura xv ou xx dias / E este vinho pello primeyro quando abrem aquelle filho he muyto doçe / E dy auante nom he tam boom E se faz / cada vez mais contra sabor de vinagre E este vinho nom se tem mais que de hũu dia pera outro ca despois se faz muyto azedo //

Fol. 96/52

azeite de palmeyra

Outras palmeyras ha nesta terra grandes como as de Espanha / E esta grande da hũu fruito em hũu cacho pegada / muyto junto tam grande como cabeça e mor da feyçam de pinho Este fruito apanham quando he maduro E emtam quebram os com hũu machado e tyram o fruito que he de dentro que he feyto como amendoas e cozem no E despois que he cozido pisam nos em hũus pisãaos grandes E tomam no despois e deytam no em hũa panella de agoa e deixam no feruer muyto E assi o azeyte se aparta sobre a agoa / e tiram dalli aquelle azeite e a agoa fica / E assi guardam aquelle azeite e se aproueitam delle Este azeite he vermelho e cheyra muy bem / E este tal fruito tem dentro hũu coroço muyto duro ho qual com seu pisar nom quebram senom despois de cozido /

Despois desta fruita cozida e ho azeite tirado ficam hũus coroços como de pessico e quebram no e tiram de dentro a carne e comem na como a ca pynhões porem nom ha comem se nom mascam no e chucham o çumo delle e ho al lançam fora /
Em outras partes pisam aquella carne daquelles coroços e cozem no assi como o outro e fazem delles azeite branco com que se vntam / E acham aqueste vntar por sãao / E muytos gyloffos se vntam com mantega de vacas porem todos se lauam primeyro //

Fol. 96/52 v.º

Os homens ou mercadores de Gyloffa pouco husam de mercadoria saluo que som grandes ladrões / E furtam tanto a seus amjgos como emmjgos / e nom mantem verdade algũa se nom quanto elle quer /

Os mercadores portugueses resgatam nesta terra muytos coyros de vacas e doutras animalias e muytos escrauos / ouro pouco

E leuam pera la alquiçees bedeens panno vermelho e azul E cauallos /

Quando quer que as carauellas dos christãos vem e algũu senhor quer cauallos comprar logo ho dito senhor salta em a primeyra aldea que acha tanto monta de amjgos como de emmjgos E apanha homens e molheres quanto lhe abasta pera aquella vez e quanto pode escapar E nom mercam tanto os cauallos pera a guerra como por honrra / Aynda que ho cauallo seja doente e ajnda que outro dia saybam que ha de morrer nom no leixam de comprar porque todos aguardam os rabos delles e os tem pendurados em suas casas E quando vam a algũa festa leuam os ditos rabos suas molheres em as mãos por dizer que seu marido tem tirado tantos cauallos //

Fol. 97/53(42) A gente gyloffa se ajunta ou comarca com elles hũa naçam que se chamam tucurooes e declinam hũu pouco a aluura E he grandissima multidam delles /

Aqui naçe algodom e as molheres fiam e fazem pannos de dous palmos em largo e nom sabem mais / e estes cosem juntos pera os fazerem largos pera camisas etc.

Os homens desta terra fazem muytos seruiços feminis como fiar e lauar roupa etc.

E som muy limpos de seus corpos ca se lauam de todo cada dia 4 ou 5 vezes e no seu viuer(43) som muyto çujos / todos homens e molheres /

(42) A. Baião: O Ms. tem colado um pedaço de papel, atravessado entre os Fols. 97 v.º e 98, que tem escrito do lado esquerdo: «do ryo Çanaga ata Cabo Verde 25 legoas»; e do lado direito: «do mujto seruj[dor], o que assim é.

(43) *Riscado*: comer.

Homens de muytas palauras sem verdade algũa burlões enganadores / E doutra parte som caritatiuos e dam gasalhado do que tem sem interesse //

Fol. 97/53 v.º: *em branco.*

Fol. 98/54 Cabo verde foy achado no anno de 1446 por Denys Diaz criado do Jffante / porem com vento muyto nom foy a terra e tornou a Portugal pello qual ho anno seguinte forom pera Arguym 26 nauios e hũa fusta das quaes Lançarote foy o capitam mor E forom de Arguym algũas carauellas que tornarom pera Portugal E Lançarote com as outras chegou ao Cabo Verde /

Em fronte do Cabo Verde acharom hũ ylheo despouorado de gente mas era pouorado com muytas cabras que tomarom por seu refresco e assi tomarom agoa e forom ata outro ilheo /

Ata este ilheo primeyro chegou Denis Diaz anno passado e nom mais /
Virom em terra tantos negros que nom poderom sayr de dia nem de noyte /

Gomez Pirez capitam de hũa carauella foy no seu batel pera terra E pos em terra hũu bolo e hũu espelho e hũa folha de papel na qual debuxou hũa cruz / E os negros despois de outros hidos chegarom e quebrarom o bolo e lançarom no a longe / E com azagaias tirarom ao espelho ata que o fizerom em pedaços / e romperom o papel / E Gomez Piriz lhes mandou tirar com bestas / e os negros lhes mandarom o retorno com frechas heruadas e azagaias

E com esto se tornarom pera Arguym fazer suas presas e dhy a Portugal //

Fol. 98/54 v.º Este Cabo Verde tem tres ilheos defronte de sy Em especial dous de muytas aues e muyto marisco cheas (*sic*) de aruores verdes
Hũu destes ilheos he maior que chamam ilha de Palma / E tem hũa ygreja de pedra em sos cuberta de palha / a qual fez a gente que foy com Diogo de Asambuje quando forom fazer o castello de Sam Jorge em a Mjna /
Nesta ygreja jazem soterrados muytos christãos que se finauam pello resgate desta costa e os vinham a soterrar a este ylheo por amor desta ygreja /
Tem este ilheo de Palma muytas aruores grossas de 120 palmos em redondo e muy altas as quaes chamam cabaceyras por portugues porque seu fruito pareçe com abobaras pequenas E dentro tem myolho muyto branco e hũas piuidas mesturado com elle
Quando som maduros som boons de comer
Ho meolho de dentro he azedo hũu pouco muyto boom pera a corrença / porque qualquer homem que anda com corrença e lhe dam logo estanca /
Criam se nesta ilha aues sem conto —a saber— aues que viuem de pescaria /
Em esta ilha ha hũa fonte de agoa que da muy pouca agoa E esta da banda do sudueste //

Fol. 99/55 Este Cabo Verde se chama assi porque quando o acharom ho vyrom verde e assi o acharom inverno e verão sempre verde yberno como y (*sic*) verão / e cheo de aruores que todo o anno nom perdem folha E he cabo fremoso e alto de terra / E em çima da ponta faz dous montes pequenos e mete se muyto fora ao mar / E no dito cabo e derrador delle ha muytas pouorações de negros com casas de palha

Ilhas do Cabo Verde

Deste Cabo Verde no mar oceano contra occidente jazem as ilhas que se chamam ilhas do Cabo Verde / Aynda que ellas nom sejam verdes / porem tomam ho nome deste cabo que he sempre verde / das quaes ilhas se dira no quaderno das ilhas do mar oceano /

A costa alem do cabo he toda baixa e chea de fremosas aruores e grandes que nunca perdem a folha / costa delectauel e tem muytos ryos pequenos que nom entram nauios / feyto como golffo e todo pouorado

A terra dos Sereos he junto com Bezeguiche que husam de frechas por armas //

Fol. 99/55 v.º: *em branco*

Fol. 100/56 (44) Anno de 1448 Aluaro Fernandez criado e com nauio de Joham Gonçaluez Zarco que despois foy capitam do Funchall da ylha da Madeyra chegou ao Cabo Verde / E porque os negros atentarom de lhe tomar a carauella foy adiante E chegou a hũu cabo onde via muytas palmeyras secas sem rama E poserom nome aquelle cabo / ho Cabo dos Mastos onde nom fizerom cousa algũa se nom acharom frechas e arcos e carne assada de porco montes de quatro negros que lhes fugirom E tornarom a ylha de Madeyra / Cabo dos Mastos

Neste Cabo do Mastos esta hũu padrom onde parte a terra do que he propria do mestrado de Christus e he estremo —a saber— deste Cabo dos Mastos ata o ryo do Ouro he tudo do mestrado de Christus / E dhy auante he del rey Porem de toda Guynee se paga a vintena ao dito mestrado //

Fol. 100/56 v.º: *em branco.*

Fol. 101 Antre o Cabo Verde e o ryo de Gambia

Esta costa he muy graciosa e estes duas nações —a saber— sereos e barbacijns nom sam sogeytos a elrey

(44) A. Baião: nota: «Entre os Fols. 100v.º e 102 está uma folha de papel, estreito e longo, atravessado, que constitui o Fol. 101. Este papel tem mais um bocado, para cima, com estas palavras: «Do Cabo Verde ata / o Cabo dos Mastos / som 8 logoas //. Verifiquei que o «bocado» de papel está colado, e o Fol. tem 34 cms. × 10 cms.

de Çanagaa nem tem rey nem senhor proprio / honrram mais hũu que outro segundo as calidades e condiçam dos homens antre sy / E nom querem consentir senhor por lhes nom vender molheres e filhos como em outras terra[s] e pera nom terem sogeyçam como em outros lugares de negros /
Estes som grandes ydolatras e nom tem ley algũa e som homens muyto cruees e vsam arcos com frechas de peçonha / onde tal frecha se omem ferir e fizer sangue logo homem morre
Som homens muyto negros e dispostos de corpo
Sua terra he chea de matos e aruoredos e chea de ribeyras / e agoa E por yso estam fortes porque sua terra nom tem entrada se nom per passos estreytos
E nom tem algũu senhor derrador de sy
Elrey de Çanaga muytas vezes acometeo de entrar nesta terra querendo a sojugar e sempre foy vençido delles /

1455 foy descuberto o ryo dos Barbacijns

E dy chegarom a boca de outro ryo
mandarom hũu negro trusimam fora e hos da terra ho matarom em a praya cruelmente
Estes trusimanes que sabem falar portugues delles som catiuos e delles forros alem do seu soldo tem auantagem de resgatar hũu esprauo ou espraua e trazer no nauio /

1455 E dy forom a longo de costa que he baixa e chea de aruores e muy prazenteyra ate o ryo de Gambia que descobrirom que tem em largo hũa legoa //

Fol. 101 v.º: *em branco.*

Fol. 102/57 Do cabo dos Mastos ata o ryo de Gambia som 25 legoas E neste meyo se metem tres ryos /
Joala se chamo o hũu por sua lingoagem e nossa em que nom entram nauios por ser pequeno

Ho segundo se chama ryo dos Barbacijs que de dentro tem hũa boca e faz dous braços
ho braço que va pera o norte se chama de Broçalo
Ho outro que vay pera sueste se chama Borjonique

Os barbacijns som muyto negros / E tem a secta de Maffoma e tem seus bisserijns —a saber— clerigos mouros aluos mas nom tem mezquitas nem elles rezam nem outros negros / saluo onde elles querem alli ham de rezar estes clerigos por elles //

Fol. 102/57 v.º Ho terçeyro ryo se chama o ryo de Lagos e aqui pode entrar nauio pequeno

No ryo de Lagos hay hũa comarca junto com ho mar que se chama Gebandor / E som todos olheyros (*sic*)([45]) que fazem panellas assi os homens como molheres / E ho barro de que os fazem he mesturado com cascaras pisadas de ostras / e brigigões (*sic*) que ha nesta terra muytos e muyto grandes / E de serem tantos e tam grandes que enfastiam de os comerem cruus se nom cusidos
Esta gente toma muyta ostra e bribigões e os assam ata que se abrem e tyram a carne e secam na no sol / E despois de secos leuam nas em suas panellas pera as feyras de outras gentes pera vender.

Todas estas terras tem naujos pera passar ryos a que chamam almadias E som todos de hũu pao dellos grandes e dellos pequenas —a saber— de 3 e de 6 e de 12 homens e de tres ou quatro vacas

E as de guerra leuam 60 e 80 e cem homens E todos remam quantos alli vam saluo ho capitam que esta assentado em meio delles

([45]) oleiros.

E remam todos em pee de hũa banda e outra e trazem hũu que voga a maneyra do gouernar / pera ter a almadia direita E seu remar he a força de braços sem chegar com o remo ao batel / Seus remos som hũa vara com mea lança e no cabo dellas tem atada hũa tauoa redonda e assi remam no mar e nos ryos sem velas //

Fol. 103/58 No ryo de Gambia se acabam os gyloffos
E posto que pella costa tem pequeno termo pello sartão tem muy grande terra e muyta gente E assi a longo da costa como pello sartão todo he pouorado de aldeas E nom tem lugares cercados saluante algũus de estacadas de madeyra /

Toda Gyloffa he chea de papagayos verdes

guerra

Estes Senhores negros fazem guerra hũus a outros e aos negros seus vezinhos / E sua guerra fazem a pee porque nom tem cauallos porque lhes nom podem viuer /
Armas de seu vestir nom tem / trazem adargas redondas e largas e muytas azagayas e as lançam muy certas / .
As azagayas dellas hũu palmo e meo de ferro com ramos de diuersas maneyras e tortos que quando entram no corpo nom as podem tirar e trazem hũas agomias mouriscas de ferro sem aço como mea semitarra / e o ferro tem de Gambia prouincia·/ E tambem trazem hastas como lanças / Suas guerras som mortaes por serem nuus e se matam como bestas e som muyto ardites Nem se espantam de ver outros mortos diante de sy e nom temem a morte

Nom saem da sua terra pera nom serem vendidos por esprauos //

Fol. 103/58 v.º: *em branco.*

Fol. 104(46)

Gambia

Anno de 1455 foy descuberto ho ryo de Gambia per [*em branco*] criado do Jffante seendo com elle dous mercadores cada hũu com sua carauella —a saber— hũu genoues chamado Antoniotto / e o veneziano chamado Luys de Mosto / Entrarom neste ryo e surgirom e mandarom dous bates sondando pello ryo arriba e acharom 16 braças e como virom que este ryo se partio em muyos braços e a terra era chea de aruores e terra muy fremosa dederminarom de tornar / E hindo pera os naujos sayrom lhes 3 almadias com obra de 30 homens negros / e hiam nom longe delles ata hũu tyro de besta dos nauios onde ficarom e esteuerom acerca duas horas olhando a gente e os nauios

Outro dia sayrom a elles 22 almadias grandes e podiam auer nellas 200 negros e de fremosos corpos oulhando pera os cristãos como espantados vestidos de camisas brancas de algodom e na cebeça carapuças brancas com orelhas e hũa pena de aue no meo della como homens de guerra E em cada proa das almadias estaua hũu negro em pee com hũa adarga redonda no braço que pareçia de coyro / E assi estauam grande pedaço oulhando sem fazer nada hũus a outros / E chegarom mais pera os nauios alcançarom os remos e começarom a seruir com frechas / E os nossos tirarom bombardas de que os negros estremeçerom e abaixarom os arcos oulhando de hũu cabo pera outro e virom as pedras cayr no mar sem

(46) Nota de A. Baião: O fol. 104 é um papel de dimensões diferentes do Ms. muito estreito e longo. Verifiquei que tem 28,5 cms. × 9,7 cms..

lhes empeçer / tornarom outra vez valentemente a tyrar / E hũu christão com hũa seeta matou logo hũu negro / e por ysso nom leixarom rijmente de tyrar E os christãos tyrarom rijamente e lhes matarom muytos negros pello qual ouuerom por partido de se tornar /

E como começarom a fugir mandarom bradar ao negro trusimam que em a carauella leuauam que viesse hũa almadia a falla com elles / E chegou hũa almadia / E lhe mandarom dizer que nom vinham //

Fol. 104 v.º pera lhe fazer guerra se nom pera tratar com elles e auer paz como com os de Çanaga e que traziam presente pera seu rey que lhe mandaua elrey de Portugal / Responderom que bem sabiam como tratarom em Çanaga / e que os christãos comiam carne de homens / e que todos esprauos que elles comprauam que os leuauam pera comer / E por ysso nom queriam amizade dos nossos Mas que queriam matar a todos e fazer delles presente a seu rey que estaua 3 jornadas dy / E seruirom lhes com frechas / Começou a refrescar ho vento virarom sobre elles e os negros fugirom pera terra /

Nesta terra nom manheçe o sol com nuueens e scoridões se nom limpo e em mea hora o sol pareçe sobre a terra /

1456

Ryo de Gambia tem hũa ylha onde enterrarom hũu marinheyro que se finara de febres e chamarom a ylha de Santo Andre /

E este anno ouuerom fala com os negros e amizades O Senhor de Gambia he vasallo delrey ou emperador Melly

Forom per este ryo 15 legoas ate elrey Batimansa / E mandarom o trusimanm ao dito Senhor Batimansa mandando lhe hũa marlota de seda em presente fazendo lhe saber de amizade E se ouesse

mester algũa cousa da terra dos christãos que cada anno elrey de Portugal lhe mandaria / e ouuerom grande amizade com elle e resgatarom delle escrauos e algũu pouco de ouro E ajnda que o prezauam ouuerom no de barato a respecto do troco E nos 15 dias que hy esteuerom vierom muytas almadias pera as caraue[las] com algodom fiado e anees de oro e pannos de algodom de muytas feyções e coores / E muytos gatos meymões / baboynos de muytas sortes / algalia / e gatos de algalia E dauam cousa de valia de hũu cruzado per algũa cousa valia de hũu real //

Fol. 105/59(47) Gambia ryo ou per outro nome chamado ryo de Cantor / Aqui se começa ho regno de Mandinga / Gambia rio vel Cantor fl.

Em este ryo entram muytos nauios assi pera resgatar cauallos como todallas outras mercadorias porque resgatam da banda do norte com gyloffos / e da banda do sull com mandingas

Entram nauios per este ryo açyma passados de iij^{c} legoas —a saber— nauios de 50 e 60 tones

E estes nauios que vam acima vem a resgatar a roupa por ouro / ca alli ha muyto

E vem os mercadores de muy longes terras pera os nauios pera resgatar porem todos pretos e deles hũu pouco ja aluura como bassos

Este ryo he muyto doentio pera os christãos que pera la vam /

Os de Mandinga som differenciados com os de Gyloffa em a lingoa / mas em a ffe e custumes som hũus //

(47) A. Baião, p. 75 (1): Sobre os assuntos dos Fols. 105 e seguintes, «Rio Gambia e Rio Mandinga» ver também os fols. 338 e 338 v.º, que devem considerar-se como complemento daqueles.

Fol. 105/59 v.º Rey

Elrey de Mandinga se chama Mandimansa porque os desta terra por seu lingoagem chamam a prouincia de Mandinga / Mandi E mansa quer dizer rey por sua lingoa E assi se chama elrey delles Mandimansa /

Este rey he senhor de muytos vasallos e lhe pagam muytas parias /

Este rey viue dentro no sartão iiij^{c} legoas em hũa cidade çercada de taypa que se chama Jaga

As casas delrey tem seys cercos e quem ha de chegar a elle ha de passar por vj (48) portas onde em cada porta esta seu porteyro / E na porta de madeyra amtes que cheguem a elle estam muytos archeyros que guardam aquella porta

A este rey nenguem vee comer se nom as molheres que lhe seruem

Este rey he senhor de muytas riquezas como de oro e prata e de todas mercadorias que se tractam em Mecha e Daca (*sic*) e tem cauallos em sua terra /

Este rey he negro como coruo e toda sua gente e crespos todos //

Fol. 106/60 (49)

Elrey de Mandinga traz vestido hũa camisa de algodom e caua e roça como os outros negros E nom tem mais saluo quanto elle trabalha de seu / E nom tem tributo algũu saluo o poder de matar e destruyr a qualquer malfeytor /

E quando vaa de festa ou pera algũa guerra leuam no em cima de hũu boy caualleyro acompanhado de

(48) 6.

(49) Fols. mais pequenos, aparados no pé: 21,5 cms. × 13,9 cms.

muyta gente E quando ha deçer do boy fazem lhe hũu fremoso strado de hũu coyro de boy E nenhũu pode poer nem meter ho pee no coyro se nom elrey que se assenta alli E alli come e bebe E lhe seruem em atagaras que som gamellas hũa em cima da outra cheas de milho ou arroz

E quando algũu Rey casa em aquella terra logo cria certos criados pera quando elle morrer que os criados moyram com elle E esto quando morre por sy e nom em batalha / E a molher primeyra ha de morrer com elle e nom as outras E assy as enterram com todas suas joyas que elle e ella teuerem /

Fol. 106/60 v.º

E quando morrem em batalha os seus jmjgos lhes cortam as cabeças a todos a rey e raynha // e criados e leuam consigo as ditas cabeças e os corpos ficam no campo aos cãaes /

A sepultura fazem quando elrey morre por sy em esta maneyra —a saber— Em sua casa fazem hũa coua de grandura de hũu grande forno e muy alta / E tomam a elrey e ho assentam em cuu dentro na coua E junto com elle põem suas armas —a saber— azagayas arcos e frechas e agumias E metem com elle sua molher primeyra e seus criados junto com elle viuos Emtam emmadeyram aquella coua por çyma como sobrado com rama E em cima desta rama deytam hũu grande monte de terra tam alta como hũa casa / E alli fica elrey com seus criados e molher e nom ha hy memoria mais delles

Elrey morto alleuantam logo outro rey os do lugar E nom heredam seus filhos E as molheres do rey morto nom som mais raynhas

Elrey ou outro qualquer pode ter quantas molheres quiser e pode comprar / E quantas molheres teuer cada hũu tantas ygoarias ha de ter no jantar e outras tantas na çea / porque cada molher lhe ha de mandar

sua ygoaria / porque elle viue sobre sy e em sua casa
Fol. 107 nom ha molher algũa / E // a primeyra noite va dormir com elle em sua casa a primeyra molher / a segunda noyte a segunda molher ate que acabam todas / despois começa a primeyra E as molheres mantem assi mesmas e seus maridos com suas escrauas /

E se algũu dos nossos brancos chegua a algũa casa de negro e esso mesmo delrey e lhe pede qualquer molher ou filha manda lhe que escolha qualquer dellas pera dormir com ellas E esto por bõa amizade e nom por força E ho pay mesmo lha entregua com a mão aquella que elle escolheo e se quer dormir com mais jrmãos tambem lhas da /
E se algũu delles dorme com jrmãa ou com sua filha como muytas vezes aconteçe nom ha pera ysso justiça algũa

Justiça em Mandinga

Qualquer maleficio que algũu negro fizer ou furto que seja acusado / corta lhe elrey mesmo a cabeça e lhe manda tomar toda sua fazenda a elle e a toda sua geeraçam / assy que por causa do malfeitor ficam todos seus parentes destruidos / E a cabeça delle fincam em hũa estaca ou pãao e poem ho em lugar onde fez o maleficio E o corpo fica no campo aos cães //

Fol. 107 v.º E se algũu acha outro homem com sua molher leua ho diante delrey / E elrey da hũu cuytello ao acusador na mão com que ha de fender ao adultero ho coyro de tras des ho pescoço ata o cuu / pello qual se lhe faz hũa costura grossa pello qual amtre elles he conhecido por adultero porque andam nuus / Emtam lhe dizem se nom dormires com a molher alhea nom te aconteçera isso /

As cousas que destas terras trazem som papagaios verdes / ouro porem pouco escrauos e escrauas pannos de algodom esteyras / coyros e poucos algalia / e gatos meymam com rabos

Os portugueses leuam pera la manilhas de latam / e contas de matamungo E panno vermelho e mantas do Alantejo / e algodom que carregam em as ilhas do Cabo Verde / E cauallos que dam hũu cauallo por sete negros /

Moeda nesta terra nem em toda Guynee nom na ha se nom trocam hũa cousa por outra //

Fol. 108 Ha nesta terra grandes senhores e grandes mercadores

Per toda a terra de Mandinga ha hũus senhores grandes que chamam foroes que he hũu officio ou dignidade amtre elles / como a ca o corregedor ou gouernador delrey E este tal he muy acatado antre elles /

Custume amtre elles he assy dos grandes como dos pequenos que quando hũu se acha com outro despois que muyto se nom virem como a ca nos que nos abraçamos Elles se poem em gyolhos e os cotouellos em terra e com as mãos cubrem os olhos / E dam com os cotouelhos no chão muytas vezes E despois da no chão com hũu cotouello e com a outra mão alça terra e a lança tras sy ou em çyma de sy /

Quando alguem ha de hyr ver algũu senhor nom ha de yr vestido se nom com calças bragas soos e todo o al nuu /

E assi mesmo quando algũu senhor ha de hyr ver outro senhor va desta maneyra

Nenhũu senhor desta terra de Mandinga nom leua os moços nem criados de tras sy se nom diante e seguem sua ordem —a saber— o mais moço ha de
Fol. 108 v.º hyr adiante / E despois outro // mais velho ate todos sempre o moço diante do outro mais velho E despois os segue ho senhor / Saluo que fosse tam grande senhor ou que se temesse que em resguardo do seu corpo leuasse algũus dous ou tres tras sy E quando tal senhor emtra a casa de outro senhor / ho moço que vaa diante va despido e nuu / e se lança no chão e faz suas cerimonias com seus cotouellos e lança a terra tras sy E ho segundo que lhe segue abaixa se e põe a mãoençima do outro que jaz no chão E ho terçeyro que segue estando em pee põe a mão ao segundo que se abaixa E assi fazem todos ata o senhor / E ha de estar tanto o primeiro no chão e os outros com as mãosençima de hũus a outros ata que ho senhor diante quem fazem tal cerimonia diga que se leuante E emtam fallam ho que lhes cumpre E despois bebem que he ho principal delles

He custume amtre os mandingas que fallam muyto por homem medianeyro assi que quando estam tres quatro ou dez juntos E hũu delles quer dizer algũa cousa e ho diz leuanta se hũu antre elles ajnda que o outro diz todallas cousas bem altas que outros lhe ouuem / nom leixa este outro dizer aquello que o outro disse a mais altas vozes / E esto acustumam por todas suas terras //

Fol. 109 Esta geeraçam de mandingas he a maior geraçam de hũa lingoa que nom ha hy outra tam grande em toda Guynee

Ha muytos nesta terra que tem a secta de Maffoma e assy andam muytos bisserijns que som clerigos mouros per esta terra que ensynam sua ffe a esta gente

E toda outra gente som ydolatras do modo e maneyra de gyloffos como se disse /

Todos os mandingas e gyloffos som affanados como se disse E se affanam desta maneyra —a saber— A cabo que o moço tem 14 ou 15 annos ajuntam muytos delles como 15 ou 20 delles E os leua consigo hũu velho seu bisserijm a hũu mato com a lũa noua fora da pouoraçam E despois de ter affananados os moços se torna o velho pera o lugar e os moços ham de ficar no mato ata que vejam outra lũa noua que he hũu mes ham de estar fora da pouoraçam E seus parentes lhes leuam de comer e lhes põoem a hũu cabo / E elles estam escondidos com aquella vergonha / E o outro hido vam pello comer E quando se achegua pera a lũa noua que ham de tornar estes moços pera o pouorado Emtam seus pays matam vacas e cabras E lhes fazem grandes festas com danças e cantares //

Fol. 109 v.º Os mandingas sam homens dispostos e assy mesmos os gyloffos porem os mandingas som de mais verdade que os gyloffos e mais amauiosos e amigables e de melhor condiçam e tractam muyta mercadoria / E som homens muyto sotijs de trabalho de suas mãos em coser e texer e outras muytas cousas E som gente que catam muyta honrra aos estrangeyros em suas terras por esto som amados de todos assy da gente de Guynee como dos christãos E tractam suas mercadoria[s] muy longe pello sertão e mais que nenhũa outra geraçam daquella terra E vam ate o castello de Mjna pello sertãao

As molheres nesta terra e em toda Guynee roçam e cauam e semeam e mantem o marido E fiam algodom e fazem muytos pannos de algodom assi pera se vestirem como pera venderem

Os vestidos dos homens e molheres como dos gyloffos com bragas que chamam magalhõoes os homens E as molheres delles com hũu panno estreyto de quatro dedos As moças virgeens e que nom som corruptas por sua gloria e honrra andam de todo nuas sem cubrir sua vergonha E traz hũu fyo cingido em çima dos lomos cheo de conchinhas brancas E em diante sobre a vergonha traz tres paozinhos pendurados com seus buracos fectos de longura de hũu dedo / E corupta logo se cubre sua vergonha

E os mancebos andam nuus ata 20 annos ata que casam //

Fol. 110 Seus manjares som como os de Gyloffa saluo que tem mais arroz que os outros E tem tanto que leuam a vender e pera resgatar E assy vinho e azeyte e carnes e outros mantijmentos porque esta terra de Mandinga he muyto abastada de mantijmentos como de arroz e milho etc. E he de grandes criações de vacas —a saber— no sertão e assi de asnos e carneyros rasos e destes muy muytos

Comem arroz leite e milho zaburro / e ynhames cosidos e assados / E comem a herba coco e feyzões Os proues que nom percalçam ynhames ou arroz comem norças brauas cosidas e cortidas como tremoços da ca porem sempre amargam
Suas casas som fectas de tijollo pera coser ou adobes E fazem suas casas redondas a feyçam de tendas cubertas de palha dos campos ou feno seco

E dellas som de taypa e algũas de sebo de verga e embarradas de em cima cobertas de feno /

Os desta terra nom casam e compram suas molheres desta maneyra que os homens vam onde quer que lhes pareçe algũa moça bem Emtam se vay ao pay e faz sua avença com elle o melhor que pode e segundo

a calidade do pay e da filha E lhe paga em ouro ou arroz ou milho ou em vacas etc. ata ser contente Entam leua a moça pera casa e husa della como de molher / E nom seendo contente della torna a moça a seu pay e o pay lhe ha de dar ho que lhe deu por ella
Com todas casam tirado may e jrmãos / todo outro nom stranham //

Fol. 110 v.º Os mais desta gente som archeyros e som homens muy esforçados e manhosos em a guerra / E tambem mercam cauallos como os outros tanto pera honrra como pera guerra /

E asi tem por custume geeral que quando algũu mandinga sae fora da sua casa nom ha de sayr se nom com a coldra de frechas çingida por detras e o arco na mão aynda que se vay assentar a sua porta ou hyr pera rua /

Elles nom tem ferro saluo os mercadores que vem de em çima do ryo de Gambia estes trazem ferro E dy se basteçe a mor parte de Gyloffa E este ferro vem pello sertão de Serra Lyoa em carreto pera este ryo /

Os arcos delles de paos delles de cana maçiça E as cordas de cana fendida
As frechas de canas maçiça / e as pontas de pao tostado no fogo / e algũas porcas (*sic*)(50) de ferro E estas frechas som muyto enheruadas todas

Adargas redondas de coyro de aliffante e de buffaros e escudos tam altos de verga como elles sam
E delles tazem cascos sobre a cabeça de coyro pera guerra //

(50) Deve ser: «poucas».

Fol. 111 Aliffantes ha em Mandinga muytos E por ysso som aqui grandes monteyros que os matam com arpões postos em hũa asta de lança e ha arremessam /

Buffaros ha muytos e brauos

Onças muytas

Gatos muytos com rabos longos e de desuairadas feyções e maneyras de coores
Corças muytas
Gazellas ruyuas em grandes manadas
Lebres ha muytos

coelhos nenhũus
vacas poucas e pequenas
Cãaes muytos e gordos e os comem
porcos monteses
Gatas de algalia ha mas poucos
Cabras criam em casas sobradadas e esto por medo das onças / e parem duas vezes no anno e cada vez dous filhos juntos /
Cauallo nenhũu naçe em Guynee nem pode alli viuer //

Fol. 111 v.º Papagayos verdes e muytos ha nesta terra E muytas outras aues differentes aas nossas em coores e feyções /
papagayos pardos com rabo roxo

Ha nesta terra hũas aues grandes que elles chamam bugam que quer dizer per nosso lingoagem feyticeyro / aos quaes nom matam nem lhes fazem mal E dizem que he grande pecado de os matar /
Estas aues som de grandura de cyrne / tem ho pescoço como pato e tem hũa corcoua nas costas / as pennas do corpo tem pretas / E as pennas das aas longas hũa branca outra preta E he aue de terra e anda derrador de suas casas / E tem o bico de hũu grande palmo

de comprido e grosso E este bico junto com a cabeça tem hũu buraco por donde resolha etc.
Os machos destas aues tem hũu papo grande hinchado como bolsa de homem e he sem penna como coyro E he vermelho como a mais fina scarlata E as femeas tem papos daquella feyçam porem de coor azul fino /

Perdizes ha aqui e mais pequenas que as nossas e de coor de çinza

Galinhas como as nossas / e brauas pintadas //

Fol. 112 Cobras ha aqui e muy grandes —a saber— 30 pees de longura e muytas maiores /

Lagartos e muy grandes —a saber— de 30 pees em longo E quando homens ou molheres ou vacas vem pera o ryo estes lagartos os matam e comem nos /

Os guyneos matam os lagartos desta maneyra Os pescadores quando veem o lagarto dormir em terra estando elles em almadias espantam no E ho lagarto espantado se vaa correr pera aguoa e se mete no fundo em a lama em duas ou tres braças / E o pescador onde vee bulir pera cyma a agoa sabe que alli jaz o lagarto E chenta hũu arpon em hũa asta complida nelle / ho arpon de ferro longo / E põe lhe hũa boya em a asta com cordel / E logo va fugindo o lagarto a outro cabo e se torna meter de bayxo do fundo / Emtam ho segue o pescador e chenta lhe outro arpon / E assi tantas vezes ate que ho cansa e ho mata e o toma morto /

Neste ryo ha muyto peixe cauala //

Fol. 112 v.º Ha hũa aruore em Mandinga que da hũu fruito tam grande como maçãas / a qual pisam e cosem / E fazem

delle azeite branco pera se vntarem e nom pera comerem.
Outra aruore que da hũu fruito tam grande como alberqueques e he boom pera comer E este fruyto apanham e secam E delle fazem vinho assi verde como seco E este vinho dura x dias

Ha hy outra fruita que pareçe mançãas bayonezes e he doçe E dentro tem hũu grande coroço E dentro no coroço tem carne tam grande como amendoa e he muy gostoso pera comer / mas embebeda quem muyto come delle E lhe chamam mansacomba /

Ha hy outro fruito tam grande como almeixas brancas de Portugal E chamam elles este fruito malep E tem hũa pontesinha de azedo porem som muyto boons pera o fastio

Ha hy outra aruore muy alta / e em baixo toda limpa ate arriba que tem hũa França como pinheyro limpo traz fruito como peros muyto fremoso[s] E tem ponta de azedo E he boom pera comer /

Milho zaburro he grande E cauam pera milho e arroz como nos pera orta //

Fol. 113 Ynhames he hũa rayz como de çynoria se nom que som mais grossas / e os gomos som spinosos como de silua / saluo que nom sam tam complidos os espinhos e som de outro sabor assy como castanhas colerinhas /

Coco por seu lingoagem he hũa rayz redonda como çebolla / as folhas tem da feyçam de adargua em grandura e anchura / Comendo o cruu amarga como pepino de Sam Gregorio e traua como borunhos E cosido ou assado enlaguenta que nom pareçe se nom xabam / E dizem que he muy boom e são pera comprir com molheres

Outra aruore ha em Mandinga como enzyma e da fruito tam grande como pessigos E dura todo anno e sempre da fruito / Esta fruyta elles chamam mabijs / E nos mempatagens / E desta fruita tambem fazem vinho E tem sabor de mançãas bayoneses

Ha hy lymões galegos azedos como vinagre e muytos delles

Trigo nem çeuada nom tem /
Feyzões brancos / pretos e vermelhos / E outros grandes como auellãas pintadas //

Fol. 113 v.º Em estas terras ha muyta çera e mel E abelheyras enfijndas em as aruores E as casas dellas fazem de palha e embarradas por çyma /

Em estas terras ha hy muytos lugares como de $\overline{v}$ e $\overline{x}$ (51) vezinhos e mais / E cada hũu daquelles lugares tem seu rey Os quaes reys pellejam hũus com outros e se captiuam e se vendem pera nauios portugueses e pera alarues /

Muytos lugares nestas terras som cercados de madeyra forte com suas portas e porteyros guardadas como a ca E nenhũu pode entrar atee que elrey sayba parte delle //

Fol. 114 (52) Cabo de Sancta Maria / he a ponta do ryo de Cantor que jaz contra ho sul.

Em estas terras fazem vinho de palma nesta maneyra —a saber— a palmeyra no olho em çima lança hũus

(51) 5.000 e 10.000.

(52) *No pé do Fol.*: Quando começam a naçer estes cachos som pretos E despois que som maduros tornam se vermelhos E assi he o azeite vermelho As palmeyras nestas terras que som de datiles / trazem nas tam pequenas que nom prestem //.

cachos muy grandes a feyçam de pinha / E se daquelle cacho querem tirar vinho / se azeyte azeite se vinho cortam aquelle cacho em çima no pee / E põem alli hũu cabaz pella manhãa e a noyte / e tanto stilla de dia como da noyte E esto atee xv dias / E este vinho he tam doçe e tam saboroso como maluesia e branco como leyte / E embebeda como o nosso E se fica per hũu dia pera outro logo se faz azedo como vinagre /

Se querem fazer azeyte leixam madureçer aquelle cacho e nom o cortam E despois de maduro cortam nos e tiram os coroços e cosem nos muy bem e emtam pisam nos e tornam os a coser E despois espremem em algũu panno e este he ho azeyte //

Fol. 114 v.º Ryo de Sam Pedro / aqui podem emtrar naujos

De Cabo Verde pera ca ha dous yueraos (*sic*)([53]) e dous envernos cada anno / duas vezes semeam e duas colhem —a saber— arroz e milho etc. —a saber— hũa vez colhem em abril e outra em setembro E quando colhem o arroz emtam semeam ynhames E assy criam todo ho anno /

Todo que se disse ata aqui commumente se husa nos barbacijs e gyloffas e mandingas e tucuroes /
E som estas quatro regiões cada hũa com seu lingoagem / E esto se entendo da costa do mar como sertão //

Fol. 115 Ryo de Casamansa he hũu ryo de muyto resgate / E vam os naujos per este ryo açyma ata 18 legoas E alli he ho regno que he chamado Casamansa por onde ho ryo toma seu nome / E neste regno ha gente mesturada de todas gerações como mandingas / falupes e balangas etc.

([53]) Deve ser: verãos.

Os moradores deste regno comummente todos som teçelaes E fazem pannos de muytas maneyras e de coores /

E aqui vem os christãos a resgatar seu algodom por pannos

Elrey deste regno he da geraçam mandinga e a mais da sua gente E se chama Casamansa seu rey / E he grande senhor de muyto oro e de muytas molheres

Em casa deste rey ha muytos christãos portugueses estantes mercadores que tractam com aquelles negros

Esta terra he muyto abastada de todollos mantijmentos e vinho
Ha aqui muytas gatas de algalia

c //

Fol. 115 v.º: *em branco*

Fol. 116 A boca do ryo de Casamansa passa de duas legoas em largo E tem hũus baixos que saem em derrador da boca / e saem bem quatro legoas ao mar E he muyto pouorado este ryo

E logo na entrada deste ryo pera banda do norte a çinco legoas por elle açima faz hũu braço pello qual vam os naujos ata 20 legoas E vay se meter este braço no ryo de Sam Pedro /

Em este braço habitam hũus pouoos ou geraçam que se chamam balangas

Esta terra he de muytos mantijmentos —a saber— de arroz e milho e feyzões / vacas e cabras galinhas e capões e muytos vinhos dos seus E he muyto abastada de todo /

Os honens desta terra e assi as molheres della som muy dispostos e de boom gesto //

Fol. 116 v.º Os vestidos dos homens sem verem hospedes som pelles de cabras cortidas do cabello em torno da vergonha —a saber— çingem as pernas trazeras das pelles em derrador de sy E metem a cabella da pelle amte as pernas arriba atada que pareçem bragas / E os pees dianteyros da pelle penduram detras das suas pernas e as cortam e fazem xeraffos nelles assi que pareçe muy bem / E quando vam algures vestes (*sic*)([54]) sobre as pelles hũa camisa de algodom curta sem mangas /

As molheres trazem hũu panno de algodom em derrador do cuu ata mea perna /

Elrey desta gente de balangas he homem triste e proue e viue por seu lauor como cada hũu dos outros /

Estes balangas todos som affanados porem som ydolatras e adoram hũu pao —a saber— matam hũa galinha e ha poem em hũu paao aa sua porta e ha leixa podreçer nelle E tal pao adoram e lhe fazem reuerencia e acatamento e sua oraçam //

Fol. 117 As casas dos balangas som assy como as delos mandingas /

Suas armas som arcos e frechas / E os que nom trazem arcos trazem quatro ou çinco azagayas / e braquel ou de verga ou de coyro / E os que nom tem azagayas trazem hũus paos tostados no fogo

Ha aqui muyto azeyte de palma
E muyto azeyte daquelle amargos (*sic*) que se disse

([54]) vestem.

que se nom come e ha aqui mais que em outra parte algũa ho qual antre elles he bõa mercadoria e he muyto stimada pera se vntarem

Ha aqui nuytos aliffantes e buffaros brauos e gatos de rabos e lagartos grandes e outras animalias e aues que se dixe //

Fol. 117 v.º Açyma deste braço per este ryo arriba esta outro braço que vay pera o sul E vam nauios por elle hũa legoa porque nom querem mais hyr /

Em este braço deste ryo de Casamansa moram hũus pouoos ou geraçam chamados falupos

Esta terra he muyto abastada de todo mantijmento como a outra dos balangas E assy mesmo ho seu vestir e adorar e comer

Os falupos som grandes guerreyros e de todollos comarcãos som muyto temjdos

Elles tem muy grandes almadias e todas de hũu pao tam grandes em que remam 50 e 60 homens //

Fol. 118 Elrey desta terra ho presente he homem mal asisado / E assi trazem de custume que sempre ho senhor daquella terra he assy
Chamam a este rey Mansa Falup por bem da terra que se chama Folup e Mansa quer dizer rey /

Esta gente de quanto cria assi das vacas como doutras animalias e vinhos e azeytes de todo dam ho quarto a seu rey E nenhũu rey de toda Ethiopia he tam bem pagado do seu tributo como este E esto por ser muy cruel e muy temjdo /

A casa delrey esta çercada de estacas de paos de maneyra de barbacãa E cinco destas cercas tem em

volta E assy ham de entrar e nom direyto / E dentro de todo tem sua praça onde elle esta assentado E esta casa tem derrador de sy hũu esteyro de agoa e he muy forte casa /

Este rey nom come se nom a tarde porem des da manhãa atee noyte sempre esta hũu cabaz a par delle de vinho de palma e scassamente pode dizer tres palauras alça o cabaz e bebe /

E quando elle come estam as molheres suas / ou
Fol. 118 v.º muytas outras do lugar assenta-//das diante delle tangendo as palmadas e cantando / porem a cantiga elle ha de começar / E elle comido ho que lhe fica ham de comer aquellas molheres ou quem la esteuer logo presente elle /

Este rey estando em sua casa sempre tem duas ou tres azagayas de par de sy / E se algũu homem lhe faz cousa que lhe nom contente arremessa lhe hũa azagaya / E despois ha tyra delle e esta açima delle e diz estaa quedo e nom bulas nom me quebres a azagaya E assi chenta a azagaya nelle ata que fica morto /

E qualquer outro que lhe faz algũa cousa de descontentamento logo lhe faz deçepar os pees e mãos /

Anno de 1500 este rey Mansa Folup tinha hũa jrmãa e lhe tinha furtado hũu pouco de arroz e elrey mesmo per sua mão lhe tirou hũu olho /

E no mesmo anno tres do seu linhagem tinham roubado em sua terra / Elrey mandou em pos elles e forom presos e mandou os leuar diante sy / e logo em sua presença lhes mandou cortar ambas mãos e cada hũa em çima do cotouello / e ambos os pees em cima do gyolho e ambos os olhos E despois lhes mandou cortar a cabeça / E sobre todo os mandou enforcar por debaixo do braço atados em hũu pao pellos camjnhos onde fizerom o maleficio dizendo / as mãos fezerom o mal / os pees que os leuarom pera

ello e pera fugir / os olhos porque ho virom E a cabeça do siso porque lhes nom contradisse //

Fol. 119 Se algũu homem morre em a terra deste rey Mansa Folup todo o que tem fica pera elrey e assi as molheres do morto / E se ficam filhos deste morto elrey lhes empresta cousa da fazenda como vacas e outras cousas de que se podem aproueytar / porem quando elle quer lho torna a tomar /
E se algũu homem da sua terra ou dos seus vasallos va morar fora do seu senhorio e morre la onde quer que esta este rey manda la pedir toda a fazenda que la fica / E lhe dam logo todo sem algũa refferta porque todos o temem //

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 119 v.º Cabo Roxo he hũu cabo pequeno E chama se assi por ter hũas barreyras vermelhas / E he terra pouorada de folupes / E muytas vezes com grandes agoas sae o mar vermelho /
Ha nesta terra todas as cousas como em as outras acima espritas E muytas gatas de algalia //

Fol. 120 Ryo de Sam Dominguos he hũu ryo que emtram naujos por elle em cima 60 legoas / a este ryo por seu lingoa chamam Jaffada /
Os nauios que vam tanto açima vam a resgatar cauallos / os quaes resgatam com hũu senhor que se chama Farrubraço E he mandinga e toda sua gente mandinga / E he ryo muy doentyo
Ha aqui todallas cousas como em Mandinga /
Neste ryo pera cima ha muyto mel e çera /

Logo por este ryo por dentro se faz hũu esteyro que vay pera banda do norte ho qual se chama o esteyro de Jagara por bem da terra que se chama assy
O pouoo desta terra se chama banhuus /
ha nesta terra todallas cousas das terras sobreditas

pera qui vem os nauios das ilhas do Cabo Verde pera fazer ho resgate do seu algodom pera pannos assi como em Casamansa / E aqui estam christãos mercadores estantes
Ha aqui muyta algalia //

Fol. 120 v.º A gente desta terra he muy disposta e muyto dado pera tractar em feyras E vam pera muytos lugares onde se fazem feyras E assi mesmo vem pera esta terra e suas feyras de outros lugares /

Tem em custume nesta terra que de oyto em oyto dias se faz hũa feyra a qual quando em hũa somana se faz em terça feyra outra somana se faz em segunda / E assi vem deminuendo por atras /

Esta feyra se faz çinco legoas do porto do mar E desta feyra ao ryo de Casamansa ha sete legoas pello ryo de dentro /
Vem a esta feyra muyta gente de 15 e 20 legoas em derrador / E ordenança delrey da terra he que nenguem emtra nesta feyra com armas E se alguem entra com ellas perde as /
Grande ordenança delrey he nesta feyra assi que todallas mercadorias que aqui vam ter cada hũa tem seu proprio lugar pera ella deputado e nom mesturados / saluo em tempo que se faz ho vinho de mompatas da qual fruito ja se fez mençam / Este vinho se vende per toda a feyra / e assi vinho de mel porque os outros vinhos se vendem em seu lugar /
Vem a esta feyra sete e oyto mil pessoas / E trazem de todallas cousas pera esta feyra que ha em suas terras pera vender e assi daquellas que vem de Portugal /
E assi andam nesta feyra dous alcaydes delrey da terra os quaes oulham que se nom faz nenhũa cousa maa a nenhũa pessoa de deffora que vem E esso mesmo
Fol. 121 vem a esta feyra muytos fidal-//gos homens e molheres sem terem que venderem saluo pera beberem /

porque hũas das principaes mercadorias que nella se guasta he o vinho / A gente acustuma de vijr pella manhãa e assi como vem logo cada hũu se vay poer em seu lugar / e em dez horas adiante começam a vender e mercar e a tarde se acaba sua feyra /

Ho rey desta terra se chama Jagara e he muy temido porque faz grande justiça / E se alguem faz ho que nom deue logo elrey lhe manda cortar a cabeça e poer em hũu paao pello camjnho onde ha vejam /

As moças virgeens trazem hũu panno pequeno por de tras ho cuu coberto E por diante anda descoberta e nuu que lhe pareçe todo ata que he corrupta emtam cobre sua vergonha //

Fol. 121 v.º Os banhuus adoram em hũu pao a que chamam Hatschyna / ho qual pao consagram desta maneyra / Tomam hũu pao forcado ho qual ha de ser cortado com machado nouo / E o cabo delle tambem ha de ser nouo e que nenhũu destes aja serujdo em algũa cousa / E emtam fazem hũa coua no chão e tem alli hũu cabaz de vinho de palma que leuara tres ou quatro canadas / E assi tem outro cabaz de azeyte que leuara outro tanto E tem hũa alcoffa de arroz que seria hũa quarta por pilar E tem alli hũu cãao viuo / E emtam deytam este vinho ho azeyte e o arroz dentro nesta coua e matam o cam com aquelle machadinho nouo —a saber— fendem lhe a cabeça e leixam correr toda a sangue do cam em a dita coua sobre o vinho azeite e arroz E emtam lançam ho machadinho dentro E põem despois ho pao forcado de peralta sobre tudo esto E tapam ho muy bem com terra E em cyma daquella forca do pao que assi saae por cima da coua penduram hũas heruas do mato / E pera fazer esta cerimonia som chamados os melhores velhos de toda a terra / E emtam aparelham o dito cam com grande festa e o comem / E este pao emtam adoram E he tam temido que qualquer homem que pouser

algũa cousa junto com ella nenhũu lhe ha de tomar nem tocar porque cuyda que logo ha de morrer / E quando algũu faz algũa cousa que lhe querem dar
Fol. 122 juramento leuam no // ao dito pao onde ha de jurar / E bem se guardam de jurar falso porque cuydam que logo ham de ser matados E juram assi por seu lingoagem / Hatschina hor nom temrab (*sic*) que quer dizer / Achina me mate deçendendo daquella palmeyra / E esto porque todos subem as palmeyras pera tirarem vinho E assi juram doutra maneyra dizendo cobra me mate / ou lagarto etc. E assi mesmo as molheres juram pello dito Hatschina /

E se algũu negro traz algũa cousa pera leixar no campo e quer que lhe nom furtem traz hũu ramo de palmeyra e lhe fazem hũu noo çego e chentam o dito ramo em terra junto com aquella cousa que assi leixam E nenhũa pessoa ha de tocar nella //

Fol. 122 v.º Em fronte deste esteyro deste ryo de Sam Domjngos contra a banda do sul esta hũa terra que se chama Catscheo E tem rey sobre sy / He terra muy abastada como a outra E tem tambem feyra / e vam aa feyra dos banhuus e os banhuus a estes e se prestam de grandes amizades / porem he lugar sobre sy E tem todas as ordenanças da sua ydolatria como os banhuus E ha de hũa terra a outra tres legoas por mar /

Ryo das Ancoras he hũu ryo pequeno na mesma terra dos cacheos /

Esteyro de Catherina

tem rey proprio e lingua propria E ha todas as cousas que ha na terra dos banhuus e cacheos

tem mais algalia que todas as outras //

Fol. 123: *falta.*

Fol. 124
1456 foi
descuberto

Ryo Grande chama se assi por ser muy grande e de grande largura E ha na boca delle 8 ou 10 legoas E he ryo de grande força de agoa e de grandes correntes

Neste ryo ha ouro mas pouco E aquelle oro que tem trazem no do sertão da terra de Mandimansa onde esta o emperador de todos estes reys e lhe seruem muy prosperadamente /

Os negros desta costa leuam pera la sal com que resgatam ho dito oro / e escrauos e arroz porque na costa do mar nom tem oro /

Ha neste ryo çinco ou seys reys que todos resgatam com christãos e mercam cauallos e outras cousas /

Hũu rey chamam Gromansa
outro Carbali //

Fol. 124 v.º

Os negros deste ryo contra ho Cabo Verde som pella maior parte maffometanos ajnda que muytos ydolatras antre elles / porem deste ryo auante todos som ydolatras / E em aquello que tomam vontade em aquello creem e adoram / fazem ydolos de paos e pedras e adoram aruores e formigueyros E a hatschina E delles chamam a seu deus Cru E quando juram dizem Cru Cru bissa contenteryn / E aquella he a maior jura que elles fazem /

Este ryo tem muytos baixos que saem no mar bem 6 legoas

E assy tem muytos ilheos e dellas som arredados da terra 7 e 8 legoas e todas pouoradas e abastadas de mantijmentos como a terra firme specialmente da criaçam de muytas vacas e cabras /
Estas ilhas se chamam Buam

E os que nauegam per este ryo vam antre as ilhas e a terra firme que tem muytas baixas e ham mester piloto que sayba bem //

Fol. 125 Aqui neste ryo começam os pouoos chamados çapeos ajnda que som mesturados de muytas outras gerações /
Estes çapijs por maior festa matam e comem ho cam e chamuscam no como nos ao porco e primeyro os engordam /
E val hũu cam pera comer 6 e 7 pesos de oro / E som cães pequenos /

Em esta terra ha muyto ferro mas nom tal como trazem pera qui da Serra Lyoa porque seu ferro nom sabem dar tempra (*sic*) E se quebra como vidro

Fazem nesta terra muytos artificios manuales de ferro assi como frechas e azagayas e farpões e partesanas e machados e dagas que elles chamam adibes / E fazem spadas que elles chamam adibe sabana / que quer dizer spada grande /

E assi fazem cousas sotijs de marffim como colheres / saleyros e manilhas

Em este ryo começa outra lingoa sobre sy differenciada dos passados //

Fol. 125 v.º A mercadoria que dela trazem som scrauos ouro dentes de aliffantes
Os portugueses leuam pera la cauallos stanho contas matamungo e chrispalma manilhas pannos de algodom panno vermelho de coor
Em tempo passado dauam 14 escrauos por hũu

(55) têmpera.

cauallo e despois x E agora 6 e 7 e 8 E assy mesmo dauam por hũu esprauo 6 e 7 manilhas de latam E agora 20 e 25

Estes tem todos mantijmentos como os outros guyneus passados e vinhos e azeites

Seus vestidos como dos outros ou algũas bragueyras de pelles de cabra //

Fol. 126 Em esta terra dos beaffares quando morre elrey delles matam a sua principal molher e o maior priuado que elle tem E ho melhor escrauo e escraua que elle tinha E ho melhor cauallo E assi algũas vacas / cães cabras e galinhas / E todo isto enterram com o corpo morto delrey E dizem que esto he pera lhe seruirem no outro mundo //

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 126 v.º

Buguba

Buguba tem rey sobre sy / mas sua lingoa nom he differenciada daquellas do ryo Grande E assi os mantijmentos e resgates como no ryo

Com Buguba comarca hũu pouoo que chamam chocholijs E tem rey sobre sy

Estes tractam de mercadoria dentro no sertão

Byxegue he hũa ilha que esta tres legoas da boca do ryo de Buguba / pouorada //

Fol. 127 Ryo de Nuno / he ryo em que entram nauios a resgatar marffim e algũus escrauos /

os mantijmentos e todollas outras cousas tem como as terras passadas /

Cabo de Verga he hũa serra alta E faz hũa angra que chamam Furno Em a qual angra estam muytos ryos —a saber—
ryo de Pichel
ryo de Cristal
ryo de Fary
ryo das Pedras
ryo Seco

toda esta costa he alta e de fermosos aruoredos que verdejam todo ho anno /

E porque estas gentes comarcam com serra de Lya (*sic*) / por ysso tem seus custumes e mantijmentos e assi adoram //

Fol. 127 v.º Alem dos ryos sobreditos esta hũu ryo que se chama ryo dos Pescadores E esta este ryo junto com o Cabo de Sagres

Por este ryo dos Pescadores podem entrar nauios e hyr por dentro por esteyros ate o ryo que se chama Cabith

E do ryo de Cabith podem hyr ate ho ryo de Tamara / ha da boca do ryo dos Pescadores ate o ryo de Tamara 20 legoas

Em fronte do cabo de Sagres estam tres ilhas chamadas ylhas dos Ydolos / Nom som pouoradas / porem sam aproueitadas no tempo das lauoyras —a saber— sementeyras //

Fol. 128 AA

Serra Lyoa comummente he chamada toda a terra des as ylhas dos Ydolos ate o cabo do Monte /

Amtre esta gente da Serra Lyoa ha duas lingoagens —a saber— bolões que viuem ao longo do mar tanto quanto se pode nauegar com almadias

Temjnis he a outra gente e lingoa sobre sy E viue no sertam

Porem a propria que se chama a Serra Lyoa he hũa serra junto com o mar / E ho cabo della se chama cabo Ledo /

E chama se serra Lyoa pellos portugueses porque he serra braua mais ajnda que ha de Sintra / E tera dez legoas em redondo /
E pello lingoa dos guyneos se chama esta serra e terra Pymto / por respecto de hũa aldea que jaz ao pee da dita serra / E sera de ij^{c} vezinhos / E porque esta he mais chegada aa dita serra que outra algũa

Ho ryo desta agoada se chama Taguyri E esto por hũa aldea que esta ao norte do dito ryo / E Pinto esta ao sul //

Fol. 128 v.º As aldeas principaes desta terra da Serra Lyoa —a saber— dos bolões som as seguintes —a saber—

Manguy aldea / sera de mil vezinhos

Maguem aldea de 300 vezinhos

Pinto aldea sobredita do 200 vezinhos

Bop aldea de 150 vezinhos

Afora destas aldeas ha muytas outras como de 60 e de 40 e 20 vezinhos e quintãas pera roçar arroz /

E cada hũa destas aldeas tem seu rey ao qual por seu lingoa chamam Bee que quer dizer Rey E todos estes som de hũa lingoa e geraçam de bolões /

Ha muytas amtre estas aldeas que alem dellas terem rey tem hũa cabeçeyra que se chama senhor de todos

como som estes bolones / porem nom tem mais mando que outros senhores saluo ho nome.

E assi na comarca dos temjnis chamada Casse que tem hũu senhor ho qual todos tem por senhor E ho chamam Obe Vrig. //

Fol. 129 Os reys destas aldeas todas nom tem rendas dos seus subditos nenhũas nem tributos saluo se elle quer roçar e semear ou colher suas nouidades / emtam todos da sua jurdiçam lhe seruem ao dito trabalho de graça / ou em fazer casas ou cerco ou pera hyr a guerra emtam todos acudem a elle /

E se hũu negro mata hũa onça ha de dar a elrey a pelle e os dentes como por sojeiçam. Ca dos dentes fazem collares pera o pescoço que trazem em grande stima / E se acham que hũu colar daquelles val quatro escrauos e outros mais / E a pelle da onça tem o rey pendurado tras sy como nos hũu panno de armar / E algũa carne de aliffante ou buffaro se a tyram mandam a elrey que ha come com os velhos do lugar diante do ydolo / E a carne da onça / cobra e lagarto / porco spyn todo trazem a elrey que come com velhos /
Estes reys vam a pee onde ham de yr e nom tem caualgadura nenhũa /
Elrey nom tem outros criados saluo seus escrauos / E as vezes vem algũu mançebo de fora e se acosta a algũu rey e se chama por seu /

Elrey se quer fazer guerra / ajuntam se os velhos e ham seu conselho E se lhes pareçe a guerra nom ser licita / ou a parte contrayra ser mais poderosa dizem a elrey que lhe nom querem ajudar / e ordenam pazes ajnda que elrey nom quer //

Fol. 129 v.º Todas aldeas da Serra Lyoa teem hũa ffe e som ydolatras / E creem que os ydolos lhes podem ajudar e

socorrer em suas necessidades E tem muytos ydolos porem cada aldea tem hũu ydolo geeral a todos a quem elles chamam Cru

Este Cru he hũa aruore soo muyto velha por elles chamada manipeyro / que he gorda e ramada / E he pao muyto molle e tem spinhas / as folhas della som como de olyueyras E ho fruito delle he como almexias brancas E esta aruore por todas aldeas tem por seu deus Cru / E nom embargante que desta sorte de aruores aja outras muytas pella terra porem cada aldea tem hũa escolhida do tempo velho que ouuerom por seu ydolo E tal aruore comummente esta na praça ou junto com a casa delrey / E se for caso que algũa destas aruores se secasse nom falta que outra noua se nom crie no dito lugar das rayzes / assi que o seu ydolo Cruu sempre tem no lugar antijgo de seus antecessores que a nenhũu lembra se nom alli /

Aluaro Velho perguntou hũu negro velho porque creyam em aquelle pao e nom em deus que criou ho çeo e a terra etc. / Respondeo o velho e disse que bem sabiam daquelle deus E creyam neste pao porque sabiam que elle era mandado de cima E outra resposta nom deu //

Fol. 130 Outro ydolo tem que todos adoram fecto de barro / o qual he de mais fea semelhança que se pode fazer / e fazem no com dentes grandes E os mais delles põem dentes de alifante enteiros E he fecto aa semelhança de sol E chamam se amtre elles Bemthema

Os homens velhos tem outro ydolo principal ho qual he do senhor da aldea a quem chamam Pisa / A esto ydolo nom vay nenhũa molher nem passa pella praça onde elle esta / em tempo que os velhos estam fazendo sua oraçam ou determinando algũa differença que aja na aldea /

Os potrosos tem outro ydolo que he fecto aa semelhança de homem potroso o qual se chama Contery / E quando algũu homem he potroso ou inchado encomenda se a elle / o guareçe ou morre /

Ha hy outro ydolo de guerra ao qual chamam Ymell / E he fecto aa semelhança de hũu homem que foy em outro tempo muy valente guerreyro que assi se chamaua / E ao tempo que ham de hyr a guerra a este fazem seu sacrificio pedindo lhe que lhe mostre se he boom de hyr a guerra ou nom —a saber— tomam hũa galinha e degollam na ante elle / e deytam a sangue della por cyma da cabeça e rosto do ydolo / Emtam poem a galinha com as costas diante e amtre
Fol. 130 v.º elle e o ydolo com a cabeça contra ho // ydolo e pees contra elle E se a galinha se vira de bruços he mão (56) de hyr a guerra e nom vam la / ou se morre trabalhando poendo hũu pee ou aza em cima da outra nom vam la dizendo que esta algũu mal encuberto E quando ella morre queda ham por bem de hyr a guerra / E a galinha quer que moyra mal ou bem cosem na e comem na / E os ossos poem ao pescoço do ydolo

Outra maneyra de fazer sacrificio quando querem hyr a guerra —a saber— os velhos da aldea trazem hũa galinha e quebram lhe a boca e a atam pello meio da boca a aruore Cru sobredita manipeyro com hũa corda feyta de aruores E esto em altura de hũu homem E outra corda atada pello corpo e as azas estendidas e assi a leixam morrer E em morrendo dizem que tal galinha matam em sua honrra que lhes dee ajuda em sua guerra e assy a todas aduersidades geraes como pera o tempo de muyta agoa etc. E este sacrificio vam todos rey e molheres E se aconteçe de

(56) mau.

fazerem pazes hũa aldea com outra emtam vem os contrayros matar hũa galinha a esta aldea / E estes vam a aldea dos outros fazer este mesmo sacrificio a seu ydolo Cru

Ay outra maneyra de adorar que quando algũa criança naçe / cortam hũu ramo de hũa aruore a que chamam malep ho qual he de tal propriedade que elle cortado
Fol. 131 e deitado no chão // arrebenta com sua humidade e da terra / E este pao chentam no chãao em nome daquella criança cujo nome emtam se põe aa dita criança / E aos oyto dias os circuncidam E dizem que como aquelle pao creçe assi crecera aquella criança / E assi fica aquella aruore por deus do menjno pera sempre / E se algũa aruore destas se seca e nom prende vam aos feyticeyros que deytem sortes e vejam porque aquella aruore nom prendeo ho qual lhe diz por razam tanta burla etc. E diz tambem porque algũu seu parente ou pay ou jrmão lhe foy morto / E dy pera auante põem tantas estacas ate que prenda algũa

Em suas doenças nom tem fisica nem regra della / soomente se algũa pessoa adoeçe vam se aos feyticeyros que lhes deyte sortes / porque he doente ho qual sempre acha que os ydolos lhe fazem aquella doença e mandam que lhe matem cam / cabra ou galinha / porque destas cousas acustumam de sacrificar / E se a pessoa que assi he doente guereçe dizem que aquelle ydolo que tinha dada aquella doença he muy boom e mauioso / porque como lhe fez sacrificio logo lhe deu saude / E se a pessoa doente morre dizem que o ydolo que aquella doença lhe tinha dado he muy valente que com quantos sacrificios que lhe fazem nunca lhe quis dar saude / Em maneyra / quer o doente morre quer guareçe sempre o ydolo he boom //

Fol. 131 v.º E segundo as desuayradas doenças assy tem desuayrados ydolos a que taes doentes fazem seus sacrifi-

cios como homem que tem door de cabeça / outro de barriga / outro das lauoyras e assi de todos doores / E estes taes som paos laurados em forma de homens / E estes taes ydolos tem em seus quintaes / E delles tem ydolos em suas casas / E outros ydolos tem em casas cubertas pellos camjnhos como em hermjdas onde todos fazem rogarias por qualquer necessidade / hũu que sua molher lhe payra / ou que lhe nom fugam os escrauos / ou que lhes creçe bem o arroz / E todo em pee / e vntam ao ydolo com hũu pouco de cuspinho / ou com algũa cousa se come do que traz na boca

Ha certas casas ou ygrejas de ydolos onde nom entram molheres / chamam hũa baa outro ydolo destes Piçaa / outro Contuberia / E estas casas som de homens soos

Ho ydolo das molheres se chama Pere e tem suas ygrejas cubertas e nom entram homem nellas / E os ydolos som paos cortados em forma de homem E fallam com o dito ydolo propriamente como com hũu homem porem ho ydolo nom da reposta //

Fol. 132 Custumam de todollos finados que morrem fazer memoria delles —a saber— cada hũu dos seus / dos homens honrrados fazem idolos aa semelhança delles / dos communs e escrauos fazem de pao fecto como birlos de bola e põem nos em casa cuberto de palha / fazem lhes cada anno sacrificio de galinhas ou de cabras segundo a calidade da pessoa / e lança a sangue sobre elles e os ossos põem ao poscoço delles / e a carne comem /

Ho modo das suas sepulturas he / Quando morre algũu caualleyro ou algũu homem honrrado abrem no por hũu lado e tiram lhe tudo o meudo meudo (*sic*) de dentro E lauam no muyto bem / e enchem no de heruas que pareçem com ortellãa que cheyra muy

bem e lançam dentro farinha de arroz e vntam no com azeite de palma / E fazem hũu cadafalso alto de 5 ou 6 degraos ho qual he emparamentado de melhores pannos que ha no lugar como panos vermelhos ou de algodom Emtam põem o morto assentado em hũa cadeyra com os melhores vestidos que elle tem E se
Fol. 132 v.º nom os tem pedem nos // emprestados / E passam lhe hũu cordel per a cabeça e atam no açima da abertura do cadafalso pera que estee direito / E põem lhe hũa darga na mão / e em outra hũa azagaya e hũa espada na çinta /

E se homem que tem mortos muytos homens em guerra põem lhe tantas caueyras de homens diante delle quantos tem mortos E despois delle assy estar posto como ho de em cima esprito tangem os atabaques como se tangessem de guerra / ao qual som acudem todos do lugar e dos termos —a saber— os mançebos rijos com suas adarguas e azagayas como pera hyrem a guerra os quaes nom fazem se nom escaramuçar diante do morto / As molheres e homens velhos a chorar E ajnda os cães em taes tempos se ajuntam a oiuar por custume /
Duram estas festas tres ou quatro dias segundo a calidade do homem e dia e noite nunca deixam de cantar e de baylar E ao dia quando ho ham de enterrar se ajuntam todos aquelles pouos em a praça onde esta ho morto em aquelle cadafalso e alli fazem calar a todos / E alli dam joyas segundo cada hũu quer e segunda (*sic*) cada hũu tem em sua vontade
Fol. 133 decrarando a ca-//da hũu a quem as da / Se se dam ao morto som enterrados com elle / se se dam pera os parentes do morto cada hũu leua ho que lhe dam / Custumam se de enterrar dentro de suas casas / Nenhũu homem enterram soo se nom animalias com elle como vacas cabras ou galinhas segundo a calidade do homem E os melhores pannos todos enterram com elle e asy ouro e joyas / etc.

Essas mesmas honrras fazem aas molheres em todo saluo que nom vem os homens com armas aa praça /

Os parentes do morto emtam andam rapados com suas cabeças e ellas cubertas de hũu poo de pao vermelho que pareçe sandalo / E vestem os mais proues pannos que tem / As molheres trazem pannos ou tranças ou orelos aos pescoços / e rabos de boys ou cornos de boys nas mãos / E os homens trazem arcos desarmados / E todo isto quanto aos parentes / porque as outras gentes vestem os mais riquos pannos e os melhores que podem auer / E a maior festa que podem fazer he na morte de algũu homem honrrado E quanto mais honrrado tanto maior festa //

Fol. 133 v.º Casamento da Serra Lyoa he que cada hũu vay onde quer que acha dalgũa molher solteyra ou moça que lhe pareça bem / E compra a a vontade de seu pay e sua may / E ho peso por onde entregua o oro guarda ho muy bem / porque se esta molher se foge e nom quer fazer vida com elle Elle vay requerer seu oro a seu sogro e lho ha de tornar /

Os homens quantas molheres podem teer tem / E trabalham por auerem muytas molheres / porque quantas mais molheres tanto mais ricos som / porque as molheres roçam e semeam e colhem e fazem todo seruiço E os homens folguam / E quando tem algodom fyam Nom som homens que fazem muyto porque as molheres busquem seu refresco / porque quando acham que lhes fazem adulterio paguam lhes com dinheyro

Nom heredam os filhos se nom o jrmão e do jrmão torna ao sobrinho filho de cuja a herança foy //

Fol. 134 As casas dos proues som de paos chentadas no chão e embarradas e cubertas de palha de juça ou junco grosso /

E as casas dos ricos som fectas de adobes e de tijollo pera coser / e dentro bem cayadas e de defora com cree ou barro branco e de dentro muy bem lauradas e som as melhores casas de toda Guynee / Dellas esteyradas de muy ricas esteyras que os ditos negros fazem / Seu assentar he nestas esteyras e em coyros de vacas de que se prezam como nos de alcatifas e estam em tripeças muy bem lauradas /

Suas alfayas som gamellas tagaras panellas de barro /

Sua cama he de esteyra / junto com a qual continuadamente tem fogo de noyte //

Fol. 134 v.º Vestidos dos homens honrrados trazem camisas de algodom e calças bragas

Os proues trazem hũu panno texido de pao e colorado derrador do cuu

As molheres trazem seu panno derrador do cuu como se disse

As moças virgeens por galanteria trazem hũu panno que lhes pareçe ho pentelho / ho qual nom acustumam de fazer /

Comem arroz e milho jnhames maccarras feyxões peixe e marisco cosido e assado Carnes comem de vacas e cabras e de todas animalias que podem caçar / E nom menos quando matam em guerra seus emmjgos cortam pedaços delles e os secam no fumo e os cosem com arroz e o comem /

Bebem da agoa limpa e vinho de palma como os outros das outras terras //

Fol. 135 Armas em Serra Lyoa / som arcos e frechas spadas e dagas / adargas de pelles de alifante ou de buffaro /

e azagayas muytas / E fazem herua muy forte com que vntam suas frechas /

Suas guerras fazem ordenadamente assi como nos / fazendo seus capitães e suas çeladas por mar e por terra

Ham nesta terra muyto ferro e boom E se elles soubessem fazer engenhos / aueriam mais ferro que em Bizcaya /

Em esta terra tem grandes almadias e todas de hũu pao / Almadia que leua 120 homens de guerra com suas azagayas adargas e frechas e seu mantijmento /

Som homens muy determinados e muy valentes em guerra E principalmente os que se chamam bolões //

Fol. 135 v.º Justiça dos bolões he / que quando acham algũu que mata a outro / tomam no e matam no desta maneyra —a saber— atam lhe os pees e mãos e põem no cerca de hũu ydolo chamado Anyma E alli ho matam as pancadas quebrando lhe os olhos (*sic*)([57]) e os dentes machucando o todo / E estes que esto fazem som os mais honrrados da terra baylando e dançando e cantando /

E todas outras enjurias e coymas se pagam a dinheyro

A justiça dos teminis he que acustumam assi como morte e todos outros delictos e enjurias comprar por dinheyro e a nenhũu nom matam /

Suas sentenças contra todas enjurias fazem por as mais vozes dos velhos //

([57]) Certamente: «ossos».

Fol. 136(58) Em Serra Lyoa som os homens muyto sotijs muy engeniosos / fazem obras de marffim muy marauilhosas de ver de todallas cousas que lhes mandam fazer —a saber— hũus fazem colheyros outros saleyros outros punhos pera dagas e qualquer outra sotileza

Em esta terra ha ouro e ho mais fino que ha em toda terra de Guinee

Em esta terra ha alliffantes muytos de que tem jnfijndos dentes que he marffim de que fazem todas suas obras louçãas /
Os aliffantes nom criam nem acustumam pera seruiço nenhũu como fazem em Jndia saluo que os matam e comem E qualquer que mata hũu aliffante tem no por muyto valente e lhe fazem grande festa / E matam nos desta maneyra —a saber— Os negros fazem hũu arpam e ho vntam com herua peçonhenta / atado bem em hũa asta pesada / E o negro que ja sabe per onde ha de vijr o aliffante / esta sobre hũa aruore e leixa cayr o dito arpam ao aliffante quando passam muytos juntos / Emtam o negro lhe segue hũa legoa ou duas //
Fol. 136 v.º ou mais ata onde vaa a morrer / E se vaa ter a outra jurdiçam tornam lhe o aliffante ou pagam lhe ou põem lhe guerra por ysso / E comem no
Ho melhor comer delle he as vnhas e a tromba e ho caralho sobre todo /

Ha aqui muytos buffaros brauos que matam com frechas e azagayas

gazellas muytas que tomam a redes e com frechas

porcos monteses muytos que matam a frechas e com azagayas /

(58) No ângulo inferior direito, aassinatura: «f».

De anta animal ha hy muytas e chamam nos aqui por seu lingoagem tryntrylman

Ha aqui hũa animalia que pareçe em todo homem e he preta de corpo e cabello / E o rosto tem aluo / E anda em quatro pees e em dous he cousa mais falsa do mundo e aguda

Algalia e gatos de algalia muytos //

Fol. 137 Ha hy outras animalias a que elles chamam pangales E he tal como vaca e tam grande se nom que de lobo pera baixo tem çintas pretas e brancas / E tem os cornos brancos lyzos / de mea braça em longo /

Gatos de rabos longos pretos pardos e ruyuos ha nesta terra muytos

Cobras se acham de 22 e de 25 pees em longo e em gordura de hũu palmo e meo / E nom som peçonhentas E as comem e fazem grande festa com ellas /

Lagartos ha nestes ryos muytos e em toda Guynee de 25 e 30 pees em longo como se disse etc.

Ha nesta terra morçegos tam grandes como galinhas / E de dia estam nas ylhas dos ydolos / E de noyte vam a terra firme a buscar de comer //

Fol. 137 v.º Papagayos pardos ha aqui muytos e verdes nenhũus

Peyxe muyto nesta terra e peixe como de nossa terra saluo algũus poucos

Arroz semeam em mayo e colhem no em setembro

Macarras rayzes e fruito nacem de bayxo do chão

Em Serra Lyoa naçe malagueta muyto bõa porem pouca / Naçe em hũas heruas propriamente como aqui o milho em Portugal se nom que açima nom tem a semente como o milho E tem ho pao da verga muyto lizo / E no pee delle da rayz sobre a terra saem aquellas baynhas em que esta a malagueta / E tiram no e enxugam no //

Fol. 138 Seus annos contam de nouidade a nouidade —a saber— de nouembro a nouembro porque emtam colhem suas nouidades
E contam seus meses pellas lũas nouas

Os dias amtre elles nom tem nome se nom contam oje e amte e de manhaa E quando algũa cousa ham de fazer daqui a 15 ou 20 dias chentam 20 palhas em hũa parede e tyram cada dia hũa ata a derradeyra assi sabem que passarom tantos dias

Em esta terra e em toda Guynee nom choue saluo com grandissimas trouoadas que pareçe que todos os çeos querem deçer E aquella trouoada nom dura mais que meya hora / ou a mais hũa hora / E despoys sobrevee sol tam quente que homem cuyda morrer com calma //

Fol. 138 v.º: *em branco*

Fol. 139 Alem da Serra Lyoa contra ho ryo das Palmas amtre a geeraçam do temjnis esta hũa terra chamada Hatschinch Em a qual terra ha hũu ydolo vniuersal de todas estas terras / ao qual ydolo chamam Tschyntschyn E esta fora da pouoraçam em hũa mata hũu terço de legoa de hũa aldea chamada Catell / a qual aldea he de 60 vezinhos E este ydolo esta no meo da mata / e onde esta ho aruoredo todo esta cortado em derrador e em cima das aruores altas coberto assi que sempre o dito idolo esta em sombra Este ydolo he hũu pao cortado a figura de hũu homem e assi

tam grande E tem hũa azagaya na mão / He vestido em hũas camisas de panno pintado do sertão / traz carapuça de pano amarelho e vermelho na cabeça / Elle traz annes de oro nas narizes / e nas orelhas / E traz alaquequa na cabeça por joya muy grande / pera este ydolo vem gente de longas terras como a jubileu / e lhe trazem cabras e galinhas pera matar / Este ydolo tem hũu creligo ou prellado a que vem do herdamento e linhagem / E ho mais antijgo daquella linhagem he aquelle clerigo / E esta linhagem chamam tangomãas E ho clerigo viue na dita aldea / E //
Fol. 139 v.º quando vam os romeyros pera visitar este cru e ydolo grande pousam na dita aldea e perguntam pello dito capellam E a elle dam sua offerta —a saber— cabra ou galinha e hũu pequeno de ouro de 7 ou 8 grãos delles mais ou menos E dy se vay este capellam com a offerta ao dito ydolo e fala com elle como com hũu homem E amtes que entra o dito capellam primeyro na entrada da mata pergunta hola quem esta la Entrarey / Ouujndo esto as cobras conheçem no como quem que nom vem vazio e acudem a elle onde fala e vam se com elle ata ho dito ydolo / E diz ho dito capellam fazendo lhe saber de como hũu tal homem ffuão de tal lugar ou aldea lhe manda esta offerta E lhe diz que ho roga pello doente ou preso ou qualquer outra cousa que ho tirem e liure etc. E acabando a rogatiua mata a cabra ou galinha aos pees do ydolo e lança lhe a sangue sobre os pees delle E daquella mata vem e acudem as cobras que se criam daquella sangue na dita mata muy grandes que tem ata dez pes em longo E de grosso ou gordos de dous palmos em alto e lambem aquella sangue / E dizem que as ditas cobras som guarda daquelle cru / E dizem que he certo que qualquer outra pessoa que la vay sem o dito capellam que as cobras ho matam e comem / E acharom muytas vezes aos pees do ydolo ossos e vestidos de homens que dizem que hyam pera tomar
Fol. 140 e furtar as joyas do // Chinchin seu cru E dizem que as ditas cobras hos comerom /

Ho clerigo despois de ter fecto seu sacrificio leixa a sangue e hũu pedaço pequeno da pelle ou da galinha das pennas atadas ao dito ydolo E ho outro todo leua consigo pera sua casa e ho come E assi mesmo do ouro /
As offertas que os romeyros ham de fazer delles as trazem consigo / E delles compram na aldea por ouro ou ferro ou por mantijmento /

Aluaro Velho do Barreyro que esteue algũus oyto annos nesta terra foy com o dito capellam a ver o Chinchyn ydolo sobredito e cobras E disse que nunca se achara em tam grande perijgo porem o dito capellam sempre ho confortara dizendo que se nom temesse

Os homens desta terra som muy sotijs negros de arte manual —a saber— de saleyros de marffim e collares E assi qualquer obra que lhes debuxam os cortam em marffim //

Fol. 140 v.º: *em branco; seguem-se os Fols. 140 a 140 v.º, em branco.*

Fol. 15

Das ylhas do Mar Oceano
quaderno primeyro

	folhas
Sam Miguel	4
Terceyra	5
Santa Maria	6
Sam Jorge	7
do Pyco	8
do Fayal	9
a Gracyosa	10
das Flores / e Coruo	11
Madeyra	12

Lançarote 13
Forte Ventura 14
Grã Canaria 15
Tanariffe 16
a Gomeyra 17
da Palma 18
ho Ferro 19
Sam Nicolao 20

quaderno primeiro //

Fol. 141

das ilhas do Mar Oceano

Calez fol. 1
Canarias ilhas fol. 5
Lançarote insula fol. 7
Forte Ventura insula fol. 9
Gram Canarea insula fol. 10
Tanariffe insula fol. 13
Gomeyra insula fol. 15
Palma insula fol. 16
Ferro insula fol. 17
Saluagem insula fol. 18 //

Fol. 141 v.º Madeyra insula fol. 19
Porto Sancto insula fol. 33
Azorum insulae fol. 39
Sancta Maria insula fol. 40
Sancti Michaelis insula fol. 41
Tercera insula fol. 42
Sam Jorge insula fol. 43

	Graciosa insula	fol. 44
	Pico insula	fol. 45
	Fayal insula	fol. 46
	Coruo insula	fol. 47
	Flores insula	fol. 47 //
Fol. 142	Cabo Verde insulae	fol. 51
	Bona Vista insula	fol. 53
	Salis insula	fol. 54
	May insula	fol. 55
	Sancti Iacobi insula	fol. 56
	Fogo insula	fol. 57
	Braua insula	fol. 58
	Sancti Nicolai insula	fol. 59
	Vasa insula	fol. 60
	Mala Sombra insula	fol. 60
	Sancte Lucie insula	fol. 61
	Sancti Vicenti insula	fol. 62
	Sancti Antonij insula	fol. 63 //
Fol. 142 v.º	Sancti Thome insula	fol. 65
	Principis insula	fol. 78
	Anno Bono	fol. 80 //

[*Seguem-se 9 Fols. em branco com os n.os a lápis 157 a 165*].

Fol. 143 Cales ylha Gadira 1

Calez ylha //

[*Resto do Fol. em branco e os Fols. 2, 3 e 4*].

Fol. 143 v.º: *em branco*

Fol. 5/144 Ylhas de Canaria [59]

¶ Canarias ilhas / Segundo dizem forom primeyramente de christãos achadas —a saber— de hũu yngres fidalgo leproso chamado Lançarote ho qual conquistou a primeyra ylha dellas a que elle pos seu nome e assi se chama ata oje como se dira no titulo da ylha de Lançarote ¶ Ajnda que achei na cronica delrey dom Joham o primeiro de Portugal que no anno de 1416 hũa sua carauella hindo pera Affrica de armada com tormenta achou as ilhas de Canarea / E chegarom aa ilha que despois foy chamada Lançarote e acharom na despouorada cuydando que as outras todas seriam despouoradas vierom a Portugal contado ysso foy grande marauilha de acharem ylhas no mar oçeano ¶ No tempo que começara a regnar em Castella elrey dom Anrrique filho delrey dom Joham o primeyro que foy vençido em a batalha de Aljubarotta delrey dom Joham o primeyro rey de Portugal / neste tempo veo hũu fidalgo de terra França a Castella que se chamaua Mossen Joham de Betancor / ho qual seendo homem nobre e catholico soube de como estas ilhas eram de jnfiees se partio de sua terra com intençam de as conquistar / E vijndo em Castella ouue naujos e mais gente do que trazia e foy sobre ellas onde ouue assaz trabalho em sua conquista / Enfim sojugou as

1416

Laçarote yngres o primeiro que decobrio estas ilhas e as começou a pouorar

Mossem Joham de Betancor frances ho primeiro conquistador das Canarias

(59) Título, caldeirões e apostilas sublinhados a vermelhão.

tres —a saber— Lançarote Forte Ventura e do Ferro / ajnda que a ylha // de Lançarote ja foy pouorada / daqui tomou elle seu refresco pera conquistar as outras e aqui fez elle despois sua morada etc.

Fol. 5/144 v.º Canarias ylhas

Joiham de Betancor tornou a França

¶ E porque Mossem Joham guastara ja seus mantijmentos e dinheyro foy lhe necessario de se tornar pera sua terra com intençam de vĩjr outra vez pera acabar de as conquistar todas leixando em aquellas tres por capitam hũu seu sobrinho que se chamaua Misser Maçioth / Mas Mossem Joham tanto que foy em França nom tornou mais porque enfermara pello qual o dito Maçioth ficou ally ao depois per tempos ata que foy pera a ylha de Madeyra que o Jffante dom Anrrique o primeyro inuentor de Guynee lhe tinha comprado ho senhorio dellas /

Maçioth senhor destas ylhas

Joham de Betancor leproso

¶ Outros dizem que este Misser Joham de Betancor era leproso e que viera de sua terra a Seuilla E ouujndo de Lançarote que fora aas ditas ilhas foy se la com toda sua familia —a saber— molher e filhos E porque era homem poderoso e rico trabalhaua de conquistar as outras ylhas / E dizem que morreo nesta ylha de Lançarote / pello qual Misser Maçioth seu filho ficou por senhor das ditas ilhas / E tinha esse Maçioth duas filhas / hũa dellas casou com hũu fidalgo chamado Cabreyra

Macioth filho de Joham Betancor

Fol. 6/145 Canarias ylhas

¶ A outra dona Maria de Betancor leuou // pera Portugal por rogo do Jffante dom Anrrique ho qual a casou cam Joham Gonçalues Zarco primeyro capitam da dita ilha de Madeyra /

¶ Ho dito Cabreyra tinha de sua molher hũa filha a qual casou em Castella com hũu de Ferreyra que agora he senhor destas ilhas e de hũa parte da ylha de Grã Canaria /

¶ Anno de 1446 ho Jffante dom Anrrique ouue do Jffante dom Pedro seu jrmão que emtam regia a Portugal que nenhũu fosse aas ilhas de Canaria a resgatar sem sua licença / E lhe foy mais fecto merçee do quinto com cartas etc. //

sem licença do Jffante nenguem hia a estas ilhas

Fol. 6/145 v.º

Canarias ylhas

As ilhas de Canarea e seus nomes

	LaNçarote ilha	pouoradas
	Forte Ventura ilha	
	Grã Canaria ilha	
+	ho Ferro ilha	
	Palma ilha	
+	Gomeyra ilha	
	Teneriffe ilha	
	Sancta Clara ilha	nom pouoradas
	Allegranza ilha	
	Graciosa ilha	

Fol. 7/146

Canarias ylhas

27 graus artici

Lançarote ylha

¶ Lançarote ilha he a mais chegada amtre as outras ilhas de Canaria ao estreito de Gybraltar / E [*em branco*].

Anno de 1447 comprou o Jffante dom Anrrique esta ilha de Misser Maçioth filho de Mossem Joham de Betancor frãnçes / E satisffeyto o preço della por cada anno leyxou o senhorio della ao Jffante e se foy pera a ilha de Madeyra pera sua filha / E ho Jffante fez logo nella principal e primeyro capitam a Antam Gonçaluez seu criado ho qual foy em seu nome tomar a posse della onde esteue per algũus tempos animando os moradores della a seruiço e obediençia de seu senhor com tanta benignidade e doçura que em muy breue tempo foy conheçida sua virtude /

¶ Esta ilha he sem ribeyras de agoa porem tem pouços de boa agoa / E assi os moradores della fizerom

como canos amtre as serras pera vijr a agoa toda pera baixo a hũu lugar como estanque em que se recolhe toda a agoa daquellas serras //

Fol. 7/146 v.º

Canarias ylhas

Lançarote ylha

¶ Este lugar donde recolhem estas agoas chamam maretas / a qual agoa abasta todo o anno aas bestas e gaados della porque nesta ilha ha grandes criações de cabras

¶ As mais de suas sementeyras he de çeuada porque tem pouco trigo por causa da terra

¶ Ha nesta ylha muytos coelhos e nenhũu outro animal

¶ Aruoredo tem nenhũu

Bitancor

¶ Esta ylha como se disse primeyramente foy achada e pouorada de Lançarote de Betancor caualleyro ymgres (60) leproso per cujo nome a esta ilha ficou o nome de Lançarote / onde ajnda as molheres acustumam trazer capellos nas cabeças segundo ho modo de Yngraterra //

Fol. 8/147

Canarias ylhas

¶ Esta ylha tem outros quatro ylheos junto com ella Lançarote ylha

Tem porto e emtrada ao noroeste //

[*Resto. do Fol em branco*]

Fol. 8/147 v.º: *em branco.*

(60) Por cima: frances.

Fol. 9/148

Canarias ylhas

27 graus
28 graus

Forte Ventura ylha

¶ Forte Ventura ilha esta da ylha de Lançarote duas legoas E em meio dellas esta hũu ilheo que se chama de Lobos

¶ Esta ilha tem poucas agoas de ribeyras e salobras / E as mais das agoas som de poços e boons

¶ Esta ilha tem matos pequenos E cria muytas cabras e muytos coelhos

¶ A costa desta ilha se chama Poço Negro e tem tres ilheos junto com ella //

Fol. 9/148 v.º: *em branco.*

Fol. 10/149
28 graus

Gram Canarea Jlha he a maior de todas estas ilhas / E tera em cerco 20 legoas E he terra de muytos aruoredos e de muytas ribeyras de agoas doçes e bõas

Ha nesta ilha muytos trigos e çeuadas e toda outra sementeyra

Nella ha açucares muytos e muy boons vinhos e viuem os homens nella em muyta abastança

Anno de 1486 per Pero de Vera caualleyro de Cherez / E com elle foy Affonso de Lugo(62) //

Esta ilha per castellanos se acabou de conquistar(61) pera ca com grande trabalho E esto pella jnfijnda gente que auia nella /

Anno de 1424 mandou o Jffante dom Anrrique pera conquistar esta ilha hũa armada com 2500 homens e 120 de cauallo E por capitam mor a dom Fernando de Crasto E por mjngoa de mantijmentos ficou pera

(61) Palavras riscadas: «de dez annos».
(62) Fol. 13/152: Alonso de Lugo.

conquistar / E o outro anno quiserom tornar E antremeteo se elrey de Castella dizendo que a conquista pertençia a elle //

Fol. 10/149 v.º E porque tenho esprito muytas cousas destas ilhas e sua gente e de seus custumes e ydolatrias amtes que fossem conquistadas pellos christãos por ysso quero ho aqui poer por nom perder meu trabalho e nom menos os leentes folgarem de ouujr /

Os moradores desta ilha eram grandes de corpo e de deuaçam entendidos empero forom homens de pouca lealdade / E eram sempre sete e oyto mil de peleja / E sabiam que auia Deus / do qual aquelles que bem fizerem aueram bem e os contrairos aueram mal /

Elles tinham antre sy dous que nomeauam por reys e hũu duque porem todo ho regimento da ylha foy em certos caualleyros os quaes nom auiam de mjngoar de 140 nem chegar a 200 E despois que morrem cinco ou seys ajuntarom se os outros canareos e escolherom outros tantos daquelles que som filhos de caualleyros em lugar dos que falleçem em maneyra que o conto sempre auia de ser comprido / E estes forom os mais fidalgos de linhagem de caualleyros sem mestura de villãos / E estes taes sabiam sua crença e ffe de que os outros nom sabiam nada / se nom dizem que creem em aquello que creem seus caualleyros /

Fol. 11/150 Estes caualleyros ham de corromper toda-//las moças virgeens / E despois de corruptas per tal caualleyro emtam a pode casar seu padre ou elle com quem lhe prouuer /

Amtes que corrompem as moças seus parentes as engordam tanto que o coyro della scanegua como fazem os figos porque a magra nom na tem por tam boa como a gorda / porque dizem porque se lhes alarga o ventre pera fazerem grandes filhos / E despois

que he assi gorda amostram na nua aaquelles [caua]lleyros / E aquelle que ha quer corromper diz a seu pay que he assaz de gorda / E despois o padre e madre ha fazem entrar no mar algũus dias e certo tempo cada dia e tira se lhe aquella gordura sobeja e emtam a leuam ao caualleyro E ella corrupta torna a seu pay pera sua casa.

Quando homem casaua sua filha deu lhe ho pay muytas cabras em dote / porem o marido podia leixar a molher quando querria / E assi auia de tornar as cabras se o pay della as quiser demandar.

Daua homem desta ilha sua mulher ao seu hospede E nom querendo dormir com ella ho teue logo por emmjgo mortal /

A peleja destes foy com pedras sem outras armas se
Fol. 11/150 v.º nom hũu pao curto pera dar // com elle E forom bem ardidos e de forte peleja / porque a terra he de muytas pedras e deffenderom bem sua terra

Todos andarom nuus e soomente traziam hũa forcadura de palmas de cores derrador por bragas que lhe cobrem sua vergonha E muytos som que as nom trazem / E desprezam os pannos e escarneçem de quem quer que as preza /

Nom tem ouro nem prata nem dinheyros nem joyas nem artelharia / se nom pedras fazem de que se aproueitam em lugar de cuytellos com que fazem as casas em que viuem E desprezam ouro e prata contando por sandiçe a qualquer que ho deseja E assi todos som desta opiniam soomente prezam o ferro do qual com pedras fazem anzoos pera pescar

Teuerom muyto trigo e muyta çeuada mas faleçeo lhes ho engenho pera fazer pam / soomente faziam farinha

a qual comiam com carne e mantega e assi comiam avea que tinham muyta

Figos teuerom muytos e figos que chamam telle / Tamaras empero nom boas e heruas que comem //

Fol. 12/151 Teuerom ouelhas e cabras e porcos abasto E muyto sangue de dragam
Suas barbas faziam com pedras de pederneyra / E algũus delles se chamauam christãos

Hauiam nesta ilha por grande mal a alguem de matar carne nem de ha de esfollar / E por esso se podem de defora auer algũu christão folgam muyto de ser seu carniceyro E quando nom podem auer tantos que lhes abasta emtam buscauam os pyores que auia em a ilha pera ter aquelle carrego / dos quaes nom curam nenhũas molheres nem os homens comem com elles porque os ham por pyores do que nos temos os gaffos /

Ho seu fogo encendem com paos fregando hũu com outro

Nejosamente criauam as madres os filhos pello qual a maior parte de sua criaçam daquellas criaturas he com as tetas de cabras //

Fol. 12/151 v.º: *em branco.*

Fol. 13/152 Tenariffe ilha / ou por outro nome chamada ilha do Enferno porque tem em çyma hũu algar per onde sae continuadamente fogo e tem hũu ylheo junto com ella. Tera 15 legoas em comprido e quatro ou çinco em largo

No meo desta ylha esta hũu pico tam alto e agudo como pam de açucar e passa a primeyra regiom do aar e que nenhũu nom pode subir E esto por estar

sempre neue nelle / e a terra delle ser muyto mouadiça e solta / e dizem que he de pedra pomis em cima lança fogo /

Ha nella agoas em muyta abastança e bõas e he de muytas ribeyras e bõas

Dam se agora nesta ylha todallas cousas em muyta abastança —a saber— muytos trigos e açucares e vinhas

Ha nella muyto aruoredo de muytas aruores e de pinho de que fazem em grande abastança de breu

Ha nella grande criaçam de gaados —a saber— de porcos ouelhas e cabras /

Acabou se de conquistar esta ilha anno de 1496 per hũu caualleyro chamado Alonso de Lugo com muyto trabalho e perda de muytos homens / per mandado delrey dom Fernando //

Fol. 13/152 v.º Os custumes dos moradores de Tenariffe no tempo amtes da conquista

Os vestidos delles forom de pelles

Elles nom tinham casas soomente choupanas e couas em que passauam sua vida

Disse se delles que os homens encolhiam suas naturas como os cauallos / os quaes nom estendem se nom quando querem mijar ou fazer filhos

Sua peleja he com astas de amago de pinho fectas como grandes dardos muyto agudos torrados e secos / E pelejam hũus com outros o qual he seu principal cuydado /

Os homens desta ylha forom homens de pequeno corpo e spaldudos fortes e ardidos em pelejar

Os homens desta ilha tem molheres certas e viuem mais como homens que algũus das outras ilhas /

Creem que ha Deus E auia nesta ilha vj^{c} (63) moradores /

As suas redes de pescar faziam de cornos de cabras //

Fol. 14/153 Em esta ylha de Tenariffe auia oyto jurdições bandas / E cada hũu delles tinha seu Rey ho qual auiam sempre de trazer consigo como quer que lhe a morte venha / ate que o outro que depois daquelle socede se acerta de morrer / de guisa que sempre traziam hũu morto e outro viuo / E quando assi o outro morre que som dous mortos que lhes he necessario leixar hũu segundo sua bestial ordenança /
E quando elrey assi morre lhe tiram as tripas e as metem em hũu saquinho fecto de folhas de palmas / E nesta ilha esta hũu lugar muy alto e muy perijgoso sobre ho mar e estreyto E escolhem hũu homem da geeraçam daquelle rey morto / porem que seja de sua liure vontade que traz as tripas do dito rey consigo no seu saquinho e vaa ata que chegua ao dito lugar estreito e perijgoso ata que nom pode mais / e se lança no mar onde morre / porque he mais de v^{c} (64) couados em alto / E ahy estam os outros olhando e delles dizendo / Encomendo te a elrey / outros dizem / Encomendo te a meu pay / outros a seu filho / outros a seu amigo defuncto E dizem / Dezi lhe que as suas cabras e gaados som gordos ou magras ou se morrerom ou nom / E lhe dizem todas as nouas que

(63) 600.
(64) 500.

sabem do rey ou dos parentes cuydando que ho outro lhe ha de dizer tudo /

Fol. 14/153 v.º E despois tomam ho corpo morto delrey e // enchem no de mantegua / e metem no em hũu speito como galinha e ho metem em hũa lapa / E a entrada daquella lapa põem hũu homem boom ho qual dizem que per sua bondade ha de fazer que ao morto nom caem os cabellos da cabeça / nem ho coyro do corpo e esto em hũu anno / E se lhe caem tem o que guarda por grande pecador / E se ficam teem no por boom homem / E emtam se ajuntam e fazem grande conuite e lhe fazem grande honrra E despois do conuite ho leuam ao lugar perijgoso onde o outro se lançou no mar / ho qual tambem se lança no mar E dizem que este vaa acompanhar elrey no outro mundo /

E tinha por custume que se algũu se lancaua daquelle penedo abaixo que todos da sua geeraçam ficauam fidalgos //

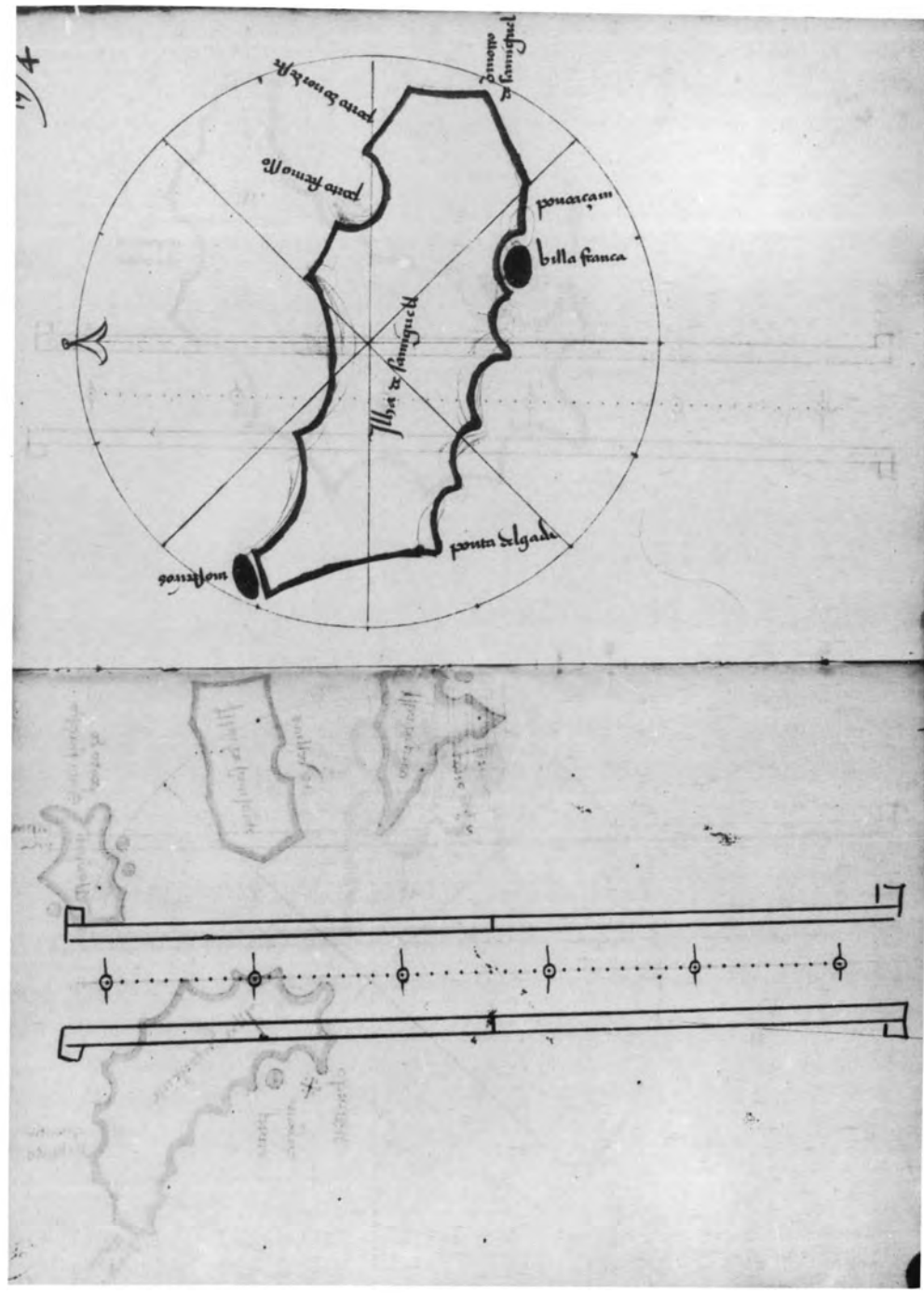
Fol. 15/154 Gomeyra ylha pequena e muyto fructifera / ha nella muyto trigo / çeuada açucares e vinhas e criaçam do todollos gaados / E he terra de muytas agoas e boas porem doentya em sy de febres

Esta ylha tera çinco legoas em derrador

Em esta ilha despois de conquistada leixarom nella morar os canareos que matarom a seu capitam christão chamado [*em branco*](65) de Vera / pello qual tornarom os outra vez a conquistar e lançarom fora todos canareos /

Anno de 1448 o Jffante dom Anrrique mandou hũa armada a esta ilha e por capitam a Aluaro de Ornellas que conquistou a metade della per força de armas /

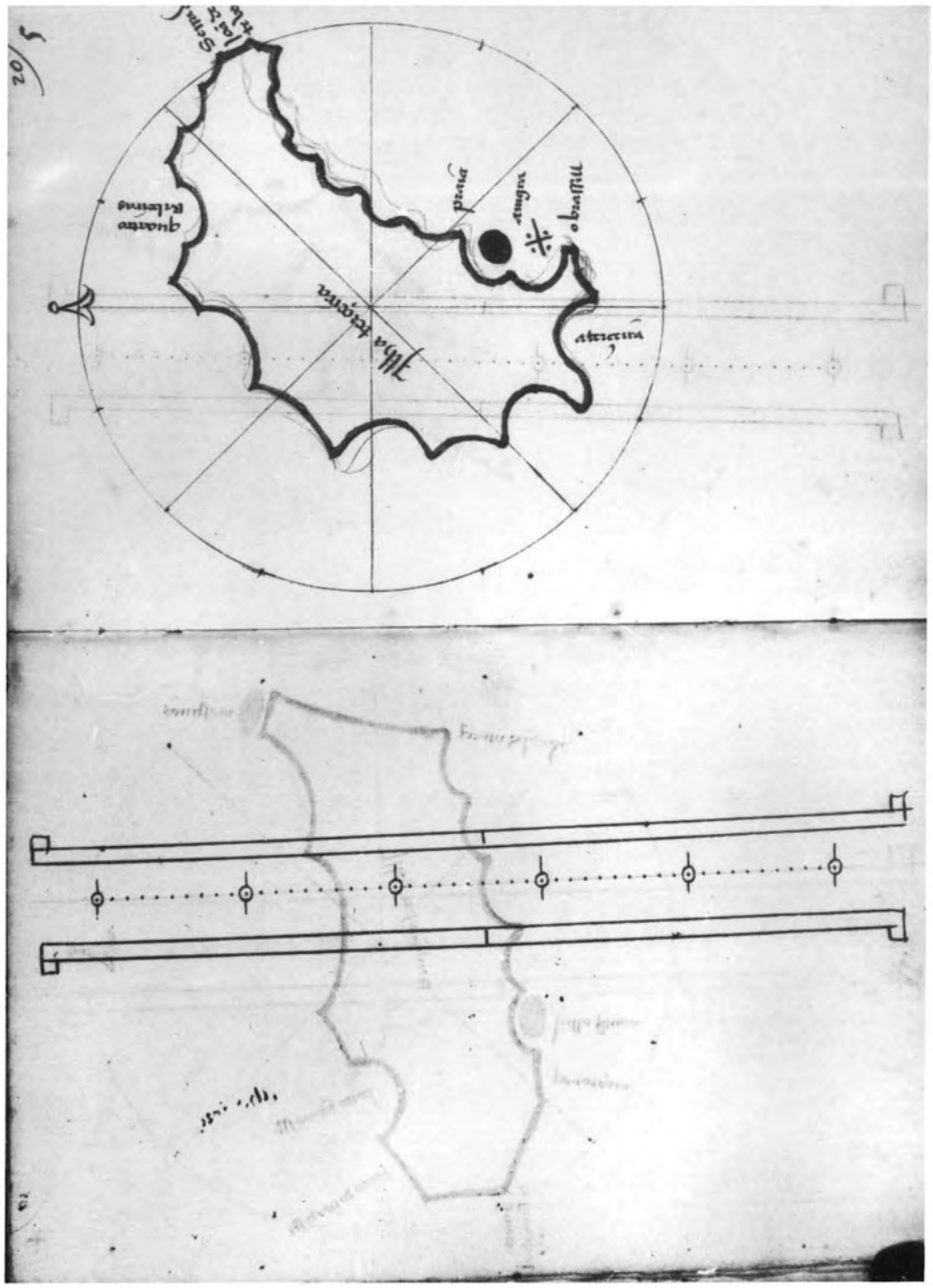
(65) Fol. 10/149: Pero de Vera.



ILHA DE S. MIGUEL

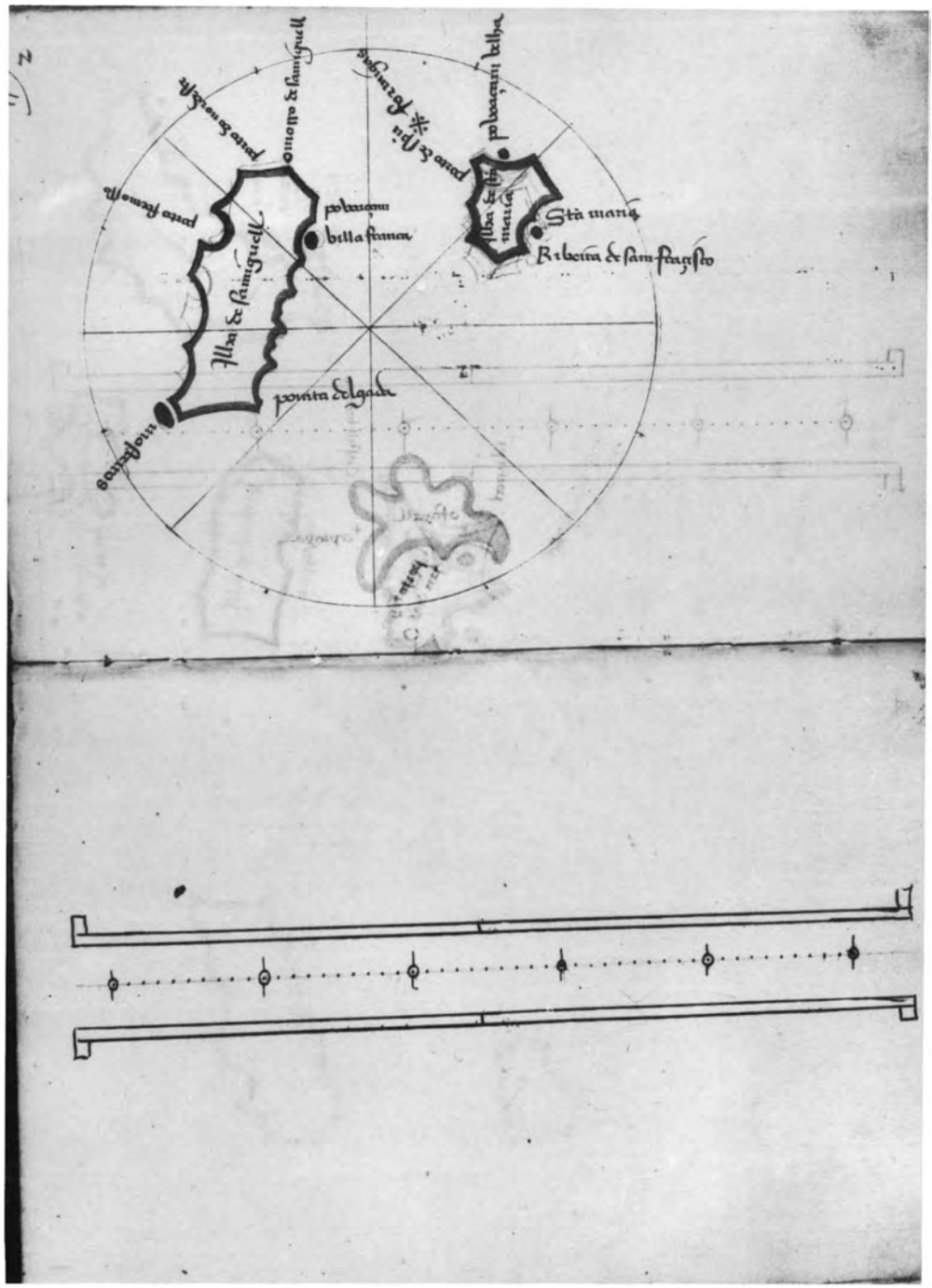
Topónimos:

Ponta Delgada
Villa Franca
Pouoaçam
o Morro de S. Miguel
Porto do Nordeste
Porto Fremosso
Mosteiros

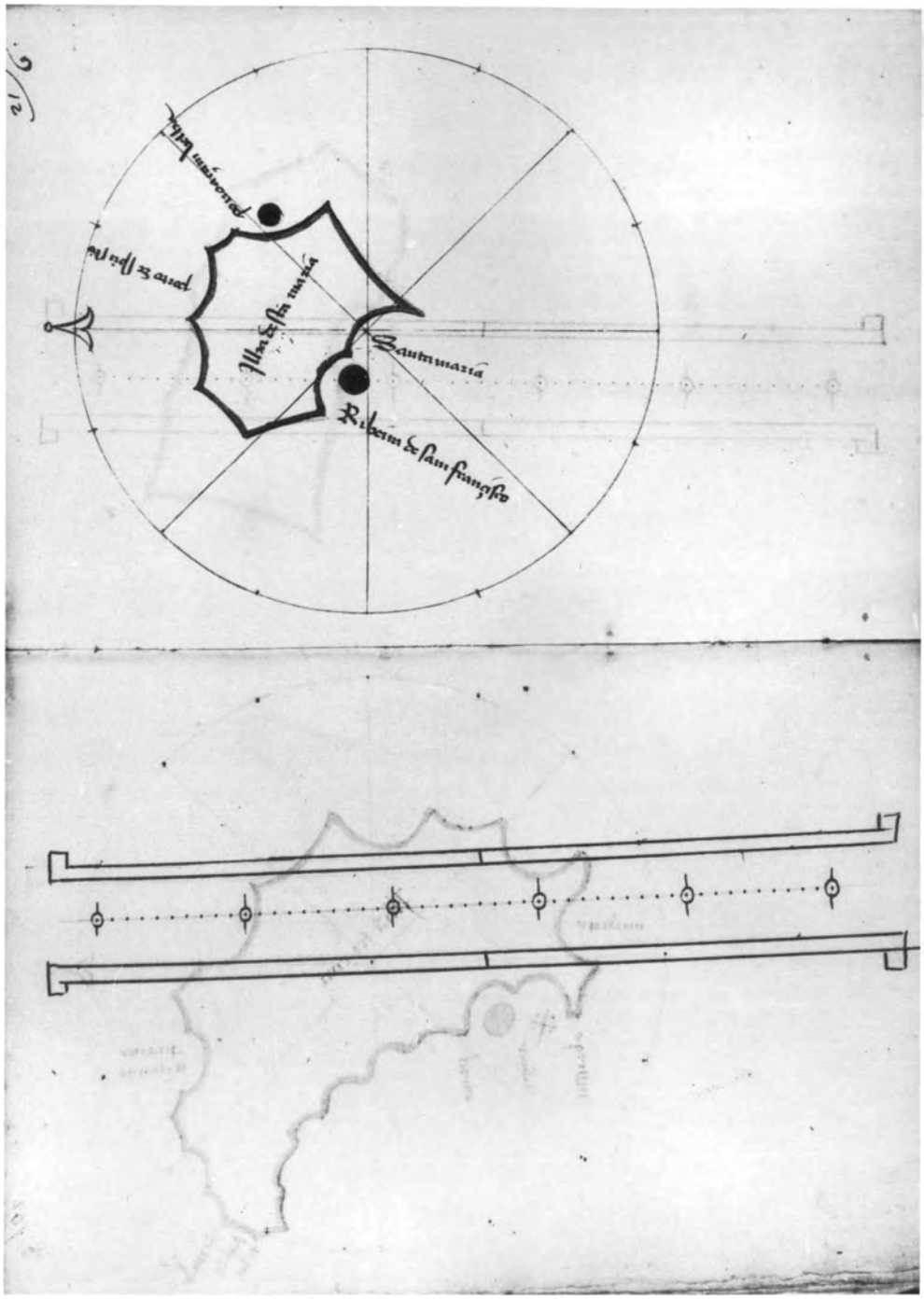


Ilha Terceira

Angra	Quatro Ribeiras
Praia	a Terceira
Serra de Joam de Teve	o Brasil

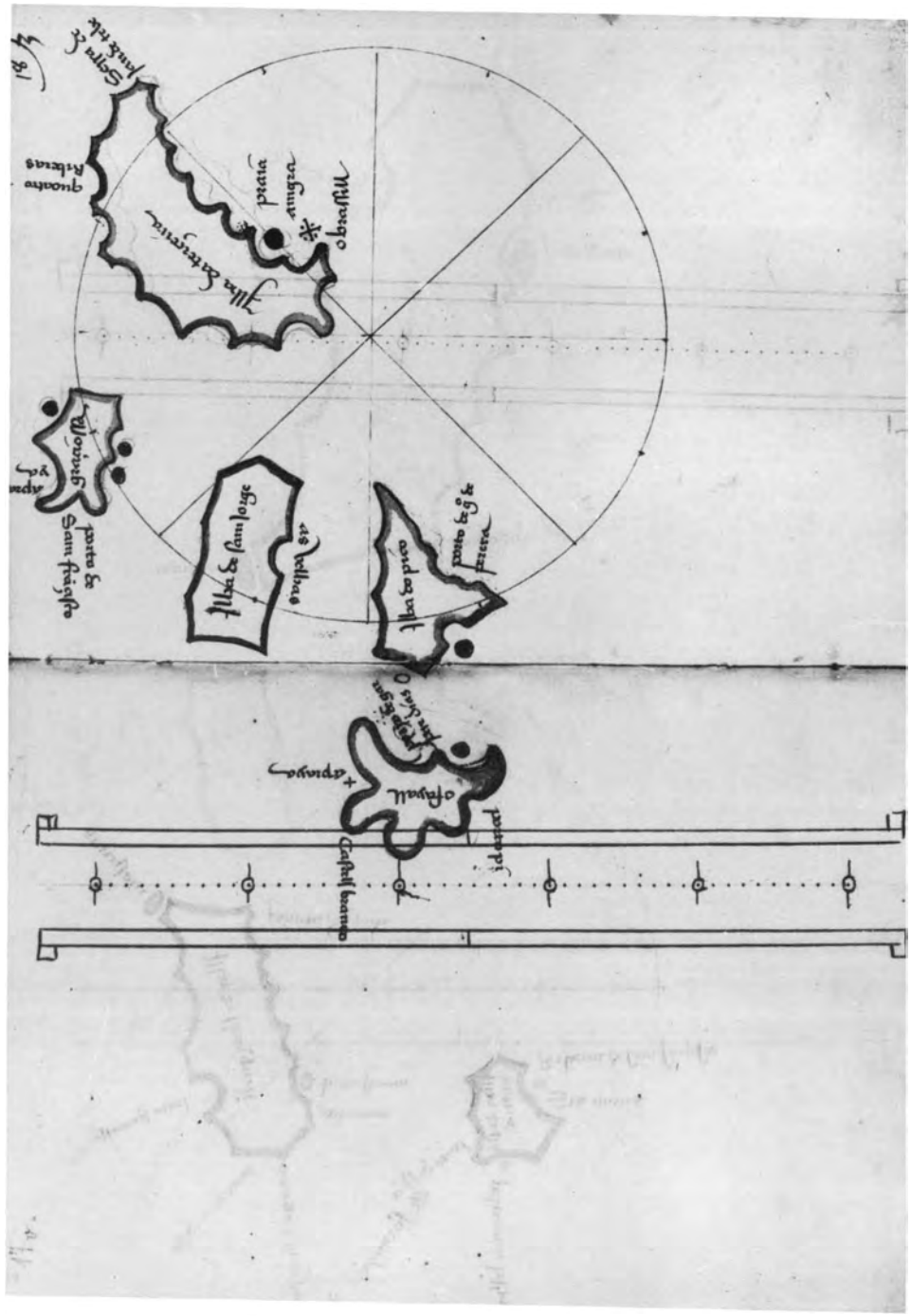


ILHAS DE S. MIGUEL E SANTA MARIA



ILHA DE SANTA MARIA

Santa Maria
Pouoaçam Velha
Porto de Spirito [Santo]
Ribeira de Sam Françisco



ILHAS TERCEIRA, GRACIOSA, S. JORGE, PICO E FAIAL

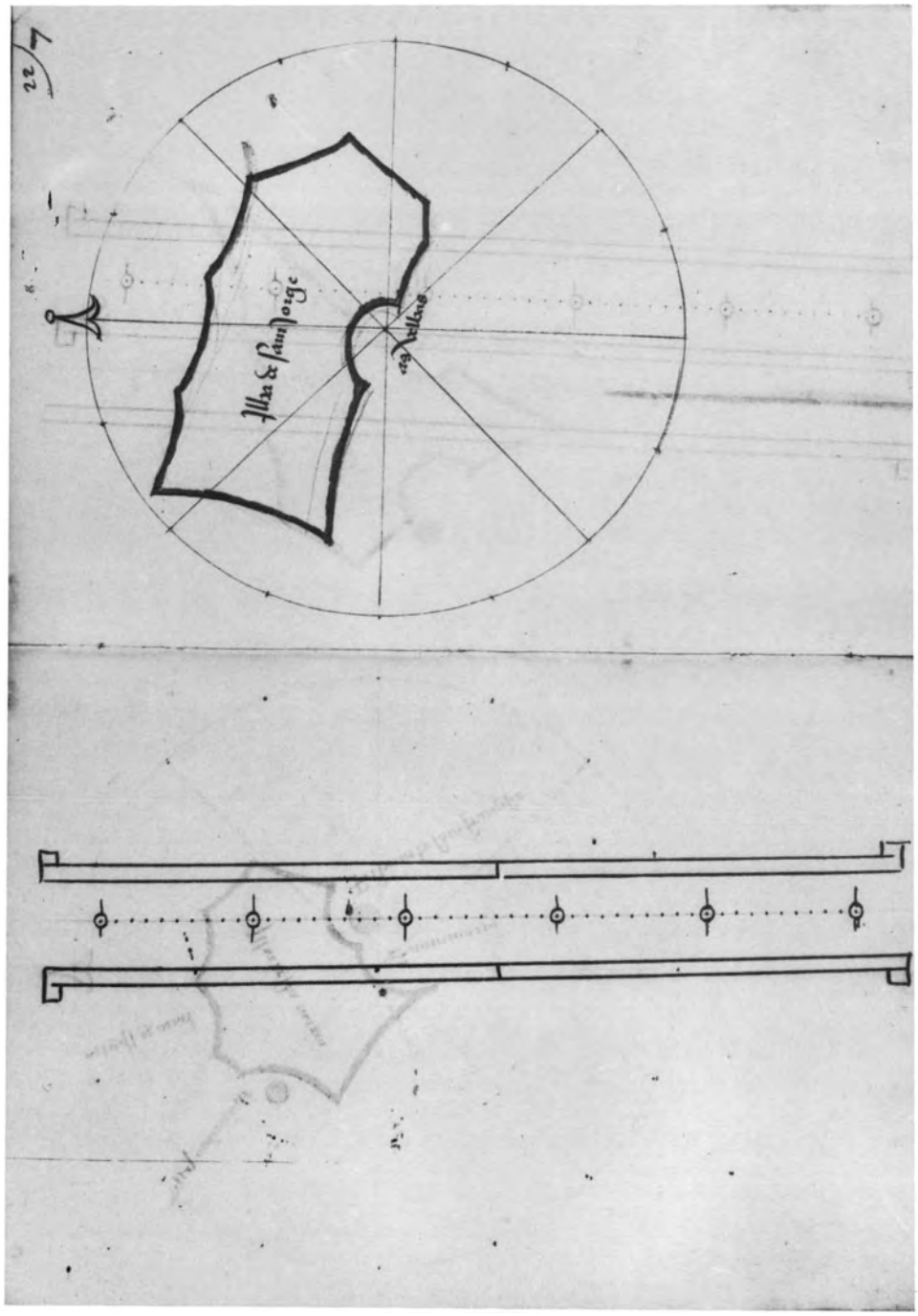
Terceira: Angra; Praia; Serra de Jan de Teue; Quatro Ribeiras.

Graciosa: a Praya; Porto de Sam Françisco

S. Jorge: as Velhas (*sic*)

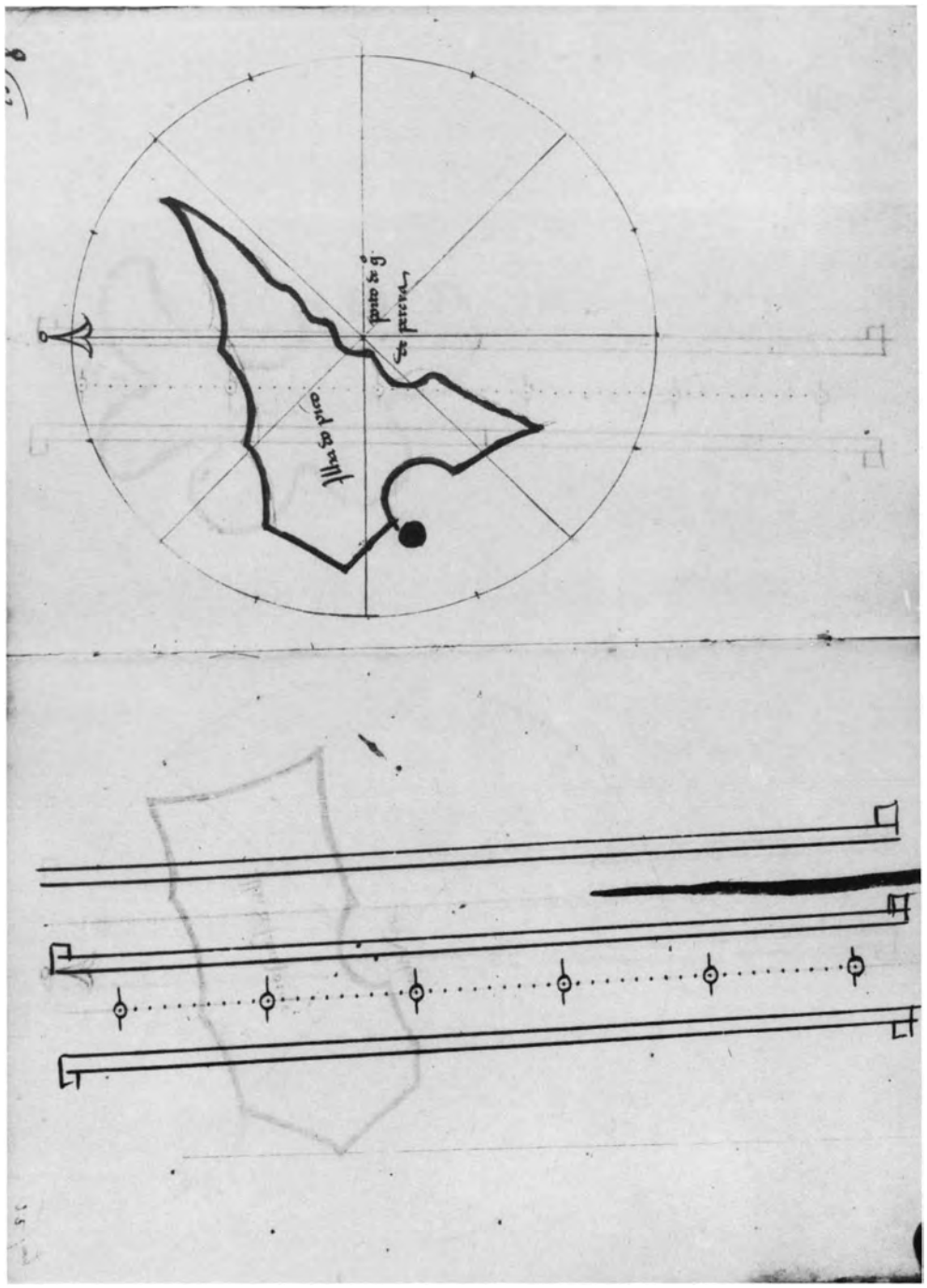
Pico: Porto de Gonçalo de Perera

Faial: Porto de Gaspar Dias; a Praya; Castell Branco; Porto Pim



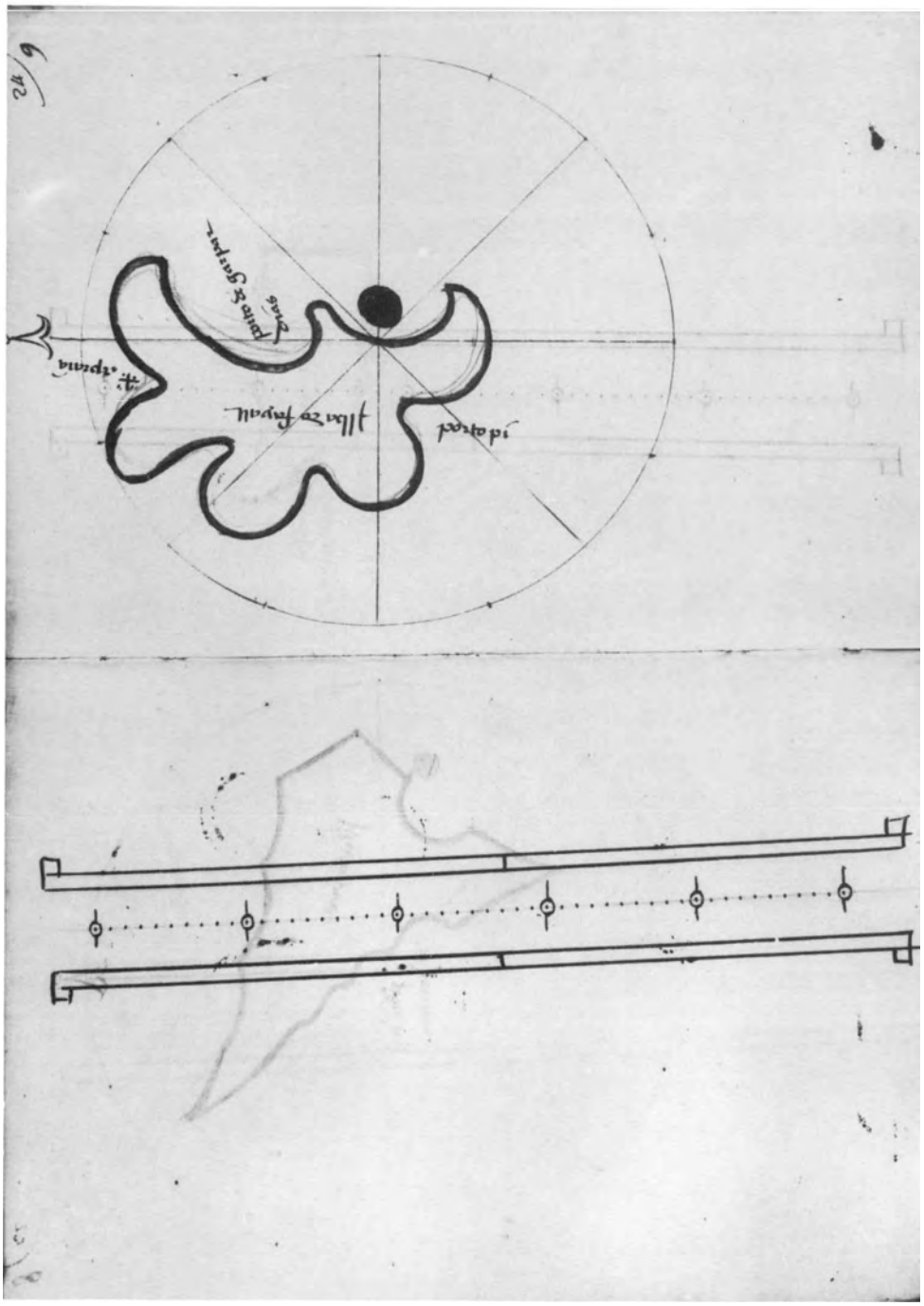
Ilha de S. Jorge

as Velhas (*sic*)



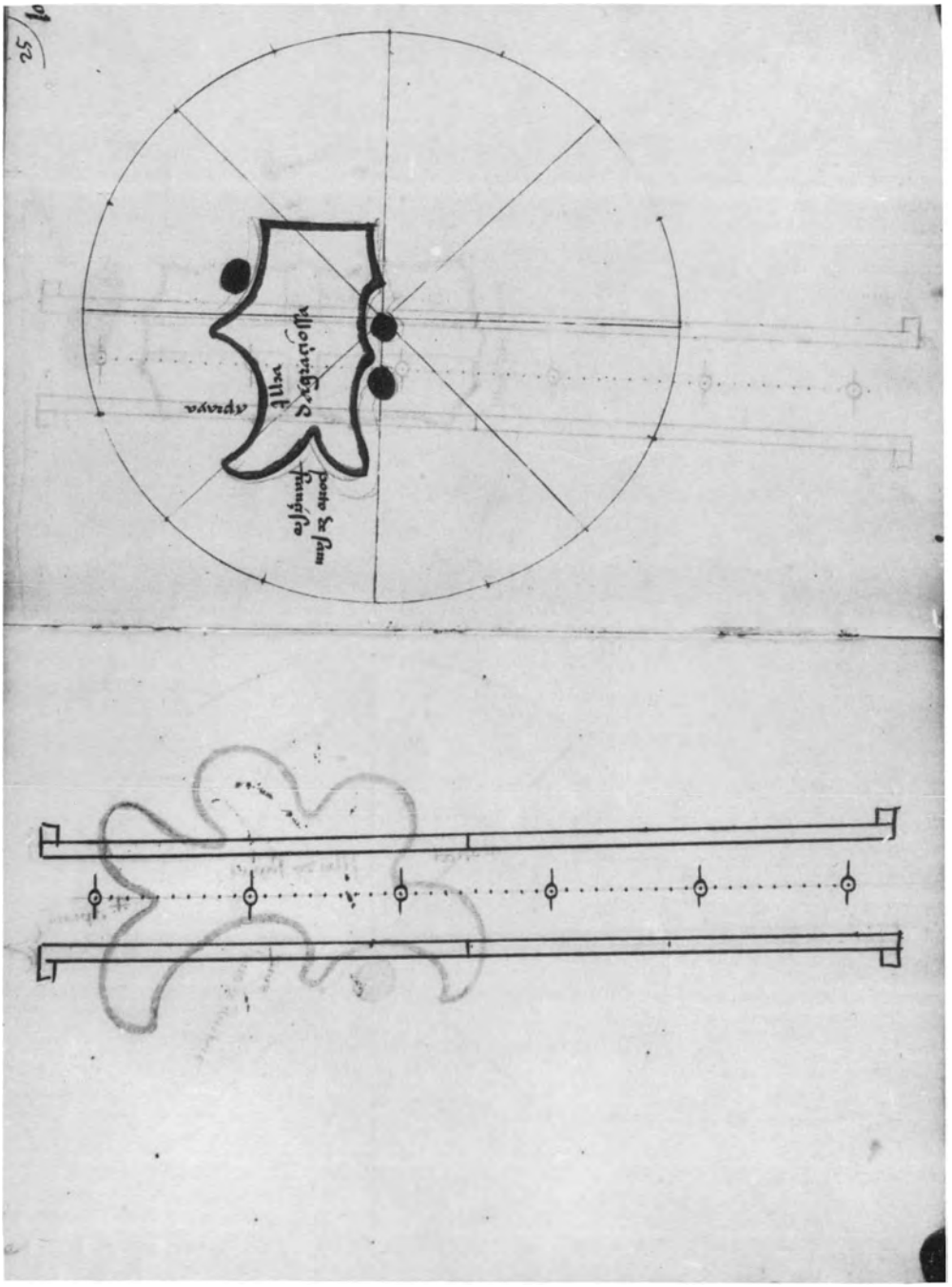
Ilha do Pico

Porto de Gonçalo de Perera



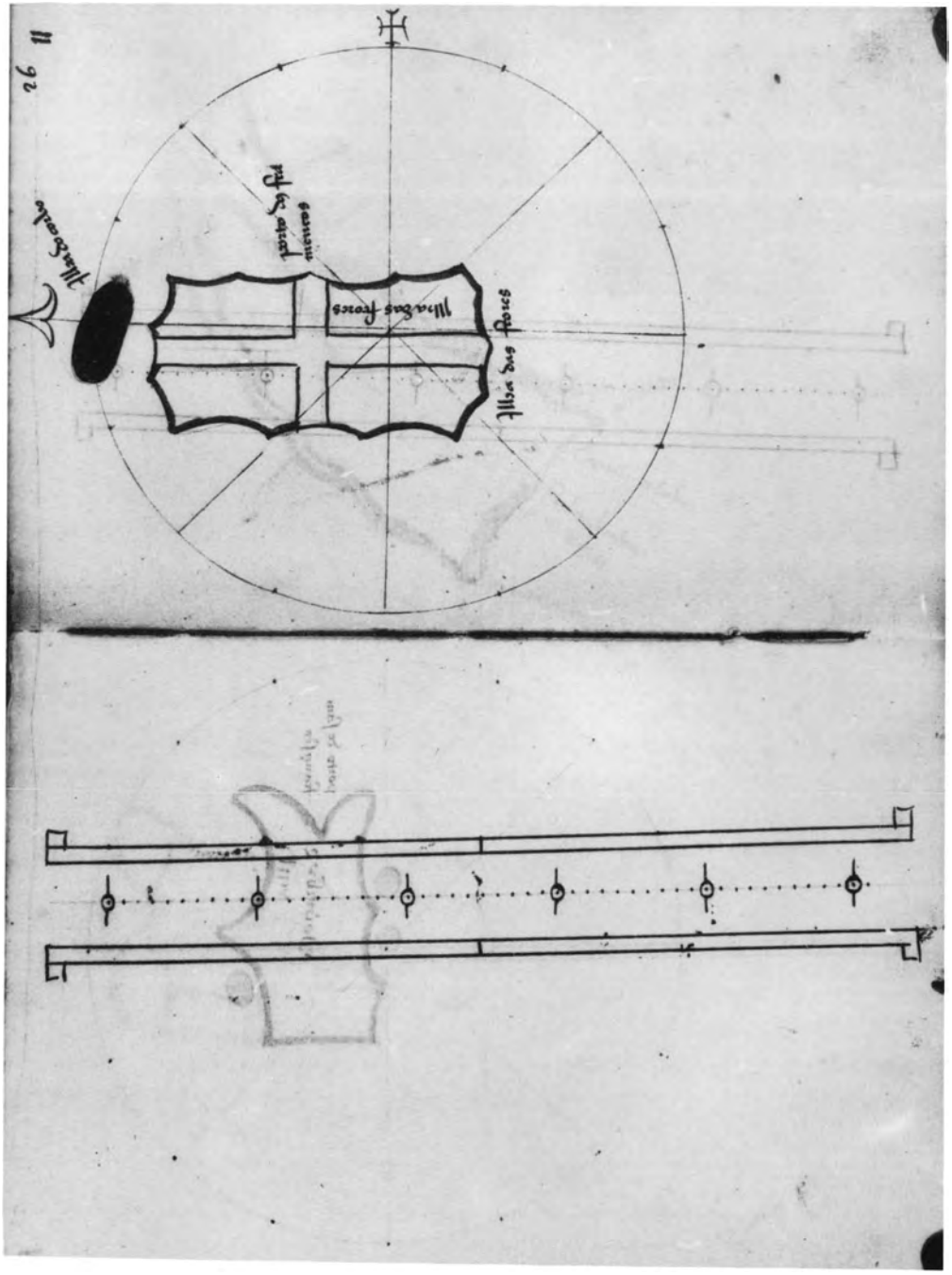
Ilha do Faial

Porto de Gaspar Dias
a Praia
Porto Pim



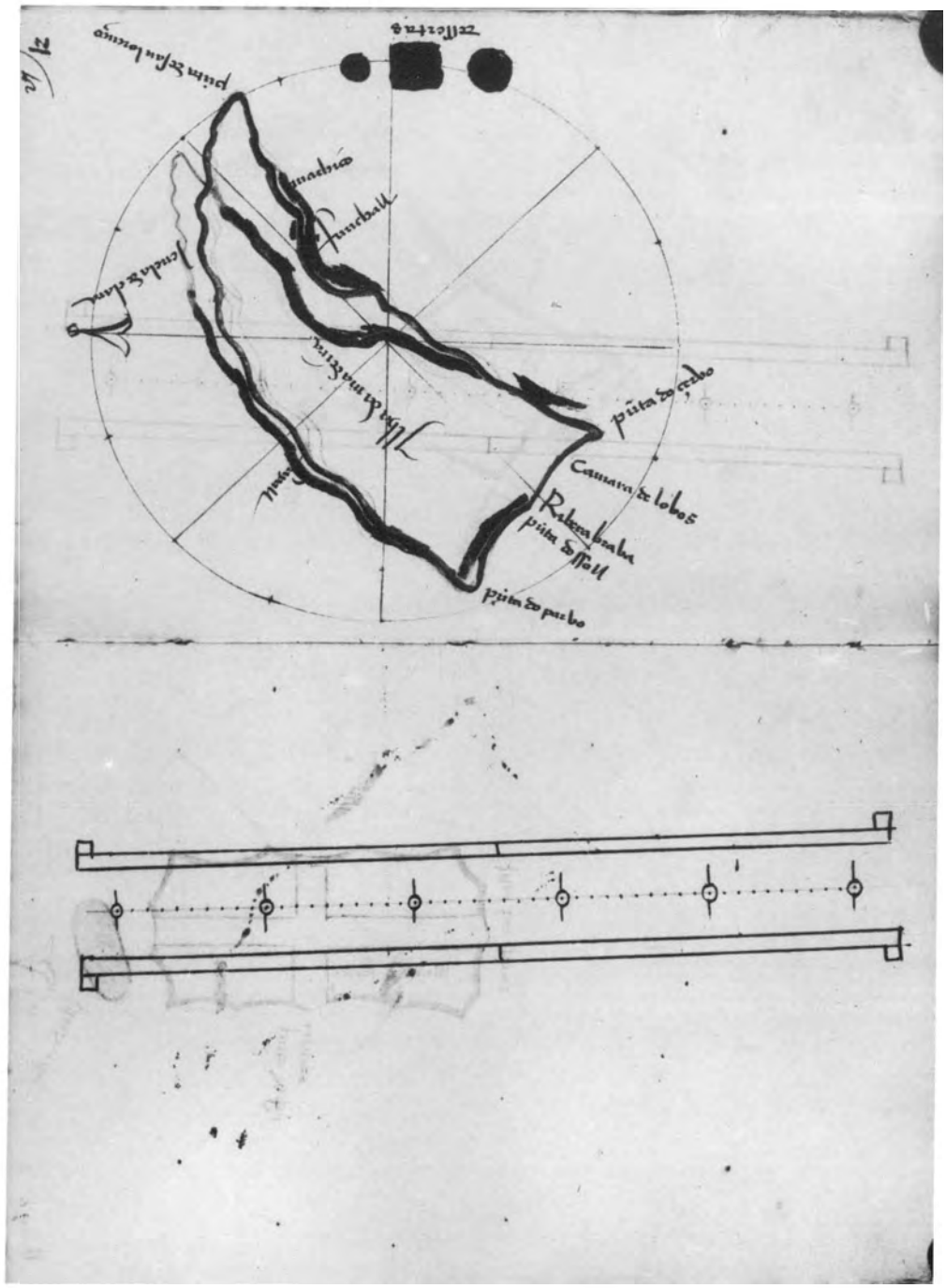
ILHA DA GRACIOSA

a Praya
Porto de Sam Françisco



ILHAS DAS FLORES E DO CORVO

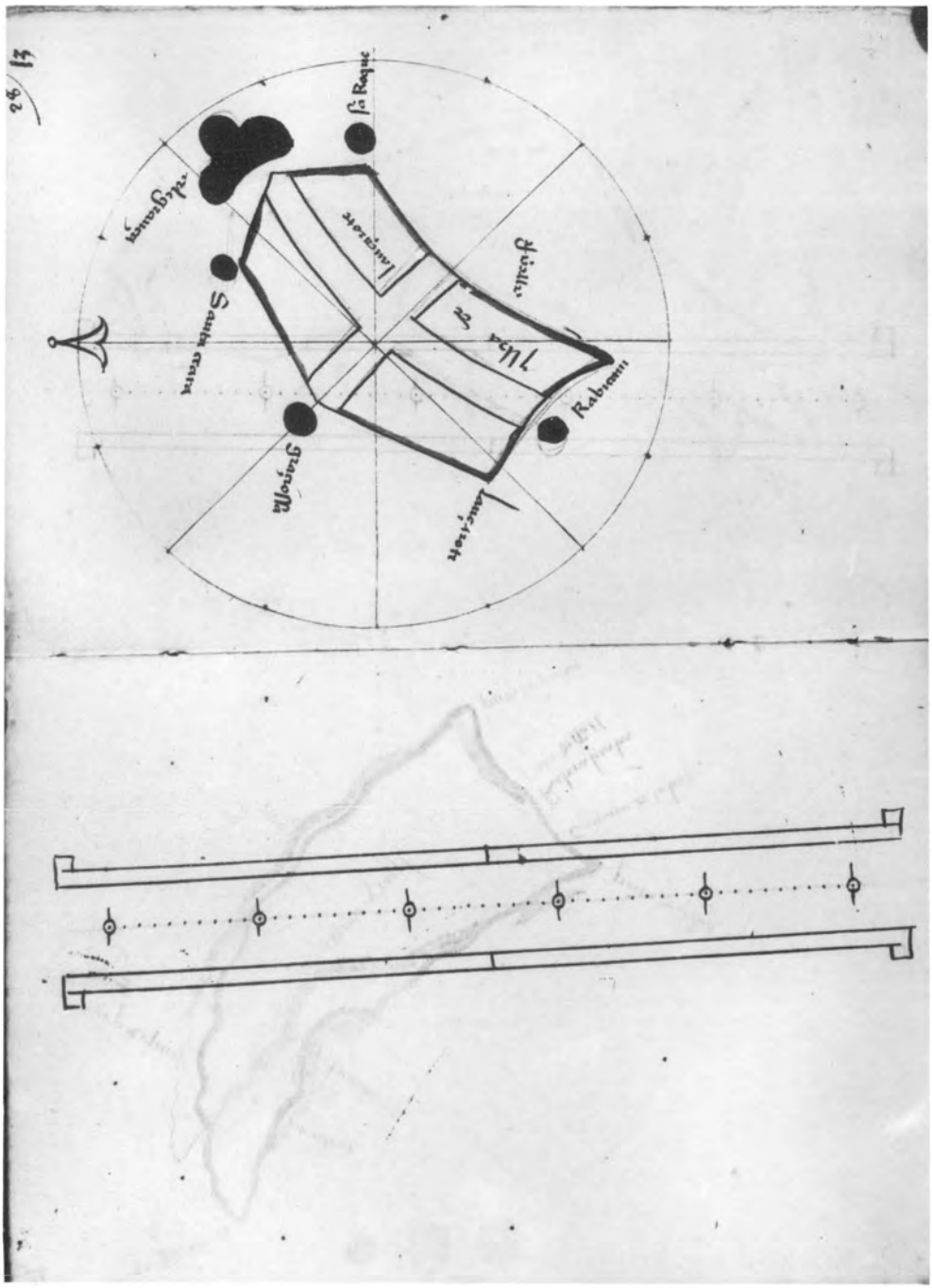
Porto dos Framencos



Ilha da Madeira

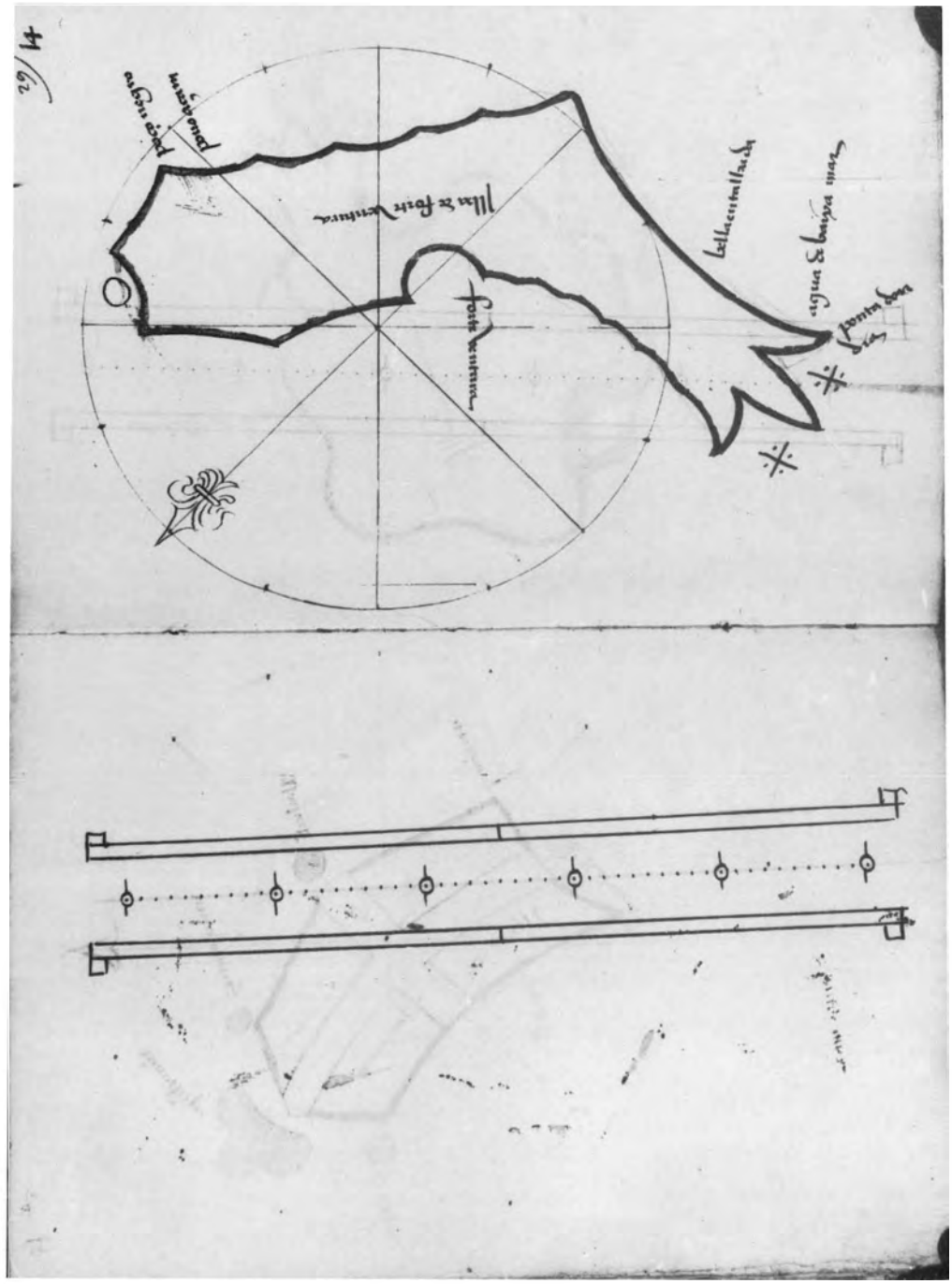
Funchall
Machico
Punta de San Lorenço
Jenela de Clara
Fayall
Punta do Parvo (*sic*)
Punta do Soll
Ribera Braba
Camara de Lobos
Punta do Çedro

Desertas



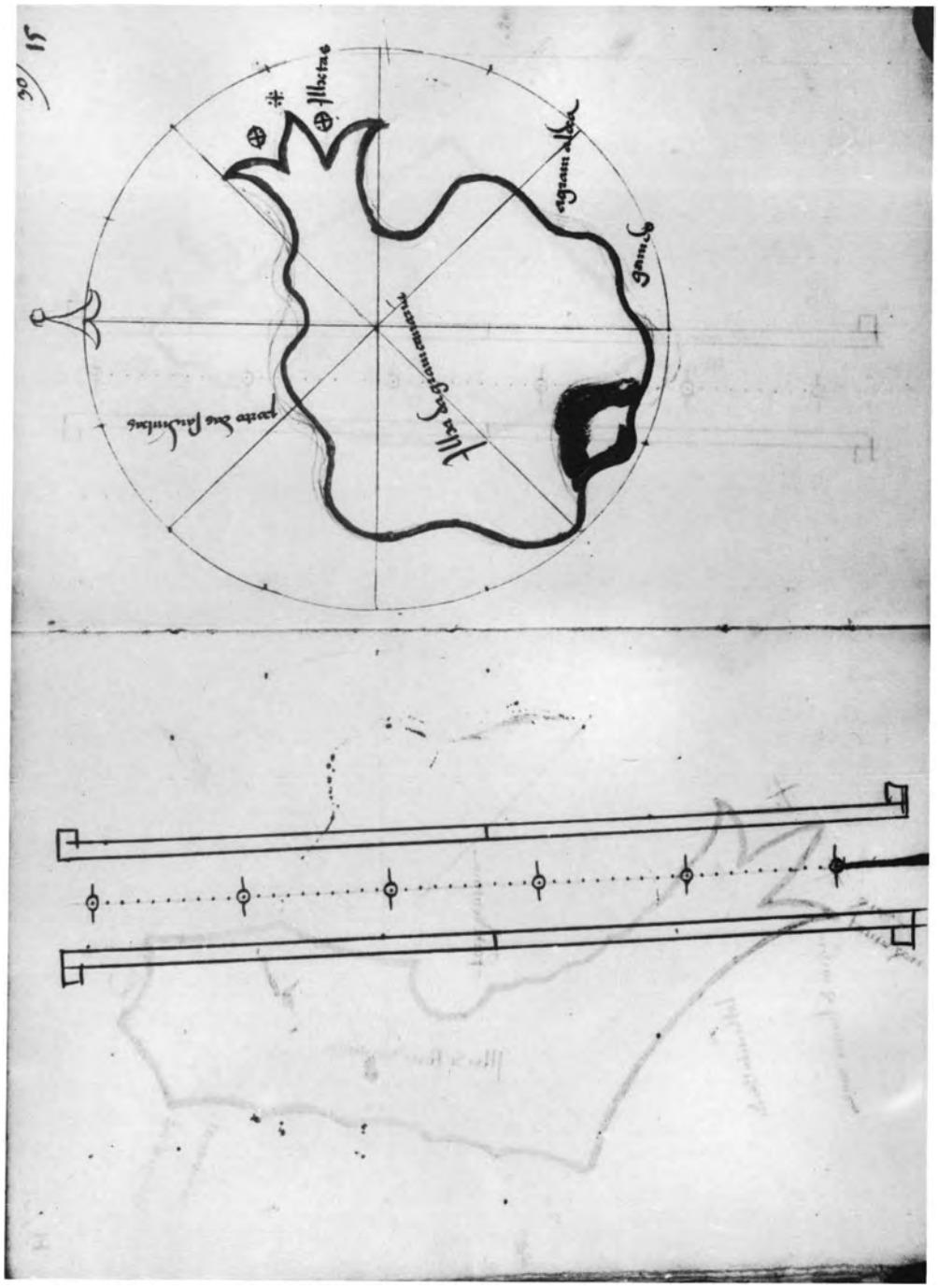
Ilha de Lançarote

Arreçife	Graciossa
Sam Roque	Lançarote
Alegrança	Rabicam
Santa Crara	



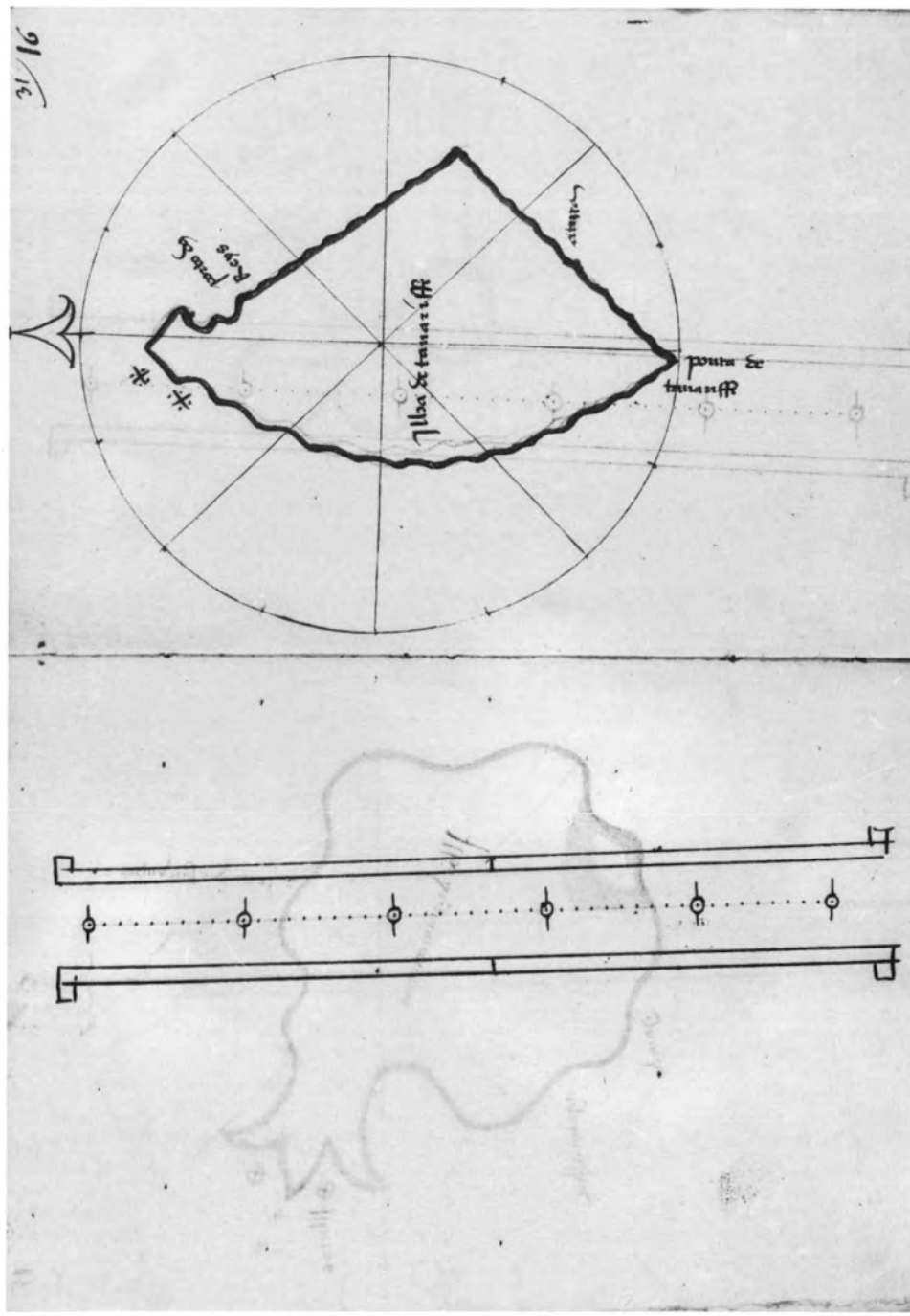
Ilha de Forte Ventura

Forte Ventura
Ponta Don Dias
Agua de Baixa Mar
Bella Entalhada
Pouoaçam
Poço Negro



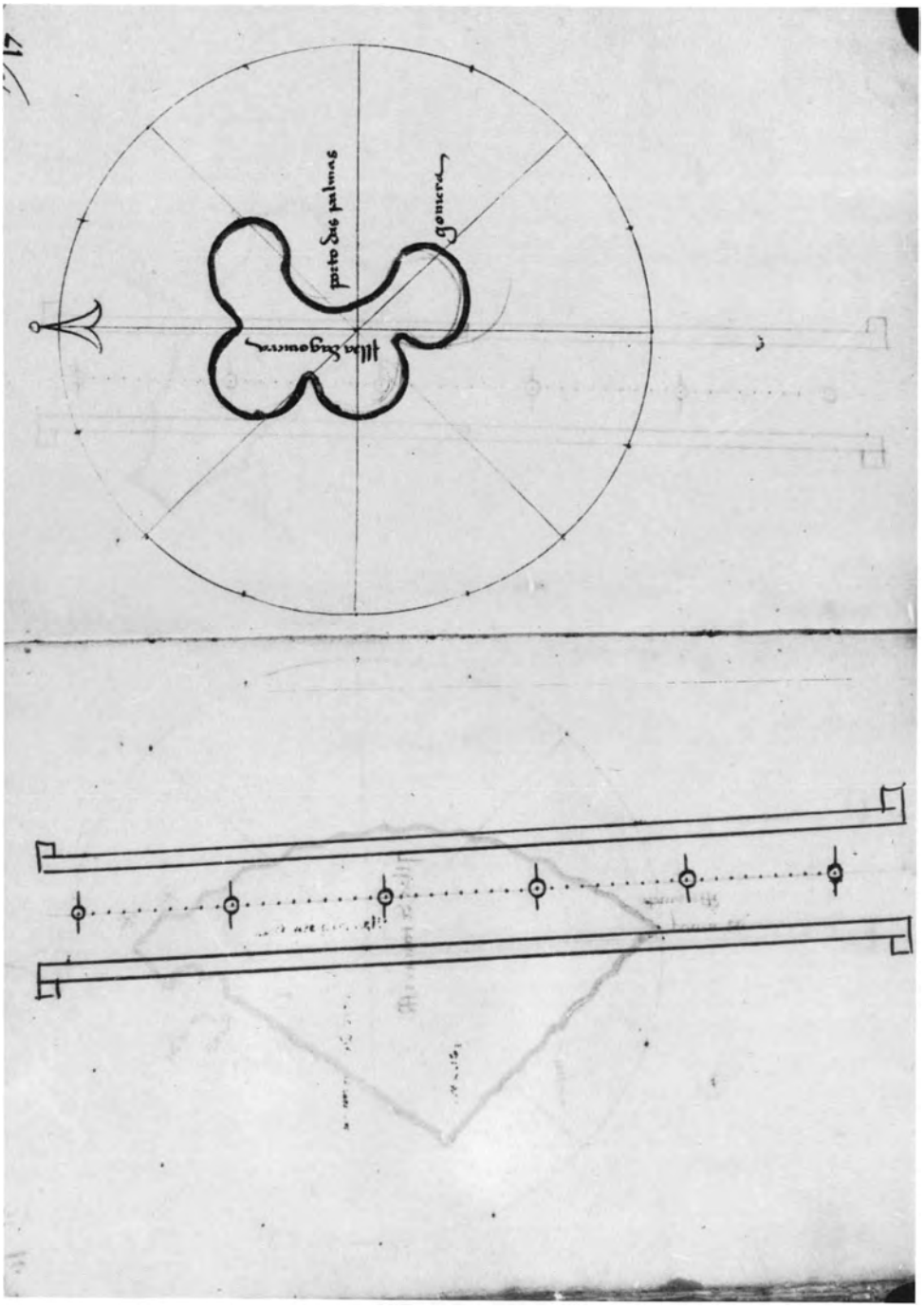
Ilha da Gram Canaria

Gamdo	Ilhetas
a Gram Aldea	Porto das Sardinhas



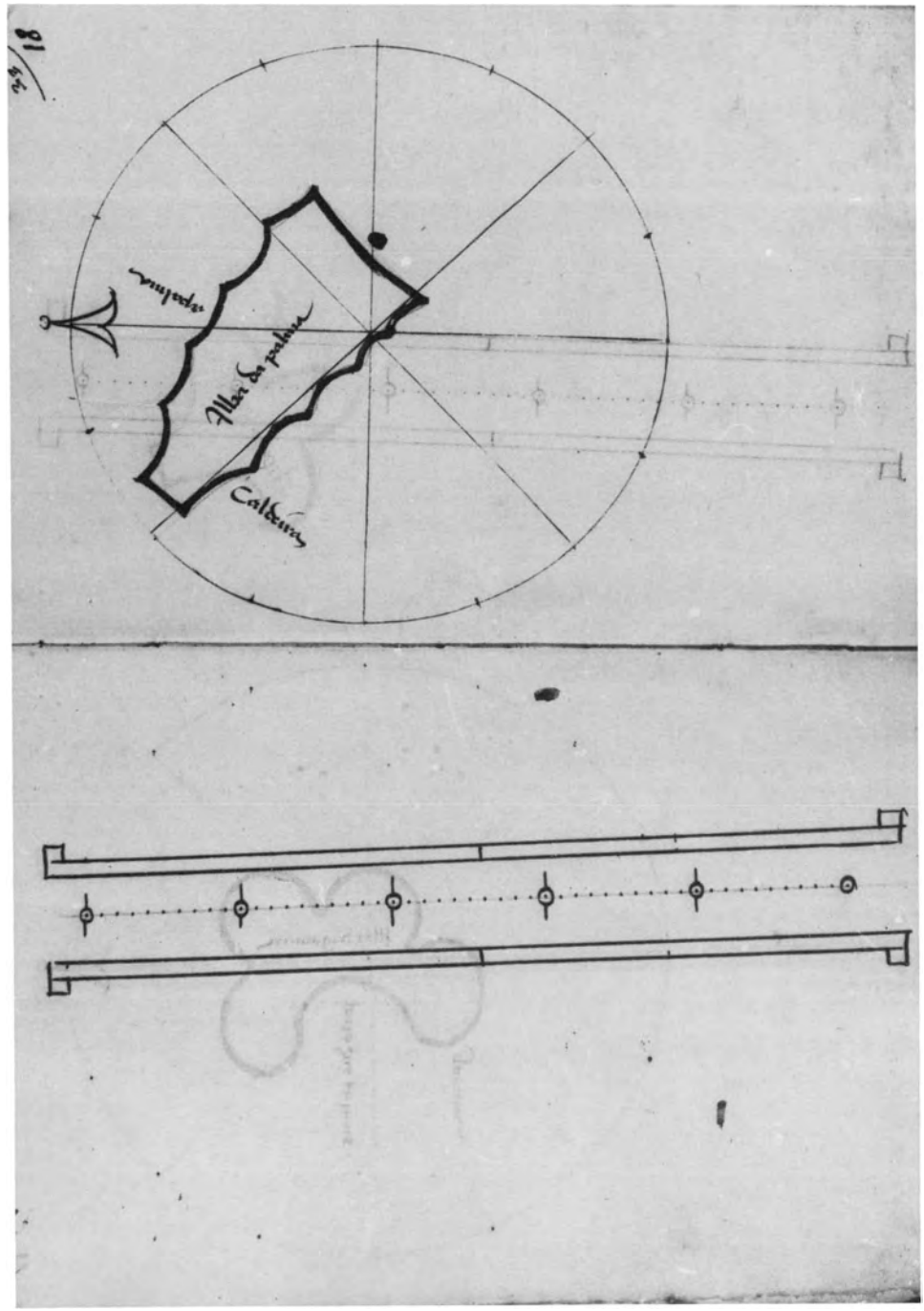
Ilha de Tenerife

Porto dos Reys
a Terra
Ponta de Tanariffe



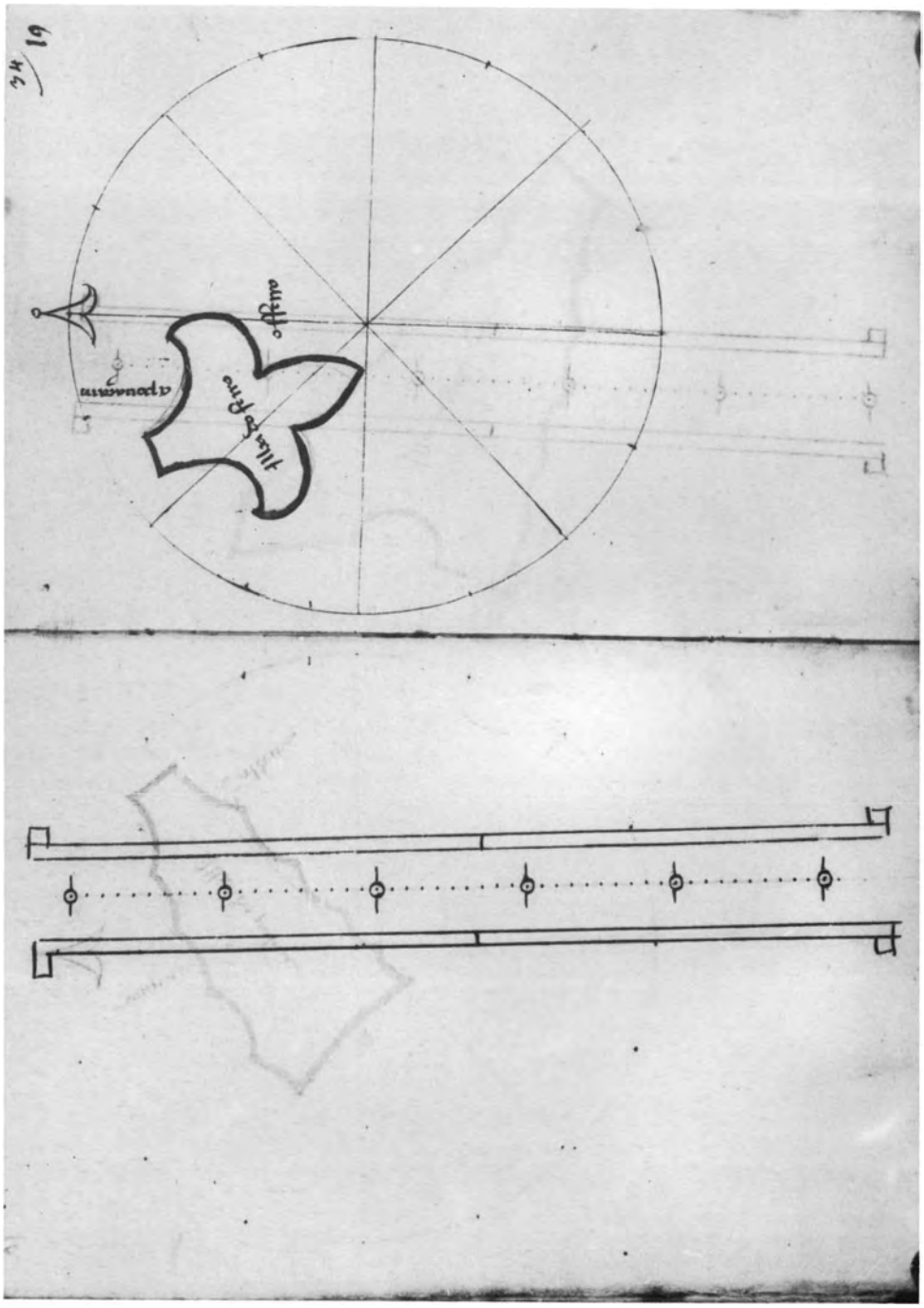
ILHA DA GOMERA

Porto das Palmas
Gomera



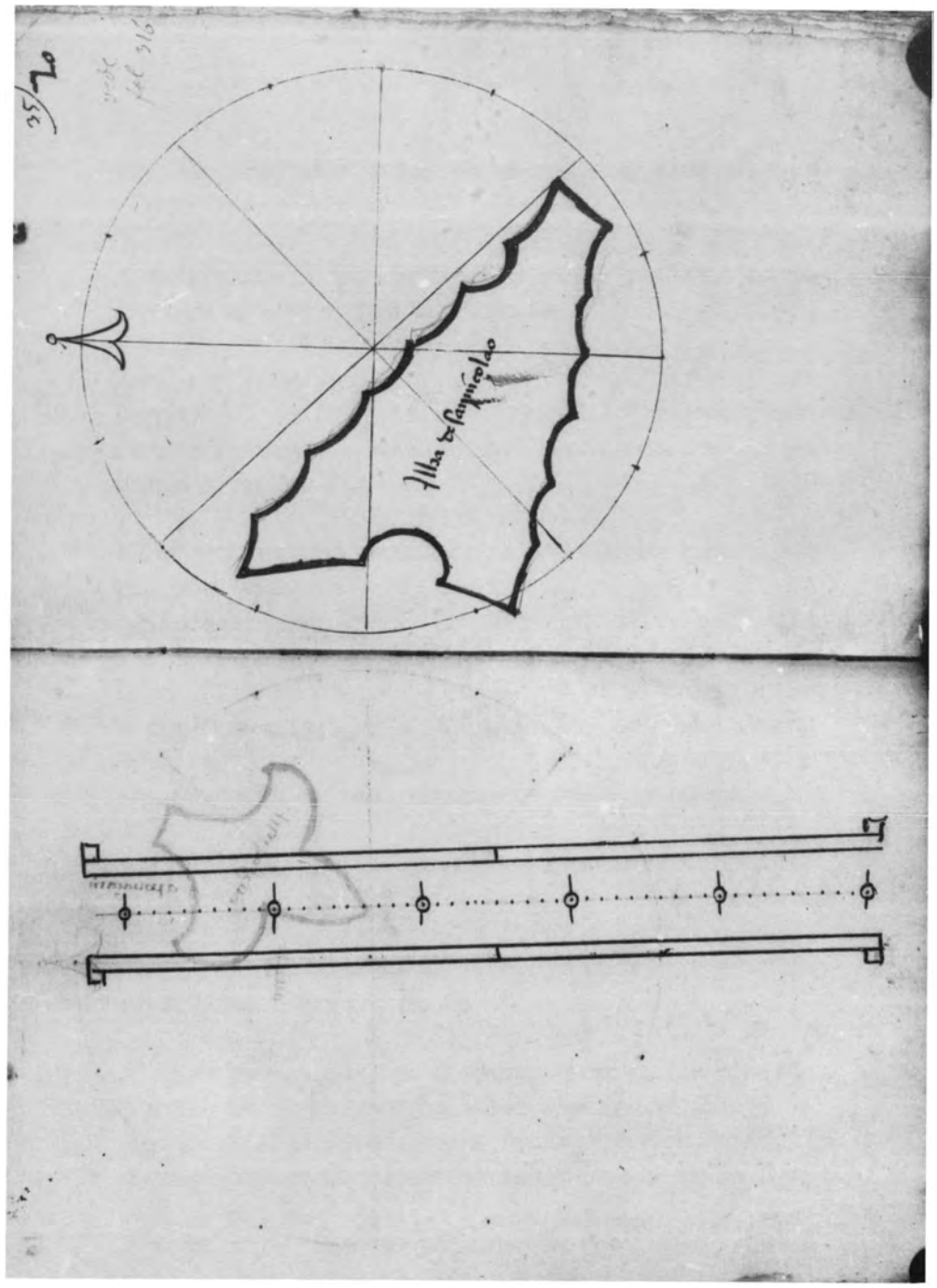
Ilha da Palma

a Palma
Caldeira



Ilha do Ferro

o Ferro
a Pouoaçam



Ilha de S. Nicolau

Os custumes dos canareos desta ylha ante de ser conquistada

A peleja delles foy com varas pequenas assi como frechas agudas e tostadas em fogo /

Andauam nuus sem nenhũa cousa de que tem pequena
Fol. 15/154 v.º vergonha / Escarneçem dos vestidos // dizendo que nom som outra cousa senom sacos em que se os homens metem /

Nom tem se nom pouca çeuada e porcos e cabras e de todo pouco /
Seu comer geeralmente he leite e heruas como bestas e rayzes de juncos e poucas vezes comem carnes / Comiam cousas torpes e çujas assi como ratos pulgas e pyolhos e carapatos auendo todo por bõa vianda

Nom tem casas mas viuem em couas e choças

As molheres delles açerca som commũas E como alguem vay visitar outro logo lhe da a molher por gasalhado e contarom por mal a quem o contrayro fazia / Os filhos nom herdauam amtre elles soomente os sobrinhos filhos de suas jrmãas /

A maior parte do tempo despendem em cantar e baylar porque todo seu viço he folga e sem trabalho
Em fornizio põem toda sua bemauenturança ca nom tem ensynança de ley soomente creem que ha hy Deus

Forom aqui vij^{c} (66) homens de peleja os quaes tiuerom hũu duque e certas cabeçeyras //

(66) 700.

Fol. 16/155 Palma ylha tera 12 legoas em longo e çinco em largo /

Esta ilha he fructifera de trigos e ceuadas mais fremosos do mundo e de todas as cousas que nella querem plantar a terra em sy fragosa

Tem muyto aruoredo grande e pequeno de toda a sorte / e grandes pinhaes

Criaçam de todolas animalias

tem muyto mel e o melhor do mundo

Tem agoas muytas e bõas

Essa mesma ylha foy conquistada pello caualleyro que ganou a Tenariffe —a saber— Affonso de Lugo galego anno de 1495
Os moradores desta ylha eram maiores do corpo que em nenhũa outra ilha destas /

As molheres desta ilha muy fremosas de aluura e de loros cabellos / e de maior coraçam que os homens

Os homens ferozes e saluagens / E pelejauam com astes de hũu cabo de corno agudo e outro cabo com corno boto //

Fol. 16/155 v.º Nom conheciam Deus nem tinham ffe alguã / se nom cuydauam que nom auia mais mester creer que outras animalias /

Nom tinham pam nem legumes / se nom ouelhas e leyte e heruas e nesto se manteueram / Nem tinham pescado nem o comerom nem buscarom engenho pera ho tomar /

Elles disserom que tinham certos que chamarom reys E forom os moradores desta ilha vj^{c}

Elles tinha[m] amtre sy hũu numero de gente que a dita ilha podia manteer E se mais naçiam que excediam o dito numero / emtam o pay e may delles machucarom lhe a cabeça antre duas pedra e assi os matauam / E assi mesmo se chegaua algũu christão a esta ilha e nom excedia emtam ho numero delles podia viuer amtre elles / e se excedia o numero logo ho matauam /
E se algũu estaua doente e conheciam sua morte ho leuauam a hũa lapa e alli ho leixarom morrer //

Fol. 17/156 Do Ferro ilha que jaz mais ao occidente que algũa outra destas ilhas de Canarea

Esta ilha tem muytos aruoredos

Nom tem rybeyras nem fontes de agoa / E a sua agoa colhem em tal maneyra / Tem hũa aruore em meio de outras muytas aruores / onde sempre mana nebrina / E he muyto alta mais que as outras / E desta aruore mana agoa continuadamente yverno e verão das suas folhas / ajnda que as outras aruores de sua calidade manam tambem / porem esta mais que outra algũa / E debaixo desta aruore os moradores desta ilha tem feita hũu çerco de parede como hũu tanque em que se recolhe toda esta agoa de que se repayram os moradores e gaados desta ilha / E he posta grande guarda e pena de morte que nenhũu nom corte ramo desta aruore / E esta aruore nom tem nenhũa feyçam das nossas aruores porem se quer pareçer acerca como a çerejeyra /
Esta ilha he de terra muy fragosa E era muyto trabalhosa de ganar e conquistar porque tambem os homens gentios della eram muy esforçados //

Fol. 17/156 v.º Em esta ylha do Ferro naçe trigo e çeuada e tem muyto gado //

[*Resto do Fol. em branco*]

Fol. 18/157 Saluagem ilha / E esta contam algũus antre as ilhas de Canarea / E jaz na mea paragem amtre estas ilhas e de Madeyra E he ilha pequena e despouorada / Ha nesta ilha algũas cabras brauas e muytas aues do mar / E nom tem agoa nenhũa

Anno de 1438 acharom as carauellas do Jffante dom Anrrique esta ilha e acharom nella muyta vrsella / e ouuerom licença do dito Jffante que a apanhassem porem que lhe dessem o quinto della.

Vrsella he hũa herua que naçe amtre os rochedos com que tingem pannos vermelhos e val muyto em Yngraterra e Frandes //

Fol. 18/157 v.º: *em branco*

Fol. 19/158 Ylha de Madeyra

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 19/158 v.º: *em branco*

Fol. 20/159 Ylha de Madeyra como foy primeyramente achada e per quem E de que maneyra foy pouorada /

ply. [Plinio] lib. 6 capítulo 31 (67)

Hũu caualleyro de Ingraterra que auia nome Machyn que foy degradado por seu delicto de Ingraterra / E determinou de se hir pera Espanha / E comprou hũa bartscha que he nauio de 40 tonees com gauia E meteo toda sua fazenda dentro do nauio / com hũa sua mançeba e algũus criados / e assi meteo cabras pera seu comer foy seu camjnho / E em vijndo atraues das Berlengas deu tal tempo nelle que ho fez correr a balravento e foy dar consigo aa ilha do Porto Sancto

(67) Veja-se: papel colado, entre os Fols. 185/52 e 186/53, Nota 76.

E se espantarom quando virom terra / arribarom a ella e deçerom em terra a buscar agoa e lenha que auiam mester E assy as cabras e bodes que lhes ficauam por serem magros e mortos de fame os lançarom a paçer / E esta etrra era a ylha do Porto Sancto agora assi chamada

E elles assi estando esclarecendo o tempo virom mais terra ao mar e fizerom vela e forom ver que terra era e arribarom a hũu porto onde agora chamam Matschiquo //

Fol. 20/159 v.º E pos nome ao dito porto Machyn E despois os castellanos corromperom ho vocablo e chamarom no Malchico

Ao dito caualleyro yngres pareçeo bem o porto e a terra deçeo nella E mandou leuar hũu triquete vela pera hũa tenda e machados e fouçes e barrijs e todo o que auia mester pera comer e repousar em terra / ho qual mandou armar a sua tenda sobre a borda da rybeyra / a qual era muy graciosa e desafadadiço de muytos peixes e muytas aues mansas atee as tomarem com as mãos /

Despois de repousados determinou em sy se auia algũas pouorações na terra / E tomando algũus mantijmentos e dous homens consigo se foy pella ribeyra açima aos picos E andou de pico a pico oulhando se viria algũa pouoraçam ou synal de gente E andou la tres dias sem achar nada / mas antes achou a terra cada vez mais aspera e fragosa de aruoredos grandes que pareçiam chegar ao çeo emtam determinou de tornar pera sua tenda e gente /

Em vijndo o dito caualleyro com seus dous homens per hũa ladeyra pera baixo donde ja pareçeo ho porto / E os criados nom vendo o nauio no porto disserom ao senhor que lhes pareçia mal e que entendiam que eram fugidos os marinheyros com o
Fol. 21/160 nauio / E elle // esfforçando os como boom caualleyro dizendo que elles nom fariam tal ruyndade / mas antes

stariam tras algũa ponta / porque lhes poderia ventar algũu vento enquanto elles andaram fora / ou cortar algũa marra e caçariam / E os criados confrangendo se muyto e agastando se enfranqueçendo das pernas que nom podiam andar / E elle os esfforçou e disse / filhos porque pasmais e teuestes coraçam por tammanha tormenta quejanda temos passados e se nos perderemos per esse mar buscaramos remedio pera nos saluar como fazem os outros quanto mais que estamos em terra muyto bõa e muyto graciosa e ayrosa de muyto peixe e muytos pombos mansos / rolas codornizes agoas muyto especiaes em maneyra que sempre nos poderiamos remediar E que sabemos se Deus per ventura nos quis escapar das tormentas pera pouorarmos esta terra e lhe fazermos nella algũu seruiço /

Leixemos o caualleyro de como se vinha esforçando seus criados e digamos dos marinheyros e do seu naujo /

Ho mestre e marinheyros como virom partir seu senhor pera as serras / mostrando que auiam medo delle que querria pouorar aquella terra com elles e
Fol. 21/160 v.º os ter alli / Mas a verdade era que // por cobijça das riquezas que tinham na nao determinarom a fugir / E requererom a manceba que ficaua em a tenda e assi hũu moço pequeno com ella se querriam hir com elles que elles determinauam de fugir / E ella disse que nom que nunca Deus quisesse que ouuesse de leixar seu senhor / Emtam partirom o mestre com seus marinheyros e fizerom vela /

Aconteçeo que hindo elles assi pello mar deu tempo nelles que forom ter a costa de Berbaria e perderom se em hũus baixos E escaparom delles pera terra os quaes os mouros catiuarom e os outros morrerom /

Leixemos catiuos o mestre com algũus marinheyros e tornemos ao caualleyro que ficaua na ilha /

Quando este caualleyro yngres chegou onde tinha sua tenda armada que achou a mançeba e o paje / e de como eram fugidos os marinheyros pesou lhe muyto nom no dando entender aa sua companhia / mas antes os esforçaua e fazia que nom daua nada por ysso dando lhes muytas razões e esforços e assy das bondades da terra como mantijmentos que nella tinham E lhes dezia que bem podia Nosso Senhor por alli trazer outros naujos por acertamento que os leuassem aa terra dos christãos / E quando nom que elle speraua com ajuda de Nosso Senhos ordenar e engenhar hũu naujo ou batel que os leuasse por esse
Fol. 22/161 mar onde fosse // mais seu seruiço / Sem embargo de todollos esforços nom prestou a amara da mançeba porque de pasmo morreo / A qual foy a primeyra que enterrarom nesta terra em hũa jrmida que elle tinha fecta aa qual pos nome Sancta Cruz /
A mançeba enterrada entremeteo se com seus criados a cortar hũu pao grosso e grande de que fizerom hũu batel com algũas ajudas de paos cauados com tornos de pao E assi calafetauam com limas de pedras / E estiuerom nysso seys meses em aquella terra / Emtam matarom muyto peixe e secarom no / e muytas aues que escalarom e secarom E assi tomarom corchos e dragoeyros e encherom nos de agoa E com aquelle peixe seco e aues e assi com os barrijs que ajnda tinham e com o traquete da tenda fizerom vela e partirom por esse mar e forom dar consigo em Barbaria em aquella terra onde se perdera seu nauio com outros seus criados e alli sayrom em terra / e logo os catiuarom os mouros / E elles andando assi vio os outros do seu nauio que eram catiuos e arremeteo a elles pera os matar / Quando os mouros aquillo virom apartarom nos e perguntarom lhe a causa da sua peleja / pello qual estauam espantados por elles serem todos christãos / ho qual lhes foy todo
Fol. 22/161 v.º contado / E logo o alcayde dy // ho espreueo a elrey de Fez seu senhor todo o passado / assi das ilhas que acharom como da cousa aconteçida deste caualleyro

yngres / E logo per elrey de Fez foy mandado de o leuar amte sy / E elle ho contou todo por seu trusymam do que lhe fora acontecido / E elrey de Fez veendo que se nom podia aproueitar de taes ylhas e terras mandou o caualleyro a elrey dom Joham de Castella / com o qual elle emtam tinha bõas pazes e amizades / ho qual despois de sabido de todo acontecido / Assy per ocupações como por guerra que tinha naquelle tempo com elrey de Portugal / em maneyra que passou ho feyto assy em delonga que morreo o caualleyro yngres e nom ouue quem mais sobre ysso acudisse / E nom embargante ho gaado que ficou na ilha do Porto Sancto como ja dissemos / multipricou em tanta quantidade que a ylha era toda chea /

Os castellanos em conquistando as Canarias vierom ter a esta ylha do Porto Sancto com tempo e acharom nella as cabras de que fezerom carnaje e assi tomarom agoa e sangue de dragam que tyram das aruores dragoeyras E dy auante quando hyam sobre os canareos sempre vinham aa dita ilha fazer carnagem

Dalli a poucos annos andando Joham Gonçaluez Zarco de armada em hũa barcha contra os castellanos veo ter ao cabo de Sam Vicente sem auer tomado algũas
Fol. 23/162 dias nenhũa // preza nem sabendo per onde hyriam fazer preza / Emtam disse hũu castellão que com elle andaua / Senhor se quiseres tomar boa preza vamos onde vos eu disser que he a ylha do Porto Sancto / onde os conquistadores de Canaria vam fazer sua carnajem e tomar sua agoa / porquanto como elles alli som saem se todos em terra e toma llo emos os nauios e despois catiuaremos a elles em terra / E posto que ouuesse grande differença nelles no naujo toda via forom la / E quando chegarom o Porto Sancto anno de 1418 auia ja tres dias que os castellanos eram partidos / e acharom as fogueyras fectas em terra e assi as tripas da carnajem e algũu gado morto / E fizerom tambem sua carnajem e tomarom agoa e lenha e folgarom

algũus dias e olharom a terra muy bem E determinou logo o capitam de vĩjr pouoar a dita terra querendo ho Jffante dom Anrrique seu senhor / E logo ho foy a buscar ao cabo de Sam Vicente onde estaua o Jffante em Sagres e lhe contou tudo que vira e os desejos que tinha de pouorar aquella terra com sua ajuda com ho qual o Jffante foy muyto ledo e contente E espreueo logo a elrey seu padre que estaua em Santarem pedindo lhe de merçee as ditas ilhas pera as pouorar E elrey lhes outorgou //

Fol. 23/162 v.º Em a cronica do primeyro descubrimento de Guynee achei que no anno de 1418 Joham Gonçaluez Zarco e Tristam Teixeyra hindo em hũa barcha pera Guynee com vento contrayro acharom a ylha do Porto Sancto.

Anno seguinte Joham Gonçaluez como jrmão em armas de Tristam Teixeyra e muyto amjgo ho demoueo pera hyr a pouorar a dita ilha com elle / E o dito Tristam conuerteo a Bertolomeo Perestrello fidalgo da casa do dito Jffante que tambem fosse ajudar a pouorar as ditas ilhas / Os quaes forom todos tres com ajuda delrey rey dom Joham e do Jffante dom Anrrique a pouorar a dita ilha do Porto Sancto com seus criados e amigos /
Despois de estando na dita ilha por espaço de dous annos vierom a tal differença sobre ho senhorear assi que se matarom dous ou tres homens pello qual vierom todos emprazados pera Portugal E despois de ter cada hũu dado suas razões sobre seus bandos por Bertolomeo Perestrello ser mais fidalgo / posto que fosse mais culpado / foy mais fauoreçido do rey e do Jffante / por bem do meyo que tinha / e esto por ser
Fol. 24/163 melhor aparentado // que os outros / os fizerom amjgos / e os fizerom tornar pera a dita ilha
E elles na ylha todos tres / como aquelles que ja nom podiam ser boons amjgos determinarom de se passarem aas outras ilhas os dous —a saber— Joham Gonçaluez e Tristam / Os quaes se passarom com seu

gasalhado e amjgos a parentes a Machico onde ho dito yngres foy teer / E leixarom a capitania de Porto Sancto a Bartolomeo Perestrello / e começarom de pouorar a dita terra da ylha de Madeyra /

Despois de quatro annos vierom tambem a grande differença amtre ambos sobre ho senhorear / assi que convinha a Joham Gonçaluez mandar hũu batel pella costa desta ilha que buscassem algũu porto boom ou rybeira bõa pera ver (*sic*)(68) de pouorar / A qual achou hũa terra que se agora chama ho Funchal por respecto de se alli criar muyto funcho Emtam se veo pera ly Joham Gonçaluez com seus parentes amjgos e criados e pouorou aquelle lugar / de que agora som capitães seus sucessores /

Ho dito Joham Gonçaluez em poendo fogo a hũa roçada que auia de semear apegou se ho fogo ao aruo-
Fol. 24/163 v.º redo que durou // despois ho fogo sete annos E a gente se em (*sic*)(69) tamanha pressa que se metia no mar ata o pescoço / E as vezes a cabeça debaixo o mar por respecto da labareda que vinha sobre elles de quando em quando /

Em a cronica do primeyro descubrimento de Guynee
1420 achei que no anno de 1420 ho Jffante dom Anrrique mandou aa dita ilha de Madeyra gentes e corregimento de ygreja com seus clerigos assi que logo foy pouorada e aproueitada /
E consijrando como aquelles dous homens —a saber— Joham Gonçaluez e Tristam Teixeira forom começo da sua pouoraçam deu lhes a principal gouernança da ylha —a saber— a Joham Gonçaluez que foy muy nobre caualleyro que fora com o Jffante no çerco de Tanger e de Çepta / a este deu a parte da

(68) Certamente: «pera haver».
(69) se [viu] em.

ylha que se chama o Funchal / E a outra parte chamada Machico deu a Tristam Teixeyra / ho qual tambem foy caualleyro homem assaz ardido mas nom tam nobre em todas cousas como Joham Gonçaluez //

Fol. 25/164

Ylha de Madeyra

℄ Toda a ylha de Madeyra he agora muyto pouorada per todollos cabos / porque he terra tam fertil / que em çima de qualquer rocha ou pedra que cubrir dous ou tres dedos de terra e tenha agoa / logo faz canna de 18 palmos de açucar / E tem todallas fruitas que ha em Portugal afora çerejas /

℄ Naçe nesta ylha ho mais fremoso trigo do mundo / assi que hũ alqueire de semeadura da xv alqueires /

℄ Vinho maluasia naçe aqui muy boom e vinhos vermelhos poucos / muscatello muy boom / porem melhor pera comer que pera fazer vinho

℄ Agoas muytas e muy bõas tem esta ilha e todas naçem da banda do norte della em a meetade das serras muy altas / E correm hũas rybeyras pera o sul e outras pera o norte e correm tam fortemente que leuam consigo penedos e rochas / com a qual agoa regam toda a ylha //

Fol. 25/164 v.º

Ylha de Madeyra

Funchal

℄ Funchal he a melhor parte de toda a ylha de Madeyra / E jaz contra ho sul e esta abregada do norte das grandes montanhas e tem muytas agoas com que regam toda a terra /

Em Funchal nenhũu nauio pode estar no tempo que começa de ventar sueste ata sudueste por banda do sul / E por ysso he mandado do capitam que quantos

nauios que vem ao Funcal que todollos mestres dos nauios estem alertes com suas velas e vergas altas pera partir quando quer que daquelles ventos ventar

Ho mar he de coor azul e he muyto fondo e a costa muyto braua / assi que nenhũu batel nom pode chegar e ajnda que ho batel seja vazio / saluo com fateixa amarrada de tras e diante halada com corda
E quando vem algũu barco cargado de açucares nom pode descarregar no mar saluo que pera ysso andam ja homens na ylha que quando chegua a dita barca logo nuus se lançam no mar e trazem a corda pera a terra e outros nadando em ajuntar pera terra o barco / E assy he custume que quantos homens alli se acham nenhũu ha por mal de poer mão aa corda pera tirar o batel em seco pera descarregar //

Fol. 26/165

Ylha de Madeyra

¶ Joham Gonçaluez de Camara de Lobos / filho de Joham Gonçaluez que pouorou o Funchal se finou aos 26 dias de março de 1501 E seu filho Symam Gonçaluez primogenito succedeo em capitania do dito seu pay // Funchal

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 26/165: *em branco.*

Fol. 27/166

Ylha de Madeyra

¶ Em esta ylha de Madeyra nom auia animalias nenhũas nem mansas nem brauas nem bichos nem ratos / mas agora ha nella animalias de todas sortes / saluo que bicho ou besta peçonhosa nom ha hy se nom algũus lagartinhos pequeninos de hũu palmo porem nom fazem mal a nenguem /

¶ Alli nom ha pyolhos saluo muytas pulgas assi que se algũu homem dorme em algũu cabo onde nenhũu homem chegou leuantar se ha cheo de pulgas

¶ Dos peixes a metade som differenciados dos de Portugal /

Ho Jffante mandou a Valença por canas de acucar
E a Candia por bacello de maluazia /
vua (70) sem coroços
em março maduras //

Fol. 27/166 v.º

Ylha de Madeyra

¶ Aues auia nesta ylha —a saber— pombos de serra mansas pretas e grandes e muyto saborosas / E pombos torcazes e codornizes pretas e rolas / E estas todas mansas / e tantas que as pancadas as lançauam fora das casas / E a gente tomauam dellas quantas auiam mester / E pera nom tomar a pomba duas vezes na mão por priguiça traziam em custume que depenauam lhes as cabeças e assi as conheciam e as nom tomauam / E oje neste dia se acham ajnda algũas pombas nas serra[s] desta ylhas / daquella sorte porem nom som ja tam mansas como soyam das outras aues ja todas som da arte das nossas terras /

¶ Esta ilha era chea de grandissimo aruoredo grosso e basto e tam altos que sayam aos çeos / E quanta madeyra cortam nom naçe mais / E por ysso se este tracto de açucar se ha de perder ha de ser pella lenha que despois de acabada esta que aqui naçeo lha ham de trazer de fora pello qual se fara com grande custa e despesa etc. //

(70) uva.

Fol. 28/167

Ylha de Madeyra

℄ Aruores naçem nesta ilha de Madeyra de muytas sortes e differenciadas das nossas dellas e dellas nom —a saber—

℄ Cedro que he hũu pao muy cheyroso E ha aruores delle tam grossos de que vij tauoas de sete palmos em largo / E som estas aruores que pareçem mastos de nauios / Destas tauoas fazem caixas e mesas e cadeyras etc.

℄ Tyll he hũu pao que cheyra propriamente como lixo de homem / E he tam gordo de que fazem tauoa de çinco palmos em largo E das tauoas deste pao fazem as caixas de açucar / E este pao he de duas sortes —a saber— branco ho qual nom fede se nom tiuer algũa cousa de preto / Sua folha he como de lourell / assi sua fruita como de lorel /

℄ Pao branco que he muyto duro de que fazem os eixos e per[a]fusos pera os engenhos de açucar / E nom podreçe em agoa soo saluo se teuer sol e chuyva //

Fol. 28/167 v.º

Vinhatico pao naçe em a ylha de Madeyra tam grosso que fazem tauoa de quatro palmos em largo / Suas folhas som mais longas que do laurel / Sua casca he ruyua /
Esta aruore tem sua fruyta como baga de lorel / do qual fruito se algũa besta come morre /

Aderno he hũu pao muyto forte e rijo e boom pera virotes / delle tam gordo de que fazem tauoas de tres palmos em largo / ho fruito della he maçaynhas pequenas e redondas e mais pequenas que cerejas / som pretas e doçes e bõas pera comer Sua casca he muy bõa pera curtir coyros E tem coor de canella /

Barbusano he o melhor pao de todos he de coor roxa / e nunca podreçe em agoa nem vento nem sol

e he tam pesado que quando cae em agoa vaa ao fundo / E fazem tauoa delle de çinco palmos / Sua fruita como baga de lorel e nom presta pera comer / Suas folhas mais estreytas e agudas que do lorel e muyto verde //

Fol. 29/168 Azeuinho pao e muy boom e presta muyto pera doentes —a saber— aguça llo e chanta llo a qualquer besta nas narizes ata que lhe sae sangue presta pera cluas e terçãas / Tem folha como lorel longa e meudinha Tem fruito baga ruyua como grãa /

Marbolano he bom pao pera virotes e viras / seu fruito he como azeytona e hũu pouco mais longo e aproueita pera door de cabeça /

Hurz[e] he hũu pao de que fazem ho caruam E fazem tauoa delle de v([71]) palmos //

Fol. 29/168 v.º Esta ylha de Madeyra tem em çerco 36 legoas E 15 legoas em longo e atraues quatro legoas.

Ylha de Madeyra renda a elrey de Portugal cada anno 50 mil arrouas de açucar

Nenhũu natural da terra de toda mercadoria que traz aa ylha nom paga nada e esto em nauio portugues e nenhũu direito / E se vem em nao de estrangeyro paga dizimo de todo ho que traz /

Cada morador desta ylha que tem sua terra de seu açucar ha de pagar ho dizimo de quanta lenha elle guastar nos seus engenhos assi do custo do cortar e carreto e mais o dizimo do soldo que paga aos officiaes /

([71]) 5.

E despois do açucar feito pagam de quatro hũu / E quando elle ho vende paga de dez hũu ho vendedor
Fol. 30/169 ou ho comprador // segundo sua auença / E nenguem no[m] carrega açucar pera Leuante que elrey / E pera as outras terras nenguem sem liçença delrey e dar fiança pera que ho nom leue pera lugar deffeso /

E tambem porque se sayba quanto açucar se pode fazer em toda a ylha E pello repartir por cada terra aquello que se nella pode guastar E por ysso ordenou elrey ysso que todo ho façam saber //

Fol. 30/169: *em branco; Fols. 31 e 31 v.º sem outra numeração, também estão em branco.*

Fol. 32/170 do Porto Sancto ilha

Mais razam era que primeyro escreuera da ylha do Porto Sancto que da ylha de Madeyra / a hũa porque esta ylha esta mais chegada a nos —a saber— da nossa terra firme E tambem que foy antes achada que a ylha de Madeyra E porque a dita ylha de Madeyra he mais nobre e mais rica e mais avondosa em todo por ysso espreuj della primeyro /
E por quanto açima se disse no primeyro descubrimento da ylha de Madeyra faço mençam desta porque a sobredita per esta foy descuberta / como pello Machyn caualleyro yngres e despois pellos castellanos Em fim per Joham Gonçaluez Zarco que foy em guerra em pos de castellãos ata cheguar a esta ylha do Porto Sancto / E segundo que os outros dizem que Joham Gonçaluez Zarco e Tristam Teyxeyra forom em hũa barcha pera descobrir a Guynee e com tempo fortuito forom ter a esta ylha pello qual forom dar nouas ao Jffante dom Anrrique e pedir lhe licença pera a pouorar ho que lhes foy conçedido Os quaes leuarom em sua companhia a Bertholomeo Peroestrello fidalgo

Fol. 32/170 v.º
Porto Sancto ylha

ho qual como homem poderoso // se meteo em posse desta ylha do Porto Sancto pello qual / os outros dous se passarom a ylha de Madeyra / a Machico / onde tambem Tristam Teyxeyra como mais poderoso que Joham Gonçaluez se meteo alli em posse Onde foy forçado ao dito Joham Gonçaluez de buscar outro lugar pera se meter assi que os outros dous cuydauam que tinham ho melhor / Em fim Joham Gonçaluez a quem Deus quis ajudar por seus boons merecimentos alcançou em fim a melhor parte E nom se daua tanto a fidalguia como os outros E assi alcançou muyto fauor do dito Jffante ata lhe mandar a Candia pellas canas de açucar /

Em hindo estes caualleyros com sua gente e criados pera pouorar esta ylha de Porto Sancto / andando pello mar amtre outras cousas leuarom consigo hũa coelha prenhe em hũa gayola que pario no mar E soltarom na com seus filhos na dita ylha os quaes em breue tempo multiplicarom tanto que nom podiam semear que lhe nom estragassem todo / pello qual a dita ylha leixarom a pouorar E por ysso Bertolomeo Perestrello se tornou pera Portugal e por nom auer agoa na dita ylha se nom salobra //

Fol. 33/171

Porto Sancto Ylha

Anno de 1420 mandou ho Jffante dom Anrrique tornar aa ylha do Porto Sancto a Bertolomeo Perestrello pera pouorar a dita ilha / pero com a multidam dos coelhos e por cuja causa se nom pode nella fazer laura / E assi pera (*sic*) nom auer agoas e a terra em sy ser steril nom se fez tanta obra nella como em a ylha de Madeyra porem criam se nella muytos gaados e apanham nella muyto sangue de dragam //

Jaz esta ylha do Porto Sancto da ylha de Madeyra —a saber— de terra a terra 12 legoas / E tem em

derrador de sy 9 legoas / Tem de longura tres legoas e mea / E de largo a cerca hũa legoa

Esta ylha tem derrador de sy sete ylheos despouorados.

Em esta ylha ha neste tempo obra de 40 moradores e esto no anno de 1506.
E tem muytas fontes de agoa salgada / e assi em os mais altos montes / porem a gente tem poços de agoa doçe / E a agoa salgada creçe e mjngoa como o mar //

Fol. 33/171 v.º

Porto Sancto Ylha

Em esta ylha do Porto Sancto naçe trigo muyta çeuada e todos outros legumes que querem ahy semear /

Em esta ilha ha muytas perdizes / pombas coelhos vacas ouelhas cabras e porcos

Nesta ilha ha muyto pescado

Em esta ylha ha de todallas aruores como em a ylha de Madeyra porem nom tanta afora teixo e cedro /

Dragoeyros aruores som as principaes aruores de toda esta ylha / E delles som de grosso como hũu tonel E sua feyçam he fora das nossas aruores —a saber— em noos como cana e assi os ramos E as folhas como da erua babosa / Tem fruito amarelho tam grandes como çerejas he boom pera comer
Este pao nom he duro se nom muyto molle e fecto de maneyra de sponja ou estopa ajuntada / E se laura
Fol. 172/34 todo em verde // porque seendo seco se quebra em
Porto o laurar E fazem delle tauolachmas e pauezas e
Sancto gamellas grandes e pequenas / E he pao muyto leue
Ylha mais que nenhũu outro E se mantem mais no enxuto que em agoa despois de laurado

Esta aruore he muyto ramudo E homem que chegua com grandes calmas e va a sombra delle reçebe homem grande refresco de frialdade / E se homem tiuer sede quebra hũu ramo e chupa nelle se passa a sede

Esta aruore lança de sy hũa goma que val muyto e he auido em grande preço mais que o sangue de dragam assi pera pinturas como pera enfermidades e solda E esto quando homem cae e quebra algũa costella ou algũa cousa no corpo em bebendo desta goma se solda E assi presta pera muytas outras enfermidades

Sangue de dragam tiram e fazem desta maneyra —a saber— dam muytas cuytelladas com hũu machado na aruore dragoeyro e assi nos ramos delle E assi os leixam estar hũu anno / E aquella humidade se //

Fol. 172/34 v.º (72) Porto Sancto Ylha

cria alli como tinta em aquellas suas cascas / onde assi foy cortada / E a cabo de aquelle anno tiram toda aquella casca pintada e deytam na a secar / E despois de seca põem na em hũa caldeyra e o deixam cozer hũa bõa feruura com fogo forte / E despois que he assi cozida lançam a casca fora / E aquella sangue sempre fica no fundo da agoa E tiram aquella agoa e assi / com ella o sangue e lançam na em hũa maseyra de pao / E alli a leixam pera estar por poco espaço E tiram dalli aquella agoa e fica o sangue no fondo / E se aproueitam do sangue / E com aquella mesma agoa cozem outra casca / e fazem como da primeyra em quanto a agoa dura / E ha se de cozer o sangue de dragam no tempo que nom venta leuante / porque com este tempo nom se quer fazer nem coalhar nem ajuntar / E ho mais tempo com que se coze he com tempo nordeste e noroeste

(72) *No pé do Fol.*: Esta ylha nom tem portos se nom hũa praya que guarda de todos [ventos] afora / leste / sueste / e susueste / que homem nom staria seguro //

Esta aruore produz hũu fruito que no mes de março vem ser maduro e he boom de comer / e parece em grandura com ceresas se nom he he amarelha //

Fol. 173/35

Porto Sancto Ylha

¶ hũu ylheo dos sobreditos sete que se chama dos Cynorios que da cynorios brauos tam grandes como perna de hũu homem quasi todos / E delles tam gordos como hũu homem pella cinta E leuam nos dy e prestam pera muytas enfermidades E som bõas de comer assadas no forno / dos cynorios ilha

¶ Outro ylheo destes se chama dos Coelhos Em o qual ha muytos coelhos pretos brancos e vermelhos e de muytas cores dos Coelhos ylha

Ha neste ilheo aruores dragoeyros como na ilha do Porto Sancto //

Fol. 173/35 v.º: *em branco*

Fol. 174/36

Deserta Ylha

Anno de 1420 ho Jffante dom Anrrique mandou lançar aa ylha Deserta gaado cuydando a pouorar como as outras —a saber— de ylha Madeyra etc. //

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 174/36 v.º: *em branco; Fols. 37 e 38, sem outra numeração, também estão em branco.*

Fol. 175/39

Ylhas dos Açores

As ylhas dos Acores som ix E jazem com Portugal —a saber— com as Berlengas leste e hoeste / porem a ylha do Fayal jaz com a rocha de Sintra leste hoeste 280 legoas

Anno de 1443 ho Jffante dom Anrrique mandou duas carauellas pera occidente pera buscar se achassem terra firme ou nom E em 270 legoas de Lixboa acharom hũa ylha que agora se chama de Sancta Maria despouorada com muytos açores / E virom outra e forom a ella que agora se chama de Sam Miguel tambem despouorada / e chea de açores / e assi acharam a Terçeyra e outras todas com muytos açores pello qual a estas ylhas ficou o nome dos Açores

E todas som pouoradas ao presente de 1507 afora a ylha do Coruo e das Flores E avondam em muyto trigo e ceuada e todos outros legumes e de todas fruitas Ellas tem muytas agoas e bõoas saluante ha ylha do Fayal e o Pico e a Graciosa som falecidas de agoa por nom serem em tanta avondança como as outras /
Fol. 175/39 v.º porem abasta // pera todo pello qual todas tem criaçam de muytos gados e em todas ha muyto pastell e muyta vrsella

Estas ylhas jazem em vero occidente e som estas

Ylha de Sancta Maria
Ylha de Sam Miguel
Ylha Terceyra
Ylha de Sam Jorge
Ylha Graciosa
Pico ylha
Ylha do Fayal
Coruo ylha
Ylha das Flores //

Fol. 176/40

Ylhas dos Açores

¶ A mais chegada ylha dos Açores se chama Sancta Maria he ylha pequena e redonda / E tem hũas baixas

Sancta Maria ylha

quasi em meo que se chamam as Formigas por que som oyto bicos penedos sobre agoa /

¶ Jaz esta ylha norte sull com a ylha de Sam Miguel e na traues 12 legoas e as Formigas quasi no meo /

Anno de 1444 mandou ho Jffante dom Anrrique por capitam hũu caualleyro chamado Gonçalo Velho comendador da Ordem de Christus a pouorar esta ylha e outras / E pos a esta seu nome —a saber— ylha de Gonçalo Velho E despois da sua morte lhe poserom nome ylha de Sancta Maria / Este capitam lançou nella porcos e vacas e ouelhas e cabras E viueo nesta ylha algũus annos //

Fol. 176/40 v.º: *em branco.*

Fol. 177/41

Ylhas dos Açores

Sam Miguel ylha

¶ Sam Miguel ylha / foy assi chamada porque no anno de 1445 ho Jffante dom Pedro mandou com aprazimento do Jffante dom Anrrique seu jrmão fez (*sic*) pouorar e lhe mandou poer nome Sam Miguel por singular deuaçam que tinha ao dito sancto E seguio se sua morte em breue pello qual ficou a dita ilha ao Jffante dom Anrrique

Em esta ylha ha lagoas de agoas que feruem / que se metem nellas algũa animalia per hũu pouco de espaço sae dy cosido que se pode comer /

Outras agoas ha que nom som tam queentes em que metem galinhas que loguo som peladas

Toda esta agoa sabe a enxuffre

E a terra aqui queyma como se esteuesse foguo debaixo E assi esta nella hũu monte cheo de fogo

que no verão pareçe caruam viuo e no verão cheo de fumo / E assi em hũu campo esta terra çinzenta que sempre ferue E o que nella lançam logo he consumido

Em esta ilha Gonçalo Velho lançara anno passado
Fol. 177/41 v.º porcos vacas ouelhas e // trotones de Alemanha / De todas animalias ha aqui muytas e de porcos mais /

Em esta ylha naçe muyto trigo que leuam pera Portugal

Naçe nesta ylha muyta vrsela

Nace nesta ylha muyto pastel que leuam pera Frandes e outras terras

Naçem nesta ylha loyreyros tammanhos que seis homens nom podem abraçar hũa aruore e tam altos que pareçem tocar os çeos

Alli naçe muyto ginge //

Fol. 178/42 A ylha Terceyra foy assi chamada por que foy achada despois das outras duas —a saber— Sancta Maria e Sam Miguel E tambem contra hoeste jaz a Terceyra em numero

Esta ylha tem duas pouorações principaes como villas —a saber— a Angra e a Praya afora outras muytas casas e montes que ha pella ylha

Ha nesta ilha grande criaçam de vacas e porcos e ouelhas de que fazem muyta carne que leuam pera Portugual e muyto seuo

Nella naçe muyto trigo e ceuada e mostarda que leuam pera Portugal

Nella naçe muyto pastel pera tingir panos / E semeam o pastel assi —a saber— Em quanto lauram a terra emtam lançam sua semente e cobrem na com ho rasto que tem pera ysso E esto no mes de feuereyro / E no meyo de mayo começam de sayr folhas assi como de alfaça noua as quaes colhem / E amtes que
Fol. 178/42 v.º cheguam ao cabo de colher ja on-//de começarom som outras taes folhas nadas como do primeyro E assi ho fazem ata ho mes de setembro ata que começa a chouer Emtam perdem as folhas a virtude e começam a espigar da qual podem colher a semente

E em colhendo as folhas no mayo adiante logo as metem debaixo de hũa pedra de moo como azeyte da qual sae o çumo ruym e fica a folha com sua propria virtude E ho que se moe de noyte logo pella manhãa estam muytos homens e fazem pães redondos e os põem a enxugar E despois de enxutos tornam outra vez a moer em poo E tornam aquelle poo em hũa casa e lançam a agoa e a reuoluem E aquello chamam granar E despois ho vendem //

Fol. 179/43 Sam Jorge Jlha

Em esta ylha e assi em as outras nace muyta vrsella / Vrsella he hũa herua como mosco assi naçe em penedos do mar / nom que o mar toca nella mas que algũas vezes o mar a ruça / E querendo a colher leixam hũu homem em cordas deçeer ou subir pera apanhar /

Vrsella solia de valer ante de achadas estas ylhas 40 cruzados e agora xb E dizem que nenhũa coor fina se pode fazer sem esta vrsella //

Fol. 179/43 v.º: *em branco.*

Fol. 180/44 Graciosa ylha
[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 180/44 v.º *em branco.*

Fol. 181/45 Pico ilha jaz junto com a ylha do Fayal —a saber— leste e hoeste duas legoas

Esta he a terra mais alta de todas as outras ylhas dos Açores E sua montanha he como pão de açucar E dizem que em certos tempos do anno veem sayr fumo delle Acima do pico nom pode subir nenguem por ser a terra muy solta e cinzenta //

Fol. 181/45 v.º: *em branco.*

Fol. 182/46 Fayal ylha ou per outro nome chamada ylha dos Framengos / porque Felipe duque de Borgonha casou com a filha delrey dom Duarte jrmãa delrey dom Affonso o quinto rey de Portugal Em cuyo tempo forom achadas esta ylhas E por rogo da dita Senhora os homens que mereciam morte çiuel mandou que fossem degradados pera esta ylha pello qual Vtre [*espaço em branco*] homem honrrado pedio a capitania della framengo e lhe foy outorgada e confirmado em Portugal / ho qual casou com hũa portuguesa chamada [*espaço em branco*] de Azevedo E assi pouorarom esta ylha aa qual despois os naujos de Portugal visitarom e forom morar alli assi que ja acerca a lingoa framenga he nella perdida //

Fol. 182/46 v.º: *em branco.*

Fol. 183/47 Coruo ylha pequena com a ylha das Flores esta quasi pegada hũa com outra E ambas despouoradas por ser a terra muy fragosa /

Ha nestas ylhas gados brauos —a saber— vacas e porcos

Ha nestas ylhas muy boas agoas E muytos aruoredos

Estas duas ylhas ajnda que som afastadas das outras 40 legoas tem o nome dos Açores como as outras pouoradas //

Fol. 183/47 v.º (73) Ao sul destas ylhas dos Açores jazem as ylhas do Cabo Verde —a saber— de Sancta Maria e de Sam Miguel ylhas //

Fol. 184/51 (74)

De Cabo Verde Ylhas

℄ Ylhas de Cabo Verde som xij

Boa Vista ylha
Ylha do Sal
Ylha de Mayo
Ylha de Santjago
Ylha do Fogo
Ylha Braua
Ylha de Sam Nicolao
Ylha Rasa
Ylha de Maa Sombra
Ylha de Sancta Luzia
Ylha de Sam Vicente
Ylha de Sant Antam
Em todas as ylhas do Cabo Verde ha grandes pescarias de muytos pescados e grandes

No mes de mayo junho julho e agosto ha nestas ylhas grande avondança de tartarugas de que os gaffos saram

Estas ylhas eram de primeyro tam sadias que quantos gaffos alli vinham sarauam / Mas agora som tam doentias que a gente sãa adoeçe

(73) No pé do Fol. e todo o mais em branco.
(74) A numeração omite os n.os 48, 49 e 50.
(75) No ângulo inferior direito, assinatura: «C».

creo que despois que os negros trousserom a ellas corromperom ho aar em sua terra que he doentia //

Fol. 184/51 v.º no principio de mayo partirom de Lagos com prospero vento sem chegar as (...)

Anno 1456

Boa Vista foy chamada ouuerom vista da terra marauilhando se daquella parte de ver terra —a saber— duas ylhas e forom a hũa e lançarom gente fora pera verem se auia pouoraçam e a nom acharom /

S. Jago primeyro dia de mayo foram a segunda nem menos acharom rasto de gente / se nom muytos pombos mansos que os tomauam com as mãos /

As outras carauellas viram as outras ylhas / porem nenhũa dellas pouoradas se nom grande multidam de aues e grande pescaria

Chegarom a hũa ylha destas omde acharom ryo com muyto aruoredo e surgirom e mandarom homens fora que forom ate ho cabo do ryo e acharom sal muyto branco e fremoso e tomarom delle ho que auiam mester

Fol. 185/52(76) E acharom hy grandes cagados como // adargas e os christãos as comiam porque os marinheyros no golffo

(76) Entre os Fols. 185/52 e 186/53 está colado um papel, pequeno, rectangular, que tem escrito pela mesma mão:

ylhas de Cabo Verde
pli ī nāli historia li. 6 c.º 31
pompo mela li 3 fo 84

Que deve ser:

ylhas de Cabo Verde
Plinio in Naturali Historia livro 6 capitulo 31
Pomponio Mela livro 3 fol. 84.

Plínio, o Velho, é autor de uma «História Natural» em 37 livros; Pompónio Mela, autor de uma «Cosmographia» e do «De Chorographia» que descreve, a partir do estreito de Gibraltar, as regiões de África.

de Arguym as comerom ja / E pescarom grande multidom de peixe hy aa boca do ryo
Neste ryo podia entrar nauio de 150 tonees / e tem em largura boom tyro de arco //

Fol. 185/52 v.º: *em branco.*

Fol. 186/53

De Cabo Verde ylhas

Bõa Vista ylha he a mais chegada ylha do Cabo Verde do qual todas estas ylhas alcançarom seu nome / E tera em compridam ou longura xv legoas E he rasa sem aruoredos / despouorada de gente / Bõa Vista ylha

As agoas desta ylha som salobras

Ha nesta ylha grande criaçam de cabras //

Fol. 186/53 v.º: *em branco.*

Fol. 187/54

De Cabo Verde ylhas

¶ Ylha de Sal / jaz xij legoas ao norte da ylha de Bõa Vista / E he assy chamada por hũa grande salyna ou marynha que esta no meo della / donde ha tanta avondança de sal que todos os nauios que cheguassem poderiam carregar / Este sal faz se de sy mesmo por certa agoa do mar que entra / ylha do Sal

Esta ylha he despouorada de gente

Ha nesta ylha muytas cabras brauas

Aruoredos poucos

Esta ylha nom tem agoa nenhũa E as cabras que aqui andam bebem de agoa do mar //

Fol. 187/54 v.º: *em branco.*

Fol. 188/55

De Cabo Verde ylhas

ylha de Mayo

¶ Ylha de Mayo jaz ao sul e quarta de sueste da ylha de Bõa Vista E he assi chamada por ser primeyramente achada no primeyro dia de mayo

He ylha pequena de 6 legoas Carece de agoas E se ha algũas som salobras

He pouorada de cabras e nom de gente E he rasa sem aruoredos //

Fol. 188/55 v.º: *em branco.*

Fol. 189/56

De Cabo Verde ylhas

ylha de Santjago

Ylha de Santjago jaz da ylha de Mayo aloeste / E he assi chamada por ser achada no dia de Santjago primeyro dia de mayo —a saber— esta ylha e a de Mayo E a differença dellas poserom a hũa nome Mayo e a outra Santjago E esto no anno de 1463 foy achada esta ylha per Diogo Gomez almoxariffe do paço de Sintra E porque Antonio de Noly vinha em outra carauella com elle E veo primeyro a Portugal ouue a capitania della /

Esta ylha tera 20 legoas de grandura E he pouorada de muyta gente / E tem duas capitanias / E boons portos do mar / Esta ylha tem muytas ribeyras de agoas doçes e bõas

Em esta ylha naçe muyto algodom E os algodões que som regadas dam duas nouidades no anno —a saber— hũa em dezembro e janeyro / outra em mayo e junho / E as outras que nom som regadas dam hũa noujdade no anno //

Fol. 189/56 v.º Nesta ylha de Santjago ha tres meses de jnverno —a saber— junho julho e agosto E este jnverno nom se chama por frialdade se nom pellas chuyuas

Esta ylha da todas as fruitas de Portugal que se nella prantam figos vuas melões açucares e todas outras fruitas ha per todo ho anno

Nom da trigo nem çeuada

Da milho e arroz como em Guynee

Ella tem grandes criações de animalias e gados //

Fol. 190/57

De Cabo Verde ylhas

ylha do Fogo

¶ Ylha de Fogo jaz aloeste e quarta de sudueste da ylha de Santjago 12 legoas / E se chama de Fogo porque em meo della ha hũa serra muy alta mais que de nenhũa outra ylha destas na qual serra sempre arde fogo que pareçe a olhos vistos E em certos tempos do anno ferue / E as serras em derrador caem dentro e emtam sae hũa grande quantidade de pedra pomes e cinza e outras cousas /
No anno de 1500 cayo grande pedaço da dita serra dentro assi que o fogo agora pareçe tambem em hũu lado da serra onde antes nom parecia se nom em çima / E emtam saya tanto cisco e pedra pomes que açerca cobria toda a ylha e mar em derrador

Esta ylha se chama de Sam Felipe por ser achada com as outras duas —a saber— de Mayo e Santjago no primeyro dia de mayo

Esta ylha he pouorada de gente /

Aqui nom ha casas de pedra e cal nem de madeyra saluo de pedra em soso //

Fol. 190/57 v.º Ha nesta ylha grande criaçam de cabras

agoas tem poucas e salobras de que a gente bebe /

Naçe aqui muyto algodom

Esta ylha he a mais chegada ao Cabo Verde —a saber— 110 legoas do qual Cabo todas estas ylhas som assi chamadas
E do estreyto a esta ylha ha v^{c} (77) legoas //

Fol. 191/58

De Cabo Verde ilhas

Ylha Braua

Ylha Braua jaz aloesnoreste da ylha do Fogo / E he assi chamada por ser muy fragosa / E nom tem porto do mar /

Esta ylha tem ribeyras de bõas agoas /

tem grande criaçam de cabras

despouorada de gente //

Fol. 191/58 v.º: *em branco.*

Fol. 192/59

De Cabo Verde ylhas

De Sam Nicolao ylha

Ylha de Sam Nicolao jaz ao norte da ylha Braua 30 legoas

He ilha alta e grande e de muytos aruoredos e de muytas bõas agoas

(77) 500.

Ha nesta ylha ha muytas aruores dragoeyros de que fazem o sangue de dragam

Esta ilha he pouorada de cabras e nom de gente //

Fol. 192/59 v.º: *em branco.*

Fol. 193/60

De Cabo Verde ylhas

℄ Logo junto com a ylha de Sam Nicolao junto com ella apegada estam duas ylhas pequenas chamadas — a saber —

℄ ylha Rasa a hũa — ylha Rasa

℄ ylha de Maa Sombra a outra — de Maa Sombra

℄ Estas ylhas ambas careçem de agoas e aruoredos

℄ Som pouoradas de cabras e nom de gente //

Fol. 193/60 v.º: *em branco.*

Fol. 194/61

De Cabo Verde ylhas

Ylha de Sancta Luzia jaz aloeste das sobreditas ylhas 5 legoas — ylha de Santa Luzia

E he ylha pequena /

Tem agoas e aruoredos

Esta ylha he pouorada de cabras e nom de gente //

Fol. 194/61 v.º: *em branco.*

Fol. 195/62

Cabo Verde ylhas

Ylha de Sam Vicente jaz aloeste da ylha de Sancta Luzia 5 legoas — De Sam Vicente ylha

Ella tem poucos aruoredos e poucas agoas

Ella he pouorada de cabras e nom de gente //

Fol. 195/62 v.º: *em branco.*

Fol. 196/63

De Cabo Verde ylhas

Ylha de SantAntam jaz aloeste da ylha de Sam Vicente 3 legoas — Sant'Antam ylha

Esta ilha he alta e fragosa

Ella tem muytas agoas e bõas E grandes aruoredos e dragoeyros

Ella he pouorada de cabras e nom de gente /

Esta ilha jaz da ponta de Tossia (*sic*) 160 legoas

E jaz da ylha do Ferro das Canarias 210 legoas

E jaz do estreito de Gibraltar 460 legoas //

Fol. 196/63 v.º: *em branco; Fol. 64 em branco.*

Fol. 342 v.º (78)

Jlha de Sam Thome

quanto tem em a longura E quanto em largura / e quantas legoas pode auer em çerco

(78) Os fol. 342 r.º é o mapa de S. Tomé; o 343 r.º, mapa de S. Tomé, Príncipe, Fernando Pó e Diogo Cão; 343 v.º é o mapa da ilha de Ano Bom. No Fol. 342 v.º: o texto tem riscos ao alto a indicar que as perguntas foram respondidas.

Quantos moradores podem auer em a ylha dos degradados e quantos dos nom degradados

Os ryos da ylha como se chamam e quantos som as montanhas quantas som e como se chamam

Em que cabo da ylha estam as mais das pouorações a principal onde se ao norte e sul e de quantos vezinhos

Ho capitam como se chama ao presente e se a capitania tem perpetua e ho que tem de renda e como apanha sua renda e onde / E a sua morada quejanda he e que guardas dos degradados tem /

alimarias quejandas som e em que tempo do anno parem

peixes se som differenciados dos nossos

Aruores de sua altura e gordura e das suas fruitas e folhas se dizem com algũas das nossas

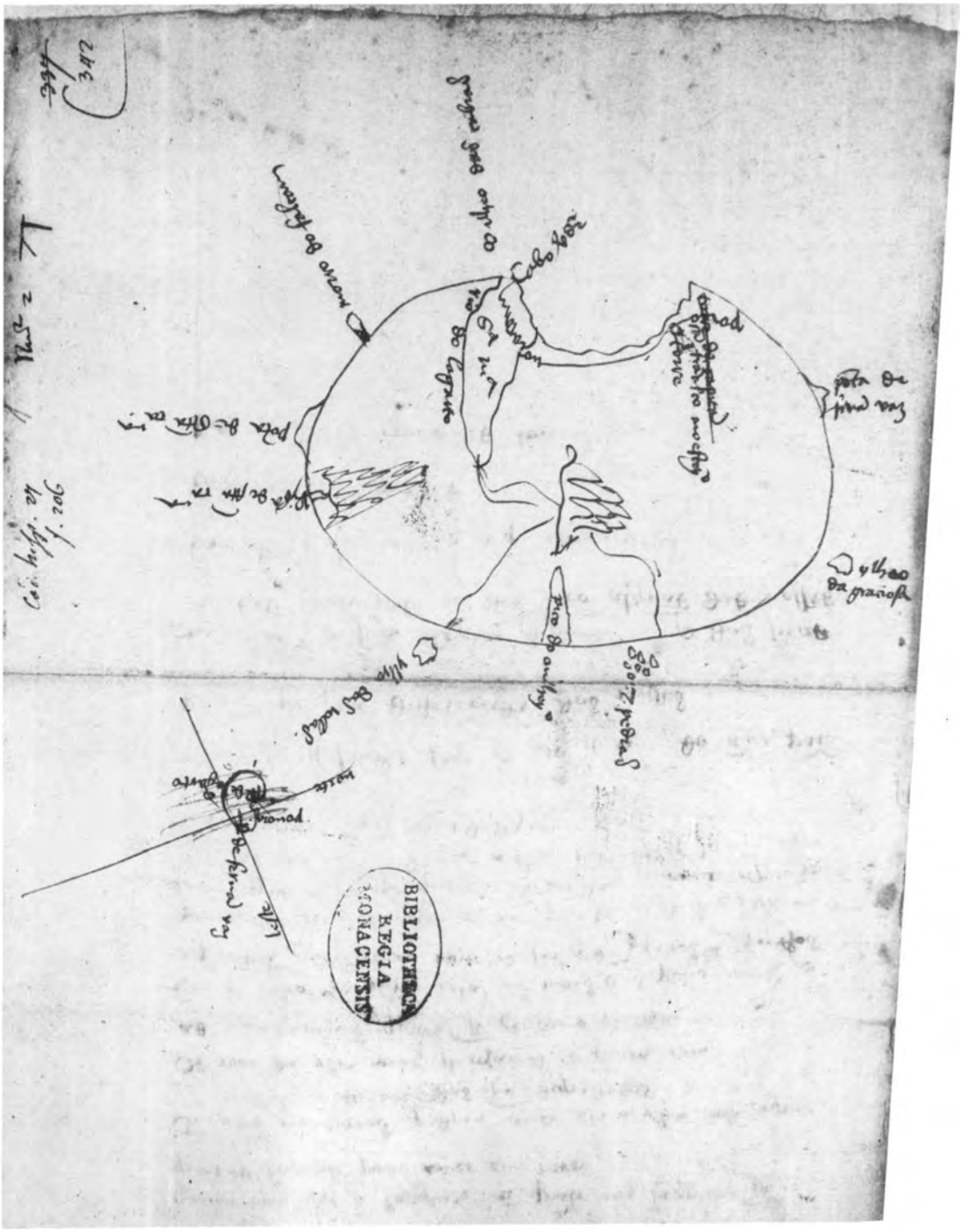
Eruas quejandas e a que aproueytam
Dos lagartos grandes
Das aues e como as tomam //

Fol. 197/65(79)

Ylha de Sam Thome

¶ Ho seguinte escreuj eu Valentym Fernandez alemam de Gonçalo Piriz marinheyro que foy a esta e outras ylhas / muytas vezes / homem maduro e de credito anno de 1506 / no dezembro /

(79) Sublinhado a vermelhão.



ILHA DE S. TOMÉ

COD[ICE] HISP[ANUS] 27 NU[MERO] 2

Riscado:

Desenho muito pequeno da ilha de S. Tomé com dois riscos que se cruzam perpendicularmente, um deles com «leste», outro com «norte».

Topónimos:

Pouoraçam
Rio do Lagarto
Ponta de Fernam Vaz

Mapa maior:

Topónimos:

Pouoraçam [na baía]
Torre do Capitam (*riscado*)
Sam Francisco moesteyro
Torre
Cabo Verde
Santa Maria
Rio do Lagarto
Ilheo das Cabras
Morro do Falcam
Ponta de Santa Maria
Rybeyra de Santa Catarina
Ilha das Rollas
Pico do Oulheyro
7 Pedras
Ilheo da Graciosa
Ponta de Fernam Vaz

Ilha de sam thome.

quãto tem em a longura E quãto em largura / e quãtas legoas pode auer em çerco

Quãtos moradores podem auer em a ylha dos degra dados e quãtos dos nõ degradados.

Os ryos da ylha como se chamã e quãtos som

as montanhas quãtas som e como se chamã

E q̃ cabo da ylha esta as mais das pouoações a p̃ncipal onde se ao norte e sul e de q̃tos vezinhos

ho capitão como se chama ao presente e se a capitania tem perpetua e ho q̃ tem de renda e como arrenda sua renda se onde / E a sua morada q̃ sauda tẽ e q̃ quãtidade dos degradados tem /

alimarias q̃ sandas som / e em q̃ tpõ do ano parẽ

peixes se som differençados dos nossos

arvores / de sua altura e grossura e das suas fruitas e folhas se dizẽ co algũas das nossas

Ervas q̃ sandas e a q̃ aproueyta

Dos lagartos grandes

das aves e como as toma

ylha de Sam Thome

Ho primeyro capitam desta ilha foy Aluoro de Camjnha fidalgo delrey de Portugal / Ao qual elrey dom Joham deu a jurdiçam della / E ho mandou pera la no anno de 1492 / E foy com ho dito capitam muyta gente de seu grado por seu soldo amtre os quaes forom dous carpinteyros de mjnha casa e morrerom la
E assi mandou o dito rey com este capitam $\overline{ij}$ [80] menjnos de viij annos pera baixo que tomou aos judeus castellanos e os mandou baptizar dos quaes morrerom muytos porem pello presente seram viuos antre machos e femeas bem vj^{c} [81] E o dito capitam os casou porem poucas dellas parem dos homens aluos / muyto mais parem as aluas dos negros E as negras dos homens aluos /
E assi mandou o dito rey pedra e cal e tijolo e telha pera fazerem la ygrejas / e ornamentos e clerigos e frades //

Fol. 197/65 v.º Fez o dito capitam na dita ilha duas ygrejas —a saber— hũa de Sam Francisco que he moesteyro sem frades junto com a torre da pouoraçam

A outra de Sancta Maria que esta dous tyros de besta da dita torre / E ambas som de pedra e cal cobertas de telha.

Mais fez nesta ilha hũa torre muy bem murada derrador de pedra e cal cuberta de madeyra Em a qual esta o capitam com sua molher e filhos etc.

---

[80] 2.000.
[81] 600.

Esta torre esta na pouoraçam principal desta ylha / a qual esta ao sueste da ylha / E auera nella ij^{c} moradores / dos quaes a mor parte som homens degradados que mereçerom morte em Portugal / porque com estes começarom primeyramente a pouorar esta ylha

E em toda a ylha auera bem mil moradores delles por seu grado que vam la viuer delles por soldo / delles pello resgate de Guinee / porem os mais som os degradados.

E ordenou o dito Rey que em chegando cada degradado lhe fosse fecta merçee de hũu escrauo ou escraua negra pera sua ajuda e serujço qual elle quisesse / pello qual logo determinou que do resgate e dizimo delrey lhes fossem dados //

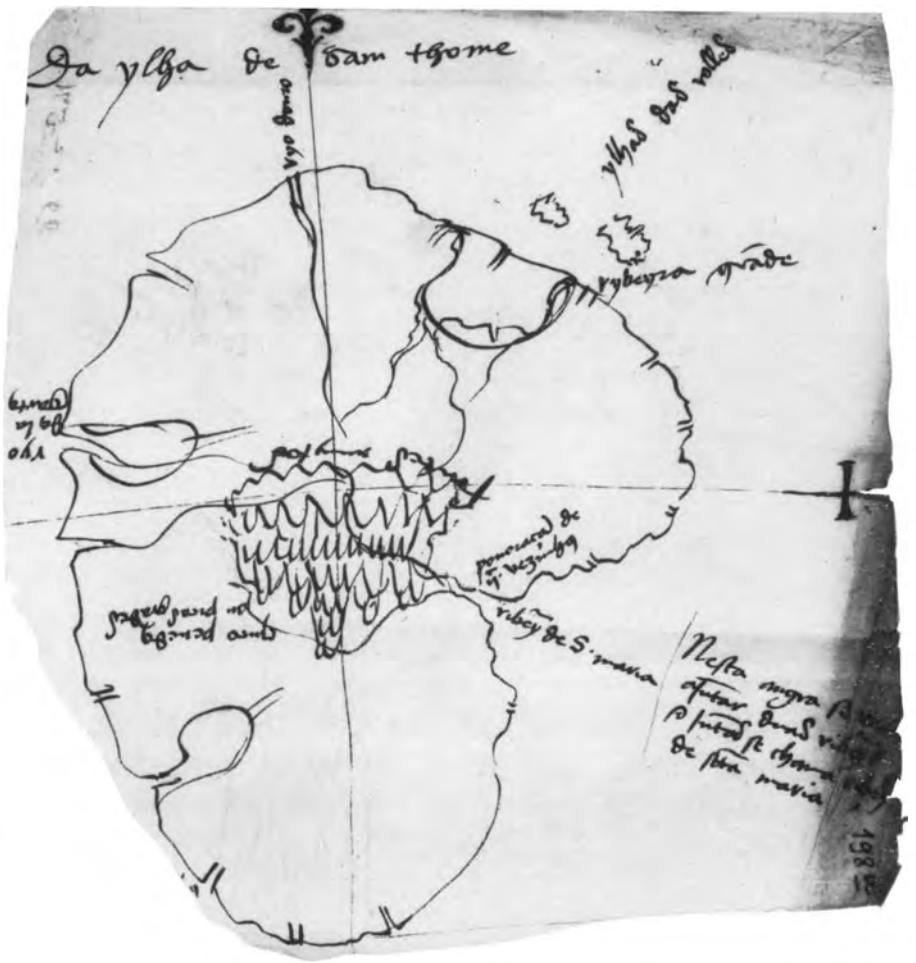
Fol. 198/66 E ha agora muytos catiuos ricos ou degradados que delles tem 14 e mais escrauos que lhe trabalham e roçam e criam ynhames e milho com que ganam bem /

E aueram ao menos nesta ylha de escrauos $\overline{\text{ij}}$ (82) que sempre roçam e cauam e trabalham / afora dos esprauos do resgate que som as vezes $\overline{\text{v}}$ e $\overline{\text{vj}}$ (83)

As enfermjdades principaes desta ylha som febres e hinchazam de pernas e esto causauam os orualhos / pello qual Fernam de Mello capitam de agora muda a dita pouoraçam que estaua amtre dous ryos /

Em esta ylha fazem muy bõas casas e todas de madeyra de dous sobrados e cobertos de tauoas

(82) 2.000.
(83) 5.000 e 6.000.



FOL. 198ª

MAPA DE S. TOMÉ
[Folha recortada e intercalada]

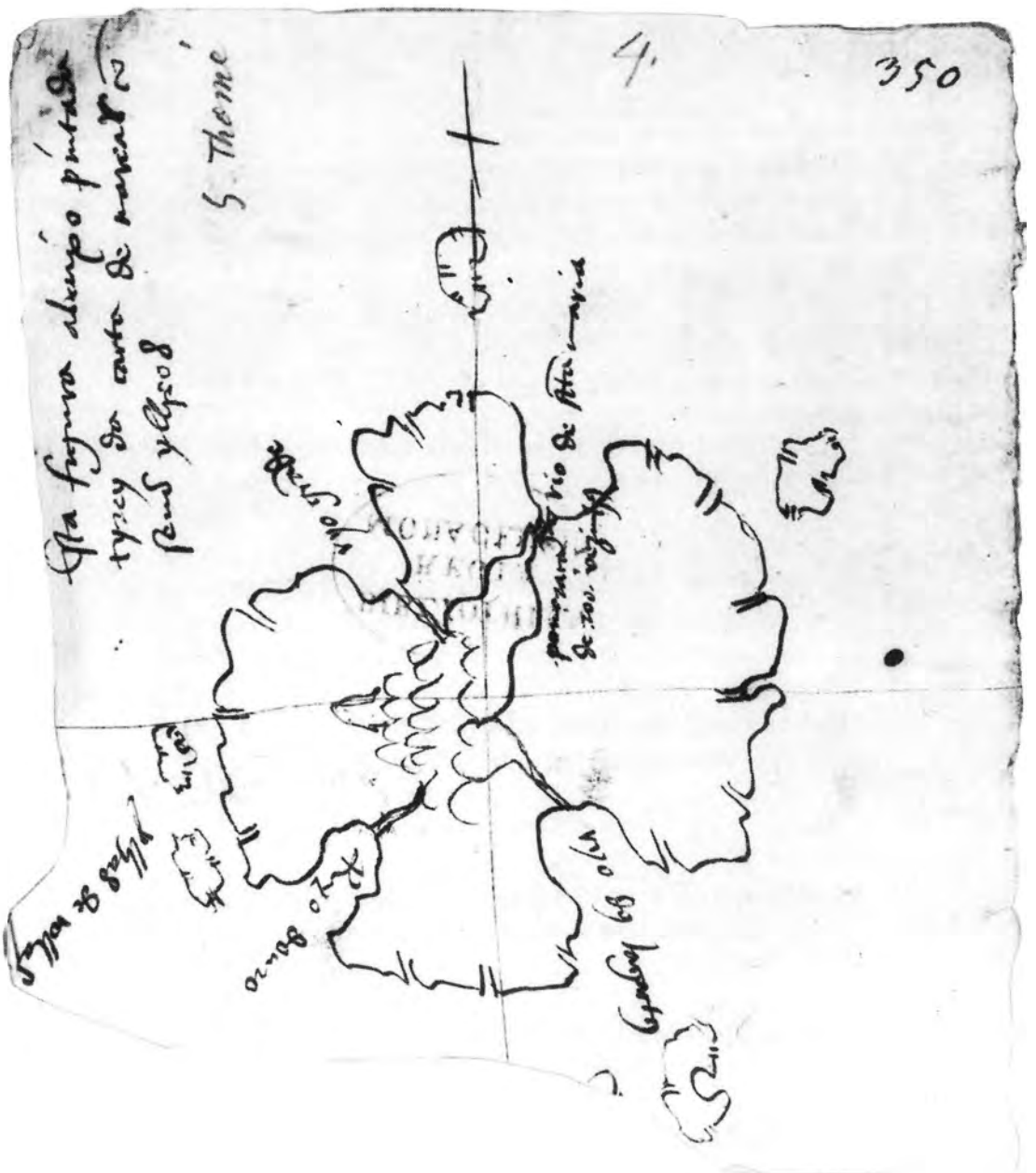
Da Ylha de Sam Thome

Legenda:

No ângulo inferior direito: «Nesta angra se vem ajuntar duas ribeyras e juntas se chamam ribeyra de Sancta Maria

Topónimos:

Ribeyra de Sancta Maria
Pouoacam de ijᶜ vezinhos
Rybeyra Grande
ylhas das Rollas
Ryo do Ouro
Ryo dos Lagartos
Cjnco Penedos ou Picos Grandes
Fontes muytas



Ilha de S. Tomé

Legenda:

«Esta figura abaixo pintada tyrey da carta de marear com seus ylheos».

Topónimos:

«pouoraçam de 200 vezinhos
Rio de Sancta Maria
Ryo Grande
Ylhas de Rollas
Ryo do Ouro
Ryo dos Lagartos!

Seus vestidos daquelles que o tem como de Portugal / porem os mais delles trazem quiçotes e calças bragas de algodom //

Fol. 198/66 v.º (84)

ylha de Sam Thome

Esta ylha tera 30 legoas em derrador

Em esta terra nom choue se nom com trouoadas

Noytes e dias som aqui ygoaes

No meo desta ylha ha serras e rochedos muy altos em çinco picos que parecem que vam ao çeo E ho meo delles he mais alto e chamam no Moesteyro /

Em estas serras ha jnfijndas fontes de que se fazem ryos e rybeyras porem nom entram naujos //

Fol. 199/67

Ylha de Sam Thome

Ha nesta ylha boys que leuarom pera la do Cabo Verde tam grandes como de Portugal E assi as vacas parem hũa vez no anno

Cauallos quando os leuam la nom viuem mais que hũu anno E dizem que morrem de gordura

Trazia ho capitam de agora duas burras tam gordas que parecia que querriam arrebentar se viuerom ou nom ajnda se nom sabe

Ouelhas ha nesta ylha tam grandes como de Portugal E nom tem lãa se nom no papo e todo outro he cabe-

(84) Entre estes dois Fols., com o n.º 198a, actual, num papel intercalado, um mapa de S. Tomé que tem no ângulo inferior direito: «Nesta angra se vem ajuntar duas ribeiras e juntas se chamam ribeyra de Sancta Maria».

linho corto como de cãao de nossa terra E as ouelhas de Guynee parem como as cabras cada mes (*sic*) e tres cordeyros as vezes quatro / E as ouelhas que leuam pera la do Cabo Verde parem de tres em tres meses //

Fol. 199/67 v.º

Ylha de Sam Thome /

Cabras desta ylha e de Guynee som grandes de corpo e pequenas e cortas dos pees assi que a barriga lhes chegua açerca do chão / E parem cada mes / E dellas parem duas crianças / dellas tres / dellas quatro crianças / E ho dito autor vio cabrito de hũu mes naçido emprenhara naquelle mes / E hos vira mamar e serem prenhes

As cabras que leuarom pera hy das ylhas do cabo Verde Estas parem de tres em tres meses e dous cabritos ata tres em mais /

Porcos criam nesta ylha muytos que leuarom de Portugal

Ratos grandes se criam aqui pellas matas e som proprio como os da ca com orelhas e rabo porem som tam grandes como grandes coelhos E assi os comem la como nos aqui os coelhos //

Fol. 200/68

Ylha de Sam Thome

Galinhas de Guynee ha nesta ylha muytas e galinhas como da ca

Falcões muytos

Rollas muytas

Pombas ou seixes muytas

Alcatrazes muytos

Rabi cortados muytos

Patas brauas e mansas muytas

Lagartos auia muytos e agora poucos de doze couodos em longo / E comem homens e molheres vacas e boys e toda animalia / Estes lagartos nom vam fora de agoa se nom que sempre lhes fica ho rabo na agoa doçe / E qualquer animalia que toma E logo da com
Fol. 200/68 v.º ella na aguoa // e dentro na agoa ho mata e ho
Ylha de come E empina se sobre ho rabo como hũu homem
Sam em pees /
Thome

Ho capitam do anno presente Fernam de Mello tem hũu lagarto muy grande e muy temeroso emçarrado em hũu charco E em cima do charco fez hũu andaymo pera ho ver E este lagarto soya de vijr da rybeyra pera este charco certas vezes por mes / E fazia grande dano assy nos homens como nas animalias E aconteçeo que hũu homem pequeno e despreziuel ho vira algũas vezes e ho spreitou tanto ata que ho vio dentro e com sua enxada lhe cortou logo os bauancos (*sic*) e lhe alçou ho vallado que jamais nom pode sayr E foy ho dizer ao capitam

Cobras ha nesta ylha muy peçonhentas de dous couodos em longo e de hũu braço de homem em gordo E estam oulhando os homens e nom fugem delles / E quando as ham de matar matam nas pella manhãa
Fol. 201/69 em frio e tiram lhes // os vntos / porem estas cobras
Ylha de de dia quando vam pellas aruores a comer as aues /
Sam elles fugem dellas porque se mordem a alguem logo
Thome morre E se viue passa grande risco de morte porque se pelam as vnhas e cabellos e coyro / Estas cobras som negras de coor

Tubarões peixes no mar som como grandes cações

Ha nesta ylha pexotas bicudas E quem dellas come morre

Peixe agulha he nesta ylha também peçonhenta

Sardinhas tem pequenas e bõas

Badejos peixes e muytos

Em agoa doçe tem enxerrocos muytos e boons //

Fol. 201/69 v.º Disse me Gonçalo Piriz marinheyro que aqui tomarom hũu peixe feo com grandes dentes E sua feiçam era de caçam de tres braças em longo / E tomarom no com hũa freixura de cabra / e dizem que he muyto peçonhento E disse que o nauio fera (*sic*)([85]) do dito peixe mais de xx dias //

Fol. 202/70 Toda esta ilha he chea de aruores e diferenciadas das nossas saluo figueyras e parreyras que os portugueses la leuarom

Figueyras nom dam fruito e fazem muy grandes folhas de dous palmos em ancho

Parreyras os primeyros dous annos que leuarom la derom fruito e despois nunca mais

Palmeyras toda a ylha he chea e dam bõas tamaras / porem nom tam boas como as de Leuante E tiram muyto vinho das palmas —a saber— Na cabeça da palma fazem hũu buraco e põem alli hũu cabaz e em hũu dia lhe da duas canadas /

Larangeyras ha muytas e as trouuerom de Portugal e dam fruito laranja tam grande como grande çydra de Portugal //

([85]) Certamente «fede».

Fol. 202/70 v.º Em esta ylha de Sam Thome ha muytas cidras e tammanhas como a barriga de pote de meo almude

Limões ha muytos e tam grandes como cidrões em Portugal

Limas muytas tam grandes como as cidras de Portugal

Asamboas muytas e tam grandes como cabeça de hũu homem

Todas estas fruitas som de casca muy delgada como lombo de hũa faca e tem tanto çumo que nom he pera creer /

Mempatases fruito como pessigos saluagens ha nesta ilha muyto //

Fol. 203 (86) Ylha de Sam Thome 1510

He redonda e tera em cerco 40 legoas serrania alta no meo da ylha pouorado de aruoredos E em algũas partes da ylha picos secos altos que vam ao çeo como torres de penedo /

E toda a ilha chea de aruoredos de aruores que nunca perdem a folha / E as mais som muy grossas direytas e altas

Tem muytas ribeyras de agoa doçe que correm todo ho anno que deçem das serras que sae da serrania e nom acham fonte algũa

Tem hũa fremosa baya onde esta a pouoraçam onde espalmam os nauios E esta aa banda de nordeste esta pouoraçam

(86) Deste Fol. 203 até ao 205 só esta primeira numeração, retomando-se 206/71.

Esta pouoração sera de ij^{c} L[87] casas feytas de madeyra e sobradadas e cubertas de madeyra — 60 per vontade
E auera outros tantos moradores pella ylha
No meo desta pouoraçãm esta a fortalleza onde ho capitam tem seu assento / que he hũa torre de pedra e cal de 3 sobrados / E derrador della hũa cerca de casarias de muro de pedra e cal que se começou pera viuerem ahy homens per sua vontade // — nom tem guardas ao presente

Fol. 203 v.º A primeyra ribeyra he da pouoraçam e emtra em a baya sera de 4 braças em largo

Ryo do Lagarto — pouorado e capitam hũa fazenda
Ribeyra de Diogo Martinz pouorada muyto
Rio do Ouro hũa fazenda do capitam
Ribeyra de Angra das Conchas pouorada
Ribeyra Funda que traz começa se a pouorar

As çinco ribeyras que se ajuntam em hũu onde esta hũa fazenda do capitam de criaçom de ynhames porcos etc.

mea legoa da fazenda outra ribeyra

Ribeyra das Praynhas hũa fazenda de capitam
Nestas Praynhas entra outra ribeyra hũu tyro de besta doutra ribeyra

Outra ribeyra das Praynhas dos Moços aqui esta outra criaçam de porcos nom

Ribeyra de Joham Caldeyra nom
Ribeyra da Ponta de Sancta Caterina pouoraçam
Ribeyra Grande[88] nom
Ribeyra Braua nom

---

(87) 250.
(88) *Riscado*: «pouorada».

Ribeyra de Joham de Ouguela nom
Ryo de Sam Miguel pouorada
Ribeyra da Lagea nom
Neste direyto esta o ylheo das Rollas nom
Ryo Fremoso nom //

Fol. 204 Ribeyra da Angra das Negras nom
Ryo de Agoa Alta nom
Neste direyto estam 7 pedras ilheos
Ryo Grande fazenda do capitam
Ribeyra da Angra das Lulas grande e fremosa
Angra nom pouorada
Ribeyra da Angra do Tordo pouorada
Rybeyra da Angra de Oliveyra pouo[rada]
Ryo Pedra Furada nom
Rybeyra de Artur Vaz pouo[rada]
Rybeyra da Angra de Aluaro Fernandez pouo[rada]
Rybeyra do Abade pouo[rada]
Rybeyra da Angra da Galega pouo[rada]
Rybeyra do Çebolal pouo[rada]
Rybeyra da Praya do Almozariffe pouo[rada]
Rybeyra de Fernam Vaz pouorada
E daqui a pouoraçam hũa legoa //

Fol. 204 v.º Ho capitam Fernam de Mello fidalgo tem molher e filhos em a ylha E seriam (*sic*) capitam ja x(89) annos E he sua de jurdiçam

Nom tem renda nenhũa saluo tractar com mercadoria pellos ryos de Guynee que seria toda renda que se desse assi azo nello teria $\overline{x}$(90) cruzados cada anno /

Nesta ylha ha gatos de algalia que criam que fugirom aos armadores que trouxerom da terra firme

(89) 10.
(90) 10.000.

Ratos que som pouco menos de coelhos / como arganaças de feyçam com rabo / e som pretos delles e delles ruyuos melhores e mais saborosos que coelhos

Lagartos muy grandes / e agora se temem dos homens /

Cobras de 5 e 6 palmos pretas com colar branco no pescoço muyto peçonhosas que logo quando mordem ao homem logo lhe quebram os olhos na cabeça e morre //

Fol. 205 Ha nesta ilha vacas que trouxerom de Portugal muy grandes parem sempre — vaca 9 meses prenhe

porcos que trouxerom de Portugal — 3 meses 3 soma[nas]

Cabras e ouelhas que trazem dos ryos em cinco meses som prenhes e parem dellas tres e quatro menjnos

Cauallos e mulas la nom podem viuer /

Homens brancos com brancas poucas vezes geeram se nom com negros ou negras /

Aues

Muytas galinhas de Guynee som muy brauas
pombos mansos pellas aruores
Rollas
Seixes
Tordos
todas estas aues som mansas e estam em cima das aruores e andam os moços com hũas varas feito hũu laço de cordom na vara e lhes lançam no pescoço e as tiram pera baixo

Todas estas aues nom podem comer de gordas se nom frigir e lançar fora a gordura //

Fol. 205 v.º

Aruores

Laranjeyras muytas
limoeyros mouriscos
çidroeyras
parreyras que dam vuas (91) //

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 206/71 Ha nesta ilha de Sam Thome hũa aruore chamada aualaneyras e dellas muytas e a mais alta he de tres braças E nom he paao se nom como herua / E suas folhas tam grandes como hũa adarga E no cabo do mais alto leua hũu fruito soo tam grande como hũa canastra E pesa quanto hũu homem pode leuantar do chão E he assi amarella como codea de melão E assi daquella feyçam de talhada de melam / e he tam doçe como açucar E he dentro maciço e como cousa coalhada /

A verga desta aruore he hũa soo e nom tem outro ramo nem tras outro fruito se nom hũu soo pomo como se disse / porem ao pee della da rayz saem muytos filhos de que cada hũa tambem nom traz mais que hũu fruito soo / E logo cortado ho fruito cortam ho pee da dita verga de todo pera nom lançar a perder os filhos E assi todo ho anno da fruito E na verga cortada arrebenta outra verga noua pello qual //

Fol. 206/71 v.º hũa rayz della gera jnfinitas vergas cortando hũas ja sayrom outras E continuadamente dam fruito todo ho anno E este he o melhor comer nesta ilha de que se mantem a gente alem dos ynhames

Ha nesta ilha hũas aruores que pareçem que cheguam ao ceo e todas lijas se nom hũas ramas no mais alto como hũu pinheyro cortado e se alimpa de sy mesmo sem nenguem cortar / E destas aruores som tam

(91) uvas.

grossas que podem fazer tauoa de 25 palmos / E dixe Gonçalo Piriz que vira xv homens cortar em hũa aruore sem verem hũus a outros / E nom tem fruito algũu Destas aruores ho sobredito vio dous naujos que ho capitam presente Fernam de Mello fizera que andauam pera os ryos de Guynee de hũu pao soo da ylha E seria tam grande como carauella de 30 toneladas concertado muy bem E leuara 400 quintaes cada hũu delles //

[*Seguem-se 4 Fols. em branco, com numeração actual: 206 a, b, c, d*].

Fol. 207/72 Vi o eu em tempo delrey dom Joham ho segundo de pia memoria no anno de 1496 hũa mea tauoa ou a metade de hũa tauoa que ho dito rey mandara serrar na dita ylha que tinha em largo 16 palmos porque mandara la serras pera ysso e nom cabia no nauio a tauoa de 32 palmos serrarom na por meo e lhes leuarom E destas duas metades vio eu hũa a qual vij quando o dito rey mandou mostrar ao doctor Jeronimo Monetario alemão cuja lingoa eu era /

Ha nesta ilha outra aruore que os negros chamam figuos E tem folhas como modronheyros / E sua fruita he como grande cacho de vuas / porem seus bagos vermelhos como de modronha / E esta fruita nom naçe pellas folhas se nom que saem do pao mesmo aquelles cachos / E cada aruore da muytos daquestes cachos /
Fol. 207/72 v.º E se ferirem ou cortarem // hũu ramo desta aruore lança mais que hũu almude de leite / porem nom he boom pera comer / fazem dello fisco (*sic*) com que tomam paxerinhos.

Cabaçeyra aruore he muyo gorda e alta / suas folhas som como da aruore que traz auellãas / E seu fruito como cabaçinhas redondas / E comem nas os negros //

Fol. 208/73 Toda a ilha he chea de heruas muy altas

Maioricon herua he a ilha chea de altura de hũu homem

Trigo semeado nesta ilha naçe tam grosso como cana E nom daa semente nem faz spiga / e assi suas folhas como da cana / E sua rayz todo ho anno lança filhos verdes como aqui as canas

Milho zaburro naçe aqui E nunca ho semearom se nom anno de 1502 primeyro ca sempre o traziam em nauios de Guynee / E nace proprio como ho da ca se nom que naçe grande e o milho em hũa maça e nom espalhado como o nosso Pera este milho roçam e semeam E naçe todo ho anno / e todo o anno colhem /
Fol. 208/73 v.º semeam no no nouembro e dezembro / E no // março colhem / E assi no mayo e junho semeam e colhem no setembro /

Ynhames criam nesta ilha muytos E ynhame he hũa rayz de que geeralmente se mantem toda a terra de Guynee ou Ethiopia / Suas folhas como de silua e assi jazem pellos chãos como silua de espinhas e assi se cria por paos E assi como as folhas della se fazem amarelhas assim madureçe a rayz / E a rayz de ynhame pareçe acerca com zanoria amarelha porem em çima e dentro he muy aluo E he tam gorda como braço de hũu homem E vio hũa que hũu homem farto tinha em o leuantar Este ynhame cortam em 60 pedaços e mais / e cada talhada faz hũa herua E quando assi naçe a herua amtam aquelle pedaço he todo podre E como a herua começa a podreçer emtam começa a rayz engordar e fazer se ynhame / E se põem hũu ynhame enteyro nom naçe mais que hũu soo //

Fol. 209/74 Os ynhames põem no mes de octubro e nouembro e colhem nos

E escauam derrador da rayz com enxadas e arrancam nos e tem os dependurados ou em redes onde os guardam per todo o anno / Estes ynhames vsam em lugar de pam / comem no assado e cosido com carne e peixe E raspam no e fazem delle filhoos e todos outros manjares como nos do pam /

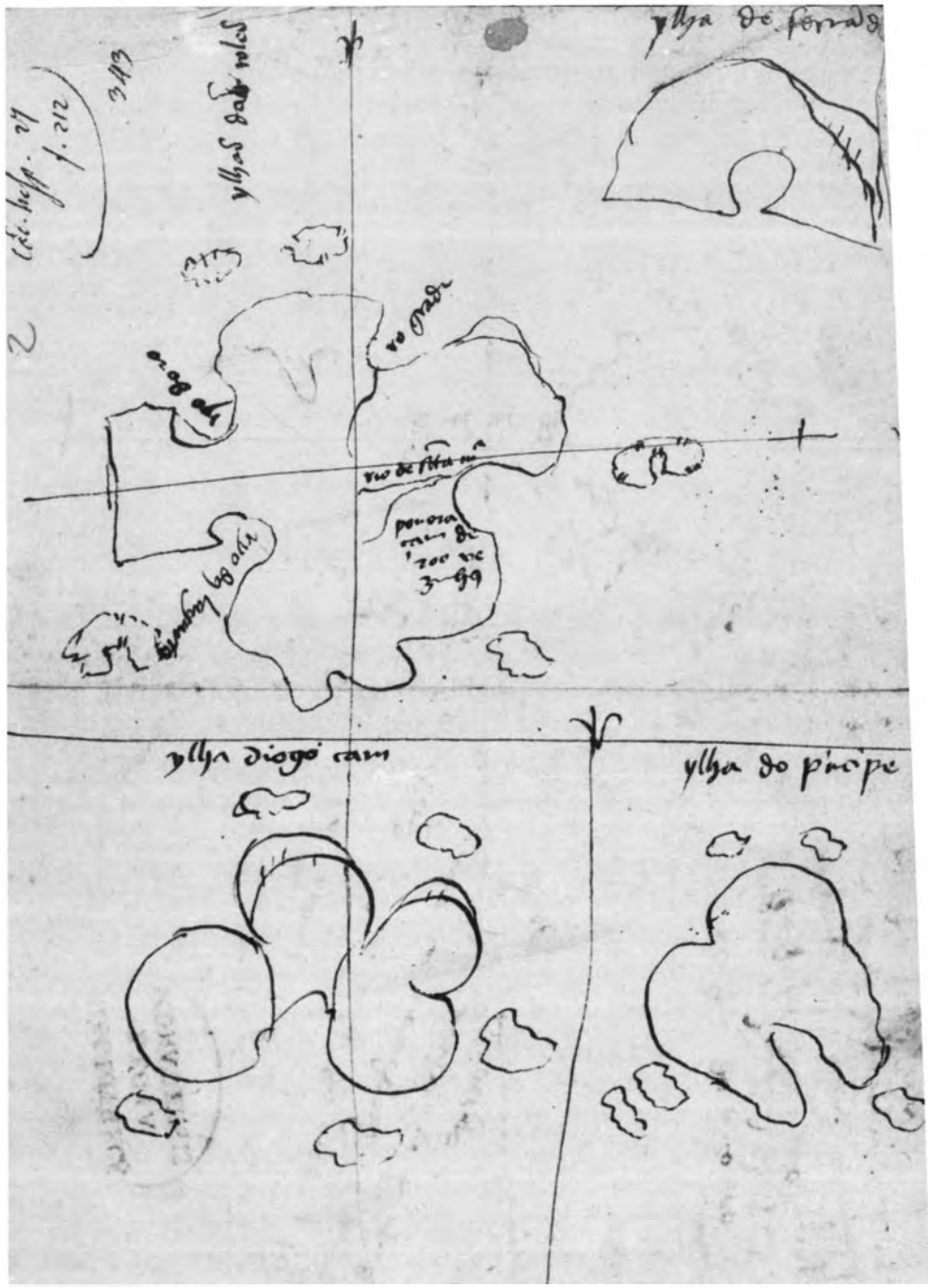
Tem nesta ylha outra rayz de que husam no seu comer como de ynhame / E se chama coco / E he herua e tem a folha comprida como de jaarom E a sua rayz se faz tam grande como hũa grande talha / porem se nom as colhem e transpõem cada anno nom som tam bõas pera comer e emtam engordam os porcos com elles E quando os põem põem nos em pedaços / E lhe nacem filhos derrador os quaes cortam e os
Fol. 209/74 v.º tornam // a poer E os poem no tempo como ynhame e assi o colhem E comem no assado e cusido assi como ynhame / porem he differençiado do ynhame como o çenteo do trigo Os negros e scrauos o comem /

Ha nesta ilha grandes canaueas de açucar E as canas maiores que da ylha de Madeyra / de que ja fazem melaça E daqui auante quer o capitam mandar fazer açucar e cada dia creçe mais

Nom naçe nem fauas nem ceuada / nem centeo nella //

Fol. 210/75 Nesta ylha de Sam Thome naçem rabãos tam grandes como braço de hũu homem E nom os semeam mais que hũa vez ca sempre daquella rayz naçem outros

Coues de todallas sortes



ILHAS DE S. TOMÉ, FERNANDO PÓ, DIOGO CÃO E DO PRÍNCIPE

Topónimos de S. Tomé:

Pouoraçam de 200 vezinhos
Rio de Santa Maria
Ryo Grande
Ryo do Oro
Ylhas das Rolas
Ryo dos Lagartos

Cebollas grandes e alho e nom dam semente por ysso se nom podem aproueitar delles / e as trazem pera la cada anno de Portugal

Nabos, abobaras, cabaças, salsa, ortelãa } das rayzes naçem hũa vez semeado e nom mais e sempre he verde //

Fol. 210/75 v.º: *em branco, o Fol. 76.*

Fol. 211/78 Esta ylha de Principe

[*Resto do Fol. em branco*]

Fol. 211/78 v.º: *em branco; a numeração salta o n.º 79 e passa a 212/80.*

Fol. 212/80 Ylha do Anno Boom foy achada no anno de 1501 no dia do Anno Boom per hũa carauella de Fernam de Mello capitam da ylha de Sam Thome e topou com esta ylha que hia perdida pello mar em busca da dita ylha de Sam Thome E achou hũu negro nella que vira ter a ella em hũa almadia com outros dous —a saber— Auia sete annos amtes que esta ylha fosse achada que tres negros em hũa almadia forom a pescar em Manicongo com vento e tormenta e correntes forom teer a esta ilha E viuerom em ella sem fogo quatro annos no qual tempo morrerom dous E hũu delles se manteue tres annos soo ata que veo esta carauella E em veendo ho batel que quis hir a terra se lançou ho negro no mar e começou a nadar pera ho batel e tomarom no e leuarom no consiguo e ata oje he viuo E disse que se manteue de bichos
Fol. 212/80 v.º que naçem // dentro de pao podre de palmitos spectando os em hũu pao delgado e leixou os secar ao sol e os comia / E estes bichos som grandes como hũu grande dedo de homem.

Começou se a pouorar esta ilha anno de 1503 ao dia de Sam Joham Baptista / E ata oje de 1507 ha la ix moradores per sua vontade e nom tem ygreja nem clerigo E esta pouoraçam esta em hũa pequena de area que esta ao sueste E vaa acerca de mea legoa por agoa

Esta ylha jaz 30 legoas da ilha de Sam Thome

Esta ilha he redonda / costa braua / nom tem porto nem praya pera entrar nem ryo

Tera esta ilha em redondo 5 legoas Em largo duas //

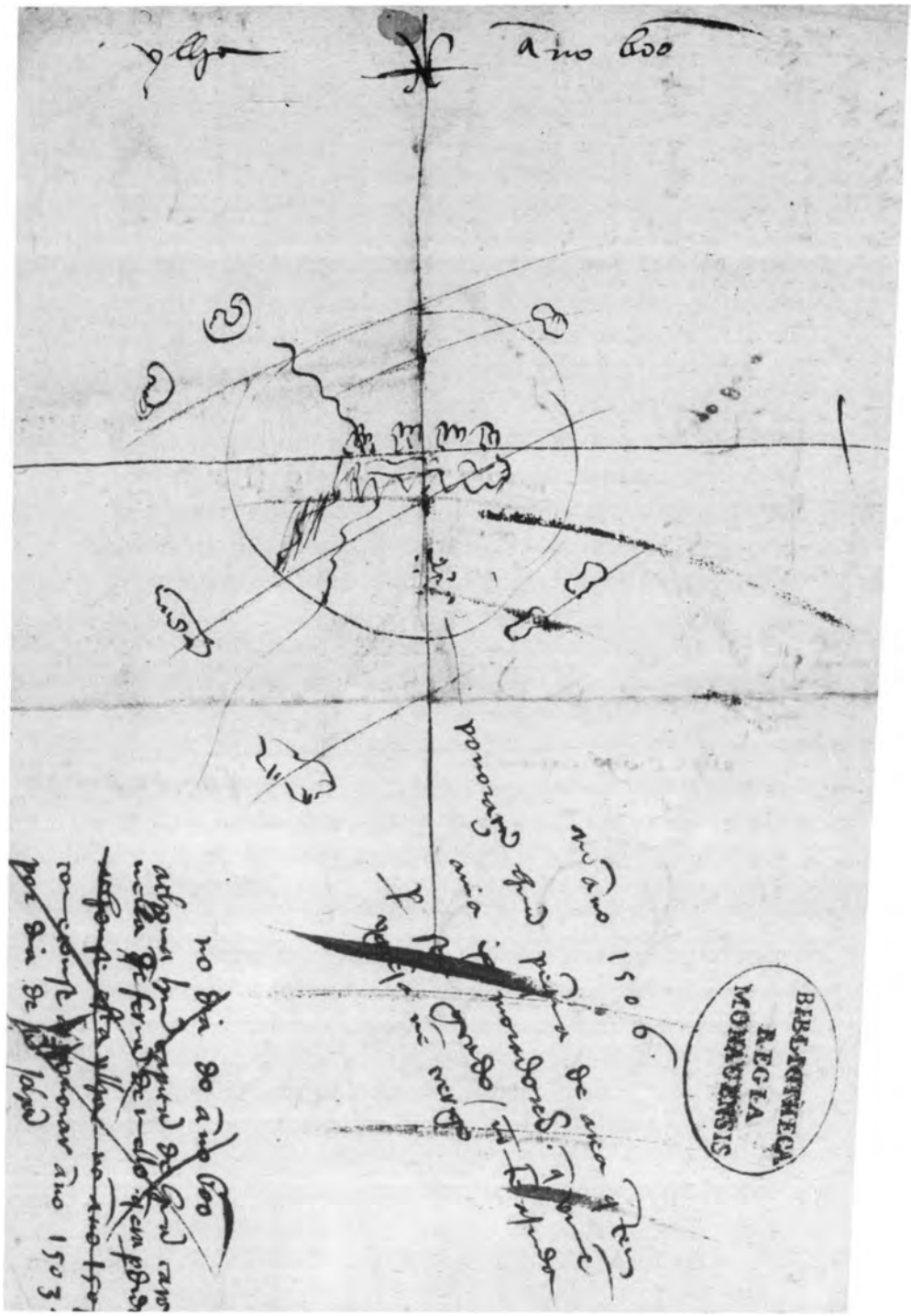
Fol. 213/81 Toda esta ilha he penedio e todo palmares / E no meo desta ilha ha quatro picos de serrania todo coberto de aruores e hũu pico tam alto como outro /

Amtre estes picos esta hũa lagoa de agoa doçe tam grande e redonda que auera tres tiros de besta / E tem fonde de tres braças e de quatro e de duas e hũa
Esta lagoa tem muytos peixes enxarrocos e muy grandes e outra sorte nenhũa de peixe andam nella muytos patos brauos

Desta lagoa correm muytos ribeyros quando choue com trouoada / porque aqui nunca choue se nom com trouoada / doutra maneyra nom correm se nom tres ribeyros das quaes duas correm todo o anno e a terceyra se seca as vezes com calma /

Todas estas ribeyras nom saem por çima da lagoa se nom em baixo pellos penedos do baixo do chao / E vam ter ao mar

Ha nesta ilha porcos que comem tartarugas e cabras e galinhas que os portugueses la leuarom //



ILHA DE ANO BOM
[É um esboço e foi riscado]

Legendas:

«Ylha Anno Boom
no anno 1506

pouoraçam hũa pequena de area que tem
auia ix moradores que uiuem per seu grado /
nom tem ajnda ygreja nem crerigo

Riscado:

«no dia do Anno Boom achou a hũu capitam de hũa carauella de Fernam de Mello que era perdida achou se esta ylha no anno 1501 / começou se a pouorar anno 1503 por dia de Sam Joham».

Fol. 213/81 v.º Tartarugas ha nesta ilha muytas que se criam em terra e nom no mar E os machos som tam grandes como hũa albarda E as femeas som mais pequenas / E as femeas poem seus ouos como galinha oje hũu de manhãa outro / E onde poem o ouo alli ho leixa jazer e alli se cria hũa tartaruga daquelle ouo assi no chão sem outra cerimonia E nom poem como os do mar E porque ellas som grande mantijmento aos moradores da ilha e matarom muytas dellas sem proueito fizerom agora hũu regimento que nenhũu morador nom mate mais que hũa por dia //

Fol. 214/82 Ha nesta ylha do Anno Boom aues do mar de todas sortes

Ha nella rollas e tordos e estornjnhos e som como da ca / saluo que tem o bico muy corto / E estas aues som mansas e as matam com mãos e paos e nom fugem

Nom ha lagartos grandes nesta ilha se nom lagartixas pequenas e muytas

Cobras ha delgadas de gordura de hũa pena de espreuer e tres palmos em longo verdes e saltam e correm muyto e nom fazem mal nenhũu /

Ratos ha nella como em Portugal e comem da fruita das aruores

Crangejos ha la da feyçom de Portugal e se criam fora da agoa E entrando em agoa morrem / E trepam pellas aruores e comem das folhas dellas Comem nos os moradores e som muy cheyrosos //

Fol. 214/82 v.º Palmeyras ha nesta ylha muy muytas e todos rochedos cheas e muy altas / os seus cachos primeyro som vermelhos e despois se fazem pretos Comem nos os negros

Ha nesta ylha de Anno Boom hũas aruores a que os portugueses chamam oliueyras / tem folhas como souoro / e he ho pao vermelho que trazem pera Portugal E som muy altos / trazem fruito como azeitonas seuilhanas brancas sem coroço saluo que tem coroço como de bago de vua e he muy doce como açucar / E esta fruita he no mayo e junho / E se per esta fruita nom fosse se perderia a armaçam desta ylha E nom tiram o fruito se nom cortando a aruore e he tanta que hũa aruore farta çem escrauos / E som tantas que de baixo de cada folha ha 20 azeytonas E esta fruita nom naçe em as outras ilhas sobreditas //

Todas outras aruores como na ylha de S. Tome limões laranjas / milho cocos / ynhames como em a ilha de Sam Thome //

[*Seguem-se 8 Fols.; três com os n.os 89, 84 e 85 e mais cinco com numeração actual, a lápis, com os n.os 85 a 85c, todos em branco*].

Fol. 215 Ho Jffante dom Anrrique fez partido aos que quiserom armar pera Guynee —a saber— quem quisesse armar nauio a sua custa e despesa e com sua mercadoria do retorno auia de pagar ao dito Jffante ho quarto.

E dando o Jffante o nauio que o mercador quisesse hyr nelle a sua despesa com sua mercadoria que a metade do retorno fosse do Jffante / e nom trazendo nada o mercador perdia sua despesa e seu risco //

Fol. 215 v.º: *em branco; seguem-se 215ª em branco e mais 11 Fols. em branco e sem numeração, dois deles não abertos na cabeça.*

Fol. 316(92)

Das ylhas do Mar Oceano

quaderno segundo

Santa Luzia...
Sam Vicente...
Santantam...
Ylha do Sal...
Ylha de Bõa Vista...

Ylha de Santjago...
Ylha do Fogo...
Ylha Braua...
Ylha de Sam Thome...
Ylha do Principe...
Ylha de Fernam de Poo...
Ylha de Anno Boom...
Ylha da Ascensam...
Ylha de Sancta Elena...

quaderno 2.º //

Fol. 337(93)
Cod. hisp. 27
fl. 49

Arzilla

5.ª feyra

Anno de 1508 aos dias ij de nouembro aas vj horas despois do meyo dia party de Lixboa com ho muy honrrado fidalgo Men de Britto vereador da muy nobre cidade de Lixboa em hũa nao de 75(94) tonelladas / Em que forom muy honrrados fidalgos caualleyros e escudeyros e outra gente baixa ata 120 nom

(92) Fol. 316 v.º: em branco. Fols. 317 a 331: mapas das ilhas de Santa Luzia, S. Vicente, Santo Antão, Sal, Boavista, Maio, S. Tiago, Fogo, Brava, S. Tomé, Príncipe, Fernando Pó, Ascensão, Ano Bom e Santa Helena. Fols. 332 a 336: cinco círculos com quatro diâmetros sem qualquer figura. Fol 336a: em branco mais 11 Fols. também em branco. Estes fólios são mais pequenos na largura: 24 cms. × 14,5 cms.

(93) Fol. acrescentado na medianiz: 24 cms. × 14,5 cms.

(94) *Riscado*: «80».

contando os da nao / e fomos pousar aquella tarde no castelo / com duas carauelinhas /

Item 6 feira 3 djas pella manhãa em sayndo ho sol desfermos (95) e fomos de foz fora

hũu ylheo pequeno no cabo chamado Sacrum Promontorium

Sabado 4 djas amanheçemos hũa legoa do cabo de Sam Vicemte e nauegamos ata aqui com nordestes / as 9 horas dobramos a terra na ponta esta hũa hermida o bispo agora fez hũu castelo Aas x (96) horas dobramos ho cabo de Sagres onde antigamente Sagres e per longa despouoraçam e destruimento de mouros no Jffante dom Anrrique filho delrey dom Joham o primeiro pello descobrimento de Guynee fez tornar a pouorar e como de nouo o lugar de Sagres / Neste dia vimos certas naos e carauellas hyr camjnho de Lixboa ou ao norte pello qual nosso capitam mandou hũa carauelinha nossa que fosse a perguntar por algũas nouas
A meya noyte tornou a carauelinha em que hia Joham de Britto e disse que o mariscal estaua em Villa Noua e que Arzilla era despeyjada dos mouros / e que se tornauam todos //

Fol. 337 v.º : quint[erno?[b clj 5;

carimbo oval: Bibliotheca Regia Monacensis.

[*Resto do Fol. em branco*]

Fol. 338 (97)

Mandinga

Commumente todos som ydolatros e dam grande credito aos encantamentos / e algũus poucos maffo-

(95) desferrámos.
(96) 10.
(97) Este Fol. é maior, 20 cms. × 19 cms., mas com falta de um quadrado no ângulo inferior direito; marca de água: licórnio.

Cod. hisp. 27
fol. 105-106

metanos E todos conhecem que ha hy Deus / os maffometanos vam per terra dos mouros tractando e assi dos negros suas mercadorias //
Estes se mantem como os de Çanaga saluo que tem muyto arroz / E comem carne de cães
E vestem camisas de algodom porque ho tem mais que os de Çanaga / e em Canaga (*sic*) anda jnfijnda gente nua
As molheres fazem por galanteria muytas custuras ou pinturas no corpo que cortam muyto meudo que parece cousa laurada de seda / E jamais se desfaz /

Onde tomarom agoa em hũa fonte junto com o ryo onde estaua hũa aruore que tinha grandes ramas e fazia grande sombra / E o pee della tinha 17 braças de gordo e era buracada
Aqui ha muytos aliffantes saluagens porque os nom sabem amansar

Gnumimansa rey negro acerca da boca do ryo por comprazer aos christãos com sua gente a caça a pee com suas azagayas e frechas enheruadas todas e seguirom hũu aliffante pequeno tres dias antes que o matarom — a saber — acham algũu aliffante no aruoredo jazendo em algũa çujidade ou lama / e lhe dam muytas azagayadas e frechadas peçonhentadas e os negros despois que se alleuante fugem e se escondem detras as aruores ou em cima e saltanda (*sic*) de hũa pera outra sem lhes poder fazer mal ate que a herua laura e que cae / Nom ha alifante que nom tema o homem e lhe nom empece se o homem lhe nom acomete //

Fol. 338 v.º (98)

Ho senhor negro despois de morto o aliffante ho repartio pera os caçadores e christãos e comerom no / Nom he carne saborosa / E leuarom seus cabellos a Portugal

(98) *No pé do Fol.*: carimbo oval: «Bibliotheca Regia Monacensis».

Ho pee do aliffante he redondo porem tem 5 unhas e delle ha que tem 3 palmos em largo /

Dente vij(99) de 5 arrouas que pesaua / E nom tras os ditos dous dentes que tem pera arriba se nom em a boca de arriba pera bayxo em cada parte hũu dente

Trouuerom hũu dente de 12 palmos o qual mandou o Jffante aa duqueza de Bergonha sua jrmãa

Neste ryo de Gambia ha peixe cauallo mantem se em agoa e vi tambem paçer em terra / tem grandura de vaca pernas 4 e curtas o corpo grande como vaca / a cabeça forma de cauallo tem dous dentes grandes como hũu porco de dous palmos em longo e as vezes mais

morçegos de tres palmos grandes a feyçam dos nossos papagayos muytos //.

Fol. 339(100)

Ryo Grande

(Cod. hisp. 27 fl. 123)

1456. 3 carauellas— a saber — hũu criado escudeyro do Jffante / e hũu genoues Antoniotto e hũu veneziano Luys de Mosto descubrirom este ryo / surgirom aa boca do ryo E vierom ter a elles duas almadias tam longas como carauellas mas nom tam altas / hũa dellas trazia 40 negros / e outra mais pequena 26 E vinham com grande pressa pera os nauios / os christãos de medo se poserom em armas / E elles alçarom hũu panno branco e hũu remo como homens que pediam seguro / e elles fizerom outro tanto / assi veo a almadia grande e acostar se aa carauella e oulharam e merauilharom se dos nauios e homens aluos como homens que nunca virom / outros / e nom se enten-

(99) «vi».
(100) Fol. de 20 cms. × 14 cms.

diam os trusimanes com elles porem por cenos trocauam algũu ouro por cousa de pouco (*sic*) valia

Ho creçer do mar nesta costa he de quatro horas / e ho vazar de 8 e he grandissima corrente assi que 3 ancoras a proa assaz tinham que de teer / E as vezes a corrente lhes fez fazer vela per força nom com pequeno perijgo e era mor a corrente que as velas com o vento //

Fol. 339 v.º : *em branco.*

Fol. 340([101]) Tenariffe N 2 14

Cod. hisp. 27/153 Auia 8 senhores nom per natureza herança per soccessam de filhos / mas que mais podem per sua valentia / e tem cruel guerra antre sy e matam se como bestas /

Nom tem armas saluo pedras e porras e varas a maneyra de dardos / E algũus lhe chentam hũu corno agudo a maneyra de ferro / porque nom trem ferro nem aço /

Elles andam nuus saluo a vergonha cuberta com pelle de cabrito / E pello frio trazem hũa pele de cabra diante / outra de tras ate ho cuu / e vnta o corpo com seuo de bodes composto com hũu çumo de heruas e com esto se engrassa a pelle e lhe esquenta o corpo / porem o frio nom he grande por serem estas ylhas ao meo dia /

Nom tem casas de paredes nem de palha / E moram em lapas e couas de montanhas

Viuem de pam de ceuada pisada e amassada e cosida em cinza / e de leyte de cabras E tem muyta fruita / especialmente figos E recolhem seus pães no abril

([101]) Fol. de 20 cms. × 12 cms., acrescentado na medianiz.

Nom tem ffe algũa nem conheçem a Deus / hũus adoram o Sol / outros a lua / outros outras estrellas / e tem ix maneyras de ydolatrias /

Suas molheres nom som commuas / mas cada hũu toma quantas quer / Nom ham casar com moça virgem sem primeyro auer dormida hũa noyte com o senhor / E esto tem por grande honrra //

Fol. 340 v.º (102) Tenariffe

E quando algũu senhor entra nouamente fazem lhe grandes festas e se offereçem algũus de morrer por honrrar a festa / E vam com estes todos a hũa serra alta / E depois dalgũas cerimonias e pregações aquelles que querem morrer lançam se da serra abaixo e se fazem em pedaços meudos / E por ysso o dito senhor fica obrigado de fazer merçee e honrrar os parentes dos defuntos

que som muy ligeyros

Anno de 1493 estando eu em Seuilha quando conquistarom esta ylha e forom destes canarios muytos trazidos a Seuilha onde nos dias das festas vij correr e saltar e lançar pedras tam certas pera hũu lugar que nom seria de creer dos quaes conuidey muytas vezes despois que souberom falar e me enformey (103) das custumes passadas / E diziam que bõa era Seuilha / mas melhor Tenariffe onde nom auiam mester dinheyro nem pagar feytio de vestidos nem comprar o comer /

E amtes da conquista armarom os castellanos nauios pera la pera tomarem delles pera escrauos E as vezes prendiam algũu christão e lhe dauam o officio de matar cabras e cortar carnes / ho que elles por officio vil como nos ho algoz / e ho tinham assi atee que se resgataua por algũa cousa //

(102) *No pé do Fol.*: carimbo oval: «Bibliotheca Regia Monacensis».
(103) *Riscado*: «dalgũus».

Fol. 341 (104)
Cod. hisp. 27
f. 182

Ylha do Fayal e Pico

Jost de Utreque

Jost de Vtre fidalgo da casa del duque de Borgonha que foi casado com a jrmãa da jmperatriz 6 annos despois de Arzilla tomada por palaura de frey Pedro da Ordem de Sam Francisco homem letrado e confessor da raynha de Portugal em cheguando a Frandes por embaixador pera a duqueza ouue falla com Jost Vtre ho qual tinha tres jrmãos ricos e elle como homem mançebo segujndo a corte guastara sua fazenda mais que os outros ao qual euue falla este frey Pedro de como se acharom as ylhas em tal rota e que auia nellas muyta prata e stanho etc. pello qual moueo ao dito Jost de Vtre ouue sua fala em Bruges donde era com 15 homens trabalhadores homens de bem dando lhe mesmo a entender de como lhes faria ricos ata que virom ter a Portugal onde o dito Vtre ouue lugar delrey dom Afonso pera pouorar a dita ylha do Afayal (*sic*) e foy la e esteue hũu anno pello qual acabara de comer ho que tinha pello qual os moradores de nojados que nom acharom o que lhes foy prometido andarom pera matar a seu capitam pello qual com bõa industria se sayo e foy a Portugal onde elrey em vijndo sua diligencia e perigo deu lhe hũa moça fremosa da casa do ynfante don Fernando pay delrey dom Manuel chamada per nome Ysabel de Maçedo com o qual emtam elrey mandou seus naujos e homens honrrados E o capitam era homem discreto e ouue se tam bem com seus moradores que ouuerom por bem de ser seus sojeitos onde começarom a cauar e roçar e lhes leuarom gados das ylhas — a saber — Sancta Maria Sam Miguel e Terceyra / E assi hũu

(104) Fol. de maiores dimensões, dobrado na goteira e no pé: 28 cms. × 20,5 cms.; marca de água: licórnio com faixa. *No pé*: carimbo oval: «Bibliotheca Regia Monacensis».

Guylelmo Hersmacher framengo que vij e conheçi trouue primeyro a lauoyra do pastel e partio pera as otras ylhas //

Fol. 341 v.º: *em branco. O Fol. 342 foi colocado antes do Fol. 197/65 — Ilha de S. Tomé; Fol. 343 r é o mapa das ilhas de S. Tomé, Fernando Pó, Diogo Cão e Príncipe e, no verso deste Fol. a ilha de Ano Bom, com o carimbo oval da Bibliotheca Regia Monacensis.*

Fol. 344([105]) Rey

Çenaga 49 Ethiopia primo ubi

Em ho ryo de Çanaga começa primeyramente Ethiopia — a saber — negros com cabello crespo E a regiom e regno se chamam Gyloffa / terra baixa ate o Cabo Verde

Nesta terra ha muytos Senhores os quaes por enueja antre sy fazem hũu rey porem que seja da nobre geraçam / E este rey dura quanto apraz aos ditos Senhores / porem muytas vezes elrey se fez tam poderoso que se deffende delles e esta com tudo sempre com temor /
Este rey he senhor de gente proue nem em sua terra tem cidade cercada se nom aldeas com casas de palha e nom tem cal nem pedra

E se este rey nom tem do seu he proue ca dos Senhores nom tem se nom algũus presentes pera estar bem com elle e este em cauallos que prezam muyto / e vacas cabras milho e vinho de palmas etc. / e com taes cousas se mantem e com roubar e mandar furtar esprauos assi em suas terras como em suas comarcãas / E destes escrauos ham de rouçar semear e colher em suas quintãas / e delles faz vender

([105]) Fol. mais pequeno: 19,8 cms. × 14,5 cms.

aos azenegues que hy leuam cauallos e assi aos portugueses

Elrey e todos outros senhores e homens daquella terra podem ter quantas molheres podem manteer / E elrey tem sempre de 30 pera cima / e honrra a cada hũa segundo sua linhagem //

Fol. 344 v.º (106) Elrey tem certas quintãas e aldeas suas E em cada hũa dellas 8 ou 10 molheres / e cada hũa tem casa sobre sy / e cada hũa tem tantos esprauos e esprauas que lhes lauram suas terras e tem suas vacas e cabras E quando elrey vem a algũa das ditas aldeas apousenta se em casa dalgũa destas molheres / E cada manhaa traz cada molher 3 ou 4 yguarias carne peyxe arroz etc. assi que ajuntam 40 yguarias / E quando elrey ha vontade come ho que quer e o que fica da aos que com elle vierom / assi que sua gente nunca he farta / e assi va de lugar em lugar e dorme oje com hũa outro dia com outra / e tem assi grande numero de filhos e como a molher he prenhe nom dorme mais com ella ate despois do parto

E desta maneyra viuem todos outros senhores desta terra //

Fol. 345 (107)

Çanaga

Aliffantes nom mansos e vam em manadas como os porcos / os dentes grandes nom caem se nom despois de norto / E nom fazem mal a homem que lhes nom faz / E se toma hũu homem apreta ho com a tromba ate que morre ou ho lança ao aar hũu tyro de pedra / E nenhũu homem por ligeyro que seja lhe non pode scapar correndo em campo largo / E esto pella grandeza do corpo e passo largo / e som muyto danosos quando tem filhos / e fazem tres e quatro filhos de hũa vez / Comem folhas de aruores e fruyta

(106) *No pé do Fol.*: carimbo oval: «Bibliotheca Regia Monacensis».

(107) Fol. comprido e estreito: 28 cms. × 11 cms.

que tyram com a tromba / e alçam com a tromba agoa que bebem Suas moradas som em boscos / e folgam muyto em lama e çugidade como porcos
Ha muytos papagayos fazem seus nydos — a saber — tessem hũa pella redonda marauilhosamente com junco e penduram esta pella ao cabo de hũa rama com hũu junco e tem no meo hũa buraca onde entra e sae e dentro criam / E esto fazem por causa das coobras que lhe comem os filhos / e se nom podem ter sobre as ramas delgadas que logo caem abaixo / e assi asseguram seus filhos

Tem feyras onde troucam hũus com outros algũa pequena miseria / como / algodom e delle fiado e pannos de algodom e todo pouco e oleo de palma milho / gamellas esteyras de palma e outras cousas / E os homens vendem armas / e todo a troco ca hy nom ha moeda / e ouro pouco /

Os cauallos som em toda Guynee muyto prezados porque os alcançam com grande difficuldade porque lhes trazem de Portugal e os azenegues E tambem porque nom podem viuer muyto pella grande quentura e engordam tanto que os força a morrer de hũa doença a qual nom sabem curar / e arrebentam / ho comer que lhes dam som folhas de hũas feyzões despois que som recolhidos do campo E estes cortam a meudo e secam nas como feno e lhes dam a comer / E tambem lhes dam milho com o qual lhes engordam muyto /
Vendeo se hũu cauallo com suas guarnições por 9 ate 14 negros segundo a fremosura e bondade do cauallo //
Fol. 345 v.º (108) Os que compram os cauallos mandan vĩjr os encantadores delles os quaes mandam fazer hũu grande fogo de certas heruas com grande fumo e sobre aquelle

(108) *No pé do Fol.*: carimbo oval: «Bibliotheca Regia Monacensis».

fumo tem o cauallo com os beyços e dizem lhes certas pallauras E despois fazem o cauallo vntar todo com hũu vnguento sotyl / E depois ho mandam esconder ao dias que ho nom vejam / E penduram lhe ao pescoço hũas nominas quadradas de coyro vermelho / E creem firmemente que elles em tal cauallo pode hyr seguros aa guerra / ou batalha //

Fol. 346 (109)

50

Çanaga terra de Budom 12 legoas do ry[o] Çanaga costa

Esta terra he baixa sem montanhas / ho senhor della se chama Budomel / e por ysso a terra / que quer dizer senhor de tal terra / Palma de Budomel he praya e nom porto / veo o dito senhor com 15 de cauallo e 150 homens de pee / E tinha sua casa do mar 60 legoas

Leuarom cartas hũa legoa pequena a nado com mar grosso e muyto vento os desta terra / ao nauio por hũa manilha de stanho cada hũu / que valia 30 rrs.

Elrey (110) desta terra nom tem cidades nem castellos se nom aldeas de casas de palha / E Budomel era senhor de hũa parte deste regno que he cousa pequena / E estes taes nom som senhores de riquezas nem thesouros nem tem moeda / se nom pello acatamento e obediençia do seu pouoo / que he muy grande

Anno de 1455 a aldea de Budomel nom tinha se nom 50 casas de palha cercadas de sebe de vergas e de ramos de aruores com hũa porta onde entram E cada casa tem seu quintal cercado de sebe e a casa no meo /

Nesta aldea tem Budomel 9 molheres / e assi tem em outros lugares / E cada molher tem 5 ou 6 moças

(109) Fol. com 20 cms. × 15 cms.; marca de água: licórnio.

(110) *Riscado*: «senhor».

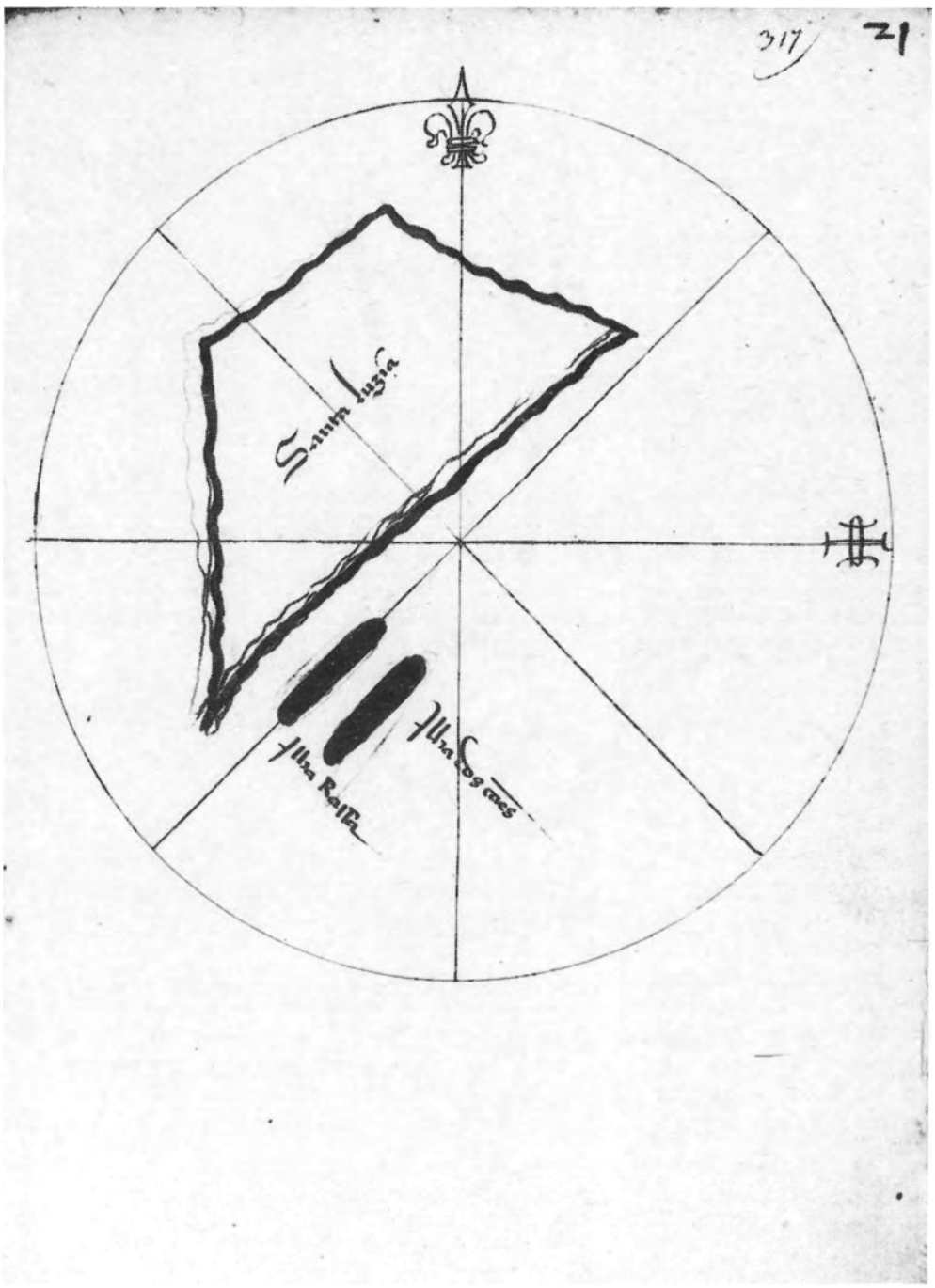
negras pera seu serviço / E o dito senhor dorme tambem com as moças / e suas molheres nom som çeosas e ho sabem trabalhou dos christãos pera prender[111] (*sic*) algũa cousa de contentar muytas molheres com luxuria E estes senhores som muyto çyosos nem se fiam dos seus filhos se som de hydade

Este Budomel tem 200 negros continuadamente que lhe seruem / e nom hũus sempre ca hũus vam outros vem E assi se acheguam outros a elle /

A casa de Budomel tem 5 quintaes e cada quintal com hũa aruore grande / E antes que cheguem onde dorme ham passar todos quintaes e assi som repartidos com gente que lhe estam esperando de baixo da sombra das aruores —a saber— os fidalgos no primeyro quintal e dy auante / E a gente meuda no pode chegar a porta delle se nom for christão ou azenegue que lhe ensyna a fe de Maffoma //

Fl. 346 v.º Mostra Budumel alteraçam de estado / ca se nom leixa ver se nom pella manhãa / e a tarde / e todavia nom sae do primeyro quintal onde nom entram saluo algũu senhor ou christão ou azenegue / E quando faz audiencia a alguem ajnda que fosse seu jrmão ou parente com grande acatamento se lançam no chãao aa porta do quintal e dam com a testa em terra / e lançam com ambas as mãos area do chãao sobre as espadoas e cabeça / e per esta maneyra saudam ao senhor nesta terra / E esto nuus saluo em a braga de coyro de cabra por fidalgo que seja / e nom se leuantam mais se nom engatinhando vam pera o senhor / E dous passos delle fallam o que querem / porem lançam sempre terra pera tras com grande humildade e acatamento / E ho senhor as vezes o

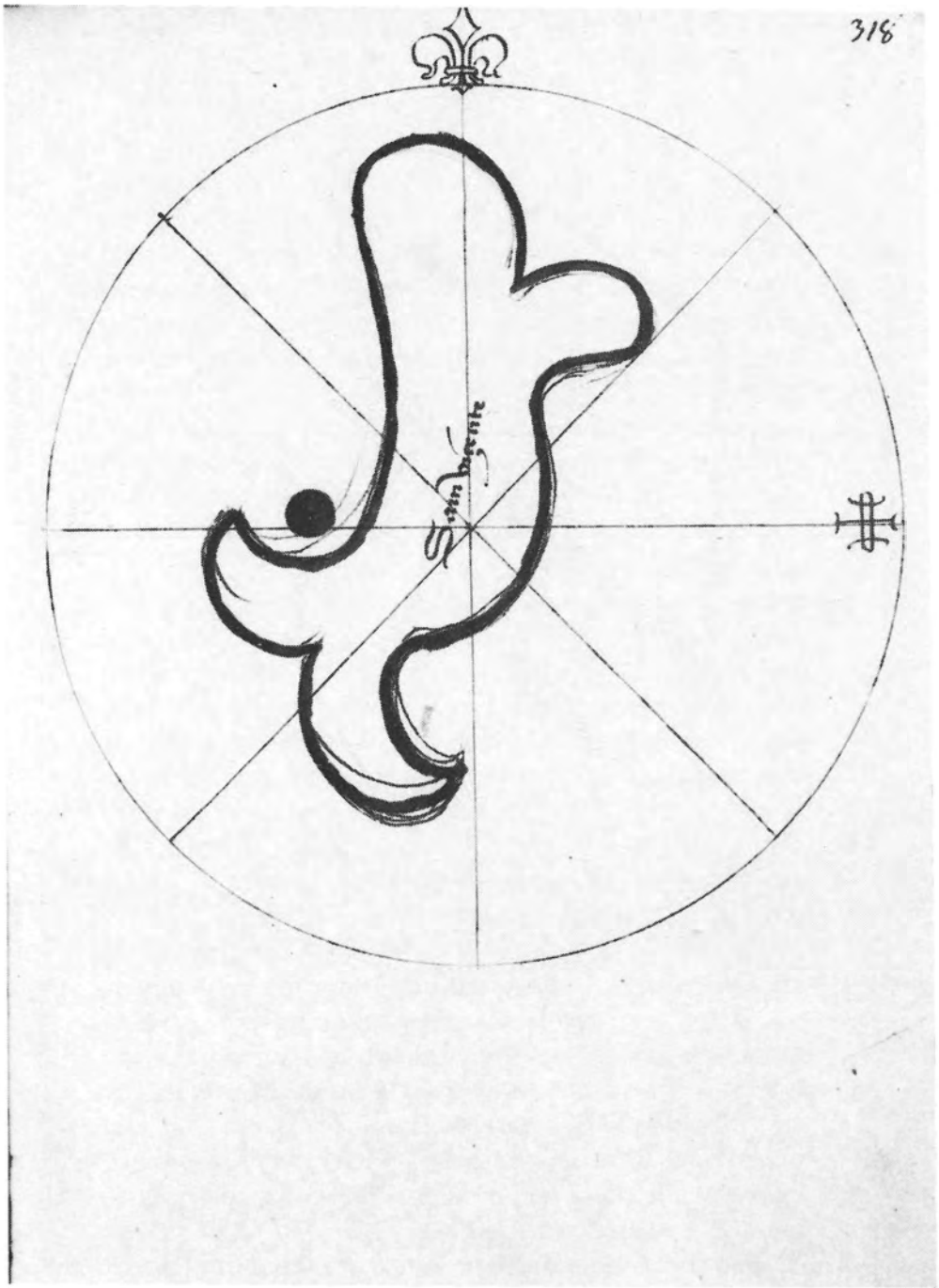
(111) Certamente «aprender».



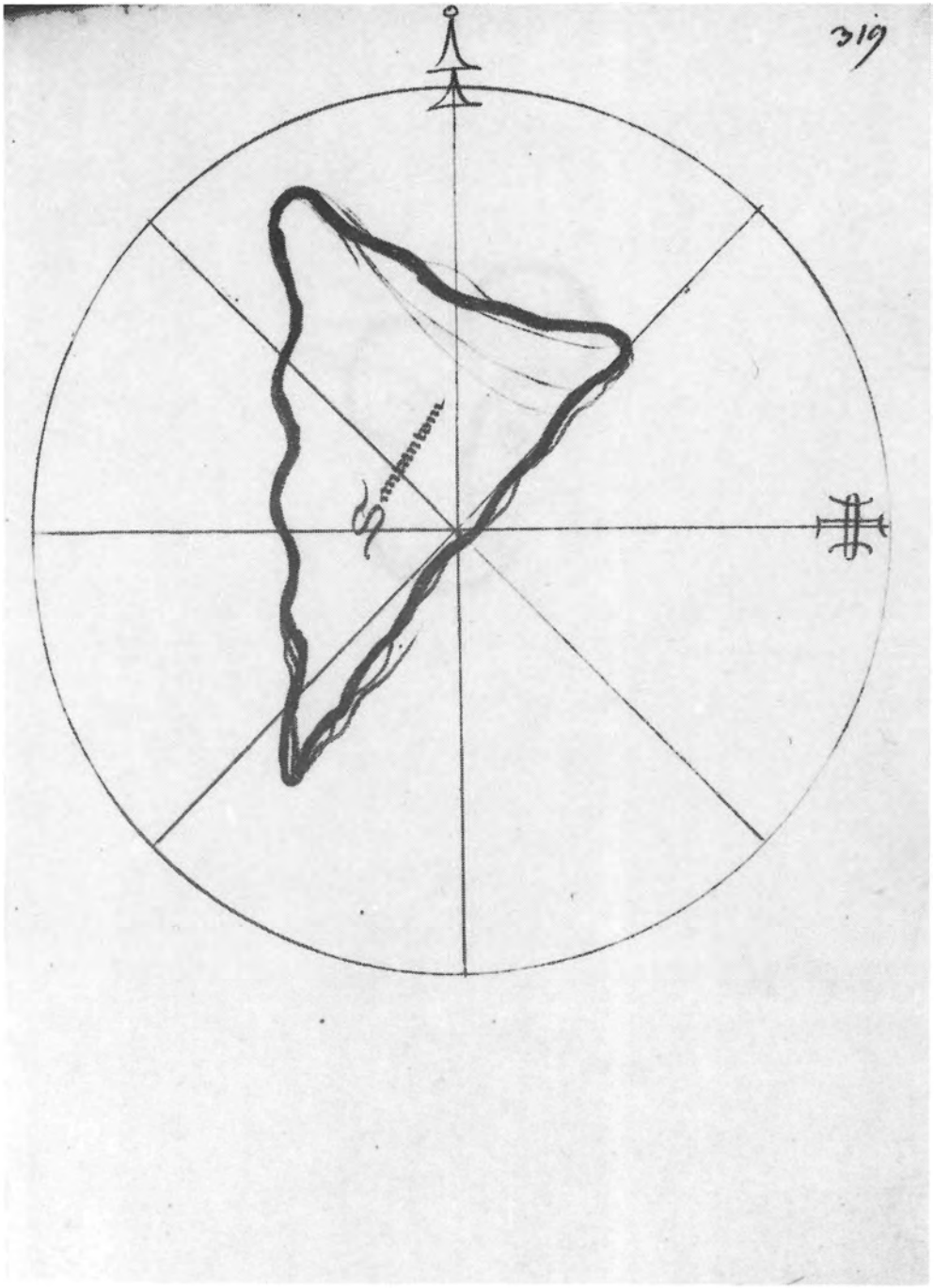
SANTA LUZIA

Ilha dos Cães

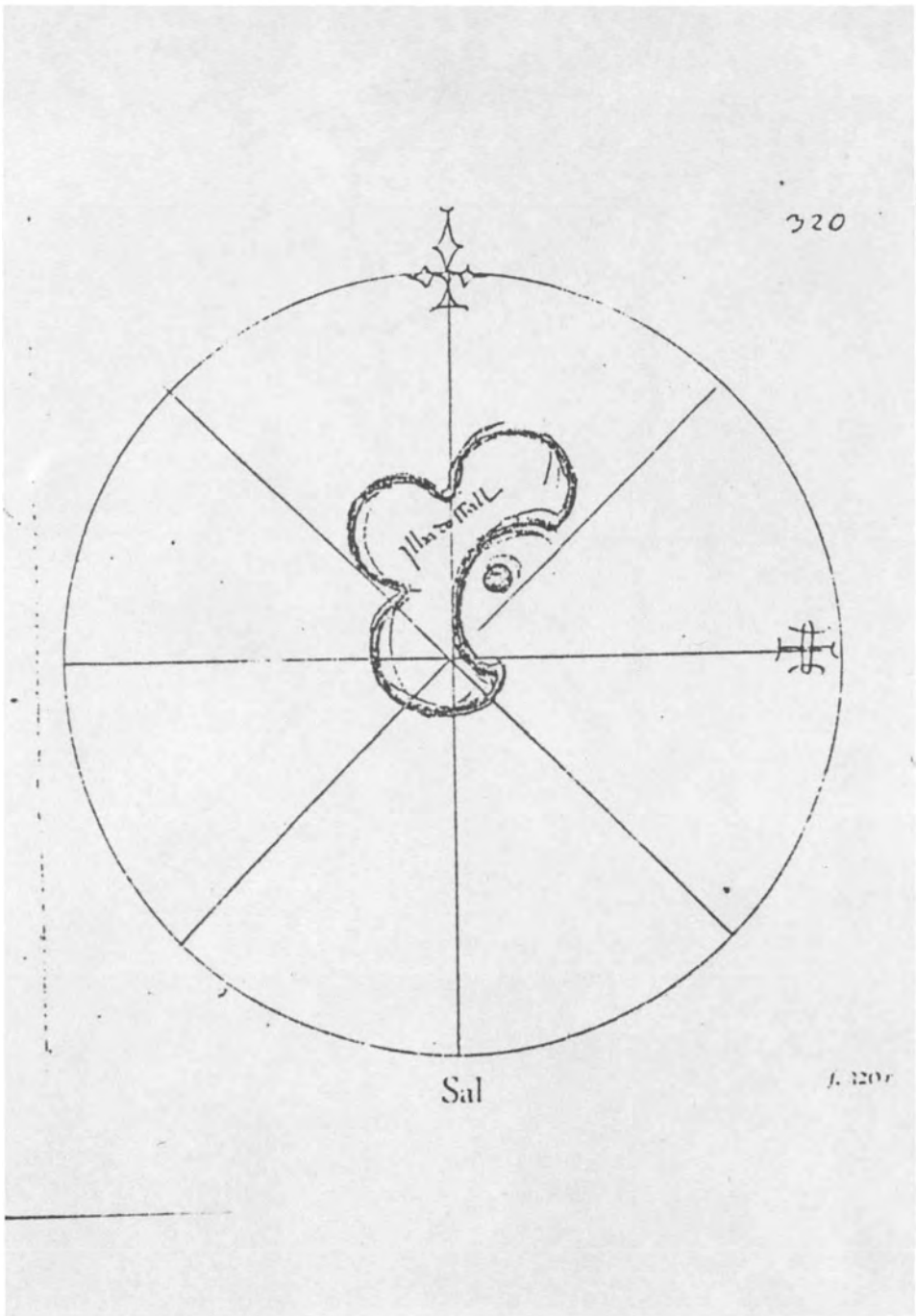
Ilha Rossa



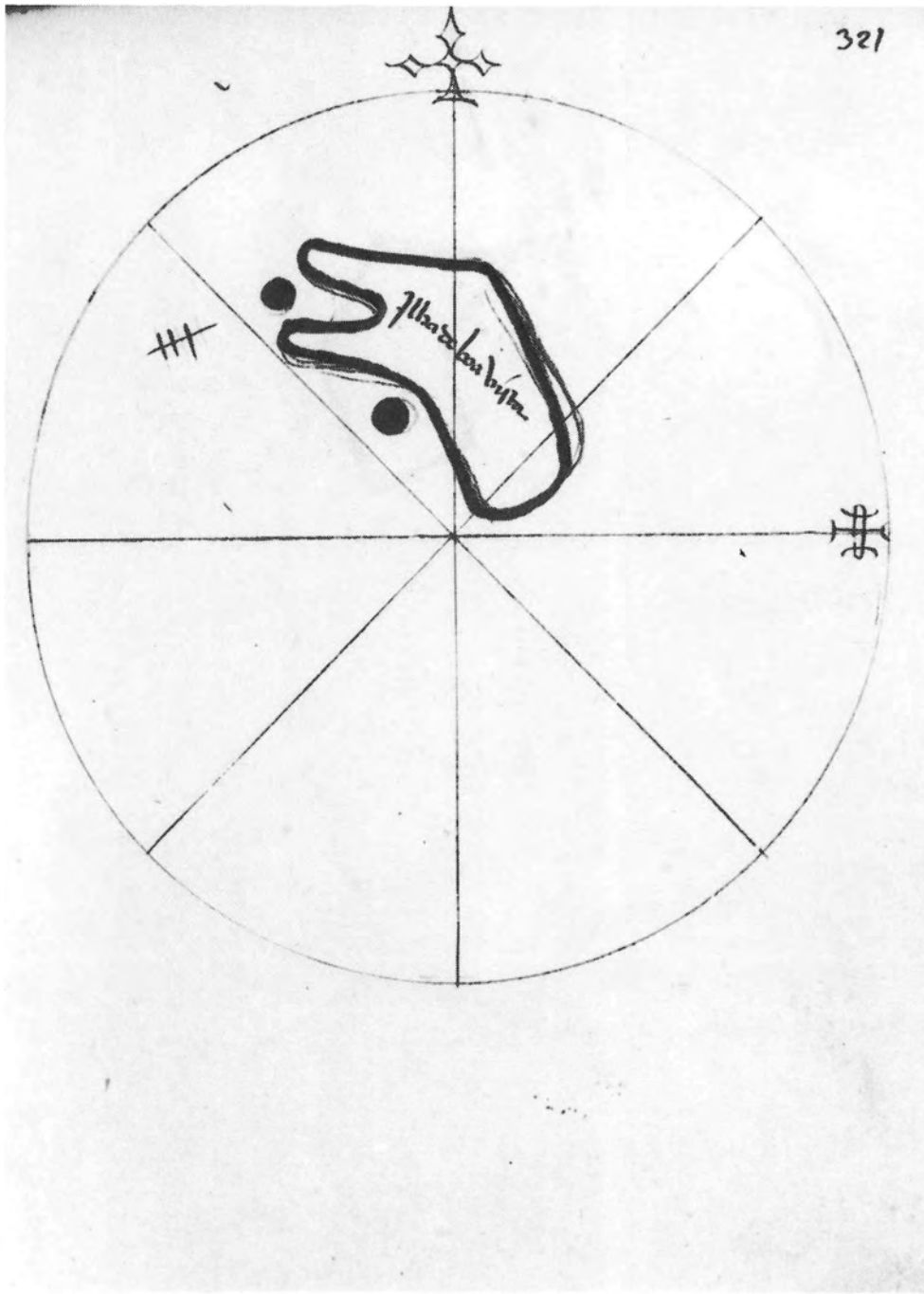
S. VICENTE



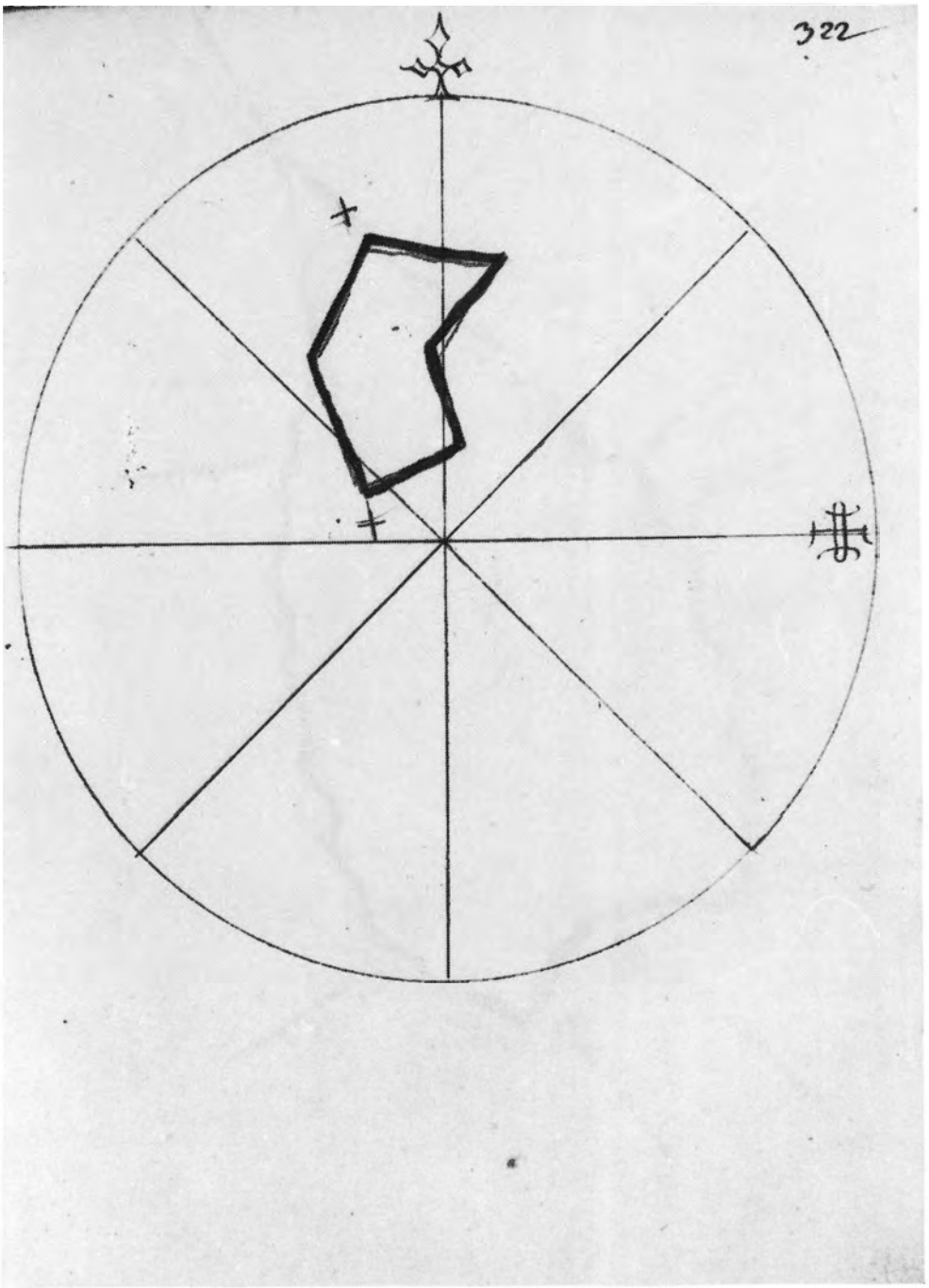
Santo Antao



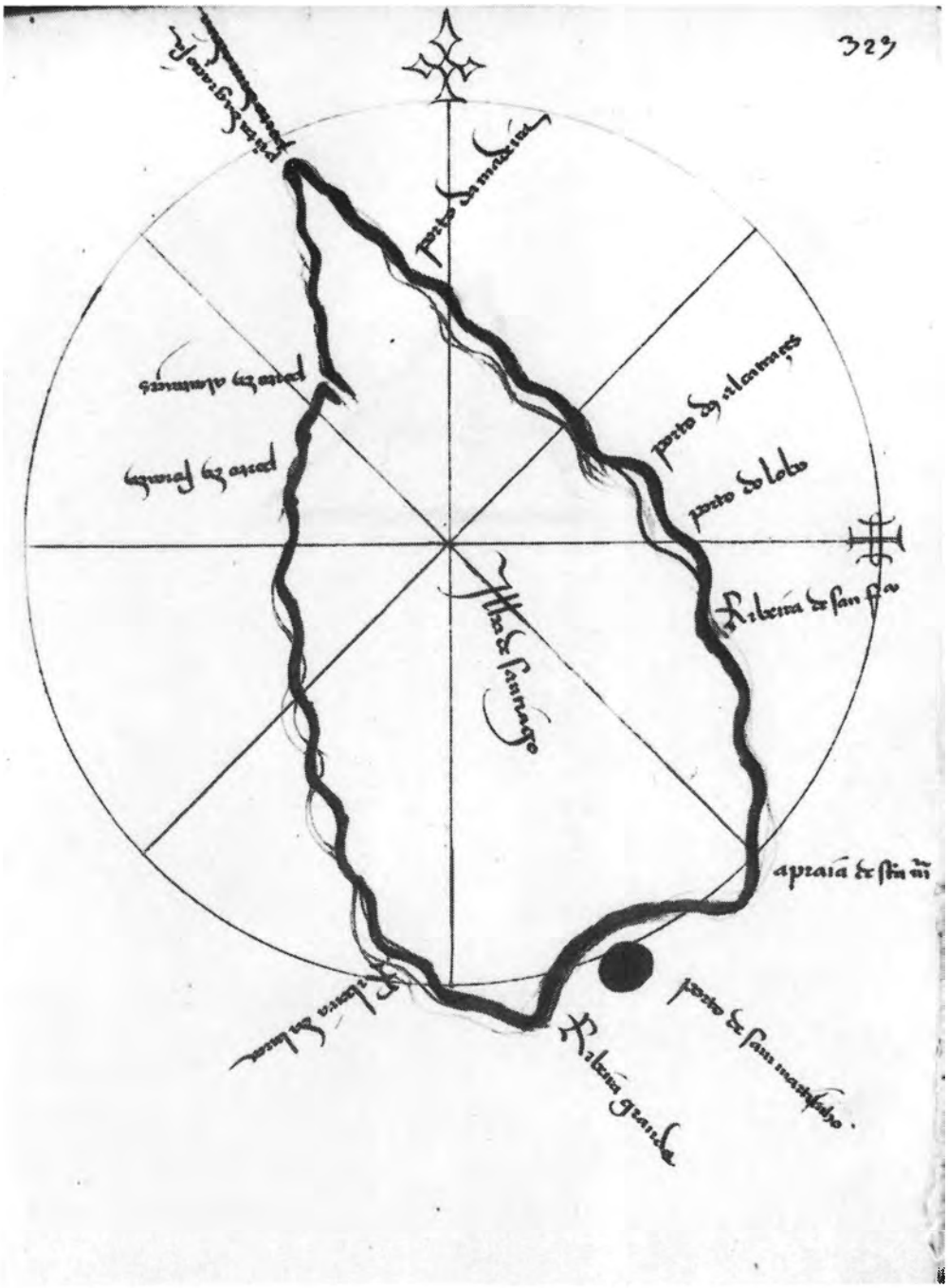
Ilha do Sal



Ilha de Boavista

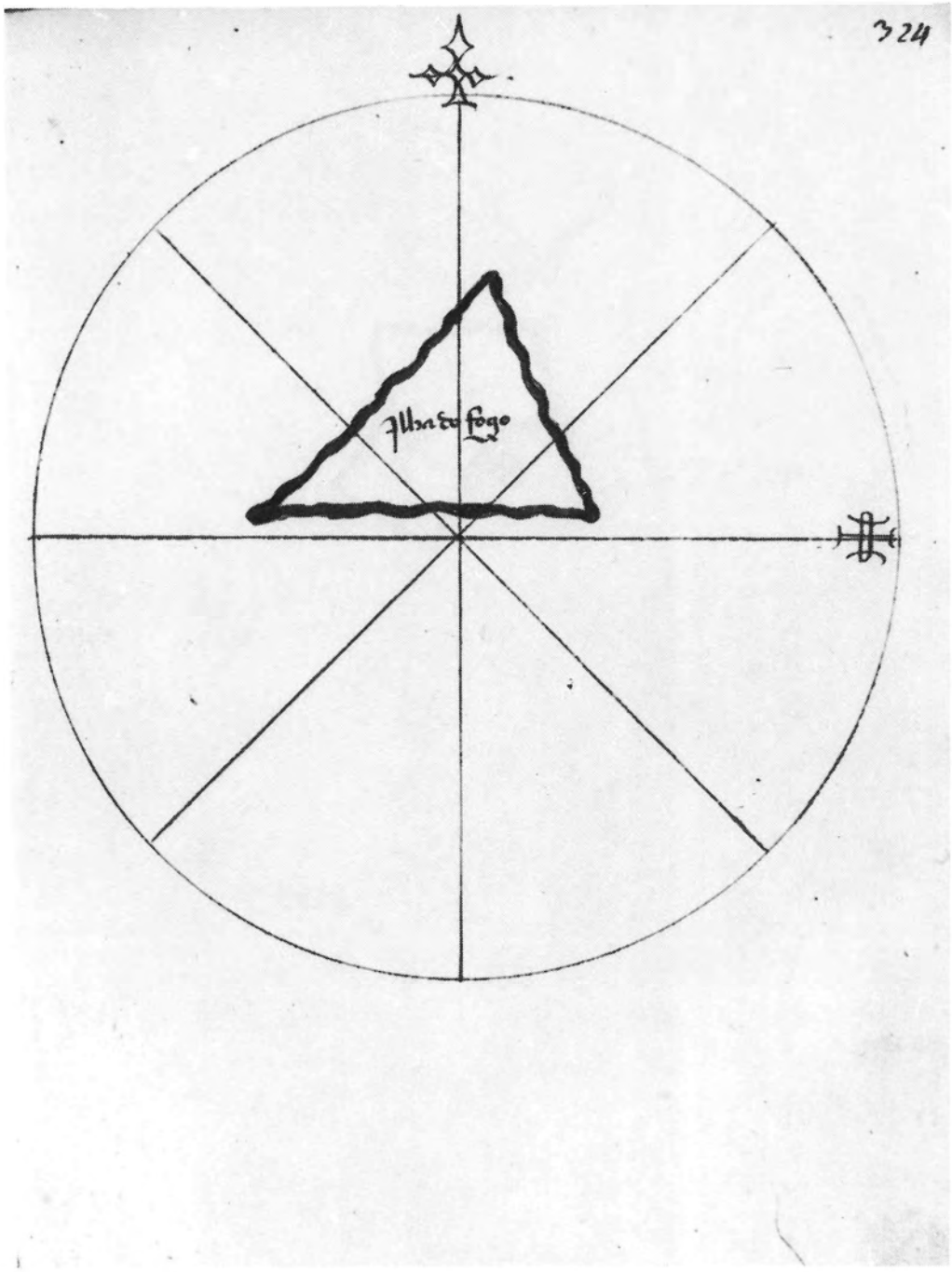


Ilha de Maio (?)

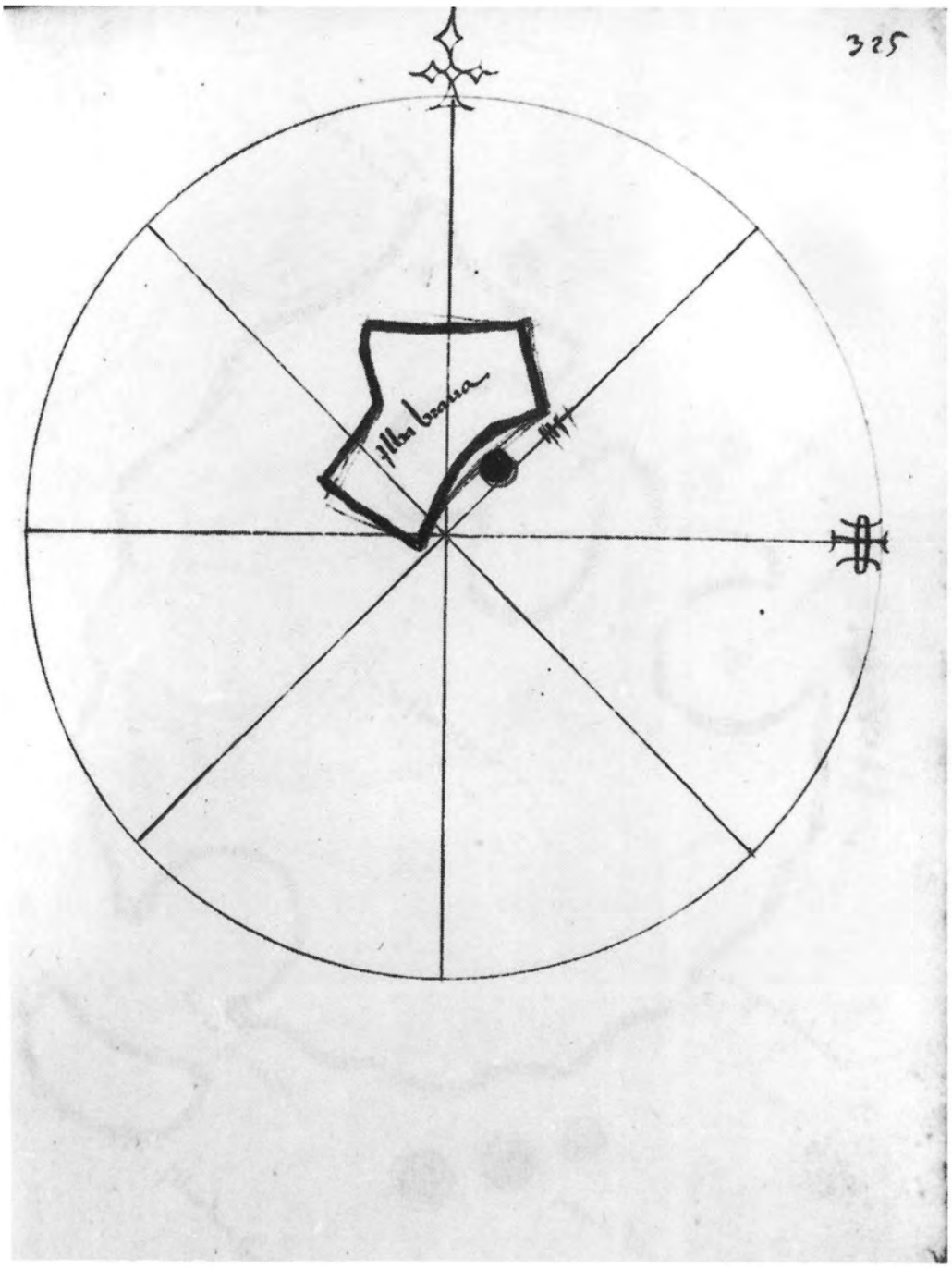


ILHA DE SANTIAGO

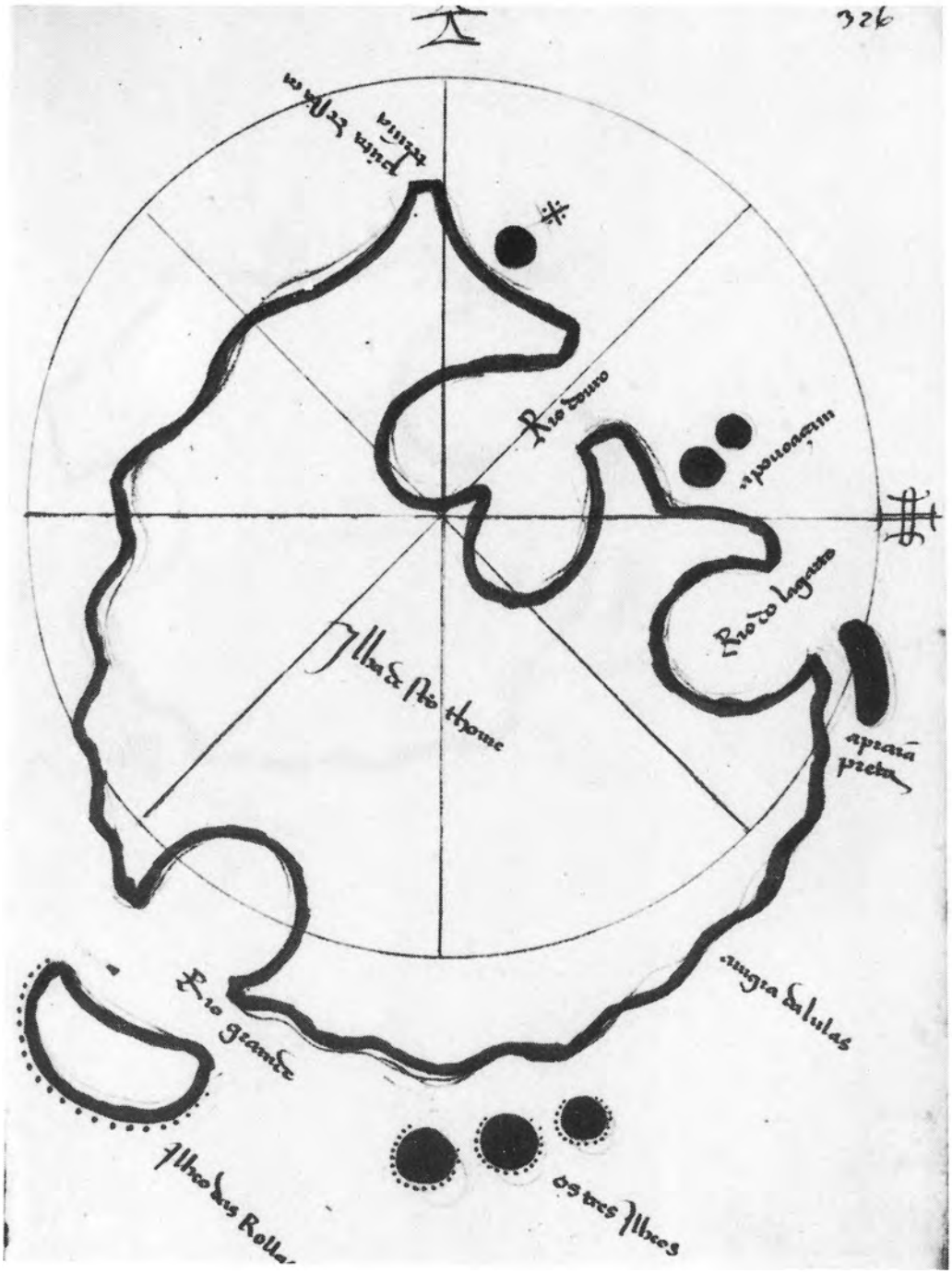
Porto de S. Martinho
a Praia de Santa Maria
Ribeira de Sam Francisco
Porto do Lobo
Porto dos Alcatraçes
Porto da Madeira
Ponta da Graciosa
Porto dos Alcatraçes (*sic*)
Porto dos Forcados
Ribeira da Barca
Ribeira Grande



Ilha do Fogo



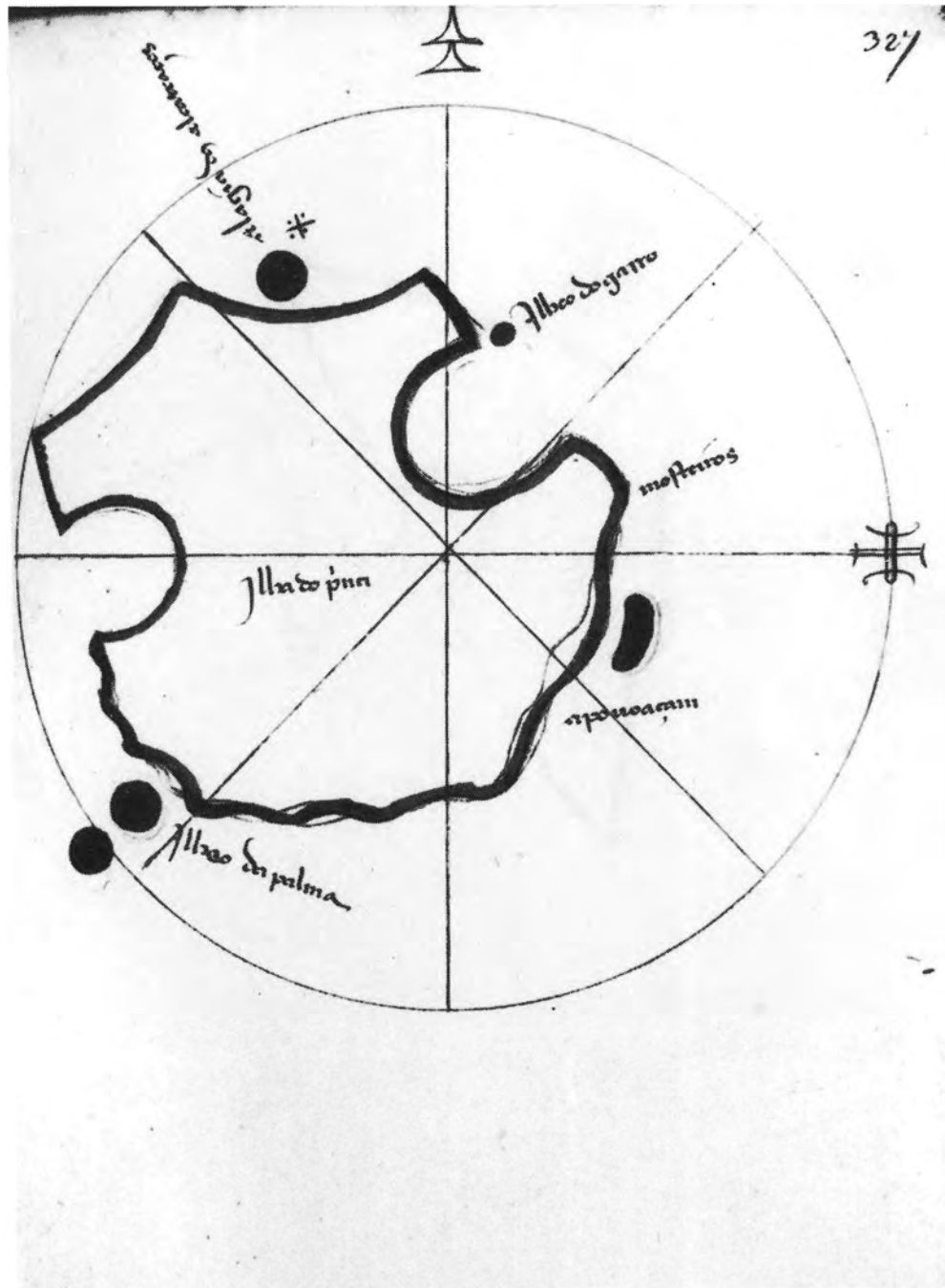
Ilha Brava



Ilha de S. Tomé

Rio do Lagarto
a Pouoaçam
Rio do Ouro
Punta de Sancta Caterina
Rio Gramde

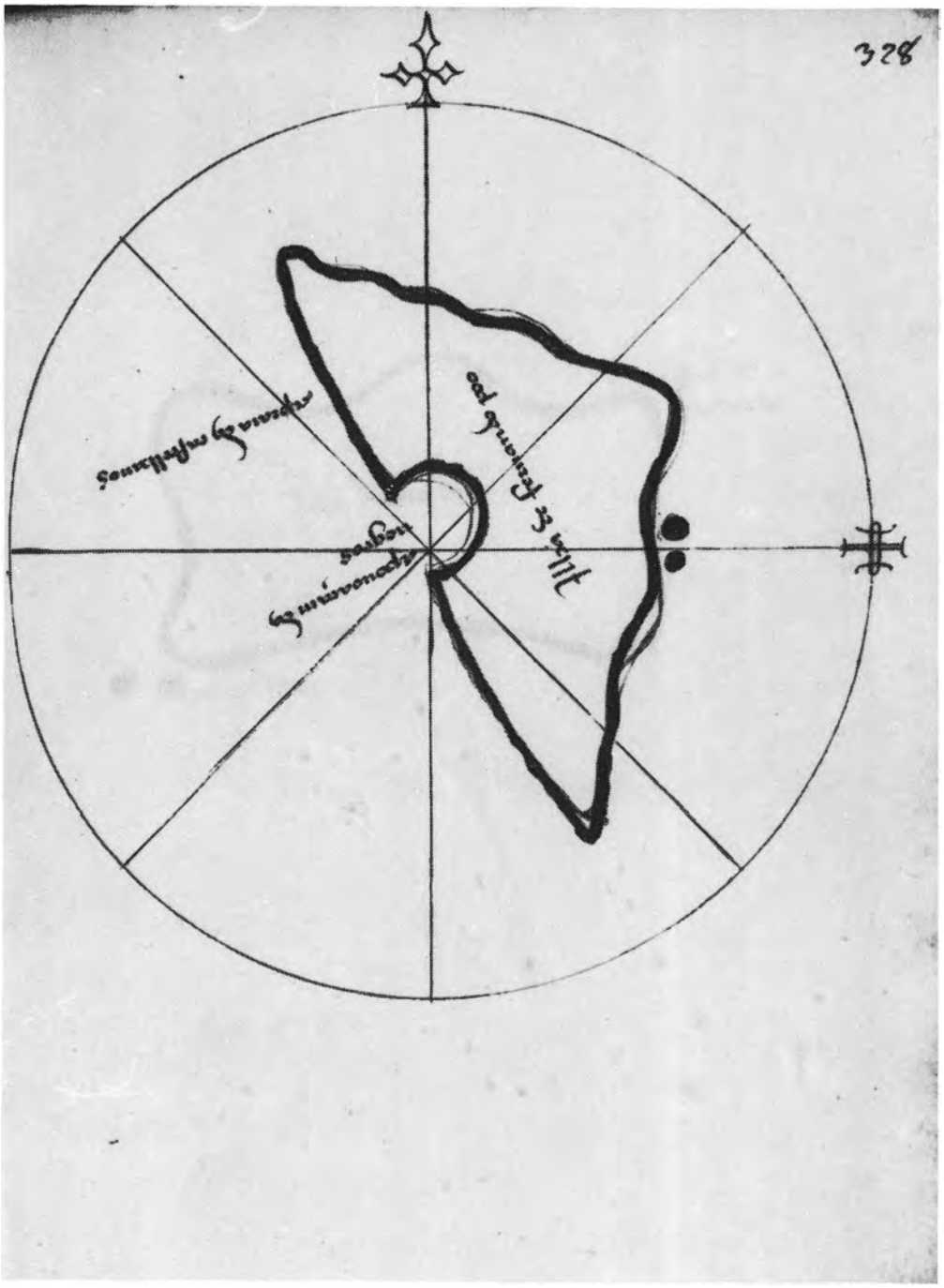
Ilheo das Rollas
os Tres Ilheos
Angra da[s] Lulas
a Praia Preta



ILHA DO PRÍNCIPE

a Pouoaçam
Mosteiros
Ilheo do Garro

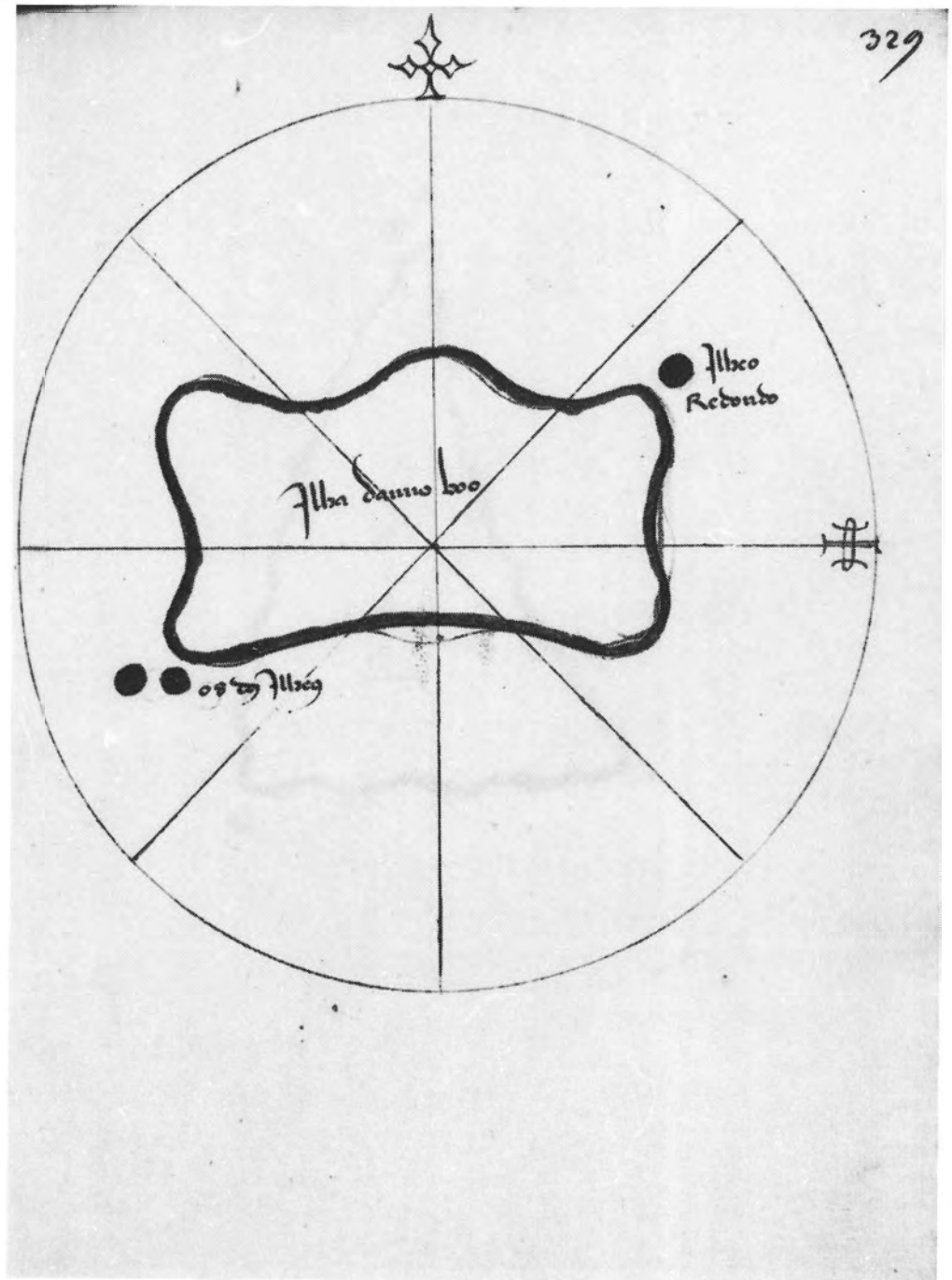
a Lagia dos Alcatrazes
Ilheo da Palma



Ilha de Fernando Pó

a Pouoaçam dos Negros

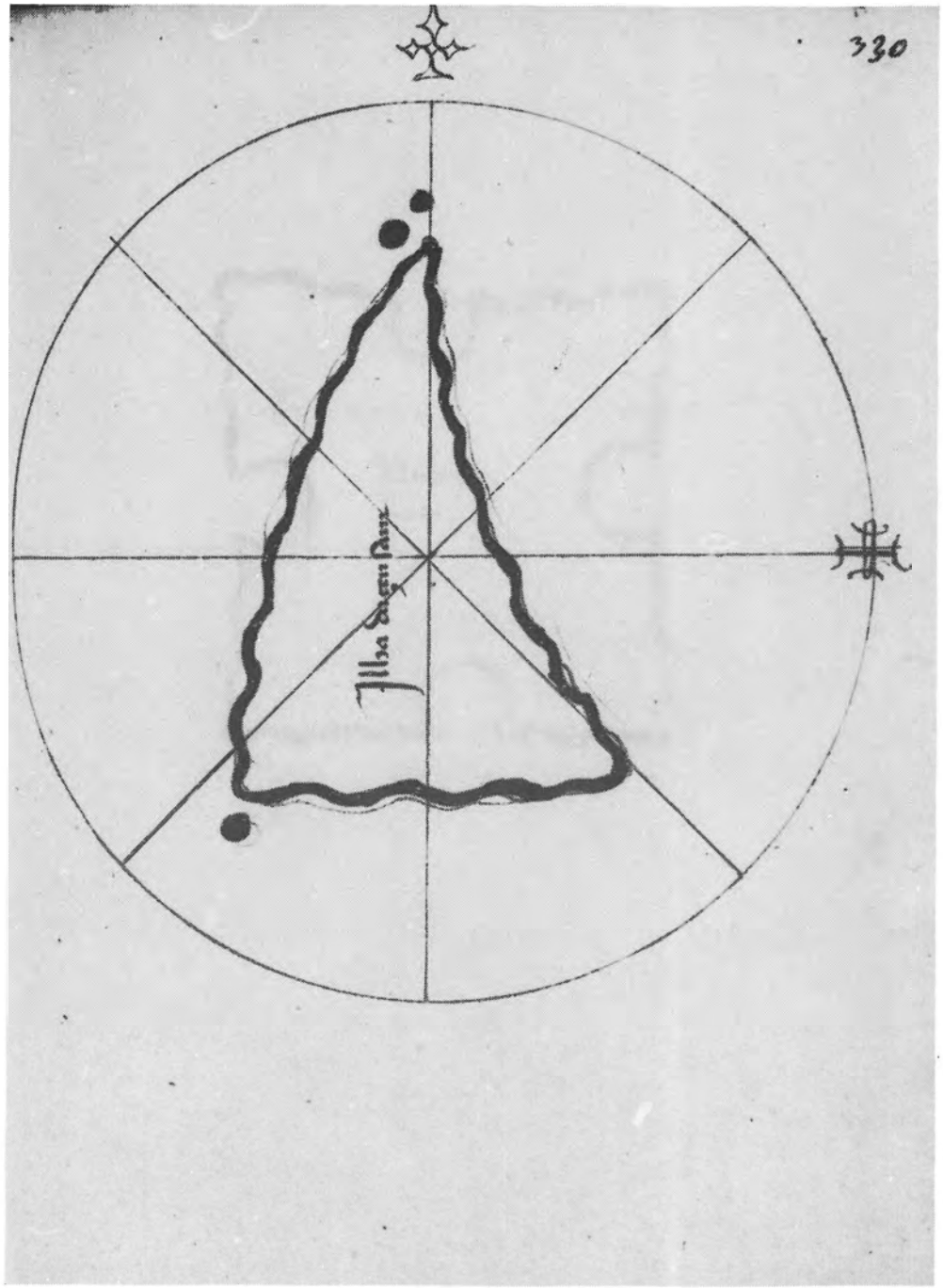
a Praia dos Castelhanos



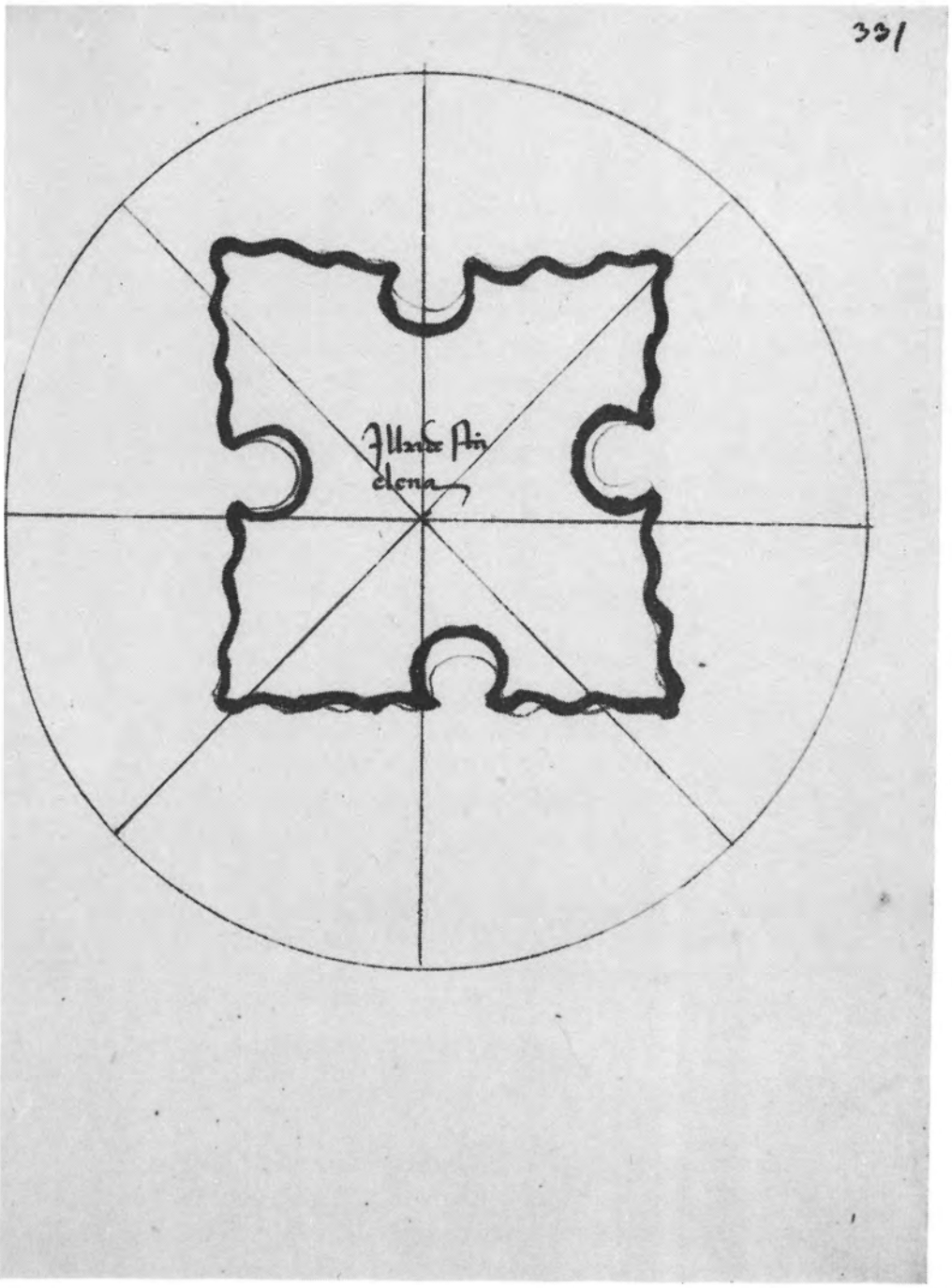
Ilha de Ano Bom

os do[u]s Ilheos

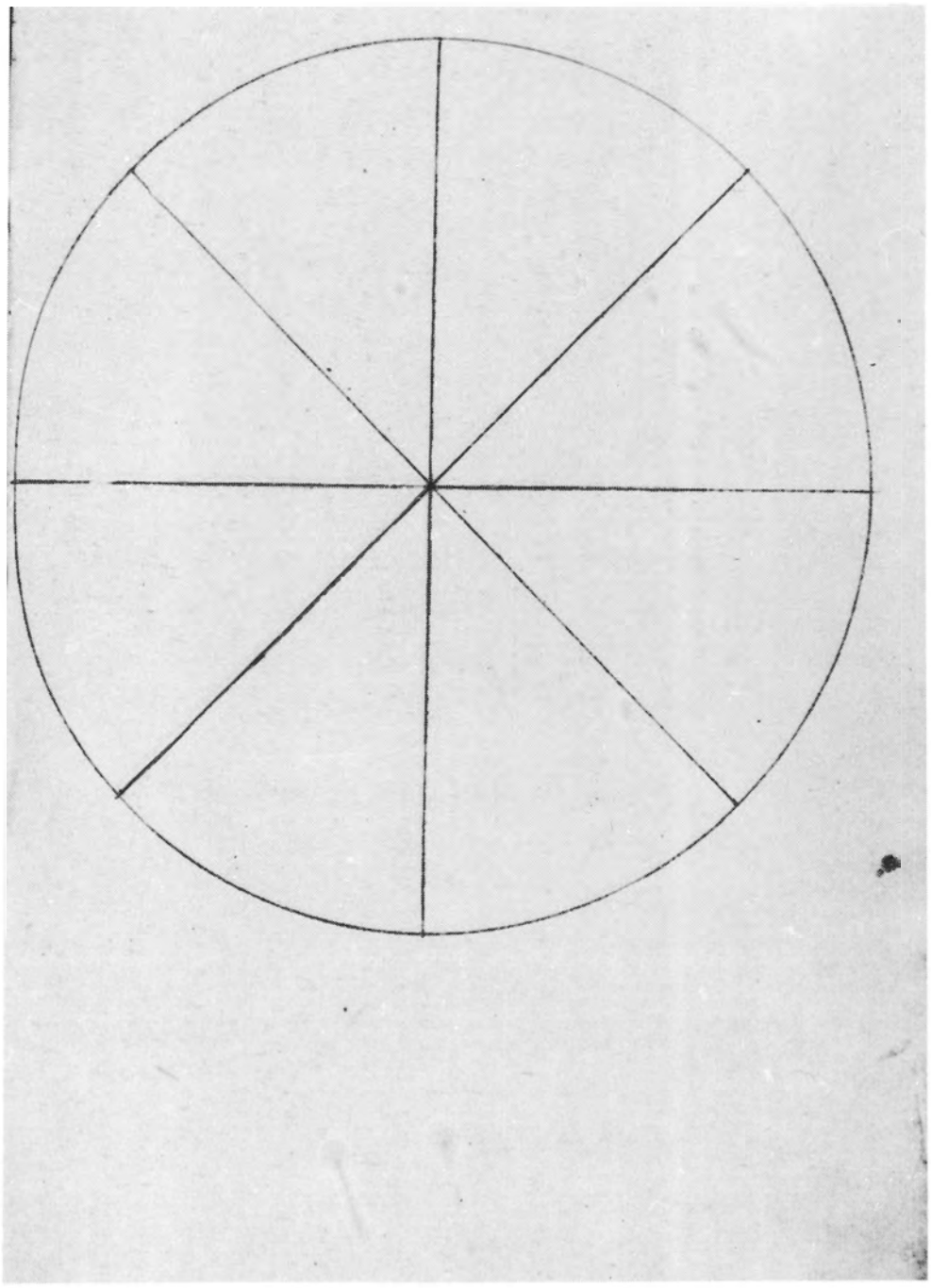
Ilheo Redondo



Ilha da Ascensão



Ilha de Santa Helena



(Seguem-se cinco Fols. como este)

oulha e nom leixa de fala[r] a outros / Emfim o senhor lhe da esquiua reposta com duas palauras E assi mostra sua continencia do seu estado que se Deus esteuesse em terra nom lhe poderia ser feyto mor reuerencia nem honrra E esto fazem que o seu pouoo aja medo delles porque por pequena cousa que seja lhes manda prender as molheres e filhos e os manda vender /

Estando hũu dia Budomel em a mesquita com seus clerigos azenegues / estando hy hũu christão que via tudo como faziam perguntou que lhe pareçia Responde que a ffe de christãos era a verdadeyra e a outra falsa Respondeo que nossa ffe nom podia ser se nom bõa porque Deus nos tinha dado muytas riquezas e boom engenho / porem sua ley tambem era bõa / e que entendia que melhor se poderiam saluar elles que nos / porque Deus era justo senhor E que a nos neste mundo tinha dado tantos beens e cousas diuersas e a elles quasi nada a comparaçam de nos outros e por ysso tinhamos o parayso a ca neste mundo e elles o terriam a la

Seu viuer he como delrey de Çanaga dando lhe de comer suas molheres / Comem em terra sobre hũa pele de vaca bestialmente / os grandes com seus clerigos / os outros de x ou xij juntos de hũa gamella e comem muytas vezes no dia //

Fol. 347([112]) Çanaga

Em toda Ethiopia nom nace trigo nem ceuada nem centeo nem vinho de vuas

Tem milho de diuersas maneyras

Feyzões grandes como auelãas a ca em baynhas pintadas

Fauas grandes vermelhas muyto largas e nom grossas e fauas brancas e fremosas /

([112]) Fol. com 20 cms. × 14,5 cms., como o 348.

Semeam em julho e colhem em setembro entam choue e semeam e em tres meses fazem sua ceyfa /

E nom trabalham mais se nom quanto lhes abasta pera seu comer scassamente / nem fazem pera vender / de tristeza

Elles teem paas agudas e chamtam na em terra e lança na por dyante que he contrayro dos nossos / e semeam logo

Tem vinho de palmas que chamam mjnhol E tem muytas aruores destas

oleo amarello sobre roxo de palma

aruores muyto grandes e differenciadas das nossas

cobras de agoa e da terra e hũas som peçonhentas e outras nom / e dellas tam gordas como cabra / E formigas brancas fazem casas a estas cobras carretando terra que parecem fornos e staram as vezes juntas 150 casas de cobras que pareçe aldea

Os negros som grandes encantadores e especialmente de cobras Estando hũu christão em casa de Bisboror jrmão de Budumel hũa legoa da casa delrey a mea noyte se leuantou porque ouuirom grande souio derrador da casa / e se assentou em hũu camelo com os seus e foy e encantou as cobras pera lhe nom comerem o gado / e assi se forom /

E fazia hũu cerco e com a azagaya no qual cerco com seu encantamento fez vĩjr muytos bichos e biboras e cobras e tomou as mais peçonhentas e as machucaua nas mãos e as outras soltou / e com aquelle sange mesturaua hũa semente e fazem hũa massa e vntam suas azagayas e armas / assy que homem ferido com tal arma em quarto de hora morre sem remedio //

Fol. 347 v.º (113) Çanaga Gyloffas

As molheres desta terra som muy prazenteyras cantam e baylam alegremente / e especialmente as moças / E nom baylam se nom de noyte com a lua / ho seu baylar he differente do nosso /

Chuchauam o fauo de mel e lançauam a cera a longe / e lhes fizerom tyrar a cera e coser e fazer candeas do que se muyto marauilhauam

Seu tanjer he de atabaque / ou de hũas tauoas com cordas a maneyra de auiollas //

Fol. 348 Cabo de Sagres em Guynee AA

He cheo de aruoredos verdes /

Todos estes negros adoram ydolos e statuas de pao feytas em forma de homens / E lhes lançam de comer e beber diante dos pees delles /

Estes tem synal de ferro quente no rosto e outro synal nom tem / E andam nuus saluo que trazem bragas de panno tessido de folhas de palma delgadas com que cubrem sua vergonha
Nom tem armas de ferro /
Comem arroz fabas feixões e outros legumes e mel / tem carne de vacas e cabras mas pouca

Deste cabo ao mar estam dous ylheos cheos de aruoredos / despouorados legoas $1\frac{1}{2}$ de hũa a outra Neste ryo tem almadias de 30 e 40 homens que remam

(113) *No pé do Fol.*: carimbo oval: «Bibliotheca Regia Monacensis».
(114) *No pé do Fol.*: carimbo oval: «Bibliotheca Regia Monacensis».

Nesta terra trazem homens e molheres as orelhas furadadas em que trazem anes de ouro / E delles nos narizes / E algũas molheres dos senhores outro tanto nos beiços do cono / que podem tirar e meter //

Fl. 348 v.º Ryo de Sam Vicente tem a boca de 10 legoas

Ryo Verde tem a boca ajnda mais larga

Cabo Ledo / aqui se começa hũa montanha acerca de 2 legoas alta e chea de fremosos aruoredos
Esta montanha he Serra Lyoa [*em branco*] ao mar 3 ylhas chamadas Saluagens /

Ryo Roxo que tem o fundo vermelho e as vezes o mar com tormenta
Cabo Roxo pella mesma terra e ryo ao mar delle 2 legoas ylheo Roxo
Alem do Cabo Roxo faz se como golffo e alem delle esta o ryo de Sancta Maria achado dia de Sancta Maria das Neues /
Doutra banda do ryo esta hũa ponta em fronte da qual esta hũu ylheo chamado ylheo dos Bancos neste golffo ha muytas baixas / e grandes correntes e grandes marees
Cabo de Sancta Anna / achado no seu dia / toda esta costa he praya e de pouco fundo
Ryo das Palmas por auerem hy muytas palmeyras a boca deste ryo he cheo de baixos de area e a entrada he perijgosa
do cabo de Sancta Anna ate aqui todo he praya

Ryo dos Ryos E esto quando o virom nom virom al em aquella costa se nom ryos que vinha da terra fir[me]

Fol. 349 AA

C[abo] do Monte //

Cabo do Monte tem hũu monte sobre ho cabo e por ysso he chamado assi /

Cabo Cortes cabo pequeno e nom alto e tambem se mostra nelle hũu monte / a primeyra noyte quando chegarom hy virom muytos fogos por causa dos nauios christãos que jamais auiam vistos /

Quatro legoas alem esta hũa mata de grandes aruores e muytas que cheguam ate o mar / os que o descubrirom ancorarom / e lhes vierom 3 almadias pera as carauellas cada hũa com 3 homens nuus delles traziam paos agudos como azagayas e delles agomias curtas / e arcos com frechas eruadas com duas adargas redondas / E traziam as orelhas furadadas (*sic*) e delles os narizes / e nom os entenderom as linguas /
E entrarom 3 em hũa carauella / e os portugueses prenderom hũu delles / E esto lhes foy mandado delrey de Portugal que da vltima terra que descubrissem que os nom podessem entender que per força ou grado trouuessem algũu delles pera Portugal pera aprender a lingoa

Esto foy anno de Christo 1463 //

Fol. 350 [*É o mapa de S. Tomé que tem anotado: «Esta figura abaixo pintada tyrey da carta de marear com seus ylheos». Papel de forma irregular do lado esquerdo, 13 cm × 15,3 cm; marca de água: licórnio*].

(Fim da miscelânea)

Fol. 216/1 ([115]) Elrey dom Affonso mandou colleger esta coronica de seu tyo —a saber— que elle ordenou no descubrimento de Guynee

Ho Jffante dom Anrrique duque de Viseu e senhor de Couilhãa E amnistrador perpetuo no spiritual e temporal da caualleria da Ordem de Christo /

coronista

Ho cronista foy Gomez e Anes de Zurara professo caualleyro e comendador na Ordem de Christo

beneficios de Deus açerca deste descobrimento

Benefficios de Deus em tres maneyras deste descobrimento / A primeyra por muytas almas que se saluarom e ajnda saluaram / A segunda que geeralmente delles recebemos em nossa seruintia / a 3.ª pella honrra do regno que desto recebe em muytas partes do mundo sojugando tammanho poder de emmjgos tam longe da nossa terra //

Fol. 216/1 v.º

Prologo

Emvocaçam do autor

[O]([116]) tu principe pouco menos que diuinal eu rogo aas tuas sagradas virtudes que ellas soportem com toda paciencia ho falecimento de mjnha ousada penna querendo tentar hũa tam alta materia como he a decraraçam de tuas virtuosas obras dignas de tanta gloria Cuja eternal duração sob proueitosa fim aleuantara a tua fama com grande honrra da tua memoria / Nom sem proueytoso insyno de todollos principes que seguirem o teu exempro / Ca por certo nom sem causa eu demando perdam aas tuas virtudes conheçendo mjnha pouca sofficiencia pera abraçar tammanha soma Quando com mais justa razam espero ser reprendido por mjngoa do que deuo que prasmado

([115]) No ângulo inferior direito, assinatura: «a».

([116]) No começo dos 62 capítulos da Crónica de Zurara aqui transcritos, ficou em branco o espaço para a letra capitular.

barbaros

por o falar sobejo tua gloria teus louuores tua fama enche assy as mjnhas orelhas e ocupam mjnha vista que nom sey a qual parte acuda primeyro / Ouço as prezes das almas innocentes daquellas barbaras nações em numero quasi enfijndo cuja antjga geeraçam des do começo do mundo nunca vio luz deujnal E pello teu engenho pelas tuas despesas enfijmdas pellos teus grandes trabalhos sam trazidas ao verdadeyro camjnho da saluaçam as quaes lauadas na agoa do baptismo e vngidas com o sancto olio soltas desta miserauel casa / conheçem quantas treuas jazem sob a semelhança da claridade dos dias de seus antecessores / Mas nom direi com qual piedade contemprando na diuina potencia continuadamente //

almas dos barbaros

Fol. 217/2

requerem ho galardam de teus grandes merecimentos a qual cousa se nom pode bem reprouar per aquelle que bem escoldrinha as sentenças de Sam Thomas e de Sam Gregorio sobre o conheçimento que ham as almas daquelles que lhe neste mundo aproueitarom ou aproueitaram / Vejo aquelles garamantes E aquelles ethiopios que viuem sob a sombra do monte Caucaso negros em color / porque jazem de sob o opposito do auge do sol ho qual seendo na cabeça de Capricornio he a elles em estranha queentura segundo se mostra pello mouimento do centro do seu ecentrico ou per outra maneyra porque vezinham com a zona açima queymada E os judeus maiores e menores todos yguaes em color que me requerem que escreua tantas dadiuas de dinheyros e de roupas passageens de naujos gasalhado da pessoa quanto de ty reçeberom aquelles que per visitaçam do apostolo ou cobyçosos de ver a fremosura do mundo chegarom aas fijns da nossa Espanha / Espantam me aquelles vezinhos do Nylo cuja grande multidam tem ocupados os termos daquella velha e antijgua çidade de Thebas / porque os vejo vestidos de tua deuisa / e as suas carnes que nunca conheçerom vestidura trazem agora roupas de desuay-

Prologo

auge solis
No. Jo. o sol na cabeça

Garamantes ethiopes populli caucasius mons

zona queymada

Jndios majores e menores yguaes em color

Apollo (*sic*)

Nylo fl'

Thebas ci[dade]

radas coores / E as garamantas das suas molheres guarnjdas com joyas de ricos lauores de ouro e de prata E quem fez esto se nom a largueza de tuas despesas / e o trabalho // de teus seruidores moujdos per teu virtuoso engenho pello qual tresmudaste nas fijns de oriente as cousas criadas e feitas no occidente / Nom forom os requerimentos e vozes daquestes de tanta eficacia per muytos que fossem / quanto forom os cramores da grandeza dos alemães e da gentileza de França e da fortaleza de Jngraterra e da sabedoria de Jtalia acompanhados doutras diuersas nações e lingoagens toda a gente estremada em lingoagem e virtude / Oo tu dizem estes que te metes no laberinto de tanta gloria porque te estas ocupando com as nações orientaes fala connosco que corremos as terras e çercamos a redondeza do mundo experimenta nos as cortes dos principes e casas dos grandes senhores sabe que nom acharas hy outro que possas ygolar aa excellencia da fama daqueste se tu julgas per direito peso todo o que pertence a grande principe em tanto que com razam lhes podes chamar templo de todallas virtudes / Oo como acho queixosos os do nosso regno per o que anteponho a elles outra nenhũa geeraçam Aqui acho grandes senhores / aqui prelados / aqui fidalgos aqui donas veuuas / caualleyros / religiosos mestres de sancta ffe com muytos graduados em todallas sciencias / nouos escolares grandes aazes de escudeyros e de omens de nobre criaçam officiaes mechanicos com outra jnfijnda multidam de pouoo / hũus me mostrauam villas e castellos / e outros lugares e terras chãos // outros comendas de grossas rendas / outros grandes e abastados reguengos / outros quintãaes e herdades e foros / outros cartas de teenças de casamentos / outros ouro e prata e dinheyros e pannos / e outros saude nos corpos e escapamento de perijgos que pello teu aazo cobrarom outros seruos e seruas jnfijndas / Outros me contauam de moesteyros e ygrejas que repayraste e fizeste de nouo com grandes e ricos

Garamantes

Fol. 217/2 v.º Prologo

clamores dos alemães gentileza de França fortaleza de Ingraterra sabedoria de Jtalia

do creçer das rendas e esmollas

Fol. 218/3 Prologo

comendas

cartas de tenças

seruos e seruas

moesteyros ygrejas

das outros comendas de grossas rendas / outros gra
des e abastados regueengos / outros quintaães
s de e herdades e foros / outros cartas de teenças
as de casamentos / outros ouro e prata e dinheiros
e panos / e outros saude nos corpos e esta
parecendo de perigos que pello teu ajuo cobraro
s seus outros seus e seruas jnfyndas / outros me
steyros totavam de moesteyros e jgrejas que repayraste
çãs e fezeste de nouo co grandes e ricos orna
mentos que offereceras em muytos lugares pera
inos dosso / outros me mostrauam os syrvaes dos
ferros que trazia no catiueyro de que os tiraste
zes Aqui fazey a pobres mendigos que vejo ante
my carregados de esmollas / e a grande
des moltidom de frades de todallas ordees que
me mostrauam as roupas com que cobriste
as suas carnes e a abastança dos manti
mentos com que reparaste suas necessidades /
Ja queria fazer fim deste capitolo no vij
ingos das ra a multidoo dos rayos que vinham com as
bus po velas altas carregadas das ylhas que tu
oradas pouoraste no grande mar oceano / brada
do que os agradasse. ca me queriam mostrar
como me deuiam de ficar fora do registo
daqueste e mostraromme suas grandes auegoa
rias / e os seus valles todos cheos daçucar
de que esparziam muyto pello mundo e traziam
por testimunhos de sua grande abastança
lgarue todollos moradores do regno dalgarue e
genta / disserom elles quando souberom esta
gentes que cousa era abastança de pam se

ornamentos que offereceras em muytos lugares piadosos / outros me mostrauam os sinaes dos ferros
catiuos que traziam no catiueyro de que os tiraste Que
pobres farei a pobres mendigos que vejo amte mym carre-
frades gados de esmollas / e a gramde moltidam de frades de todallas ordeens que me mostrauam as roupas com que cobriste as suas carnes / e a avondança dos mantijmentos com que reparaste suas necessidades / Ja quisera fazer fim deste capitolo se nom vijra a
naujos das ilhas pouoradas a multidom dos naujos que vinham com as velas altas carregadas das ylhas que tu pouoraste no grande mar oçeano / bradando que os aguardasse / ca me queriam mostrar como nom deuiam de ficar fora do registo daqueste / e mostrarom me suas grandes auegoarias / e os seus valles todos cheos de açucar de que espargiam muyto pello mundo E traziam por testimunhos de sua grande abastança todollos moradores do regno
Algarue do Algarue / pregunta / disserom elles quando souberom estas gentes que cousa era avondança de pam se //
Fol. 218/3 v.º nom despois que a nosso principe pou[o]ou as ylhas
ylhas de animalias desertas em que nom auia outra pouoraçam se nom animalias monteses E mostrarom me as grandes silhas
colmeas das colmeas cheas de enxames de que trazem grandes
mell e cera carregas de mel e de cera pera o nosso regno E as grandes alturas das casas que se vãao ao çeo que se fizerom e fazem com a madeyra daquellas partes Pera que direy tantas cousas quantas me forom offereçidas em teu louuor as quaes sem prejuizo da verdade podia escreuer / Outras vozes muyto contrairas daquestas que atee qui rezoey soarom nas mjnhas orelhas das quaes eu ouuera grande piedade se as nom achara fora de nossa ley / ca me fallarom enfijndas almas de mouros daquem e daalem muytos que forom mortos per tua lança pella guerra muy cruel que lhe sempre fizeste Outros se me offereçerom carregados de ferros com piadosa continença que forom catjuos per teus nauios com grande força dos corpos de teus vasallos / mas tanto notey eu daquestes que se nom queixauam tanto de sua derradeyra

fortuna como da primeyra E esto he daquelle enganoso erro em que os leixou aquelle falso cismatico Maffomede E assy concludo meu começo que se as tuas grandes virtudes com excellencia de teus nobres e grandes feitos soportarem algũa mjngoa pella ignorancia e rudeza de meu engenho que eu peço aa tua magnanjma grandeza que com cara piadosa passes per mjnha culpa //

Maffoma

Fol. 219/4

A geraçam deste Jffante

[E]lrey dom Joham no nome o primeyro que foy ho decimo rey de Portugal aquelle que vençeo a grande batalha da Aljubarrota E filhou a muy nobre cidade de Cepta em terra de Affrica / foy casado com dona Felipa filha do duque de Alem Castro e jrmãa delrey dom Anrrique de Jngraterra da qual ouue seys filhos lidemos —a saber— çinco Jffantes e hũa Jffante que depois foy duquesa de Bergonha / leixo algũus que em sua noua ydade fizerom sua fim dos quaes filhos este Jffante dom Anrrique foy o terceyro E assy que amtre as avoengas do padre e da madre a geeraçam daqueste çinge e abraça o mais nobre e mais alto sangue da christandade E foy ysso mesmo jrmão delrey dom Eduarte e tyo delrey dom Affonso rey que despois delrey dom Joham regnarom em Portugal / E esto que disse toco sub breujdade porque se o mais largo declarar quisesse abalaria tantas materias que por qualquer dellas que quisesse seguir o necessario faria tammanha detença que tarde tornaria ao primeyro começo /

foy dom Joham o primeyro x([117]) rey vençeo a batalha tomou a Çepta foy casado

ouue 6 filhos

Jffante dom Anrrique

Louuores do Jffante

Fol. 219/4 v.º ho Jffante morreo virgem

Neste glorioso Jffante luxuria nem auareza nunca em seu peito ouuerom repouso // porque assy foy temperado no primeiro auto que toda sua vida passou em limpa castidade e assy que virgem e recebeo a terra /

([117]) décimo.

fortalleza de coraçam e agudeza do engenho forom em elle em muy excellente graao / Sem comparaçam foy cobijçoso de acabar grandes e altos feytos / Sua casa foy hũu geeral acolhimento de todollos boons do regno e muyto mais dos estrangeyros cuja grande fama fazia acreçentar em suas despesas / ca comunalmente se achauam em sua presença desuairadas nações de gentes tam afastadas do nosso vso que quasi todos ho auiam por marauilha / dante o qual nunca se ouue partir algũu sem proueytosa benfeytoria / Todos seus dias passou em grandissimo trabalho / ca duujdoso sera de contar quantos pares de noytes seus olhos nom conhecerom sono e o corpo assy abstinado que quasi pareçia que reformaua outra natureza / foy homem de grande conselho e autoridade / auisado e de bõa memoria / Tanta era a sua benignidade que o reprochauam os entendidos que falecia na justiça destributjua / E esto porque algũus seus criados que o leixarom no cerco de Tanger que foy o mais perigoso caso em que amte nem depois esteue / sem algũa puniçam nom tam soomente os reconciliou / mas ajnda lhes fez auantajados acrecentamentos sobre algũus outros que ho bem seruiam / os quaes quanto ao juyzo dos homens eram longe de seu mereçimento / E porque das virtuosas obras e honestos custumes nacem os grandes e altos feitos / Em estes seguintes titulos contarey hũa parte de seus feitos //

elle honrraua muyto os estrangeyros

foy homem de grande conselho

esteue no çerco de Tanger

Fol. 220/5

¶ porque razam nom ousauam os naujos passar aalem do Cabo Bojador

Capitulo primeyro

[P]osto assy o jffante em aqueste mouimento / começou de aujar seus naujos e gentes quaes a necessidade do caso requeria / mas tanto podes aprender que pera la enuiasse muytas vezes e ajnda homens que per esperiencia de grandes fectos amtre os outros auiam no officio das armas auantajado nome / Nunca foy

algũu que ousasse de passar aquele cabo do Bojador pera saber a terra daalem segundo o Jffante desejaua E esto por dizer a verdade nom era com mjngoa de fortaleza nem de boa vontade / mas por a nouidade do caso mesturado com geeral e antijga fama / a qual ficaua ja amtre os mareantes de Espanha quasi per socessam de generações E ja seja que fosse enganosa porque a experiencia dello ameaçaua com o postumeiro dano / Era grande duujda / qual sera o primeiro que qujsesse poer sua vida em semelhante ventura / como passarmos deziam elles os termos que poserom nossos padres / auou que proueito pode trazer ao Jffante a perdiçam de nossas almas juntamente com os corpos / que conhecidamente seremos homeçidas de nos mesmos / Per ventura nom forom em Espanha outros principes nem senhores tam cobijçosos desta sabedoria // como o Jffante nosso senhor por certo nom he de presumir que amtre tamtos e tam nobres e que tam grandes e tam altos feitos fizerom por honrra de sua memoria nom fora algũu que se dello nom atremetera / mas seendo manifestos do perijgo e fora da esperança da honrra nem proueito cessarom de ho fazer esto he craro / diziam os mareantes que despois deste cabo nom ha hy gente nem pouoraçam algũa nem aruore nem herua verde E o mais he tam baixo que a hũa legoa de terra nom ha de fundo mais que hũa braça / as correntes som tammanhas que naujo que la passe jamais nom podera tornar / E por tanto os nossos antecessores nunca se amtremeterom de o passar E por certo nom foy a elles o seu conhecimento de pequeno escuridam quando ho nom souberom assentar nas cartas per que se regem todollos mares per onde gentes podem nauegar / Ora qual pensaes que auia de ser o capitam do naujo a que posessem semelhantes duujdas diante E mais per homens a quem era de dar razam ffe e autoridade em taes lugares que ousasse de tomar tal atreuimento sob tam certa esperança de morte como lhe

nenhũu ousaua passar o cabo de Bojador

porque cuydarom de nunca tornar

porque nom mandarom outros principes passar o cabo

Fol. 220/5 v.º

razam porque nom ousarom passar o cabo do Bojador

cuydarom que alem do cabo nom auja gente

acha se agora a melhor verdade que o mar he ahy tam apraçelado que a 4 e 5 legoas de terra estam em 10 e 12 braças e por a terra ser muyto baixa se nom vee

12 annos poserom os capitães do Jffante em passar o cabo Bojador //

Fol. 221/6

amte os olhos apresentauam E nom soomente do medo daquestes ameaçados mas de sua sombra / cujo grande engano foy causa de muy grandes despesas / que doze annos continuadas durou // ho Jffante em aqueste trabalho mandando em cada hũu anno aaquella parte seus naujos com grande gasto de suas rendas nas quaes nunca foy algũu que se atreuesse de fazer aquella passagem / Bem he que elles se nom tornauam sem honrra / que por emmendar o que faleciam em nom comprir prestamente o mandado do seu senhor / hũus hiam sobre a costa de Graada / outros corriam per o mar de Leuante ata que filhauam grossas presas dos jnfiees com que se tornauam honrradamente pera o regno /

os capitães quando hiam pera passar o cabo forom sobre a costa dos mouros a filhar presa

¶ Como Gyl e Annes natural de Lagos foy o primeiro que passou o cabo do Bojador / E como la tornou outra vez e com elle Aluaro Gonçaluez Baldaya

Capitulo segundo

[C]om grande paciencia recebia o Jffante sempre aquelles que assy enuiaua por capitães de seus naujos em busca daquella terra / nom lhe mostrando algũu reprendimento de sua mjngoa / antes com grac[i]osa continença ouuja seus aqueçimentos / fazendo lhe aquellas merçees que tinha acustumado de fazer aos que ho bem seruiam / E ou aquelles ou outros algũus especiaes de sua casa fazia logo tornar com seus naujos armados / acreçentando cada vez mais no encarrego com prometimento de maiores galardões se acres-//çentassem algũa cousa na viagem que os primeyros fezerom por que elle podesse cobrar algũu conheçimento daquella duujda E finalmente depois de 12 annos fez o Jffante armar hũa barca da qual deu a capitania a hũ Gyl e Anes seu escudeyro que ao depois fez caualleyro e agasalhou muy bem Ho qual

Fol. 221/6 v.º

despois de 12 annos

segujndo o viagem dos outros tocado daquelle mesmo
chegou ate as Canareas e tornou — temor nom chegou mais que ates (*sic*) as ylhas da Canarea / donde trouxe certos catjuos com que se tornou pera o regno E foy esto no anno de Jehsu Christo de 1433 Mas logo no anno seguinte ho Jffante 1433
fez armar outra vez a dita barcha E chamando a Gyl 1434
e Annes a de parte ho encarregou muyto que toda via se trabalhasse de passar aquelle cabo E que ajnda que por aquella viagem mais nom fizesse / aquello terria por assaz Vos nom podees / disse o Jffante achar tammanho perijgo que a esperança do galardom nom seja muyto maior / E em verdade eu me marauilho que maginaçam foy aquesta que todos filhaes de hũa cousa de tam pequena certidam / que se ajnda estas cousas que dizem teuessem algũa autoridade por pouco que fosse nom vos daria tammanha culpa / mas queres me dizer que por opiniam de quatro mareantes / os quaes como sam tirados da carreyra de Frandes / ou dalgũus outros portos pera que continuadamente
Fol. 222/7 — nauegam nom sabem mais teer // agulha nem carta pera marear / porem vos hy toda via e nom temaes sua opiniam fazendo vossa viagem que com a graça de Deus nom poderes dela trazer se nom honrra e proueito Ho Jffante era homem de grande autoridade pello qual suas amoestações por brandas que fossem eram pera os sesudos de muy grande encarrego / como se mostrou per obra em aqueste que depois destas palauras determinou em sua vontade nom tornar mais amte a presença de seu senhor sem certo recado daquelle porque o enuiaua como de feito
Gyl e Anes dobrou ho cabo do Bojador — fez / que daquella viagem menosprezando todo perijgo
no anno de 1434 — dobrou ho cabo aalem onde achou as cousas muyto pello contrayro do que elle e os outros ata aly presomirom / E ja seja que o feito quanto aa obra fosse pequeno soo pello atreujmento foy contado por grande / que se o primeyro que chegou açerca daquelle cabo fizera outro tanto nom lhe fora tam louuado nem agradeçido pello qual foy do Jffante bem recebido nom sem proueitoso acreçentamento na honrra e

fazenda / E emtam lhe contou todo caso como passara / dizendo como fizera lançar ho batel fora no qual sayra em terra onde nom achara gente algũa nem synal de pouoraçam / E porque Senhor / disse Gil e Anes me pareçeo que deuja trazer algũu synal de terra / poys que em ella saya apanhey estas // heruas que aqui apresento aa vossa merçee / as quaes nos em este regno chamamos rosas de Sancta Maria E acabado assy o arecontamento de sua viagem fez o Jffante armar hũu barinel no qual mandou a Affonso Gonçaluez Baldaya que era ser coupeyro / e assy Gyl e Anes com sua barcha mandando que tornassem la outra vez como de fecto fizerom e passarom aalem do cabo 50 legoas / onde acharom terra sem casas e rastro de homens e de camelos E ou por lhe ser assy mandado ou por necessidade tornarom com este recado sem fazendo outra cousa que de contar seja /

Fol. 222/7 v.º

trouue consigo rosas de Sancta Maria e outra cousa nom nem achou rasto de homens

forom 50 legoas aleem do cabo do Bojador

1435

¶ Como Aluaro[118] Gonçaluez Baldaya chegou ao ryo de Ouro capitulo 3

[P]oys que assy he disse o Jffante contra aquelle Affonso (*sic*) Gonçaluez Baldaya que vos achastes rastro de homens e de camelos / bem pareçe que a pouoraçam nom he daly muy afastada ou per ventura sera gente que atrauessa com suas mercadorias per algũu porto de mar onde ha algũa ancoraçam segura em que os naujos recebem carrega / que pois que a gente he / per muyto bestial que seja / necessario he que se aja de gouernar das cousas do mar e sequer ao menos em pescaria / quanto mais aquelles que viuem no sertãao / Mandou logo aparelhar ho naujo no qual Affonso Galçaluez partio nom sem grande desejo de acabar a voontade do Jffante E naue-//gando

1436

Fol. 223/8

(118) «affonso» foi riscado e por cima «aluaro»; na «Crónica...» Afonso.

per sua viagem passarom 70 legoas aalem donde forom a outra vez que eram 120 do cabo onde acharom hũa foz como se fosse de ryo cabedal em que auia muytas bõoas ancorações cuja entrada era per terra espaço de 8 legoas / onde lançarom suas ancoras E porque amtre as cousas que Affonso Gonçaluez leuaua eram dous cauallos que lhe o Jffante dera per mandar em elles dous moços fez logo poer os cauallos em terra E amte que nenhũa outra pessoa saysse fora mandou aos moços que caualgassem naquelles cauallos e fossem per terra quanto podessem parando mentes por algũa pouoraçam ou gente / os quaes leuarom somente lanças e spadas / os quaes moços nom passauam 17 annos cada hũu / E partirom ambos com grande esforço seguindo aa longa daquelle ryo 7 legoas onde acharom 19 homens todos juntos em magote com azagaias Os quaes se forom a elles / e aquella gente nom conheçida se acolherom a hũus penedos onde pelejarom / ata que foy ferido hũu moço em hũu pee e assy ferirom aos contrayros / E a tarde se tornarom a seu naujo / hũu daquestes moços conheçi ou despois seendo fidalgo nobre asaz valente no officio das armas e chamaua sse Eytor Homem / ho outro cahamarom Diogo Lopez de Almeyda fidalgo e boom homem per sua pessoa Pella manhãa Affonso Fol. 223/8 v.º Gonçalvez fez aparelhar // seu batel no qual se meteo com algũa gente E seguindo aa longa daquelle ryo mandando os moços per terra com os cauallos chegou ao lugar onde os mouros ficarom o outro dia com entençam de pelejar com elles e os nom acharom saluo algũa proue fazenda sua / da qual Affonso Gonçaluez fez carregar seu batel quasi por testimunha de seu trabalho E sentindo que nom aproueitaria seguir mais auante tornou se presa([119]) seu naujo / lobos marinhos E porque vio em hũa coroa que estava na entrada do ryo grande moltidam de lobos marinhos os quaes

forom 120 legoas alem do cabo

Ryo do Ouro

dous moços a cauallo sayrom em terra e pelejarom com 19 homens no ryo do Ouro

Eytor Homem
Diogo Lopes de Almeida

([119]) pressa.

segundo estimaçam dalgũus seriam atee çinco mil /
mais foy 50 legoas — fez matar daqueles que pode e fez carregar seu naujo / E segujo mais auante 50 legoas por ver se poderia fazer presa em algũu homem ou molher ou moço pello qual satisfizesse aa vontade de seu Senhor E assy foy sua viagem ata que chegou a hũa ponta onde estaua
Porto de Galee / Pedra da Galee discoberta per Aluaro([120]) Gonçaluez — hũa pedra que aa de longe pareçia galee / por cuja razam dhy em diante chamarom aquelle porto / o porto de Galee E ally sayrom em terra onde acharom redes que trouxerom ao naujo / Estas redes forom fectas de casco de hũu pao sem outra mestura de linho / do qual fazem redes e outra cordoalha / E daqui se tornou / Affonso (*sic*) Gonçaluez pera Portugal no anno
1436 — de Christo de 1436

¶ das cousas que se fezerom nos annos seguintes Capitulo 4

Fol. 224/9 — [N]os annos seguintes nom achamos cou-//sas notauees que de contar sejam bem he que forom contra aquellas partes dous naujos cada hũu per sua vez / mas hũu se tornou por tempo contrairo / E outro hia soomente ao rio do Ouro por pelles e azeite daquelles lobos marinhos ho qual aujda sua carrega se tornou pera o regno

1437 — ¶ Em este anno passou o nobre Jffante dom Anrrique em Tanger por cuja razam nom enuiou mais — foy a Tanger ho Jffante

1438 — naujos contra aquella terra / E no anno de 1438 se finou ho muy virtuoso elrey dom Eduarte aos 9 dias de setembro em Tomar / por cujo falleçimento se seguiram no regno grandes discordias / aas quaes a presença do Jffante foy tam necessaria que de todallas outras cousas se esqueceo por acorrer e remediar aos perigos e trabalhos em que o regno estaua E esto por — 1438 morreo elrey Duarte

([120]) «affonso» riscado e por cima «aluaro».

quanto elrey dom Affonso seu tyo que esta estoria mandou escreuer ficaua em hidade de 6 annos

1440 No anno de 1440 se armarom duas carauellas pera hirem aaquella terra / mas porque ouuerom aqueçimentos contrayros nom contamos mais de sua viagem / forom a Guynee

¶ de como Antam Gonçaluez trouxe os primeyros catjuos Capitulo 5

1441 [N]o anno de 1441 auendo ja os feitos do regno algũu sosego ajmda que grande nom fosse / fez ho Jffante armar hũu naujo pequeno no qual mandou por capitam hũu Antam Gonçaluez seu guarda roupa

Fol. 224/9 v.º homem asaz // de noua hidade / E nom hia se nom pera carregar o naujo de coraima e azeites daquelles lobos marinhos / Acabado Antam Gonçaluez de carregar seu naujo mandou chamar a Afonso Goterrez hũu outro moço de camara que era com elle e assy os outros de naujo que eram por todos 21 E ouue seu conselho com elles se lhes parecera bem de saltarem em terra pera ver se poderiam filhar algũa presa de catjuos / o que todos ouuerom por bem / E tanto que a noite sobreveyo Antam Gonçaluez apartou 9 que lhe mais autos parecerom e fez com elles sua viagem segundo determinara / seendo afastados do mar hũa legoa acharom hũu camjnho o qual guardarom cuidando que per alli passaria algũu homem ou molher ho que nom foy / E partirom daly seguindo per aquelle sertão por tres legoas onde acharom rastro de homens moços segundo a seu parecer de 40 ata 50 os quaes seguiam ao reues do que os nossos andauam ca estes homens se forom pera onde eles vinham / E porque a calma era grande e nom achauam agoa / ouue Antam Gonçaluez seu conselho com os seus que fizessem volta / do que todos forom contentes / E voltando contra o mar em pouco espaço

Antam Gonçaluez

acharom hũu homem de seu camjnho viram hũu homem nuu que seguja hũu camelo leuando duas azagayas na mão e se

No ryo do Ouro

começou a defender o melhor que pode fazendo sua contenença mais aspera que sua fortaleza requeria / Affonso Goterrez feria de hũu dardo de cuja ferida
Fol. 225/10 o mouro // recebeo temor e lançou suas armas como cousa vencida / ho qual filhado nom sem grande prazer daquelles hindo assy auante virom sobre hũu outeyro a gente de cujo rasto seguiam da soma dos quaes era aquelle que traziam / E porque era ja tarde determinarom de se recolher ao naujo / E hindo assy auiados virom hijr hũua moura negra que era serua daquelles que estauam no outeyro / e filharom na / os mouros estauam pera a defender porem ouuerom por seu conselho de virarem as costas / faço fim a este capitulo leixando repousar aqui a Antam Gonçaluez ata que no seguinte ho facamos honrradamente caualleyro /

¶ Como Nuno Tristam chegou onde era Antam Gonçaluez e como ho fez caualleyro Capitulo 6

[P]orque o philosopho disse que o começo eram as duas partes da cousa grande louuor outorgaremos a este honrrado mançebo por sua obra cometida / que pois foy o primeyro que fez presa em esta conquista / a uantagem merçee sobre todollos outros que ao depois em ella trabalharom / Recebia Antam Gonçaluez sua cauallaria e despois lhe daremos comendas na Ordem de Christus cujo auito([121]) ao deante reçebeo fazem escriuam da puridade deste nobre principe E por memoria de sua honrra aja se por contente ser registado em este volume cujo theor pera todo sempre em quanto amtre os homens durar scriptura sera testimunho de sua bondade //
Fol. 225/10 v.º Nuno Tristam moço da camara do Jffante caualleyro 1442
assaz valente e mançebo e ardido chegou aaquelle

([121]) hábito.

lugar omde era Antam Gonçaluez ho qual trazia hũa
Porto da Galee carauella armada pera passar aalem do porto da Galee o mais longe que podesse e que trabalhasse pera tomar qualquer gente que podesse / grande lediça era amtre elles / criados de hũu senhor / achando se tam alongados de sua terra e sua lingoagem / disse Nuno Tristam que seria bem que hũu alarue que elle trazia que era seruo do Jffante que falasse com algũu daquelles catjuos pera ver se os entendia / falarom se e se nom entendiam / E fez chamar a Antam Gonçaluez e assy os principaes que leuaua consigo pera lhes mostrar sua entençam e disse lhe que cada hũu tomasse do seu naujo x homens escolhidos e que fossem a buscar aquelles que acharom pois que nom eram mais que xx Eu no creo disse Antam Gonçaluez que nossa hyda seja certa em busca daquelles que nos achamos / ca o lugar he hũu outeyro raso em que nom auia casa nem choça e hydos dhy auisariam toda outra gente / assy que como nos cuydamos de tomar a elles seremos tornados sua prea E esto consijrae bem / e onde estamos com algũa victoria nom tornemos a receber dano / E Nuno Tristam quise se condeçer a elle / porem eram ahy dous escudeyros a quem a razam abastaua amte o desejo que traziam de bem fazer / Gonçalo de Sintra auja nome hũu daquelles e ho outro Diogo e Annes de Valladares
Fol. 226/11 Estes dous fizerom // partir o conselho do que Antam Gonçaluez quisera per tal guisa que tanto que foy noyte partirom segundo a ordenança que Nuno Tristam primeyramente dissera E tal foy sua ventura que assy de noyte forom dar onde a gente jazia espargida em dous alojamentos / E os nossos se partirom em tres partes / E tanto que forom acerca delles cometerom nos muy de rijo chamado a altas vozes Santjago e Portugal / os quaes comecarom a fogir sem nenhũa ordenança / algũus porem começarom ter rosto com suas azagayas e especialmente hũu daquelles que se teue com Nuno Tristam defendendo se ata receber morte / e os outros matarom tres e pren-

derom dez amtre homens e molheres e moços Amtre os presos era hũu grande chamado Adhuu que deziam que era caualleyro e bem mostraua elle em sua contenença ter auantagem de nobreza sobre os outros / Ho fecto assy acabado todos juntamente requererom Antam Gonçaluez que fosse caualleyro Ho qual menos prezando dizia que nom era razam que por tam pequeno seruyço ouuesse de receber tammanha honrra / com todo Nuno Tristam a requerimento de todos ho fez caualleyro / por cuja razam daly auante chamarom aquelle lugar o Porto do Caualleyro E assy foy este ho primeyro caualleyro que foy fecto em aquellas partes / Recolhidos os capitães a seus naujos mandarom ao alarue que Nuno Tristam leuaua / que falasse com os mouros / e nunca ho // entenderom porque a lingoa daquelles nom he mourisca mas azeneguia de Zaara / ca assy chamam aquella terra / mas o caualleyro porque tinha andado outras terras ho entendia ao qual respondia a qualquer cousa que lhe perguntaua / E por auerem algũu mais conheçimento da terra poserom ho alarue fora / e hũa moura presa que fossem dizer aos outros / que lhes quisessem vijr a falar sobre o resgate dalgũu daquelles presos / ou sobre tractos de mercadoria / E a cabo de dous dias acudirom aly ate 150 mouros amtre de cauallos e camelos E trouuerom o alarue consigo / porem nom parecerom em a rybeyra se nom, tres e os outros ficarom em çillada / porem sentindo que eram entendidos porque virom que os batees faziam a volta descobrirom ho fengimento do seu engano parecendo todos amte a face da ribeyra remessando suas pedras e mostrarom o alarue demonstrando que queriam teer preso e catiuo / ho qual lhes disse que se guardassem delles / Emtam se tornarom os nossos aos naujos omde fizerom sua repartiçam dos catjuos segundo a sorte de cada hũu / E Antam Gonçaluez que tinha seu naujo carregado se tornou pera Portugal / E Nuno Tristam seguio mais auante porem espalmou primeyro seu naujo aly / E seguindo seu viagem passarom

Adhuu

Porto do Caualleyro

Fol. 226/11 v.º

azenegues
Zhara prouincia

Fol. 227/12
1442

ho porto da Galee ata que chegarom a hũu cabo // ao qual poserom nome ho Cabo Branco onde sayrom em terra por ver se podiam fazer algũa presa / e pero que achassem rastro de homens e ajnda redes ouuerom conselho de se tornar visto como por aquella vez nom podiam fazer nada /

Nuno Tristam descobrio Cabo Branco

¶ Como Antam Gonçaluez e despois Nuno Tristam chegarom ante ho Jffante com sua presa Capitulo 7

[N]on posso contemplar na chegada destes naujos com a noujdade daquelles seruos amte a face do nosso principe / porque nom ache algũa comparaçam[122] porque me pareçe que vejo amte os olhos qual seria sua folgança / porque quanto as cousas som mais desejadas e se a mais e mayores trabalhos por ellas despoem tanto trazem consigo mayor delectaçam quando as homem pode cobrar O sancto principe per ventura seria o teu prazer e a tua folgança sob algũa semelhança de cobijça de riquezas pera cobrar algũa parte das despesas Creo que nom soomente a saluaçam das almas perdidas daquella gente / Antam Gonçaluez chegou primeyro com a parte de sua presa E despois Nuno Tristam cujo presente reçebimento e despois galardom correspondeo assi ao seu trabalho passado como a terra proueitosa com a pouca semente ao seu laurador //

Fol. 227/12 v.º

¶ Como ho Jffante dom Anrrique enuiou sua embaixada ao Sancto Padre e da reposta que ouue Capitulo 8

[A]jnda que a lingoagem daquelles presos nom podesse ser entendida / abastou pera o começo o que aquelle

(122) *Riscado*: «deleitaçam».

caualleyro que Antam Gonçaluez trouxera soube dizer / pello qual o Jffante foy em conhecimento de grande parte das cousas daquella terra / E consijrando como era necessario mandar la muytas vezes seus naujos armados com suas gentes onde de necessidade conujnha pelejar com aquelles jnfiees / por ysso ordenou logo de enuiar ao Sancto Padre por lhe requerer que partisse com elle dos thesouros da Sancta Ygreja pera saluaçam das almas daquelles que nos trabalhos desta conquista fezessem sua fim / Na qual embaixada enuiou hũu honrrado caualleiro da Ordem de Christus que se chamaua Fernam Lopez de Azeuedo homem de grande conselho e autoridade / Ho Sancto Padre foy muy ledo de lhe outorgar semelhante graça segundo se parece no trellado de sua letra aqui posto Eugenius episcopus seruus seruorum Dei etc. Em memoria e renembrança pera todo sempre empero que sem mereçimento tenhamos as vezes de Jhesu Christo Nosso Senhor que nom recusou ser sacrificado em preço de saluaçam da humanal linhagem per cuidados continuados nos incli-// namos aaquellas cousas que som destroiçam dos errores e maldades dos jnfiees E per que mais teste as almas dos boons e catholicos christãos venham a saluaçam como assy seja que da parte do nosso muyto amado filho e nobre baram Anrrique duque de Viseu e aministrador no espritual e temporal da caualleria da Ordem de Jhesu Christo nos foy notificado E consijrando firmemente etc. A todos e a cada hũu que na dita guerra e batalha forem per autoridade apostolica e per ho theor das presentes letras concedemos e outorgamos comprida perdoaçam de todos seus pecados dos quaes do coraçam sejam contritos e per boca confessados etc. Outrosi o Jffante dom Pedro que aaquelle tempo regia o regno em nome delrey / deu ao Jffante seu jrmão carta pera que ouuesse todo o quinto que a elrey pertençia E esto pellas grandes despesas que açerca dello tinha fectas E consijrando como aquello per elle soomente fora buscado e achado

mandou a Roma por as indulgencias pera aquelles que em Guynea morressem

carta de papa ou bulla

Fol. 228/13

Jffante dom Pedro regnou

nom sem grandes trabalhos e despesas E lhe outorgou mais que nenhũu nom podesse la hyr sem sua licença e especial mandado /

¶ Como Antam Gonçaluez foy fazer resgate primeyro Capitulo 9

Fol. 228/13 v.º

[C]omo sabes que todo preso naturalmente deseja ser liure pello qual o dito caualleyro // per muytas vezes requeria a Antam Gonçaluez que o leuasse a sua terra / e que lhe daria por sy çinco ou seis mouros negros / os negros amtres (*sic*) estes mouros tambem som escrauos e esto por seu custume antijgo / pedio Antam Gonçaluez licença pera se tornar ao Jffante ho qual ho tinha em seruijço / foy se seu viagem e lançou o caualleyro mouro fora ho que nunca mais tornou E porque trazia mais dous moços mouros pellos quaes vierom bem cem mouros e mouras e derom dez negros por elles E mais ouuerom no resgate ouro em poo e hũa darga e muytos ouos de emas em maneyra que

ygoaria tinha o Jffante de ouos de emas

vierom hũu dia aa mesa do Jffante tres yguarias delles tam frescos como se fossem dalgũas outras aues domesticas / Nesta viagem foy com Antam Gonçaluez hũu caualleiro alemam per nome Baltasar que desejaua de ver aquellas terras /

allemam foy a Guynee

¶ Como Nuno Tristam foy aa ylha de Deget e dos mouros que filhou Capitulo 10

[A]ssy forom creçendo estas cousas pouco e pouco e as gentes tomando ousio de seguir aquella carreyra / hũus por seruir e outros por ganhar honrra / outros em esperança de proueyto / E no anno

1443

Fol. 229/14

Nuno Tristam

de Christo de 1443 fez o Jffante armar outra carauella na qual mandou aquelle nobre caualeyro Nuno Tristam E segundo sua viagem chegarom ao Cabo Branco / E seguiram mais auante 25 legoas virom hũa ylha pequena cujo nome adiante souberom que auia

1443 //

Cabo Branco forom mais 25 legoas

nome Adegeth da qual virom partir 25 almadias de pao e em ellas soma de gente empero todos nuus / e tomarom 14 delles E tornarom se e filharom ajnda 15 E junto com esta ylha acharom ajnda outra em que auia jnfijndas garças reaes as quaes pareçe ahy criauam E se tornou pera Portugal com sua presa / Adageth insula

¶ Como Lançarote requereo licença ao Jffante pera hir com seus naujos a Guynee capitulo 11

[C]ondiçam da plebe he como diz Tito Liuio sempre prasmarem os grandes fectos principalmente nos começos E esto me parece que seja pello conheçimento que nom ham das fijms que o pequeno coraçam quando vee o fundamento das grandes cousas sempre lhe parecem muyto mayores do que ellas som E porque o seu animo nom pode abastar pera o comprimento dellas traz consigo hũa natural duujda de se poderem acabar / a qual cousa me pareçe que vij bem experimentada nas obras deste nobre principe / que logo no começo da pouoraçam das ylhas traziam as gentes amtre sy tam grandes murmuros como se em aquello se // guastasse algũa parte de sua fazenda E fundado sobre ello suas duujdas corriam per suas departições ate que poynham o fecto em hũa empossibilidade tam estreita / pella qual julgauam que nunca podiam vĩjr a fim / mas despois que o Jffante começou de as pouorar dando camjnho aas gentes como aproueitassem a terra e os fruitos / começaram de vĩjr pera o regno em muyto mayor avondança / hya se ja calando os primeyros / e com vozes baixas louuauam ho que amte publicamente doestaram / E per semelhante fizerom no começo desta conquista que logo nos primeyros annos veendo as grandes armações que o Jffante fazia com tammanhas despesas leixauam ho cuydado de suas proprias fazendas / e ocupauam se em departir no que pouco conheçiam

a gente sempre escarnece das cousas que se começam nouamente

assy na pouoraçam das ylhas

Fol. 229/14 v.º

bem diziam os que primeiro maldiziam

E quanto a cousa tardaua mais de vĩjr a fim tanto mais suas reprehensões eram maiores E ho que peor era que aalem dos vulgares do pouoo os outros maiores falauam em ello quasi por maneyra de escarnho / teendo que eram despesas e trabalhos de que nom podia vĩjr algũu proueito Mas quando vijrom os primeyros mouros e segundos esteuerom ja quasi doujdosos de sua primeyra tençam / a qual de todo teuerom por errada / quando virom a terceira empresa que trouxe Nuno Tristam cobrada em tam breue tempo e com tam pequeno trabalho E constrangidos de necessidade confessauam sua mjngoa auendo se por neyçios[123] pello que amte nom conheçerom pello qual lhes era forçado tornarem suas reprensões em publicos louuores que manifestamente diziam que o Jffante // nom podia ser se nom que era outro Alexandre E desy a cobijça começaua lhes de creçer veendo as casas dos outros cheas de seruos e suas fazendas acreçentadas E pensando em ello / vinham a falar amtre sy / Os de Lagos forom os primeyros que mouerom ao Jffante de lhe dar licença pera poder hir aaquella terra / E ho primeyro foy hũu escudeyro de moço pequeno criado na camara do Jffante chamado Lançarote que ajuntou seis carauellas bem armadas / E ho Jffante lhes mandou fazer suas bandeyras com a cruz da Ordem de Christo e mandou que cada hũu leuasse dellas na sua carauella /

suas reprehensões tornarom em louuores

Fol. 230/15

Lançarote com 6 carauellas

¶ Quaes eram os capitães das outras carauellas e da primeira presa que fizerom capitulo 12

Lançarote Gil e Anes o qual primeyro passou o Cabo Bojador

[H]o principal e primeyro capitam era Lançarote / o segundo Gyl e Anes aquelle que primeiro passou o Cabo Bojador / Esteuam Affonso / Rodrigo Aluarez / Joham Diaz e Joham Bernaldez / os quaes todos hiam muy bem corregidos segujndo sua viagem chegarom

No anno de 1444

(123) néscios.

a ylha das Garças vespera de Corpo de Deus e fol- ylha das Garças
garom com muytas aues que emtam era sua criaçam
ally / dizendo Lançarote que tinha enformaçam do
Jffante que na ylha de Naar estauam 200 almas e ylha de Naar
que seria bem de tomar llas E mandarom la os batees
que os espiassem e tornassem pera hirem todos a la
/ e nos cinco batees hiam 30 homens —a saber— seis
em cada batel os quaes sem tardança nom querendo
esperar as carauelas saltarom Outro dia amanheçendo
em terra e matauam e feriam e tomarom 165 almas
amtre homens e molheres e moços que leuarom logo
em vijnda as carauellas per ellas / os quaes per Lança-
rote forom perguntados e lhe disserom que estauam
hy outras ylhas pouoradas / O qual ouue seu conselho
de hyr logo a la //

Fol. 230/15 v.º

¶ de como forom a ylha de Tyger e dos mouros que filharom Capitulo 13

[A]o outro dia que era 6 feira fizerom prestes seus
bates / porque as carauellas auiam alli de ficar com
mantijmentos de dous dias E forom nos bates 30
homens —a saber— Lançarote e os outros capitães Lançarote
e homens boons e leuarom consigo dous daquelles
mouros que tinham tomados / porque lhe disserom
Tyder (*sic*) ilha que na ylha de Tiger que dalli eram 5 legoas auia
hũa pouoraçam de mouros de 150 almas E forom onde
lhes disse o mouro e nom acharom nada / forom ao
diante 15 homens soos com os quaes era Lançarote
e os outros ficauam pera os esperar virom 9 mouros
tartarugas e mouras com 12 asnos carregados de tartarugas que
Tyder insula querriam passar aa ylha de Tyder que seria daly hũa
legoa e passam de baixamar de hũa a outra a pee
forom se a elles e os prenderom todos afora hũu que
fugio / leuarom os catjuos pera os batees e chamarom
os outros que os seguissem pera serem todos juntos /
E quando chegarom onde auia de ser a pouoraçam /
todos eram fogidos pello auiso do mouro que lhes fogio

e virom nos em outro ylheo que passarom em suas almadias / e tornarom outra vez ao lugar onde era a pouoraçam e acharom 8 mouras que tomarom consigo e tornarom se pera seus naujos //

¶ de como tornarom Lançarote e os outros nos batees a Tyder e os mouros que tomarom // Capitulo 14 //

Fol. 231/16 [O]utro dia pella manhãa acordarom de hir com seus batees e darem na pouoraçam E em rompendo a alua derom na aldea e nom acharom nenguem / porem os mouros estauam alojados hũu quarto de legoa da aldea açerca de hũu passo per onde passarom a Tyder / Tyder insula os quaes vendo os christãos começarom a fugir e alcançarom as molheres e moços que nom corriam tanto dos que tomarom 18 E hũu batel que hya costeando vio 20 almadias em que os mouros hiam fogindo tomarom delles moços escolheitos por o batel ser pequeno / assy que tinham presos dos mouros naquelle
48 dia 48 pessoas com os quaes se tornarom a seus naujos que dhy estauam çinco legoas e folgarom /

¶ De como forom a Tyder e dos mouros que tomarom Capitulo 15

[N]o outro dia pella menhãa partirom atee 30 homens nos batees e os outros ficarom pera espalmar os naujos / e chegarom a Tyder ao meo dia e sayrom Tyder insula fora 20 homens e os dez ficarom nos batees / e tomarom logo dous mouros / e mais virom / dez mouros com 20 asnos cargados de pescado / os quaes fizerom rosto pera se defenderem / porem forom tomados todos / desy mandarom dous homens pera a terra os quaes virom (*sic*)([124]) logo correndo dizendo que vinham grande multidom de mouros sobre

([124]) vieram.

Fol. 231/16 v.º elles // E os nossos recolhendo os mouros pera os batees / porem que amte que fossem em seus batees recolhidos os mouros eram ja com elles de mestura e pelejarom e com grande trabalho ouuerom os chris- Lançarote
tãos seus batees / Lançarote com outros escudeyros forom os derradeyros / os mouros eram 300 e muytos 300 mouros
delles feridos e assy se tornarom pera seus naujos

¶ Como forom ao Cabo Bramco e das cousas que hy fizerom Capitulo 16

Cabo Branco [O]utro dia pella menhãa fizerom vela e em dous dias chegarom ao Cabo Branco / e sayrom logo 25 homens a terra e forom assy pella costa e virom muytos pescadores que pescauam / os quaes quando ouuerom vista de christãos começarom a fugir / porem quando os christãos nom eram mais puserom rosto pera pelejar / e com a graça de Deus os christãos ouuerom victoria e prenderom 14 e matarom muytos delles / Lançarote Lançarote
mandou dous homens pera terra firme pera ver se achariam algũa pouoraçam / e assy acharom e porque os mouros os tinham sentidos eram fogidos todos saluo hũa moça acharom dormjndo a que tomarom e tornarom aos naujos E dhy se forom camjnho de Portugal //

¶ As carauelas como chegarom a Lagos e como falarom ao Jffante Capitulo 17 //

Fol. 232/17 [C]hegarom as carauellas a Lagos donde amte partirom auendo nobre tempo de viagem ca lhe nom foy tornarom a Lagos
a fortuna menos graciosa na bonança do tempo do que lhe amte fora no filhamento da presa onde as nouas chegarom ao Jffante que amtes poucas horas se açertara chegar alli doutras partes onde auia dias que andaua / E logo naquelle dia os principaes beyjarom a mão ao Jffante contando lhe em breue a soma de seus feitos e desy forom pera suas casas a ver molher

Lançarote

e filhos / Outro dia Lançarote como homem que do feito tinha principal carrego disse ao Jffante que se a sua merçe aprouuesse que mandaria tirar aquelles moiros em hũu campo e fazer çinco partes pois elle auia de auer o quinto e logo porque os mouros vinham maltractados e doentes ho que assy fizerom pero primeyramente amte que repartissem leuarom em offerta o melhor daquelles mouros a ygreja daquelle lugar / E outro pequeno que despois foy frade de Sam Francisco enuiarom a Sam Vicente do Cabo onde sempre viueo como catholico christão sem auendo conheçimento doutra ley se nom daquella sancta e verdadeyra em que todollos christãos esperamos nossa saluaçam /

fezerom offerta dos primeyros mouros

¶ De como o autor faz hũa exclamaçam sobre a piedade daquelles mouros e como foy feyta a partilha Capitulo 18

exclamacio do autor

[O]o tu celestrial (*sic*) padre que com tua poderosa mao sem moujmento de tua diuinal essencia gouernas toda
Fol. 232/17 v.º a jnfinda companhia // da tua sancta cidade / e que trazes apartados todollos eixos dos orbes superiores distinguidos em noue esperas mouendo os tempos das ydades breues e longas como te praz Eu te rogo que as mjnhas lagrimas nom sejam dano da mjnha consciençia que nom por sua ley daquestes mas a sua humanidade constrange a mjnha que chore piedosamente o seu padeçimento / E se as brutas alimarias com seu bestial sentir per hũu natural distincto conheçem os danos das suas semelhantes / que queres que faça esta mjnha humanal natureza / vendo assy amte os meus olhos a que esta miserauel companhia / lembrando me que som de geraçam dos filhos de Adam No outro dia que eram 8 djas do mes de agosto pella menhãa trouuerom os catjuos ao campo / Amtre os quaes auia hũus de razoada brancura fremosos e apostos / outros menos brancos que semelhauam pardos / E outros tam negros como ethiopios

autor chora a perdiçam de tantas almas

trouuerom os catjuos 8 dias de agosto

mouros

brancos

pardos

negros

tam desafeiçoados assy nas caras como nos corpos Começarom de os apartar hũus dos outros a fim de poerem seus quinhões em ygualeza / onde conujnha de necessidade de se apartarem os filhos dos padres e as molheres dos maridos / e hũus jrmãos dos outros / E qual seria o coraçom por dure que ser podesse que nom fosse pungido de piadoso sentimento / que hũus estauam chorando outros gemjndo muy doorosamente / Oo poderosa fortuna que andas e desandas com tuas rodas compassando as cousas do mundo como te apraz / se quer põe amte os olhos daquesta gente miserauel algũu conheçimento das cousas postumeyras per que possam receber algũa consolaçam em meyo de sua grande tristeza / E vos outros que vos trabalhaes desta par-//tilha esguardae com piedade sobre tanta miseria e vede como se apartam hũus com os outros que apenas os podes desligar / E assy o campo era cheo de gente assy do lugar como das aldeas e comarcas derrador / os quaes leixauam aquelle dia folgar suas mãos / em que estaua a força de seu ganho soomente pera ver aquella noujdade / O Jffante era ally em cima de hũu poderoso cauallo acompanhado de suas gentes repartindo suas merçees como homem que de sua parte queria fazer pequeno thesouro que de 46 almas que acontecerom no seu quinto em muy breue fez delles sua partilha //

exclamatio autoris contra a fortuna sobre a presa e partilha dos mouros

Fol. 233/18

os primeyros catjuos como se marauilhaua a gente

46 mouros couberom no quinto e o Jffanye fez merçees delles

¶ De como ho Jffante fez Lançarote caualleyro Capitulo 19

[Q]uatro cousas auia em aquestes muy afastada das condições dos outros mouros que catiuauam em Affrica / A primeyra despois que eram em esta terra nunca jamais se trabalhauam de fogir / A segunda que eram muyto leaes e obedientes serujdores sem malicia / A terceyra que nom eram tam chegados aa luxuria como os outros E a quarta despois que vsauam os vestidos eram geeralmente muyto loução de voon-

eram doutras condições que os affricos catjuos

tade pello qual folgauam muyto com roupas de coores deujsados / E ho que melhor era / que se tornauam de boas vontades a ffe de Christo despois que a partilha foy acabada chegarom se ao Jffante os capitães das outras carauellas e assy algũus boons de sua casa pedindo lhe em merçee que per sua mão armasse a Lançarote caualleyro / disse ho Jffante que lhe prazia muyto e ho tinha ajnda em serujço e ho fez logo caualleyro fazendo lhe grandes merçees //

Lançarote foy fecto caualeiro per mão do Jffante

Fol. 233/18 v.º

ℂ Como ho Jffante mando[u] Gonçalo de Sintra a Guynee e per que guisa foy morto Capitulo 20

[D]espois dalgũu tempo da vijnda de Lançarote fez o Jffante armar hũa carauela na qual mandou a Gonçalo de Sintra por capitam auisando o amte de sua partida que se fosse direitamente a Guynee e per nenhũu caso fizesse ho contrairo / Este Gonçalo de Sintra era escudeyro criado do Jffante e creo que fora seu moço de estribeyra / E porque era homem de bõa estatura do corpo e de grande coraçam encarregou lhe ho Jffante cousas honrrosas e grandes / Partindo se foy sua viagem ata o Cabo Branco / E por cobijça de honrra e proueito queria hir aa ylha de Erguym a qual era perto dhy pera auer algũus catiuos / e os outros começauam lhe contradizer o qual chegou de noyte e forom sentidos pello qual nom acharom se nom hũa moça E dalli partirom pera outra ylha que alli esta perto onde tomarom hũa molher porque tambem forom descobertos / Gonçalo de Sintra leuaua hũu moço azenegue por torgimam ho qual ja de nossa lingoagem sabia grã parte ho qual ho Jffante lhe entregara / buscou ho moço tempo e lugar e fugio ho qual deu nouas de todo aos da terra e porque lhe nom quiserom creer veo hũu mouro com falsa dissimulaçam demostrando que se querria hir com elles pera Portugal pera viuer com seus parentes que ja eram leuados pera la / e quando os nossos tinha

1445

Gonçalo de Sintra

Cabo Bramco

Erguym insula

fogio lhe o moço

bem espiado e sabida a verdade do que lhe o moço dissera lançou se a nado e tornou se pera os seus //
Fol. 234/19 e disserom logo todos ao capitam que aquelles signaes nom eram pera fazer presa em aquella terra / dizendo o moço nos fogio e hũu soo mouro nos veo enganar / porem Gonçalo de Sintra porfiando mandou hir a carauela aa ylha de Naar e como as ylhas aly Naar ylha
som acerca hũas das outras / mandou lançar ho batel fora no qual meteo consigo 12 homens dos melhores E ficou em hũu esteo onde nom pode sayr / E os mouros que eram 200 e os nossos 12 sayrom de golpe sobre elles como sobre cousa vençida onde foy Gonçalo de Sintra foy matado com outros sete na ylha de Naar
morto Gonçalo de Sintra com outros sete assy que soos çinco escaparom que se tornarom naujo e forom camjnho de Portugal /

¶ De como Antam Gonçaluez e Gomez Piriz e Dio[go] Affonso forom ao ryo do Ouro capitulo 21

[A]quelle anno mandou o Jffante Antam Gonçaluez 1445
de que ja falamos em hũa carauela / e Gomez Piriz patram delrey em outra E este hia por mandado do Jffante dom Pedro que naquelle tempo regia o regno / E tambem era hy outra carauela em que hia Diogo Affonso criado do Jffante dom Anrrique / os quaes juntamente hiam pera ver se poderiam trazer os mouros daquella parte a trautos de mercadoria / ho que nunca poder (*sic*) fazer se nom resgate de hũu negro e assy se tornarom sem mais fazer / com os quaes veo hũu mouro velho per sua vontade pera ver ao Jffante do qual reçebeo muyta merçee e ho tornou pera sua terra E hũ joham Fernandez escudeyro do Joham Fernandez ficou la per voontade
Jffante ficou la em terra per sua vontade pella ver e trazer nouas della se acertasse tornar //

Fol. 234/19 v.º

¶ De como Nuno Tristam foy a terra dos negros e dos mouros que tomou capitulo 22

[N]uno Tistam de que ja fallamos foy mandado per Jffante contra aquellas partes / ho qual foy direitamente aaquellas ylhas / onde ante forom / as quaes 1446
acabarom ja despouoadas E correrom tanto auante que passarom aquella / terra e virom outra muy dessemelhada daquesta primeyra / porque esta era areosa
de Arguym foy auante ata que achou terra chea de aruores e manjnha e desacompanhada de aruores como cousa em que faleciam as agoas E a outra virom acompanhada de muytas palmeyras e outras aruores verdes e fremosas / Nuno Tristam fez lançar ho batel fora
aqui primeiramente foy descoberta a terra dos negros e com fortuna do mar lhe foy forçado de tornar ao naujo e fazer vela porque vio negros em terra que lhe desejauam de falar / forçado assy Nuno Tristam do tempo contrairo chegou com sua carauela açerca daquellas ylhas onde Lançarote fizera sua presa onde filhou hũu mouro velho / o qual per cenos disse que dy a duas legoas estaua hũa pouoraçam / mas nom soube dizer de quantos E a noyte forom dar sobre aquella pouoraçam e tomarom 21 mouros / e dhy se tornou a Portugal /

¶ Como Deniz Diaz foy a terra dos negros e dos catjuos que trouxe capitulo 23

[D]eniz Diaz escudeyro e criado delrey dom Joham padre deste nobre Jffante desejando ver terras nouas rogou ao Jffante que lhe mandasse pera aquella parte / ho qual partindo de Lixboa nunca quis amay- 1446
nar ata que passou a terra dos mouros e chegou aa terra dos negros que som chamados guyneus / E hindo
Fol. 235/20 ao longo da terra / virom a ca-//rauella os da terra e marauilhados ho que podia ser ca nunca virom outro tanto emtrarom quatro delles em hũa almadia feita de hũu pao e forom pera o naujo / e quando virom homens tornarom a fugir / e por o vento ser scasso

nom os poderom tomar / E hindo assy mais auante toparom com outros barcos e filharom quatro os quaes forom os primeyros negros que em sua propria terra fossem filhados per christãos E seguio mais adiante ata que chegou a hũu grande cabo / ao qual poserom nome Cabo Verde / onde virom muyta gente / porem nom tomarom mais daquelles quatro / E sayrom fora em hũa ylha onde acharom muytas cabras e aues de que ouuerom grande refresco E dhy fizerom volta pera sua terra

os primeyros negros que forom tomados

Cabo Verde foy primeiro descoberto por Deniz Diaz

¶ De como Antam Gonçaluez e Garcia Homem e Diogo Affonso partirom pera Cabo Branco Capitulo 24

1447 [A]ntam Gonçaluez disse ao Jffante / Senhor vossa merçee sabe como Joham Fernandez vosso escudeyro ficou no ryo de Ouro pera saber bem parte daquella terra e gente della ja tantos meses E se vossa merçee for de me enuiardes por elle e comjgo outros naujos trabalharey por vos seruir / os naujos eram logo prestes dos quaes Antam Gonçaluez era principal capitam / leuando em sua companhia Garcia Homem e Diogo Affonso criados do Jffante / E forom reçeber sua bitalha aas ylhas de Madeyra / porque auia ja hy grande abastança de mantijmentos E dhy forom camjnho do Cabo Branco E com grande fortuna apartarom se hũus dos outros // contudo Dio[go] Affonso foy o primeyro que chegou ao cabo Branco fez poer hũa cruz de madeyra em terra juntas as carauellas os capitães muy alegres fallarom no que em a tormenta passarom / E porque Amtam Gonçaluez fora pustumeyro / em aquella chegada / e os outros lhe disserom que ja forom fora algũas vezes e nom fizerom proueito que lhe fogirom os mouros porque eram descobertos

as carauellas que forom a Guynee tomarom bitalhas em as ylhas de Madeyra

Cabo Branco
Fol. 235/20 v.º

¶ De como forom a ylha de Erguym e dos mouros que em ella filharom Capitulo 25

Antam Gonçaluez

[P]ois assy he disse Antam Gonçaluez que per vossa saida sentijs que tendes os mouros daqui auisados / bem sabes como aqui adiante esta hũa ylha que se

Arguym ilha per Antam, Gonçaluez foy achada(125)

chama Arguym / na qual sinto que se formos de noyte 1447 acharemos algũus mouros que possam,os filhar / E logo a noyte forom nos seus batees tomando consigo gente que lhes compria / mandando aas carauelas que pella menhãa os viessem a buscar viagem da dita ylha / e partirom E pouco mais da mea noite chegarom aa dita ylha e forom direitos aa pouoraçam onde nom acharom mais que hũu mouro negro e hũa sua filha os quaes tomarom / ho mouro lhes deu entender que se fossem aa terra firme na ribeyra do mar achariam a pouoraçam mostrando lhe o geito contra onde os poderiam achar / Ouujndo esto acordarom de repousar ally todo ho seguinte dia e ally acharom muy boa agoa e em grande abastança E como veo a noyte forom se seu camjnho pera terra firme pera o lugar onde o

Fol. 236/21

mouro lhe amte acenara // Sendo ja em terra firme a boas horas da noyte poserom o mouro amte sy por guya E por nom entenderom o mouro fizerom sua detença / assy que quando amanheçeo eram ajnda grande pedaço afastados da aldea / E alleuantando se os mouros pella menhãa ouuerom vista delles e começarom a fogir cada hũu per hu sentia que melhor podia guarecer leixando suas fazendas molheres e filhos como homens desacordados / e tomarom 25 delles /

(125) Apostila riscada.

¶ Como Joham Fernandez chegou aas carauellas Capitulo 26

Joham Fernandez esteue 7 meses amtre os alarues e tomarom no

[J]oham Fernandez auia ja sete meses que moraua em aquella terra / E quando sentio que ja seria tempo de os naujos poderem tornar do regno acudia muytas vezes aaquella praya pera ver se poderia ver algũu / E acertou se que aquelles que ficarom nas carauellas querendo comprir mandado de seus capitães fezerom vela contra a ylha de Erguym da qual ouuerom conhecimento / e andarom balreuenteando dous dias ata que forom a terra da parte dalem E pouco mais de hũa hora que jaziam sobre ancora quando virom hũu homem que estaua em terra bradando contra elles E hũa carauela quis hir pera a terra e nom pode porque o vento era da terra cuydando que era algũu mouro pera resgatar / Em aquello vyrom os bates em busca dos naujos forom no receber com o qual forom muy ledos de ho acharem //

Fol. 236/21 v.º

¶ De como Antam Gonçaluez foy fazer ho resgate Capitulo 27

[C]ertificarom me que quando se partira Joham Fernandez daquelles com que nos passados sete meses conuersara muytos delles chorauam com soidoso sentimento / disse Joham Fernandez a Antam Gonçaluez como aly açerca estaua hũu caualleyro que se chamaua Ahude Meymam e que queria fazer algũu resgate de catjuos guyneus que trazia / de que Antam Gonçaluez foy muy ledo poendo fora a Joham Fernandez ho qual em breue espaço fez ally vĩjr grande parte daquella gente / os quaes derom areffeens hũus a outros E ho caualleyro tomou daquella mercadoria que os nossos traziam pellas quaes leixou 9 negros e hũu pouco de ouro em poo E aaquelle ficou dally auante per nome ho Cabo do Resgate E dhy forom aa ylha de Tyder e acharom na herma /

Ahude / moro

Cabo do Resgate foy primeiro posto nome

¶ De como tomarom os mouros no Cabo Branco / Capitulo 28

Cabo Branco [T]ornemos disse Antam Gonçaluez ao Cabo Branco porque ouuj dizer que contra ho sull esta hũa aldea com gente em que podemos fazer algũa presa / e sayrom logo 25 homens em terra forom a aldea logo no começo da noyte e nom acharom alguem E tornarom aos batees e remarom toda a noite ata manhãa sayrom em terra / E estando assy em hũu outeyro virom vĩjr contra sy mouros e mouras com seus //
Fol. 237/22 filhos que seriam per todos 80 saltarom antre elles / os quaes começarom a fogir / soomente oyto que se aparelharom pera defesa dos quaes logo cayrom quatro mortos e os outros fugiam E os nossos correrom em pos elles e tomarom per todos 55 que trouuerom consigo aos batees / E dhy partirom sua direita rota pera Lixboa / onde chegarom asaz contentes de sua presa /

¶ De como a carauella de Gonçalo Pachequo e outras duas carauellas forom aa ylha de Erguem Capitulo 29

[E]m a cidade de Lixboa auia hũu escudeyro de nobre linhagem chamado Gonçalo Pachequo que fora criado
1447 do Jffante e que sempre trazia naujos no mar contra os infiees veendo tam grande presas que traziam ouue licença do Jffante que estaua em Viseu pera mandar a dita terra tres carauellas / E fez capitam da sua
Denis e Anes carauela hũu Denis e Anes E nas outras hiam os senhores dellas —a saber— Aluaro Gyl ensayador da moeda / e Mafaldo morador em Setuual / as quaes postas as bandeyras de Christo fizerom sua viagem / E chegarom ao Cabo Branco / e leixarom a pouoraçãm primeyra que era herma e forom a outra dhy duas legoas e acharom na tambem despouorada / remarom e forom aa pouoraçam da ylha / E porque era ajnda

alta noyte lançarom em hũu camjnho que vinha da
Fol. 237/22 v.º aldea pera a fonte e virom vijr hũa // moça que vinha por agoa a qual filharom E dy a pouco hũu mouro / ao qual perguntarom per seus acenos se estaua ahy muyta gente E elle espondeo que nom mais que sete / os quaes logo cercarom a aldea e filharom os sete / Mafaldo apartou logo hũu daquelles e perguntou o onde eram os outros daquela ylha / E o mouro fez synaes que eram em terra firme / E leixarom ally os oyto mouros e com elles seis homens que os guardassem forom se camjnho da terra firme / E hũu dos oyto fogio e passou em hũa almadia pera auisar os outros / contudo elles desegurados os christãos derom sobre elles onde prenderom 46 afora algũus que morreram / e assy foy a presa daquella noite 54 mouros E tornarom outra vez e acharom todas pouorações despouoradas saluo que acharom hũu doente o qual ajnda leuarom consigo E([126]) tornarom se pera seus naujos / partirom daly e hindo per sua viagem afastados 35 legoas alem de Tyder e saltarom em terra em hũa pouoraçam onde estauam 12 mouros dos quaes filharom sete / os outros matarom e fugirom / tornarom se outra vez a terra hindo assy longe toparom com hũa aldea perto de hũu braço do mar onde tomarom 35 mouros e matarom delles e os outros escaparom e passarom o braço / porque todos sabem nadar homens como molheres //

Fol. 238/23 A noyte seguinte sayrom em terra forom nos seus batees dous dias e duas noites a costa e nom filharom mais que hũu mouro / tornarom se aos naujos e leuantarom velas e fizerom sua via camjnho de Gujnee e forom 80 legoas onde se aparalharom com seus batees pera hirem em terra / dos quaes os guyneus cobrando vista correrom pera a praya com suas dargas e

([126]) *Riscado*: «forom camjnho de Portugal».

azagayas querendo se poer a peleja / virom a terra muy verde e pouorada de gente e de gaado manso / sobreveo lhes tormenta que nom podiam sayr em terra a qual durou tres dias tornando se atras onde outra vez filharom os sete mouros / tornarom outra vez sayr em terra e amtre todos eram 35 homens de peleja e virom hũus 50 mouros na praya aparelhados pera pelejar / porem nom tinham outras armas se nom lanças e descobertos e meterom se em agoa ata o pescoço / delles e dellles em terra mostrauam suas ardidezas / disse Mafaldo que pois estauam 500 legoas de Portugal e amtre tam ardidos era bem de poerem suas proas amtre elles e ganarem honrra / ho que logo fizerom os mouros logo remessauam lhe suas lanças e nom feriam a nenhũu mas alçarom nas pera suas defesas / os christãos começarom de ferir nelles e cajndo algũus mortos e os outros começarom a
Fol. 238/23 v.º fogir / E // filharom aquelle dia 12 amtre homens e molheres / dy auante se tornarom a seus naujos e determinarom de entrar em algũas bayas que saem
Tyra villa do cabo de Tyra dizendo que nom podia ser que aquellas nom ouuesse algũa gente / E sendo ja dentro nas baixas virom hũa ylha a qual esta mais fora de todallas outras pequena e muyta areosa e aly lançarom seus batees fora e acharom redes e a gente fogida
tartarugas e muytas tartarugas / estes som cagados de mar cujas conchas som tammanhas como escudos E como quer que naquellas ylhas aja muytos e boons pescados / os mouros dally tem este por mais especial / nom tomarom as redes porque os mouros mais desegurados tornassem aa ylha / No outro dia muyto cedo tornarom os batees a ylha e ja nom acharom as redes nem outros aparelhos de pescaria soomente as tartarugas que eram 150 presas per cordas / E estando assy virom outra ylha que desta partia ho braço do mar e passarom aa dita ylha nos seus batees e soltarom se pella ylha como per suas proprias herdades E os mouros cuydarom ho que os nossos cuydarom e tinham ordenadas tres çilladas detras algũus montes

de area / E vendo sua grande auantagem descobrirom seu engano e pelejarom muy rijamente / Os nossos vendo a multidam grande e a grandeza do perijgo comecarom se de retraher pera os batees e dos dous
Fol. 239/24 ba-//tees se acolheo a gente toda / e ho terceyro ficara em seco pello qual todos forom mortos saluo os que souberom nadar se saluarom E os dous batees se acolherom pera suas carauellas acompanhados de grande tristeza com a qual partirom camjnho de Arguym pera filharem agoa de que ja eram mjngoados E os mouros leuarom o batel ao ryo de Tyder onde desfezerom a maior parte delle por lhe tirarem as tauoas com a pregadura E disserom despois que seus parceiros comerom os christãos mortos que ficarom na praya contando o por muy grande vingança

¶ De como Lançarote se aparelhou pera hir sobre a ylha de Tyder Capitulo 30

com 14 carauelas forom a Tider

[A]rmarom 14 carauelas das quaes ho Lançarote eram (*sic*) ho capitam mor / ajnda que la hiam muytos
1448 fidalgos / quiserom lhe dar aquella honrra e estas carauellas todas eram de Lagos / E afora estas armarom em Lixboa e nas ylhas de Madeyra que eram 12 assy que eram em todo 26 carauellas e hũa fusta E eram x dias de agosto quando as 14 carauelas partirom de Lagos E por quanto nom podiam todas seguyr hũa rota tinham acordado de se guardarem ao Cabo Branco / hũa destas que era mais velera chegou primeyro a Arguym onde achou as carauellas que lhe forom mortos os 7 homens em Tyder E par-

26 carauellas e hũa fusta

Fol. 239/24 v.º tirom todas quatro camjnho da // ylha das Garças onde tres dias esperarom refrescando com as aues / E ha hy hũas aues alem das outras muytas que se
crooes aues chamam crooes e sam todas brancas de mor grandeza que cirnes e tem os bicos de hũu couodo e mais e de anchura de tres dedos e pareçem como baynhas de vasas assi lauradas E com taes lauores que se os

fizessem artificialmente com mestria de fogo a fim de lhes poer fremosura E a boca e ho papo he tam grande que hũa perna de homem por grande que seja ate o giolho lhe cabe per elle / passados aquelles tres dias começarom de vĩjr as outras carauelas chegando ao Cabo Branco / E ouuerom conselho se dariam logo na ylha de Tider ou se esperariam as çinco carauellas que ajnda nom viram E ouuerom por bem de hirem aa ylha das Garças e ahy querriam esperar E chegando aa vista da ylha das Garças virom as quatro carauelas / e tirauam de seus trões e colobretas e cantauam de prazer de ver hũus a outros ata aqui nom falleçeo se nom hũa carauela E ordenarom sua entrada aa ylha de Tyder em esta maneyra —a saber— que de toda a gente escolhessem 328 homens //

ylha das Garças

tirarom bombardas e colobretas

Fol. 240/25 r.º: *falta*

Fol. 240/25 v.º * E virom estar hũa soma de mouros corregidos com mostrança de pelejar / E mandarom logo soar as trompetas hindo a elles e os mouros começarom de fogir lançando se a nado alem de hũu esteyro que faz daquella terra ylha onde ja tinham passadas suas molheres e filhos com toda sua proue fazenda / porem matarom delles oyto e prenderom quatro / onde hũu soo homem de Lagos foy ferido E dhy forom se onde os mouros tinham amtes seus alojamentos onde acharom agoa que foy remedio de sua vida / E acharom aly aruores de algodom porem poucas / asnos acharom muytos na ylha em que caualgando se tornarom pera seus naujos / Aluaro de Freitas fez caualleyro ahy a Sueyro da Costa e Denis e Anes E dhy se despedirom as carauelas de Lixboa das outras / Dos mouros que filharom em Tyder enuiarom a Sam Vicente do Cabo hũu mouro E a Sancta Maria de Agoadelupe outro E ha hũa hermjda que esta no termo de Lagos outro pera se vender e do preço comprarem ornamentos pera aquella ygreja / E tanto que as tres carauelas partirom chegarom outras tres

aruores de algodom

asnos muytos

daquellas quatro que faleçiam E ordenarom outra vez de sayrem em terra / e mandarom que tres carauelas as mais pequenas fossem ao passo de esteyro de Tyder e assy os bates das outras pera tomar algũus no porto //

Fol. 241/26 E porque ho porto era largo porem baixo e nom podiam passar se nom a nado E estaua ahy com elles hũu moço de camara do Jffante que eu conheci despois nobre escudeyro ho qual hia por escriuam de hũa daquellas carauelas / que tal era o custume do Jffante nom dar moradia de escudeyro a nenhũu moço de camara ata que se nom exercitasse em algũa cousa de guerra / a este moço chamauam Diogo Gonçaluez o qual disse a hũu homem de Lagos que estaua junto com elle que se chamaua Pero Alemam se quisesse passar com elle / ajnda este nom acabou de falar ja se lançou a nado e ambos comecarom a passar aos quaes seguiam os outros com quanto os mouros defendiam ouuerom a terra pelejando rijamente amtre os quaes logo matarom 12 e os outros desbaratados comecarom a fogir / E pella grande calma nom nos podiam seguir empero prenderom 57 delles com os quaes se tornarom pera as suas carauellas / os mouros catjuos forom perguntados pellos outros que eram fogidos os quaes disserom que em hũa pouoraçam que se chama Tyra que era em terra firme per a costa do mar ate oyto legoas dally E partirom logo aquella noyte pera tres carauelas

nom daua moradia a nenhũu criado o Jffante ate que se nom exercitasse em armas

Tyra villa

Fol. 241/26 v.º das mais pequenas e toda outra gente // nos batees leuando consigo duas mouras que lhe mostrassem o camjnho E na primeira noite chegarom a hũa ponta onde leixarom os naujos e sayrom em terra / E em amanhecendo chegando a hũa passagem de hũu pequeno braço de mar toparom com muytas almadias amtre as quaes era o batel que os mouros filharom aas carauelas de Lixboa empero ja açerca de todo defeito / trouuerom no porem consigo pera as suas carauelas E dhy auante encontrarom com hũu mouro que matarom E assy chegarom sobre o lugar de Tyra

e doutras duas aldeas mas nom acharom em ellas cousa algũa porque os mouros eram todos fogidos / E se tornarom aas carauelas hindo passarom pello lugar de Tyder onde repousarom por razam das agoas que alli auia / E mandarom os capitães que trouessem asnos pera os fracos tornarem em elles aos naujos / os quaes hindo pellos asnos encontrarom cinco mouros que prenderom / pella menhãa Lançarote se quis despedir da sua capitania e que buscasse cada hũu seu proueito / porem que repartissem primeyro os catjuos / E os capitães das pequenas carauelas determinarom de se partirem pera Portu-

Nilo fl' Guynee

gal / E os outros todos faziam sua rota camjnho do ryo Nylo ou Guynee / e forom assy tanto que passa-

Fol. 242/27

rom a terra // de Zaara dos mouros que som chamados azenegues que he muy arenta[127] pello fallecimento de agoas E a esta terra passam todalas aues que fugem as frialdades de nossos enuernos —a saber— andorinhas cegonhas rolas codornizes etc. / E outras se partem dela no enuerno assi como falcões garças e pombos torcazes e tordos etc. E veem guarecer a esta terra e esto pellas viandas que aqui acham conformes aa sua natureza / Ha naquella hũas aues que se chamam framengas que sam da grandeza das garças ygoaes na longura dos pescoços empero de pouca pena e as cabeças rezoadas em comparaçam dos corpos / mas os bicos som grossos empero curtos / e tam pesados que o pescoço ho nom pode bem soportar / de guisa que por sua ajuda ho bico tem pegado aas pernas ou aas penas ho demais tempo ◖ E ha hy outras aues que sam maiores que cirnes que se chamam crooes de que ja falamos / E tambem dos peixes ha hy hũus / que bem os bicos de tres e quatro palmos hũus pequenos e outros maiores nos quaes bicos tem dentes de hũa parte e

Zahara prouincia de area

aues no enuerno das nossas terras vam a esta outras que vem da la

framenga aue

croes aues

peixes de bicos de 4 palmos

(127) areenta.

doutra tam juntos que nom cabera amtre hũu e outro hũu dedo e todos porem som de osso fino pouco mais grandes de serra e mais afastados / E os peixes sam
Fol. 242/27 v.º tammanhos e maiores que // cações / e as queixadas de fundo nom som maiores que doutro peixe ◖ E ha hy outro pescado que he pequeno assy como mugeens os quaes tem em as cabeças hũas coroas per que desfollegam que sam assy como gelrras E se os poem
peixe com coroa virados com as coroas pera baixo em algũu baçio pegam tam rijo que querendo as tirar leuantam o baçio consigo assy como fazem as lampreas com as bocas quando som bem viuas E ha hy outras muytas aues e peixes desemelhauees aos da ca

Lançarote descobrio ryo de Çanaga dizendo que era Nylo

◖ De como estas carauelas chegarom ao Nylo e dos guyneus que filharom Capitulo 31

[T]eendo ja passada estas carauelas a terra de Zaara como dito he virom as duas palmeyras com que amte topara Denis Diaz pellas quaes conhecerom que ally se começaua a terra dos negros com cuja vista folgarom muyto a gente desta terra som chamados
guyneus quer dizer guyneus que quer tanto dizer como negros / e a terra Guynee / E pellas aruores altas conheçerom que eram
Nylo fl' perto do ryo do Nylo da parte donde vem sayr ao mar
Çanaga fl' de poente ao qual ryo chamam de Çanaga / Ca o Jffante lhes dissera que despois da vista daquellas aruores pouco mais de 20 legoas esguardassem pello dito ryo porque assy o aprendera elle per algũus daquelles azenegues que tinha catjuos E hindo assy auante / duas legoas da terra acharom ho mar barrento e sondarom e acharom agoa doçe de que todos beberom E seendo ja junto com a foz ou boca do ryo Nylo lançarom suas ancoras empero da parte
Fol. 243/28 de fora / E hindo no batel hũus // oyto homens dos nossos chegarom a terra a hũa choça que virom / virom dhy sayr hũu moço negro todo nuu com hũa azagaya na mão ho qual lo[go] filharom / e na choça

acharom hũa moça sua jrmãa que seria de 8 annos / A este moço fez o Jffante leer e espreuer e todallas cousas que compria saber christão pera fazer delle sacerdote pera ho mandar la a pregar a ffe de Jhesu Christo / e acharom na choça hũa darga preta toda redonda pouco mayor das nossas a qual tinha no meo hũa copa enleuada do coyro mesmo E era de orelha de aliffante segundo despois foy conhecida per algũus guyneus / E disserom que a grandeza dos aliffantes he tal que a sua carne farta razoadamente 2500 homens e que a acham amtre sy por muy bõa carne / os ossos delles lançam a longe / e segundo eu aprendi que no Leuante do mar Mediterraneo valem bem mil dobras / hindo assy hũu pouco auante / Esteuam Afonso que hia diante sentio carpentejar e leixou lhe seguir seus parceiros e chegou ata onde estaua ho guineo homem muy alto e Esteuam Affonso era pequeno do corpo assy que ho tomou pellos cabellos sobresalto que lhe ficou pendurado nos cabellos sem lhe os pees chegarem a terra Estando assy grande pedaço acudirom os outros e tomarom amtre os braços pera lhe atarem / Esteuam Afonso soltou as mãos do[s] cabellos e ho guyneo sacudio os outros
Fol. 243/28 v.º dos braços e fugio sem ho // mais poderem filhar Este gujneu foy em busca dos filhos e chegou aa praya onde achou a Vicente Diaz mercador que era principal capitam daquella carauella e remessou lhe hũa azagaya com a qual lhe deu hũa ferida no rosto e Viçente Dias lhe deu outra assy que vierom a braços / Em esto sobreveo hũu outro guyneu e Vicente Diaz soltou ao grande / com isto chegarom os nossos veendo se o guyneo solto escapou fogindo assy se tornarom os nossos pera seus naujos

negro aprendeo pera ser clerigo

adarga de orelha de aliffante

aliffantes

a peleja do christão e guyneo grande

¶ De como ho autor fala algũas cousas açerca do ryo Nylo capitulo 32

Nylo fl'

[A]cerca da grandeza deste ryo sam marauilhosas tenções / ca fallarom delle Aristototelis e Ptholomeu / Plinio e Homero Ysidoro / Lucano / e Paulo Orosio e outros muytos sabedores / ¶primeyramente diz Paulo Orosio que parece que sae da ribeyra onde se começa ho Mar Roxo / onde os gregos chamam Mosille Emporio / E dally diz que vay contra o Ocidente E passa per muytas terras E faz em meyo de sy hũa ylha que ha nome Meroe / E esta he hũa cidade que he no Senhorio de Ethiopia / na qual foy Moyses per mandado de Pharao com todo o poder de Egypto segundo escreuem Josepho / Rabano / e Mestre Pedro / E diz que se chamaua emtam // Saba e que era a cabeça do regno de Ethiopia / Mas que depois de longo tempo Cambises que era rey daquella terra pos nome aaquella cidade Meroe / por amor de hũa sua jrmãa segundo conta Mestre Pedro / Empero diz Mestre Gondoffre na 9 parte do liuro Pantean / que ja amte do outro nome lhe chamarom Nadabet / E que este foy ho primeyro que ouue logo de seu fundamento / E chegando assy ho Nylo a esta ylha faz sua carreyra contra ho Septentrion / e dalli torna ao Meo Dia / E por rezam do referimento que alli faz sae da madre em certos tempos do anno onde rega todollos campos do Egypto / Mas Plinio conta per outra guisa que diz que as fontes donde naçe este ryo nom ha hy homem que as saiba enteyramente / E diz que anda muy longa terra por desertos e per terras tam quentes que se açenderiam / se por elle nom fosse / E que muytos trabalharom por o saber ho lugar çerto onde naçe / Mas ho que delle mais precalçou que foy elrey Juba ho qual leixou em seus escriptos que achara que ho ryo de Nylo naçe em hũu monte e em terra de Mauritania a mais baixa em fundo de Affrica no Occidente nom muy longe do grande mar / ho qual naçe de hũa fonte onde logo faz hũu grande //

autores que falam do Nylo

Nylo donde sae

Mosille Emporio

Meroe insula et ci[dade]

Saba

Fol. 244/29

Saba ci[dade] ethiopie

Cambises

Nadabeth insula Meroen vel Saba

Nylo fl'

Plinio do Nylo e seu naçimento

Juba

Nylo onde naçe em os montes

Fol. 244/29 v.º

Nulidam lago

cocadrizes cocodrillos

Cesarea ci[dade] Mauritanie

A fonte do Nylo creçe e mjngoa

esconde se o Nylo

sae o Nylo

conjecturam pella sua cria-çam que seja todo hũa agoa

esconde o Nylo outra uez 20 jornadas

Fol. 245/30

estanco que se chama Nulidam / no qual se criam hũus peixes que ham nome os hũus allaltetes e outros coracinos e outros silloros E tambem dizem que ally naçem os cocadrizes onde se conta que os da cidade Cesarea que he naquella mesma terra de Mauritania tomarom hũa cocadriz e que ha poserom em hũu seu templo a que diziam esto E que per muytos annos esteue alli em testimunho que auia em aquelle estanco as ditas cocadrizes E tanto que foy achado per homens daquella terra que o esguardarom e acharom por cousa prouada que pella guisa que neua e choue em terra de Mauritania onde esta aquella fonte / que per essa mesma guisa crece ou mjngoa ho Nylo E que des que sae dally e que chegua aa terra das areas nom quer correr per cima dellas / nem pellos lugares desertos e maos mas que se sume alli e que assy vay escondido ja quantas jornadas / que despois que chegua a outra Mauritania do Cesarea que nom he terra areosa sae sobre a terra E que alli faz outro lago no qual se criam aquellos mesmas (*sic*) animalias e cousas que se criam no outro E por tanto creem os outros que toda aquella agoa he do Nylo E que despois que sae dally e que chegua aas outras areas que som aalem de Mauritania contra Ethiopia que se esconde outra vez E que vay assy escondido per espaço de 20 jornadas ata que he dentro em terra de Ethiopia que sae de todo sobre a terra mostrando que sae de hũa fonte // tal como a outra de Mauritania que se chama Nigris onde se criam esso mesmo aquellas animalias e cousas que ja dissemos E dali auante corre sempre sobre a terra sem se mais esconder E per amtre Affrica de Ethiopia / E faz grandes lagos de que se mantem os homens daquella terra / E per essa mesma guisa se acham alli todallas cousas que se criam nos outros lugares do dito ryo e do lugar donde começa a correr sobre a terra que se nom esconde mais ate onde se começa de partir chama se Nigris E he ja alli sua agoa muy grande E alli faz tres partes / que cada hũa dellas he ryo por sy /

Nigris fonte

Nigris

Nylo tres braços

Nylo que va a Ethiopia primeiro

Dos quaes tres ryos hũu delles entra per Ethiopia e parte a pello meo E este chamam Astapo que quer dizer segundo a lingoagem daquella terra tanto como agoa que corre de treeuas E este ryo rega muytas ylhas que sam tam grandes que por aqui elle menos entra nom a podem passar em cinco dias como quer que em seu cosso corra muy rijo / mas a mais nobre daquesta he aquella que se chama Meroe que ja nomeamos em cima / Ao outro braço daquelles tres chamam lhe Ascabores / ho qual em sua lingoagem quer tanto dizer como ramo de agoa que vem de scoridade E este corre aa seestra parte / Ho terceyro destes tres ha nome Escusapas que quer dizer tanto // como augoa do lago E este vay aa sestra parte E estas agoas emquanto vam assy departidas chamam se per estes nomes que auemos dito E des que se ajuntam todos em hũu ham ou ho nomeam Nylo e nom amtes pero sejam todos hũa agoa E des que parte das ylhas e inçarra se em hũas montanhas mas em nenhũa parte nom leua tamanha yra nem corre tam apressado ata que vem a hũu lugar de Ethiopia que se chama Catadupia E dalli adiante jazem debaixo da madre per onde elle vay hũas penas([128]) muy grandes e montes E duram longa terra as quaes ho quebrantam em seu correr E vay ferindo per aquellas pedras E fazendo muy grande arroydo tanto que dizem os sabedores que a duas legoas dalli nom ousa morar nenhũa molher prenhe porque o espanto de seu arroydo lhes faz logo mouer as criaturas que trazem E sayndo daquelles peneçaes (*sic*)([128]) he je a força das agoas quebrada e o ryo fica assy como cansado / pello qual vay augoa muy mansa E des que emtra pellos chãos do Egypto parte hy ja quantas ylhas que ham outros nomes que nom soyam de auer E despois vay direitamente ao mar pero amte faz muytos lagos e muytas

Meroe insula

2 braços

Ascabores fl'

3.º braço

Escusapas fl'

Fol. 245/30 v.º

juntando se os tres braços se chama Nylo

Catadupia ci[dade] passa per montes

que em 2 legoas derrador nom moram molheres prenhes

do Egypto

([128]) «penhas» e «penhascais».

lagoas com que regam todollos chãaos do Egypto E despois entra hũa parte delle no mar Mediterraneo acerca da cidade de Damiata //

Fol. 246/31

¶ Do poderio do Nylo segundo os astronomos e do seu crecimento Capitulo 33

[Q]ual seria aquelle que podesse departir tammanha contenda como ha amtre os sabedores acerca do naçimento e poderio deste ryo / Ca Alexandre que foy o mais poderoso dos reys a quem a prouincia de Memphis do Egypto oraua ouue enueja do Nylo porque nom pode saber o fecto do nacimento delle seendo senhor do mundo E nom soomente foy esta cobijça em elle mais ajnda nos reys do Egypto e nos de Persia e nos de Macedonia e nos de Grecia / Mas nos descreueremos aqui hũu pouco de seu curso segundo os astronomos / onde disseram Que Mercurio he raiz de aluidro([129]) sobre as agoas / e que este ha poder sobre ellas E que quando elle he em a parte do çeeo omde estam as estrellas do signo de Leon / se ajuntam aas estrellas do signo do Cancro / ou aa estrella Sirio —a saber— aquella a que chamam Canicola donde sam chamados os dias canicolares / lança os fogos sanhudos pella boca E muda se alli o cerco do anno em que se muda outrosy o tempo que sae estonçe estio e emtra o outono / Outrosi quando som os sygnos de Capricornio e de Cancro sob quem esta a boca do Nylo escondida chegando a este lugar destes sygnos aa estrella do Mercurio que he senhor das agoas / fere // nas bocas —a saber— naquelles lugares per onde mana ho Nylo / estando debaixo ho fogo de sua estrella / E estonçes abre ho Nylo a sua fonte e mana E como creçe ho mar em os creçimentos da Lũa / assy saae o Nylo como se lho mandasse Mercurio e crecendo cobre as terras / donde ho Egypto ha todo seu principal mantijmento e nom tolhe as

Alexandre

Memphis ci[dade]

onde sae ho Nylo Mercurio

Cancer

dias caniculares

Capricornio

Mercurio

Fol. 246/31 v.º

creçe e mingoa a fonte do Nylo

([129]) «alvedrio».

no equinocio tolhe ho crecer

agoas nem as torna aa madre ata que a noyte nom aja as horas ygoaes do dia //

outra razom do crecimento do Nylo

Forom porem algũus que disserom que o creçimento deste ryo principalmente era por rezam das neues de Ethiopia mas esto achamos que nom he assy / Ca nom he Septentriam em aquelles montes de Ethiopia / nem nenhũa das visas do eyxo e Çinosura / nem a maior nem a menor que sfriem e façam as neues e as geadas / nem ho vento / Nem este nom he ho que traz consigo a geada nem outrosi ho vento nordeste nom he ally / E desto he bem certa testimunha ho color mesmo daquelle pouoo de Ethiopia / cujo sangue he queymada da grande queentura do sol que ha alli ho poder de todo seu feruor / e a baffos do abrego que amtre os ventos he mais queente / donde ham os homens daquella terra ho color muy negro quanto mais·que toda cabeça de ryo qualquer que seja que por razam da geada ou neue que se a elle socorra //

Fol. 247/32

aja crecimento / Nunca creçe senom despois da entrada do Verão / que emtom se começam a derreter as neues ou geadas por rezam das quenturas / mas ho Nylo nom alleuanta tam altas as suas agoas nem creçem em elle amte do nacimento daquella estrella Canis / Nem chegua a sua agoa aas ribeyras atee que ho dia seja ygoal da noyte E esto he no mes de Setembro quando ho Sol entra no signo da Libra / No que bem pareçeo que no Nylo nom ha hy ley das outras agoas / Mas quando vay ho ceeo destemperado em meyo dos grandes feruores do sol / Emtonçes sae ho Nylo com seu creçimento / E esto he sob a çinta do meyo dia que arde tanto que queyma E esto se faz porque ho fogo do eyxo do firmamento por rezam do seu encendimento nom açenda as terras e as queyme E assy o Nylo como socorro do mundo porque quando se acende a boca do Lyam e queyma o Cancro aa sua cidade Syem do Egypto / Emtonce creçe este ryo contra as bocas delles ambos pera temperar ho seu fogo / A qual cousa he em estrema necessidade aas gentes E assi teem suas agoas sobre a terra nom

ryo nom crece se nom a entrada do verão e o Nylo faz o contrayro

Libra

no tempo de grande calma sae ho Nylo

Syem no Egypto

as tornando aa madre atee que ho sol nom venha ao tempo do outono e se abaixe / e crecem as sombras //
Fol. 247/32 v.º em a cidade Meroe / onde as aruores nom fazem sombra nenhũa do estio / tam direyto passa o sol sobre os corpos das cousas /
Meroe cidade sol em senith no estio

¶ De como as carauelas partirom do ryo e da viagem que fizerom Capitolo 34

Cabo Verde [P]artirom as carauellas dhy e forom camjnho do Cabo Verde / onde ja outro anno fora Denis Diaz e chega-
Denis Dias ram a elle todas afora hũa que foy de Rodriguiannes de Trauaços E seendo as çinco em direito do Cabo
ylha em fronte de Cabo Verde virom hũa ylha na qual sayrom por ver se era pouorada / e acharom que era herma porem acharom hy
cabras grande multidam de cabras / de que tomarom algũas pera seu refresco / e nom auia em elles (*sic*) differença das desta terra soomente nas orelhas que tem de mor grandeza / E tomarom agoa e seguirom mais auante /
outra ylha em que acharom as armas do Jffante nas aruores atee que chegarom a outra ylha / na qual acharom pelles frescas de cabras e outras cousas em que conheçerom que outras carauelas eram passadas por ally / e assy acharom nas aruores entalhadas as armas do Jffante / E souberom despois que a carauella de
Joham Gonçaluez Zarco capitam da ylha de Madeyra fora aquella que foy adiante / E porque em terra eram tantos daquelles guyneus que per nenhũu modo podiam sayr fora de dia nem de noyte / quis Gomez
Fol. 248/33 Piriz mostrar que querria sayr amtre // elles per bem E pos na terra hũu bolo e hũu espelho e hũa folha
poserom em terra bolo / espelho e folha de papel de papel / na qual debuxou hũa cruz E elles quando vierom e acharom assy aquellas cousas britauam ho bolo e lançarom no a longe E com as azagaias tirauam ao espelho ate que o quebrarom em pedaços e romperom ho papel mostrando que de nenhũa destas cousas nom curauam / pois assy he disse Gomez Piriz contra os beesteyros tyrae lhe aas bestas se quer que
Joham Gonçaluez Zarco

conheçam que somos gente que lhe podemos fazer dano / mas os guyneus veendo a tençam dos outros comecauam lhes de enuiar o retorno de frechas e azagayas e suas frechas e azagayas cheas de peçonha / Em aquella ylha em que as armas do Jffante estauam entalhadas acharom aruores muyto grossas / amtre as quaes auia hũa que era no pee darredor cento e oyto palmos e nom teem o pee muyto alto se nom como a nugueyra E da sua amtrecasca fazem muy boom fiado pera cordoalha / e arde esso mesmo como linho ho seu fruyto he como cabaaças cujas piujdas sam como auellãas / o qual fruito comem em verde e as piuidas secam / algũas carauellas se tornarom a Portugal /

na ylha onde as armas acharom eram aruores derrador 108 palmos

dantrecasca fazem cordas

fruto cabaças

¶ De como Lançarote e Aluaro de Freitas filharom 12 mouros capitulo 35 //

Fol. 248/33 v.º

Tyder ylha

Tyra ponta

[L]ançarote com sua companha nom bem contentes da presa que leuauam segundo via de Tider e chegarom a ponta de Tyra onde se ajuntarom e falarom dizendo como sabiam aquella terra que era pouorada pella qual seria bem de ver se poderiam auer algũa presa / Sayrom em terra e acharom rastro de molheres e menjnos E hindo assy grande camjnho de terra virom hũus mouros em hũu baixo chegarom a elles e algũus que se trabalhauam de poer em deffesa logo forom mortos assy que nom ficarom viuos se nom doze que consigo trouuerom pera os naujos dhy chegarom

Arguym ylha

aa ylha de Erguym e tomarom agoa que lhes era necessaria onde repousarom aquella noyte / No outro dia virom hũa vela e chegou Vicente Diaz que se perdera da sua conserua e chamarom no a terra pera auerem seu conselho E ouuerom por bem de tornarem

Tyder yllha

aa ylha de Tyder onde chegarom ao sol posto e aquella noyte sayrom em seus batees e se meterom no braço que vay da parte da terra como quer que amtre da

Cerina(130) ylha terra esta outra ylha Çerina e forom a Tyder e nom achauam nada E forom auante tanto que ja o sol era saydo E Lançarote sayo da parte de Çerina e nom acharom nada e quiserom hir aa ponta de Tyder pera se recolher e Lançarote ouujo azurrar hũu asno / E elles soo se foy a hũus medõos de area pera ver / E vyo muytos mouros que corregiam seus asnos
Fol. 249/34 e apare-//lhauam suas fardagens pera se partir daly e tornou se Lançarote a dar nouas aos seus companheyros / E forom todos caladamente ata os medõos / e dhy começarom a bradar Santjago Sam Jorge Portugal e correrom sobre elles / os quaes começarom a fogir cada hũu per sua parte leixando molheres e filhos / ajnda que auia algũus que se ponham pera defensam os quaes logo eram despachados E forom ally presos 57 amtre homens e molheres e menjnos E assy se partirom estas tres carauellas pera ho regno /

presos 57 mouros

¶ Como se ajuntarom çinco carauellas pera tornarem ao regno e do que amte fizerom Capitulo 36

[F]orom se ajuntar a carauella de Rodrigo e Anes com a de Denjs Diaz / Em a qual companhia era ho honrrado caualleyro Soeyro da Costa / o qual falou com os outros quatro capitães vezinhos de Lagos todos dizendo que pouca cousa seria pera elles de se tornarem com tam pequena presa / e cheguemos ao braço do mar que he no Cabo Branco pera ver onde chegua / e se va longe nom pode ser que nom aja hy pouoraçam / E nauegado contra la chegarom ao dito ryo no qual entrarom hũa peça ancorarom seus naujos e sayrom em seus batees pera buscar ho fim delle

Cabo Branco

(130) *Riscado*: «Tyder» e por cima «Cerina».

ho qual acharom a cabo de quatro legoas E sayrom
Fol. 249/34 v.º em terra onde virom casas // sobre as quaes forom onde filharom oyto mouros E dhy forom aa ylha de Tyder querendo Sueyro de Costa resgatar hũa moura
Tyder ylha e mandou areffeens fora ao piloto e hũu judeo que trazia consigo / a moura lançou se no mar e escapou pello qual os mouros nom quiserom leyxar as arreffeens ata que lhes ouue de dar tres mouros por elles E dhy se tornarom pera ho regno /

ℂ De como a carauella de Aluaro Gonçaluez de Atayde e a de Picanço e outra de Tauilla fizerom conserua e dos canareos que filharom Capitulo 37

[E]stas outras carauellas quando em Guynee se apartarom da frota hindo sua rota pera o regno se toparom com a carauella de Aluaro Gonçaluez de Atayde preguntando lhe onde hya / e disse que seguia a rota de Guynee / disserom lhe que faria bem de hyr com elles aa ylha de Palma pera tomar algũus canarios / E
Gomeyra ylha forom todos juntos aa ylha da Gomeyra / e ouuerom seguro dos canareos pera sayrem em terra / chega-
dous capitães canareos rom ahy dous capitães daquella ylha dizendo que esteuerom em a casa delrey de Castella e delrey de Portugal e que nunca acharom tanto agasalhado como na casa do Jffante dom Anrrique vestindo os e mandando os em seus naujos pera sua terra pello qual
Fol. 250/35 estauam a seu serujço // pois disserom os outros das carauelas E nos seus criados e seruidores somos e por seu mandado partimos da nossa terra / Onde se vos tal voontade tendes em tempo sooes que o podes bem mostrar / ca nos queremos hyr aa ylha da Palma pera filharmos algũus catjuos na qual bem nos com- Palma ylha
pria vossa ajuda querendo enuiar connosco algũus vossos subditos pera nos ajudarem e encamjnharem /

Bruco auia nome hũu daquestes capitães / e ho outro Piste / os quaes juntamente responderom que lhe prazia de trabalhar sobre qualquer cousa que serujço fosse do dito Senhor Jffante dom Anrrique / E disse ho Piste / ho desejo que eu tenho de ho seruir Eu quero hir convosco e leuarey comigo tantos canareos quantos vos quiserdes / E logo fez meter nos naujos quantos os capitães quiserom receber / donde trigosamente fizerom vela guyando viagem da ylha da Palma onde ao outro dia chegarom / E logo forom postos na praya assy os portugueses como os canareos / e os da terra fogirom / forom se os nossos pera as ouelhas, carneyros / e os canarios que aguardauam as ouelhas os leuarom a hũu valle muy fragoso Em fim lhes foy forçado de deixar o gaado e se lançarom aos penedos pellos quaes cayo hũu christãos e muytos canareos e assy se defendiam com pedradas / E grauemente podem per outrem ser feridos / porque assi sabem furtar seus corpos dos golpes / especialmente de // cousa remessada / Trazem outras armas bem concordantes ao seu bestial viuer —a saber— hũas lanças compridas com cornos agudos nas pontas por ferros e outros semelhantes / foy a presa daquelle dia de canareos 17 amtre homens e molheres E forom tam seguidos dos canareos que a mor parte lhes foy necessario de leixar do gaado pera se recolherem aos naujos // E seendo ja todos em seus naujos / leuantarom as velas tornando se pera outra ylha donde amte partirom / E porque ouuerom asaz ajuda daquelles primeyros canareos que leuauam consigo agradecerom muyto aaquelle capitam em nome do Jffante seu Senhor ho trabalho que filhara por seu seruiço etc. E despois veo a este regno aquelle capitam Piste com outros e ouuerom mercees e gasalhado do Jffante ata morte / E se leuantarom com os que ficarom e forom a outro porto onde aa bõa ffe recolherom outros com que se forom que eram 21 Sabemdo ysso ho Jffante foy muy anojado e

Bruco Piste capitães

Piste foy com os christãos

Palma ylha

pelejarom com canareos

Fol. 250/35 v.º armas dos canareos

Piste veo a Portugal

mandou logo que os tornassem pera sua terra e os mandou vestir muy honrradamente a todos

¶ De como Tristam da Ylha foy contra ho Cabo Branco Capitulo 38

Tristam foy capitam da ylha de Madeyra

[T]ristam que foy hũu dos capitães da ylha de Madeyra foy pera hir em companhia das outras e nunca pode chegar a Guynee ca sempre teue vento contrayro ata se tornar a sua ylha E assy mesmo aconteçeo a Aluaro de Ornellas escudeyro com outra carauella //

Fol. 251/36

¶ Como Denis Djas e Palenço tomarom seys mouros Capitulo 39

1448

[D]ynis Diaz como dissemos armou hũa carauella de dom Aluaro de Crasto tomando de companhia com Palenço que leuaua hũa fusta / chegarom a Arguym onde tomarom agoa / E dhy chegarom a ponta de Sancta Anna quiserom lançar homens a terra / e pello mar andar tam grosso nom poderom proar nem com batel lançar a terra / Despirom se xij e forom a nado em terra E prenderom oyto mouros e hũa moura / a moura nom quis hir por mal nem por bem assy que lhes foy necessario de a leixar atada no chão pera outro dia virem por ella E com ysso lhe fogirom outros dous sem jamais os poderem alcançar / a fusta se abrio / a qual desfizerom e a gente se recolheo aa carauella /

Ponta de Sancta Anna

fusta se abrio

¶ Das cousas que acontecerom a Rodrigo e Anes de Trauaços e a Denis Djas capitulo 40

[A] companhia destes dous foy despois do alargamento da fusta / e chegarom ao cabo Verde onde forom aas ylhas e tomarom agoa / E começarom de tentar

Cabo Verde

os guyneos / e acharom nos tam apercebidos e tam valente deffesa que nom ousarom de chegar a terra / porem de noyte sayo e achou as pouorações tammanhas que se nom atreuerom dar sobre ellas //
Fol. 251/36 v.º buffaros
Em a dita ylha virom buffaros amtre as vacas ho que lhes pareçia cousa noua E sayrom em terra 20 homens dos quaes 20 tornarom seis aos batees e ficaram 14 / os mouros que apanhauam a lenha da fusta se poserom em duas cilladas / forom os christãos e acharom a primeyra cillada em que eram 40 mouros e ouuerom grande peleja / e os mouros trabalharom pera fugir porem sempre esperauam socorro da segunda çellada / porem sayrom 25 mouros E pelejando assy muytos dos mouros forom feridos e em fim comecarom a fogir / assy os nossos se recolherom aos naujos E fizerom volta camjnho do regno E em
Cabo de Tyra
chegando ao cabo de Tyra e forom 50 a terra E virom mouros que lhes fogirom e em tornando se pera os naujos toparom hũu mouro ho qual leuarom consigo //

¶ De como a carauella de Joham Zarco chegou aa terra dos negros capitulo 41

Este Joham Gon-çaluez Zarco foy despois capitam da ylha de Madeyra na parte do Funchal

Este Aluaro Fernandez foy o que descobrio[131] ho rio Çanaga ja descuberto

Fol. 252/37

[A]queste Joham Gonçaluez era nobre em todollos feitos E quis que o mundo conhecesse que elle soomente por seruir seu senhor se desponha de mandar fazer aquella viagem armando hũa bõa carauella / da qual fez capitam hũu seu sobrinho que ho Jffante criara em sua camara que se chamaua Aluaro Fernandez mandando lhe que nom teuesse o respeito em outro ganho se nom em veer e saber qualquer cousa noua que podesse E fosse direito a Guynee E que de hy pera auante acres-//centasse em sua viagem todo o que mais podesse trabalhando se de

esta foy em conserva das 14 (?) carauellas

1448

(131) *Riscado*: «o que descobrio».

vĩjr ao Jffante seu senhor com algũa noujdade / Assy forom nauegando ata que chegarom ao ryo Nylo do qual seendo em conhecimento pellos synaes que ja disse / filharom duas pipas de agoa das quaes hũa trouuerom a Lixboa / daqui forom auante ata que passarom ho Cabo Verde / alem do qual virom hũa ylha onde sayrom e acharom cabras mansas sem nenhũa gente E tomarom dellas pera seu refresco segundo ja dissemos onde acharom a palmeyra em que forom as armas do Jffante emtalhadas / E alem do cabo lancarom ancora / E logo virom duas almadias a elles das quaes entrarom cinco guyneus e ho capitam lhes mandou fazer gasalhado E tornarom se a terra estes guyneus / e armarom logo seis barcos com 40 homens pera tomarem a carauella / fez Aluaro Fernandez lançar o batel fora da outra banda com 8 homens pera tomar hũa barca que mais atreuidamente chegaua ao naujo em que eram çinco guyneus / os quaes vendo se em pressa se lançarom todos a nado e as outras barcas fogirom aa terra / e filharom hũu ho qual nom poderom meter no batel ata que lhe lançarom hũu bicheyro com que ho ferrarom per cima de hũu olho asy ho meterom / E partirom daly e chegarom a hũu cabo onde auia muytas palmeyras secas sem rama E poserom nome aaquelle cabo ho Cabo dos Mastos //

Nilo fl'

Cabo Verde

ylha / cabras

almadias

negros quiserom tomar a carauella

Cabo dos Mastos foy primeyro descoberto

Fol. 252/37 v.º E hindo assy auante vyrom quatro guyneus asentados com seus arcos e frechas que hiam a caça E foy o batel fora com 7 homens pera os tomar e fogirom lhes porem tomarom lhes as frechas e coldros e muyta carne de porco montes que tinham morto e assy outra carne da qual algũa tinham assada / E dy fizerom sua rota pera a ylha de Madeyra e pera Lixboa /

¶ De como ho autor fala na maneyra daquella terra Capitulo 42

[Q]uanto louuor mereçe o nosso Principe por trazer tam grandes duujdas amte os olhos pera as conheçerem que assy nom forom ¶ Porque os antijgos disserom que era empossiuel de passar ho Cabo do Bojador pellas grandes correntes ho que ja vemos ho contrairo /

Cabo Bojador se nom poderia passar

¶ Deziam ajnda que as terras eram areosas e sem algũa pouoraçam / E bem he quanto aas areas nom se emganarom de todo / mas nom em tamanho grao que nom aja hy pouoraçam Porque cada dia vedes homens e molheres de la trazer / ajnda que as suas pouorações a maior parte som aldeas e villas muy poucas / que des ho cabo do Bojador ata ho regno de Tunez nom serom per todos antre villas e lugares e fortalezas ata 50 /

a terra que he areosa e despouorada

50 lugares des ho Bojador ata Tunez

¶ Enganarom se ajnda na profundeza do mar que tinham em suas cartas que eram bayas tam baixas que a hũa legoa da terra nom auia mais que hũa braça de agoa / ho que se achou pello contrayro // que os naujos teuerom e tem assaz de altura pera seu nauegar / tirando certos baixos e rastingas que achares nas cartas de marear /

que auia baixos grandes

Fol. 253/38

¶ Na terra dos negros nom ha outro lugar cercado se nom a que elles chamam Oadem / nem pouoraçam se nom algũas que estam aa beyra do mar / casas de palha / as quaes forom despouoradas per os que la forom nos naujos desta terra / Bem he que toda a terra geeralmente he pouorada / mas sua vida nom he se nom em tendas e alquitões / como nos trazemos quando os nossos principes andam em hoste do qual Joham Fernandez deu testimunho /

nom ha outro lugar cercado que Oudem ci[dade] casas de palha

andam em tendas

¶ Gram parte do seu principal estudo e trabalho esta na guarda de seus gaados —a saber— vacas e carneyros cabras e camelos E quasi cada dia mudam seus arraeaaes (*sic*) / que ho mais que podem assessegar em hũu lugar seram oyto dias E algũus daquelles prin-

viuem dos gaados

cipaes trazem egoas mansas de que ham cauallos empero muy poucos / egoas mansas

℔ Sua vianda pella maior parte he leyte e algũas vezes poucas carnes e sementes de eruas brauas que colhem per aquelles montes Algũu pouco de trigo quando ho podem auer diz que o comem em grão como nos os confeytos E muytos meses do anno / elles nem seus cauallos nem cãaes nom se mantem doutra cousa // se nom de beber leite E os que moram a beyra do mar nom comem al se nom pescado todos geeralmente sem pam nem outra cousa saluo agoa que bebem E as mais das vezes comem este pescado cruu e secco / do que comem

Fol. 253/38 v.º

bebem leyte

pescado cruu

vestidos dos homens ℔ E as almexias que trazem som almeixias de coyro e assy bragas delle / porem algũus honrrados tem alquicees / E algũus espeçiaes que quasi som sobre todollos outros trazem vestidos boons assi como os outros mouros e boons cauallos e bõas sellas e boons estribos mas estes muy poucos /

das molheres ℔ As molheres vestem alquicees que sam assi como mantos / com os quaes soomente cobrem os rostros / e per alli entendem que acabam de cobrir toda sua vergonha / que os corpos trazem todos nuus / pello qual se conheçe a sua bestialidade / porque se razam amtre elles ouuesse seguiriam a naturaleza cobrindo aquellas partes que ham de ser cobertas / porque a naturaleza pos em tal lugar çerco de cabellos mostrando que ho querria esconder / E as molheres daquelles honrrados trazem vmcos (*sic*)([132]) e argollas de ouro e assy outras joyas /

cobrem o rosto e cuu desnuu

anilhas de oro

℔ Das cousas que aconteçerom a Joham Fernandez e do que vio naquella terra Capitulo 43

[P]or darmos ajuda ao conhecimento destas cousas digamos ho que aconteceo a Joham Fernandez nos sete

([132]) Na «Crónica...», p. 234, «brincos» e Nota 7: «vincos no original».

meses que em ella andou por seruiço do Jffante como ja ouuistes //

Fol. 254/39

Joham Fernandez o que vio em sete meses amtre os alarbes

Antam Gonçaluez

Ho qual ficando alli em poder dos parentes daquelle mouro que a esta terra trouue Antam Gonçaluez / foy per elles leuado com seus vestidos e biscoyto e algũu trigo que lhe ficara e tambem suas roupas de vestir / as quaes cousas lhe forom todas tomadas contra sua voontade E soomente lhe foy dado hũu alquiçee como cada hũu dos outros mouros traziam E aquelles com que assy ficou eram ouelheyros e forom se pera a terra com suas ouelhas e elle com elles ❡ E disse que esta terra he toda areosa sem algũa herua soomente pellas vageens (133) ou baixios que tem algũa herua de que os gaados ham seu fraco gouerno / Tem porem outeyros e serras todas de area E dura esta terra des Tagaoz ata terra dos negros e vay çarrar com ho mar Mediterraneo no cabo do regno de Tunez a Moudebarque E dally vay toda a terra tal como esta de que tenho dito / des o mar Mediterraneo atee os negros e ate Alexandria / A qual he toda pouorada de gente de pastores della mais della menos segundo tem o pasto pera os gaados / Nem ha nella aruores senom pequenas assy como figueyras do jnferno / ou espinheyros E em algũus lugares ha hy palmeyras / E todallas agoas som de poços sem nenhũus rios correntes se nom em muy poucos lu-//gares / E anchura desta terra sam 300 legoas E em longura mil que se nom mete em ellas outros lugares nobres se nom Alexandria e Cayro /

terra toda areosa tem pouca herua

serras de area

Tragaoz prouincia

Tunez ci[dade]

Moudebarque

Mediterraneo mar

terra de negros

Alexandria

nom tem aruores

figueyras do jnferno

nom ha hy ryos correntes

longura de terra arenta

pouoada de pastores

Fol. 254/39 v.º

terra arenta em largo 300 legoas tem em longo mil

(133) Certamente: «várzeas».

a lingoa e letra sobresy

¶ A letra com que escreuem nem a lingoagem com que falam nom he tal como a dos outros mouros amte doutra guisa Empero todos sam da seyta de Maffomede / e sam chamados alarues e azenegues e barbaros

todos maffometanos

em tendas

E todos andam em tendas com seus gaados onde lhes praz sem algũa regra nem senhorio nem justiça / soomente cada hũu anda como quer e faz o que lhe praz naquello que pode / Estes guerream com os negros

Fazem guerra com negros e furtam nos e vendem nos

mais per furto que por força porque nom tem tammanho poder / E veem a sua terra algũus mouros / e vendem lhe aquelles negros que assy ham per furto

Moudebar ci-[dade]

ou os leuam a elles a vender a Moudebar (*sic*) que he alem do regno de Tunez aos mercadores christãos que alli vam / e dam nos por trouco de(134) pam e doutras algũas cousas como agora fazem no Ryo do Ouro /

¶ Em toda a terra de Affrica que he des Egypto ate o poente os mouros nom tem mais regnos que ho regno de Fez / No qual jaz o de Marrocos e de Tafillete e ho regno de Tunez / em que he ho de Tremeçem e de Bogia / E toda a outra terra possuem estes alarues e azenegues que sam pastores de cauallo e de pee e que andam sobre os campos como se disse /

Fez
Marrocos
Taffilete
Tremecem
Tunez
Bogia

¶ Tornando ao Joham Fernandez que se foy com aquelles ouelheyros por aquellas areas disse muytas vezes nom era farto de leite / Açertou se hũu dia que passando por ahy dous de cauallo que hiam per onde andaua aquelle Ahude Meimam de // que ja em cima falamos / os quaes disserom ao dito Joham Fernandez se querria hir com elles pera aquelle mouro onde elle andaua / e disse que sy / poserom no em cima de hũu camelo E hiam seu camjnho E tanto andarom que lhes mjngou agoa que leuauam pello qual tres djas que nunca beberom / E diz que nom conheçem a parte onde a gente anda se nom leuando ho olho no çeeo / e onde vem andar coruos e husos francos alli entendem que a gente he // Ca em toda aquella terra nom ha camjnho çerto se nom os da beyra do mar / E disse

Ahude mouro
Fol. 255/40

tres djas nom beberom

pellos coruos conhecem a pouoraçam

nos desertos se regem pello çeo os que andam

(134) *Riscado*: «panos».

mais que aquelles mouros com que elle hia nom seguiam se nom pellos ventos segundo fazem no mar e per aquellas aues que ja dissemos / E chegarom onde andaua aquelle Ahude Meimam com seus filhos e com outros que poderiam ser per todos ate 150 homens E ho mouro lhe fez boom gasalhado / E disse que as calmas daquella terra som muy grandes e assy ho poo das areas / e a gente de pee muyta e poucos de cauallo / porque os demais que nom sam pera andar de pee andam em camellos dos quaes algũus som brancos e assy de outras coores que andam no dia 50 legoas e ha delles em grande abastança especialmente dos brancos / Ha hy muytos gaados como quer que os pastos sejam tam poucos E diz que tem catjuos negros / e os honrrados abasto de ouro / Ca trazem daquella terra muytas emas e antas e gazellas e muytas perdizes e muytas lebres E que as andorinhas que da ca partem no verão vam alli enuernar e assy fazem os outros passaros pequenos mas as çegonhas se passam aa terra dos negros //

Ahude Meimam

calmas

gente de pee muyta de cauallo pouca andam em camelos camelo anda por dia 50 legoas ha nas areas emas antas gazellas lebres perdizes

andorinhas vam la no enverno

cegonha va a terra dos negros

Fol. 255/40 v.º

Das legoas que estas carauellas do Jffante forom aalem do cabo e outras cousas Capitulo 44

[E]ra opiniom de muytas gentes que as emas ou auestruzes nom chocauam os ouos mas que como assy puynham na area que assi os leixauam / ho que foy achado muyto pello contrayro / que ellas poem 20 e 30 ouos e os chocam segundo as outras aues / Ho proueito da terra pera mercadoria he muytos negros que furtam e ouro que ham da terra daquelles e coyrama e lãa e manteyga e queyjos e tamaras em grande abastança que ham de fora / e ambar e algalea / e anjme / e azeite / e pelles dos lobos marinhos de que ha muytos no ryo de Ouro / E foy achado que ata esta era de 1446 annos de Christo forom

auestruzes chocam seus ouos

mercadoria

1446

forom alem do Cabo Bojador 450 legoas

aaquellas partes 51 carauellas E forom estas carauellas alem do cabo do Bojador 450 legoas E acha se que aquella costa toda vay ao sul com muytas pontas etc. /

¶ Das ylhas de Canarea e de sua maneyra de viuer Capitulo 45

[E] porque nos capitulos passados dissemos que nauios forom aas Canarias a tomar presa quero agora mostrar quantas som aquestas ylhas e de que pouoraçam etc. No tempo que regnaua em Castela elrey dom Anrrique filho delrey dom Joham o primeyro que foy vençido na batalha de Aljubarrota / hũu fidalgo de França que se chamaua Mossem Joham de Betancor / Seendo homem nobre e catholico soube como estas ylhas eram de jnfiees se partio de sua terra com intençam de as conquistar // E vijndo em Castella ouue naujos e mais gente da que trazia E foy sobre ellas onde ouue asaz trabalho em sua conquista Empero aa fim sojugou as tres / E as quatro ficarom por conquistar / E porque Mossem Joham gastara ja seus mantijmentos e dinheyro / foy lhe necessario de se tornar pera sua terra com entençam de vĩjr outra vez pera acabar de as conquistar todas / leixando em aquellas tres por capitam hũu seu sobrinho que se chamaua Misser Maçioth / mas Mossem Joham tanto que foy em França nom tornou a esta terra porque enfermara / pello qual o dito Misser Maçioth ficou alli ao depois per tempos ate que se foy pera ylha de Madeyra / E a pouoraçam destas tres ylhas aa feitura deste liuro sam —a saber— Na ylha de Lançarote morauam 60 homens E na de Forte Ventura 80 homens E na outra que se chama do Ferro 12 homens todos christãos Ca estas som que forom conquistadas pello dito senhor de França / Mas ha hy outra ylha que se chama da Gomeyra / a qual se trabalhou de conquistar Misser Maçioth com algũus castellanos

No tempo delrey dom Anrique de Castella

Fol. 256/41

Mossem Johamn de Betancor frances veo a conquistar as Canareas e veo a Castella

Lançarote insula

sojugou tres ylhas

tornou a França por mais dinheyro

leixou a Mossem Maçioth

pouorações
1 Lançarote 60
2 Forte Ventura 80
3 do Ferro 12

4 Gomeira 700

e nom poderom acabar / Esta sera de pouoraçam de 700 homens amtre os quaes auera muy poucos christãos Na outra ylha de Palma moram 600 homens / E na sexta ylha que he Tanariffe ou do Jnferno 600 homens de peleja E chamam na Jnferno porque tem em çima hũu algar per que sae sempre fogo //

5 Palma 600
6 Tanariffe ou Enferno 600

Fol. 256/41 v.º

De Gram Canaria ylha

Grã Canaria 5000 em cerco 36 legoas

A septima ylha chamam a Gram Canarea / em que auera 5000 homens de peleja / De todas estas ylhas he esta a maior que tera em derrador 36 legoas / Os moradores desta ylha sam da deuaçam emtendidos empero som de pouca lealdade E conheçem que ha hy Deus / do qual aquelles que bem fizerem aueram bem E os contrairos aueram mal E tem antre si dous que nomeam por reys / e hũu duque / porem todo ho regimento da ylha he em certos caualheyros (*sic*) os quaes nom ham de mjngoar de 190 / nem chegar a 200 E despois que morrem cinco ou seys ajuntam se os outros canareos e escolhem outros tantos daquelles que sam outros filhos de caualleyros / e porque outros nom ham de escolher E aquelles poem no lugar dos que fallecem em guisa que sempre o conto seja comprido E algũus dizem que estes sam de mais fidalgos que se sabem / porque sempre forom de linhagem de caualleyros sem mestura de villãos / E estes caualleyros sabem sua creença de que os outros nom sabem nada / Se nom dizem que creem naquello que creem seus caualleyros / E todallas moças virgeens ham elles de corromper / E despois que algũu dos caualleyros dorme com a moça emtam a pode casar seu padre / ou elle com quem lhe prouuer / mas amte que com ellas dormam com leite as engordam tanto que o coyro della scarregoa como fazem os figos / porque a magra nom tem por tam boa como a gorda / porque diz que se alargo ho ventre pera fazer grandes filhos / E despois que assi he gorda amostram na nua aaquelles caualleyros / E ho que

conheçem a Deus

dous reys hũu duque

190 caualleyros regem a res publica elegem estes caualleyros

os caualleyros sabem sua ffe

corrompem as virgens estes fidalgos

engordam as moças pera desvirgar

a quer corromper dis a seu pay que ja he assaz de
Fol. 257/42 gorda / E ho padre ou a madre a // fazem entrar
De Gram no mar algũus dias / e certo tempo cada dia / e tira
Canaria se lhe aquella sobeja gordura / E emtam leuam na
ao caualleyro / E ella corrompida traze a seu pay pera
sua casa / A peleja destes he com pedras sem outras
armas / se nom hũu pao curto pera dar com elle / armas
E sam bem ardidos e de forte peleja / porque a terra
he de muytas pedras E defendem bem a sua terra /
Todos andam nuus e soomente trazem hũa forcadura vestidos
de palmas de colores darredor por bragas que lhe
cobrem sua vergonha / e muytos sam que as nom
trazem //
Nom tem ouro / nem prata nem dinheyros nem joyas
nem outras cousas de artalharia se nom algũas cousas nenhũu metal
que fazem com as pedras de que se aproueytam em
lugar de cuytellos E assy fazem as casas em que
viuem / Qualquer ouro e prata e assy qualquer outro desprezam ouro
metal ham em desprezo / contando por sandiçe a qual- e prata
quer que ho deseja E comunalmente nom he amtre
elles algũu que seja fora da opiniam dos outros /
E panos de nenhũa feiçam lhe praz pouco nem nem querem
muyto / amte escarneçem de quem quer que os preza / pannos
como fazem do ouro e prata com todollas outras
cousas que ja disse soomente prezam muyto ho ferro prezam o ferro
ho qual corregem com aquellas pedras fazendo delle pera anzoos
anzollos pera pescar / E ham trigo e çeuada / mas trigo çeuada
fallece lhe ho engenho pera fazer pam / soomente e farinha
fazem farinha a qual comem com carne e com nom sabem
manteiga E teem muytos figos e sangue de dragam / fazer pam
e tamaras empero nom boas e heruas que comem seu comer
e tem ouelhas e cabras porcos abasto / As barbas suas barbas
nom fazem / se nom com pedras / Algũus delles se
Fol. 257/42 v.º chamam // christãos / E despois que la ho Jffante
De Grã mandou la a dom Fernando de Crasto com sua frota
Canaria em que leuaua dous mil e quinhentos homens e 120
o Jffante man- cauallos forom muytos delles christãos E por quanto
dou 2500 homens dom Fernando temeo de lhe faleçerem os mantij-
e 120 cauallos
ho anno 1424 mentos que leuaua leixarom de os conquistar de

todo / E despois quisera ho Jffante mandar la outra vez / e amtremeteo se elrey de Castela sobre ello dizendo que eram de sua conquista o que certamente nom he assy / por cujo azo ficou por acabar hũa cousa tam virtuosa como fora de aquella gente viuer na ley de Christo E foy la esta frota no anno de Christo de 1424 Os desta ylha ham por grande mal matar carne nem de ao esfollar / E por ysso se podem auer de fora algũu christão folgam muyto ser seu carniçeyro E quando nom podem auer tantos que lhe abastem naquelle mester / buscam dos piores que ha na ylha pera teer aquelle emcarrego / dos quaes nom curam nenhũas molheres nem os homens nom comem com elles que os ham por pyores do que nos auemos os gaffos Ho fogo açendem com os paos ca fregando hũu com ho outro nojosamente criam as madres os filhos pello qual a maior parte de sua criaçam daquellas criaturas he com as tetas das cabras //

rey de Castella defendeo a conquista

nam matam carne

carniçeyros som aujdos como algozes

Gomeyra

¶ Da ylha de Gomeyra Capitulo 46

armas Gomeira ylha Fol. 258/43

[A] peleja dos da ylha de Gomeyra he com varas pequenas assi como frechas agudas e tostadas em fogo E andam nuus sem // nenhũa cousa de que tem pequena vergonha / escarneçem dos vestidos dizendo que nom sam outra cousa se nom sacos em que se os homens metem Nom tem se nom pouca çeuada e carnes de porcos e cabras / de todo porem pouco / Seu comer geeralmente he leite e heruas como bestas e rayzes de juncos e poucas vezes carnes / Comem cousas torpes e çujas assy como ratos pulgas e pyolhos e carrapatos auendo todo por bõa vianda / Nom tem casas mas viuem em couas e choças / As molheres som açerca commuas E como algũu vay onde esta ho outro logo lhe da a molher por gasalhado / E contam por mal a quem o contrayro faz E porem os filhos nom herdam amtre elles / soomente os sobrinhos filhos de suas jrmãas A maior parte do

nenhũus vestidos

seu comer

comem ratos e piolhos

nom tem casas

as molheres som commuas

filhos nom herdam se nom sobrinhos

tempo despendem em cantar e baylar / porque todo seu viço he folga sem trabalho Em fornizio poem toda sua bemauenturança / Ca nom tem ensinança de ley soomente creem que ha hy Deus Seram 700 de peleja / os quaes tem hũu duque e certas cabeçeyras //

cantam e bailam

creem que ha Deus

700 de peleja

◖ Da ylha do Jnferno ou Tanariffe Capitulo 47

Tanariffe ylha do Jnferno

Tanariffe ylha // Tanariffe

Fol. 258/43 v.º

[M]elhoria deujda me pareçe que acho amtre aquelles moradores da ylha do Jnferno que sam abastados de trigo e ceuada e legumes com muytos porcos e ouelhas e cabras E andam vestidos de pelles / mas nom tem casas mas soomente choças e couas // em que passam sua vida / Assy colhem dentro suas naturas como fazem os cauallos / as quaes nom estendem se nom quando ham de fazer filhos ou verter agoa / E nom menos ham por mal amdar doutra guisa do que nos aqui auemos aaquelles que andam sem panos menores Sua peleja he com astas de amago de pinho fectas como grandes dardos muyto agudos torradas e secas E som oyto atee noue bandos / E em cada hũu tem rey / ho qual ham de trazer sempre consigo como quer que lhe a morte venha atee que o outro que depois daquelle soçede o senhorio se açerte de morrer / de guisa que sempre tragam hũu morto e outro viuo / E quando assy ho outro morre que sam dous mortos / que lhes he necessario leixar hũu segundo sua bestial ordenança leuam no a hũu lugar onde ho lançam / E aquelle que o leua ao pescoço diz ca se vaa aa saluaçam E estes som homens fortes e ardidos e tem molheres çertas e viuem mais como homens que algũus destes outros / pelejam hũus com os outros no que he todo principal seu cuydado E creem que ha hy Deus /

muytos mantijmentos

vestidos

casas

armas

oyto reys

rey morto trazem consigo

ardidos e viuem mais de homens

pelejam hũus com outros

creem que ha Deus

¶ Da ylha da Palma Capitulo 48

Palma ylha nom tem pam

nom sabem de Deus

bestiaes

armas

Fol. 259/44

ylha de Palma

[O]s moradores desta ylha da Palma nom tem pam nem legumes / se nom ouelhas e leyte e heruas / E em esto se mantem / Nom sabem conheçer Deus / nem ffe nenhũa / se nom pensam que creem como o outro gaado / Som muyto bestiaaes E dizem que tem certos que se chamam reys E a sua peleja he com astes como // os de Tanariffe / se nom que lhe poem onde auja de andar o ferro hũu corno agudo E no conto outro empero nom tam agudo como ho outro / Nom ham pescado algũu / nem ho comem os desta ylha / ho que os de todallas outras fazem pello contrayro / que buscam engenho pera ho tomar / e se aproueitam delle em ho seu mantijmento se nom aquestes / E seram seus moradores 500 homens E grande marauilha nom serem conquistados //

nom tomam pescado

de peleja som 500 homens

¶ Como foy pouorada a ylha de Madeyra e assy as outras ylhas que sam em aquella parte / Capitulo 49

1418

[E]m casa do Jffante auja dous escudeyros nobres de criaçam daquelle Senhor homens mançebos e pera muyto / os quaes despois da vijnda que ho Jffante fez do cerco de Çepta / quando ho poderio daquelles reys mouros teue cercada juntamente como ja dissemos requererom que os aujasse como podessem fazer de suas honrras / E veendo ho Jffante suas bõas voontades lhes mandou aparelhar hũa barcha em que fossem de armada contra os mouros encamjnhando os como fossem em busca da terra de Guynee / a qual elle ja tinha em voontade de mandar buscar / E como Deus queria encamjnhar guyou os assy que com tempo contrayro chegarom aa ylha do Porto Sancto que he junto com a ylha de Madeyra / Na qual pode

hũu era Joham Gonçaluez Zarco outro Tristam(135)

1418

Porto Sancto ylha

(135) *Riscado*: «Lançarote».

Fol. 259/44 v.º
Porto Sancto ylha

auer sete legoas em roda E estando // assy alli per algũus dias esguardando bem a terra / E tornando pera o regno fallarom sobre ello ao Jffante contando lhe a bondade da terra e ho desejo que tinham açerca de sua pouoraçam / de que ho Jffante muyto prouue / ordenando logo como podessem auer as cousas que lhe compriam de se encamjnharem pera partir se

Bertolomeo Pero Estrello capitam do Porto Sancto

ajuntou a sua companhia Bertolomeo Perestrello hũu fidalgo da casa do Jffante dom Joham os quaes teendo todas suas cousas prestes partirom viagem 1418 da dita ylha / E açertou se que amtre as cousas que leuauam consigo pera lançarem na dita ylha / assy era hũa coelha prenhe em hũa gaylla (*sic*)([136]) / E acertou se de parir no mar / E seendo elles alojados com suas cabanas pera ordenarem suas casas soltarom aquella coelha com seus filhos pera fazerem criaçam / Os quaes em muy breue tempo multiplicarom tanto que lhe apanharom a terra de guisa que nom podiam semear nenhũa cousa que lhe elles nom estragassem / E he muyto pera marauilhar / porque acharom que no anno seguinte que alli chegarom 1419 matarom delles muy muytos / nom fazendo porem mjngoa / por cuja razam leixarom aquella ylha e

ylha de Madeyra

passarom se a outra de Madeyra que sera 40 legoas em çerco e 12 do Porto Sancto E ally ficarom os dous —a saber— Joham Gonçaluez e Tristam / E Bertolomeu Perestrello se tornou pera o regno / Esta segunda ylha acharom boa especialmente de muy nobres agoas corredias que leuam pera regar a qual-

Fol. 260/45
ylha de Madeyra

quer // parte que querem E comecarom alli de fazer suas sementeyras muy grandes de que lhes vijeram muy abastosas noujdades / desy virom a terra de boons aares e saadia e de muytas aues que logo no começo tomauam com as mãos / E assy outras aues tomarom com as mãos muytas bondades que acharom na dita ylha / fezerom

([136]) gaiola.

assy todo saber ao Jffante / ho qual se trabalhou de enujar logo la outras gentes e corregimento de ygreja com seus crerigos de guisa que em muy breue tempo foy grande parte daquella terra aproueitada / E consijrando ho Jffante como aquelles dous homens forom começo de sua pouoraçam / deu lhes a principal gouernança da ylha —a saber— a Joham Gonçaluez Zarco que era hũu nobre homem ho qual foy caualleyro no çerco de Tanger em hũa batalha que alli ho Jffante vençeo em hũa quinta feyra / E assy fora ja no cerco de Cepta / a este deu a parte da ylha chamada do Funchal / Aa outra parte chamada do Machico / deu a Tristam / ho qual tambem fora caualleyro em hũa caualgada que se fez em Cepta / homem asaz ardido / mas nom tam nobre em todollas outras cousas como Joham Gonçaluez E foy o começo da pouoraçam desta ylha No anno de Christo de 1420 annos / ao qual da feitura desta estoria estaua em rezoada pouoraçam // Ca auja em ella 150 moradores afora outras gentes que hy auja assy como mercadores e homens e molheres solteyros e mancebos e moços e moças que ja naçerom na dita ylha E esso mesmo crerigos e frades / ¶ E na era de mil e 445 annos mandou ho Jffante a hũu caualleyro que se chama Gonçalo Velho comendador que era na Ordem de Christus que fosse pouorar outras duas ylhas / que estam afastadas daquellas 170 legoas ao noroeste E hũa daquestas começou ho Jffante dom Pedro com prazimento de seu jrmão E seguio se sua morte em breue / pello qual ficou depois ao Jffante dom Enrrique E a esta posera ho Jffante dom Pedro nome / a jlha de Sam Mjguel pella singular deuaçam que sempre ouuera em aquelle sancto / E tambem fez ho Jffante dom Enrrique tornar aa ylha do Porto Sancto Bertolomeo Perestrello aquelle que primeyramente fora com Joham Gonçaluez e com Tristam que a fosse pouorar / Pero com a multidam dos coelhos por cuja causa se nom pode nella fazer laura / Soomente se criam alli muytos gaados / E apanhe se sangue do

Joham Gonçaluez Zarco ficou capitam do Funchal

Tristam capitam do Machico nom tam nobre como Joham Gonçaluez

começarom a pouoar anno de 1420

Fol. 260/45 v.º

1445

dos Açores ylhas

de Sam Miguel ylha

Porto Sancto

coelhos destruirom

dragam E fez lançar gaado em outra ylha que esta sete legoas da ylha da Madeyra com entençam de mandar pouorar como as outras / a qual se chama a ylha Deserta // E destas sete ylhas as quatro som tammanhas como a da Madeyra E as tres mais pequenas / E por ho acrecentamento da Ordem de Christus deu ho Jffante aa dita Ordem todo spiritual e temporal das ditas ylhas E leixou ho dizimo a metade dos açucares //

ylha Deserta

Açores ylhas

as ylhas deu o Jffante aa Ordem de Christus

Anno dse 1454 ho dito Jffante mandou mostrar Em Sagres aas galees açucar e sangue de dragam da ylha //

Fol. 261/46

¶ De como ho Jffante dom Enrrique requereo a elrey os direitos de Canarea / Capitulo 50

1446

[N]o anno de 1446 começou ho Jffante de mandar auiar seus naujos pera tornar a sua conquista / Com todo primeyro requereo ao Jffante dom Pedro seu jrmão que emtam regia ho regno que lhe desse sua carta pella qual defendesse a todolos naturaes deste regno que nenhũu tomasse atreujmento de hir aas ylhas de Canarea fazer guerra nem tractar de mercadoria sem mandado do dito Jffante / A qual carta lhe foy outorgada / e mais lhe foy fecta merçe do quinto / a qual carta esta no primeyro liuro de Affonso de Cerueyra ajnda que sabemos que o seu estilo he tam comum que mais faria fastio aos leedores que voontade de ver suas acustumadas razões //

a conquista dos canareos foy outorgada ao Jffante

reprehende o estilo de Afonso de Cerueyra

¶ De como tornou a carauella de Aluaro de Ornellas e dos canareos que trouue Capitulo 51

[C]onuem nos tornar ao feito de Aluaro de Ornellas que ficaua nas ylhas de Canarea / o qual partio pera as ylhas pera tomar mantijmento e com tempo veo

a foz de Lixboa / onde se achou com Joham de Ornellas seu primo que tinha parte na dita carauella e foy aa ylha Forte Ventura E dally forom aa ylha da Gomeyra onde rogarom aos capitães della que lhe dessem algũa gente pera hirem aa ylha de Palma pera fazerem algũa presa / ho que lhe foy outorgado / E filhando assy aquelles canareos chegarom a hũu
Fol. 261/46 v.º porto // E forom aquella noite ata hũa pouoraçam onde filharom 20 canareos e mataram 15 E se tornarom

¶ De como Nuno Tristam foy morto em terra dos guyneus Capitulo 52

Nylo fl' [N]uno Tristam ouujndo que o ryo Nylo foy descoberto 1449
desejou muyto pera ho ver e ajnda passar aalem quanto podesse / E fez logo hũa carauella a qual de armada começou logo sua viagem E passando pera
Cabo Verde ho Cabo Verde foy mais auante 60 legoas em que
Nuno tristam achou hũu ryo em que lhe pareçia de auer pouora-
passou 60 ções / e mandou lançar fora dous pequenos batees que
legoas ho Cabo leuaua nos quaes entrarom 22 homens —a saber— Verde
em hũu 10 no outro 12 e forom pello ryo arriba onde virom hũas casas E amte que sayssem em terra / sayrom da outra parte 13 barcos nos quaes seriam ata 80 homens guyneos negros os quaes chegarom aos nossos e lhes seruiam de frechas cheas de peçonha e seguirom nos ata a carauella que estaua fora no
negros matarom mar / de guisa que amte que entrassem na carauella
os christãos forom quatro mortos nos batees / e assi feridos atarom os batees querendo alleuantar ancoras e nom podiam pellas frechas que eram combatidas / cortarom as amarras / E começarom de fazer vela / leixando os batees porque os nom poderom guindar / assy que dos 21 que sairom fora nom escaparom mais que dous criados do Jffante E os 19 morrerom / Ally foy morto aquelle nobre caualleyro Nuno Tristam muy desejoso desta vida com outros mançebos honrrados que o
Fol. 262/47 Jffante criara / que forom per // todos 21 porque de sete que ficarom na carauella forom ajnda feridos

dous em querendo leuantar as ancoras / assy que nom ouue quem guiasse ho naujo porque dos 2 que escaparom forom feridos ata morte e jouuerom 20 dias em cama / e os outros cinco dos quaes era hũu grumete que nom sabia do mar e hũu moço de camara do Jffante Ayres Tynoco que hia por escriuam e hũu moço guyneo que fora filhado no primeiro descubrimento / e outros dous moços pequenos criados dos fidalgos que morrerom / Ayres Tynoco mandou ao grumete que gouernasse contra o norte e nordeste onde creeria de achar ho regno de Portugal E andando assy forom veer Nuno Tristam e os outros feridos e acharom nos mortos pello qual lhes foy necessario de os lançar no mar E andarom assy dous meses ata que chegarom a Synes e dhy a Lagos onde se forom ao Jffante contando lhe tam forte aqueçimento de sua viagem posto que elle cresse a saluaçam de suas almas nom pode escusar tristeza /

çinco homens trouuerom a carauella em dous meses a Portugal

¶ De como Aluaro Fernandez tornou outra vez aa terra dos negros e das cousas que la fez Capitulo 53

[J]oham Gonçaluez capitam da ylha que nom era contente doutra viagem que o seu naujo fizera no outro anno aa terra dos negros encamjnhou outra vez de enujar la aquelle mesmo Aluaro Fernandez com sua carauella / ho qual fez direita viagem ao cabo Verde / E dalli passarom ao cabo dos Mastos e fizerom alli pouso e forom a terra e chegarom a hũu poço onde virom cabras e tornarom se aa ca-//rauella e acrecentarom mais em sua viagem E depois lançando seu batel fora acharom em terra sterco de alifante de grossura de hũu homem / e tornarom ao naujo E hindo assy pella costa do mar sayrom outra vez em

1446 (136)

Fol. 262/47 v.º

acharom sterco de alifante

(136) *Riscado na margem*: 1445 e 1450.

terra / na qual encontrarom hũa aldea / onde sayrom os moradores della pera defender suas casas / antre os quaes vinha hũu bem adargado com hũa azagaya / pera o qual foy Aluaro Fernandez com sua lança deu lhe hũa ferida que deu com elle no chão morto e tomou lhe a adarga e a azagaya / e nom pelejarom mais e tornarom ao naujo / outro dia tornarom em terra e tomarom hũa negra com seu menjno que apanhaua marisco em hũu steyro e hũa moça de 14 annos / dalli seguiram mais auante ata hũu ryo onde filharom hũa molher / E tornarom outra vez a terra e sobrevierom quatro barcos de guyneus e os nossos se começarom de se retraher pera seu naujo / E de hũu dos barcos açertarom com hũa frecha a Aluaro Fernandez pera a perna E porque elle ja era auisado de sua peçonha tirou a frecha asinha / e fez lauar a chaga com ourina e azeite de sy vntou a muyto bem com atriaga e prouue a Deus que lhe aproueitou ajnda que certos djas jouue em passo de morte / Seguirom auante pella costa ata que chegarom a hũa ponta de area que se fazia em direito de hũa grande enseada / onde se forom no seu batel pera a terra e virom vijr contra elles hũus 120 guyneus hũus com adargas e azagaias outros com arcos e tangerom e bailarom / os do batel // se tornarom pera ho naujo E era esto alem do cabo Verde 110 legoas E esta carauella foy que mais longe chegou pello qual ouue em merçee 200 dobras —a saber— cento do Jffante dom Pedro e outro cento do Jffante dom Anrrique /

pelejarom com negros

com que ham de lauar a ferida com pouçonha

Fol. 263/48

passou o Cabo Verde 110 legoas

¶ De como as 9 carauellas partirom de Lagos e dos mouros que filharom Capitulo 54

1445([137]) 1451 [M]ouerom se neste anno certos capitães com noue carauellas pera hirem aa terra dos negros dos quaes

([137]) «1446» o seis está riscado e por cima «5».

ho primeyro foy Gylianes morador em Lagos e assy outros oyto E forom aa ylha de Madeyra pera receberem suas bitalhas / E partirom todos de conserua e chegarom aa ylha de Gomeyra e quiserom hir aa ylha de Palma pera tomar algũa presa E porque eram sentidos delles tornarom se algũas carauellas pera ho regno / e as outras se forom sua viagem ata que chegarom alem do Cabo Verde 60 legoas onde acharom hũu ryo asaz grande E entrando no dito ryo topou hũa carauella que era do bispo de Algarue e se abrio que a nom poderom dalli mais tirar porem tirarom della todo que quiserom e a gente / forom em terra onde acharom grandes sementeyras e muytas aruores de algodom e muytas herdades de arroz E entrando assy por hũu aruoredo de grande spessura sayrom a elles os guyneos com suas azagayas e arcos / e ferirom logo sete dos quaes os çinco ficarom mortos dos quaes dous eram portugueses e tres estrangeyros / e recolherom se com grande trabalho ao naujo tornando // se pera o regno chegarom aa ylha de Arguym por se proueerem de agoa / e dalli se forom ao cabo de Resgate onde forom em terra e forom duas legoas por terra e acharom mouros onde tomarom 48 delles E dhy se forom pera ho regno / porem hũa carauella foy a ylha de Palma onde filharom duas molheres e sobrevierom tantos canareos que se oouerom de acolher e Diogo Gonçaluez com hũa besta matou sete delles / amtre os quaes foy hũu rey que era conhecido por hũa palma que trazia na mãao / ca esto he[138] o custume antre elles / E ho rey morto se acolherom os outros e assy os nossos e vierom se pera ho regno /

bitalharom se em a ylha de Madeyra

dellas tornarom a Portugal

matarom os negros christãos

Fol. 263/48 v.º

Arguym

cabo do Resgate

tomarom 48 mouros

matarom hũu rey canario / e trazia hũa palma na mão

(138) *Riscado*: «foy».

¶ Como Gomez Piriz foy ao ryo do Ouro e dos mouros que tomou Capitulo 55

1446 [V]ijndo este anno de 1446 Gomez Piriz armou com licença do Jffante hũa carauella e ho Jffante mandou outra a qual foy a ylha de Madeyra pera tomar bitalha / e Gomez Piriz foy seu camjnho e chegou ao ryo do Ouro e foy ao cabo deste ryo a hũu porto que se chama ho porto da Caldeyra onde per fogos chamou os mouros que vinham dando razam que elles nom eram mercadores e que os querriam chamar que andauam pello sartão / e partirom se delles e delles ficauam e entrauam a carauella e sayam e esto por 21 djas Emtam conheçendo elle que lhe mentiam disse lhes que tinha ho seguro leuantado e que se guardassem / e assy chegou a outra carauella / E foy quatro legoas da outra banda do ryo e filharom // dous mouros os quaes lhe disserom que perto dhy estaua hũa pouoraçam de 50 mouros / E tambem no cabo do ryo onde esta hũa ylha forom x mouros / pello qual mandou logo la ao capitam da outra carauella no seu batell pera os filhar E Gomez Piriz com outro batel se foy a terra pera buscar a pouoraçam //

ryo do Ouro

Porto da Caldeyra

Fol. 264/49

no cabo do Ryo de Oro esta hũa ylha

[*Resto do Fol em branco*].

Fol. 264/49 v.º: *em branco.*

Fol. 265/50 E quando sentio que seria ja 4 legoas donde amte partira fez lançar seu batel em terra com 17 homens e os tres leixou em guarda das carauellas / e mais fez ho mouro por guya chegarom ao lugar quando ja começou de amanheçer / assy que parte dos mouros eram ja fora / contudo prenderom 31 E perguntarom pellos outros que disserom que eram dalli tres legoas contra ho mar / Tomae disse Gomez Piriz contra Joham Fernandez (aquelle de que fallamos que andara

7 meses em aquella terra) dous homens desta companhia e encamjnhae estes mouros pera os naujos E nos hiremos em busca dos outros /

¶ Do que aconteçeo a Joham Fernandez quando leuou os mouros Capitulo 57 (*sic*)([139])

[H]jndo Joham Fernandez sua viagem com seus presioneyros amte sy nom muyto seguro de achar algũus contrayros / E acertou se de ver de longe 5 pessoas que vinham contra elle / forom se dous contra elles e acharom nos molheres e filharom nas e trouuerom nas com os outros /

¶ De como Gomez Piriz e os outros que com elle eram filharom os outros mouros Capitulo 58

[S]eguio assy Gomez Piriz sua viagem e vio vĩjr hũu mouro acima de hũu asno / ho qual se lancou delle e começou a fogir pera onde estauam os outros E os nossos ho seguiam hũa legoa e mea ata ho mar donde se meterom nas rochas onde nom filharom mais que
Fol. 265/50 v.º tomarom 79 almas
sete / E forom se aos naujos // onde acharom que tinham ja de presa 79 almas / E porque traziam sal pera salgar as pelles de lobos marinhos e nom podiam alojar os mouros lancarom ho sal no mar / E forom se camjnho do regno / pera Lagos e ho Jffante estaua em Mexolheyra //

¶ Da carauella que foy a Meça e dos mouros que trouue / Capitulo 59

O outro anno que era do nacimento de Christo de 1447 1447
consijrando ho Jffante que os mouros nom querriam no ryo do Ouro emtrar em tracto por causa de Gomez

([139]) O número «57» deste capítulo e até final, «62», é letra recente. O número de capítulos na edição de José de Bragança, Livraria Civilização Editora, Barcelos, 1973, é de 97 (XCVII).

Meça ci[dade]

Piriz / quis prouar se poderia melhor aujar por hũu lugar que se chama Meeça / mandou logo fazer prestes hũa carauella de hũu seu escudeyro de Diogo Gyll / ho qual soube parte como hũu mercador de Castella que se chamaua Çifontes tinha daquelle lugar 26 mouros ja resgatados pera se darem por çertos guyneus os quaes leuarom consigo / e forom directamente a Meça / pellos quaes mouros ouuerom 51 guyneus E ouuerom fortuna que lhes foy forçado de leuantar vella e tornarom se pera ho regno /

¶ De como Valarte foy aa terra de Guynee e per que maneyra foy sua ficada Capitulo 60

hũu fidalgo delrey de Denamarqua veo ter a Portugal e foy a Guynee Fol. 266/51

[E]spargendo se a fama deste feito pellas partes do mundo / ouue de chegar aa corte delrey de Dynamarqua etc. acertou se que hũu gentil homem da casa daquelle principe cobijçoso de ver mundo // ouue sua licença e veyo a este regno E andando per tempo em casa do Jffante / hũu dia lhe veo a pedir que fosse sua merçee de lhe armar hũa carauella / e de ho encamjnhar como se fosse aa terra dos negros / ho qual aprouue ao Jffante e mandou lhe logo armar hũa carauella dizendo que se fosse ao Cabo Verde / e que vissem se poderiam auer segurança do rey daquella terra / porquanto lhe fora dito que he muy grande senhor mandando lhe suas cartas E que esso mesmo lhe dissessem algũas cousas de sua parte por serujço de Deus e da sua sancta ffe E esto que lhe affirmauam que era christão / Todo foy prestes e metido Valarte em seu naujo e com elle hũu caualleyro da Ordem de Christus criado do Jffante / ho qual elle mandaua em aquella carauella / porque Valarte nom sabia bem falar nem sabia os custumes e maneyra da gente etc. com dous naturaes daquella terra por turgimães E assy seguirom sua viagem que despois de grandes trabalhos que ouuerom no mar que passados seis meses do dia que primeyro partirom de Lixboa

Valarte

mandou o como por embaixador

Valarte

em 6 meses chegarom a terra dos negros

ylha de Palma
Cabo Verde

chegarom aa ylha de Palma que he na terra de negros açerca do Cabo Verde / onde teendo seu conselho que querriam fazer / e fizerom vela pera diante / E seendo a fim da ponta em hũu lugar que amtre os naturaes daquella terra he chamada Aabram

Aabram lugar

alli fizerom lançar seu batel em terra no qual sayo Valarte com algũus outros onde acharom muytos

falarom com os negros

daquelles negros / dos quaes Valarte requereo que lhe

Fol. 266/51 v.º

desse hũu e que lhe daria // outro pera auer amtre elles segurança per que podessem auer suas falas / Cuja reposta foy que tal cousa nom era em elles de fazer sem autoridade de hũu caualleyro que alli estaua

Guytenia gouernador de negros

quase como gouernador daquella terra que auia nome Guytenia / ho qual como soube semelhante requerimento veyo ally e prougue lhe muyto de outorgar ho que Valarte requeria E tanto que hũu daquelles negros foy na carauella / ho caualleyro que com Valarte hia se

entrou hũu negro na carauella

chamaua Fernam Afonso que sabia melhor nossa lingoagem disse lhe / que porque requeremos a tua vijnda a este naujo foy por que digas per nossa autoridade a teu senhor de como nos somos de hũu grande

falarom ao negro

e poderoso principe da Espanha e que he na fim do poente per cujo mandado aqui vimos pera falar de sua parte ao grande e boom rey desta terra fazendo lhe leer hũa das cartas que leuauam / a qual lhe foy declarada per hũu dos seus interpretes pera ho dezir assi aaquelle caualleyro que o ali enuiara / Quanto

reposta do negro Boor rey

disse elle / se vos querees Boor que he ho nosso grande rey nom podes pello presente auer seu recado / porque he muy alongado daqui onde anda guerreando algũu outro grande senhor que lhe nom quer obedeçer E ajnda que estiuesse em sua casa se aueria

sete dias de andar no sertão estaua elrey

mester sete dias pera chegar a sua casa / E lhe disse Fernam Affonso sera bem que digaes a este caualleyro com que viues que mande la hũu homem com seu recado fazendo lhe saber todo o que ja disse / E se

Fol. 267/52

ho teu senhor assy fizer fara grande // seruiço ao seu rey e proueyto a sua terra / disse ho guyneo que diria bem a Guytanic / e deram lhe de comer e beber /

e hũa daquellas cartas que a leuasse por synal de amizade / Mas quando este guyneu foy leuado a terra / estaua ja outro semelhante que auia nome Sathan e outro chamado Mjneff cuja fealdade era em extremo porem era de maior poder que algũu dos outros / Em emtanto aquelle guyneu falaua com o caualleyro a embaixada que leuaua ho batel estaua acerca da praya esperando reposta a qual era muy trabalhosa de auer por causa dos guyneus que eram tantos sobre aquelle que vinha da carauella pera saberem ho que dezia assy que naquelle dia nom ouuerom reposta / pella menhãa çedo se foy ho batell a terra E elle em hũa almadia que quisera hir aa carauella / e vendo ho batel tornou aa terra e fez lhe trazer hũa cabra e hũu cabrito e cuzcuz e papas com mantega e pam com farinha e figos e hũu dente de aliffante e semente de que faziam aquelle pam / e leyte e vinho de palmas / E assy este Guytanic que fez este presente foy muytas vezes ao nauio em hũa almadia e leuando quatro consigo / E dizendo que tinha tanto poder delrey como se mesmo estiuera na terra assy na mercadoria como a qualquer outra cousa / Disserom os nossos que nom traziam mandado de fazerem nada se nom primeyro que fallassem aaquele rey ho qual disse que logo mandara la Emtre tanto disse Valarte // Fol. 267/52 v.º que assy estiuermos esguardando a reposta delrey a Guytanic trabalhae por hũu alifante por auermos a pelle delle vos darey hũa tenda de pano de linho na qual se possam alojar 30 homens / Em este tempo acertou se que seendo ho batell açerca da praya que com o golpe do mar tocou em seco tornando se todos / Aos quaes disse Guytanic que nom ouuessem medo que elle os defenderia / Passando assy algũus dias Valarte quis hyr a terra confiando se em aquelle guyneu ajnda que lhe disserom que nom fosse / hindo assy Valarte com seu batel vio hũu guyneu com hũa cabaça com vinho ou agoa fengindo que lha querria dar / chegarom a terra com o batel ho que tocou E virom hũa soma de gente negra que jaziam aa sombra

Myneff

Satham outros fidalgos negros

Mineff era muy feo

chegarom tantos negros sobre o que vinha da carauela

Guytanic fez presente aos nossos

Valarte foy a terra e nunca tornou

de hũa aruore / hũu dos turgimães fez que querria tornar a cabaça e leixou se escorregar fora / Os outros veendo aquesto querendo tornar atras sobreveo hũa onda e botou ho de todo fora onde os negros muy rijamente acudirom todos sobre ho batel remessando suas azagayas assy que daquelles nom tornou mais que hũu que se lançou a nado / que chegou aa carauella / dos outros nom achamos que fim ouuerom / porque aquelle que veo nadando disse que nom vira matar mais que hũu / Empero em tempo que se escreuemos esta estoria vierom a poder do Jffante catjuos naturaes daquella terra que disserom que em hũu castello muyto afastado pello // sertãao esteuerom quatro christãos / dos quaes ja hũu era finado / mas que os tres ficauam ajnda viuos //

escapou hũu christão

disse hũu negro que em hũu castello stauam 4 christãos Fol. 268/53

¶ De como Antam Gonçaluez foy receber a ylha de Lançarote em nome do Jffante Capitulo 61

[O]s moradores de Lagos ouuerom do Jffante licença pera hirem a pescar aaquella terra por certo preço que lhe dauam e chegarom ao cabo dos Ruyuos onde ouuerom grande quantidade daquelles peixes E estando alli algũus dias chegarom os mouros pera matarem os pescadores / os quaes se recolherom aos seus naujos / porem hos peixes que acharom em terra secando fezerom em pedaços / e assi forom feridos dous daquelles pescadores no arrecolhimento / tinham ja porem os nossos açerca toda sua carrega nos naujos //

pescaria

cabo dos Ruyuos

os mouros derom sobre os pescadores

1447 ¶ Em este anno desejando ho Jffante de proseguir muyto mais E pera auer algũa das ylhas de Canaria trautou com aquelle misser Maçiote que tinha ho Senhorio da ylha de Lançarote que lha leixasse / ho qual satisfeyto per merçee ou preço ordenado cada hũu anno / leixou a dita ylha com todo seu senhorio

Lançarote insula

ho Jffante comprou a ylha Lançarote

primeiro capitam fez a Antam Gonçaluez tomou posse de Lançarote

ao Jffante / da qual logo fez principal e primeyro capitam a Antam Gonçaluez ho qual em seu nome foy tomar a posse da dita ylha / onde esteue per algũus
Fol. 268/53 v.º tempos ani-//mando os seus moradores a serujço e obediencia de seu senhor com tanta beninjdade e doçura que em muy breue tempo foy conheçida sua virtude /

¶ Como ho autor declara quantas almas forom trazidas depois do começo desta conquista / Capitulo 62

927 almas de moros trouxerom a Portugal ata ao anno de 1448

[H]o numero das almas dos enfiees que daquellas terras vierom a esta per virtude e engenho do nosso glorioso principe / as quaes per conto achey que forom 927 das quaes a maior parte forom tornadas ao verdadeyro camjnho da saluaçam / ora vede qual seria ho numero da geeraçam que se daquestes podia seguir / ou qual filhamento de cidade ou villa podia ser de maior honrra que aquesta //

1448

elrey dom Afonso o quinto começou a reynar era de 17 annos

era casado com a filha do Jffante dom Pedro

¶ Aqui nos foy necessario fazer fim nos feytos deste anno do naçimento de Christo de 1448 / por quanto a este tempo ouue elrey dom Affonso de Portugal ho quinto quanto ao nome / E no decimo no numero do Senhorio enteyramente ho regimento de seus regnos / Seendo em hidade de 17 annos casado com a muyto virtuosa e illustrissima princesa raynha dona Ysabel que foy filha do Jffante dom Pedro duque de Coymbra e Senhor de Montemor que nos annos passados gouernara ho regno delrey e por esto fazemos fim com entençam de fazermos outro liuro que chegue aa fim
Fol. 269/54 ([140]) dos fectos do Jffante / e mais com a nouj-//dade do

([140]) Fol. 269/54 v.º em branco; seguem-se 8 Fols. em branco com numeração actual de 269c/269k. Entre os Fols. 269/54 e 269/c está metido na medianiz e dobrado a meio um papel com 27 cms. × 19 cms., que tem escrito, a tinta preta, o seguinte:

«Entregara vossa merçee os xv quintaes de maças a Miguel Em / curia porque ello e os faquaros mas compraram e pagaram [ass.] Valentim Fernandes

que a encomende a Pero de Lemos de Lixbõa aos quatro djas de março de 1516 annos /

servidor de vossa merçee [ass.] Valentim Fernandez».

regedor que assy nos pareçeo razam que comecassem todollos liuros de seus feitos e historias / ajnda que as cousas seguintes de Guynee nom forom tractados (*sic*) com tanto trabalho e fortalleza de armas como as passadas / Ca despois deste anno auante sempre se os fectos daquellas partes trautarom mais per trautos e auenças de mercadoria que per fortelleza nem trabalho de armas //

pello rey nouo quer começar outro liuro nouo

os guyneos sojugam nom com armas

Deus seja louuado anno de
1506 aos 14 djas de nouembro
acabey aqui de escreuer e trella-
dar esta historia de Guynee /

(*ass.*) Valentym Fernandez alemam //

Fol. 270

De prima inuentione Gujnee

Qualiter fuit inuenta Ethiopia australis quae Libia inferior nuncupatur vltra descriptionem Ptolomei quae Agizimba nominabatur Nunc vero Guinea ab inuentoribus portugalensibus nuncupata est vsque hodiernum diem quam inuentionem retulit Dioguo Gomez almoxeriff palacij Sinterij Martino de Bohemia incliti militi alemano

1415

Anno Domini millesimo quadringentesimo quindecimo vir quidam nobilis regni Portugalie[141] dominus Johanes de Crasto qui capitaneus erat armate facta per dominum Enricum Infantem filium Johannis primi regis Portugalie et frater ducisse Burgundie mater Caroli Qui jnfans semper curauit nutrire generosos et

dom Joham de Crasto capitam

Jffante dom Anrrique

[141] e = ae: «Portugalie» (*sic*) por «Portugaliae» e assim em outras palavras no texto.

nobiles et mittere expensis ipsius ad inquirendum partes extraneas etc. Et supradictus Johannes de Castro nauigando per mare Atlanticum per vim accepit partem vnius jnsule dicte Gran Canarie quae pars terre uel jnsule dicebatur lingua sua Telli fructuosam Et volens reuerti reuersus in mari inuenit maximas invndationes maris quas portugalenses currentes nuncupant inter insulam vnam et aliam quae insule sult vltra caput de Non vbi Hercules posuit columnas jn quibus scriptum erat quis nauigat vltra caput de Non reuertetur aut non quod sonat lingua portu-[galense] Quem passa ho cabo de Non tornara si ou nom Eo quod Ercules ibi fecisset sue nauigationis finem timens maximas currentes maris se non posse reuerti / Et sic supradictus capitaneus reuersus cum maximo labore Portugaliam nuncians domino Jnfanti ea quae suprascripta sunt /

inuentio insularum Grã Canaria

Telli prius insule

correntes

Cabo de Nom

Columnas Herculis

Anno vero sequenti 1416 Misit dominus Infans Henricus quemdam militem generosum nomine Gonzalo Velho vltra insulas Canarias per littora maris desiderans scire causam tam magni maris currentium Qui vltra nauigauit et inuenit mare tranquillum et quietum iuxta littus Affrice uel Libie et excessit ad locum qui nunc dicitur Terra Alta Jn littore terre // illius non erant nisi arene nec arbores neque herbe ibi inueniebantur quae terra arenosa transit iuxta Montes Claros vsque ad montem Synay et vltra et vocatur Mare Arenosum et est in latitudine 37 dietarum [142] diuidens homines albos et nigros ab inuicem / Quod Mare Arenosum carthaginienses quae nunc vocatur Tunisj cum carobanis et camelis aliquando 700 pertransiuerunt vsque ad locum qui dicitur Tambucutu et aliam terram Cantor pro auro arabico quod ibi inuentur in copia maxima de quibus hominibus et animalibus multociens vix decima pars reuersa est quod audiens Jnfans dominus Henricus

1416

Gonçalo Velho passou o Cabo de Nom

Fol. 270 v.º

Terra Alta

Montes Clari

mare arenosum

Tuniz ad Guineam per terram

Tumbucutu ciuitas

[142] «dietarum».

De prima inventione guinee

Qualiter inventa Ethiopia australis et loca
interiora incipiat ultra descriptionem ptolomei
quam azeneghi nominabant. Illa vero guinea a
inventoribus portugalensibus nuncupata est, videlicet quomodo
ipsa inventio facta fuit, declarat Diogo gomez al
moxeriff palacii Sinterii martino de bohemia
nobili militi alemano

Anno domini millesimo quadringentesimo quindecimo vir 1415
quidam nobilis regni portugalie dominus Johannes de crasto qui erat — do Johã de crasto
primus et erat [illegible] facta per dominum Enricum filium Johan — capitã [illegible] do amriq
nis primi regis portugalie qui fuit ducissa burgundie mater
Caroli [illegible] fama per omnem mundum generosus et nobi
les [illegible] ad inquirendum partes extraneas
Et sic predictus Johannes de crasto navigando per mare atlanti — inventio insularum
cum per unum accepit partem unius insule dicte gran canarie — grã canaria
parte terre et insule dicebant lingua sua telli fructuosa — telli per insule
[illegible] reversus est [illegible] invenit maiores inundationes marium
quas portugalenses correntes nuncupant. Post insula vero — correntes
[illegible] que insule sunt ultra caput de no ubi hercules — Cabo de no
posuit columnas in quibus scriptum erat quod navigator — colunas hercul
ultra caput de no revertetur aut non quod ponat lingua
portugalie passa o cabo de no tornara si ou no
[illegible] navigatores timentes ma
rinas correntes maris, se non possunt reverti. Et sic dictus
capitaneus reversus est in regno [illegible] portugalie [illegible]
[illegible] ea que supra scripta sunt
Anno vero sequenti 1416 misit dominus infans Henricus 1416
quendam militem qui fuit nomine gonzalo velho ultra — gonçalo velho
insulas canarias per littora maris desiderans scire causam — passou o cabo de
[illegible] aque maris currentes. Iste ultra navigavit et inve — nom
nit aerem tranquillum [illegible] littus affrice ut libe
et processit ad locum [illegible] terre

nouit eum inquirere terras illas per aquam maris ad habendum comertia cum ipsis et ad nutriendum suos nobiles / Qui miles reuersus ad dominum Infantem nunctians ei inuenisse mare quietum et semper ventum rigidum Aquilonis maximam copiam piscium in littoribus maris illius /

Affonso Gonçaluez Baldaia duo juuenes cum equis Angla de Cauallos

Qui Jnfans tunc praecepit corrigere nauem nomine Talbin et pro capitaneo fecit prouisorem domus sue nomine Affonso Gonçaluez Baldaya / Et cum eo misit duos nobiles juuenes cum duobus equis qui cum vltra Terram Altam peruenirent (143) missi sunt in terram in loco qui nunc dicitur Angla de Cauallos Et equitauerunt unusquisque portando secum victualia pro certis diebus / Et nauis eundo per littora maris illius exspectans illos in loco certo Qui equites equitauerunt per nouem dies inuenerunt 22 homines sarracenos rubei coloris portantes azagaias dagas et gomias qui proeliauerunt cum istis duobus / Equites vero cupientes captiuare vnum vt discerent ab illo vnde essent / vnus ex istis nobilibus vocabatur / Ector Homem alter vero Lopo de Almeda Et vnus ex sarracenis vulnerauit dictum Lopo de Almeda in pede vno quem Ector Homem cum furia occidit Et illa dia (*sic*) fuit primo sanguis effusus christianorum in terra Guinee / Et erant ambo etatis 20 annorum vnusquisque Et propter obscuritatem noctis dimiserunt proelium / Altera vero die nullus sarracenus apparuit / qui milites sequentes rastros pedum ipsorum in arena peruenerunt ad littus maris qui nuncupatur Rio do Ouro / vbi inuenerunt plura rethia de corticibus lignorum factos (*sic*) quia in loco illo // est maxima captura piscium Qui generosi querentes nauem suam vsque ad 12 leucas ipsam inuenerunt quae nauis volens recedere Portugaliam credentes ipsos fore iam

Ector Homem Lopo de Almeida

Ryo do Ouro

Fol. 271

(143) Quatro palavras riscadas.

mortuos Qui ibi dimiserunt equos semiuiuos ascenderunt nauem et venerunt Portugaliam ad dominum Infantem qui gauisus est vltra modum quod iam cognouisset terram esse habitatam / mirabatur de retibus quas secum apportabant facta ab hominibus patrie illius Etiam narrauerunt illi quod cum barca intrauerunt fluuium qui vocatur nunc Ryo do Ouro et in medio istius fluuij jnuenerunt insulam arenosam vbi inuenerunt multitudinem luporum marinorum Et posuerunt insule nomen Ylha de Lobos et de istis lupis marinis quam plures secum detulerunt Portugaliam ad dominum Jnfantem qui valde mirabatur /

ryo do Ouro

ylha dos Lobos

Postmodum dominus Infans fuit occupatus per annos aliquos in quibus nom curauit de Guinea quia rex Eduardus rex Portugalie frater eius cum magno exercitu et armatura misit Affricam ad Tingitanam ciuitatem fortissimam et nihil quidem milicie gesserunt ([144]) et sic reuersus est Portugaliam Et post non modico tempore dominus Infans misit vnam naujculam ad fluuium auri vulgariter Ryo do Ouro ad videndum si possent habere linguam ab istis Çenegis qui inuenti fuerunt et praecepit nautori seu capitaneo naui vt ibi in insula luporum remaneret Et sic remanserunt illic mensibus tribus et interfecerunt innumerabiles lupos marinos quos secum apportauerunt Et in ista nauicula iuit pro capitaneo Garçia Homem frater dicti Hectoris Homem Et exiuit ad mare amplum et fecit cursum per aliquos dies iuxta littus maris versus Guineam et inuenit locum qui nunc vocatur Pedra de Galea et exiuit multociens in terram nullumque hominem inueniens nisi rastrum pedum hominum / quae gentes fugiebant a littore maris quia gentes illi iam fuerant auisati Et videntes quod nil profecissent reuersi sunt ad Portugaliam et dederunt noua de omnibus domino Infanti de quo dominus infans gauisus quod inuenissent rastra hominum //

Ryo do Oro

Garçia Homem

Pedra da Galea

([144]) «Fecerunt», entrelinhado: «gesserunt».

Fol. 271 v.º

Et immediate dominus Jnfans fecit armatam duarum carauelarum et misit per capitaneum principalem

Nunio Tristan

quendam militem senem qui vocabatur Nunio Tristan

Antam Gonçaluez

Et in alia carauella iuit pro capitaneo Antonius Gonzalui juuenis multum qui postea habuit castrum in Tomar cum alijs juuenibus de camera domini infantis Et praecepit quod irent ad fluuium auri Et si inuenirent gentes iuissent pacem cum eis Et sic euntes ad Rio de Ouro / et de nocte fuerunt cum batellis ad littus maris et in diluculo viderunt homines venientes ad puteum ad hauriendum aquam qui gauisi prosilientes in terram cum suis armis ceperunt tredecim homines et mulieres ceteri vero fugierunt Jnter quos acceperunt quendam senem et reuerendum virum nomine

Adhuu

Adauu et aliqui ex illis erant rubie aliqui nigri / et sic cum gaudio capitaneus maior fecit militem minorem et iuuenem nomine Anton Goncaluez / et erat consanguineus capitani de insula Madeyra / et reuersi sunt in Portugaliam ad dominum Infantem qui gauisus

initium patrie cum hominibus loquebantur (?)

est vna cum illis multum Et ab his habuit initium noticia patrie qualiter erat populata et dicebant quod omnes habitantes circa littus maris solum comedunt pisces quasi crudos Et qui habitant in terra habent tendas et illi vocabantur Çenegij seu arabes et viuunt vita bestiali et comedunt carnes quasi crudas ac

nulla arbor nec herba

lac quia in ila terra nulla arbor est neque herba et comedunt carnes solummodo quando ipsas possunt habere calidas a sole / Hic habentur multe stru-

strutiones aues

tiones et gazelle quae sunt bestie vulgariter dicte gatte de algalia cuius testiculi et vulue sunt maxime odoris sicut musci Et dominus Infans ab istis cognouit iter ad eundum ad Tambucutu / et dixerunt ei plura

Aden

mendatia / Et dixerunt quod arabi eundo de Aden

Tambucutu

ad Tambucutu vadunt 400 et 500 cameli inuicem et

Montanhua

inuenerunt in via montem magnum qui vocatur Mon-

Abofur mons

tanha de Abofur et dixerunt quod illa serra esset

Fol. 272

populata de gente mirabili // ita vt masculi habent vultum canis et magnam caudam et pilosi / et mulieres pulcherrime magni sensus etc. / et multa alia quae

videbantur mendatia Et duxerunt quod multociens 300 cameli de Tambucutu redierunt onerati auro Et ista fuit prima noua quae de auro se faciebat et vbi reperiretur / istius patrie / Prima noua de auro

Postea dominus Jnfans misit carauelas jn vna illarum fuit quidam familiaris ipsius nomine Gançalo de Sintria et in alia quidam Dinis Dias / et quod inuissent vltra locum qui vocabatur Petra Galee longius ad videndum si possent habere vel inuenire plures linguas Gonçalo de Sintra

Et vltra nauigantes reperierunt locum qui nunc vocatur Cabo Branco et inuenerunt gentes intra locum illum qui nunc vocatur Furna et ceperunt gentes Et iuerunt vltra ad locum qui nunc vocatur Argujn / Arguijn est insula prope terram et multum populata de Cenegijs qui erant auisati de carauelis illis sic vt plures de illis fugierunt multi vero capitui ex eis et mortuis Jnsula illa habet multa loca vbi nascitur aqua dulcis in arena Et propter hoc dominus infans postea praecepit ibi facere quodam castrum Et posuit ibi gentem suam christianam et sacerdotem nomine Polono de villa Lagos et hic fuit primus qui diuinum officium celebrauit in Gujnea / Et ad istum castrum veniebant arabi de terra portantes aurum purum in puluere et accipiebant in cambio triticum et mantones albas et berneses et alias mercadantias quas illuc misit Infans in vna hulica magna quae fuit de Robert Krerey Et sit semper vsque nunc tractantur mercimonia / de terra Tambucutu portant nigri illuc aurum / Hoc castrum fuit factum anno 1445 Et sic supradicti venerunt ad Infantem // Cabo Branco — Furna — Arguijn insula — aqua dulcis — castrum Arguyn — Tambucutu — 1445

Fol. 272 v.º

Item dominus Infans fecit armatam quatuor carauelarum Capitanei Gylianes de Villalobos miles Lançarote tribunus regis de Lagos et Nuno Tristam et Gonçalus Alfonsus de Sintria et multi generosi homines qui fuerunt ad Arguijn et transierunt vltra et ceperunt insulam quae vocatur Tesslin et insulam magnam quae vocatur Tyder et aliam insulam Onar / Et inuenerunt insulam Tyder plenam hominum ac mulierum Et ego Diogo Gomez tribunus de Sintria

Tesslin insula
Tyder insula
Onar insula

accepi solus 22 personas qui jacebant absconditi et pepuli eas ante me solus sicut pecora per mediam leucam vsque ad naues Et similiter fecit vnusquisque Et cepimus isto die de istis Çenegijs homines rubei
650 captiui coloris 600 et circa 50 et cum istis reuersi sumus Portugaliam ad Lagos Algaruie vbi erat dominus Jnfans et gauisus est multum nobiscum /

Postmodum misit dominus Infans iterum Goncalffonso de Sintria et fuerunt altera vice ad praedictas insulas et proeliauerunt cum Sarracenis Cenegijs et mulieres
Gonçalo de Sintra çegoarom e o matarom fugiebant et Gonçalus de Sintria inuestigabat ipsas per aquam et mulieres receperunt lutum maris proijcientes in vultus ipsius et obcecauerunt eum qui postmodum cecus remansit Et masculi superuenientes interficiebant eum Et reuersi sunt ceteri in carauelam euntes ad Portugaliam portantes noua domino Infanti et tulerunt secum plus de 60 Cenegijs secum tam masculos quam feminas.

O Jffante tomou o quarto e fazia a despesa Et dominus Infans habebat semper de omnibus captiuis qui aportabantur vnam quartam partem et oportuit ipsum dare omnia quae indigebant et omnia facere in suis expensis //

Fol. 273 Postea dominus Jnfans expediuit alias carauelas et iuerunt vltra insulas illas vsque ad flumen Sancti ryo de Sam Joham Johannis / et ad locum qui dicitur Cabo de Toffia et nil fecerunt sic reuersi sunt / Cabo de Tuffia

Deinde dominus Infans suo consilio dicebat quod vltra non facerent litem cum gente illa in partibus illis sed vt inirent feudus et trattassent mercimonia et facere cum ipsis pacem / quia intentio sua erat ipsos christianos Et praecepit carauelas quod irent de pace et de guerra /

Et euntes transierunt vltra de Cabo de Cofia (*sic*) et inuenerunt terram despopulatam arenosam sicut praedictam sine herbis et arboribus /

Et euntes vltra viderunt terram arboribus plenam descobriram a et palmis et exierunt in terram Et gens illa erat tota terra dos negros nigra et christiani faciebant signa pacis / et illi non intellexerunt miserunt christiani mercancias quas

secum attulerant in terra et illi ea receperunt nolentes loqui et christiani bene potuissent accipere aliquos et non audebant quia dominus Infans illis praeceperat ne aliquid nociue illis agerent et sic nihil eis fecerunt /

ryo de Çanaga

Et transeuntes vltra inuenerunt flumen magnum quod vocatur Çenega multum populatum / et locuti sunt christiani cum ipsis per homines quos secum portabant et fecerunt cum eis pacem et tractabant cum illis mercimonia sua et inde portabant multos nigros empticos Et sic ex illo tempore vsque nunc quolibet die magis portant innumerabiles nigros de illo loco Et illa terra vocatur Geloffa //

Geloffa prouincia

Fol. 273 v.º contra Ptolo[meu]

Et hec quae scribuntur hic ponuntur salua gratia illustrissimi Ptolomei qui multa bona scripsit de diuisione mundi qui in hac parte defecit Scribit enim et diuidit mundum in tres partes vnam populatam quae erat in medietate mundi Et septentrionalem scripsit esse non populatam propter nimium frigus Et partem equinoctioalem meridiei etiam scripsit inhabitatam propter nimium calorem / Et hec omnia inuenimus in contrarium quia polum articum vidimus habitatum vsque vltra perpendiculum poli / et lineam equinoctialem etiam habitatam de nigris vbi est tanta multitudo gentium quod impossibile est credendum Et illa pars meridionalis est plena arborum et fructuum sed altera natura fructus et sunt arboree in tanta grossicie et in tanta altitudine quod non sit credendum Et certe dico quod vidi magnam partem mundi sed nunquam similem istius Jbi non sunt aues sicut nostre nisi minhote etc.

Et posuit dominus Rex duas domus in illa patria de Cenegijs ad tractandam suas mercimonias de auro — scilicet — in Arguijn et aliam in fluuio — scilicet (145) Johannis quae est circa Cofia et Anteroci /

(145) .s. (scilicet), mas deve ser .s. Johannis = Sancti Johannis.

iste Fernandus genuit regem Emanuelem

Jnfans dominus Henricus habuit quendam consobrinum qui dicebatur infans dominus Fernandus qui erat filius regis Arturi (*sic*) fratris domini Henrici Jnfantis / Qui infans dominus Henricus accepit Ferdinandum infantem in filium adoptiuum et heredem quia filium non habebat et sic hereditauit de illo multa castra et oppida insulas Açores et de Madeyra et omnia quae ei pertinebant quantum ad secularia quia in spirituali dimisit ordini Christi qui ordo antea //

Fol. 274

fuerunttemplarij auctoritate Summi Pontificis qui ordinem fecit donationum

priuilegium papae

Et isto tempore dominus Infans Henrricus accepit graciam priuilegium et litteras a Summo Pontifice qui tunc erat Eugenius [IV] [146] quod nullus princeps rex / nec dominus aliquis auderet ire ad partes Guinee sine licencia eius et regis Portugalie sub pena excommunicationis /

Cabo Verde non est verum

Post modicum temporis dominus Infans praecepit vt carauele vlterius progrederent Euntes vero de pace et guerra et inuenerunt caput pulcherrimum ingredientem in mare quem nominauerunt Cabo Verde / Et in isto loco incipit linea equinoctialis quia dies et noctes ibi semper sunt equales in hyeme similiter in estate Et gentes ille sunt maxime nigri /

Besegiche prouincia

Et carauele euntes de Cabo Verde vltra seu contra polum antarticum inuenerunt terram non populatam et vltra progredientes inuenerunt magnam playam et accesserunt ad eam cum suis nauiculis Et statim exierunt de arboribus infinite gentes nigre / Et dominus gentis illius nomine Besegichi vir malus et proditor et omnes vicini eius odio ipsi habebant quia pessimus erat Et iecit in christianos sagittas de veneno et vulnerati sunt aliqui christiani / qui statim mortui sunt de veneno Et sic decepit christianos / dissimulans

---

(146) Espaço em branco [IV]; Eugénio IV (1431-1447).

maliciam demonstrando faciem bonam et letam vt
Fol. 274 v.º appropinquarent terram et appropinquantes // ad
littus praecepit suis vt sagittis in christianos sagittarent et sic mortui sunt multi ex christianis Et non
Çanaga fl.' intrantes terram reuersi sunt ad fluuium Cenega vbi
inuenerunt alias suas carauelas et sic omnes reuersi
sunt Portugaliam Et in isto tempore quolibet mense
ibant carauellas cum mercimonijs tractandas
Postquam dominus Infans sciuit tam nephanda noua
misit vnam carauelam armatam de pace et guerra jn
qua fuit pro capitanea Nunio Tristan praedictus qui
fuit in terris Çenegarum cum ceteris nobilibus qui a
Portugalia recte nauigauerunt ad Caput Verde / et vltra
procederunt ad vnam terram malorum hominum qui
Serreos populi vocantur Serreos Et inuenerunt ex illis multos in
littore maris cum suis arcubus et sagittis venenosis
et noluerunt cum christianis loqui
Barbacijns Procedentes vltra nauigauerunt per terram de Barbacins et inuenerunt fluuium paruum qui nunc vocatur
ryo de Nuno Tristam ryo Nuno Tristan Et euntes vltra viderunt multos
nigros de illa patria in almadijs intra fluuium et extra
in mari cum sagittis venenosis et interfecerunt omnes
istos christianos Et ceperunt carauellam et traxerunt
eam intus fluuium et fregerunt eam Et ego Dioguo
Gomes habui post longum spacium temporis vnam
ancoram a rege nigrorum qui mihi fecit graciam de
illo Et ego fui primus christianus qui cum illis pacem
firmaui Et vocatur rex iste nome (*sic*) Maius et est
dominus multarum almadiarum
Audiens dominus infans noua mala de morte suorum
christianorum contristatus est Et deambulans in
Fol. 275 pallacio ipsius // quidam nobilis de regno Suetie qui
venit Portugaliam ad se faciendum militem vltra
mare in Affrica cuius nomen erat Abelhart / Cupiens
videre terras extraneas et principaliter Guinee rogabat
dominum Infantem vt eum mitteret ad partes illas Et
dominus Infans consensit rogationi illius dedit ei
carauelam armatam cum aliquibus nobilibus curie
ipsius Ipsi vero nauigantes vltra locum supradictum

Abelhart ex Suetia fuit ad Guinee

vbi occisi([147]) fuerant christiani Et inuenerunt nigros cum almadijs armatis plus quam trecentes cum suis sagittis venenosis et proeliabant cum christianis et mortui sunt multi et fere omnes vulnerati praeter tres juuenes Superueniensque ventus intrauerunt mare fractis ancoris et scissis cordis de eis quasi nutu Dei Et senex quidam in carauela erat grauiter vulneratus et magnus marinarius sciens se moriturum dixit pueris postquam mortuus fuero ite ad aquilonem cum vestra carauella et inuenietis regnum christianorum / Multi enim ex christianis qui vulnerati erant veneno mortui sunt / et miraculo Dei jsti tres pueri corpora eorum projiciebant in mare sine timore aspicientes quomodo descendebant corpora in profundum et sic fecerunt similiter seni marinarij Cum vero intrauerunt mare occęanum magnum cum doctrina senis sine visione terre siue insularum venerunt instinctu Dei Portugaliam videntesque terram ocurritque eis cursarius quidam cum quam pluribus nauibus nomine Machin de Trapana Et vna parua ex suis nauibus videns carauellam puerorum peruenit ad illos et intrauerunt carauellam et inuenerunt illos tres pueros qui admirati sunt valde et hoc erat juxta Cabo de Pichel 7 leucis ab Vlixbona Cursarius populauit carauelam et direxit eam Vlixbonam vna cum juuenibus //

carauela cum tribus pueris venit Vlixbonam

Fol. 275 v.º([148]) Post non multum tempus dominus Jnfans armauit quandam carauelam de Lagos quae vocabatur Piconso Et fecit idem Dioguo Gomes capitaneum illius Et armauit etiam alias duas carauelas vt irent vltra Et fecit vt Dioguo Gomez esset capitaneus maior istarum carauelarum Et in vna illarum carauelarum fuit capitaneus Johannes Gonzalui Ribero familiaris Infantis Et in alia Nunio Fernandez de Baya (?) scutifer ipsius Infantis Et praecepit eis vt irent vltra quantum pote-

([147]) *Riscado*: «mortui».

([148]) *No pé do Fol.*: almadia vocatur barca seu nauis parua ex vno ligno facta.

rio de Sam Domjngos

ryo Grande vel Fancaso

panni bombicini dentes elefantum malagueta

Fol. 276

elefantes

ryo de Gambia

insula in flumine

rant Et sic transiuimus flumen Sancti Dominici et alium fluuium magnum qui vocatur Fancaso vltra Rio Grande et habuimus illic magnas currentes maris Et crescente mare fecit ibi magnum impetum qui vocatur macareo quia tunc non est ancora quae posset tenere Qua propter alij capitanei et homines ipsorum multum timebant putantes vltra totum mare sic esse et me requirebant vt reuerterem Et in media marea mansit mare valde liquidum Et venerunt mauri de terra in suis almadijs et portauerunt nobis de suis mercimonijs —scilicet— pannos bombicinas seu cotonis dentes elephantum Et vnam quartam mensuram de malagueta in grano et in corticibus suis sicut crescit cum quo multum gauisus fui Et stetimus ibi Et transiuimus vltra propter currentes maris Et quando venit crescens mare contigit nobis sicut prius et sic nos oportuit reuerti vnde exiuimus Et accepimus terram vbi circa littus sunt palme multae quae habebant ramos fractos et erant magne altitudinis sic vt putabamus eas esse mastos seu virgas nigrorum a longe / Et fuimus illic et inuenimus terram // spaciosam feno plenam Et in illo campo vidimus plus quam quinque milia myongas iuxta vulgare nigrorum quae sunt bestie parum maiores ceruis quae nos videntes nil timuerunt Et illuc vidimus exire de flumine paruo tecto arboribus quinque elephantes / tres magni cum duobus iuuenibus fugientes de animalibus supradictis Et inuenimus in littore maris illius multas foueas de cocodrillis et reuertebamur ad naues Et alio dio (*sic*) cepimus viam de Cabo Verde et vidimus ostium magnum vnius fluuij quod habet tres leucas latitudinis qui ingressi sumus Et secundum magnitudinem immediate putabamus illum esse flumen Gambia / quod sic erat Et intrauimus cum vento prospero et mareo vsque ad insulam paruam quae situatur in medio fluminis et quieuimus ibi nocte illa / Mane vero intrauimus remotius et vidimus multas almadias hominum qui nos videntes fugierunt quia illi erant qui occiderant supradictos christianos

cum capitaneo / Alia vero die vltra caput fluminis vidimus gentes in dextra parte ipsius et accessimus ad eos et iniuimus pacem cum ipsis Cuius dominus vocabatur Frangazick nepos Farisangul magni principis nigrorum Et ibi accepi ab eis 180 pondera auri in cambio nostrorum mercinarum —scilicet— panni mouilia etc. Et illic nobis dixerunt quare nigri ex parte sinistra nobis noluerunt loqui et quod interficerant christianos Dominus vero illius terre habebant nigrum quendam nomine Bucker qui sciebat totam terram
Fol. 276 v.º nigrorum et inueni // quod in omnibus dicebat veritatem rogauique eum vt iret mecum ad Cantor et
Cantor fl' ego vellem ei dare mantum et camisias et omnia necessaria et sic etiam promisi domino suo et sic feci Et ascendimus flumen et misi capitaneum vnum
Vlimaus portus cum sua carauela in portu quod ibi nomine Vlimaus et
Animaus portus alius mansit in Animaijs (*sic*)(149) Et ego ascendi fluuium quantum potui et inueni Cantor quae est habitatio magna circa flumen illud Et propter spissuram arborum quae ex vna parte et altera fluuij sunt vela nom potuerunt ire / Et ego misi foras nigrum quem nobiscum tulimus vt patefaceret hominibus terre illius qomodo adueneram illuc tractanda mercimonia Et sic venerunt nigri in multitudine maxima / Pace vero facto cum ipsis(150) facta est fama per totam terram quod christiani essent in Cantor et occurrerunt de omnibus partibus illuc —scilicet— de aqui-
de Tambucutu lone Tambuchutu et homines morantes versus meri-
Serra Geley diem contra Serram Geley veneruntque gentes de
Quioquum Quioquum quae est ciuitas magna circundato muro
ci[uitas] de lateribus cocti in fornace Et percepi ab illis quod in ciuitate illa esse habundantia auri / Et quod illuc transirent carabane camelorum et dromedarij portantes mercimonia de Cartagine seu Tunisj Fez de

(149) Certa confusão: «Vliamus», «Animaus» e «Animaijs».
(150) *Riscado*: «et audientes».

Cayro et omni terra serracenorum detulentes aurum / quia ibi est copia auri quod deportatur de minis / montis Gelu / Et alia pars istius montis in opposito vocatur serra illa Serra Lyoa Et retulerunt mihi quod isti montes inciperent ab // Albafur et transeunt currendo meridiem quod mihi bene placuit quia omnes fluuij magni siue parui descendunt ab istis montibus et currunt ad partes occidentales Et dixerunt mihi quod alia flumina de istis montibus currerent versus orientem Et quod erant illuc magna flumina Et quod circa ciuitatem illam erat quodam magnum flumen nomine Emiu Et dixerunt quod erat ibi mare magnum non multum amplum et quod essent ibi magne almadie sicut naues Et proeliabant inuicem vni ex vna parte maris cum alijs ex altera parte Et quod qui ex altera parte maris erant versus orientem erant albi Et interogaui qui domini regnarent in partibus illis Et runderunt (*sic*)(151) quod in parte nigrorum habitantium erat quidam dominus nomine Sambegenij et ex parte orientali erat dominus qui vocabatur Semanogu et quod semper habebant guerram Et quod modico tempore elapso quod habebant magnum proelium et vicit Samanagu Et dixit mihi Admedi quidam sarracenus de Termezen qui per terram fuit illuc et qui perambulauerat totam terram illam quodmet fuit in proelio maris et terre Et postquam reuersus sum ad dominum Infantem retulendo hec omnia dixit mihi quod quidam mercator in Oran ei scripserat iam duo menses elapsi de guerra seu proelio qui fuit inter Semanagu et Sambegenij Et sic credebat omnia //

Gelu mons
Serra Lyoa
Fol. 277

Albafur mons de quo flumina ad occidentem et orientem currunt

Emiu fl'

Fol. 277 v.º

Hec sunt quae mihi retulerunt nigri qui mecum fuerunt ad Cantor jnterrogaui eos de via per quam itur ad terras vbi habetur aurum / et qui erant domini illius patrie Et dixerunt quod rex Bormelli / et quod tota terra nigrorum a parte recta fluuij erat sub suo

Bormelli rex dominus auri

(151) «rudierunt».

dominio et sibi subiecti Et quod ipse habitat in ciui-
Quioquia ciui-[tas] tate Quioquia et dixerunt quod ipse esset dominus
omnium minarum Et quod ipse habebat ante portam
auri lapidem atrie sue quendam lapidem auri sic ut nascitur in
terra / siue quod ad ignem adhuc non fuit / in magnitu-
quod 20 homines non mouentur dine sic quod xx homines vix eum mouere possent /
et quod ad illum rex ille ligaret semper suum equum,
Et quod haberent istum lapidem auri non propter
aurum in auriculis valorem sed propter nobilitatem et magnitudinem sic
inuentum / Et quod nobiles sue curie in naribus et
auriculis deferunt plenas auro Et dixerunt quod illa
auri mina pars orientalis erat tota plena de minarum auri
Et quod homines qui ingrediebantur in foueas ad
trahendum arenas aureatas deferebant illas foras et
dabant mulieribus ad lauandum et ad trahendum
aurum de arena Et quod illi homines non possunt
multum viuere propter aerum illum qui exit de
foueis auri /
Et interrogaui qua via esset eundum de Cantor
Quioquia ci[uitas] ad Quioquia et dixerunt quod ad Morbomelli de
Morbomelli Cantor est via ad Somanda versus orientem Et de
Somanda Somanda ad Commuberta / et ad Cereculle et ad alia
Commuberta Cereculla loca quae obliuioni tradidi Et in his locis praenomi-
natis est magna copia auri sicut bene credo quia mo-//
Fol. 278 dernos nigros persequentes vias illas vidi venire
oneratos de auro Et dixerunt quod Forisangul esset
subiectus Mormelli qui est dominus ex parte recta Mormelli rex
fluminis Gambie Et sic pace facto cum istis de Cantor
homines mei fatigabantur cum calore et sic reuerte-
bamur ad querendum alias duas carauellas Et inueni
in carauella quae remansit in Ollimansa mortuos Ollimansa
ix homines et capitaneus Gonçalalfonso valde infir-
mus et ceteri sui omnes infirmi et tantum tres sani
Et inueni aliam carauelam plus inferius contra
occeanum 50 leucis in qua erant mortui quinque
homines Et statim recessimus et iuimus contra mare
et veni ad locum vbi receperam nigrum illum viatorem
et dedi illi quae sibi promiseram Et tunc notificaue-
runt mihi quod ex parte altera —scilicet— sinistra

fluminis erat quidam magnus dominus ad austrum qui vocabatur Batimansa et cupiebam facere pacem cum isso et misi sibi nigrum illum qui fuerat mecum ad Cantor Dominus vero illius terre desiderans loqui mecum in littore fluuij in vna magna silua arborum portans secum gentem infinitam armatam sagittis venenosis et azagayas et gladijs et dargas Et ego accessi ad eum portans ei de muneribus meis et biscotum et vinum nostrum quia vinum non habent nisi de palmis —scilicet— dattilorum arborum Et ipse dedit mihi tres nigros duas feminas et vnum masculum Et letatus fuit et gratia plenus // gaudens mecum juransque mihi per Deum vnum et solum quod plus non faceret guerram contra christianos Et quod securi possent ire per terram sua tractantes sua mercimonia Quod ego volui experimentare mittens Jacobum quendam jndium quem dominus Infans nobiscum misit vt si intrassemus Jndiam quod habuissemus linguam / in terram et praecepi illi vt iret ad locum qui vocatur Alcuzet cum domino illius patrie vbi quondam miles secum fuerat alia vice per terram de Geloffa ad inueniendo serram de Gelu et Tambucutu Qui Jacobus jndius mihi retulit quod Alcuzet est terra multum viciosa habens fluuium dulcem et multos limones quos secum aportabat mihi Et dominus terre illius mihi misit dentes elephantum vnum valde magnum et quatuor nigros qui dentem portabant ad nauem Et sic venerunt cum pace vsque ad naues nostras et sic fui securus ab eis / Et postmodum fui ad domum suam vbi erant habitationes multorum nigrorum Et domus suas sunt facte de arundinibus marinis coopertas de stramine et mansi cum eo per tres dies / Hic sunt multi papagaij et multe onzas et ipse dedit mihi sex pelles de onzis Et praecepit interficere vnum elephantem et iussit carnes suas portare ad carauelas Et ibi intellexi veritatem quod totum damnum factum christianis fecerat quidam rex qui vocatur Nomijmans qui possidet terram quae jacet in promontorio isto Cum quo multum laboraui facere

Batimansa

Fol. 278 v.º

Alcuzet prouincia

Alcuzeth

casas

papagay

onza est animal quasi leopardus

elefantes

pacem et misi ei multa munera per suos homines et
Fol. 279 alma-//dijs suis qui ibant pro sale ad patriam suam
quia sal illic copiosa et rubei coloris / Et multum sal rubeum
timebat christianos propter damnum quem (*sic*) illis
fecerat et carauelis praedictis Et iui per fluuium
contra occeanum vsque ad portum qui est circa ostium
fluminis Et ipse misit ad me multociens viros et
feminas ad probandum me ne forte illis facerem
tedium aliquod quod ego in contrarium feci / reci-
piendo ipsos cum affabili vultu / Postquam rex talia
audiuit venit ad littus fluuij cum magna potestate
sedensque in littore praecepit vt eum accederem quod
et feci cum cerimonijs meis vt meliori modo potui
Eratque ibi quidam episcopus ecclesie sue naturalis episcopus
mell (*sic*) me interrogans de deo christianorum / maffometanus
dedique ei responsum iuxta intellectum quem Deus
mihi dederat Et vltimo ipsum interrogaui de Maffo-
meto in quem ipsi credunt Que verba placuerunt
domino regi ita quod praecepit episcopo quod in
tribus diebus exiret de regno ipsius Et surgens stans
dixit quod sub pena mortis nullus plus esset ausus
nominare Maffometum / quia solum credebat in Deum
vnum et solum Et quod non credebat alium Deum esse
nisi illum quem Infans Henricus frater eius dicebat
se credere nominans dominum Infantem fratrem
cupiens vt eum baptizarem quod et omnes domini
domus sue et similiter mulieres ipsius dixerunt Et ipse
Fol. 279 v.º rex dicebat se alium nomen non // habere nisi Hen-
ricus domini vero ipsius accipiebant nomina nostra
sicut Jacobus Nunus etc. nomina christianorum
Et mansi nocte illa in terra cum rege et baronibus
suis et non audebam ipsos baptizare quia laycus eram
Altera vero die rogaui regem cum suis duodecim senio-
ribus et octo mulieribus vt iuissent mecum ad
carauelam comedere / qui omnes fuerunt sine armis
Et dedi eis gallinas et carnes praeparate iuxta vsum
nostrum / et de vino albo et rubeo quantum ipsi bibere
voluerunt dicebantque inter inuicem quod alia natio
non esset melior christianis / Postea vero in terra

voluit vt eum baptizarem Respondique ei quod non haberem potestatem a Summo Pontifice Sed si vellet / ego dicerem domino infanti qui sibi sacerdotem (152) mitteret qui eos baptizaret / Qui et immediate scripsit domino Infanti vt sibi mitteret sacerdotem et quendam generosum qui eum informarent de fide Et quod ei mittere vnum açor auem ad venandum quia miratus valde qum (153) ei dixi quod christiani portabant auem in manu qui capiebat ceteras aues Et vt ei plus mitteret duos arietes et oues / et anseres masculos et femellas et porcum Et vltra quod ei mitteret duos homines qui scirent facere domos et circuere ciuitatem (154) suam ex tapia quod ego omnia promisi quod dominus Infans omnia adimpleret Et in recessu meo plorabat ipse cum omnibus suis propter amiciam maximam factam inter me et illum //

sacerdotem

astur

arietes et oues anseres / porcos carpentarios

Fol. 280

Et factum est quod per duos annos nullus reuersus fuit Guineam quia rex Alfonsus fuit cum 352 velis vltra in Affricam et cepit potentissimam ciuitatem Alcaçer de Alquiui (*sic*) (155) quapropter dominus Infans cum sua occupatione non intendebat de Guinea / Que ego postea commemorans dominum Infantem de illis quibus scripserat rex ille qui et omnia misit vt ego promiseram

rex Alfonsus

Alcaçer

Postquam discessi a rege isto de Gambia secutus sum viam ad Portugaliam et vnam carauelam quae habebat gentes plus sanas direxi directe ad Portugaliam / alia vero remansit mecum quia gentes habebat infirmas / Et dixi supradicto capitaneo quod si haberet ventum prosperum quod transisset Portugaliam et si non quod me expectaret in Arguin Et sic recessit Ego vero cum alia carauella fuimus vsque ad Cabo Verde cum vento prospero Et euntes iuxta littus maris vidimus duas

recessus de Gambia

(152) *Riscado*: «clericum».
(153) «qum»: cum.
(154) *Riscado*: «locum».
(155) Aliás «Alcácer-Seguer».

almadias euntes in mari Et misimus nos inter ipsos et terram et nauigauimus ad eos et in qualibet almadia erant 38 homines Et lingua accessit ad me dixitque mihi in auriculam quod ibi esset Besaghichi dominus terre illius et malignus de quo supra locuti sumus Et feci eos intrare in carauelam et dedi eis comedere et bibere et munera duplata Et dixi illis quasi nescirem quod dominus esset ad probandum
Fol. 280 v.º illum / Est // ne ista terra Beseghichi / dixit ipse sic respondi ei / Quare est tam malus erga christianos / melius sibi esset facere pacem cum ipsis vt ambo tractarent mercimonia inuicem et haberet equos etc. vt facit Burbuck et Budumel et ceteri domini nigrorum Et dicite ei quod ego vos cepi in isto mari / Et vos amore ipsius dimitto liberos ire in terram / qui multum gauisi / et dixi eis vt ingrederent suas almadias qui ingressi sunt / qui omnes stantes in suis almadijs dixi domino Beseghichi Beseghichi non putas te non cognosuisse Certe in mea potestate eras tecum facere id quod volebam Et postquam tecum bene feci / tu vero / fac simile cum nostris christianis et sic vnusquisque iuit viam suam Post paucos vero dies inuenimus Caput de Tofia et Anterot et intrauimus in Arguin Et inuenimus non longe de terra jnsulam quae
ylha das Garças vocatur ylha de Garças quam inuenimus non populatam et paruam in rotundidate vnius leuce Jllic inuenimus innumerabilem multitudinem auium de omnj genere auium ac inuenimus ibi in terra nidos pelli-
pelicanus auis canum et quam plures mortuos Et non sunt sicut pictores ipsos pingunt sed habet rostrum amplum et stomachum magnum quod bene possunt mittere medida tritici quae vocatur vulgariter alqueyro / Et erat ibi tanta multitudo auium quod interfecimus quantum potuimus portare in nostra barca et intrauimus Arguin et postmodum transiuimus versus Portugaliam et venimus in Algarbia[m] in villam quanda[m] nomine Lagos vbi tunc temporis erat dominus Infans qui gauisus fuit valde de nostro aduentu //

Fol. 281 Post aduentum vero domini Jnfantis de armata cum rege Alfonso post villam Alcacer expugnatam et captam duxi ad memoriam domino Infanti ea quae mihi dixerat rex Nomimans quod ei mittere omnia quae ei comiserat quod et Infans fecit omnia et dixerit illuc sacerdotem quendam consanguineum cardinalis abbatem de Soto de Cassa vt maneret cum rege illo et ipsum instrueret in fide Et plus misit secum juuenem sue camere nomine Joham Delgado et hoc fuit anno 1458 //

1458

Anno domini 1460 dominus Infans Henricus infirmatur in villa quadam sua quae est in Cabo Sancti Vincenti de quo mortuus est xiij die nouembris anno praedicto in vna quinta feria et nocte illa qua mortuus est portauerunt eum ad ecclesiam Sancte Marie in Lagos vbi sepultus est honorifice Et rex Alfonsus tunc tem-

1460

Henricus Jnfans moritur

poris erat in ciuitate Euora qui valde contristabatur vna cum populo suo de morte tanti domini quia omnes prouentus quos habebat et ex Guinea omnia expendebat in bello et continua armata in mari contra sarracenos pro fide christiana / Jn fine anni rex Alfonsus me jussit vocari qui continue fuj ex mandato regis in Lagos juxta corpus Infantis dando quae necessaria erant sacerdotibus qui vacabant continuis vigilijs et officio diuino et iussit vt viderem et respicerem si corpus Infantis esset putrefactum quia ossa illius vellet trabslatare ad monasterium quod vocatur Sancta Maria de Batalha valde pulcherrimum quod pater suus rex Johannes primus edificauerat / cum //

Fol. 281 v.º fratribus ordinis praedicatorum Ego vero veniens ad corpus defuncti discooperui illud et inueni illud siccum et integrum praeter aciem nasi Et inueni illum indutum cilicio aspero de pilis equorum / Et bene cantat ecclesia / Non dabis sanctum tuum videre corruptionem / Qui dominus Infans vsque ad mortem virgo permansit et fecit multa bona in vita sua quae essent prolixa enarrare / Tunc rex jussit ire fratrem suum Jnfantem dominum Fernandum ducem de

inuentus fuit integer cum cilicio

virgo permansit

Begia / et episcopos et comites vt corpus portarent vsque ad monasterium de Batalha supradictum vbi rex corpus defuncti expectabat Et positum est corpus Infantis in capellam pulcherrimam et magnam quam fecit pater ipsius rex Johannes vbi idem rex iacet et uxor eius domina Philippa mater eius et quinque fratres ipsius quorum omnium laudabilis memoria est vsque in sempiternum Et requiescant in sancta pace amen.

Post duos vero annos dominus rex Alfonsus armauit quandam carauelam magnam in qua me misit pro capitaneo et portaui decem equos mecum Et iui ad terram Barbacins quae est inter Serreos et regem

Barbacijs

Nominans (*sic*) Et isti Barbacins sunt duo reges —scilicet— Barbacindum et Barbacin Negor Deditque mihi rex potestatem supra littora maris illius vt quascumque carauelas inuenirem in terra Guinee essent sub meo mandato seu dominio quia ipse sciebat quod illic erant carauele portantes enses Mauris et arma praecipiens mihi vt eos captiuos ducem (*sic*)([156]) sibi in Portugaliam Et Deo adiuuante in xij diebus perueni

Fol. 282

vsque Barbacins ey inueni illic duas // carauelas — scilicet— vnam in qua ibat Gonçal Ferreyra familiaris domini Infanti[s] vicinus ciuium in Porto Portugalie ciuitate qui portabat equos illuc / Et in alia carauela erat capitaneus et mercator etiam portans equos Antonius de Noli Januensis([157]) / Et hoc erat in portu Zaza / Etiam ibi inueni Borgebil qui fuit rex de Geloffa qui illuc fugerat propter metum regis de Burbuck qui ei acceperat terram / Qui supradicti mercatores cum suis carauelis damnificauerunt valde resgate illud quia vnde solebant mauri dare xij nigros pro vno equo illis non dabant plus quam sex / Tunc ego conuocaui capitaneos et ex parte regis dedi eis vij nigros pro vno equo et dedi quodlibet equum pro

Zaza portus

12 nigri pro vno equo

([156]) ducerem.
([157]) Genovês.

xiiij et xv nigris Et nos stantes sic venit quedam carauela de Gambia dans nobis noua quod quidam qui vocabatur de Prado cum una carauela veniebat ditissimam qui (*sic*) inmediate armaui carauelam de Gonçalo Ferreyra et praecepi ei ex parte regis sub pena vite et perditione omnium suorum bonorum vt irent in Cabo Verde et illic expectaret illam carauelam et sic fecit et ipsam cepit vbi inuenimus multum aurum Et ego misi capitaneum regi cum praedicto Gonçalo Ferreyra et scripsi hec omnia regi / Ego et Antonius de Noli de portu illo Zaza iuimus duos dies et vnam noctem versus Portugaliam vidimus insulas in mari Et quia carauella mea erat plus leuior a vela quam alia // accessi ego prius ad vnam illarum insularum vbi vidi arenam albam et videbatur mihi bonus portus et mittens ancoram et similiter Antonius dixique illis quod vellem esse primus qui intraret terran et sic feci / et nullam noticiam habuimus ibi de aliquo homine quam insulam nominauimus Santjago vsque nunc vocatur Et erat illic magna piscatura piscium / Jn terra vero inuenimus multas aues extraneas et flumina aquae dulcis / Et aues nos expectabant donec ipsas interficiebamus cum lignis Erantque ibi multi anseres / Erat quoque ibi copia ficorum sed non sum in arboribus sicut in partibus nostris / quia nostri sunt circa folias et isti sunt per totum lignum a pede arboris vsque sursum per corticem ligni et est ibi multitudo magna illarum arborum Et illic erat fenum multum /

15 nigri pro vno equo

Fol. 282 v.º ylha Santjago

Et ego habebam quadrantem quando iui ad partes istas et scripsi in tabula quadrantis altitudinem poli artici / et ipsum meliorem inueni quam cartam Certum est quod in carta videtur via marinandi sed semel errata nunquam redeunt ad primum propositum / et [*em branco*].

Et postmodum vidimus insulam Canarie quae vocatur Palma / et postmodum fuimus ad insulam Madeyra Et volens ire Portugaliam cum vento contrario fui

Antam de Noli primeiro capitam da ylha Santjago

ad insulas de Açores Et Antonius de Noli remansit in insula de Madeyra cum meliori tempore venit Portugaliam ante me / et petijt regi capitaniam de jnsula Sancti Jacob quam ego inueneram et rex dedit ei

Fol. 283

illam // et retinuit ipsam vsque ad mortem suam Et ego cum maximo labore perueni vsque Portugaliam ad Vlixbonam / Et rex per aliquos tempus venit ad Porto Portugalie vbi jacebat ille de Prado in ferris quem captiuum duxerat Gonçal Ferreyra[158] qui armata portauerat mauris et rex praecepit vt eum martirizarent in vno carro et misit facere fornacem ignis vt eum illic proijcerent et enses ipsius et aurum //

Fol. 284

De insulis primo inuentis in Mari Occeano Occidentis Et primo de insulis Fortunatis quae nunc de Canaria vocantur

Diogo Gomez Johannes primus rex Portugaliae

Audiui ego Dioguo Gomez de Sintria quod quedam carauela de armata regis Johannis Portugalie quae iuerant contra Sarracenos ad Affricam cum vento contrario qui tormento non potuerunt resistere cucurrerunt et viderunt quasdam insulas qui gauisi sunt de terra et putabant illic inuenire aliquod refrigerium de illo tormento iuerunt ad insulam vnam quae nunc vocatur Lançarote et inuenerunt eam non populatam Et putabant omnes alias insulas esse nom populatas / Cessante vero tormenta venerunt Portugaliam narrantes hec regi et sic fama magna exiuit per totam Hyspaniam de insulis inuentis in mari occeano occidentis vltra Gades insulam quae est in mare Athlantico.

Lançarote insula

Nobilis quidam ex regno Francie magne progenie nomine Misser Joham de Betingkor leprosus et propter verecundiam suorum nobilium vendidit omnia quae bona sua / Accipiensque vxorem et familiam suam et

Joham de Bitincor frances leproso

(158) *Riscado*: «et rex princeps».

venit Hispalim

venit ad regnum Castelle ad ciuitatem Hispalim seu Seuilla qui remansit ibi per aliquod tempus Et audiens famam istarum insularum quod essent dispopulate / dicebat inter se quod in nulla parte mundi posset //

Fol. 284 v.º

melius et magis sine verecundia viuere quam in insulis illis quae non essent populate Et accipiens naues quae fecit implere omnibus necessarijs et suppellectilibus ac frumento cum familia sua homines et mulieres quos de sua patria secum portauerat Et adhuc hodierna die mulieres quae habitant in insula quae

Forte Ventura insula

nunc vocatur Forte Ventura in lingua et vestimentis assimiliantur francigenis Qui nobilis etiam populauit

Lançarote insula

insulam aliam prope illam quae nunc vocatur Lançarote Et ibi remansit ipse cum familia sua et ibi mortuus est //

Post mortem istius nobilis mansit filius ipsius pro

Miziot filius Johannis hunam filiam nupsit cum Cabreyra

domino istarum insularum nomine Misser Miziot / Qui Miziot habuit duas filias vnam ex illis dedit in uxorem nobili quondam nomine Cabreyra Et aliam filiam nomine dona Maria de Bettencor ex rogo domini infantis ex insula Lançarote duxit eam pater ad Portugaliam quam infans dedit in vxorem cuidam nobili

aliam Johanne Gonsalui Zarco

ex sua familia filio Johannis Gonzalui qui fuit primus qui populauit insulam de Madeyra / Et ille supradictus

Cabreyra habuit filiam quam nupsit in Castella cum Ferreyra qui nunc est dominus illarum insularum

Cabreyra habuit filiam quam dedit in vxorem militi cuidam de regno Castelle qui vocatur Ferreyra qui est nunc dominus illarum insularum cum parte de Gram Canaria quae obediunt sibi Et dominus infans armauit alia vice suas carauellas et misit pro capi-

Aluaro de Ornellas dominus partis Canarie insule

taneo quendam Aluarum de Ornellas qui in partibus Guinee mortuus est in Alcuzet sicut praedixi in prima in-//uentione Guinee Qui Aluarus de Ornellas accepit et habuit medietatem istius insule quae vocatur Gomera quam obtinuit per guerram quam habuit cum canarijs /

Fol. 285

Hec sunt nomina insularum Canariarum

Sancta Clara
Allegranza
Graciosa } jste non sunt populate

Lançarote
Forte Ventura
Gomera
Teneriffe
O Ferro
Palma } jste omnes sunt populate

In Gram Canaria et Gomera iam circa medietas illarum insularum habitatores sunt christiani / Duo alia insule —scilicet—Teneriffe et Palma sue habitatores sunt populus illius terre qui vocantur Canarie qui est maximus populus Qui solem adorant pro deo

Gram Canaria insula

Homines naturales de Gram Canaria ex ydolatris sunt homines magni corporis et aliqui inter illos vocantur milites Et non comedunt carnes de capris quas ibi in maxima copia habent / et ficus qui in loco suo crescunt / quod telle vocatur / Et comedunt / auenam / Et nullus bonus vir ibi sit carnifex nisi quem odio habent faciunt carnificem Et si aliquis // hospes venerit ad aliquem ad hospitandum hospes domus sibi dat vxorem ad dormiendum cum eo Et si hospes non vult dormire cum ea putat ipsum esse inimicum mortalem Et si aliquis illorum filium dat ad nubendum dat ei multas capras secum pro muneribus et dote et quando mulierem vult dimittere per aliquod tempus et quando vult ad eam iterum redire oportet ei dare decem capras etc.

ficus

nullus carnifex nisi christianus

Fol. 285 v.º

dat hospes hospiti vxorem

matrimonium

Insula Teneriffe

Teneriffa insula

Jsta insula est acuta sicut pannis zucari et est tam alta quod pertransit primam regionem aeris Et ille mons est de lapide pimis (159) In pede istius montis

(159) Certamente «pumicis», de «pumex», pedra-pomes.

feroces

tres reges et xxiij(160) vicorum

rege mortuo consuetudo

est valde bona terra et fertilis / Et gentes Canarij istius insule sunt parui corporis et feroces ad proeliandum Et habent inter se tres reges et dicunt quod erant ibi 23000 hominum Et habent vnam consuetudinem inter se quod quem vnus rex moritur extrahunt ei viscera et mittunt ipsas in vnam capsulam factam ex folijs palmarum Et est ibi quidam locus periculosus in monte illo qui vadit supra mare et strictus Et accipiunt quendam hominem sue generationis propria sua voluntate portans secum viscera regis et vadit ad locum illum strictum quam longe potest ambulare Et proijcit se in mare vbi vltra non potest exire de altitudine in fundo sunt bene 500 cubitus Hic sunt ceteri aspicientes et dicentes aliqui illorum incommendo te regi Alij dicunt incommendo te patri alii filio alij suo amico mortuo Et dic sibi quod capre sue

Fol. 286

sunt multum pin-//gues vel macre / vel si sunt mortui aut non Et omnia noua quae sciunt de regibus et parentibus suis mittunt per illum qui se proijcit in mari regibus et parentibus suis mortuis / Et postea accipiunt corpus regis et implent illud butero et mittunt eum in vno spetum vt gallinam et ponunt seu mittunt illud in spelucam et ante eam ponunt ad custodiam vnum hominem probum qui sua bonitate debet facere ne capilli capitis eius non pereant neque pellis corporis per spacium vnius anni Et si decidunt capilli / tenent illum pro magno peccatore si vero non habent ipsum pro bono viro Et congregantur omnes et faciunt magnum conuiuium et exhibent illi maximum honorem Et post conuiuium portant illum ad locum periculosum vbi alter se proiecit in mari vt similiter sic faciat ad concomitandum regem in alio mundo etc.

hamos

Hamos cum quibus isti capiunt pisces faciunt de cornibus caprarum Et sunt in insulis illis multi arbores multarum specierum et flumina et aues

(160) 23.000.

Jnsula de Palma

Palma insula siluestres

Sunt homines et mulieres magni corporis et sunt rustici siluestres ac sunt feroces Et habent numerum inter se quantum possunt sustentare in tota insula Et nolunt // filios suos proprios consentire viuere vltra numerum illum Et si nascuntur plures filij quam pertinent ad suum numerum tunc pater et mater accipiunt filium et ponunt caput eius super lapidem Et accipiunt alium lapidem et dant in caput pueri et frangunt ei caput et sic interficiunt eos dispersis oculis et cerebro in terram quod magna crudelitas parentum est Similiter faciunt quando aliquis christianus in insula illam transit si excedit numerus eorum illa hora si non mittunt eum viuere //

Fol. 286 v.º

quod tum vno numero viuunt in insula reliquos occidunt

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 287

De insula Seluagem

Selvagem insula

Die quadam veniens ego Dioguo Gomez vltima vice de Guinea in medio inter insulas de Canarias et insulam de Madeyra vidi insulam et fui in ea quae vocatur ylha Seluagem Et est sterilis et nullus habitat in ea nec habet arbores nec flumina Istam insulam inuenerunt carauele domini Jnfantis Et venientes in terram inuenerunt multam vrsellam quod est quaedam herba quae tingit rubeum colorem seu pannum et erat ibi in habundancia magna Et aliqui postea rogauerunt dominum infantem vt eis daret licenciam vt irent illuc cum suis carauelis et illam vrsellam deferri possent ad Angliam et Flandriam vbi valet multum Et dominus infans dedit eis licenciam vt ei darent quintam partem de lucro quem facerent Et dominus infans misit ibi capras masculos et femellas quae creuerunt magnam multitudinem //

vrsella

Fol. 287 v.º

Jnsula de Porto Sancto iuxta insulam de Madeyra

Porto sancto

Tempore Infantis domini Henrici quedam carauela cum tormento vidit insulam paruam quae est iuxta

jnsulam de Madera quae vocatur nunc Porto Sancto non populatam Et in ista insula de Porto Sancto
dragoeyros arbores — sunt multe arbores quae vocantur dragoeyros qui emittit resinam pulcherrimam rubei coloris quae vocatur sanguis draconis Et reuersa est illa carauela nuntians Infanti terram inuentam de qua secum portauerunt sanguinem draconis et ramos aliarum arborum de quo dominus infans multum gauisus est /

De insula de Madeyra

Madeyra insulam — Post modicum tempus misit dominus Infans vnam carauelam ad visitandam (*sic*) et respiciendum insulam inuentam de Porto Sancto in qua iuit pro piloto
Afonso Fernandez piloto — Alfonso Fernandez de Vlixbona et intrauerunt in illam Et vltra transiuerunt recte ad insulam quae nunc
Fol. 288 — vocatur de Ma-//deyra Et ibi erat alia insula prope quae nunc vocatur Deserta et inter vnam et aliam
Deserta insula Funchal — inuenerunt locum qui dicitur Funtschal pars insule de Madera vbi nunc maxima populatio hominum est et ibi nascuntur multe aque Et quesiuerunt insulam in parte occidentis et inuenerunt plura flumina et loca pulcherrima ad habitandum quae nunc sic vocantur —scilicet— Funtschal Camera de Lobos / Ribera
noua locorum insule Madeyre — Braua / Ribera de Akurudos et Sancta Cruz Matschico Caniso omnia pulcherrima loca ad habitandum / tum ipsi non potuerunt videre terram quae talis erat quia plena erat arboribus de cedris et alijs arboribus qui reuersi ad domjnum Infantem nuntiantes illi noua qui gauisus est multum

Quando fuit habitata

Post non multum tempus miles quidam familiaris et nutritus domini Infantis nomine Joham Gonçaluez
Joham Gonçaluez Zarco — Sarco non multum diues petijt capitaniam illius insule a domino Infante qui dicebat se illuc ire vna cum vxore et familia ipsius et ipsam populare et placuit domino Infanti Qui parauit carauellas mittens in eas vacas porcos oues et cetera animalia domestica Et euntes

accesserunt ad locum praedictum de Funtschal Jbi intrauit terram cum omnibus suis et quae secum portauerat facientesque domos de ramis arborum et feno quia tota illa insula erat plena feno et arboribus
Fol. 288 v.º et foliarum arborum // quae de arboribus cadebant / Caraueli vero reuersi Portugaliam remanentibus illis in insula ad portandum illis victualia et alia necessaria remanentibus Miles vero volens seu cupiens scire quae terra esset sub feno et foliorum arborum an
incenderunt fenum et folia in terra fructifera vel sterilis / incenderunt igni fenum et folia quae iacebant in terra / Creuit ignis et factus est tam magnus vt domus et omnia quae habebant combusta sunt Et homines et mulieres non habebant aliud remedium nisi quod se miserunt in aquas vsque ad collum
homines miserunt se in aquam vsque collum et adhuc putabant comburi Et dederunt flumini illo vbi sic steterunt nomine Rybeyra dos Çuccurendus Et sic remanserunt illic sine victualibus vsque dominus infans eis misit necessaria et comedebant interim de auibus quae ibi in copia maxima habebant similiter et de piscibus maris quos accipiebant quae etiam in maxima copia ibi habebantur Et est verum
auium multitudo quod auium multitudo erat ibi tanta quod si vir vel mulier portabat baculum in humeris columbi et toraces sedebant super eum vt manibus ipsos capere potuerunt Et dicunt quod per ix annos insula illa
9 annis ardebat insula semper ardebat quia ignis erat inextinguibilis propter multitudinem foliarum quae ibi erant tanto tempore congregati Et quando ego Dioguo Gomez illic fui prima vice quia iam plus quam xxx anni sunt dictum mihi ibi fuit quod adhuc in aliquibus locis ignis sub terra ardebat / Et sic transeuntes per totam terram querentes et videntes terram quae vel qualis esset melior ad inhabitandum et non inuenerunt meliorem /
Funtschal quam locum Funtschal / Et inuenerunt ibi ligna de
texo lignum quibus faciunt arcos vulgariter / tes[cho](161) in grossi-
Fol. 289 tudine vt vna pipa et alte nimis Et // fuit ibi maxima

(161) teixo.

copia ligni cedri et grossi sicut supradictum lignum / Ac arbores quae dicuntur barbusanum et lignum ponderosum sicut plumbum quod neque aqua neque terra ipsum potest corrumpere Et si aliquod istorum lignorum ponatur in aliquo edificio permane[t] incorruptum in eternum / Est etiam aliud lignum quod dicitur barrabulanum quod est valde album / quia barbusanum est rubeum tendens ad nigrum / Et lignum tyll / et ceteri arbores diuersas a nostris arboribus Et naues reuersi ad dominum Infantem narrantes ei quoniam combusta erant in insula qui Infans immediate illuc direxit naues plenas cum victualibus et animalibus viros et mulieres ad populandum terram qui inceperunt seminare triticum et auenam Et terra erat sic fertilis quod vna mensura dabat 50 et plus et sic de alijs fructibus terre quos seminabant Et habebant ibi tantum triticum quod naues Portugalie omni anno illuc venerunt et quasi pro nihilo habuerunt

cedrus lignus barbusanus

barrabulanum barbusanum tyl lignum

vna mensura 50

Post modicum tempus Miles quidem nomine Tristan petijt dominum infantem vt ei daret aliam partem insule de Madere quae etiam erat terra optima ad populandum quod nunc vocatur Matschico / et dominus Infans dedit illi et sic diuisa est insula sic quod partem Funtschal occidentalem obtinuit Johannes Gonçaluez quae est fertilis multum / vbi triticum in copia vinum maluasia optimum et vinum de Terrasco / cannas çucari sic quod faciunt // çuccarum in tanta copia quod defertur ad partes orientales et occidentales /

Tristam Teixeyra

Machico

triticum maluasia vinum çucarum //

Fol. 289 v.º

Partem vero orientalem Matschico obtinuit Tristan vbi etiam crescunt omnia supradicta / tamen pars occidentalis est melior

Ordem de Christus

Jnfans dominus Henricus dimisit hanc insulam Ordini Christi sic quod habitatores istius insule nom dant alium tributum nisi decimam Deo / et Ordini Christi / qui ordo factus fuit post destructionem Ordinis Templariorum et portant crucem rubeam et in medie-

tate crucis vnam paruam crucem albam et habent dominia illorum Templariorum

Joham Gonçaluez da Camara

Mortuo capitaneo Joham Gonçaluez dimisit duos filios milites et generosos et maior qui vocatur Joham Gonçaluez de Camera mansit capitaneus loco patris eius / Alius vero Rodoricus Gonçaluez de Camera factus fuit capitaneus in insula Sancti Michaelis quae est vna ex principalibus insularum de Açores

Tristam Teixera

Mortuo vero capitaneo de Matschico Tristan remanserunt ei quatuor filij et maior qui dicitur Tristan Teschera mansit capitaneus loco patris sui et ceteri fratres remanserunt secum //

Fol. 290

De Jnuentione Jnsularum de Açores

Tempore quodam Infans dominus Henricus cupiens scire partes extraneas occeani occidentis si inuenirent insulas an terram firmam vltra descriptionem Tolomei misitque carauelas ad querendum terras / qui fuerunt et viderunt terram in occidente vltra Caput Finisterre per 300 leucas videntesque quod essent insule et intrauerant in primam et inuenerunt eam inhabitatam Sancta Maria insula
et ambulantes per eam inuenerunt multos astures seu açores et multas aues / fueruntque ad secundam açores aues
quae nunc vocatur insula Sancti Michaelis quae similiter erat inhabitata habens etiam multas aues et ylha de Sam Miguel
açores vbi etiam inuenerunt plures aquas calidas aquas calidas
naturales —scilicet— ex sulfure / Jllic viderunt aliam
insulam quae nunc vocatur ylha Terceyra quae sic Terceyra insula
era vt insula Sancti Michaelis plena arboribus et auium et multi açores Et inuenerunt ibi prope aliam
insulam quae nunc vocatur ylha de Fayal Et immediate Fayal insula
aliam insulam duarum leucarum de insula Fayal
quae nunc vocatur ylha do Pico / quae insula est Pyco insula
quidam mons septem leucarum altitudinis / sic quod inhabitantes modo multociens accendunt lumina putantes esse noctem et vident solem in vertice mon-

tis / Que naues reuersi sunt Portugaliam nuntiantes domino noua qui valde gauisus est //

Fol. 290 v.º

Da primeyra ylha dos Açores Sancta Maria

Sancta Maria insula ou de Gonçalo Velho

Jnfans dominus Henricus misit quemdam militem nomine Gonçalo Velho quem supra nominauimus de inuentione Guinee pro capitaneo illarum carauelarum quas portabant plenas animaliam (*sic*) domestica / quae mittebant in singulas insulas et venientes ad primam quae vocabatur insula de Gonçalo Velho quae nunc Sancta Maria vocatur miserunt illic de animalibus —scilicet— porcos vaccas oues etc. de quibus nunc ibi est maxima multitudo Jn ista insula habitauit miles ille per tempus aliquod //

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 291

De insula Sancti Michaelis

Sam Migel insula

porcos

trigo

Fuerunt vltra ad insulam Sancti Michaelis miserunt ibi similiter porcos vacas oues etc. de que (*sic*) ibi est maxima multitudo vt et ad Portugaliam deducunt omni anno Similiter et de tritico est ibi tanta copia vt omnibus annis naues illuc transeunt et triticum in Portugaliam ducunt Jn ista est nunc capitaneus Rodoricus Gonçaluez frater Johannis Gonçaluez capitanei de insula de Madera / Post non multum tempus Jnfans dominus Petrus frater Jnfantis domini Henrici petijt a suo fratre insulam istam quae sibi data fuit in temporalibus et spiritualibus quae sic remansit et cetere insule Ordini Christi dans quilibet de omnibus vnam decimam quod Summus Pontifex Eugenius papa confirmauit et vbi fecit mentionem quod omnes insule inuente in mare occeano essent domini Infantis et Ordini Christi Qui Infans dominus Petrus illo tempore erat regens regni Portugalie qui misit homines illuc

Rodrigo Gonçaluez filho do primeiro capitam da ilha de Madeyra

todas ilhas da Ordem de Christus

equi

populare insulam istam et misit ibi multos trotones equos de Alemania vbi modo sunt in copia magna et inuenerunt illuc multos porcos qui generati fuerant ab inuentione prima vsque tunc termporis Jbi est mons magnus plenus igne qui in estate ignis apparet mons ignis tanquam carbo viuus et in hieme videtur fumus magnus Jbi etiam in una planitie maxima est terra quasi cinis semper buliens et quicquid in istam terram proijciunt consumitur immediate etc. //

Fol. 291 v.º: *em branco; seguem-se 8 Fols. numerados a lápis, 291a/291i, em branco, com a marca de água, na medianiz, mão enluvada sob roseta de cinco pétalas.*

Fol. 292([161]) Este liuro he de rotear —a saber— de todo Portugal e de Galiza atee Sorlinga e Oexamte E das ylhas de Madeyra e dos Açores e de Guynee E começa de fallar de como jaz a Berlenga com ho Cabo de Fijsterra

[S]abe([162]) que ho cabo de Fijsterra com a Berlenga jaz norte sul E se fores pera
ho cabo tomaras a terra E se fores do
do (*sic*) cabo pera a Berlenga emmarraras
E ha na rota lxxb([163]) legoas /

Sabe que Fijsterra com Mogya jaz lessueste e hoesnoroeste E do cabo de Fijsterra a Mogya ha iiij legoas /
Sabe que ho cabo de Fijstertra com Acazarga jaz nordeste e sudueste e ha na rota x legoas E da banda do nordeste desta ylha a duas legoas esta hũa bayxa e jaz com a ylha leste e hoeste e toma a quarta do nordeste e sudueste /

([161 a]) No ângulo inferior direito, assinatura: «f».
([162]) Lugar para a capitular «S» que não foi desenhada.
([163]) 75.

Sabe que Acazarga com a Crunha jaz leste e hoeste e ha na rota vj legoas E a Crunha tem hũa grande abra da banda de nordeste do ylheo /
Sabe que ho cabo de Fijsterra a Preuro ha xbiij(164) legoas
Sabe que a ylha de Crunha com a ponta de Ferrol ha x legoas E esta tem dous ylheos E da banda de hoeste esta Ferrol e tem hũu ryo /
Sabe que a ponta de Forrol (*sic*) com ho cabo de Fijsterra jaz lesnordeste e hoessudueste

Sabe que a ponta de Forrol com Sancta Martha jaz norte e sul toma a quarta do nordeste e sudueste ha na rota x legoas E tem hũu grande ryo //
Fol. 292 v.º Sabe que da ponta da Crunha a Sam Çibrãao ha viij legoas
Sabe que Sancta Martha tem hũa ylha na boca E jaz com esta rya norte e sull e ha ij legoas a Sancta Martha
Sabe que de Sancta Martha a Vasma ha vj legoas e tem hũa rya pequena /
Sabe que a ponta de Forrol com Rybadeu jaz nordeste e sudueste e toma a quarta de leste e hoeste e ha na rota xbiij legoas e a Rybadeu ha x legoas
Sabe que a pomta de Rybadeu a Taypa ha iij legoas
Sabe que de Nebra a Aluarca ha ij legoas e de Aluarca a Artedo ha vij legoas E Artedo tem hũa ylha na meetade da boca E sabe que da ylha a rya ha ij legoas / e da ylha a Artedo ha vj legoas /
Sabe que de Belches a Penas ha iij legoas E Penas tem hũu cabo que jaz com a ponta do Forrol leste e hoeste e ha na rota xxxiii legoas E de Penas ao cabo de Fijsterra ha lx(165) legoas /
Sabe que Penas faz hũu cabo e de fromte delle estam duas bayxas

(164) 18.
(165) 60.

Sabe que de Penas a Torres ha vj legoas E jaz leste e hoeste e toma a quarta de nordeste e sudueste E Torres tem hũa rya pequena E de Torres aa villa Viçosa ha viij legoas
Sabe que de Lastre a Ylhanas ha iiij legoas e tem hũa rya
Sabe que de Ylhanas a Basma ha iiij legoas E de Basma a Sam Vicenti ha iiij legoas E de Sam Vicenti a Sam Martinho ha iij legoas /

Sabe que a ponta de Sam Martim com Penas jaz costa leste e hoeste e toma a quarta do nordeste e sudueste E ha na rota xxviij legoas //

Fol. 293 Sabe que de ponta de Sam Martym a Santandre ha vj legoas E jaz nornordeste e susudueste E Santandre tem hũa rya moor que todas E na abra de Santandre esta hũu lugar e tem hũa rya / E tem hũu moynho de vento por conhecença da banda de hoeste E ho ryo tem hũa ylha na metade da agoa porque podem emtrar dambas as bandas

Sabe que de Santonha a Laredo ha tres legoas e Laredo tem hũa grande abra E de Laredo a Çerto ha iiij legoas
Sabe que este Santonha esta sobre a abra de Laredo e quando ho vires vay te a ella e chegua te bem a ella ca ally he ho alto a hũa terra que chamam ho Frade e posa com elle
Sabe de Santonha a Crasto tem [*em branco*]
Sabe que Crasto he hũa concha onde se podem amarrar a quatro marras quatro ou çinco naaos E de Crasto a cabo de Crarete ha tres legoas E este cabo de Crarete tem hũa ylha a ij legoas E jaz com ho cabo nordeste e sudueste //

Fol. 293 v.º: *em branco; segue-se um Fol. 233a, a lápis, em branco.*

Fol. 294 Sabe que a carreyra de Alcaçaua com a ylha de Madeyra jaz nordeste e sueste / Ha na rotta 160 legoas /

Sabe que a carreyra de Alcaçaua com Gram Canaria jaz nornordeste susueste e ha na rota 250 legoas / Sabe que da carreyra de Alcaçaua com a ylha de Palma e ha do Ferro jaz nordeste e sudueste e toma a quarta do norte e sull E ha na rota 230 legoas / Sabe que ho cabo de Samchete com ho cabo de Sam Vycente jaz norte e sull e toma a quarta do noroeste e sueste E ha na rota 40 legoas /

Sabe que a Berlenga com Samchete jaz noroeste e sueste E ha na rota 14 legoas

Sabe que ho cabo de Fijsterra com as ylhas de Açores —a saber— a de Sam Myguel jaz lesnordeste e hoes-sudueste E ha na rota 250 legoas

Sabe que as ylhas dos Açores —a saber— ho Fayal e a Terceyra jazem com a Roca leste e hoeste / e toma a quarta do nordeste e sudueste E ha na rota 290 legoas

Sabe que a ylha de Sam Myguel com ho [castello] de Myna jaz leste e hoeste E ha na rota 240 legoas

Sabe que no cabo de Sam Vincente com ho cabo de Sancta Maria jaz leste e hoeste E ha na rota 15 legoas //

Fol. 294 v.º Sabe que ho cabo de Sancta Maria com Sam Lucar jaz leste e hoeste E ha na rota 30 legoas

Sabe que este cabo de Sancta Maria com Calix jaz leste e hoeste e toma a quarta do noroeste e sueste E ha na rota 50 legoas /

Sabe que ho cabo de Sam Vicente com o cabo de Espartel jaz lessueste e hoesnoroeste / e ha na rota 60 legoas

Sabe que ho cabo de Espartel com ho cabo de Camtym jaz nordeste e sudueste e ha na rota 40 legoas —a saber— quando fores do Spartel pera Camtym emmar-raras E se fores de Camtym pera Espartel tomaras a terra /

Sabe que ho cabo de Sam Vicente com ho cabo de Camtjm jaz norte e sull —a saber— quando fores pera

Camtjm e te fizeras della xb legoas gyna sobre a quarta do sueste E ha na rota lxxx legoas /
Sabe que no cabo de Sam Vicente com a abra de Azamor e de Mazegam jaz norte e sull e toma a quarta do noroeste e sueste E ha na rota lxx legoas
Sabe que ho cabo de Sam Vicente com Lançarote jaz nornordeste e susudueste —a saber— neste camjnho ha cem legoas E tras pello sull e a quarta do sudueste E hiras da banda do norte por nom airares (*sic*) as ylhas ha na rota cem e lx legoas
Sabe que ho cabo de Sam Vicente com Tanariffe jaz nordeste e sudueste / toma a quarta de norte e sul E ha na rota ij legoas
Sabe que ho cabo de Sancta[166] Maria jaz com a jlha de Madeyra nordeste e sudueste toma a quarta de leste e hoeste E ha na rota lxx legoas //

Fol. 295 Sabe que a ponta de Sam Lorenço com a Palma e ho Ferro jazem norte e sull / toma a quarta de nordeste ha na rota lxxb[167] legoas
Sabe que a ponta de Garjaao com Tanariffe jaz norte e sull / ha na rota lxxx legoas
Sabe que a ylha de Madeyra com Lançarote e Forte Ventura jazem noroeste e sueste e toma a quarta de norte e sull E ha na rota xc[168] legoas

Sabe que Lançarote e Forte Ventura com Tanariffe jaz noroeste e sueste E ha na rota xviij legoas E de Tanariffe xij legoas[169]

*

Sabe que todas estas ylhas jazem com a carreyra de Alcaçaua nornoroeste e susudueste

---

(166) *Riscado*: «Vicente».
(167) 75.
(168) 90.
(169) *Riscado*: «Sabe que Lançarote e Forte Ventura com Teneriffe jaaz noroeste e sueste».

Sabe que a ylha de Madeyra com a Saluagem jaz noroeste e sueste e ha na rota xlb ([170]) legoas
Sabe que a Saluagem com a Palma e ho Ferro jaz nordeste e sudueste e ha na rota xl legoas
Sabe que a ylha de Madeyra com Sam Miguel —a saber— da ponta do norte jaz noroeste e sueste E ha na rota cemto e l ([171]) legoas
Sabe que a ylha de Sancta Maria e ho Porto Sancto jaz noroeste e sueste / toma a quarta de leste e hoeste E ha na rota clv ([172]) legoas
Sabe que a ylha Terceyra e ho Fayal com a ylha da Madeyra e ho Porto Sancto jaz noroeste e sueste E hyras por amtre ambas E ha na rota ij legoas //

Fol. 295 v.º

Sabe que as ylhas dos Açores com as Canarias jazem noroeste e sueste e toma a quarta do norte e sull —a saber— a Palma e o Ferro e Tanariffe e Gram Canaria ha na rota ij^{c} legoas E a Lançarote ij^{c} l ([173]) legoas
Sabe que a ylha de Palma e ho Ferro com a jlha de Santjago —a saber— Samtamtom e Sam Vicente jazem nordeste e sudueste / toma a quarta do norte e sul E ha na rota ij^{c} xxx legoas
Sabe que Tanariffe com as ylhas de Santjago —a saber— ha do Sal e ha de Boa Vista e ha de Antonio jazem nornordeste e susudueste E hiras da banda do norte da jlha de Majoo
Sabe que por este camjnho que este liuro falla nom podes errar as ylhas E ha na rota a ylha de Antonio ij^{c} l legoas E a ylha de Sal som ij^{c} xb ([174]) legoas
Sabe que a ylha de Madeyra com a ylha de Santjago jaz nornordeste susudueste —a saber— a ylha de Sam Nicolao e a ylha Rasa E ha na rota iij^{c} legoas

([170]) 45.
([171]) 150.
([172]) 155.
([173]) 250.
([174]) 215.

Sabe que as ylhas dos Açores —a saber— a de Sancta Maria e de Sam Miguel jazem com a ylha de Sam Nicolao jazem norte sull E ha na rota iij^{c} l ([175]) legoas

Sabe que ho cabo de Camtim com Lançarote e Forte Ventura jazem nordeste sudueste E ha na rota xc legoas

Sabe que ho cabo de Ger com Camtjm jaz nordeste e sudueste

Sabe que ho cabo de Guer com ho cabo de Nom jaz nordeste e sudueste e toma a quarta do norte e sull E ha na rota xxxv legoas

Sabe que ho cabo de Nom com ho cabo do Bojador jaz nordeste e sudueste E ha na rota lxxx legoas //

Fol. 296 Sabe que a ylha dos Lobos com a Terra Alta jaz noroeste e sueste e ha na rota xxb legoas

Sabe que Forte Ventura quando fores da banda do noroeste contra a ponta Dom Dia he cortada e quer pareçer dous ylheos

Sabe que a ponta Dom Dia com ho cabo Boyador jaz noroeste e sueste e toma a quarta de norte e sull e terçaras da banda do nordeste E ha na rota xxx legoas

Sabe que Alegrança com a Graciosa jaz leste hoeste e ha na rota iij legoas E esta Alegrança tem hũu boom pouso da banda de leste

Sabe que a Graciosa com ho Roque jaz noroeste e sueste e ha na rota tres legoas

Sabe que hũu naujo pode amdar por amtre estas ylhas sem medo nenhũu

Sabe que ho Roque com Areciffe jaz nornordeste e susudueste e ha na rota vij legoas E a entrada do Arecyffe he da banda do sudueste e ho pouso he no sul meya legoa do Areciffe

([175]) 350.

Sabe que a pomta Dom Dia com ho Ryo do Ouro jaz norte e sul toma a quarta do nordeste e sudueste E ha na rota lxv legoas

Sabe que ho cabo do Boyador com ho Rio do Ouro jaz nornoroeste e susudueste E ha na rota lx legoas — Boyador Ryo do Ouro

Sabe que amtes que chegues ao ryo do Ouro com cinco legoas da banda do nordeste tem hũu ylheo e ata o Ryo do Ouro tudo he areciffe

Sabe que ho Ryo do Ouro com ho cabo das Barbas jaz nordeste e sudueste toma a quarta do norte e sull E ha na rota xxx legoas //

Fol. 296 v.º Sabe que do cabo das Barbas a Pedra da Galee ha v legoas

Sabe que do Ryo de Ouro a Amgra de Gonçalo de Sintra ha xiiij legoas

Sabe que a Angra de Gonçalo de Sintra he muyta fremosa / e a boca della jaz leste e hoeste E esta Angra tem na boca hũas bayxas e a emtrada principal he da banda de sueste

Sabe que da Amgra de Gonçalo de Sintra ao Cabo das Barbas ha xvj legoas Sabe que este cabo das Barbas tem hũa grande enseada E ho naujo que se achar dentro nella nom pode sahir se nam a loes noroeste Este cabo das Barbas tem hũu grande areçife

Sabe que ho cabo do Bojador Amgra a dos Ruyuos ha xxv legoas E da Amgra dos Ruyuos / Amgra dos Caualhos (*sic*) ha xiiij legoas E se quiseres conhecer a Amgra dos Cauallos tem este synal hũa amgra pequena e tem hũa sobrancelha alta ao sul e branca E por dyante tem hũus medões pera ho Ryo do Ouro / Sabe que se fores de Portugal achares tres synaes amtes que chegues ao ryo / tres legoas veras hũa terra grossa maneyra de lombada tem em cyma de sy hũu montezinho pequeno que pareçe atalaya

Sabe que a lomgo do mar desta terra he todo arecyfe e desta terra hũa legoa pera ho Ryo do Ouro veras

Fol. 297 hũa ponta E por cyma della outro monte // no sertão pequeno que pareçe paao de nao e emtom podes mandar sobir acima e emtom veram ho Ryo do Ouro

e logo veras hũa pomta derradeyra ally he ho Ryo do Ouro E em cima desta ponta tem hũus castelletes E podes emtrar seguramente neste ryo Ryo do Ouro E guardar te has do que vires

Sabe que da Amgra dos Cauallos pera ho ryo acharas hũa terra feyta em montes e esta hũu arecyffe feyta como ylha que bate ho mar nelle E como fores tanto auante como ella ve lla has amtre dous montes E dally pera ho ryo he hũa terra bayxa

Sabe que do cabo do Bojador pera Amgra dos Ruyuos acharas este fundo lx . l([176]). braças e auera de terra duas legoas E este fundo he amarelho e conchas britadas e dam grados ruyuos / pera ho Ryo do Ouro acharas este fondo xxx braças auera de ty a terra quatro legoas E se a sondares nas xv braças auera de a terra duas legoas

Sabe que da Amgra dos Ruyuos pera Amgra dos Cauallos acharas fondo muyto meudo amarello

Sabe que atraues do Ryo do Ouro se a sondares nos (*sic*) xbij braças e nas xbiij achares hũu fondo muyto meudo como farelhos com conchas e buzyos E auera de ty aa terra duas legoas

Sabe que ho Ryo do Ouro tem hũa ylha em meyo do ryo E da banda do sueste tem hũas barreyras ruyuas pousaras a som do prumo que todo he limpo

Sabe que da Pedra da Galee ao Cabo Branco ha xiiij legoas e jaz norte e sull e toma a quarta do noroeste sueste //

Fol. 297 v.º Sabe que naujo que esteuer pousado ao Cabo Branco e quiser hyr pera ho Cabo Verde ha de fazer este camjnho por sudueste xij legoas E emtom te demorara ho Cabo Verde ao sull e a quarta do sueste E hiras dentro do cabo vj legoas

Sabe que do Cabo Bramco a ponta dos bayxos ha x legoas jaz ho Cabo Bramco com a ponta dos bayxos norte sul

---

([176]) 60, 50.

Sabe que a ponta dos Bayxos com a ponta de Tofia jaz noroeste e sueste e ha na rota xxx legoas
Sabe que a ponta de Tofia com ho ryo de Sam Joham jaz noroeste e sueste
Sabe que ho cabo de Arguym jaz leste e hoeste E ho cabo Cotarrafal jaz leste e hoeste e toma a quarta do noroeste e sueste E do cabo de Arguym ha xij legoas
Sabe que ho Cabo Bramco com a ylha das Garças jaz noroeste e sueste E ha na rota xij legoas E ao Cabo Branco com ho ryo de Sam Joham jaz noroeste e sueste E ha na rota xx legoas E todo este camjnho do cabo as çinco legoas a la mar he por dentro das bayxas
Sabe que este ryo de Sam Joham tem hũa ylha na entrada da bamda de leste E este ryo de Sam Joham a ponta de Tofia ha iij legoas

Tytolo de Çenaga

Sabe que a emtrada deste ryo da banda de sueste e de Tofia a furna de Sancta Anna ha tres legoas E esta furna tem hũa rastinga que sahe a loeste E da furna de Sancta Anna aos vij moutas ha quatro legoas E da ponta de Tofia amgra do cabo ha xx legoas E tem hũa bayxa da banda de nordeste //
Fol. 298 Sabe que da ponta de Tofia ao campo de area ha xxx legoas E do Cabo da Area ao resgate de Cyde ha viij legoas
E do resgate de Cyde as Palmas ha xx legoas
E das Palmas a Çenaga ha vj legoas
Sabe que esta costa —a saber— de Tofia a Charlam jaz norte e sul e toma a quarta de noroeste e sueste E ha na rota lxx legoas
Sabe que Charlam com o Cabo Verde jaz nordeste e sudueste E ha na rota xxij legoas
Sabe que Çenega com a ylha de Santjago jaz leste hoeste E ho cabo dos Mastos com a ylha de San-

tjago jaz leste hoeste e toma a quarta do noroeste e sueste E ha na rota cv([177]) legoas
Sabe que a ylha do Sal com a ylha de Sam Nicolao jaz leste e hoeste e toma a quarta do noroeste e sueste ha na rota xx legoas jaz Sam Nicolao com Samtantam e com todas as outras ylhas noroeste e sueste E na rota ha xiij legoas
Sabe que a ylha de Sam Nicolao com a ylha de Santjago jaz noroeste e sueste e toma a quarta de norte e sull E ha na rota l legoas
Sabe que a ylha de Sam Nicolao com a ylha do Fogo e a ylha Braua jaz norte e sull E ha na rota l([178]) legoas
Sabe que a ylha de Boa Vista com a ylha do Sal e de Mayo jazem norte e sull E da ylha de Mayo a Boa Vista ha xx legoas E da ylha do Sal x legoas E amtre a ylha de Mayo e Boa Vista esta hũa bayxa em mea boroa / jaz com a ylha de Mayo e Boa Vista norte e sul toma a quarta de noroeste e sudueste //

Fol. 298 v.º E naujo que for de Espanha e ouuer vista de Mayo e Boa Vista e for pera a ylha de Samtjago vaya se da banda do sull dellas por feyto da bayxa e doutras que tem a ylha de Mayo
Sabe que a ylha de Mayo tem da bamda do norte hũas montanhas altas E da banda do sudueste he delgada
Sabe que a ylha de Mayo com ho porto de Alcatrazes jaz lesnordeste e hoessudueste E ha na rota v legoas
Ho porto de Alcatrazes tem estes synaes hũa montanha alta da banda do norte v legoas E tem este porto muyta boa entrada / guarde do que vires
Sabe que ho Cabo Branco com ho Cabo Verde jaz norte sull E ha na rota cxxv legoas E hyras fora do cabo çinco legoas

([177]) 105.
([178]) 50.

Sabe que de Çenaga a mata de Gudumes ha viij legoas E esta mata dura quatro legoas E da mata de Gudumes a quatro legoas acharas tres medões de area E destes medões ao Cabo Verde ha viij legoas

Sabe que amtes que chegues ao Cabo Verde acharas estes synaes / hũa terra preta E ao longo do mar tudo he praya

Sabe que deste começo a duas legoas acharas hũu ylheo / deste ylheo do Cabo Verde ha hũa legoa E podes pousar neste ylheo da bamda do norte ao som do prumo E logo veras ho Cabo Verde E ho Cabo Verde tem estes synaes Quando fores da banda do

Fol. 299 norte veras hũu monte redondo soo // em cyma de hũa ponta delgada E esta ponta delgada he ho Cabo Verde que mais sae ao mar E este cabo tem hũu areçife ao sudueste E da banda do sueste faz este monte de sy cabo e ponta deste areciffe com as ylhas dos Proceues jazem noroeste e sueste E ha na rota ij legoas Naujo que quiser hyr per amtre ellas e terra / guarda se do que vijr

Sabe que ho pouso destas ylhas he este / pousares da banda do mar aberto as ylhas da terra que te demore ho norte a terra per amtre as ylhas e quarta de nordeste podes pousar em xx e em xb braças e acharas area grossa

Sabe que esta ylha grande tem duas augadas pequenas hũa da banda do noroeste E outra da banda do sueste E destas ylhas ao cabo da Entrambas (*sic*) ha hũa legoa E da banda de Antreambas a Palma ha outra legoa

Sabe que esta ylha da Palma esta em hũa grande emseada E nesta ylha podes pousar e espalmar se quiseres ho pouso dos naujos he da banda do sueste em fronte de hũa praya E faz se hũa angra pequena e de fronte muytas cabeceyras Esta ylha tem hũa agoada da banda do sul amtre as pedras

Sabe que a ylha dos Porceuees com ho cabo dos Mastos jaz lessueste e hoesnoroeste E ha na rota viij legoas //

Fol. 299 v.º Sabe que este cabo teem hũas barreyras vermelhas E do cabo dos Mastos aos Barbacijns xij legoas E dos Barbacijns ao ryo dos(... ?)zas ha x legoas
Sabe que ho Cabo Verde com ho ryo de Gambya jaz noroeste e sueste E ha na rota xxb legoas
Sabe que ho Cabo Verde com as bayxas de Casamansa e ho Cabo Roxo jaz nornoroeste e susueste e ha na rota l([179]) legoas
Sabe que estes bayxos de Casamansa saem aloeste direytos e duram atee ho cabo de Sancta Maria E do cabo de Sancta Maria se começam os bayxos de Gambia Este cabo de Sancta Maria tem hũa barreyra vermelha
Sabe que amtre Gambia e ho ryo de Sam Pedro esta este cabo de Sancta Maria E da bamda de sueste tem hũu palmar raro

Sabe que ho Cabo Roxo tem estes synaes / tem muytas barreyras vermelhas E amtre estas barreyras vermelhas esta ho Cabo Roxo e faz desy hũa terra escaluada E ao sueste do cabo Roxo v legoas esta hũa bayxa / E esta bayxa esta com Falulo nornordeste e susudueste e a bayxa esta sobre agoa
Sabe que do Cabo Roxo a Falulo ha v legoas Falulo tem estes synaes / duas barreyras vermelhas da banda do loeste e grande e tem hũu palmar em cima de sy E hũa restinga de pedras E hũu grande pedaço de leste desta barreyra he ho pouso E pousaras em iij braças e duas e meya e acharas vasa agoa toda em volta branca //

Fol. 300 Sabe que Falulo com o ryo de Sam Domjngos jaz leste e hoeste e toma a quarta do noroeste e sueste E ha na rota ix legoas
Sabe que ho ryo de Sam Domjngos tem hũus bayxos que saem a loessudueste

([179]) 50.

Sabe que o Cabo Roxo com a ylha Roxa e boca do Ryo Grande jaz noroeste sueste e toma a quarta de leste e hoeste E ha na rota xxv legoas

Sabe que ho Cabo Roxo com a ponta de Sancta (*sic*) Martinho jaz noroeste e sueste E ha rota xx legoas

Sabe que de Falulo para a boca do Ryo Grande de todo he vasa e a lugares mesturado area

Sabe que naujo que esteuer ao Cabo Roxo e ouuer de dobrar os bayxos do Ryo Grande ha de hyr xxx legoas ou xl([180]) ho sudueste e emtom auera de ty aos bayxos xxv legoas

Sabe que fazendo este camjnho que este liuro fala demorar te ha as ylhas dos Alcatrazes em leste e quarta ao sueste E auera de ty a ellas xl legoas E demorar te ha ho cabo da Verga em leste / hyras da banda do norte vj legoas Auera de ty a elle vij legoas demorar te ham as ylhas dos Ydolos a lessueste auera de ty a ellas lxxv legoas

Sabe que se fores pego das ylhas dos Alcatrazes xl legoas e quiseres hyr demandar a terra / has de hyr em leste e a quarta de nordeste E como a sondares em xiiij braças e a sondares em vasa auera de ty a terra v legoas e nom ha veras e se ha vires seram as ylhas do Ydolos E demorar te ha a Serra Lyoa ao sueste e a quarta de leste //

Fol. 300 v.º Sabe que as ylhas dos Ydolos com a Serra Lyoa jazem noroeste e sueste toma a quarta de leste e hoeste E ha na rota xxvij legoas

Sabe que como fores tanto auante como a boca do Ryo Grande veras estes synaes grandes correntes de montantes e jusantes e muyta agoa suya (?)([181]) E se quiseres asondar acharas xl e l([182]) braças E se achares vasa na meetade da boca do ryo E se achares area e for parda seras na ponta dos bayxos e seras

---

([180]) 40.
([181]) suja (?).
([182]) 40 e 50.

delles v ou vj legoas E se achares area branca e for myto meudinha lauada amdaras encorporado nos bayxos / podes sahyr a loessudueste e ao sull / porque este fundo he do canto delles Como fores tanto auante como a ylha Roxa e achares hũu fundo grande vermelho Este fundo e desta area branca todo he hũu xiiij ou xv ou xij E como fores nas xbiij braças nom te deças mais porque ha hy muytas cabeças

Sabe que ho esteyro de Catarina com a ylha Fremosa jaz leste e hoeste E ha na rota x legoas / Naujo que esteuer pousado na ylha Fremosa e quiser hyr pera Gromansa vaa ao nordeste E ha na trauessa x legoas

Sabe que naujo que esteuer na boca do ryo das Ancoras e quiser hir pera fora do ryo Grande vaa se ao sudueste e a quarta de loeste xxv legoas E emtom lhe demoraram as ylhas dos Ydolos em lessueste e auera de ty a elhas lxv legoas

Sabe que naujo que partir do cabo da Verga pera Serra Lyoa e leuar tempo feyto hira por amtre ho cabo de Sagres e as ylhas dos Ydolos se quiseres ao sueste

Fol. 301 e // aueras as barreyras E este cabo de Verga a hũa serra soo que faz mamanas da banda do nordeste Este cabo de Verga todo he çujo pera ho ryo de Nuno E do cabo da Verga ao ryo de Nuno ha v legoas jaz noroeste e sueste

Sabe que ho cabo de Sagres com ho cabo Ledo e as ylhas dos Ydolos jazem noroeste e sueste toma a quarta do norte e sull E ha no rota xx legoas

Sabe que as ylhas dos Ydolos tem este conhecimento que em xv e em xij e em viij braças acharas vasa E nom ajas medo de ty de achares viij braças se nom vires as ylhas dos Ydolos e fores passado a Serra Lyoa acharas area mesturada com conchas britadas

Sabe que as ylhas dos Alcatrazes com as ylhas jaz noroeste e sueste toma a quarta do norte e sull e ha na rota x legoas

Sabe que a ylha de Visege com ho cabo de Buguba jaz noroeste e sueste

Sabe que ho cabo da Verga jaz com as ylhas dos Ydolos noroeste e sueste E ha na rota xij legoas
Sabe que a boca do ryo Grande com as ylhas Brauas e Serra Lyoa jazem noroeste e sueste E ha na rota cem legoas
Sabe que os bayxos do ryo Grande com as ylhas dos Ydolos jazem noroeste sueste / toma a quarta de leste e hoeste e ha na rota lv legoas
Sabe que as ylhas dos Ydolos com ho ryo de Casse jazem lessueste e hoesnoroeste E ha na rota xij legoas /
Sabe que as ylhas dos Ydolos com as ylhas Brauas jaz noroeste e sueste toma a quarta do norte e sull E ha na rota xxx legoas //

Fol. 301 v.º Sabe que as ylhas dos Ydolos com as Barreyras jazem noroeste e sueste E ha na rota xv legoas E daquem das Barreyras v legoas esta ho ryo de Case E este ryo faz duas bocas em que esta hũa ylha em meyo Se quiseres emtrar no ryo de Casse emtraras por a boca do norte e costar te as a banda da ylha des que fores tanto auante como ella e guardar te as do que vires
Sabe que a boca da parte do sul he hũu ryo que se chama Yanque e todo aparcelado Se quiseres hir a elle has de emtrar por a boca de Case E has de hyr la por hũu esteyro que esta da banda do sull / des que fores por ho ryo de Case dentro hũa legoa e meya e atrauessaras alem a hũas aruores grossas e mais altas que todas as outras logo veras aldea e hiras pera alem em preamar e assy mesmo sahiras per aquem
Sabe que o cabo de Sagres com o cabo Ledo jaz noroeste e sueste toma a quarta de norte e sul E ha na rota xxvij legoas
Sabe que ho cabo Ledo esta na emtrada do ryo de Mayp[ula]
Sabe que este cabo Ledo tem hũu areciffe que sae a loeste meya legoa Se vieres das ylhas Brauas pera tomar agoa has de dobrar este cabo por a banda do

norte E se fores das ylhas dos Ydolos meter te has de dentro delle da bamda do norte

Sabe que ho cabo Ledo com as ylhas Brauas jaz norte e sull e ha na rota x legoas

Sabe que atraues da Serra Lyoa em xxx e em xx e em xviij braças acharas este fundo maneyra de sabro que ho prumo nom pega nada nelle saluo tem algũa pedrinha ou argaço do mar E neste fundo mataras pragetes E como fores em xv ou em x braças pera a serra acharas area grossa //

Fol. 302 Sabe que naujo que quiser hyr pousar nas ylhas Brauas da banda do sul has de hir amtre as ylhas e a serra E nesta boca esta hũa ylha pequena e ha te de ficar da banda da serra E se quiseres hyr pousar pousaras em viij braças ficar te ha a ylha pequena da banda da serra

Sabe que se vieres pera a serra como fores tanto auante das ylhas dos Ydolos que te demorem as ylhas a norte e ouuer de ty a ellas viij ou ix legoas em as xx ou xviij braças sabe que mataras pragetes e badejões e peyxes coelhos

Sabe que a ylha pequena e a grande esta hũu espalmadoyro e nom teens hy agoa pera tomar E vigiar te has dos negros e se quiseres pousar da banda do sudueste em xxbiij e em xxb braças acharas area e podes andar com naujo darredor destas ylhas e guardar te as do que vires

Sabe que as ylhas Brauas com ho cabo de Santa Anna jaz noroeste e sueste e ha na rota x legoas

Sabe que as ylhas Brauas tem estas aguadas / hũa da banda do sueste e outra da banda do noroeste / hũa em direyto da outra da banda do noroeste Tem hũu valle amtre dous montes os mayores da ylha

Sabe que aguada do sueste tem estes synaes Esta amtre duas pontas E amtre estas duas pontas estam muytas bayxas e nom podes hy tomar agoa se nom de meya montante pera cyma Esta agoa naçe de bayxo de hũa pedra E se quiseres cauar acharas muyta agoa //

Fol. 302 v.º Sabe que estes dous montes maiores fazem hũa aberta que passa ho mar de hũa bamda e outra
Sabe que os baixos de Sancta Anna duram xb legoas ao sueste a la mar
Sabe que nauio que for pera bayxo e esteuer em vista da serra v ou vj legoas va por este camjnho que este liuro falla xv legoas nom ajas medo E se fizer calma pousaras por amor do montante te nom lançar sobre os bayxos E as agoas jeytam todas ao sudueste
Sabe que se fores de dia em vista das ylhas Brauas podes hyr por cyma dos bayxos em quatro e em v braças e dobraras todo / e se a sondares acharas area preta
Sabe que se quiseres hyr per amtre as ylhas Brauas e a serra podes hyr por de dentro dos bayxos ao susudueste e nom teens mais de dous bancos de passar que ham neles de preamar tres braças e tres e meya E como os passares acharas v e vj braças ata ho cabo de Sancta Anna
Sabe que se esteueres auante como as ylhas Brauas pera aueres de dobrar os bayxos de Sancta Anna vay te pello sudueste x legoas atee aos xiiij braças e acharas area limpa E des que te fizeres x legoas das ylhas Brauas logo podes hyr tua rota E por mais segurança podes hyr ata xxx braças e logo podes hyr seguro em leste e quarta de sudueste e em lessueste /
Sabe que em xxb braças e em xxx acharas vasa E se fores de dia podes hyr em lessueste E ha na rota x legoas //

Fol. 303 Sabe que as ylhas Brauas com ho cabo de Sancta Anna jaz lessueste e hoesnoroeste E ha na rota x legoas
Sabe que ho cabo de Sancta Anna com ho cabo das Palmas e toda a outra costa se corre noroeste e sueste e toma a quarta de leste e oeste e emmarrar te has do cabo das Palmas xiiij ou xv legoas
Sabe que o cabo de Sancta Anna se esteueres a la mar delle v legoas toda esta costa correras em lessueste ate ho cabo das Palmas

Sabe que o cabo de Sancta Anna com ho ryo das Palmas jaz leste e hoeste E ha na rota xiiij legoas E ho ryo das Palmas tem estes synaes / da banda do loeste tem hũa lombada e hũa terra delgada da costa ou oyto palmas de longo della E na boca delle tem hũa ylha em meyo E a entrada do ryo das Palmas jaz nordeste e sudueste E sayem os bayxos hũa legoa ao sudueste

Sabe que ho ryo das Palmas com ho cabo do Monte jaz leste e oeste toma a quarta do noroeste e sueste e ha na rota xxx legoas

Sabe que ho cabo do Monte com ho cabo Mesurado jaz noroeste e sueste toma a quarta de leste e oeste E ha na rota xiiij legoas

Sabe que do cabo Mesurado a mata de Sancta Maria ha duas legoas e este cabo faz hũa enseada da banda do loeste

Sabe que este cabo Mesurado tem estes synaes / hũ cabo raso no mar e tem hũa aruore em cyma que sogigua todas as outras aruores //

Fol. 303 v.º Sabe que da mata de Sancta Maria a duas legoas estam duas aruores altas que parecem pinheyros

Sabe que da mata de Sancta Maria ao ryo de Sam Paulo ha vj legoas

Sabe que da mata de Santa Maria a quatro legoas esta hũa aruore grossa copada no mar

Sabe que do ryo de Sam Paulo ao ryo de Judeo e ho ryo do Junco todo he hũu a v legoas E ho ryo de Sam Paulo tem estes synaes Ho ryo esta atraues de hũa grande serra que se chama a serra de Sam Paulo

Sabe que esta costa toda se corre lessueste e hoesnoroeste ate a terra da Malagueta

Sabe que ho ryo do Junco tem estes synaes hũa enseada da banda do loeste E da banda de leste tem hũu aruoredo grosso E do ryo do Junco atee ho ryo dos Cestos acharas muyto aruoredo grosso

Sabe que do ryo do Junco a v legoas esta hũa serra pequena que faz quatro montes E dally auante acharas almadias se a terra for segura

Sabe que ho ryo do Junco tem estes synaes / hũa serra grande em cyma de sy E a maior serra fica da bamda do loeste E da banda de leste tem tres ou quatro ylheos pequenos E da banda de oeste tem hũa aruore grossa redonda soo E da banda de leste hũa legoa tem hũa serra pequena que faz de sy tres dellgadas / Sabe que do ryo do Junco ao Resgate de Soeyro tudo som pedras ao longo do mar feytas omo ylheos pegados na terra / a lugares praya e a lugares pedras
Fol. 304 grandes // E atraues da serra esta hũa pinha de aruores E do ryo do Junco ao Resgate do Soeyro ha iiij legoas e tudo he penedia como te digo / Ho Resgate do Soeyro tem estes synaes da bamda do hoeste tem hũa serra pequena no sertão que faz quatro montes E como fores tanto auante como ho Resgate do Soeyro ficar te ha da serra por çima do Resgate do Soeyro E este Resgate tem quatro aruores grandes soos que parecem pinheyros E dali ao ryo dos Cestos ha duas legoas E como fores tanto auante como este Resgate logo veras hũa mata que faz de sy cabo E se fores duas legoas ao longo da terra nom veras terra da outra banda E ally he ho cabo das Bayxas e hy esta ho ryo dos Cestos E amtes que chegues ao ryo dos Cestos hũa legoa acharas tres ylheos da banda do loeste Sabe que ho cabo das Bayxas esta ao sudueste da boca do ryo dos Cestos

Sabe que deste cabo contra a boca do ryo esta hũa grande mata de aruoredo E quando fores do Resgate do Soeyro pera pousar no ryo dos Çestos esta mata leuaras de fronte de ty

Sabe que amtes do ryo dos Cestos hũa legoa acharas hũa pedra que faz de sy ylheo

Sabe que do ryo dos Cestos a ylha da Palma ha duas legoas Esta ylha tem hũa palma em meyo nesta ylha podes pousar aa terra della E nom acharas mais de tres ou quatro em v braças //

Fol. 304 v.º Sabe que desta ylha da Palma ao ylheo Cagado ha hũa legoa E ao pego deste ylheo Cagado estam tres

ou quatro ylheos / e podes hyr amtre elles e do ylheo Cagado E acharas vij e viij braças

Sabe que do Resgate do Gynoes (183) ao ryo de Sam Vicente ha tres legoas E do ylheo Cagado ao Resgate do Genoes ha vj legoas

Sabe que ho ryo de Sam Vicente tem estes synaes da bamda de leste tem hũu morro de pedra na boca que pareçe balea E do ryo de Sam Vicente a Praia dos Escrauos ha quatro legoas E da Praya dos Escrauos a Lagea ao cabo de Sam Vicente ha iiij legoas

Sabe que amtes que chegues ao Resgate do Genoes da banda de leste esta hũu ylheo e da outra banda do hoeste do Resgate do Genoes ao Resgate do Portugues ha hũa legoa E este resgate de Genoes tem hũa bayxa ao sudueste em mar hũa legoa e podes pousar ao redor delle e tem bom fundo

Sabe que este Resgate de Genoes tem hũa ponta de aruoredo e tem muytas palmas / faz hũa emseada da banda do hoeste E dally ao ryo de Sam Vicente ha duas legoas E a esta ponta podes pousar em vij ou viij braças tudo vasa

Sabe que esta Praya dos Escrauos tem estes synaes tem tres ylheos em mar E da banda do sudueste pera ho ryo de Sam Vicente destes ylheos esta hũa bayxa que arebenta de quando em quando E se quiseres pousar na Praya dos Escrauos podes pousar de dya amtre estes ylheos e esta bayxa com ho prumo na mão porque ha çujo a lugares em vij e em viij braças E se quiseres pousar de fora destes ylheos pousaras em xbiij ne em xx braças e achares limpo e da Praya dos Escrauos a Lagea ha v legoas //

Fol. 305 Sabe que a Lagea tem estes synaes / hũa lagea cham no mar E de fronte della na terra firme esta hũu morro de pedras e aly ho ryo da Lagea E da bamda do hoeste desta lagea esta hũa bayxa a meya legoa

(183) Genovês.

amtre a bayxa e a terra da bamda de leste E ho pouso a la mar da Lagea podes pousar em xbiij e em xx braças e acharas limpo
Sabe que da Lagea aos Curraes ha vj legoas
Sabe que os Curraes tem estes synaes no derradeyro rostro tem v ou vj palmas e ally som os Curraes E daly ao cabo de Sam Cremente ha quatro legoas E dos Curraes pera ho cabo de Sam Cremente[184] acharas hũu ylheo no mar E ho cabo de Sam Cremente he hũu cabo verde escaluado E tem hũas palmas em cyma de sy E do cabo de Sam Cremente a duas legoas acharas hũu ylheo Cagado
Sabe que do cabo de Sam Cremente ao cabo das Palmas ha x legoas E jaz hũu com ho outro leste e hoeste e toma a quarta do noroeste e sueste
Sabe que naujo que estiver pousado na Lagea e ouuer vista della e quiser hyr pera bayxo ha de fazer este camjnho va se a sueste e a quarta de sul viij legoas e emtom podes hir ao sueste e dobraras ho cabo das Palmas E se fores de dia vay te ao longo da costa seguro guardar te has do que vires
Sabe que do cabo de Sam Cremente aos Curraes ha v legoas e nos Curraes esta hũu ylheo que pode hir naujo a terra delle E ho ryo de Sam Cremente tem este pouso se quiseres em vj e em vij e em viij braças amtre dous morros de pedra de fronte de hũa praya he limpo e acharas area meudinha e podes pousar da banda do hoeste se quiseres que todo he limpo e da bamda de leste acharas çujo //

Fol. 305 v.º Sabe que o cabo das Palmas tem estes synaes / hũu cabo delgado / estam hũas bayxas sobre agoa e podes amtre ellas e a terra pousar e passar todo he limpo e nas viij braças acharas vasa
Sabe que do cabo das Palmas a aldea de Portugal ha duas legoas e tem estes synaes / tem hũu morro verde

(184) *Riscado*: «Vicente».

maneyra de lombada escaluado e hũu ylheo çarrado com elle E este ylheo tem hũa aruore pena em çima de sy E sobre este cabo de Portugal esta hũa aldea e podes pousar da banda de leste E desta pomta meya legoa he area limpa em x e xiiij e xb braças E ally te verram ostras e outra bitalha que aly ha muytas almadias E da aldea de Portugal ao cabo da Praya ha viij legoas

Sabe que da aldea de Portugal ao cabo da Praya todo he hũa praya / e a lugares acharas morros de pedras da aldea de Portugal a tres legoas acharas hũu ryo pequeno que chamam ho ryo de Sam Pedro E da bamda de leste deste ryo esta hũu ylheo / e dally por diante veras prados verdes em a terra e chamam se Arrozaes

Sabe que deste ryo de Sam Pedro a tres legoas acharas hũu morro verde que faz de sy cabo Este morro verde tem quatro ou v palmas em cyma de sy e ally he ho cabo da Praya Este cabo tem estes synaes / faz hũa terra em pontas da bamda de leste / e hũu aruoredo grosso e dura atee os vij montes que se fazem muytos prados verdes E mais tem este cabo muytas palmas na ponta e ally esta hũu arrecife pegado na terra

Sabe que deste cabo da Praya pera o ryo de Santandre se corre a costa lesnordeste e hoessudueste / E deste cabo da Praya a çinco legoas esta hũu monte redondinho no mar que senhorea toda a terra E deste monte a ponta das Almadias ha vj legoas E deste monte pera a praya das Almadias acharas hũu ylheo grande no mar E ally esta hũa grande pouoraçam //

Fol. 306 Sabe que deste ylheo a praya das Almadias ha tres legoas Esta praya das Almadias tem estes synaes / hũa terra delgada com muytos palmaes (*sic*) e muyto proueytada

Sabe que desta praya das Almadias a duas legoas da banda de leste se faz hũa enseada E esta enseada tem tres ou quatro montes E de banda de loeste se faz hũa ponta e esta hũa grande lagea branca E da banda do leste faz hũa barreyra branca E se fores em mar

quatro ou cinco legoas pareçe ve la E da ponta das Almadias a ponta de Santjago ha quatro legoas / Sabe que da ponta de Santjago atee ho ryo de Santandre he hũa terra grossa e estaras da terra hũa legoa e duas e nom acharas menos de xxx ou xl braças E se quiseres pousar nom podes pousar menos de tres legoas da terra e acharas xbiij e xx braças todo vasa atee ho ryo de Santandre

Sabe que o ryo de Santandre tem estes synaes Tem na boca hũu morro de pedra e faz de sy ylha e hũu aruoredo alto que tem os pees brancos E por çima da boca deste ryo esta hũa serra alta E como fores tanto auante como ho ryo demorara esta serra ao norte e a quarta de noroeste E da banda de leste deste ryo esta hũa pouoraçam terra grossa no mar E nesta terra esta hũa grande pouoraçam E dally por dyante se começam as barreyras vermelhas Estas barreyras duram iiij legoas E no cabamento dellas na banda de leste Esta hũu monte vermelho no mar que asenhoree todas estas barreyras E deste monte vermelho hũa legoa se faz hũa aberta de area

Sabe que este monte vermelho com a ponta de Santjago e ho cabo da Praya jaz nordeste e sueste e toma a quarta de leste e oeste todo he limpo se quiseres pousar E deste monte vermelho ao ryo da Lagoa ha viij legoas //

Fol. 306 v.º Sabe que este ryo da Lagoa tem estes synaes / por cyma delle se faz hũu aruoredo alto e ralo que pareçem pinheyros E se fores a longo da terra logo veras a aldea e faz hũa grande aberta / e tem cinco ou vj palmas na metade da praya Nesta aldea se começam as vij aldeas dy por dyante duram xxv legoas esta pouoraçam

Sabe do acabamento destes (*sic*) sete aldeas tem estes synaes hũu palmar ralo / e faz hũa aberta e dali a vj legoas se faz hũa terra no sertãao que faz hũas manchas brancas E destas manchas a duas legoas está hũu ryo da banda de leste que se chama ho ryo do Soeyro Deste ryo a serra Morena ha xij legoas E em

meyo deste camjnho se faz hũa lombada que tem aruores em cyma de sy grossas E esta serra dura atee serra de Sancta Apolonia E do acabamento destes (*sic*) vij aldeas atee a serra Morena he terra muy bayxa Sabe que toda esta costa ate o ryo de Santandre se corre lesnordeste e hoessudueste todo he alcantilada que nom podes pousar se nom a meya legoa / e a legoa da terra acharas xx braças E se pousares duas legoas acharas xxx e xxxvj braças todo limpo

Sabe que esta serra Morena esta no mar soo e faz de sy quatro talhadas E desta serra Morena ao cabo de Crara ha ix legoas.

Sabe que este cabo de Crara he hũa ponta que faz de sy ylha e tem hũa aruore na ponta e da banda do loeste a hũa legoa faz hũu ylheo redondo como pau de nao cerrado com a terra E da banda de leste a ij legoas faz hũa ponta e tem hũa talhada que faz de sy ylha E faz hũa grande emseada da banda de leste E desta ponta as Tres Pontas ha xij legoas //

Fol. 307 Sabe que desta serra Morena ate o cabo das Tres Pontas ha xv legoas

Sabe que estas Tres Pontas e ho cabo das Palmas jaz leste e hoeste e toma a quarta do nordeste e sudueste e hyras de dentro cinco legoas ou vj E ha na rota cxv legoas

Sabe que ho cabo das Tres Pontas tem estes synaes Amtes que chegue a ponta primeyra e hũa terra alta todo talhada sobre ho mar e bate ho mar nella Estas Tres Pontas som hũas pontas agudas ao mar E a ponta da metade he mais alta que as outras E tem hũa bayxa ao mar hũu tyro de bombarda E atraues destas pontas e todo he limpo e çujo E da banda de leste dellas se faz hũa enseada que tem hũu ylheo carrado todo em terra E ally podes pousar de dentro desta emseada ao som do prumo e acharas area grossa

Sabe que ho cabo das Tres Pontas com ho cabo Delgado jaz a costa lesnordeste e oessudueste E ha na rota vj legoas E este cabo Delgado tem hũas bayxas que saem ao mar hũu pedaço E detras deste cabo hũu

pedaço da banda de leste se faz hũa emseada E tem hũas barreyras vermelhas ve ally se chama a Amda / Sabe que do cabo Delgado ao ryo de Sam Joham ha vij legoas jaz este cabo com ho ryo de Sam Joham nordeste a sueste E este ryo de Sam Joham faz hũa grande emseada que ha de hũa banda a outra cinco legoas e podes pousar em toda esta baya todo he limpo acharas xij e xiij e xv braças e se pousares em vj ou em vij ou em viij guar te do que vires //

Fol. 307 v.º Sabe que do ryo de Sam Joham a aldea do Torto ha tres legoas E do ryo de Sam Joham pera a aldea do Torto acharas hũa terra todo grossa feyta em montes e tem hũas barreyras vermelhas e a longo do mar em ho derradeyro monte deste esta a aldea do Torto Sabe que se[185] vieres de noyte por ho cabo das Tres Pontas e vieres duas ou tres legoas emmarrado e ouueres conheçimento delle podes hyr ao nordeste se vieres pera a fortaleza e podes pousar em xiiij ou em xv braças seguro e acharas limpo / e nom te deças das vij e viij braças pera bayxo por bem de hũa bayxa que esta amtre aldea do Torto e a fortaleza e da aldea do Torto aa fortalezas ha tres legoas /

Segue se ho liuro das rotas do castello de Sam Jorge //

[*O Fol. com o n.º actual de 307a, em branco*].

Fol. 308 ([186])

Ho liuro das Rotas do Castello de Sam Jorge

Sabe[187] que ho Castello de Sam Jorge tem estes synaes Se fores emmarrado duas ou tres legoas veras

---

([185]) *Riscado*: «quiseres».

([186]) No ângulo inferior direito, assinatura: «G». Os Fols. 308 até 315 têm 20,5 cms. × 14 cms.; marca de água: licórnio; seguem-se mais 9 Fols. em branco, numerados a lápis de 315a/315i e 8 sem numeração, em branco, dobrados em quarto, dois deles sem terem sido abertos na cabeça.

([187]) Capitular «S» ornamentada.

duas barreyras vermelhas e por cyma dellas hũu
[Ui]ma monte alto que tem muyto aruoredo E do castello ao cabo Corço ha ij legoas
Sabe que este cabo Corço tem estes synaes hũu grande morro de pedra no mar E da bamda do loeste hũu pouco tem hũa aruore na praya e tem hũa aldea em cyma de sy
[Cabo Co]rço Sabe que este cabo Corço pera bayxo se faz hũa emseada de hũa terra grossa ao lomgo do mar E por cyma deste cabo Corço veras hũus monte altos E da banda de loeste hũas aruores altas em cyma de sy Este cabo Corço arebemta mar nelle muy alto que nom arrebenta em toda esta costa outro tal
Sabe que ho cabo Corço com ho cabo das Tres Pontas jaz nordeste e sudueste e toma a quarta de leste e hoeste E ha na rota xx legoas
Sabe que ho cabo Corço com ho ryo de Laguo jaz a costa toda lesnordeste e hoessudueste se fores tres legoas no mar //
Fol. 308 v.º Sabe que ho cabo Corço com ho ryo dos Forcados jaz
Cabo Corço leste e hoeste e toma a quarta de nordeste e sudueste
Rio Forcados E ha na rota clx legoas
Sabe que naujo que quiser pousar a fortaleza de
Mina Sam Jorge e nom ouuer conhecimento della vera estes synaes da banda de leste muytas serras altas no sertãao que duram atee ho ryo da Volta e se vires estes synaes cuyda que es passado
Cabo Corço Sabe que do cabo Corço a aldea da Praya ha vj legoas / ally se faz hũa grande praya E da aldea da
aldea Praya Praya a vj legoas esta outra aldea que chamam Monte
Monte Agudo Agudo E esta aldea esta hũa legoa do mar E por cyma della esta hũu monte alto agudo E quando fores tanto auante como este monte agudo que te demore ao norte ally he ho pouso E da banda do loeste tem hũa ponta de pedras delgadas Ally se faz hũa emseada amtre dous morros que estam no mar E defronte delles tem hũa lombada que tem quatro ou v palmas e de fronte deste (*sic*) lombada podes pousar em viij braças / tudo he vasa / acharas muytas almadias ally podes sahir

seguro e hir aa aldea se quiseres poderas auer na aldea ouro e galinhas

Monte Agudo

Sabe que deste Monte Agudo a tres legoas da banda de leste veras na rybeyra hũu monte redondo soo E dally a duas legoas esta hũu riacho alagado E da

Fol. 309

bamda de leste deste monte iiij legoas // se faz hũa grande emseada e tem outro ryacho que faz hũa grande praya / e ally esta hũa grande pouoraçam tres legoas no sertão E deste monte ao cabo das Redes ha vij legoas

[Cabo] das Re[des]

Sabe que esta cabo das Redes tem estes synaes hũu cabo delgado da banda de hoeste Este cabo tem hũas bayxas hũu pouco a pego E por cima deste cabo esta hũa lombada chãa E ho pouso deste cabo he da banda de leste hũa legoa defronte de hũu rosto

Sabe que a duas legoas do cabo he hũa terra toda grossa e no acabamento della se faz hũa emseada maneyra de valle E ally esta hũa pouoração / podes pousar seguro E da banda deste valle esta hũu monte alto /

Sabe que toda esta costa des ho cabo de Tres Pontas atee ho ryo de Lago jaz leste e oeste toma a quarta do noroeste e sueste Ha na rota cxxx legoas

[Cabo] Corço [Cabo] das [Re]des

Sabe que do cabo Corço ao cabo das Redes ha xij legoas E do cabo das Redes a serra Morena ha xvij legoas E da serra Morena ao ryo da Volta ha xb legoas E desta serra Morena ao ryo da Volta se faz hũa emseada que dura çinco legoas E esta enseada jaz leste e hoeste / E como sayres desta enseada as de achar hũa costa toda direyta atee ho ryo da Volta E em meyo desta terra acharas hũa pedra que pareçe ylheo apegado na terra //

Fol. 309 v.º

Ryo da Volta Cabo Sam Paulo

Sabe que do ryo de Volta ao cabo de Sam Paulo ha x legoas E este cabo de Sam Paulo tem hũa emseada no cabo de leste E da banda de hoeste tem hũas aruores grandes E ho cabo de Sam Paulo jaz com

Rio de Lago

ho ryo de Lago lesnordeste e hoessudueste E ha na rota lxxij legoas toda a costa direyta de praya /

Cabo S. Paulo
Villa Franca

Sabe que do Cabo de Sam Paulo a xxx legoas acharas hũa aldea que chamam Villa Franca na praya e tem estes synaes Esta em hũu alto e tem da bamda de loeste hũu ryo junto com ella e hũu aruoredo E hũa destas aruores esta rapada e he grande e redonda / e esta ssoo / da banda de loeste duas legoas E da bamda de leste tem outro aruoredo que dura çinco legoas e a quatro legoas de Villa Franca acharas dous montes

Sabe que destes dous montes a çinco legoas acharas hũa terra alagada E desta terra alagada a tres legoas

Villa Longa

acharas hũa aldea que chamam Villa Longa e dahy a mata ha x legoas E da mata ao ryo do Lago ha x legoas E do ryo do Lago ao ryo Primeyro ha xxviij legoas E a costa do ryo do Lago ao ryo Primeyro jaz leste e hoeste toma a quarta do noroeste e sueste //

Fol. 310

Sabe que este ryo Primeyro tem estes synaes E na meetade da boca tem hũa aruore grossa bayxa E do ryo Primeyro ao ryo Segundo ha tres legoas no meyo delles tem hũa mata pequena e hũa aruore grossa bayxa E do ryo Segundo ao ryo Fremoso ha tres legoas //

Ryo Primeyro

Sabe que ho ryo Fremoso tem estes synaes tem da banda de hoeste hũa ponta grossa que tem vj ou vij aruores grossas E da banda de hoeste tem hũa dellas soo e faz hũa copa redonda E da outra banda de leste tem duas aruores juntas soos e da outra bamda ho ryo dos Esprauos E a emtrada deste ryo Fremoso he muyto grande E se esteueres em ho meyo da boca nom veras terra nenhũa /

Ryo Fremoso

Sabe que como fores passado do ryo do Lago se nom vires ho ryo Primeyro acharas estes synaes do ryo do Lago a xv legoas acharas tres aldeas que se chamam as aldeas dos Buffaros e nom veres estas aldeas porque estam demtro no aruoredo E acharas logo almadias E se a somdares acharas este fondo vj e vij e viij braças e aueras de ty a terra ij legoas Se esteueres nas viij braças E se esteueres nas çinco aueras de a terra hũa legoa ou legoa e meya E logo

acharas em volta E dy em dyante todo he pracell ate ho cabo Fremoso e acharas sempre vasa //

Fol. 310 v.º Sabe que estes (*sic*) tres aldeas que som certos nom veras rebentar em terra ho mar que tudo he terra alagada /

Rio Primeyro Sabe que ho ryo Primeyro tem hũa synal hũa ponta grossa da banda de leste tem tres aruores grandes E da banda de hoeste hũu aruoredo que sahe ao norte nom pareçe ho ryo se nom quando fores tanto auante como elle E tem a emtrada ao nornoroeste E da banda do sueste veras hũa ponta delgada e aly he ho ryo Segundo Ha hy tres legoas de hũu a outro E deste ryo Primeyro ao ryo Fremoso ha çinco legoas E do ryo Primeyro pera ho ryo Fremoso acharas hũu aruoredo todo bayxo ygual E no acabamento deste aruoredo faz hũa ponta e tem hũas aruores grossas que asenhoream todas as outras Deste ryo Fremoso ao ryo dos Escrauos ha quatro legoas / faz hũu aruoredo todo ygual atee ho ryo dos Escrauos E no acabamento tem duas aruores muy grossas soos E ally se faz hũa ponta do ryo dos Escrauos Estas duas aruores estam da banda do noroeste do ryo dos Escrauos /

Sabe que este ryo dos Escrauos tem este conhecimento que este liuro falla Se fores ao mar e vieres a terra has de ver duas aruores grossas soos da bamda do noroeste hũa maior que outra E estas aruores estam sobre ho ryo E em toda esta terra nom ha taes aruores como estes (*sic*) duas E se forem ao longo da terra tambem as veras E como fores tanto auante como ho ryo veras duas aruores per meya boroa E estam da banda do sueste //

Fol. 311 Sabe que a emtrada do ryo dos Escrauos quer pareçer com ho ryo dos Forcados se nom quanto he mais pequeno que ha do ryo dos Forcados E do ryo dos Escrauos ao ryo dos Forcados ha çinco legoas

Sabe que a emtrada do ryo dos Escrauos he esta chegar te has da banda do sueste que te fiquem os bayxos da banda da babordo (*sic*) ao longo delles demorar te ham duas aruores ao noroeste e a quarta

de norte E acharas neste ryo de bayxa mar duas braças e braça e meya e de preamar tres braças e duas e meya

Sabe que a emtreda do ryo dos Forcados he esta se fores ao longo da terra da banda de noroeste ate a ponta do ryo e esteueres achegado a ella hũa legoa ou duas nom veras terra da banda do sueste se nom aruores que parecem tamalanes E este ryo tem duas entradas e som estas por te has no meyo deste ryo E se quiseres emtrar da banda do noroeste dos bayxos pom te em meo do ryo e leua a proa do naujo sempre em meyo e emtraras seguro per duas braças e duas e mea e tres e meya E nesta entrada do noroeste ha duas legoas bõas e podes barlauentear seguro e nom te deças de duas braças pera a terra do noroeste e ham te de ficar os bayxos da bamda do sueste /

Sabe que esta he a outra emtrada Se quiseres emtrar
Fol. 311 v.º por ella emtraras ao longo dos bayxos // quanto te fiquem hũu quarto de meya legoa da banda de estribordo E como fores em meo destes bayxos logo veras arebentar duas cabeças da banda da bobordo como fores tanto auante como estas cabeças acharas tres braças e tres e meya / Ho fundo desta carreyra he este / de bayxa mar duas braças largas e duas e meya E de preamar tres braças e tres e meya E como fores tanto auante como a ponta do sueste acharas v e vj braças

Sabe que esta entrada de hoeste he mais segura que outra de loessudueste E quando sahires poderas sahir a hoeste e a quarta do noroeste E a loesnoroeste seguro e que faça escarçeo nom ajas medo que tudo este fundo que este liuro fala E veras arebentar ho mar hũa legoa e duas e pareçem bayxas e nom ho som que todo he escarçeo

Sabe que se fores çarraçam e nom vires a terra da bamda do sueste pom te em mea boroa e leua a proa em leste e a quarta de sueste e emtra seguro que nom teens nenhũu bayxo saluo hũa cabeça que te ha de

ficar da banda de ystribordo obra de mea legoa e de hũu tiro de bombarda e de hũu de besta /
Sabe que este ryo he todo alto da banda de sueste e podes borlauentear por elle e nom te achegues muyto a banda do norte porque he muyto apraçelado E ho pouso he da bamda do norte a hũa ponta que
Fol. 312 se hy faz E esta ponta se faz // hũu ryo pera ho ryo dos Escrauos e ally podes pousar em quatro braças que agoa he alli mais remanso que em outro cabo nenhũu / ficar te ha hũu esteyro da banda do noroeste Se quiseres entrar neste ryo emtra com montante porque agoa te leuara pera dentro E quando sayres sayras com duas marees viras pousar a ponta e ally aguardaras a preamar E se ouuer agoa de montante neste ryo faz grande escarceo

Aqui falla da rota do Cabo Fremoso pera ylha de Samtamtoneo

Sabe que naujo que partir do cabo Fremosos pera a ylha de Samtantoneo ha de leuar este camjnho pello sueste e a quarta do sul ate que te facas xx legoas da ylha E emtam vay te pello sudueste e hyras dar nella ou nos ylheos que estam da banda do sudueste E estes fazem com a ylha de Sam Tome nornordeste e susudueste —a saber— com ho porto de Sam Domjngos
Sabe que a ylha de Santamtoneo com a ylha de Sam Tome jaz nordeste e sueste E toma a quarta do norte sul Se partires da ylha de Sam Tome e leuares vento de viagem —a saber— do porto de Sam Domjngos onde he a pouoraçam hyras a ver ho ylheo Redondo da banda de leste de Santantoneo E este ylheo esta
Fol. 312 v.º da ylha hũa bõa legoa E este // ylheo jaz com dous ylheos lesnordeste e hoessudueste E ha na rota v legoas E este ylheo grosso jaz com a ponta da amgra da pouoração norte e sul E ha no rota vj legoas E esta ponta dos dous ylheos pequenos em cyma do

mayor esta hũa aruore pequena que pareçe homem E a loeste destes ylheos tres legoas esta hũu ylheo bayxo duas legoas da ylha em fronte de hũa ponta Sabe que esta ylha de Santantoneo he da banda do sul alta que faz hũus picos altos E se partires desta ylha pera a ylha de Sam Tome e leuares tempo de viagem has de fazer este camjnho Tomaras a rota deste ylheo grosso e faras ho camjnho pello sudueste e a quarta do sull tomaras ho meyo da ylha que sera ho porto de Sam Domjngos que tem por synal hũa delgada no meyo que pareçem dous e nom he se nom hũu e ficar te ha da banda do noroeste E outro veras da banda do sul v legoas e ally esta outro porto

¶ que se chama ho porto de Gyl Gonçaluez / Naujo que

Santo Antonio jlha partir da ylha de Santantoneo e vier em busca do cabo Fremoso ha de fazer este camjnho pello noroeste

Cabo Fremoso hyras a la mar do cabo duas ou tres legoas e este he bom camjnho porque se tomares da quarta do norte hyras de dentro do cabo que faz grande emseada e tambem as correntes que lançam ao nordeste muyto fortes //

Fol. 313 Sabe que se te achares de dentro do cabo que teras trabalho em ho dobrar porque jaz a costa lesnordeste e hoessudueste /

Sabe que no rosto deste cabo estam tres ryos grandes duas ou tres legoas e a chapa deste cabo dura viij legoas e ally se começa de correr a costa lessueste e hoesnoroeste e a noroeste e a quarta de leste E em fronte deste cabo Fremoso acharas este fondo Estaras ij legoas de terra e acharas vj e vij braças he vasa e nom de deças das v pera bayxo por bem das bocas dos ryos que tem bayxos estes ryos do cabo Fremoso fazem de dentro nas abras hũas pontas que parecem ylhas e nom ho sam E ho derradeyro ryo destes da banda do noroeste faz hũa ponta que faz hũa rystinga de bayxos que emtra ao mar mea legoa E dally a quatro legoas esta hũu ryo que faz hũa gramde emseada E dally a ij legoas se faz hũu buqueyram pequeno E deste buqueyram ao ryo dos Ramos ha v

legoas Este ryo dos Ramos tem hũa grande emseada amtre duas pontas E a ponta de leste he rasa e mais delgada que a outra Este ryo dos Ramos tem hũas bayxas que saem a loeste mea legoa Esta ponta rasa tem hũa aruore soo pequena E a ponta da banda de loeste tem quatro aruores ou çinco //

Fol. 313 v.º Sabe que as marees de Guynee som estas —a saber— Serra Lyoa ao nordeste e susudueste preamar
Sabe que a maree da Myna pera bayxo lesnordeste e hoessudueste preamar

Jaz ho arecyffe da ylha Roxa com a principal bayxa norte e sull / toma a quarta do noroeste e sueste //

[*Resto do Fol. em branco*].

Fol. 314

Do Ryo Grande

Se partires da bayxa de Falulo e quiseres hyr por dentro do Ryo Grande has de fazer este camjnho —a saber— hyras fora della hũa legoa e emtam vay te a sueste E se fores com montante toma a quarta do sul E se vires a ponta do ryo das Ancoras quando te demorar ho nordeste olha em lessueste e veras hũa bayxa e auera de ty a ella mea legoa / E dally auante a susueste e hyras pello canal e acharas vasa E quando fores tanto auante como as ylhetas demorar te ham as ylhas de Buam ao sul E se quiseres hir o esteyro de Catarina has de hyr em leste E tanto que chegares a ponta do esteyro veras hũa praya de area e tem hũa ponta que sahe em (188) leste e quarta nordeste e tem dous ylheos pequenos e tem hũas aruores pequenas E ally he ho pouso se quiseres pousar junto dos ylheos que te fiquem em leste E dally has de hyr pera ponta

(188) *Riscado*: «lesnordeste».

de Sam Martinho que veras estar / guarda te do que vires E da ponta de Sam Martinho pera a ylha Fremosa has de hyr em leste e a quarta do sueste E ha na rota vij legoas

Item tanto que vires a ylha Fremosa nom chegues a
Fol. 314 v.º ella com hũa legoa e vay te ao sueste e a // quarta do sul ata que demore a dita ylha ao nordeste emtam faras ho camjnho do sul ata ylha das Galinhas. Sabe que a ylha das Galinhas e se quiseres hyr pera os Alcatrazes vay te a boca de Buguba e dally hiras a ylha de Biseneguee E como fores tanto auante como ella vay te ho sudueste ata que veras arebentar hũa bayxa ao sueste e dally hyras ao longo do bayxo que se começa de aquella bayxa ata ylha Roxo E has de guarda a bayxa mar pera chegares a ponta desta restinga porque da ponta dello ao sul esta hũu arecyffe de pedras que sera de hũu a outro hũu tyro de bombarda E has de hyr por antre hũu e outro ata fora da ylha e guardar te has de hũa bayxa que jaz o sueste hũa legoa fora destas cabeças E dally hyras pera os Alcatrazes —a saber— por esta maneyra Se vieres com montante vay te ao susueste ate meyo camjnho e dally hyras ao sueste e a quarta de sul e daras nelles / Ha na rota x legoas

Sabe que estes Alcatrazes tem hũa restinga que jaz norte e sul que sae hũa boa legoa fora

Sabe que hũa bayxa jaz leste e oeste com estes Alcatrazes E ha na rota ij legoas //

[*Entre os Fols. 314 e 315, dois em branco numerados a lápis, 314a/314b*].

Fol. 315 Sabe que jazem as Antillas com ho Ferro leste e hoeste E ha na rota vij^{c} ([189]) legoas largas E estando nellas demorara as ylhas do Cabo Verde — a saber — a do Sal leste e hoeste toma a quarta do noroeste e sueste

([189]) 700.

Sabe que na trauessa do Cabo Verde pera as ylhas dos Açores he menos do que fazem todas as cartas pello qual pera hyres boom marinheyro te compre que sempre des mais singradura do que ho naujo amda a teu pareçer E ysto outrosy te compre porque as agoas tyram todos ao noroeste //

Sabe que se partires da ylha das Flores e quiseres vir pera ho Fayal has de vir ao sull e quarta de sueste x legoas E dally outro camjnho em lessueste Ha na rota xxxv legoas //

Fol. 315 v.º: *em branco; seguem-se 9 Fols. com números 315a/315i, em branco e mais 8, em branco e sem número, dois deles sem terem sido abertos na cabeça.*

Fol. 2

Do viagem de dom Francisco
de Almeyda primeyro viso rey de Jndia
E este quaderno foy trelladado da
nao Sam Raffael em que hia Hans
Mayr por scriuam da feytoria E
capitam Fernam Suarez /

Fol. 2 v.º *em branco*

Fol. 3

viagem e cousas de dom Francisco
viso rey de Jndia escrito na nao Sam
Raffael do Porto / capitam Fernam Suarez

1505
25 Março

Anno 1505 / a djas 25 de Março da Anunçiaçam de Nossa Senhora em terça feyra partio dom Francisco de Almeyda capitam de 20 velas —a saber— 14 naos e 6 carauellas e ouuerom vista de ylha de Madeyra aos 29 djas do dito mes /

20 velas

ylha de Madeyra

ylha de Palma das Canarias

e dhy forom a vista da ylha de Palma das de Canaria (*sic*) que som 72 legoas dhũa a outra /

Canaria

Dale porto Guynee

dhy forom ao porto Dale onde esteuerom 9 djas e tomarom agoa e lenha /
Em esta terra ha muytos palmitos vacas galinhas cuzcuz / he terra muyto quente e de grandissimos aruoredos toda gente preta cabello crespo
Elrey veo a praya com algũus de cauallo mal atauiados mandando dizer ao capitam mor que esteuesse seguro e que viesse sua gente em terra sobre sua cabeça e

elrey lhe deu seu terçado e sua carapuça que valia 8 rrs.

assy sayo amtre os quaes hũ velho fez presente a elrey de sua espada e barrete vermelho pello qual o capitam mor lhe fez estar com hũ baraço ao pescoço na nao hũu domjngo presente todos em quanto pregarom /

ilha de Palma ate porto Dale

Da ylha de Palma ao porto Dale que he abaixo de Cabo Verde som 290 legoas

algũus tornarom a Portugal

Daqui tornarom algũus pera Portugal hũus de doentes outros de arrependidos na carauella que hy estaua de resgate //

Fol. 3 v.º
15 de Abril equinoctial

Aos xv djas de Abril partirom do porto Dale em 320 legoas chegarom aa linea equinoctial /
E da linea equinoctial ao Cabo de Boa Esperança 900 legoas

Bella se perdeo 5 de Mayo

Em 5 djas de Mayo em calmarias se perdeo a nao Bella e abrio se e foy a fondo onde se saluou a gente e duas arcas de capella em que hia prata e ornamentos e a gente saluou seu dinheyro etc.

Brasil terra 40 graus antar[190]

Aos 6 djas de Mayo forom leste hoeste com a terra de Brazil 200 legoas E dhy se forom ao sul ata 40 graos que tinham meo dia ho sol ao noroeste e quarta de norte / aqui ouueram grandes trouoadas com muyta neue

Cabo de Boa Esperança 16 Junho

Dobrarom ho Cabo de Boa Esperança aos 26 dias de Junho e forom afastados delle 70 legoas
2 djas de Julho tormenta com trouoada tinham tanta que da capitayna cayrom 2 homens ao mar e ao Lyonarda hũ /

(190) Certamente: «antárctico»; ver: Fol 14, apostila.

18 Julho

18 djas de Julho virom a primeyra terra alem do Cabo de Boa Esperança 565 legoas —a saber— ylhas derradeyras / E 30 legoas de ylha Moçambique /

Moçambique

Aos 19 djas de Julho forom a vista de Moçambique

Baixos de Sam Raffael

Aos 21 dias de Julho eram atraues dos Baixos de Sam Raffael que som 30 legoas de Quiloa

Quiloa

22 Julho

Em 22 djas de Julho terça feyra ao meyo dia entrarom no porto de Quyloa / e nom eram mais que 8 velas E logo o capitam mor mandou chamar elrey por Bona Ajuta veneziano ho que se escusou de vijr // porem

Fol. 4

Quyloa

mandou em presente ao capitam mor 5 cabras hũa vaquinha muytos cocos e fruita /

Outro dia mandou o capitam aparelhar as naos de artelharia e todos capitães juntos qual delles melhor vestido e armado forom todos cada no seu batel volteando na vista da cidade / esperando se elrey quisesse vijr E lhes mandou dizer que nom podia vijr que tinha hospedes e que se quisesse que lhe mandaria as parias que deuia a elrey de Portugal / e esta embaixada trouxeram cinco mouros que logo forom presos.

24 Julho sayrom em terra

5. feyra do[191] dito mes vespera de Santjago apostolo pella menhãa sayndo ho sol sayrom todos com seus batees das naos E o primeyro que sayo em terra foy ho capitam mor e despois os outros E forom logo pera a casa delrey E neste camjnho a moiros que se nom defendiam lhes foy dada a vida / na qual casa na janella estaua hũ mouro com hũa bamdeyra de Portugal bradando Portugal Portugal Esta bamdeyra lhe leixou o almirante quando ficou com 1500 dobras de parias cada anno / disserom lhe que abrisse as portas o que nom quis começarom a quebrarar (*sic*) com machados e logo desapareceo ho mouro / Entrarom e nom acharom nenguem se nom logeas fechadas /

---

[191] Quinta-feira.

eruilhas

Aqui ha grande moltidam de eruilhas as quaes se dam em hũas heruas tam altas como mostardeyras

Casas de Quiloa

Em Quiloa ha muy fortes casas de peda (*sic*)([192]) e cal sobradadas e cobertas de argamassa com mil pen-

Fol. 4 v.º

turas / Em tomando assy toda a cidade sem // con-

Quyloa

1501

trariade (*sic*)([193]) algũa veo os a receber ho vigayro com certos frades de Sam Francisco com duas cruzes aleuantadas E tanto que as adorarom começarom a cantar Te deum laudamus / E assy forom ata hũa casa onde poserom a cruz / e ahy se recolheo ho capitam mor E toda a gente se meteo a roubar a çidade de muyta mercadoria e mantjmentos

Quiloa ci[dade] ilha

Esta çidade Quyloa jaz em hũa ylha e em torno podem andar naujos de 500 tonees / ha nesta cidade e ylha 4000 almas / he muyto fruitifera / tem muyto milho

colmeas

como de Guynee / mantega / mel e cera / As colmeas nas aruores —a saber— em hũa jarra de tres almudes tapam lhe a boca com hũ panno de palma fazendo lhe seus buracos por onde as abelhas entram e saem /

aruores palmeyras

Aruores muytas e as mais palmeyras e as outras som differenciadas das de Portugal e assy na terra

ata terra firme

firme / E daqui a terra firme a lugares 2 legoas a lugares hũa /

fruita

Aqui ha muytas laranjas doçes lymões rabõas e cebolinhas pequenas / manjarona e majoricam em seus quintaes que regam dos poços /

tambor

Aqui criam tambor que tem a folha como a era e criam se como eruilhas todas tem paos ao pee Comem esta folha os mouros honrrados com hũa cal confecionada que parece ynguento e assy a estenuem (*sic*) da dita folha que como se ha ouuessem de poer em cima dalgũa ferida / Estas folhas assy fazem a boca e dentes muyto vermelhos dizem que refresca muyto //

Fol. 5

Quyloa

escrauos

Nesta terra ha mais escrauos negros que ha mouros aluos por estas ortas fazendo lauoyra do milho etc.

([192]) pedra.
([193]) contrariedade.

grandes apanham nas maduras e fazem dellas celleyros / Todas as ortas estam cercadas com stacadas de paos e canas do milho que som como canaueaes / ho feno tam alto como hũu homem / A terra he vermelha / a primeyra façe he areysca / sempre tem cousas verdes / Tem gordas carnes / boys vacas carneyros ouelhas cabras muytos pescados / baleas andam derrador das naos / nenhũa agoa doçe que corresse / Arredor desta ylha ha muytas ylhas pequenas todas pouoadas /

ortas

feno

terra vermelha

carnes boas

pescado

ylhas pequenas

Aqui ha sambucos muytos tam grandes como hũa carauella de 50 tonees e outros menores /

sambucos

Os grandes estam sempre varados em terra E quando ham de hyr fora os lançam no mar / Nom tem pregadura / ho tauoado ajuntam com ataduras de palmas e com ellas fecham o gouernalho Som breados com ençenso brauo e almeçega /

Nauios como som fectos

Nauegam daqui pera Çoffala donde trazem ouro e som dhy 255 legoas E per outros lugares /

Coffala ata Quiloa 255 legoas

As palmeyras aqui nom dam tamaras / ha hy hũas que dam vinho de que tambem fazem vinagre E estes

palmeyras

Fol. 5 v.º

(*sic*) nom dam cocos que he o fruito das // outras

1505

Quyloa

cocos

Estes cocos som tamanhos como boons melões / tem a casca grossa da qual fazem todallas cordas e dentro tem hũu fruito como grande punho / tera meo quartilho de agoa a qual he gostosa de beber / despois desta agoa ser fora quebram no e comem no / de dentro tem gosto de nozes que nom sam de todo maduros E destes cocos secam e tiram delles azeite em grande auondança /

dormem em redes

Dormem todos aleuantados do chão em hũas redes de palma em que cabe hũa pessoa

agoa rosada

Aqui acharom muyta agoa estillada e redomas de muyto boom cheyro que leuam pera fora

vidro

acharom riquezas

Vidro muyto e de todas feyções / pannos de algodom muytos e de muytas sortes / Encenso e almecega grandes costaes / ouro e prata e aljoffar em grande quantidade /

Todo roubo mandou o capitam mor leuar a hũa casa cada hũu com seu juramento

fortaleza — Fortalleza de Quiloa fezerom da melhor casa que hy auia e derribarom todas outras derrador dellas / fezerom lhe logo bolluartes (*sic*) e bombardas e todo

80 homens na fortaleza — que pera ella pertençia E ficou nella por capitam Pero Ferreyra com o qual ficam 80 homens /

A terra nom he muyto quente

armas — Armas tem frechas com farpões escudos bem fortes de palma teçidos de algodom / azeguas como de Guynee e melhores / spadas poucas virom quatro bombardas / nom sabem bem da poluora //

Fol. 6 — Aa fortalleza bate ho mar com prea mar esta na entrada per onde entram naujos / — Quyloa fortaleza

Elrey fogido de Quiloa / ho capitam mor fez hũu outro rey hũu moiro da terra e benquisto de todos e ho leuarom em cauallo pella cidade / — rey fogio fez outro rey

Aqui fazem cal desta maneyra / Empilham em redondo muyta lenha gorda e sobre ella poem a pedra e a lenha queymada fas se a pedra tal como quando desafornam em Portugal — Cal fazem

Algodom ha hy muyto e muy boom que nesta ylha naçe e a semeam — algodom

carneyros e ouelhas nom tem lãa senom como cabras — carneyros sem lãa

Os escrauos trazem hũu panno da cinta ata geolhos e todo ho al desnu / — escrauos

Os mouros brancos e senhores destes escrauos andam cobertos de dous pannos de algodom —a saber— hũu atado pella cinta que chegua aos pees / E outro que deçe pellos ombros solto e cobre a atadura do outro E som de boom corpo e grandes barbas temerosos de vista / — moros brancos vestidos

Moeda de cobre como ceptis quatro por hũu real e assy valem la as de Portugal / — moeda

Ouro nom tem amoedado se nom a peso de mitical que val em Portugal 460 rrs. / — oro em mitical

Enuerno he em Quiloa Abril Mayo Junho Julho Agosto — enverno

Setembro / porem nom faz frio por isso trazem pouco vestido //

Fol. 6 v.º

veados

A maior parte desta ilha correo o capitam mor per duas vezes e vio per hũa vez 25 veados de pouco pera (*sic*) som lançados aqui /

anta animal

amtas ha aqui e muytos (*sic*) no sertão.

mezquitas

Tem aqui muytas mezquitas abobadadas e hũa que he como ha de Cordoua / Todos honrrados trazem

contas trazem

contas de rezar /

9 Agosto partirom de Quyloa ata Mombaça

Aos ix dias de Agosto partirom de Quiloa camjnho de Mombaça que som 60 legoas / E Sam Raffael xiiij djas do dito mes e ho capitam mor chegara com x nauios hũu dia amtes / 60 legoas

Mombaça ci[dade]

Tinham os mouros em Mombaça fecto hũu poluarte (*sic*) na entrada da barra que he muyto estreita com muytas bombardas / E emtrando o primeiro naujo no

Gonçalo de Payua

qual foy Gonçalo de Payua que hia diante sondando tirarom lhe artelharia e passarom lhe o nauio com hũa de banda a banda / pello qual deram artelharia

poluarte (*sic*) queymou

e derom tanto no baluarte dellas que saltou ho fogo na poluora e queymou ho e os mouros fugirom assy entrou a frota toda e ancorarom diante da çidade /

14 de Agosto tirarom com artelharia

Aquelle dia que era vespera de Nossa Senhora tirarom aa cidade com toda artelharia de todas naaos e assy tirarom da çidade com a sua /

E quando ho capitam mor entrou catiuou hũu mouro que acertou ser da casa delrey do qual ouuerom grande auiso //

Fol. 7

1505

A primeyra noite que a armada chegou veo a praya hũu christão castellano que la ficara de Antonio de Campo e era bombardeyro e tornado moiro / ho qual disse aos christãaos que se fossem que Mombaça nom era como Quiloa nem cuidassem de comer galinhas como em Quiloa e que se quisessem vijr e sayr em terra que a çea estaua prestes / E o capitam mor lhe daua seguro e lhe perdoaua / e elle nom quis / Mombaça castellano era tornado moro

Mombaça ilha em cerco cidade

Esta çidade he muyto grande e esta em hũa ylha que sera pouco mais de hũa legoa e mea e ate duas em redondo / Esta çidade esta no mais alto da ylha / e he toda fundada sobre pedra / nom he çercada da parte do mar por ser dalli muyto alto / E da parte da ylha tem hũu muro que sera de altura de barbacãa /

Casas

Tem as casas de maneyra das de Quiloa e as mais sam de tres sobrados / todas coteadas de argamassa /

ruas streitas

Tem ruas muy estreitas / nom podem hir mais de dous homens a par / E todas tem poyaes que as fazem ajnda mais estreitas /

puserom fogo

Acordou o capitam mor com os outros capitães aquella tarde de poerem fogo aa çidade e pella manhãa entrar / E quando forom a poer fogo vierom os moiros os areceber com frechas que pareçia que chouia e com muytas pedras

Fol. 7 v.º

Mombaça

casas de madeyra 1505

Esta cidade tem mais de 600 casas de madeyra // cubertas de palma / Esta palma he colheita em ramos verdes E assy amtre as casas de pedra e cal estam destas assy como alpenderes e asy as estrebarias e casas de ter suas criações de gado / E poucas casas se acharam que nom fossem acompanhadas destas de palma / E tanto que ho fogo foy posto ardeo tanto que toda a çidade pareçeo hũu fogo e acerca toda a noite E deste fogo cayrom muytas casas e se queymou grande riqueza / porque daqui tractauam pera Coffala e pera Combaya por mar /

alpenderes cubertos de ramos de palma

queymarom

naaos em seco

Neste porto estauam tres naos de Combaya ja vazias e postas em seco sayrom os christãos pera as queymar que os mouros lhes bem defenderom ata ferirem algũus christãos / ficarom por queymar

eclipsis lune 15 de Agosto

Esta noyte foy lũa cris /

Vj([194]) feyra xb dias de Agosto dia de Nossa Senhora eram com o capitam mor 8 naos de hũa banda e da outra banda de Mombaça estaua dom Lorenço seu

([194]) Sexta-feira.

filho com tres naos / pella menhãa muyto çedo se armou toda a gente e almorsarom todos / E o capitam
synal pera todos juntos sayrem em terra — mor tinha dado synal que quando tirasse com hũa bombarda grossa que todos sayssem em terra E andaram assy todos batees payrando junto com terra com preamar tirando a bombarda logo saltarom todos
o capitam mor foy o primeyro — a terra muy bem em ordem besteyros e espingardeyros diante subirom per hũa costa yngreme
Fol. 8 — chegarom a cidade e acharom // algũas casas despo-
1505 — uoadas do fogo de noyte Emtrarom mais adiante onde — Mombaça
as casas eram de tres sobrados onde forom bem seruidos de pedras das çoteas / os besteyros tirarom — dos eyrados lançaram pedras
e nenhũu spingardeyro
As pedras que assy lançauam por as ruas serem — ruas streitas
estreitas cayram de hũa banda e outra que se lhes quebraua a força / E tambem auia muytos balcões — balcões em as ruas
que trauessauam as ruas onde a gente se acolhia segura / E ho capitam mor com a guia que leuaua que era o mouro que catiuou hya camjnho da casa delrey — que nenhũu nom entrasse em casa algũa açotea
E era mandado so pena de caso mor que nenhũu nom entrasse em nenhũa casa E chegando aa casa delrey hũu capitam Vermudez logo foy arriba alçando o estandarte dizendo Portugal Portugal E neste camjnho matarom muytos mouros / — matarom mouros
Virom sayr da cidade hũus 60 mouros todos vestidos — virom sayr 60 moros
de marlotas e taucas ricas andando pera ho palmar nom de muyta pressa / Algũus disserom que hya ally elrey / E nenhũu christãao os seguia E toda a gente — a gente se recolhia aos palmares da cidade
da cidade era recolhida a este palmar E a entrada delle estauam bem 500 frecheyros E estes todos negros — 500 frecheyros catiuos
que som escrauos dos brancos / ho catiueyro delles he mais obediencia que sogeyçam da maneyra dos de Quiloa
Ho capitam mor mandou que roubassem a çidade // — mandou que roubassem a çidade /
Fol. 8 v.º — e recolhesse cada hũu em sua nao o que tomasse
Mombaça ci[dade] — depois vir todo a hũu monte e que de todo o que se
roubarom a Mombaça — leuasse queria dar a gente de vinte hũu E quem — 1505
achasse ouro ou prata ou aljoffre que daua a vintena / E meterom se todos a roubar e buscar as

casas e quebrauam as portas com machados e com vayueens E porque nesta cidade auia muytos pannos
pannos de algodom — de algodom de Combaya he porque toda esta costa se veste destes pannos e nom tem outros / E assy
pera Coffala — tomou grande soma o capitam moor pera o tracto de Çoffala em seu certum quid E assy se acharom pannos muyto ricos de seda e de ouro alcatiffas e tellizes / em especial hũa alcatiffa que se nom pode achar melhor a qual foy mandada a elrey de Portugal com outras cousas muy ricas /

A noyte mandou ho capitam mor recolher toda a gente ao campo amtre a cidade e ho mar dando a cada capitam de nao sua stancia onde toda noyte velarom E esteuerom hũu tyro de spingarda dos palmares onde estauam os mouros que se dizia que estaua elrey /
16 de Agosto tornarom a roubar — E pella menhãa que eram xbj djas tornarom a roubar e pella gente ser cansada do dia passado e das armas e de nom dormir dizem que ficaria outra tanta riqueza
Fol. 9 — na cidade // quanta roubarom afora do que cada hũu consigo leuou / tomarom mantijmentos arroz mel — mantijmentos
mantega milho sem conto camelos e gado meudo em grande soma / dous alifantes virom que lhes foy mostrado pera auerem delles medo e isto antes da tomada da çidade

Muyta gente se catiuou / molheres e dellas brancas e meninos e certos mercadores de Combaya

Este dia que foy sabado a tarde mandou ho capitam — se recolherom os christãos
mor que todos se recolhessem as naos com muyta ordenança e esguarda por respeito dos mouros que estauam ahy preto (*sic*)(195) contudo os christãos ajnda nom acabarom de sayr per hũa porta — christãos sayrom per hũa porta e os mouros entrarom per outra
ja os mouros entrarom per outra a ver seu mal / ca nas ruas e casas jazia muyta gente morta que diziam que eram 1500 — 1500 mortos
Dom Fernando de Eça foy ferido de hũa seeta sem ferro / Estas frechas som de pao e em logo de ferro encastoados outros paos os quaes som tostados e — dom Fernando de Eça frechas peçonhentas

(195) perto.

vntados com hũa vntura que nom sabem / som muyto peçonhentas / algũus dizem que ho pao de seu natural he assy peçonhento / As que trazem ferros dellas

Fol.9 v.º trazem // herua mas nom som tam perijgosas como se pareçeo nos feridos / 1505

Mombaça ci[dade] Esta cidade segundo affirmam os mouros foy a mais fremosa cidade de toda a costa de Habesch / A ylha

Mombaça çi[dade] della he muyto fruitifera / Tem muytas laranjas e

ylha muyto doçes / romãas / lymões e todas as cousas em

fruita mais abastança que Quiloa e canas de açucar / A sua

artelharia artelharia recolherom toda aas naos / acharom hũa

camara de bombarda camara que estaua em hũa rua que çinco homens a nom poderom aleuantar / diziam algũus que era de hũa nao chamada Rey([196]) que dizem que se perdeo

ancora grande perto dhy / mais acharom hũa ancora quetomarom

christãos cinco morrerom ao almirante nom a poderom recolher mostrauam os mouros hũus a outros /

Nesta peleja toda nom morrerom mais de cinco pessoas e muytos feridos E foy mais per virtude diuina que humana fecta /

Despois de recolhidos as naos e leuadas as ancoras

3 dias em tomar a çidade 7 por nom poderem sayr tornarom outra vez as lançar assy que em baixa mar ficam as ancoras em seco E esteuerom dez dias —a saber— 3 em tomada a cidade e sete despois por nom terem vento pera sayrem E a barra he muyto mal //

Fol. 10 1505 de sayr e mais tinham vento contrayro pello qual a nao Lionarda perdeo seu gouernalho que nunca mais poderom achar e lhe fizerom outro pera que foi necessario de cada nao do seu gouernalho hũu macho / Mombaça ci[dade] Lyonarda perdeo o gouernalho

Aos 20 dias de Agosto chegou hũa nao Sam Gabriel da outra frota nom sabendo mais de das outras naos de sua conserua e trazia ho masto quebrado / chegou a nao Sam Grauiel

([196]) A. Baião, pág. 19, leu «Facy», mas o que lá está é «Rey». Agadecemos ao nosso Professor e Amigo, Prof. Doutor Vitorino Magalhães Godinho, a indicação de que se trata da nau «Rei Grande» e que o episódio vem referido também na *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, L.º II, cap. VI, p. 226, ed. do Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida.

elrey de Mombaça e de Melinde forom inimjgos

Este rey de Mombaça e elrey de Melinde tiueram ja guerra hũus com os outros e matarom ja gente e esto porque elrey de Melinde era sempre amjgo delrey de Portugal e vençeo no campo pello qual estiuerom ja agora meo amjgos E elrey de Mombaça lhe escreueo esta carta /

carta delrey de Mombaça pera elrey de Melinde

Deus te salue Çyd Ale faço te saber que per aqui passou hũu grande Senhor ho qual veo ardendo em fogo / Emtrou nesta çidade com tanta força e crueldade que a nenhũu daua vida homem nem molher moço nem velho nem menjno por pequeno que fosse Nom escaparom so aquelles que fugirom de sua furia Nom tam soomente os homens matauam e queymauam mas as aues do ceo derribauam em terra / he tamanho ho fedor dos mortos nesta çidade que eu nom ouso entrar nella nom te poderiam certificar nem

Fol. 10 v.º

1505

lançar conta a // grandissima riqueza que desta

Mombaça

çidade leuam / Aprouue me dar te estas tristes nouas pera que te ponhas em cobro /

Mombaça ci[dade]

Nesta çidade auera bem $\overline{x}$ (197) almas amtre as quaes auera 3700 homens de peleja

Melinde ci[dade] de Mombaça 25 legoas

Partirom desta çidade pera Melinde que som 25 legoas / e porque as correntes eram grandes forom ter 5 legoas abaixo de Melinde onde acharom a carauella de Joham Homem / ho qual tomara duas ylhas / hũa alem do Cabo de Bõa Esperança pera Portugal 450 legoas despouoada tomarom agoa e lenha /

Zanzibar ilha

A outra tomou antre Quiloa e Mombaça que se chama Zanzibar E porque os mouros da dita ilha ja sabiam da destruiçam de Quiloa lhe fizerom muyta honrra de mantijmentos dizendo que eram a serujço delrey de Portugal

24 de Agosto

A esta angra chegarom 24 dias de Agosto onde tomarom agoa e lenha e carne /

Mogodoxo ci[dade]

Mogadoxo jaz nesta costa cem legoas de Melinde e he grande cidade e de muytos cauallos e jaz mea legoa

(197) 10.000.

do mar tem costa braua e jaz açerca do cabo Godorfuum / Esta cidade he muy forte poderosa e rica E quiserom hir la e pello tempo ser corto ho leixarom

27 de Agosto trauessarom pera Jndia em 17 djas

Aos 27 djas de Agosto / quarta feyra partirom desta angra pera a Jndia E trauessarom ho golffo // de Mecha em 17 djas sempre a poupa que som 750 legoas / Amtes de chegarem a costa de Jndia bem çem legoas acharom cangrejos muytos andar por mar açima da agoa E dalli mais 30 legoas pera terra acharom cobras pintadas tem os rabos como enguyas A major nom passaua de vara de medir /

Fol. 11
1505

Anjadiua
750 legoas
crangejos
cobras pintadas

Aos 13 dias de Setembro chegarom a Anjadiua que foy a primeyra terra que virom xi nauios e os outros tres chegarom despois tres dias /

13 Setembro Anjadiua

Logo ho capitam mor ao domjngo começou a ordenar a fortalleza a qual edificou em hũu baixo da ylha a caram do mar onde estaua hũu grande edificio que dizem que foi pouoado em outro tempo / A caram desta fortaleza esta hũu poço que lhes pode bem abastar /

fortalleza
edificio velho
pouço

Esta ylha sera quatro tyros de besta em comprido e pouco mais de hũu em largo / Tem tres cabeços dous pequenos e hũu major

Anjadiua

E tem muyta agoa que corre per ambas as partes da ylha / Tem muyto aruoredo que se nom pareçe com ho de Portugal / Tem dous tanques Em hũu delles nadara hũa nao de 400 tonees / outro he pequeno som de agoa doçe feitos a mão em outro tempo / ha aqui muyto pescado e marisco / Esta ylha esta da terra firme hũa legoa / a qual terra he muyto alta de grandes // serras / tem grandissimos aruoredos e muyto verdes / nom som muyto altos nunca perdem a folha

Fol. 11 v.º grandes aruoredos

agoa doce
aruores muyt[as]
tanques dous
nao de iiij(198) * tone[es]
pescado e marisco
terra firme

canella braua

Em estas serras ha muyta canella braua tem a folha assy como loureyro

(198) 400.

confinam com Anjadiua

A gente que confina a esta fortalleza som gentios baços / som sogeitos a hũa cidade xij legoas daqui

Anur ci[dade] Narzeuel

chamada Anur / E ho senhor desta çidade he sogeyto a elrey de Narçeuel que he gentio e tem mutya gente de cauallo que lhe vem de Persia de Anjadiua a Cananor 40 legoas.

Goga rio de agoa doce em terra firme

Hũa legoa de Anjadiua esta hũa rio de agoa doçe pello qual podem entrar naos de preamar / he na foz tres braças / E no ryo çinco depois ser dentro /

Goga

Na entrada deste ryo esta hũu lugar em çima de hũu outeyro asaz engrime chama se Goga

As casas desta terra som de madeyra cobertas de palma / Este cabeço he muyto forte e da parte do sertão tem hũa caua alta / he de mouros brancos / Estes tem guerra com os gentios e tem sempre gente de guerra em guarniçam e gente limpa som boons frecheyros e trazem partesanas(199) e espadas e muytos escudos redondos que cobrem a cabeça ata gyolho e bombardinhas que os virom tirar E mandarom presentes de mantjmentos Entrarom os batees a falar com elles a ver a terra e barra

Em Anjadiua lhes veo noua que passara hũa // nao

Fol. 12 1505

de Calecud e trouuera consigo quatro mestres venezianos de fazer bombardas

nao que trouue mestres venezianos

Fezerom em Anjadiua hũa galea de 120 remos em que meterom mouros que tomarom em sambucos

galea em Anjadiua

A fortaleza de Anjadiua se chama Sam Miguel e ficou nella por capitam Manuel Paçanha com 60 homens e boa artelharia /

fortalleza

capitam

Partirom de Anjadiua 5(200) feira 16 dias de Outubro e forom dhy a 12 legoas a foz de hũu ryo em que jaz a cidade Anur / mandou ho capitam mor açima per este ryo a ver e sondar se podessem entrar naujos E virom em duas legoas bem quatro mil vezinhos / Neste ryo acharom xi naos grossas e grande numero

16 de Outubro partirom de Anjadiua 12 legoas

Anur ci[dade]

(199) Fol. 12 v.º: partesanas (partazanas).

(200) Quinta-feira.

de sambucos E som todos cossayros e pagam a elrey da dita terra 4000 cruzados que lhes consente roubar
Neste ryo tomarom os bates hũu sambuco com 19 cauallos e porque nom podiam meter os cauallos nos batees leixarom nos hyr a terra e os encomendarom ao alcaide ho qual nunca os quis tornar pello qual entrarom todos bates e queymarom parte das naos e do lugar e matarom muytos mouros que se defendiam valentemente E em recolhendo se a gente aos bates E amte que partissem foy ferido ho capitam mor com hũa frecha no pee e foy pouco //

tomarom sambuco com cauallos

capitam ferido

Fol. 12 v.º

Cananor

18 de Outubro partirom de Anur pera Cananor e som 43 legoas 22 de Outubro a Cananor embaixador delrey de Narzeuel Batecalla ci[dade] elrey de Cananor

Sabado partirom de Anur pera Cananor que som 43 legoas e chegarom la quarta feira 22 de Outubro 1505
Aqui esteuerom dous embaixadores delrey de Narçeuel que fallarom ao capitam mor dizendo que estaua seu rey a serujço delrey de Portugal E que se quisesse em qualquer dos seus portos fazer fortalleza que lho daria tirando Batecalla que esta 20 legoas de Anjadiua E que folgaria de casar e mesturar sua sangue com a delrey de Portugall /
Elrey de Cananor estaua dhy duas legoas E veo a falar ao capitam mor / junto com ho mar mandou armar hũas cortinas de baixo de hũu palmeyro e vinha em collos de omens trazia tres mil homens de peleja de espadas e adargas e partesanas e frecheyros e trombetas e charamelas
Estas duas legoas de Cananor ata ho paço delrey he todo pouoado como hũa rua / E quando chegou a tenda seguiam no mais de 6000 almas Tinha na tenda hũu leito com duas almofadas Elle trazia hũu panno de algodom fino çingido da cinta ata gyolhos e na cabeça hũa carapuça de seda que pareçia casco gallego / E daquella feiçam tinha seu paje hũa coroa de oro que podia pesar 8 marcos / Em esta tenda donde esta elrey nom entram senom brahmanes /

brahmanos

Os brahmanes som como frades de bõa vida e por sua santidade dormem com a molher delrey E por yso nom herda o filho delrey senom seu sobrinho mais

chegado por se nom saber o filho ser de rey ou brahmane //

Fol. 13 1505

Estes tres mil homens de peleja os mais delles som nayres que som como aqui fidalgos e todos gentios / — nayres som fidalgos

Em Cananor se leuantou ho capitam mor por viso rey / e foy falar ao rey apartados todos mouros e ficarom em concerto de se acabar o castello de Santangelo que era começado / Nesta fortaleza fica Lourenço de Britto por capitam e a feitoria — dom Francisco se leuanto[u] por viso rey; fortaleza de Santangelo

Todos homens honrrados despois da morte se queymam — mortos queymam

Os gentios soo hũu panno trazem cengido na cabeça nada — vestidos

Os mouros antre estes gentios camisas e carapuças /

Partirom de Cananor 2 ([201]) feira 27 djas de Outubro pera Cochy e passarom per Calecud e chegarom a Cochy quinta feira 30 dias de Outubro vigilia de Todollos Sanctos / — 27 de Outubro; 30 de Outubro

Cochym he ylha bem de quatro legoas e terra muyto alagadiça em cada parte della cauando mea vara acharam agoa / Tem grandes aruoredos e os mais palmeyras / Palmeyras som aruores de muytos fruitos sem reçeberem nenhũu beneficio dam vinho vinagre / agoa / azeite / mel e lenha / Esta terra he muyto chãa quanto ao longo da terra E sobre ella esta hũa grande serra E assy corre ao longo desta toda costa que virom do mar — Cochy ci[dade]; palmeyras; serra na costa

Ho viso rey offereçeo a elrey de Cochy hũa coroa de ouro que valia 900 cruzados que lhe mandou elrey de Portugal / e lhe pos de tença cada anno 600 cruzados // — elrey de Cochy coroa de oro e cada anno vj([202]) cruzados

Fol. 13 v.º Castello de Alboquerque

Em çima do ryo de Cochym esta ho castello de madeyra que fez Francisco de Alboquerque / — 1505

([201]) Segunda-feira.
([202]) 600.

outro castello

Daqui a duas legoas esta outro castello de madeyra sobre a agoa que tem hũu passo que nom pode passar gente de Calecud /

pimenta

Neste ryo he toda a força de pimenta que se carregua / ajnda que em outros lugares ha mas pouco

Antonio de Saa mataram em Colam com 16 homens

Aqui veo noua ao visorey que matarom a Antonio de Saa feytor em Colam com 16 homens que todos se acolherom em hũa ygreja que o rey da terra mandou ençender e queymar todos e tomou toda a fazenda delrey / A noua trouxe hũa carauelinha que logo queymou 5 naos / Mandou ho visorey la seu filho dom Lorenço que era capitam mor com 8 naos grossas e queymarom 24 naos e as mais dellas carregadas de crauo e canella e outra speçaria /

Joham Homem

Aqui derom a Joham Homem hũa bombardada pello coraçam que lhe passou adarga e hũas coyraças e nom lhe fez nojo

26 Nouembro de Cochi a Cananor

Partirom de Cochy pera Cananor 26 djas de Nouembro e forom a vista de Calecud e fizerom nichil

1506

2 Janeyro partirom pera Portugal

Partirom de Cananor camjnho de Portugal 2 djas de Janeyro de 1506 Fernam Soarez por capitam mor de çinco naos bem carregadas

E primeyro dia de Feuereyro virom terra cuydando que era a terra e costa de Moçambique E seguirom //

Fol. 14

1506

a costa / ata vij djas do dito mes sayrom a elles x almadias com muyta gente e bem armados pedindo seguro / vierom aas naos oulhando como homens que nunca virom naujos E entrarom a capitayna obra de 25 E ho capitam mor lhes mandou vestir e dar de comer E por muytas lingoas que trouuerom os nom podiam entender E som todos mouros / E acabando de comer leuarom os baçios consigo e sem mais falar se forom pera suas almadias e começarom a tyrar logo com suas frechas ao capitam mor / começarom logo tirar a artelharia forom em pos delles que se lançarom no mar e apanharom 21 delles //

ylha grande

almadias

mouros

Dhy se forom a longo da costa ata hũa ponta e surgirom em 14 braças onde acharom hũa ribeyra e tomarom agoa e lenha E outro dia saltarom os da

ylha

terra com os christãos e ferirom hũu homem / os ,mouros ficarom dous / E alli logo forom vendidos todos / forom em longo da costa ata 24 graos E quando chegarom acharom 14 graos que passam de 300 legoas

24 graos antar(203)
14 graos antar

Nesta ylha neste mes ouuerom grandes trouoadas assy que em 18 djas lhe deu hũa pedra pello masto a capitayna em tres lugares e lhe nom fez nada

Fol. 14 v.º

Primeyro dia de Março partirom desta ylha // camjnho de Bõa Sperança e Portugal / E aos 8 djas passarom pello dito cabo / passado 450 legoas aos 22 djas do dito mes virom hũa nao grande e hũa carauella / E hiam sem as poderem tomar /

primeyro Março partirom da ylha //

ylha de Asçensam

Em 31 dias de Março ouuerom vista da ylha da Ascensam que seria de seis legoas em longo he toda calua sem aruoredo todo pedra nom muyto alta / tem muytas aues E nom forom la por nom ter agoa

Aos 8 djas de Mayo forom em altura das ylhas de Açores e as errarom E forom camjnho de Portugal em leste /

Veo a castello Fernam Suarez por capitam mor das naos de Jndia —a saber— Sam Jeronimo / Sam Raffael e Botafogo e a nao Jndia anno 1506 / 22 djas de Mayo //

[*Fol. 14a: em branco; Fol. 15, «Das ylhas do Mar Oceano, quaderno primeyro» foi deslocado, popr nós, para junto do Fol. 141; os Fols. 16 v.º a 35 são os mapas; seguem-se os Fols. 36/67 a 44/75, com as apostilhas a vermelhão e os caldeirões*].

(203) Ver nota 190, Fol. 3 v.º

Fol. 36/67 (204)

Jndia

Das ylhas de Dyue

¶ As ylhas de Dyue som doze mill amtre pequenas e grandes / e das quaes oyto mill som pouoradas / E as outras desertas / ¶ E as mais destas ylhas som pequenas como de tres legoas em derrador e de duas / e de hũa legoa e de mea legoa e de quarto de legoa /

xij (205) ylhas
viij (206) pouoradas
grandura dellas

¶ E de hũa a outra ha pouca distancia —a saber— de hũas çinco legoas a outras / outras quatro outras tres outras duas / outras hũa outras mea / outras hũu tyro de besta / ¶ tambem no tempo que ho mar vaz[a] vam a pee de hũa ylha a outra /

distancia dellas

¶ E estas ylhas pouoradas som pouoradas de mouros da secta de Maffoma / E esto de duzentos annos pera ca / ea diantes (*sic*) sempre forom gentios / e forom sogeytos a elrey de Seylon e suas ygrejas fizerom mezquitas
Judeu nem christão nom ha aqui nem sabem que cousa he /

Elrey e gente todos moros

¶ Amtre estas ylhas ha algũas de mil casas / outras de 500 outras de cento outras de dez outras de çinco //

ylha de mil casas etc.

Fol. 36/67 v.º
Jndia
ylhas de Diue

¶ Em estas ylhas nom ha cidades nem lugares se nom hũa casa aca outra em outro cabo / as vezes duas juntas —a saber— pay e filho / as vezes tres etc.

nem cydade nem villa

¶ Os homens e molheres destas ylhas som todos negros nom ja tam negros como os de Guynee e tyram hũu pouco a aluo e seu cabello corradio nom crespo como os de Ethiopia /

todos negros como em Jndia e cabello

(204) No ângulo inferior direito a letra «D»; na medianiz 7 pestanas de fólios que foram cortados.
(205) 12.000.
(206) 8.000.

gente a bõa ffe

¶ Toda esta gente he rustica e simpre e de boom viuer e de bõa ffe

ylhas todas baixas

¶ Estas ylhas todas som baixas e parece ho mar mais alto que ellas E se nom fosse pellas palmeyras que ahy naçem muytas se perderiam muytos nauios

80 legoas de Calecud

¶ Estas ylhas jazem norte sull com Calecud 80 legoas E se estendem contra leuante que tambem ficam ao sul 80 legoas de Seylon //

Fol. 37/68

Jndia ylhas de Dyue

¶ A gente destas ylhas tem lingoage propio saluo algũus delles que tractam sabem arabisco / lingoage proprio

Casas

¶ Suas casas comummente todas fazem postiças assy que cada hora as podem desfazer / E quando se nom acham bem em hũu lugar mudam se pera outro lugar / E poem estacas no chão cobertas com folhas de palmeyra / e estas tem por casas /

alffaias

¶ Alffayas nom tem ou nenhũas saluo aquillo que tem he todo de latam —a saber— caldeyras em que cozem seu açucar e suas panellas e suas taças todo he de latam /

Comer

¶ Seu comer he arroz que trazem de defora (*sic*) porque em as ylhas nom naçe E comem milho que naçe em algũas //

Fol. 37/68 v.º

Jndia ylhas de Dyue

comem trigo nom conhecem

galinhas bebem

muytas ylhas nom tem agoa doçe

ylhas e pouco E comem cocos e peixe que tem muyto E ynhames

Trigo nom sabem que cousa he saluo algũus que forom fora das ylhas /

Galinhas e ouos som muyto de barato / E as galinhas som como as nossas /

¶ Seu beber he agoa linpa de poças de agoa doçe / E as ylhas que nom tem agoa doçe a leuam de outras ylhas / ou colhem agoa de chuyua em hũus charcos de area de que bebem /

vestidos de homens

¶ Seus vestidos —a saber— dos homens he hũu pano de algodom çingido des a çinta ata gyolhos / Çapatos nenhũu pode calçar nem touca cingida trazer / nem çeruelas sarradas sem licença delrey / Em a cabeça podem trazer toucas

vestidos das molheres

As molheres trazem hũa camisa longa de algodom texida de branco e entremetido de preto //

Fol. 38/69
Jndia ylhas Dyue

¶ Diuij Mahal he a principal de todas estas ylhas nom pella grandeza della se nom porque elrey com sua corte sempre esta nella /

Dyui Mahal ins[ula] principal de todas

¶ E chama se Dyui Mahal por arauigo que quer dizer ylha do thesouro / porque mahal quer dizer thesouro /

¶ Esta ylha tem hũa fortalleza / E todas as outras ylhas som sogeitas a elrey desta ylha /

castello delrey

¶ E por ysso quando quer que ha discordia sobre o quem ha de ser rey / aquelle fica por rey e senhor de todas outras ylhas qual delles cobra esta ylha pera ser senhor della /

quem tem esta ylha he rey

¶ Esta ylha sera de quatro legoas em derrador /

4 legoas em redor

¶ E tera dous mil vezinhos nom em cidades nem villas se nom em pouorações de ter hũa casa alli outra aqui

nem cidades nem villas

¶ Elrey tem cada dia 35 ygoarias de diuersas maneyras deputadas pera sua pessoa E esto pello seu estado //

elrey tem cada dia 35 ygoarias

Fol. 38/69 v.º
Jndia ylhas de Dyue

Diui Mahal toda a renda delrey he em conchesinhas dos seus naturaes

¶ A renda que elrey tem das ylhas todo he em myschilhões ou porçellas E esto soomente dos naturaes da terra / ca os mercadores e estrangeyros pagam seus tributos em mercadoria / ou oro ou prata / ¶ estes myssilhões nom paguam soomente por ellas pois se acham nestas ylhas mais que em nenhũu outro cabo / mas de todo quanto naçe a cada hũu e do que tracta de todo paga seu direyto em myssilhões tantos mil bastões ou tantas cotas de myssilhões ¶ E esto he ja lançado a cada hũu segunda a fazenda que tem per todas as ylhas.

vestidos que homem pode trazer ou nom

¶ Touca çingida nem çapatos nom çeruelas çarradas nenhũu nom os pode trazer sem licença delrey / saluo elrey soo ho traz ou algũu muyto seu parente / E contodo presente elrey ho nom ousam trazer nem podem / E tudo ysso quanto aos naturaes da terra / e nom quanto aos estrangeyros porque aquelles podem trazer quanto querem //

Fol. 39/70 Jndia ylhas de Dyue

Diui Mahal reuerencia que fazem a elrey

¶ A reuerencia que fazem a elrey seus fidalgos / ou quaesquer outra gente ou criados a seus senhores / ¶ Custume he que comummente todos nesta ylha trazem hũu panno derrador do pescoço E quando se topan ou cheguam diante elrey ou algũu criado diante seu senhor ou hũu simpre homem a qualquer cortesão / logo abaixa ho panno pera baixo das espadoas com ambas as mãos e abaixa a cabeça E assy passam ou falam /

espadoas

ho panno ham trazer com noo

¶ Todo homem natural destas ylhas quando vaa aa dita ylha onde elrey tem sua corte // ha de trazer ho panno que leua em torno do cuu com hũu noo atado bem firme / onde em suas casas e ylhas acustumam soomente poer hũu cabo sobre o outro / porque se algũu cortesão ou outro qualquer da ylha acha tal homem sem noo que em tirando o pello panno e lhe cae ha de pagar a tal homem que lhe acusa tres bastões de missilhões ou porcellas //

pena se nom tem noo

Fol. 39/70 v.º Jndia ylhas de Dyue

os homens aqui vendem assy[207] (*sic*) mesmos

¶ Os homens destas ylhas se fazem escrauos da sua propria voontade —a saber— hũu homem destes se vaa a hũu rico e lhe diz / dae me quatro cotas e serey teu serujdor ata que te torne dar teu dinheyro / ¶ E assy aconteçe muytas vezes de seruirem toda sua vida porque nom podem ajuntar tanto que possam pagar / E assy mesmo muytos enpenham filhos e filhas

(207) a si mesmos.

por tal diujda e ficam escrauos todas suas vidas ajnda que morre ho pay ou paguem a dita diujda

E ricos se vendem por certo tempo

¶ esso mesmo muytos delles que tem bandos e som ricos por auerem spadoas se cheguam a hũu senhor moro e tomam certa contia e ficam por seu certo tempo e despois ho pagua e afforra se e fica em aquella posse sempre dizendo som de fuaão e lhe deffende //

Fol. 40/71
Jndia ylhas de Dyue

¶ Em estas ylhas de Dyue fazem muy ricos pannos de algodom e assy finos que valem 40 e 50 ata çem bastões a peça teçido o algodon mesturado com seda

pannos ricos de algodom

¶ E tambem fazem pannos de menos preço assy que a peça chegua ata quatro cotas /

¶ ho algodom nom naçe ahy se nom muy poco e todo vem de Combaya / a qual resgatam por peixes chamados camelmas (*sic*).

algodom trazem de fora

¶ Camelmas he hũu peixe de que se aproueitam as naos de toda a Jndia por ser tambem curado E tam pouco nom no ha se nom em torno destas ylhas E he hũu peixe de dous palmos em longo / e he redondo ho qual pescam desta maneyra —a saber— primeiramente vam pescar peixinhos meudos com que despois ham de pescar em outro cabo os calmelas //

calmelas peixe

nom se acha em outro lugar

como pescam este peixe

Fol. 40/71 v.º
Jndia ylhas de Dyue
como pescam o peixe calmelas

pera pescar ho peixe meudo / Tomam antre duas barcas hũa rede tam espessa que nom pode passar meo dedo / ha qual rede lançam amtre as ylhas / E dentro da rede pedras que ha carregam pera fundo / E lançam em a rede algũa cousa pera comer como de cocos ou outra cousa / E na dita rede sa ajuntam logo grandissima quantidade de peixinhos pequenos / os quaes tiram e os lançam nas barcas /

¶ despois desto se vam pera fora do mar duas ou tres legoas apartado das ylhas com seus anzoos / E onde sabem que aquelles peixes ham de achar E esto em todo tempo do anno / lançam daquelle peixe

ha grande multidom delles

meudo no mar / E vem logo tam grande multidam de peixes camelmas / que nom fazem se nom lançar os anzoos sem nenhũa cousa nelles E tornam a tyrar quanto podem tantos tomam / assy que cinco ou seys homens enchem seu batel /

¶ muytas vezes aconteçe que se acham com monte destes peixes / sem terem peixes pequenos Emtam em

Fol. 41/72 Jndia ylhas de Dyue

colheyros lan-//çam a agoa do batel / E com ho soom daquelle lançar acude pera hy ho peixe E elles lançam os anzoos e tomam jnfijndo peixe /

Curam o dito peixe

¶ Este peixe nom tem esquamas E simpremente ho cortam em quatro postas ou per meyo e cosem no com agoa mea salgada e mea doçe E despois de bem cosido fazem caniços altos em que ho dito peixe põem e fazem debaixo fogo e assi curam aquelle peixe no dito fumo E se faz tam duro como pedra e de dentro fica vermelho e muy bem curado /

leuam no per toda a Jndia

Este peixe leuam per toda a Jndia —a saber— Seylon Samatra Malaca / E Combaya e Calecud etc. /

palmeyras
ruco
nachil
todo hũu

¶ Palmeyras aruores naçem muytas em estas ylhas E chamam nos por seu lingoagem ruco / Em arabigo nachil que em nosso lingoagem quer dizer palmeyra //

Fol. 41/72 v.º Jndia ylhas de Dyue

¶ Ho proueito e fruito que as palmeyra[s] fazem em Jndia

palmeyras
palmeyras dam este proueito
azeite
leyte
caruam
cordas

¶ Palmeyras aruores dam este fruito —a saber— cocos / E os cocos dam azeite e leyte / —a saber— que em quanto ho coco esta fresco fazem leite delle / E quando o coco he seco fazem delle azeite /

¶ A casca do coco queymam e fazem caruam delle pera os ouriuezes.

¶ A cubertura em que o coco esta enuolto fazem della cordas pera naos como nos aqui de canamo

cordas nom podrecem no mar

¶ Estas cordas leuam per toda a Jndia porque nom acham melhores que as destas ylhas porque nunca

e he grande mercadoria

podreçem no mar / e he grande mercadoria porque cada anno nestas ylhas carreguam xij ata xb naos dellas pera Calecud e Combaya e sua costa porque suas naos nom trazem outras cordas que estas.

palmeyras de duas sortes Palmeyras: Strabo li[vro] 16, fol. 134 // Fol. 42/73 Jndia ylhas dyue

¶ As palmeyras aruores som de duas sortes —a saber— hũus que dam os cocos sobre-//ditos / E outros que lançam hũus gomos que querem propriamente pareçer como cocos / E estes gomos som cheos de agoa doçe como mel / palmeyras agoa doce

¶ E desta agoa fazem açucar candy e mel açucar candi

¶ Este mel comem com peixe e arroz / mel Comem

¶ Muytos homens se acham em Jndia e ylhas que nom sabem que cousa he arroz e nom comem outra cousa se nom estes cocos e peixe e assy nestas ylhas porque nellas nom ha carnes saluo em a ylha onde esta elrey / a qual muytas vezes nom abasta pera sua pascoa /

¶ E mais desta agoa dos gomos sobreditos fazem vinho —a saber— enchem hũu jarro daquella agoa e metem na de baixo da terra e lançam nesta agoa as cortiças do coco e assi ferue certo tempo e se faz em vinho / vinho

¶ Vinagre fazem assi —a saber— leixam estar / a dita agoa dos gomos em qualquer cousa de fora ao sol e logo em tres ou quatro dias se faz boom vinagre // vinagre

Fol. 42/73 v.º Jndia ylhas de Dyue

palmeyras de sua madeyra fazem as casas das suas folhas cubrem as casas se curtam algũa fica escomulgado

¶ Do pao da dita palmeyra fazem casas naos caixas e todo necessario que de madeyra se ha de fazer

¶ Com as folhas de palmeyra cubrem suas casas assy que tem esta aruore por mais melhor e mais sancta de todas outras pois tanto proueito tyram della

E quem curta hũa destas palmeyras tem no por escumulgado / E assy mesmo por muy cruel guerra que fazem hũus aos outros nom curtam as palmeyras /

¶ Amtre estas ylhas de Dyue acham muytas vezes baleas mortas que ho mar lança amtre estas ylhas /

azeite de baleas

as quaes baleas cortam e fazem das suas carnes azeyte //

Fol. 43/74
Jndia
ylhas de
Dyue

ambra

❡ Em algũas destas baleas acham ambra em pedaços como pinhõoes e maiores e menores —a saber— 20 40 e cento aas vezes mais ou menos e ata ij^{c} E delle encolhado em grande pedaço / A qual ambra logo ham de leuar a elrey sob pena de morte / e nenhũu pode furtar delle /

ambra leuam toda a elrey

elrey vende

❡ Elrey vende a dita ambra e tambem a manda em presentes

val a onça

Val a onça hũu ducal / E cada mitical 80 rrs de Portugal em çeptis

conchesinhas ou porcellas

acham

❡ Conchesinhas ou porcellas pequenas de que os moradores pagam todo seu tributo a seu rey / colhem no mar amtre ylha e ylha seendo ho mar vazio E estam apegadas aas pedras que jazem no chao —a saber— em hũa pedra duas em outra tres em outra mais //

Fol. 43/74 v.º
Jndia
ylhas de
Dyue

❡ Em toda a Jndia nom se sente outro cabo nem lugar onde se colhessem as ditas conchesinhas se nom nestas ylhas /

conchas conchesinhas nom se acham em outro lugar de Jndia

Naos cada anno vem por ellas

❡ Cada anno vem de Bangala cinco ou seys naos muy grandes pera estas ylhas com açucar e arroz / seda / ouro / prata pannos finos de algodon e trocam pellas porcellas e carregam suas dellas e as leuam a Bangala / ca ahy andam por moeda /

as naos que vam a Malaca e nom querem hyr per a costa de Callecud vem a estas ylhas

❡ Todas as naos que vam de Combaya pera Malaca que nom querem seguir a costa de Calecud passam per estas ylhas E aqui tomam refresco de agoa e cordas e resgatam ho que querem

direito a elrey

❡ E pagam seu tributo / logo quando lançam ancora / de arroz pagam x paraas.

os das ylhas tem barcas

¶ Os moradores destas ylhas nauegam em barcas e batees de hũa ylha pera outra e som fectos como os nossos porem nom pregados de ferro se nom com pregos //

Fol. 44/75 Jndia ylhas de Dyue

de madeyra / E nom os pregam com madeyra pellos magnetes como a nos derom a entender se nom fazem no por nom fazer tanto custo

¶ Animalias nom ha nestas ylhas saluo hũas poucas de cabras que as naos leuarom la / cabras

¶ Em estas ylhas ha no anno quatro sombras / quatro sombras
¶ dous enuernos e dous verãos

¶ Suas horas conheçem pella sombra da sua pessoa / e aquella sombra medem com seus pees / as horas conhecem pellas sombras
¶ E em cada mes sabem quantos pees tem cada hora da sombra de sua pessoa //

Fol. 44/75 v.º Jndia ylhas de Dyue

¶ Paraa medida / hũu paraa faz çem nales hũu paraa val [*em branco*] baston

medidas paraa

¶ Nales duas fazem em Lixboa hũa[208] canada Nale xij fazem em Dyue hũa cota /

Nales baston

¶ Baston / cada hũu faz em Lixboa 25 alqueires / ¶ hũu baston faz oyto cotas / ou oyto miticaes de prata

Cotta

¶ Cotta / hũa cota val hũu mitical de prata
Cota em conchinhas ou porcellas val hũa cota xiij mil conchinhas
Cota segundo moeda de Portugal val hũa cota 90 rrs em ceptis /
Cotta oyto fazem hũa paraa //

(FIM)

(208) *Riscado*: duas.

ÍNDICE ANALÍTICO

A

Abanes: 23.
Abelhas: 64.
Abóboras: 49, 177.
Abofur, montanha de: 281.
Abram: 273.
Açafrão: 23.
Acazarga: 309, 310.
ACHINA (Hatschina): 95, 96.
Açor: 294.
Açores, ilhas dos: 116, 264, 285, 299, 309, 312, 314, 315, 344; descrição: 148- 154, 307-309.
Açúcar: 143, 145 158, 265, 363, 369; cândi: 368.
ADÃO: 222.
Adargas: 61, 72, 83, 292, 358.
Adegeth, ilhas: 17.
Aderno: 25, 142, 213.
Adibes: 44.
Adinhos: 22.
ADHU, nobre, cavaleiro: 213.
Aezejem: 11.
AFONSO V, rei D.: 4, 5, 187, 198, 202, 209, 276, 294, 296, 297.
AFONSO, Diogo, criado do Infante: 225, 227.
— Estêvão: 218, 238.
— Fernão: 273.
— Gonçalo: 291.
Afortunadas, ilhas: 299.
Agizimba (Guiné): 277.
Agomias: 53, 77.
Agonarba, vila: 13.
Água Alta, rio de: 171.
AJUTA, Bona, veneziano: 346.
ALÁ: 41.
Alaltetes (peixe): 240.
Alambéis: 8.
Alaquecas: 23.
Alarves: 9, 10, 11, 23, 28, 39, 41, 44, 53, 58, 254, 255.
Albafur: 290.
Alberquerques (fruto): 86.
Albornozes: 23.
ALBUQUERQUE, Francisco de: 359.
Alcaçava, Carreira de: 311, 312, 313.
Alcaçer-Quibir: 4, 6, 11, 294.
Alcáçer-Seguer: 4, 5, 11, 294, 296.
Alcatifas: 353.
Alcatrazes: 167.
Alcatrazes, ilhas: 322, 343; porto: 319.
Alcuzet: 292, 300.
Aldeia de Portugal: 330, 331.
Alegrança, ilha: 120, 301, 315.
Alemães: 200.
Alemanha: 151, 309.
ALEMÃO, Pêro: 235.
ALEXANDRE, rei: 242.
Alexandria: 254.
Alfaqui: 11.
Alfarrobas: 47.
Algália, gatos de: 23, 24, 62, 75, 79, 84, 89, 93, 94, 96, 112, 171, 256, 281.
Algarve: 9, 201, 283, 295; bispo, dono de uma caravela: 269.
Algodão: 75, 79, 81, 89, 94, 157, 190, 288, 349, 366; árvores de: 234, 269.
Alharaesch (Larache): 6, 11, 87.
Alhoumar: 5.
Aljaravia: 8.

Aljazira: 3.
Aljôfar: 352.
Aljubarrota, Batalha de: 2, 202, 257.
Alvarca: 310.
Almadias: 17, 35, 58, 71, 110, 195, 251.
Almadias, Praia das: 331.
Alquicés: 8, 13, 23, 22, 29, 66, 253.
ÁLVARES, Rodrigo: 218.
Amargo, (Emergu), cestelo: 10, 11.
Âmbar: 256, 369.
Almécega: 348.
ALMEIDA, Diogo Lopes de: 16, 208.
—, D. Francisco de: 344, 359.
—, D. Lourenço: 351, 360.
Ameixas brancas: 47, 86.
Almexias de coiro: 253.
Almexies (peixe): 23.
Anafe: 7.
Âncora: 354.
Âncoras, rio das: 96, 342.
Anda: 334.
Andarinhos: 18.
Andorinhas: 236, 256.
Anéis, de ouro: 75.
Angediva: 356, 357.
Angra: 151, 171.
— *dos Cavalos*: 279, 316, 317.
— *de Gonçalo de Sintra*: 316.
— *dos Ruivos*: 16, 316.
ANIMA, ídolo 110.
Animaus, porto de: 289.
Anime: 256.
Ano Bom, ilha de: 117, 161, 181, 188; descrição: 177, 180.
Anta (trintilmã): 43, 112, 256, 350; pele de: 23, 24.
Anterote: 55, 284, 295.
Antilhas: 343.
António, ilha de: 314.
ANTONIOTO, genovês: 73, 184.
Amur: 357, 358.
AQUILÃO: 279.
Aquixar, desertos de: 31.
Archeiros: 83.
Arcos: 60, 77, 83, 90.
Areia, cabo da: 14, 318.
Arganaças: 172.
Argolas: 253.
Arguim, ilha de: 18, 19, 23, 26, 27, 38, 50, 51, 55, 56, 67, 126, 224, 228, 229, 230, 233, 245, 249, 269, 282, 284, 294, 295; baixos de: 19, 24; cabo de: 318; castelo de: 24; escravos de: 25; golfo de: 156.
ARISTÓTELES: 239.
Armas: 40, 190, 259, 261, 262.
Arpões: 63.
Arrhama: 27.
Arroz: 62, 82, 86, 88, 89, 101, 112, 158, 183, 195, 269, 353, 363, 368, 369.
Arrozais: 331.
Artedo: 310.
Arzila: 4, 5, 10, 11, 181, 182, 187.
Asamboas: 169.
Ascabores, braço do Nilo: 241.
Ascensão, ilha de: 181, 361.
Asnos: 38, 82, 234.
Astapo, rio: 241.
Astrónomos: 242.
Atabaques: 195.
Atafonas: 33.
ATAÍDE, Álvaro Gonçalves de: 247.
Atlântico: 278, 299.
Avelãs: 87, 193.
Avelaneiras: 173.
Azagaias: 53, 60, 72, 77, 90, 98, 292.
AZAMBUJA, Diogo de: 13, 68.
Azamor: 7, 8, 313.
Azeite: 82, 91, 210, 256, 268; branco: 86; de coco: 348, 367; de palmeira: 65, 88, 90, 359; de tartaruga: 22, 54.
Azenegues: 20, 22, 23, 26, 28, 29, 39, 45, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 189, 190, 236, 255.
Azenhas: 33.
AZEVEDO: 153.
— Fernão de: 215.
Azevias: 23.
Azevinho: 143.

B

Baa: 106.
Babuínos: 75.
Bacios: 23.
Badejos: 168.
Bafor, serra de: 32, 33, 34.
Baixas, cabo das: 328.
Baixos, ponta dos: 318.
Balangas (Balantas): 88, 89, 90, 91.
BALDAIA, Afonso Gonçalves: 16, 279.
— Álvaro Gonçalves: 205, 207, 208.
Baleias: 348, 368, 369.
BALTASAR, cavaleiro alemão: 216.
Bandos: 261.
Banhuns: 95, 96.
Barbacinos: 69, 88, 286, 297, 321; rio dos: 70, 71.
BARBACINDO, rei: 297.
BARBACIN NEGOR, rei: 297.
Bárbaros: 53, 255.
Barbas, cabo das: 17, 316.
Barbuzano: 142, 306.
Barca: 15, 16.
Barinel: 16.
Barrabulano (sic): 306.
Barreiras: 324.
Barreiro: 115.
Basma: 311.
Bastão: 370.
Batecalá: 358.
Batéis: 52.
BATIMANSA, rei: 74, 292.
BAYA (sic), Nuno Fernandes: 287.
Beafores: 99.
Bedéns: 13, 23, 66.
BEE, rei: 101.
Beja, duque de, D. Fernando: 297.
Bela, nau que se perdeu: 345.
Belches: 310.
BEMTHEMA, ídolo: 103.
Bengala: 369.
Berbéria: 134.
Berbigões: 71.
Berlengas: 132, 148, 309, 312.
BERMUDES, capitão: 352.
BERNARDES, João: 218.
Berneses (albornozes): 282.
Bestas: 10.
BETENCOURT, Lançarote de,inglês: 121.
— Maria de: 119, 300.
— Misser João de, francês, leproso: 299.
— Mossem João de: 118, 119, 120, 257.
BESAGHICHI: 295.
Bezeguiche: 69, 285, 295.
Bim: 32.
BISBOROR, irmão de Budomel: 194.
Biscaia, ferro da: 110.
Biscoito: 52, 254.
BISPO, maometano: 293.
Bisenegue, ilha de: 343.
Bisserins, clérigos mouros: 58, 79, 80, 81.
Bitalhas: 269.
Bixeque, ilha de: 99.
Boa Esperança, cabo da: 100, 345, 346, 355, 361.
Boavista, ilha da: 117, 154, 155, 156, 157, 181, 314.
Bodes: 133.
BOÉMIA, Martinho de, alemão: 277.
Bogia: 255.
Bois: 43, 44, 62, 165, 348.
Bojador, cabo do: 14, 16, 203, 204, 205, 206, 207, 218, 252 257, 315, 316, 317.
Bolões, povo da Serra Leoa: 100, 101, 102, 110.
Bombardas: 349.
Bombardinhas: 357.
Bombicinas: 288.
BOOR, rei: 273.
Bop: 101.
Bordates: 23.
BORGEBIL, rei: 297.
Botafogo, nau: 361.
Borgonha, duque de: 187; duquesa de: 184, 187, 202, 277.
Borjonique, braço do rio dos Barbacinos: 71.
BORMELI, rei: 290.
Bragas: 253, 259.
Brâmanes: 358, 359.

Branco, cabo: 8, 17, 214, 216, 222, 224, 227, 230, 233, 234, 240, 249, 282, 317, 318, 319.
Bancos, ilhéu dos: 196.
Brasil: 345.
Brava, ilha: 117, 154, 159, 181, 319.
Bravas, ilhas: 324, 325, 326.
Brebisch: 27, 28, 29, 38, 42.
Breu: 53.
BRITO, João de: 182.
— Lourenço de: 359.
— Mem de: 181.
Broçalo, braço do rio dos barbacinos: 71.
BRUCO, capitão canário: 247.
Bruges: 187.
Buam, ilhas de (Bijagós): 97, 342.
BUCKER, negro: 289.
Budom, descrição e costumes: 191- 193.
BUDOMEL, senhor de Budom: 191, 192, 193, 194, 295.
Búfalos: 43, 61, 62, 84, 91, 102, 111, 250; aldeia dos: 337; coiro de: 83.
Bugão: 84.
Bugio: 5.
Buguba (Buba): 99; cabo de: 323; rio de: 99; boca do: 343.
BURBUCK: 295.

C

Cabaças: 177.
Cabaçeiras: 68, 174.
Cabith, rio: 100.
Cabo da Boa Esperança: 100, 345, 346, 355, 361.
Cabo Verde: 56, 57, 66, 67, 68, 69, 88, 97, 188, 227, 244, 249, 250, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 285, 286, 288, 294, 298, 318, 319, 320, 321, 345; ilhas de: 79, 94, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 343, 344; descrição: 154-162.
Cabras: 23, 24, 38, 62, 67, 84, 97, 121, 122, 132, 133, 146, 156, 157, 159, 160, 161, 166, 172, 185, 188, 190, 195, 244, 259, 274, 348, 370.
CABREIRA: 300; casado com uma filha de Misser Maciote: 119.
Cabrito: 274.
Cações: 26, 237.
CADAMOSTO, Luís de, veneziano: 184.
Cães: 44, 84, 183; lebréus: 45.
Cacheus: 96.
Cagado, ilhéu: 328, 329, 330.
Cágados: 159.
Cairo: 9, 254, 290.
Cal: 349.
Calandras: 46.
Caldeira, porto da: 270.
Caldeiras, de latão de cozer açúcar: 363.
Cales, ilha Gadira: 116, 118.
Calix: 312.
Calecute: 357, 360, 363, 367, 368, 369.
CÂMARA; João Gonçalves da: 307, 308.
— Rodrigo (Rui) Gonçalves da: 307, 308.
— Simão Gonçalves da, filho de João Gonçalves de Câmara de Lobos: 140.
Câmara de bombarda: 354.
Câmara de Lobos: 304.
CÂMARA DE LOBOS, João Gonçalves de, filho de João Gonçalves Zarco: 140.
Cambaia: 351, 353, 367, 368, 369.
CAMBISES,rei:239.
Camelmas (calmelas) peixe:366.
Camelo, cabo do: 7.
Camelos: 16, 23, 24, 30, 43, 252, 353; caravana de: 289; lã de: 38; leite de: 42, 53.
CAMINHA, Álvaro de, capitão de S. Tomé: 163.
CAMPO, António de: 350.
Cana de açúcar: 141, 176.
Canadá: 370.
Cananor: 357, 358, 359, 360.
Canárias, ilhas das: 15, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 132, 136, 161, 205, 257, 265, 266, 275, 278, 298, 299, 301, 303, 314, 344.
CÂNCER, signo: 242, 243.

Cândia: 141, 145.
Canela brava: 356.
Caniço: 304.
CANÍCULA (Sírio): 242.
Cantim, cabo de: 8, 12, 312, 313, 315.
Cantor (Gâmbia): 278, 289, 290, 291, 292; rio de: 58 75, 87.
CÃO, constelação: 243.
Capões: 89.
CAPRICÓRNIO, signo: 199, 242.
Caranguejos: 23, 179.
Caravelas: 6, 7, 25.
CARBALI, rei: 97.
CARLOS, o Temerário, filho da Duquesa de Borgonha: 277.
Carne: 259, 260, 348.
Carneiros: 21, 82, 248, 252, 348, 349.
Carniceiro: 259, 294.
Carrapatos: 260.
Carta do rei de Mombaça ao rei de Melinde: 355.
Cartagineses: 277.
Cartago: 289.
Carvoeiro, cabo: 8.
Casamansa: 94, 321; rei de: 89; reino de: 88; rio de: 88, 89, 91.
Casa do cavaleiro, vila: 8.
Casse, comarca de: 102; rio de: 324.
Castela: 118, 119, 257, 272, 300; rei de: 123, 247, 259.
Castelhanos: 14, 122, 186, 257.
Castelo de S. Jorge, rotas: 334.
CASTRO, Álvaro de: 249.
— D. Fernando de: 122, 159.
— D. João de: 277, 278.
Catarina, esteiro de: 96, 323, 342.
Catadupia, lugar da Etiópia: 241.
Catel, aldeia: 113.
Cavaleiro, porto do: 17, 213, 258.
Cáucaso: 199.
Cavalas 85.
Cavalos: 10, 13, 19, 27, 59, 66, 75, 76, 79, 83, 84, 98, 99, 165, 172, 189, 190, 253, 261, 358.
Cavalos, angra dos: 279.
Cebolas: 177; cebolinhas: 347.
Cedro: 142, 146.
Cegonhas: 18, 236, 256.
Ceilão: 363, 367; rei do: 262.
Ceitis: 349, 369.
Celeiros: 348.
Cenouras: 86, 175.
Centeio: 193.
Cera: 14, 195, 347.
Cerecula: 291.
Cerina, ilha: 246.
CERVEIRA, Afonso de: 265.
Cestos, rio dos: 327, 328.
Cervo: 62.
Ceuta: 1, 2, 3, 4, 5, 9, 14, 138, 202, 240, 262, 264.
Cevada: 33, 53, 87, 122, 146, 151, 158, 176, 189, 193, 259, 261.
Chafariz: 33.
Charamelas: 358.
Charlam: 318.
CHINCHIN (o mesmo que Tschintschin), ídolo: 114-115.
Choças: 260, 261.
Chocholis, povo: 99.
CID ALE, 355.
Cide, resgate de: 318.
Cidra: 169.
Cidreiras: 173.
CIFONTES, mercador de Castela: 272.
Cinórios: 148.
CINOSURA: 243.
Cisnes: 25, 84.
Cisterna, em Ceuta: 2.
Clara, cabo de: 333.
Cobras: 42, 85, 102, 112, 150, 167, 172, 178, 179, 194, 252; de água: 194.
Cochim, 359, 360; rio de: 359.
Cocos: 82, 86, 176, 180, 348, 367.
Codornizes: 18, 55, 236; Pretas: 141.
Coelheiros: 25.
Coelhos: 21, 84, 121, 122, 146, 263, 264.
Coelhos, ilhéu dos: 148.
Coimbra, Duque de, Infante D. Pedro: 276.
Coirama: 14, 210, 250.
Coiros: 79; de búfalo: 83; de vaca: 66.
Colar, de dentes de onça: 102.

Colheres, de marfim: 98, 111.
Colmeias: 347.
Comuberta: 291.
Conchazinhas (porcelas): 36, 369.
Condado (pano): 24.
Contas de matamingo: 79, 98.
CONTERI, ídolo: 104.
CONTUBERI, ídolo: 106.
Coracinos: 240.
Coral vermelho: 23.
Corão: 11.
Corças: 84.
Corço, cabo: 335, 336.
Córdova: 350.
Cortes, cabo: 194.
Corunha: 310.
Corvo, ilha do: 115, 117, 149, 153.
Corvos: 40.
Costa (medida): 51.
COSTA, Soeiro da, feito cavaleiro por Álvaro de Freitas: 239, 246, 247.
Cota (medida): 370.
Cotarrafal, cabo: 318.
Cotovias: 46.
Couves: 176.
Covas: 260, 261.
Covilhã, Infante D. Henrique, Senhor da: 198.
Crarete, cabo de: 311.
Crasto: 311.
Cravo: 23.
Cristal, rio de: 100.
Crocodilos: 240, 288.
Crões (Grous): 26, 236.
CRU, deus: 97, 103, 104, 105.
Culto e oferendas ao ídolo Tschintschin: 113-114.
Currais: 330.
Cutelos: 259.
Cuscuz: 162, 279, 345.

D

Daca: 76.
Daga(adibe): 98.
Dale, porto da Guiné: 345.
Damiata: 242.
Danta: 43.
DANTAS, Gonçalo: 27.
Datiles: 53.
Deget (Adaget, Arguim) ilha de: 216, 217.
Delgado, cabo: 333, 339.
DELGADO, João: 296.
Deserta, ilha: 148, 265.
DIAS, Dinis, criado do Infante: 56, 57, 67, 226, 237, 244, 246, 249, 282.
— João: 218.
— Vicente: 238, 245.
Dinamarca, rei da: 272.
Diogo Cão, ilha de: 161, 188.
Dive (Maldivas) ilhas de; descrição e costumes: 361-370; *Divi Mahal*, ilha principal: 364, 365.
Don Dia, ponta: 315, 316.
Dragoeiros: 146, 148, 160, 161, 304.
Dromedários, caravana de: 289.
DUARTE, rei D.: 153, 202, 209.
Ducal, moeda: 369; pano: 23.

E

EANES, Dinis (na «Crónica...»: da Grã): 230; feito cavaleiro por Álvaro de Freitas: 234.
— Diogo, de Valadares: 212.
— Gil: 15, 16, 218; de Lagos: 205, 206, 207, 269.
EÇA, D. Fernando de: 353.
Egipto: 49, 50, 239, 241, 242, 243, 255.
Éguas (mansas): 253.
Elefantes: 44, 62, 84, 91, 102, 183, 184, 189, 238, 267, 288, 353; caça: 111; coiro de: 83; dentes de: 98, 111, 184, 274, 288, 292.
Emas: 23, 44, 256.

Emergu (Amargo): 10, 11.
Emio, rio: 290.
Enil, rio: 27, 35.
Entrambas, cabo de: 320.
Enxarrocos: 168, 178.
Enxofre: 150.
EQUINÓCIO: 243.
Ervilhas: 347.
Escravos: 60, 66, 73, 75, 79, 98, 99, 102, 164, 180, 186, 188, 349, 365; negros: 347.
Escravos, rio dos: 337, 338.
Escudos: 349, 357.
Escusapas, braço do Nilo: 241.
Espadas: 349, 357, 358; adibe sabana: 98.
Espanha: 15, 65, 132, 199, 204, 273, 299, 319.
Espartel, cabo: 312.
Espartos: 49.
Espichel, cabo: 287.
Espinheiros: 254.
Estanho: 98.
Esteiras: 79; de palma: 190.
Estopa: 53.
Estorninhos: 179.
Estribos: 23.
Etíopes: 199.
Etiópia: 1, 9, 12, 175, 188, 193, 239, 240, 241, 243, 277; costa da: 56.
EUGÉNIO IV, Papa: 215, 285, 308.
Évora: 296.

F

Fadala, (ilhetas): 7.
Faial, ilha do: 115, 117, 120, 148, 149, 153, 187, 307, 312, 314, 344.
Falcões: 18, 23, 166, 236.
Falulo: 231, 322; Baixa de: 342.
Falupos: 88, 91.
Fancaso, rio (ou S. Domingos): 288.
Fange: 4.
FARAÓ: 239.
Fari, Rio: 100.
Farinha: 259, 274.
FARINSANGUL, príncipe dos negros: 289.
Farpões: 98.
FARRUBRAÇO, senhor mandinga: 93.
Favas: 176, 193, 195.
Feijão: 63, 82, 87, 89, 190, 193, 195.
Feiras: 94, 96, 190.
Feiticeiros: 105.
Felu, Pedra: 27.
FERNANDES, Afonso, piloto, de Lisboa: 304.
— Álvaro, sobrinho de João Gonçalves Zarco: 69, 250, 251, 267, 268.
— João, escudeiro do Infante: 225, 227, 229, 252, 253, 254, 255, 270, 271.
— Valentim, Alemão: 19, 162, 277.
FERNANDO, Infante D., duque de Beja e pai de D. Manuel: 7, 187, 285, 297.
—, rei D.: 126.
Fernando Pó, ilha de: 161, 181, 188.
FERREIRA, casou com a filha de Cabreira: 119.
— Gonçalo: 297, 298, 299, 300.
— Pêro, capitão de Quíloa: 349.
Ferro: 259.
Ferro, ilha do: 116, 119, 120, 131, 161, 257, 301, 312, 313, 314, 343, 348.
Ferrol: 310.
Fez: 6, 9, 10, 11, 289; Rei de: 136; Reino de: 58, 255.
Figos: 158, 185, 259, 274.
Figueiras: 168; do inferno: 47, 52, 254.
FILIPA, rainha D.: 202, 297.
FILIPE DE BORGONHA, duque: 153.
Finisterra, cabo: 307, 309, 310, 312.
Flamengos, ilha dos (ou Faial): 153.
Flamingos (framengos): 23, 25, 26, 236.
Flandres: 187, 206, 303.
Flechas: 60, 77, 83, 90, 98, 349.
Flores, ilha das: 115, 117, 344.
Fogo, ilha do: 117, 154, 159, 181, 319; ou de S. Filipe: 158.
FOLUPE, Mansa, rei: 91, 92, 93.
Forcados, rio dos: 335, 338, 339.
Forcaduras de palmas: 259.
Formigas, baixa das: 150.
Formigas brancas: 194.

Formosa, ilha: 323, 343.
Formoso, cabo: 340; rota para a ilha de Santo António: 341; rio: 171, 337, 338.
FORISANGUL: 291.
Forte Ventura, ilha: 116, 119, 120, 122, 257, 266, 300, 301, 313, 315.
França: 118, 200, 257, 299.
FRANGAZICK, príncipe dos negros: 289.
FREITAS, Álvaro de: 234, 245.
Funchal: 69, 138, 139, 140, 250, 264, 34, 35.
Furna: 282.
Furno, angra do: 100.
Fustas: 6, 7.

G

Gades, ilha: 299.
Gadira (Cales), ilha: 116, 118.
Gafanhota (locusta): 54, 55.
Gafanhotos: 42, 46.
Gaivota: 25.
Galé, Pedra da: 209; porto da: 16, 209, 212, 214.
Galés: 265.
Galinhas: 20, 44, 85, 89, 178, 336, 345, 363; da Guiné: 62, 166, 172.
Galinhas, ilha das: 343.
Galiza: 309.
Galveu (pano): 24.
Gâmbia: 75, 298; ferro de: 72, 83, 299; rio ou Cantor: 58, 69, 70, 72, 74, 75, 83, 87, 184, 288, 391, 321.
Gamelas: 190.
Gamos: 62.
Gansos: 294.
Garajau, ponta do: 313.
Garajaus: 25.
Garamantes: 199, 200.
Garças: 18, 25, 236.
Garças, ilha das: 18, 219, 233, 234, 295.
Gatos: 84; de algália: 23, 24, 62, 75, 79, 84, 89, 94, 96, 112, 171, 256, 281; meimões: 75, 79; de rabo: 91, 112.
Gaul (judeu): 59, 60.
Gavinas: 25.
Gazelas: 43, 84, 111, 256, 281.
Gebandor, comarca de: 71.
Geley (Gelu) serra: 289, 290, 292.
Gengibre: 22, 23.
Gibraltar, estreito de: 2, 120, 161.
GIL, Álvaro, ensaiador de moedas: 230.
— Diogo, escudeiro: 272.
Gil Gonçalves, porto de: 341.
Gina: 27.
Ginge (gengibre?): 151.
Gini (Jini): 35, 36.
Gládios: 292.
GNUMIMANSA, rei negro: 183.
Goga, outeiro de: 357.
Goma, árvores de: 46, 47.
Goma-arábica: 13, 23.
Gomeira, ilha de: 116, 120, 247, 257, 266, 269, 300, 301; descrição e costumes: 128-129, 260-261.
GOMES, Diogo, almoxarife de Sintra: 157, 277, 280, 282, 287, 303, 305.
Gonçalo de Sintra, angra de: 17.
GONÇALVES, Antão: 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 226, 227, 228, 229, 230, 254, 275, 276; criado do Infante: 120; moço de Câmara do Infante: 17.
— António: 281.
— Diogo: 235, 269.
— Gil, porto de: 341.
GONDOFRE, Mestre: 239.
Graciosa, ilha: 115, 117, 120, 149, 152; das Canárias: 301, 315.
Grã Canária, ilha: 116, 119, 120, 122, 278, 300, 301, 312, 316; descrição e costumes: 122-125, 258-260.
Granada (Grada): 15, 205.
Grande, rio: 97, 171, 184, 288, 322, 323, 324, 342.
Grécia: 242.

GROMANSA, rei: 97.
Grous (crões): 26, 236.
GUADALUPE, Santa Maria de: 234.
Guardafui, cabo: 356.
Gudunes, mata de: 320.
Guer (Gué), cabo de: 13, 315.
Guilon, cabo de: 14.
Guiné: 12, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 40, 49, 53, 56, 69, 79, 80, 81, 84, 111, 113, 119, 137, 138, 144, 164, 166, 171, 174, 175, 180, 182, 190, 195, 198, 215, 224, 231, 236, 237, 247, 249, 250, 262, 279, 280, 282, 285, 286, 294, 296, 300, 303, 308, 309, 342, 345, 347, 349, 362.
Guinéus: 237, 238, 250, 251, 266, 268, 269, 277.
GUITENIA, (Guitanic), governador de *Abram*: 273, 274.
GUTERRES, Afonso: 210, 211.

H

Habesch, costa de: 354.
Haiques: 23.
HATSCHINA (Achina), ídolo dos banhuns: 95, 96.
Hatschinch: 113.
HENRIQUE; Infante D.: 14, 15, 16, 17, 23, 56, 57, 73, 119, 120, 122, 128, 132, 137, 138, 141, 144, 145, 148, 149, 150, 180, 182, 184, 198, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 221, 222, 223, 224, 227, 230, 235, 237, 238, 244, 247, 248, 249, 250, 251, 254, 256, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 303, 304, 305, 306, 307, 308.
— D., de Inglaterra, irmão de D. Filipa de Lencastre: 202.
— rei D., de Castela: 118, 257.
HÉRCULES: 14.
Hércules, Colunas de: 278; Estreito de: 2.
HERS MACHER, Guilherme, flamengo, que trouxe a lavoura do pastel: 188.
Hispalis (Sevilha): 300.
HOMEM, Garcia; irmão de Heitor Homem: 227, 280.
— Heitor: 16, 208, 279, 280.
— João: 355, 360.
HOMERO: 239.
Hortelã: 177.
Húngaros: 35, 36, =&.

I

Ianque, rio: 324.
Ídolos, ilhas dos: 100, 322, 323, 324, 325.
Igild, serra de: 31, 34, 37.
ILHA, Tristão da: 249.
Ilhas Derradeiras: 346.
Ilhanas: 311.
IMEL, ídolo: 104.
Incenso: 348.
Índia: 14, 111, 292, 344, 356, 361, 362, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370.
Inferno (Tenerife), ilha do: 258.
Inglaterra: 121, 132, 200, 302.
Inhames: 82, 86, 164, 170, 175, 176, 180.
ISABEL, rainha D., mulher de D. Afonso V: 276.
Itália: 200.

J

JACOB, índio: 292, 293.
Jafada, rio (S. Domingos): 93.
Jaga: 76.
Jagara, estreito: 93, 94.
Jalofa (Gelofa e Gilofa): 27, 58, 59, 60, 61, 65, 77, 82, 83, 188, 228, 292.
Jalofos: 63, 65, 66, 72, 75, 81, 82, 88, 195.
Joala; rio: 70.
JOÃO, infante D.: 263.
— príncipe D.: 5.
— I, rei D.: 2, 12, 118, 137, 182, 202, 277, 296, 297, 299.
— II, rei D.: 14, 19, 23, 27, 163, 174.
— I, rei D., de Castela: 118, 136.
Jóias: 253.
JOSEPE, Mestre, judeu: 5.
JOSEPHO: 239.
JUBA, rei: 239.
Judeu; rio do: 327.
Judeus: 34, 41, 59, 60, 199; crianças que foram para S. Tomé: 163.
Junco, rio do: 327, 328.

K

KREREY, Robert: 282.

L

Lã: 250, 349.
Lagartixas: 23, 179.
Lagarto, rio do: 170.
Lagartos: 42, 45, 85, 91, 102, 167, 172, 179.
Lago (e Lagoa) rio: 332, 335, 336, 337.
Lagos: 56, 155, 205, 221, 233, 234, 235, 246, 267, 268, 269, 271, 275, 282, 287, 295, 296; ermida no termo de: 234; rio de: 71.
Lájea, rio da: 329, 330.
Lambéis: 23.
Lampreias: 19, 236.
LANÇAROTE: 18, 56, 67, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 233, 236, 245, 246, 262, 282; inglês: 118, 119.
Lançarote, ilha de: 116, 119, 120, 121, 122, 257, 275, 299, 300, 301, 312, 313, 314, 315.
Larache, (Alharaerch): 6, 11, 87.
Laranjas: 180, 347, 354.
Laranjeiras: 168, 173.
Laredo: 311.
Lastre: 311.
LEÃO, signo: 242, 243.
Lebres: 62, 84, 250.
Leões: 7, 63.
Ledo, cabo: 196, 323, 324.
Legumes: 195.
Leite: 262, 274; de coco: 367.
Lenço francês: 24.
Leonarda, nau: 345, 354.
Leopardos: 63, 292.
Levante: 144, 168, 205, 238.
Líbia: 277, 278.
LIBRA, signo: 243.
Lima (fruto): 169.
Limoeiros: 47; mouriscos: 173.
Limões: 169, 180, 347, 354; galegos: 87.
Linguados: 23.
Lisboa: 56, 181, 226, 230, 233, 235, 251, 266, 287, 299, 304, 370.
LÍVIO, Tito: 217.
Lobos, ilha dos: 280, 315; ilhéu dos: 122.
Lobos Marinhos: 16, 208, 280.

Lodea: 28, 29, 30, 38, 42.
Locusta (ou gafanhota): 54, 55.
Loureiros: 151.
Lourel: 142.
LUA: 242.
LUCANO: 239.
LUGO, Alonso de, galego: 126, 130.
LUÍS DE MOSTO, veneziano: 73.

M

Mabis, de que fazem vinho: 87.
Macarros: 112.
Maçãs: 89.
MACEDO, Isabel de, casou com Jost de Utre: 187.
Macedónia: 242.
Machados: 98.
Machazem, casa de pagamento das rendas do rei: 10.
Machazanic (alcaide): 9.
Machico: 133, 138, 139, 264, 304, 306, 307.
MACHIM, cavaleiro inglês; lenda: 132-136, 144.
MACIOTE (Miciote); Misser; sobrinho de João de Betencourt: 119, 120, 257, 275, 300.
Madeira, ilha da: 56, 69, 115 116 119, 120, 145, 148, 227, 233, 244,249, 257, 258, 265, 269, 270 281, 285, 298, 299, 300, 303, 304, 396, 308, 309, 311, 313, 314, 344; descrição: 132- 144; e das outras ilhas: 262-265.
MAFALDO, morador em Setúbal: 230, 231, 232.
MAFAMEDE: 42, 202.
MAFOMA: 34, 58, 59, 71, 80, 255, 293, 362.
Maio, ilha de: 117, 154, 157, 314, 319.
MAIO, rei: 280.
Maipula, rio de: 324.
Malaca: 367, 369.
Malagueta: 113, 288.
Malagueta, Terra da: 327.
Maldivas, Ver: *Dive*, Ilhas.
Malep: 86.
Mamora; rio: 6.
Mandimansa: 97.
MANDIMANSA, rei de Mandinga: 76.
Mandinga: 59, 61, 77, 75, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 93.
Mangui: 101.
Manicongo: 174.
Manilhas, de latão: 79, 99; de marfim: 98.
Manipeiro: 103, 104.
Manjericão: 175, 347.
Manjerona: 347.
MANSA FOLUPE, (ou Falupe); rei: 91, 92, 93.
Mansacomba: 86.
Mantas do Alentejo: 79.
Mantões brancos: 282.
Manteiga: 250, 259, 347, 353, .
MANUEL, rei D.: 7, 12, 13, 187.
Marfim: 98, 99.
Mar Arenoso: 278.
Mar Oceano: 115, 116, 299; ilhas do: 181, 361.
Mar Pequeno: 14.
Mar Roxo: 239.
Marisco: 23, 268, 350.
Marmele, rei de: 58.
Marmulano: 143.
Marrocos: 8, 58, 255.
Má Sombra, ilha da: 177, 154, 160.
Mastos, cabo dos: 69, 70, 251, 267, 318, 320, 321.
Matamingo, contas de: 79.
Mauritânia: 1, 8, 239, 240.
MAYR, Hans, escrivão da feitoria: 344.
Mazagão: 8, 313.
Meca, golfo de: 356.
Meça: 13, 271, 272.
Mecha: 76.
Mediterrâneo: 238, 242, 254.
Medom, ponta de: 16.
Medronheiros: 174.
MEIMÃO, Ahude, cavaleiro: 229, 255, 256.
Mel: 23, 195, 347, 353, 359, 368.
MELA, Pompónio: 153.
Meli: 35, 38.

MELI, Imperador: 74.
Melinde, Rei de: 355.
MELO, Fernão de, capitão de S. Tomé: 164, 167, 171, 174, 177.
Melões: 158, 173; montesinos: 49.
Mempatagens (Mempatases): 87, 169.
Mênfis: 242.
MERCÚRIO: 242.
Meroe, cidade: 239, 244; ilha de: 239, 241.
Mesquitas: 350.
Mestrado de Cristo: 69.
Mesurado, cabo: 327.
Metical: 23, 24, 349, 369, 370.
Mexilhoeira: 271.
Mexilhões: 364.
Milho: 53, 88, 89, 113, 164, 180, 188, 190, 347, 353, 363; de Guiné: 33; zaburro: 62, 82, 86, 175.
Mina: 342; Castelo da: 68, 81, 312; rotas: 334-340.
MINEFE: 274.
Miongas: 288.
Moçambique, costa: 360; ilha de: 346.
Moendas de braço: 33.
Moeda de cobre: 349.
Mogador, ilhéu do: 13.
Mogadoxo: 355.
Mogia: 309.
MOISÉS: 239.
Mombaça, ilha de, descrição: 350-356; rei de: 355.
Mompatas, vinho de: 94; ver: mabis, mempatagens e mempatases.
Mondebasque: 254, 255.
MONETÁRIO, Doutor Jerónimo, alemão: 174.
Monte, cabo: 100, 197, 327.
Monte Agudo: 335, 336.
Montes Claros: 278.
Monteiros: 89.
Montemor; senhor de, Infante D. Pedro: 276.
Morbomeli: 291.
Morcegos: 184.
MORMELI, rei: 291.
Morena, Serra: 333, 336.
Morte, costumes: 106, 107, 108.
Morteiro de pau (pisar milho): 62.
Mosile Empório: 239.
Mostarda: 151.
Mostardeiras: 343.
Mosteiro, pico do: 165.
Muge: 19.
Mulas: 172.
Murta: 47.

N

Naar, ilha de: 18, 219, 225.
Nabor: 177.
Nadabet, nome antigo do livro Pantean: 239.
Nale: 370.
Não, cabo de: 14, 277, 315.
Narzevel; rei de: 357, 358.
Nebra: 310.
Niger: 240.
Nilo, rio: 27, 56, 57, 199, 240, 241, 242, 243, 251, 266, 336, 337, 339; descrição: 239-244.
NOLI, António de, genovês: 157, 297, 298, 299.
NOMIMANS, rei: 292, 296, 297.
Norças bravas: 82.
Nulidam, lago: 240.
NUNO: 293.
Nuno, rio do: 99, 323.
Nuno Tristão, rio de: 281.

O

Oadem (Hoaden): 19, 31, 32, 34, 37, 252.
OBE VRIG, senhor de Casse: 102.
Oexante: 309.
Ofaram: 37.
Oleiros: 71.
Óleo de palma: 190, 194.
Olimansa: 291.
Oliveiras: 103, 180.
Oualete: 34, 35, 37.
Oulhedamar: 27.
Olili: 32.
Onar, ilha de: 282.
Onças: 63, 84, 102, 292.
Ordem de Cristo: 150, 198, 211, 265, 272, 306, 308; cruz nas bandeiras: 218.
Ordem dos Templários: 306, 307.
ORNELAS, Álvaro de: 128, 249, 265, 300.
— João de: 266.
ORÓSIO; Paulo: 239.
Ostras: 71.
Ouriços cacheiros: 43.
Ourives: 35, 367.
Ouro: 14, 19, 23, 50, 75, 76, 77, 89, 98, 111,256, 259, 284, 290, 336, 348, 349, 352, 364, 369; anéis de: 196; coroa de: 359; covas do: 35; minas de: 291; em pó: 282.
Ouro, Rio do: 16, 17, 69, 170, 207, 208, 209, 225, 227, 255, 270, 279, 280, 281, 316, 317.
Ovelhas: 38, 62, 146, 150, 165, 166 172, 248, 259, 262, 294, 306, 308, 348, 349.
Ovelheiros: 254.

P

PACHECO, Gonçalo, criado do Infante: 230.
Padrão, no cabo dos Mastos: 69.
PAIVA, Gonçalo de: 350.
PALENÇO: 249.
Palma, ilha de: 116, 120, 247, 248, 258, 262, 266, 269, 273, 298, 301, 303, 312, 313, 314, 320, 328, 344, 345; descrição e costumes: 130-131, 262, 303; ilhéu: 68.
Palma de Budomel, Praia: 191.
Palmares: 178.
Palmas: 318; Cabo das: 326, 330, 333; rio das: 113, 196, 327.
Palmeiras: 53, 65, 69, 87, 168, 179, 254, 347, 359, 367, 368.
Palmitos: 345.
Panelas de latão para cozer açúcar: 363.
Pangales: 112.
Panos: 259, 288; de algodão: 98, 355; de seda e ouro: 353.
Pantean, livro antes chamado Nadabet: 239.
Papagaios: 46, 63, 72, 79, 84, 112, 190, 292.
Pará: 360, 370.
Parreiras: 168, 173.
Partazanas: 98, 357, 358.
Passarinhos: 55.
Pastel: 152, 188.
Patos: 20, 167.
Pau Branco: 142.
Pedra da Galé: 17, 280, 282, 316, 317.
Pedra Furada, rio da: 171.
Pedras, rio das: 100.
PEDRO, Frei, franciscano, embaixador: 187.
— Infante D.: 119, 150, 215, 225, 264, 265, 268, 276, 308.
— Mestre: 239.
Peixe-agulha: 168.
Peixe-cavalo: 184.
Peixotas: 168.
Peles: 261; de lobos-marinhos: 256.
Pelicanos: 23, 25, 26, 295.
Penas (Penhas): 310.
Pepinos: 49; de S. gregório: 86.
Perdizes: 21, 85, 146, 256.
Perceves, ilha dos: 320.
PERE, ídolo: 106.

PERESTRELO, Bartolomeu: 137, 138, 144, 145, 263, 264.
Peros: 86.
Pérsia: 242, 357.
Pescada: 21.
Pescado: 348, 356.
PESSANHA, Manuel, capitão de Angediva: 357.
Pêssegos: 87.
PIÇA, ídolo: 106.
PICANÇO: 247, 287.
Pichel, Rio: 100.
Pico, ilha do: 115, 117, 149, 153, 187, 307.
Picota: 33.
Pimenta: 23.
Pinheiros: 173.
Pinto, serra e aldeia: 101.
Piolhos: 260.
PIRES, Gomes: 67, 225, 244, 270, 271, 272.
— Gonçalo, marinheiro: 162, 168, 174.
PISA, ídolo: 103.
PISTE, capitão canário: 247, 248.
PLÍNIO, o Velho: 155, 239.
Poço Negro: 122.
POLONO, sacerdote de Lagos: 282.
Pombas (ou seixas): 146, 166.
Pombos: 155, 172; da serra: 141; torcazes: 18, 141, 236.
Popas: 55.
Porcelas (conchas): 369.
Porcos: 146, 150, 151, 153, 166, 170, 176, 189, 259, 294, 304, 308; porcos-espinhos: 43, 102; porcos-monteses: 87.
Porto: 297, 298, 344.
Porto Santo, ilha do: 116, 132, 136, 137, 138, 262, 263, 264, 303, 314; descrição: 144-148.
Portugal: passim.
Potrosos: 104.
PRADO: 298, 299.
Praia, ilha Terceira: 151.
Praia, aldeia: 355.
Praia, cabo da: 331, 352.
Praia dos Escravos: 329.
Prata: 19, 23, 70, 259, 352, 364, 369.
Primeiro, rio: 337, 338.
Príncipe, ilha do: 117, 161, 181, 188.
PTOLOMEU: 239, 277, 284, 307.

Q

Queijos: 250.
Quíloa: 349, 350, 351, 352, 354; descrição e costumes: 346- 350.
Quioquia: 250, 291.

R

RABANO: 239.
Rábão: 176, 347.
Rabijuncos: 25.
Rabos-cortados: 167.
Ramos, rio dos: 341, 342.
Raízes de juncos: 260.
Rasa, ilha: 154, 160, 314.
Ratos: 33, 166, 172, 179, 260.
Recife: 315.
Redes: 52, 63.
Redes, cabo das: 336.
Redondo, ilhéu: 340.
Rei, nau (Rei Grande): 354.
Relógios (Horalgios): 11.
Resgate, cabo do: 229, 269.
Resgate do Genovês: 329.
Resgate do Português: 329.
Resgate do Soeiro: 328.
Ribadeu: 310.
Ribeira do Abade: 171.

Ribeira dos Acorridos: 304, 305.
Ribeira da Angra de Álvaro Fernandes: 171.
Ribeira da Angra das Conchas: 170.
Ribeira da Angra da Galega: 171.
Ribeira da Angra das Lulas: 171.
Ribeira da Angra das Negras: 171.
Ribeira da Angra da Oliveira: 171.
Ribeira da Angra do Tordo: 171.
Ribeira de Artur Vaz: 171.
Ribeira Brava: 170, 304.
Ribeira de Diogo Martins: 170.
Ribeira de Fernão Vaz: 181.
Ribeira Funda: 170.
Ribeira Grande: 170.
Ribeira de João de Ouguela: 171.
Ribeira da Lájea: 171.
Ribeira da Ponta de Santa Catarina: 170.
Ribeira da Praia do Almoxarife: 171.
Ribeira da Prainha dos Moços: 170.
Ribeira das Prainhas: 170.
Ribeira de João Caldeira: 170.
RIBEIRO, João Gonçalves: 287.
Rios, rio dos: 196.
Rios, Ver: *Água Alta, Âncoras, Ascabores, Barbacinos, Borjonique, Cabith, Casse, Cestos, Enio, Enil, Escravos, Fancaso, Forcados, Formoso, Gâmbia, Grande, Ianque, Jafada, Judeu, Lagarto, Lago, Lagos, Lájea, Mamora, Maipula, Nilo, Nuno Tristão, Ouro, Palmas, Pedra Furada, Pescadores, Pichel, Primeiro, Ramos, Rios, Santa Maria, S. Domingos, S. Miguel, S. Paulo, S. Pedro, S. Vicente, Sáveis, Seco, Segundo, Senegal (Sanagá), Soeiro, Taguiri, Tamara, Verde, Volta.*
Roca: 312.
RODRIGUES, João: 42.
Rolas: 18, 46, 55, 141, 166, 172, 179, 236.
Rolas, ilhéu das: 171.
Romãs: 354.
Roque: 315.
Roxa, ilha: 322, 323, 342, 343.
Roxo, cabo do: 93, 196, 321, 322; ilhéu: 196; rio: 196.
Ruivos, angra dos: 16, 316.
— Cabo dos: 275.

S

SÁ, António de, feitor em Coulão: 360.
Sabá: 239.
Sabão de árvores como goma: 48.
Safim: 8, 12, 27.
Sagres: 137, 265; cabo de: 100, 182, 322, 324.
Sagres, cabo de, na Guiné, descrição e costumes: 195-196.
Sal: 50, 51, 155.
Sal: 19; ilha do: 117, 154, 156, 181, 314, 319.
Salé (Çale): 9; Novo, Velho e Arrhabata (arrabalde): 6, 7.
Saleiros de marfim: 98, 111.
Salmonetes: 23.
Salsa: 177.
Samatra: 367.
SAMBEGENI: 290.
Sambucos: 348, 358.
Sanchete, cabo de: 312.
Sangue-de-drago: 147, 160, 259, 265, 304.
Santa Ana, angra de: 56; baixos de: 326; cabo de: 196, 325, 326, 327; furna de: 318; ponta de: 249.
Santa Apolónia, serra de: 333.
Santa Clara, ilha: 120, 301.
Santa Cruz: 304.
SANTA CRUZ, ermida: 139.
Santa Helena: ilha: 181.
SANTA IGREJA: 215.
Santa Luzia, ilha: 117, 154, 160, 161, 181.
Santa Maria, cabo: 87, 312, 313, 321; ilha: 115, 116, 149, 150, 151, 154, 307, 308, 314, 315; mata de: 327; rio de: 196.
SANTA MARIA, da Batalha: 296, 297; igreja, Lagos: 296; de Guadalupe: 234; das Neves: 196; igreja, S. Tomé: 163; rosas de: 16, 207.

Santangelo, castelo: 359.
Santa Marta: 310.
Santarém: 137 .
SANTIAGO, Apóstolo: 346.
Santiago, ilha de: 117, 154, 155, 157, 158, 181, 298, 299, 314, 318, 319; ponta de: 332.
Santo André: 311; ilha de: 74; rio de: 331, 332, 333.
Santo Antão, ilha de: 154, 161, 181, 314, 319.
Santo António, ilha de: 117, 340, 341.
SANTO PADRE, embaixada do Infante D. Henrique ao: 214-216.
Santonha: 311.
S. BARTOLOMEU: 5.
S. *Sibrão*: 17; angra de: 310.
S. *Clemente*, cabo de: 230.
S. *Domingos*, porto de: 341; rio: 321; Fancaso: 288; Jafada: 93, 96.
S. *Filipe*, ilha de, ou do Fogo: 158.
S. FRANCISCO, frades: 222, 347; mosteiro, em S. Tomé: 163.
S. GABRIEL, nau: 354.
S. GREGÓRIO: 199.
S. JERÓNIMO, nau: 361.
S. *João*, ponta de: 55; rio de: 55, 283, 284, 318, 334.
S. JOÃO BAPTISTA: 178.
S. *Jorge, ilha de: 115, 116, 149, 152.*
S. *Jorge*, castelo de, da Mina: 68, 81, 312; rotas do: 334-340.
S. *Lourenço*, ponta de: 313.
S. LUCAR, duque de: 12.
S. *Lúcar*: 312.
S. LUCAS: 4.
S. *Martinho*: 311; ponta de: 322, 343.
S. MIGUEL, fortaleza de Angediva: 356, 357.
S. *Miguel*, ilha de: 115, 116, 149, 150, 151, 154, 187, 264, 307, 308, 312, 314, 315; rio de: 171.
S. *Nicolau*, ilha de: 116, 117, 154, 159, 160, 314, 315, 319.
S. *Paulo*, cabo: 336, 337; rio de: 327.
S. *Pedro*, rio de: 88, 89, 321, 331.
S. RAFAEL, nau: 344, 350, 361.
S. *Rafael*, baixos de: 346.
S. TOMÁS: 199.
S. *Tomé*, ilha de: 117, 177, 178, 180, 181, 188, 197, 340, 341; descrição: 161-177.
S. *Vicente*, cabo: 136, 137, 181, 222, 234, 296, 311, 312, 313; ilha de: 117, 154, 161, 181, 314; rio de: 196, 329.
Sapeus (Çapeos): 97, 98.
Sara: 17, 18, 236, 237; montes: 8.
Sardinhas: 168.
Sarracenos: 299.
SATAM: 274.
Sáveis: 7.
Sáveis, rio dos: 13.
Schelud, Pedra: 30, 31, 32.
Schinguete: 32.
Seco, rio: 100.
Seda: 369.
Segundo, rio: 337, 338.
Seixas, pombas: 166, 172.
Selas: 23.
Selvagem, ilha: 116, 196, 303, 314; descrição: 132.
Sem, cabo de: 13.
SEMANOGU: 290.
Sementeiras: 269.
Senegal (Sanagá): 74, 183, 237, 318, 320; descrição e costumes: 188-195; rei do: 70, 193; *rio*: 27, 57, 66, 250, 284, 286.
Senegaleses: 281, 282, 283, 286.
SEQUEIRA, João Lopes de: 13.
Sereres: 69, 286, 297.
Serra Leoa: 196, 290, 322, 323, 324, 325, 342; ferro da: 83, 98, 110; obras de marfim: 111; descrição e costumes: 100- 113.
Sete Pedras, Ilhéu das: 171.
Sevilha: 6, 119, 186 (Hispalis): 300.
Sibéria: 43.
Siem: 242.
Sigas: 61, 62.
Siloros: 240.
Sinagogas: 59.
Sinai, Monte: 278.
Sines: 267.
SINTRA, Diogo Gomes de: 282, 299.
— Gonçalo de: 18, 212, 224, 225, 282, 283.
— Gonçalo Afonso de: 282, 283.

Sintra: 277, 282; rocha de: 148; serra de: 101.
SÍRIO, (canícula): 242.
SOARES, Fernão: 344, 360, 361.
Soeiro, rio do: 332.
Sofala: 348, 351, 353.
SOL: 186, 243.
Somanda: 291.
Sorlinga, ilhas: 309.
SOTO DE CASSA, abade: 296.
Suécia, rei da: 286.
SUMO PONTÍFICE: 285, 294.

T

Taças de latão para o açúcar: 363.
Tafilete: 255.
Tagazha Ackala, cidade de sal: 37.
Tagaoz (Tragaoz): 254.
Taguiri, rio: 101.
Taipa: 310.
Talbin, navio: 279.
Tamara, rio de: 100.
Tâmaras: 168, 256, 259, 348.
Tamarais: 32.
Tange-o-Novo e *Tange-o-Velho*: 4.
Tânger: 5, 17, 138, 209, 264, 280; Velho: 4.
Tapir: 43.
Tartarugas, como se criam: 20, 21, 22, 54, 154, 178, 179.
Tarrafal, ilha: 18.
Tassalamu: 13.
Tebas: 199.
TEIXEIRA, Tristão: 137, 138, 139, 144, 145, 262, 263, 264, 306, 307.
Teixos: 146, 305.
Tele (Grã-Canária): 278.
Telizes: 353.
Teminis: 100, 102, 110, 113.
Tempo, contagem do: 113.
Tenerife, ilha do Inferno: 116, 120, 130, 258, 262, 301, 313m 314; descrição e costumes: 125-128, 185-186, 261-262, 301-302.
Terceira, ilha: 115, 116, 149, 151, 187, 307, 312, 314.
Terebintina, árvores de: 46, 47, 48.
Teriaga: 268.
Terra Alta: 278, 279, 315.
Tesselim: ilha: 282.
Tider (Tiger), ilha: 18, 219, 220, 229, 231, 233, 234, 236, 245, 246, 247, 282.
Til: 142.
Tinigui: 32.
TINOCO, Aires: 267.
Tira: 18, 235; Cabo de: 232, 250; Ponta de: 245.
Tischid: 34.
Tofia: 284; cabo de: 295, 318; ponta de: 56, 161, 318.
Tomar: 19, 209.
Tombuctu: 31, 35, 37, 50, 51, 57, 258, 281, 282, 289, 292.
Tordos: 18, 172, 179, 236.
Torto: 334.
Torre do Capitão, S. Tomé: 163.
Torres: 311.
TRAPANA, Machim de, corsário: 287.
TRAVAÇOS, Rodrigo Eanes de: 244, 246, 249.
Tremecém: 255, 290.
Tremoço: 82.
Três Pontas: 333, 334, 335, 336.
Trigo: 8, 12, 13, 23, 33, 87, 121, 122, 139, 146, 151, 158, 175, 193, 253, 259, 261, 308, 363.
TRISTÃO, Nuno: 17, 56, 211, 212, 213, 214, 216, 218, 226, 266, 267, 281, 282, 286; rio de: 281.
Trombetas: 358.
Trotões: 151, 309.
TSCHINTSCHIN, ídolo das terras além da Serra Leoa, culto e oferendas: 113-114.
Tubarões: 167.
Tucurões: 66, 88.
Tunes: 8, 19, 252, 254, 255, 278, 289.
Turgimão: 74, 224, 275.
Turucuco: 13.

U

Ulimaus: 289.
Urze: 143.
Urzela: 132, 151, 152.
UTRE, Jost de: 187.
Uvas: 158, 193.

V

Vacas: 14, 23, 24, 43, 62, 82, 84, 89, 97, 146, 150, 151, 153, 165, 172, 188, 195, 250, 252, 304, 308, 345, 348.
VALARTE, dinamarquês: 272, 273, 274, 286..
Valência: 141.
Vasa, ilha de: 117.
Vasma: 310.
Veados: 44, 288, 350.
VELHO, Álvaro, do Barreiro: 103, 115.
— Gonçalo: 150, 151, 264, 278, 308.
VERA, Pêro de: 128.
Verde, rio: 196.
Verga, cabo da: 100, 322, 323, 324.
Víboras: 194.
Vidro: 348.
Vila Franca: 337.
VILA LOBOS, Gil Eanes de: 282.
Vila Longa: 337.
Vila Nova: 182.
Vila Viçosa: 311.
Vilãos: 258.
Vinagre, de água de coco: 368; de vinho de palmeira: 348, 359.
Vinhático: 142.
Vinho, de água de coco: 368; malvasia: 139, 141; de mel: 63; de milho: 63, 64; moscatel: 139; de palmeira: 64, 88, 92, 188, 194, 274, 348, 359; de uvas: 193.
Vinhos: 89, 91.
Violas: 195.
Visege, ilha de: 323.
Viseu: 230; duque de: 198.
Volta, rio da: 336.

Z

Zanzibar, ilha de: 355.
ZARCO, João Gonçalves: 69, 119, 136, 137, 138, 139, 144, 145, 244, 250, 262, 263, 264, 267, 300, 304, 306, 307.
Zaza, porto: 297, 298.
Ziguis: 23, 28.
ZURARA, Gomes Eanes de: 14, 198.

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO VII

NOTA PRÉVIA XXI

CEUTA E SUA COSTA 1
SARA 18
ARGUIM 19
BAFOR 32
REINO DE MELI 35
TAMBUCUTU 50
ENTRE CABO VERDE E O RIO GÂMBIA 69
GÂMBIA 73
BUGUBA 99
ILHAS DO MAR OCEANO 115
ILHAS CANÁRIAS 118
ILHA DA MADEIRA 132
ILHA DO PORTO SANTO 144
ILHAS DOS AÇORES 148
ILHAS DE CABO VERDE 154
ILHA DE S. TOMÉ 162
ILHA DE ANO BOM 177
ARZILA 181
MANDINGA 182
RIO GRANDE 184
TENERIFE 185
ILHAS DO FAIAL E PICO 187
SENEGAL 188
CRÓNICA DA GUINÉ 198
DE PRIMA INUENTIONE GUINEE 277
DE INSULIS PRIMO INUENTIS IN MARI OCEANO ET PRIMO DE INSULIS FORTUNATIS QUAE NUNC DE CANARIA VOCATUR 299

DE INSULA SELUAGEM 303
DE INSULA DE MADEIRA 304
DE INUENTIONE INSULARUM DE AÇORES 307
ESTE LIVRO É DE ROTEAR 309
O LIVRO DAS ROTAS DO CASTELO DE S. JORGE 334
DA VIAGEM DE D. FRANCISCO DE ALMEIDA 344
ÍNDIA, ILHAS DE DIVE (MALDIVAS) 362
ÍNDICE ANALÍTICO 371

Esta edição do *CÓDICE VALENTIM FERNANDES*, foi composta e impressa para a *Academia Portuguesa da História* nas Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, Limitada, Braga. A tiragem é de 500 exemplares, sendo 100 encadernados e 400 brochados. Iniciada a composição aos catorze de Maio de mil novecentos e noventa e seis, acabou de imprimir-se aos sete de Fevereiro de mil novecentos e noventa e sete.

Depósito legal: 107666/97